



**OEI**

# Vidas fascinantes de **mulheres** **Ibero-americanas**



A publicação “**Vidas fascinantes de mulheres Ibero-americanas**” foi elaborada por uma equipe de autoras e pela Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) (<https://www.oei.int/>) durante 2020.

© Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura.

#### Coordenador editorial

Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)

Tamara Díaz  
Cristina Calleja  
Ana Amor  
María Angélica Páez  
María del Carmen Peral  
Eduarne Iñigo

#### Coordenadora de projeto editorial:

Esmeralda García Sánchez

#### Autoras

Anunciación Barriuso Ovejero  
Ana María Cepeda Gómez  
Esmeralda García Sánchez  
María Teresa González Alarcón  
Rosa Jiménez Asensio  
Nieves Soriano Nieto

Correção e estilo: Goretti Dañobeitia Eguía

Diagramação e design: Mónica Vega Bule

Tradução para o português: Elaine C. Vernek Troster

Revisão da tradução em português: Simone Nascimento Campos

Publicada em março de 2021

ISBN 978-84-86025-06-9

Contato: Área de Educação. Secretaria-Geral da OEI: [educacion@oei.int](mailto:educacion@oei.int)

O conteúdo desta publicação pode refletir as opiniões ou recomendações de terceiros que não são necessariamente as opiniões da OEI, de seus respectivos funcionários e agentes, nem indicam um compromisso com um determinado modo de ação.

Embora a OEI promova os links recíprocos com outros sites de Internet, a fim de dar mais visibilidade a todos, estes links não criam uma responsabilidade para a OEI nem implicam que a OEI aprove as informações contidas em tais sites. Particularmente, a OEI não assume qualquer responsabilidade pelas imagens utilizadas pelos autores e contidas na publicação.

Este projeto é publicado como uma contribuição para a promoção da educação para a igualdade, trabalhando a partir do campo educacional para eliminar os estereótipos de gênero e contribuindo para os ODS 4 e 5 da Agenda 2030. Portanto, autoriza-se sua reprodução, desde que se cite a fonte e se faça sem fins lucrativos.

# OEI

**Egéria**

**350 d.C. -**

**Maria de Molina**

**1264 - 1321**

**Inês de Castro**

**1325-1355**

**Beatriz Galindo**

**1465 - 1535**

**Joana I de Castela**

**1479 - 1555**

**Josefa Amar y Borbón**

**1749 - 1833**

**Carmen de Burgos**

**1867 - 1932**

**Tarsila do Amaral**

**1886 - 1973**

**Gabriela Mistral**

**1889- 1957**

**Frida Kahlo**

**1907 - 1954**

# Índice

Índice	<b>Introdução</b> Vidas fascinantes de mulheres Ibero-americanas	<b>Egéria,</b> A primeira viajante hispânica do século IV à Terra Santa
<i>p. 3</i>	<i>p. 5</i>	<i>Nieves Soriano Nieto</i> <i>p. 12</i>

<b>Beatriz Galindo,</b> Uma mulher do Renascimento	<b>Maria de Molina,</b> Três vezes rainha (1264-1321)	<b>Inés de Castro,</b> Que foi “rainha depois de morta”
<i>Rosa Jiménez Asensio</i> <i>p. 40</i>	<i>María Teresa González Alarcón</i> <i>p. 74</i>	<i>Ana María Cepeda Gómez</i> <i>p. 106</i>

<b>Joana I da Espanha,</b> A rainha cativa	<b>Josefa Amar y Borbón,</b> Uma Espanhola iluminista	<b>Gabriela Mistral,</b> a primeira mulher ibero-americana Prêmio Nobel
<i>Esmeralda García Sánchez</i> <i>p. 138</i>	<i>Rosa Jiménez Asensio</i> <i>p. 172</i>	<i>Ana María Cepeda Gómez</i> <i>p. 204</i>

<b>Carmen de Burgos</b> Colombine: À frente de seu tempo	<b>Frida Kahlo,</b> Entre a resistência e a revolução	<b>Tarsila Do Amaral,</b> Alma da modernidade brasileira
<i>Anunciación Barriuso Ovejero</i> <i>p. 242</i>	<i>Nieves Soriano Nieto</i> <i>p. 272</i>	<i>Esmeralda García Sánchez</i> <i>p. 302</i>

# INTRODUÇÃO

## VIDAS FASCINANTES DE MULHERES IBERO-AMERICANAS

### Contexto

Atualmente, há um reconhecimento consensual do papel da **mulher** como protagonista **no progresso da humanidade** e na melhoria do mundo. Existe um compromisso crescente para com a visibilidade do papel que as mulheres têm desempenhado ao longo da história e que é reconhecido nos livros de história da arte, literatura ou filosofia e ciência. No entanto, ainda existem estereótipos de gênero marcados, que têm especial relevância na educação e nos conteúdos que são trabalhados em sala de aula nas diferentes etapas de ensino.

É amplamente aceito que o **conceito de gênero começa a ser formado entre os três e os sete anos** de idade. Isso significa que as famílias exercem uma influência significativa nessa construção e que a igualdade de gênero não pode ser considerada como uma questão limitada aos adultos, pois é nessa fase inicial da educação que se formam também os estereótipos que influenciam diretamente os interesses e a autopercepção. Assim, quando chega a primeira adolescência, as meninas e os meninos não são apenas expostos às desigualdades de gênero, mas também à pressão social e à rejeição quando não aderem às normas de gênero

“Não haverá paz se não houver mulheres no processo.”

*Clare Hutchinson,*  
Representante da OTAN para a agenda Mulheres, Paz e Segurança.

“A igualdade das mulheres deve ser um componente central em qualquer tentativa de resolver os problemas sociais, econômicos e políticos”.

*Kofi Annan,*  
ex-secretário-geral da ONU.

impostas pela sociedade, situação que muitas vezes também condiciona a participação nas aulas. A Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) considera que **trabalhar nas diferentes etapas da educação com o intuito de promover a sensibilização para a igualdade de gênero e os estereótipos** que têm prevalecido ao longo da história é fundamental para compreender o momento atual.

Neste sentido, a OEI, em colaboração com um grupo de autoras especialistas em educação em sala de aula, desenvolveu o **Vidas fascinantes de mulheres**. Este projeto centra-se em mulheres ibero-americanas, em suas vidas e em seu trabalho, no interesse que despertam pelo seu empenho e contribuições, de forma acessível e informativa, sem comprometer o rigor científico e historiográfico. O projeto destaca a história “por trás” da vida de rainhas, escritoras, filósofas e artistas para que sejam objeto de análise e trabalho em sala de aula.

## Justificativa

Este projeto está ligado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 e 5 sobre educação e igualdade de gênero da Agenda 2030. Conforme estipulado no ODS 5, a igualdade de gênero não é apenas um direito humano fundamental, mas também uma das bases essenciais para a construção de um mundo pacífico, próspero e sustentável. Além disso, em cada um dos módulos que compõem o projeto pode ser observado como o trabalho está relacionado com os ODS 1, 8, 10 e 16.

Em particular, o ODS 5 é tratado de maneira especial e ilustrado dentro de cada módulo na

**seção dedicada às mulheres da época**, uma expressão de como essas mulheres foram capazes de aproveitar as oportunidades que lhes foram proporcionadas ou de forçar situações para se desenvolver. A ênfase é colocada em apontar as dificuldades que existiram ao longo da história para que as mulheres alcançassem a igualdade, um desafio que permanece até hoje.

**A leitura destes módulos contribuirá para:**

- Fomentar a quebra** de estereótipos e sensibilizar a população estudantil sobre a discriminação de gênero sofrida pelas mulheres ao longo da história e a forma que as mulheres superaram obstáculos e se tornaram relevantes na política, na arte, na história, na ciência ou na filosofia.
- Desenvolver habilidades** de pensamento crítico em sala de aula e de construção de cidadania por meio da promoção de valores como a igualdade de gênero.

## Objetivos gerais do projeto

- Aprender que a convivência em sociedade se baseia no respeito mútuo de todas as pessoas que a constituem.
- Aprender que a marginalização prejudica a sociedade, uma vez que diminui o seu potencial.
- Conhecer as biografias de mulheres corajosas e inteligentes que a história incluiu em seus índices por direito próprio, mulheres que estiveram à frente de seu tempo.
- Analisar alguns conflitos entre teses antropológicas e éticas diferentes.

- Analisar o pluralismo cultural das sociedades, identificando os motivos que sustentam as suas diferentes abordagens de convivência.
- Adquirir independência de critérios e senso crítico por meio da reflexão e valorizar a aquisição de hábitos comportamentais que ajudem a planejar a vida.

Os **objetivos e competências específicos a serem alcançados** em cada módulo de leitura estão explícitos em seus respectivos *Guias de leitura e atividades*. Por exemplo, a promoção do desenvolvimento da colaboração, da comunicação e da tomada de decisão; o desenvolvimento das habilidades de pesquisa; a melhoria da capacidade de trabalhar em equipe; o incentivo do uso das TICs na aprendizagem e o aumento da motivação dos(as) alunos(as).

## Abordagem didática do projeto

Apresenta-se um projeto pioneiro em decorrência do tratamento inclusivo da história em seu conteúdo e de sua abordagem em sala de aula, que utiliza como fundamento a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). Portanto:

Quanto ao **conteúdo**:

- O propósito destes materiais pedagógicos é o de trazer uma seleção de biografias de mulheres criativas e, por vezes, enigmáticas para mais perto do público jovem do ensino médio ou secundário. O objetivo é servir de apoio didático nas salas de aula e fazer um convite à reflexão sobre a vida das mulheres que apresentamos: suas esperanças, seus desejos, suas tristezas e seus segredos.

- Discorre sobre as mulheres ibero-americanas, suas vidas e seu trabalho, o interesse que despertam por seu empenho e contribuições, de forma acessível e informativa, sem comprometer o rigor científico e historiográfico.
- Expõe a fascinante história por trás da vida de muitas rainhas, escritoras, filósofas e artistas para que sejam objeto de análise e discussão nas salas de aula, com a ajuda de um guia de leitura elaborado para tal fim, bem como para criar um espaço de debate entre os(as) alunos(as).

Quanto à **metodologia**:

- A chave para a abordagem didática do projeto é ajudar os(as) alunos(as) a **desenvolverem sua capacidade de aprender a aprender e a adquirir competências** que os tornem cidadãos e cidadãs com autonomia, criatividade, habilidade no mundo digital e facilmente adaptáveis a diversos ambientes de trabalho.
- O Guia de Leitura é elaborado a partir da metodologia construtivista de **Aprendizagem Baseada em Projetos** (ABP), uma pedagogia ativa e colaborativa, com um toque de gamificação.
  - O ABP é um conjunto de tarefas baseadas na resolução de questões ou problemas por meio do envolvimento dos(as) alunos(as) em processos de investigação que culmina num produto final a ser apresentado ao público. É caracterizado pelo desenvolvimento de atividades de aprendizagem interdisciplinares centra-

das nos(as) alunos(as), pela concepção de projetos, pelo trabalho cooperativo baseado nas tecnologias da informação e comunicação (TICs) e pela aprendizagem baseada em problemas reais.

- O intuito era desenvolver **um material auxiliar ágil e transversal** que os professores pudessem utilizar em suas salas de aula de acordo com seus critérios, os projetos de sala de aula de suas disciplinas e a metodologia de ensino utilizada e, inclusive, de um ou mais professores por sala de aula. Foi pensado em um material flexível, que pudesse ser usado independentemente das metodologias utilizadas pelo corpo docente.
- c. É possível utilizar a seção do Guia de leitura e atividades para realizar **um trabalho aplicando a metodologia ABP** ou **usar o questionário geral** sobre a biografia lida, que aparece nesta seção **como um guia tradicional de leitura** ou de comentários, sublinhando os pontos onde é necessário que os(as) alunos(as) coloquem mais atenção.
- d. Em ambos os casos, as atividades são entendidas como um exercício interativo entre professor(a) e aluno(a), onde o(a) professor(a) sugere e representa um apoio adicional no processo de aprendizagem. Naturalmente, também avalia.
- e. Sequenciamento. Cada professor ou equipe de professores, caso se trate de um trabalho interdisciplinar, adequará o tempo necessário para desenvolver a atividade com esses materiais em sala de aula de acordo com sua disponibilidade de horário e levando em

consideração as idades e os níveis de escolaridade. Insistimos em oferecer um material flexível.

## Biografias tratadas e critérios de seleção

A **seleção de biografias** foi realizada pensando na Ibero-América e na Península Ibérica e, portanto, obedecendo a uma “proporcionalidade” entre continentes, países, períodos históricos e as dedicatórias profissionais e políticas das protagonistas.

---

### IDADE ANTIGA

#### Egéria

(Espanha do século IV). Viajante corajosa e peregrina que vai à Terra Santa na época de Teodósio. Seus livros de viagens tornaram o Oriente conhecido. (Pesquisadora e escritora).

---

### IDADE MÉDIA e RENASCIMENTO

#### Beatriz Galindo

(Salamanca, Espanha 1465 - Madri, Espanha 1535), la Latina. Humanista espanhola, professora de Isabel I de Castela e de seus filhos. (Latinista e pesquisadora humanista).

#### Maria de Molina

(?, 1265 - Valladolid, 1321), da Casa de Borgonha, regente da Coroa de Castela durante a menoridade seu filho Fernando IV e, posteriormente, seu neto Afonso XI de Castela. Casada com Sancho IV de Castela, seu sobrinho. Personagem literária de dramas históricos. (Política).

#### Inês de Castro

(A Limia, Orense, Espanha, 1325 - Coimbra, Portugal 1355). Nobre espanhola, amante de D. Pedro I de Portugal e assassinada pelos nobres portugueses. Foi considerada rainha de Portugal após sua morte. Sua vida, entre a realidade e a lenda, percorreu o mundo. (Política e literária).

#### Joana I de Castela

(Toledo, Espanha, 1479 - Tordesilhas, Espanha 1555). Primeira rainha da Espanha (1504-1555) e a mais poderosa de seu tempo. Conhecida erroneamente como “a rainha louca”. Vida enigmática. Ela não tinha nenhum poder e permaneceu prisioneira em Tordesilhas por ordem de seu pai e de seu filho. Atualmente, dados recentes lançam dúvidas sobre a sua loucura. (Política).

---

### IDADE MODERNA

#### Josefa Amar y Borbón

(Saragoça Espanha 1749 - 1833). Ensaísta do Iluminismo espanhol. Ela ingressou na Real Sociedade Econômica Aragonesa. (Pedagoga e escritora).

---

### IDADE CONTEMPORÂNEA

#### Gabriela Mistral

(Vicunha, Chile 1889 - Nova Iorque, EUA 1957). De família humilde, professora crioula que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, foi poeta e diplomata chilena na América e na Europa. Defensora da escola pública, participou da reforma do sistema educacional do México. (Literária).

#### Carmen de Burgos Seguí, Colombine

(Rodalquilar, Almería, Espanha 1867 - Madri, Espanha, 1932). O seu pai foi vice-cônsul de Portugal na Espanha. Jornalista e primeira mulher correspondente de guerra, romancista, escritora e tradutora. Ela pertenceu à geração de 98. (Jornalista e literária).

#### Frida Kahlo

(Cidade do México, México 1907 - 1954). Pintora mexicana cuja vida e obra foram marcadas pela poliomielite e 32 operações cirúrgicas, consequência de um grave acidente. Com uma vida pouco convencional, ela partilhou com Diego Rivera, o seu marido, o gosto pela arte popular mexicana. (Pintora).

#### Tarsila do Amara

(Capivari, Brasil, 1886 - São Paulo, Brasil, 1973). Escultora, desenhista e pintora. Como pintora, foi a mais representativa do Modernismo brasileiro, com períodos de arte naïf e pós-impressionista. Ela também foi influenciada pelo cubismo. Casada com Oswald de Andrade, poeta, ensaísta e dramaturgo brasileiro. (Pintora).

## Sobre as autoras

### Autoras

A **equipe de autoras** é composta por **mulheres profissionais da área de ensino**, graduadas e até mesmo doutoras em suas respectivas matérias. Seu currículo abrange desde professoras do ensino secundário ou médio até professoras do ensino primário ou fundamental, incluindo uma professora universitária e uma diretora de escola secundária, bem como uma professora de formação de professores. Todas elas têm publicado muitos artigos e ensaios. Evidentemente, possuem uma vasta experiência na coordenação e **elaboração de materiais didáticos** para adolescentes e adultos, bem como cursos de **formação de professores**.

#### MARÍA TERESA GONZÁLEZ ALARCÓN

##### » **María de Molina**

Doutora em Geografia e História pela Universidade Complutense de Madri. Formada em Psicologia pela Escuela de Psicología y Psicotecnia de Madri. Professora Catedrática de Geografia e História do ensino médio. Professora doutora associada na Universidade Pontificia de Comillas de Madri. Autora das Unidades Didáticas para os Cursos de Formação de Professores ministrados em colaboração com o Patrimônio Nacional. Autora de diversos artigos relacionados com a tese de doutorado “Retablos barrocos en el Arcedianato de Segovia”, publicada em 1999.

#### NIEVES SORIANO NIETO

- » **Egéria**
- » **Frida Kahlo**

Doutora em Filosofia pela Universidade de Múrcia e pela Universidade Paris IV-La Sorbonne com a tese “Viajeros románticos a Oriente: Delacroix, Flaubert, Nerval”. Professora de Filosofia no ensino médio, atualmente trabalha como assessora de formação de Filosofia na Generalitat Valenciana. Viajante incansável, estudiosa de idiomas e de percussão africana nas horas vagas e uma mulher livre.

#### ROSA JIMÉNEZ ASENSIO

- » **Beatriz Galindo**
- » **Josefa Amar y Borbón**

Graduada em Filosofia pela Universidade de Granada e em Ciências Políticas pela Universidade Nacional de Educação à Distância. Professora Catedrática de Filosofia no ensino secundário. Coautora de livros didáticos sobre Filosofia, Ética e História da Filosofia para o ensino médio. Coautora de livros de Filosofia Política e com diversas publicações em revistas especializadas de Filosofia.

#### ANA MARÍA CEPEDA GÓMEZ

- » **Inês de Castro**
- » **Gabriela Mistral**

Graduada em Filosofia e Letras (especialização em Românicas) pela Universidade de Granada. Professora Catedrática de Língua e Literatura Espanhola e professora de Língua e Literatura no ensino médio, aposentada desde 2013, após 46 anos de profissão docente, sempre na educação pública.

#### ANUNCIACIÓN BARRIUSO OVEJERO

- » **Carmen de Burgos**

Graduada em Educação pela Universidade de Cantábria e especialização em Ciências Sociais e Naturais, Humanas, Matemática e Educação Musical. Estudos musicais no Conservatório de Música de Santander e na Escola de Pedagogia Musical de Madri. Professora do ensino primário há 43 anos, formadora de professores estagiários, pesquisadora e historiadora do legado judaico em Sefarad; organizadora e participante de congressos internacionais na Espanha, Portugal, Estados Unidos, Alemanha, Israel, publicou diversos artigos, tais como “El Norte de Sefarad” (Israel 2005) e “Los criptojudíos de La Raya” (Espanha, 2018). Tem ministrado conferências e publicado artigos sobre Carmen de Burgos, Colombine.

#### ESMERALDA GARCÍA SÁNCHEZ, designer e coordenadora do projeto

- » **Juana de Castilla**
- » **Tarsila do Amaral**

Graduada em Filosofia e Letras (especialização em Filosofia) pela Universidade Complutense de Madri. Professora Catedrática de Filosofia no ensino secundário. Professora assistente na Universidade Complutense de Madri e na Universidade Nacional de Educação à Distância. Assessora técnica no Instituto Nacional de Bacharelado à Distância (INB AD, posteriormente Centro Integrado de Educação à Distância, CI-DEAD). Assessora técnica no *Instituto Nacional de Evaluación* (INE). Diretora no Instituto de Educação Secundária Lope de Vega em Madri durante treze anos. Mais de vinte publicações com as editoras Silos, Coloquio, Akal, Anaya, Almadraba, Orto e diversos artigos na revista *Di-*

*dáctica de la Filosofía* da Universidade Complutense de Madri. Entre as publicações, materiais didáticos para o INBAD, livros de comentários de texto de Filosofia, livros sobre “Bachillerato Unificado y Polivalente (BUP)”, livros de Ética para o ensino médio, de Filosofia e Cidadania e História da Filosofia para a LOGSE e tradução de *Ensayo sobre el entendimiento humano*, por John Locke e a sua biografia.





# Egéria

A primeira viajante hispânica do século IV à Terra Santa

*Nieves Soriano Nieto*

## ÍNDICE

Introdução

Cronologia

1. A época. Uma mudança dentro do Império Romano
2. Egéria, a mulher desconhecida que fez história
  - 2.1. O que Egéria nos diz hoje em dia
3. As mulheres de sua época
  - 3.1. O papel da mulher na Roma Antiga
  - 3.2. Mulheres famosas da época da Egéria
4. A obra de Egéria: *Itinerarium ad Loca sancta*
  - 4.1. O que foi conservado
  - 4.2. O que foi assumido de acordo com as fontes de pesquisa
5. Bibliografia
6. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

“ O mais relevante que resta dela é o legado que deixou escrito. Ela foi a primeira mulher hispânica a viajar e a produzir a primeira narrativa escrita de viagem de uma mulher ”

**T**emos em mãos uma abordagem didática daquela que foi uma das viajantes mais importantes da história do Ocidente: Egéria.

Ela foi importante por ter sido uma das primeiras pessoas a fazer uma viagem de peregrinação à Terra Santa, justamente na época em que o cristianismo foi aceito no Império Romano. No entanto, ela não foi uma pioneira em viagens de peregrinação, pois havia outras pessoas fazendo essas viagens naquela época.

Sua importância deve-se ao fato de ter sido uma das primeiras mulheres viajantes da história ocidental. Ser mulher e viajante é uma combinação bastante difícil na história, uma vez que o papel da mulher tem sido associado ao ambiente doméstico e de cuidados. Isto, obviamente, é pouco compatível com viajar, principalmente em uma época como a que Egéria viveu, quando os preceitos da sociedade eram difíceis de superar.

Não sabemos em que circunstâncias Egéria

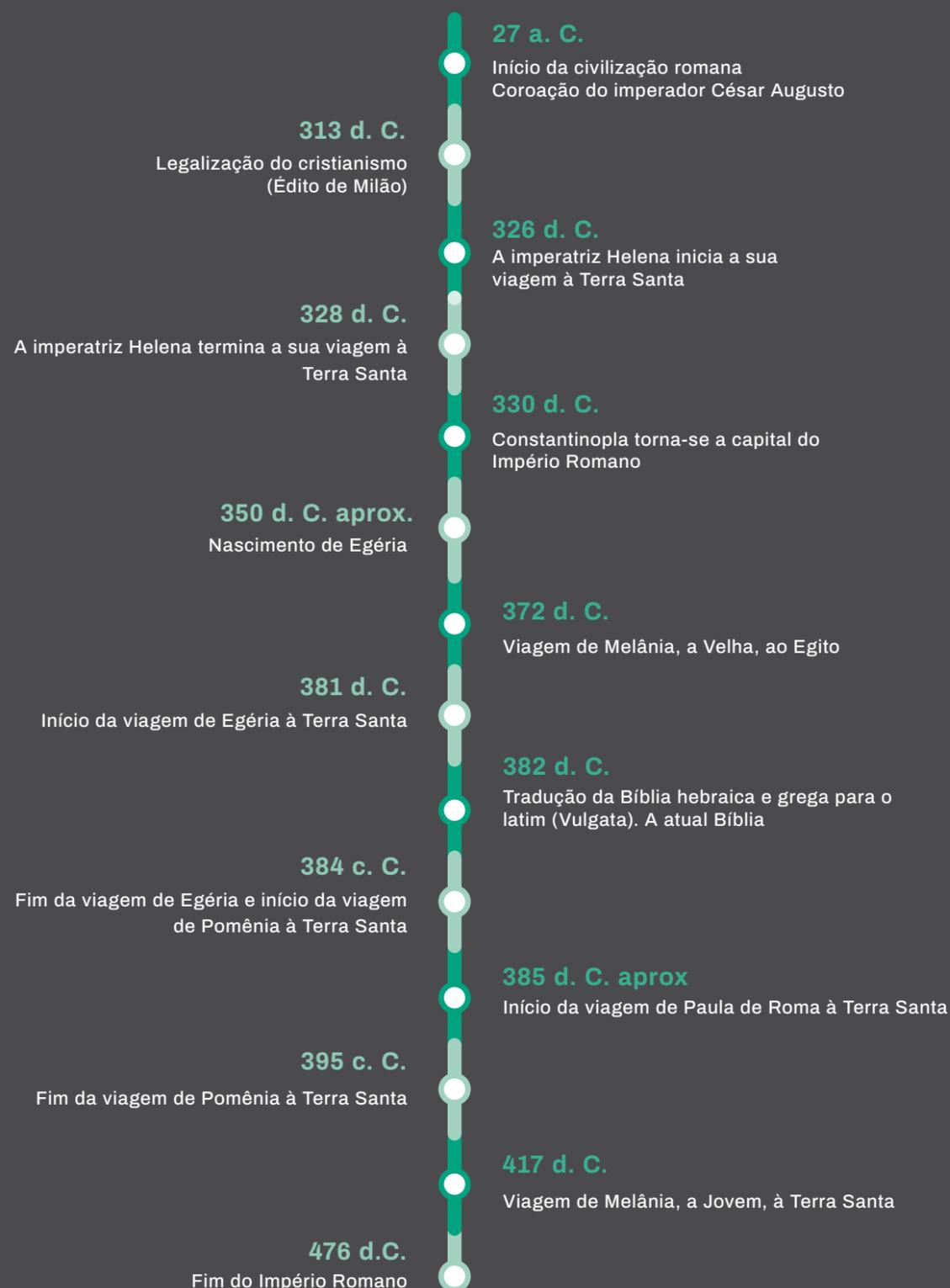
pôde viajar porque, como se verá mais adiante, pouco se sabe sobre sua vida. Porém, podemos afirmar que foi uma mulher que, de alguma forma, rompeu as normas da sociedade, permitindo-se explorar o mundo.

O mais relevante que resta dela é o legado que deixou escrito. Foi a primeira mulher hispânica a viajar e a produzir a primeira narrativa escrita de viagem de uma mulher. Além disso, poderíamos considerar que o seu relato de viagem é o primeiro em que narra o que é visto não de forma descritiva — como um guia de viagem —, mas de forma experiencial. Ela conta apenas o que atrai sua atenção e o modo da narração implica sempre uma forma de mostrar como ela se sente a cada momento.

Por isso, convido você a conhecê-la por meio deste documento, que pretende também proporcionar uma viagem através de uma das mulheres mais ilustres da cultura ocidental.

## CRONOLOGIA

## CIVILIZAÇÃO ROMANA



Fonte: Elaboração própria.

## 1. A ÉPOCA

### UMA MUDANÇA DENTRO DO IMPÉRIO ROMANO

**E**géria é a mulher em quem nos centramos neste livro. Ela era uma mulher que viajou para a Terra Santa supostamente entre 381 e 384 d.C. A relevância de Egéria na história provém, por um lado, de escrever uma narrativa de viagem em primeira pessoa — não um guia de viagem — e, por outro lado, de ser a primeira pessoa na Espanha cuja narrativa de viagem tenha sido conservada. Ela viveu no século IV d.C. Não se sabe bem quando nasceu nem quando morreu, mas existem evidências de que ela desenvolveu sua maturidade naquela época, a partir das anotações que deixou.

Se quisermos compreender Egéria, devemos entender o contexto histórico e cultural no qual ela se inseriu porque condicionou o seu modo de vida e o seu legado.

Portanto, vejamos primeiro o que estava acontecendo ao seu redor.

Egéria, tendo nascido na Espanha, na região da Galécia, era romana; pertencia, portanto, ao Império Romano. O Império Romano foi estabelecido como uma civilização na Europa entre 27 a.C. (com a nomeação do imperador César Augusto) e 476 d.C. (quando o germânico Odoacro depôs o imperador Rômulo Augusto e tomou a cidade de Roma). A data do fim do Império Romano é muito relativa porque o mesmo império viveu alguns anos de decadência nos quais foi perdendo territórios por pressão de outras civilizações com as quais fazia fronteira.



*Se quisermos compreender Egéria, devemos entender o contexto histórico e cultural no qual ela se inseriu porque condicionou seu modo de vida e seu legado.*



Imagen 1. Extensión del Imperio romano.

Andrei nacu at English Wikipedia, Public domain, via Wikimedia Commons

Como se pode ver no mapa acima, o Império Romano em seu apogeu, durante o século II d.C., estendeu-se da Espanha a territórios que hoje em dia fazem fronteira com países como o Iraque. No sul, tinha a fronteira do deserto do Saara e no norte, fronteiras naturais com rios como o Reno. Quando o declínio do Império Romano começou (entre o final do século III e o início do século IV), a parte ocidental do império estava gradualmente cedendo às pressões e invasões dos visigodos, que estavam ganhando territórios de leste a oeste e de norte a sul, até que finalmente Roma foi tomada.

Na época de Egéria (século IV), o imperador Constantino, vendo que a parte ocidental do império estava caindo nas mãos dos godos, decidiu

tirar a capital de Roma e estabelecê-la na antiga Bizâncio, a que renomeou Constantinopla (atualmente Istambul). O objetivo de tudo isto, aparentemente, era estabelecer-se naqueles territórios que não sofriam tanta pressão das invasões de outras civilizações durante aquela época.

Obviamente, a história não é tão simples ou linear como é contada aqui. Houve resistência do Império Romano às invasões, bem como a perda e reconquista de territórios. Porém, com esta narrativa até agora temos uma ideia do contexto político em que Egéria viveu.

No campo cultural, a virada que o Império Romano deu durante o século IV com o imperador Constantino é considerada muito interessante.

O cristianismo surgiu como uma crença que mesclava, até certo ponto, ritos do antigo paganismo greco-latino e do judaísmo. Não é à toa que o que hoje conhecemos da Bíblia como Antigo Testamento tem como base as escrituras da religião judaica. Da mesma forma, muitas das celebrações pagãs da religião greco-romana foram tomadas como base do cristianismo, tais como os Saturnais, que eram as celebrações em homenagem a Saturno, o deus da agricultura, precisamente nas datas em que hoje celebramos o Natal.

Egéria, a nossa viajante, era romana e cristã. De fato, como veremos mais adiante, a sua viagem é fundamentalmente baseada na busca dos lugares santos mencionados nas Sagradas Escrituras. No entanto, ser um cristão no final do século IV d.C. não significa o mesmo que ser cristão hoje em dia. Por quê? Basicamente porque o que conhecemos hoje como a Bíblia naquela época não era acessível à leitura geral. As Novas Escrituras (o Novo Testamento), que definem apropriadamente a religião cristã, foram escritas apenas em grego e hebraico. Ambas as línguas não eram, em princípio, compreensíveis para uma pessoa do Império Romano do Ocidente porque a língua utilizada era o latim. O cristianismo foi transmitido principalmente por via oral até que o Papa Dâmaso I encomendou a tradução do livro sagrado para o latim a Jerônimo de Estridão em 382 d.C. Daí surgiu a chamada *Vulgata*, uma tradução da Bíblia grega e hebraica para o latim, que começou a ser lida e difundida por todos os territórios do Império Romano. O que não sabemos exatamente é se nossa viajante sabia ler grego ou não.

Todos estes avanços que ocorreram no século IV para a propagação do cristianismo aconteceram graças ao imperador Constantino, que

foi o primeiro imperador romano a abraçar tal religião, e ficou para a história como o primeiro a estabelecer a liberdade de culto cristão no Império Romano com o Édito de Milão, promulgado em 313 d.C. A partir daí, a religião cristã deixou de ser um culto perseguido.

Portanto, Egéria viveu em uma época em que o cristianismo era uma religião favorecida no império e, além disso, ela era cristã.

Na época em que o cristianismo foi oficializado, um dos eventos culturais que começou a ficar na moda foi a viagem de peregrinação a partir de territórios do Império Romano para os da Terra Santa, a fim de poder observar em primeira mão os locais onde os eventos histórico-religiosos narrados no cristianismo ocorreram.

O termo *peregrinus* em latim referia-se ao estrangeiro ou, melhor dizendo, à pessoa que estava longe de casa. Etimologicamente, ele é composto de *Per* (além de) e *Ager* (campo). Ou seja, o peregrino era, digamos, literalmente aquele que estava "para além do campo". Não precisava ser necessariamente um estrangeiro. Uma pessoa que mudava de cidade ou de território, mesmo vivendo sob a jurisdição do Império Romano, era considerada peregrina.

Os viajantes, em geral, — não apenas aqueles que viajavam por motivos religiosos — eram considerados peregrinos. Entre os viajantes, havia quem viajasse por motivos religiosos, como Egéria. Porém, o fenômeno de viajar por tais motivos não é algo exclusivo da religião cristã. Por exemplo, os gregos viajavam para ver os oráculos de Apolo em Delfos e Zeus em Dodona e os judeus viajavam para Jerusalém até ser destruída em 70 d.C.

As peregrinações aumentaram durante o século IV d.C. devido às condições favoráveis do cristianismo e, deste modo, começaram a ser elaborados os guias que se tornavam livros de referência para saber quais santuários, túmulos e outros lugares a visitar. Um exemplo claro é o *Onomasticon urbium et locorum Sacrae Scripturae seu Liber de locis hebraicis*, escrito por Eusébio de Cesareia, no qual estes lugares mencionados na Bíblia são detalhados.

Ao mesmo tempo, começaram a ser produzidos mapas para obter uma melhor orientação, tal como a *Tabula Peutingeriana*, um dos mapas mais antigos e exaustivos conhecidos da área<sup>1</sup>. Ele descreve o mundo da atual Espanha à Mesopotâmia.

Pode-se afirmar também que, naquela época, circular pelo Império Romano era algo seguro, tanto por terra quanto por mar. Por mar, a pirataria deixou de ser um problema desde a época do imperador Pompeu (século I a.C.). Por via terrestre, a rede viária que tinha sido construída pelo império tornou a tarefa de viajar muito mais fácil. Por outro lado, desde a época do imperador Augusto (século I a.C. - século I d.C.) existia algo chamado *cursus publicus*, um serviço que facilitava as viagens dos peregrinos, uma vez que proporcionava montaria e um local para se abrigar durante a viagem. Digamos que era similar a uma agência de viagens de hoje em dia. Ao longo da rede viária das calçadas havia mansiones para descansar e *mutationes* para mudar de cavalo. Porém, para utilizar os serviços do *cursus publicus* era necessário possuir uma licença especial. Aqueles que não a tives-

sem podiam ficar em casas oficiais (se fossem pessoas de alto nível social) ou em alojamentos privados (se o seu nível social não permitisse sua hospedagem em outros locais).

Com tudo isto, viajar no contexto em que Egéria viajava era algo muito comum e simples de fazer, principalmente se o viajante pertencesse à classe rica. Ainda temos dezenas de histórias sobre os peregrinos da época. No entanto, a escolhida para tratar aqui é Egéria. Em primeiro lugar, porque é a primeira pessoa que nos resta com uma narrativa em primeira pessoa e, em segundo lugar, porque, embora não seja a primeira mulher a viajar para a Terra Santa, ela é a primeira a produzir um documento escrito.

“ Na época em que o cristianismo foi oficializado, um dos eventos culturais que começou a ficar na moda foi a viagem de peregrinação a partir de territórios do Império Romano para os da Terra Santa, a fim de poder observar em primeira mão os locais onde os eventos histórico-religiosos narrados no cristianismo ocorreram ”

<sup>1</sup> Uma cópia da Tabula é mantida na Biblioteca Nacional Austríaca (Viena), que foi feita no séc. XIII. Pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Vq7cevZass>

## 2. EGÉRIA

### A MULHER DESCONHECIDA QUE FEZ HISTÓRIA

Pouco se sabe sobre a vida de Egéria. As únicas referências que temos são, em primeiro lugar, seu próprio relato da viagem à Terra Santa (do qual se conservam alguns fragmentos e sobre o qual falaremos mais adiante).

Também a conhecemos, especialmente sua viagem, a partir de uma carta que São Valério escreveu aos monges de El Bierzo no século VII sobre a viagem de Egéria.

No século XII, Pedro Diácono, um monge que vivia na Abadia de Monte Cassino, teve em suas mãos o manuscrito completo da viagem de Egéria e, com base nele, escreveu uma obra chamada *De locis sanctis*.

Em suma, sobre a vida de Egéria sabe-se que ela nasceu na Hispânia, na região da Galécia. Muitos alegaram que era uma mulher galega. Contudo, como não se conhece o lugar exato de seu nascimento, não se pode deduzir se era propriamente galega porque a região da Galécia era muito mais extensa na época do Império Romano do que é atualmente. Ela poderia ter sido asturiana ou castelhana-leonesa.

Como não sabemos, desconhecemos o lugar exato de seu nascimento. Levando em consideração que sua viagem data de 381 a 384 d.C. e que ela viajou numa idade madura, mas não próxima da velhice (porque ela fez uma viagem um tanto difícil fisicamente), poderíamos deduzir que talvez ela tenha nascido por volta da metade do século IV d.C.

O que poderíamos afirmar é que Egéria pertencia a uma classe abastada, pois as mulheres da época que viajavam tinham algum poder econômico. Além disso, era uma mulher que tinha tido acesso à cultura, pois estava muito bem informada, principalmente sobre as passagens do que é hoje o Antigo Testamento.

Com base no testemunho de São Valério, Egéria foi considerada freira e virgem consagrada a Deus. No entanto, não existem dados confiáveis sobre isso. Os relatos da viagem foram escritos sob a forma de cartas dirigidas a algumas *dominae et sorore*, que São Valério deduziu serem freiras. Porém, naquela época o termo *soror* poderia ser usado para se referir a uma irmã no sentido de parentesco, uma irmã religiosa ou mesmo uma grande amiga.

É correto dizer que era uma mulher cristã, religiosa e um tanto devota, porque cada vez que visitava um lugar sagrado começava a rezar e a relembrar passagens do que mais tarde viria a ser a Bíblia.

Egéria começou sua viagem em 381 d.C. e, teoricamente, a finalizou em 384 d.C. Ela fez uma viagem de ida e volta que discutiremos em

pormenor mais adiante. O que fica claro é que o que nos resta dela são narrativas em primeira pessoa que a própria viajante deixou em algumas cartas dirigidas a algumas senhoras que eram provavelmente suas amigas. Isso a torna única. Não existe registro de que as mulheres viajantes de sua época tenham escrito pessoalmente algo sobre a viagem. O que sabemos sobre as viagens de outras mulheres é por meio de testemunhos de outras pessoas. Além disso, o que também torna Egéria única é o fato de que ela realmente seja uma viajante. Por quê? Porque as demais eram mulheres que vieram à Terra Santa fundando mosteiros, onde a maioria delas viveu consagrada a uma vida religiosa até a sua morte (Melânia, a Velha; Paula de Roma ou Melânia, a Jovem, como veremos no próximo capítulo). Outras, tais como a imperatriz Helena ou a Pomênia, também foram à Terra Santa com alguma função edificante (de mosteiros ou basílicas) e regressaram a seus lugares de origem quando terminaram. Por outro lado, Egéria visita a Terra Santa como viajante, uma vez que ela somente vai com o intuito de observar, viver de dentro e em primeira pessoa todos aqueles lugares que testemunharam as histórias do que seria o Antigo Testamento da Bíblia. Ela esteve lá para se encher de algo novo, sem perder sua terra de origem nem a trocar por uma terra de adoção ou outro tipo de vida. Portanto, é a única que pode ser considerada realmente como uma peregrina.

### 2.1. O que Egéria nos diz hoje em dia

No que diz respeito à viajante, apesar da enorme distância cultural e temporal que temos dela, podemos concluir que é possível que as mulheres se realizem numa esfera diferente daquela

que lhes é mais comumente atribuída pela sociedade.

Apesar do fato de que no século IV d.C. o trabalho das mulheres era, como foi exposto anteriormente, o de dedicar-se às tarefas de cuidado e do lar, existiram algumas que, com determinação, puderam sair desta situação.

É verdade que era considerado favorável ter uma posição socioeconômica elevada para ter acesso a uma educação mais ampla e profunda. Sendo assim, algumas mulheres, perseguindo os seus sonhos, conseguiram realizar grandes feitos que mudaram o mundo.

Egéria era uma cristã devota que sonhava em visitar a Terra Santa para ver em primeira mão os lugares onde os acontecimentos narrados nos livros sagrados teriam supostamente ocorrido e, com base nesse sonho, ela partiu. Talvez suas motivações possam ser diferentes das de cada um de nós, mas o certo é que os sonhos podem nos conduzir a fazer história. Suponho que Egéria nunca tenha pensado no significado daquelas cartas que enviava às suas amigas contando-lhes o que estava vendo e vivendo na Terra Santa. Entretanto, ela acabou tornando-se a primeira mulher hispânica conhecida por ter viajado para a Terra Santa, a primeira pessoa hispânica a ter escrito uma narrativa de viagem à Terra Santa e a primeira pessoa cuja existência real é conhecida por ter escrito o seu relato de viagem em primeira pessoa.

## 3. AS MULHERES DE SUA ÉPOCA

### 3.1. O papel da mulher na Roma Antiga

**N**a época de Egéria, no século IV d.C., a situação das mulheres não é muito diferente de outras épocas da história. Tudo dependia também do nível econômico da família. Em geral, as mulheres se dedicavam à esfera doméstica, embora não estivessem tão fechadas em casa como as mulheres da Grécia Antiga, por exemplo. Na Roma Antiga, as mulheres se reuniam com outras pessoas, com suas amigas, para participar em ritos religiosos, ir a banhos públicos ou assistir aos *ludi* (jogos públicos: assistir a peças de teatro, corridas de carruagem ou até mesmo ver os debates que se realizavam no fórum).

Na infância, elas eram educadas na escola primária com certas diferenças em relação aos meninos, dependendo do papel. É evidente que, assim que a mulher se casava (por volta dos 12 anos de idade), tinha que abandonar seus estudos, a menos que pertencesse a uma classe social alta que lhe permitisse casar mais tarde e continuar os estudos.

Do ponto de vista familiar, a família na Roma Antiga estava representada pelo *pater familias*,

ou seja, o pai. No que dizia respeito às suas filhas, ele tinha o poder de escolher um futuro marido para elas. Na época em que Egéria viveu, a situação das mulheres a este respeito tinha mudado um pouco. Anteriormente, existia o matrimônio *cum manu*. Nele, a mulher, ao se casar, passava a pertencer legalmente ao marido, que decidia por ela. Em contraste, no século I d.C., o matrimônio passou a ser *sine manu*. Assim, a mulher, mesmo sendo casada, não mantinha uma relação jurídica de dependência com o marido, mas continuava a depender de seu pai.

O divórcio estava de fato reconhecido nessa cultura. Geralmente acontecia quando a mulher ou o homem saíam da casa da família.

As mulheres podiam dedicar-se a diversas atividades. Algumas podiam ser concubinas, que era uma figura reconhecida na cultura da Roma Antiga. Uma concubina era uma mulher que mantinha relações sexuais com um homem sem estar casada com ele e podia morar na casa da família e até se tornar sua esposa. No caso de uma criança nascer de uma relação de concubinato, a criança herdava o estatuto social da mãe (e não o do pai, como era o caso quando era fruto de um casamento).

Outras podiam escolher, entre suas profissões, ser amas de leite. A ama de leite é uma mulher que, por ter tido um filho e estar amamentando, continuava a extrair leite a fim de amamentar outras crianças. Geralmente, os serviços das amas de leite eram contratados por mulheres da classe alta que não queriam ou não podiam

amamentar os seus bebês por vários motivos (falta de tempo, desgaste físico ou outros). Assim, compravam leite da ama de leite para poder alimentar os filhos.

Havia também mulheres dedicadas profissionalmente ao campo da religião, tais como as sacerdotisas, que estavam ligadas a um deus ou templo específico. As sacerdotisas mais famosas foram as vestais: mulheres virgens encarregadas de manter o fogo sempre aceso no templo de Vesta, localizado no fórum de Roma. Para os romanos, Vesta era uma divindade muito importante porque era a deusa do lar.

Quando se devia votar no Império Romano, as mulheres não tinham direito, porque não eram consideradas cidadãs. Este fato também as impediu de ocupar qualquer cargo público. É por isso que não vemos mulheres imperatrizes, por exemplo.

No século V d.C., as mulheres já podiam possuir terras, escrever testamentos e ir ao tribunal. Porém, Egéria ainda não podia viver nessa época de um pouco mais de liberdade.

Ao longo do século IV d.C., como consequência de o cristianismo ter sido aceito no império, à medida que a cultura e a sociedade mudaram, o papel da mulher também mudou.

Para além do que delineamos anteriormente, outros modelos de mulher começaram a existir, tais como a virgem e a viúva. Não é que antes não houvesse mulheres virgens ou viúvas. Obviamente, antes do casamento as mulheres eram virgens e, se o marido morresse, ficavam viúvas. No entanto, a condição de ser virgem ou viúva não existia como uma escolha vital. Ou seja, como resultado da propagação do cristia-

nismo, a mulher ideal é aquela que mantém intacta sua virgindade até o casamento como prova de fidelidade a Deus e aquela que, depois de ficar viúva, decide não se casar novamente como prova de amor e fidelidade tanto ao seu marido como a Deus. Além disso, no que diz respeito à virgindade, começam a existir mulheres que renunciavam ao casamento para viver consagradas a Deus.

### 3.2. Mulheres famosas da época de Egéria

Egéria não foi a primeira nem a única viajante do século IV d.C. para a Terra Santa. Ao longo desse século, uma vez que as condições eram favoráveis, como mencionado acima, as peregrinações a Jerusalém (*Aelia Capitolina* na época de Egéria) eram comumente praticadas.

A primeira a fazer uma viagem à região — ou, pelo menos, que exista registro desse acontecimento — foi a **imperatriz Helena**, mãe de Constantino, no início do século IV d.C., de 326 a 328 d.C. Uma das ações realizadas por ela foi a construção da Igreja da Natividade em Belém e da Igreja no Monte das Oliveiras. Porém, não temos qualquer registro da viagem de Helena à Terra Santa em suas próprias anotações, mas sim nas de Eusébio de Cesareia em seu livro *Vida de Constantino*.

**Melânia, a Velha**, também foi conhecida por viajar para o Egito a partir do ano 372 d.C., aproximadamente. Ela era uma daquelas viúvas exemplares do cristianismo, conforme foi falado anteriormente. Quando tinha cerca de 22 anos, perdeu seu marido, Valério Máximo Basílio, e dois de seus três filhos. Ela deixou o filho sobrevivente aos cuidados de outras pessoas e deci-

diu viajar à região do atual Egito para conhecer a vida dos monges da Níttria e de Escetes. Após passar seis meses no Egito, ela foi para Jerusalém, onde finalmente se estabeleceu e fundou um mosteiro feminino no Monte das Oliveiras, onde morou com cinquenta virgens. Tampouco temos registros da própria Melânia, a Velha, sobre sua viagem, mas sim no capítulo 54 da *História Lausiaca* de Paládio da Galácia.

Outro exemplo de mulher viajante da época foi **Paula de Roma**. Como Melânia, a Velha, depois de ficar viúva por volta do ano 380 d.C., decidiu viver de forma ascética. O que sabemos da vida desta mulher é retirado da “Epístola 108” de São Jerônimo, que manteve uma relação de companheirismo e servidão a Deus com Paula de Roma e sua família. São Jerônimo, no ano 385 d.C., decidiu viajar para a Terra Santa. Por sua vez, Paula de Roma fez o mesmo. O que não está claro é se ela viajou com ele ou se foi pouco tempo depois. Ela fundou um mosteiro feminino ao lado da Basílica da Natividade, onde viveu até o ano de sua morte: em 404 d.C.

**Pomênia** viajou à Terra Santa entre 384 e 395 d.C. Pelo que se sabe, ela era uma parteira hispânica aparentada de alguma forma com o imperador Teodósio. Ela empreendeu a sua viagem para Alexandria, onde navegou ao longo do Nilo. De lá ela foi para Jerusalém e construiu, entre outras coisas, a Basílica de Anastasis. Pomênia foi muito criticada por alguns homens da época, tal como São Jerônimo, quem em sua “Epístola 54” afirma que ela viajava alegadamente em luxo e desperdício. Também conhecemos Pomênia graças a Paládio de Galácia e sua *História Lausiaca*, mais especificamente, o capítulo 35.

**Melânia, a Jovem** era neta de Melânia, a Velha. Ela casou-se com Valério Piniano em 398 d.C. Após a morte do seus filhos, eles decidiram levar uma vida ascética e foram se livrando de todas as suas propriedades aos poucos. Por volta de 410 d.C. ela mudou-se para Tagaste (na atual Argélia) com o seu marido e Albina, sua mãe, onde fundaram dois mosteiros. Em 417 d.C. eles partiram para a Palestina passando por Alexandria. Assim que se estabeleceram em Jerusalém, eles voltaram para visitar o Egito, com o intuito de aprender sobre a vida dos monges e de repartir o dinheiro que lhes restava. Em Jerusalém, ela construiu um mosteiro feminino e, posteriormente, um masculino. Ela morreu em Jerusalém em 439 d.C. Do mesmo modo, a informação sobre esta mulher é conhecida apenas a partir de fontes secundárias. No capítulo 61 da *História Lausiaca*, Paládio de Galácia fala sobre ela, com base em suas memórias. Mas onde realmente obtemos as fontes sobre a sua vida é da *Vita Melaniae*, que é uma biografia atribuída a Gerôncio de Jerusalém, que viveu num dos mosteiros por ela fundados.

Como podemos observar, existem vários casos de mulheres que viajaram para a Terra Santa naquela época. No entanto, Egéria tornou-se alguém tão importante por ter feito algo único entre elas: escrever.



**Na época de Egéria, no século IV d.C., a situação das mulheres não é muito diferente de outras épocas da história. Tudo dependia também do nível econômico da família.**

## 4. A OBRA DE EGÉRIA

### ITINERARIUM AD LOCA SANCTA

#### 4.1. O que foi conservado

A narrativa de viagem de Egéria à Terra Santa foi denominada *Itinerarium ad Loca sancta* (Itinerário para os lugares sagrados). O título não foi originalmente dado por ela, pois a sua intenção não era a de publicar um livro, mas de transmitir para suas amigas o que estava vivenciando.

O livro é composto por duas partes: na primeira, ela narra o itinerário de viagem etapa por etapa e, na segunda, detalha o significado de certas festas religiosas e a forma em que elas eram celebradas.

O que é mais interessante para a história do pensamento é a primeira parte do livro, onde ela relata a sua viagem e como a vivenciou. Além disso, o interesse surge, como mencionado anteriormente, por ser a primeira narrativa escrita de viagens de uma mulher, bem como o primeiro relato de viagem narrado em primeira pessoa em língua espanhola.

Se abrirmos a primeira parte do *Itinerarium*, podemos constatar que a viagem começa por narrar a subida ao Monte Sinai, localizado atualmente no Egito. Começa aí porque os fragmentos anteriores foram perdidos, nos quais Egéria teria supostamente narrado as outras etapas da viagem.

Ao terminarmos de ler a primeira parte, percebemos que sua narração termina em Constantinopla (atual Istambul). Não sabemos se ela voltou ou morreu de alguma forma naquelas terras.

Portanto, conservamos os fragmentos localizados entre a subida do Monte Sinai e a chegada de volta a Constantinopla. Sabemos que quando a viajante subiu o monte Sinai, ela já tinha passado por Jerusalém, onde ficara durante algum tempo. Podemos afirmar que esta cidade passa a ser a sua base de origem a partir da qual ela ocasionalmente faz excursões.

Chega o momento de analisar a sua viagem etapa por etapa (Imagem 2):



Ver: <https://www.google.es/maps/@34.2699696,29.2440978,6z/data=!4m2!6m1!1s14PuHamHRmKzKbFkm0Oq1sr7VRdo-gIUK3?hl=es>

#### Etapa 1

A primeira viagem que Egéria relata vai do Monte Sinai até Jerusalém, passando por Clysmá (atual Suez), Etan (atual Serapeu) e Tânis, entre outros lugares. Ela está identificada no mapa interativo em cor laranja.

Esta viagem é muito importante para Egéria, uma vez que o Monte Sinai e seus arredores foram o palco de muitas passagens do Antigo Testamento: tanto aquelas que têm um fundamento histórico quanto aquelas que já pertencem ao âmbito da fé. Estes lugares são importantes tanto para os judeus quanto para os cristãos, porque o cristianismo, conforme já mencionado anteriormente, inclui as crenças judaicas em seu livro sagrado.

Nos arredores do Monte Sinai, aconteceram as cenas de um dos principais livros da Bíblia, o “Êxodo”, às quais a própria Egéria faz referência em sua narrativa de viagem. O “Êxodo” conta como os judeus que estavam no Egito, onde viviam como escravos, escaparam guiados por Moisés para se aproximarem da terra prometida, que era Israel. É um fato histórico que os hebreus (judeus) do Egito marcharam em direção a Israel, mas não se sabe se foram guiados por Moisés, já que, do ponto de vista histórico, ele é considerado um homem de cuja existência não existe nenhuma evidência histórica. É inconteste que, do ponto de vista da fé, Moisés é tido como uma pessoa muito importante tanto para o povo judeu quanto para o cristão.

De acordo com os textos sagrados, foi no vale do Monte Sinai onde os hebreus acamparam em seu êxodo do Egito para Israel enquanto esperavam que Moisés descresse da monta-

nha. Lá os Dez Mandamentos foram dados a ele por Deus, que se tornariam a base moral do cristianismo. Foi também neste local que Deus apareceu a Moisés em uma sarça ardente para dar-lhe a missão de resgatar o povo hebreu da escravidão dos egípcios e conduzi-lo a Israel.

Tânis era importante para Egéria porque ela pensava que era a cidade onde Moisés tinha nascido, conforme citado em sua narrativa de viagem. Não existem dados sobre isso. Os arqueólogos identificaram a cidade de Ramsés, que aparece no “Êxodo” da Bíblia, com a cidade de Pi-Ramsés, sobre a qual foi construída a cidade grega de Tânis. Em Ramsés, os hebreus foram escravizados pelos egípcios para fazer construções faraônicas. Além disso, de acordo com a Bíblia, foi de lá que partiram em seu êxodo ou fuga do Egito para a terra prometida.

#### Etapa 2

A segunda viagem que Egéria relata foi uma breve excursão de Jerusalém ao Monte Nebo (que atualmente pertence à Jordânia). Ela pode ser observada no mapa interativo em cor violeta.

Segundo as anotações iniciais de Egéria dedicadas a esta etapa da viagem, o Monte Nebo é considerado um local muito importante para o cristianismo e para ela, já que foi onde Moisés morreu, por ordem de Deus, pouco antes de chegar à terra prometida de Israel. Ademais, ela cita a passagem dos textos sagrados que contém tal narrativa, que, atualmente pode ser encontrada no livro do “Deuteronômio” (um dos livros da Bíblia). No capítulo 34, versículos 1-5 desta passagem bíblica, está escrito: “Moisés subiu dos campos de Moabe para o monte

Nebo, ao cume do Pisga, que está diante de Jericó. E Javé mostrou-lhe toda a terra: de Galaad até Dã, todo o Neftali, a terra de Efraim e Manassés, toda a terra de Judá até o mar ocidental, o Negueve, o distrito da planície de Jericó, a cidade das palmeiras, até Segor. E o Senhor Javé disse-lhe: “Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, Isaac e Jacó, dizendo: ‘À tua descendência a darei.’ Eu a mostrei a teus olhos; tu, porém, não atravessarás para lá”. E Moisés, servo de Javé, morreu ali, na terra de Moabe, conforme a palavra de Javé”.

Antes de chegarem ao Monte Nebo vindo de Jerusalém, eles pararam na cidade romana de Lívias (Bet-Aram), onde, de acordo com o relato de Egéria baseado no livro do “Deuteronômio” (capítulo 31), Moisés nomeou Josué como seu sucessor para guiar os judeus à terra prometida, pois ele sabia que iria morrer no Monte Nebo.

Também antes de chegarem, fizeram também um desvio para visitar o local onde Moisés supostamente fez brotar água de uma rocha, como Deus lhe disse, para que o sedento povo judeu pudesse beber. É difícil identificar esta passagem no Monte Nebo porque ela é citada no “Êxodo” (capítulo 17), onde é narrado que Moisés estava acompanhado por Josué quando tal fato aconteceu no Monte Horeb, que também era chamado de Monte Sinai, e que já tinha sido visitado por nossa viajante. Da mesma forma, o brotamento de água é citado novamente no livro bíblico “Números” (capítulo 20), onde Moisés estava acompanhado por seu irmão Aarão quando ele fez brotar água, sem especificar o local onde ocorreu.

No topo do Monte Nebo, Egéria visitou um espaço representativo da suposta tumba de Moisés; E também, a partir daí, dedicou-se a avistar

os lugares que Moisés viu ao subir a montanha, com Jerusalém ao fundo.

### Etapa 3

A terceira etapa que conservamos da narrativa de viagem de Egéria foi até o túmulo de Jó, que pode ser vista no mapa interativo em cor verde-escuro.

A caminho do túmulo, Egéria visita uma pequena cidade chamada Sedima (Salém), que, como diz a viajante, foi supostamente a cidade do rei Melquisedeque, que, segundo o “Gênesis” (capítulo 14), ofereceu a Deus pão e vinho como oferenda. Parece que é devido a esta passagem que a Eucaristia da missa é abençoada com pão e vinho.

Ela também conheceu o lugar onde São João Batista realizava os batismos, Enon, citado no texto sagrado “Evangelho segundo São João” (capítulo 3). Tal como descrito pela a viajante, o manancial encontrava-se em um imenso e belo horto, repleto de árvores frutíferas. A viajante diz-nos que naquela época, naquela fonte, todas as pessoas da região eram batizadas na Páscoa.

Finalmente, antes de chegar no túmulo de Jó, Egéria passou pela cidade de Tesbi (Thesbe), atualmente desconhecida por ter sido abandonada. Foi naquela cidade onde, segundo as sagradas escrituras, nasceu o profeta Elias. Foi também onde se encontrava o túmulo de Jefe-té, que liderou a batalha dos israelitas contra os amonitas pelo território, conforme narrado no livro bíblico “Juízes” (capítulo 11).

Assim, ela chegou ao túmulo de Jó, que foi um personagem muito importante para o judaísmo

e o cristianismo, como narra o próprio livro de Jó. Ele era um agricultor que adorava a Deus conscienciosamente. Porém, Satanás veio perante Deus para lhe dizer que a fidelidade de Jó a Deus não era real. Então, Deus permitiu a Satanás que trouxesse infortúnios para Jó a fim de mostrar que, apesar deles, permaneceria fiel à sua fé. Dessa forma, Satanás fez morrer o seu gado e filhos, fez com que ele sofresse com a doença da sarna e que vivesse na miséria... Em decorrência de sua integridade, foi finalmente concedido a Jó recuperar a sua vida e felicidade anteriores.

### Etapa 4

A última etapa que Egéria relata em sua narrativa é a viagem de regresso, que pode ser vista no mapa interativo em cor preta. Esta etapa começa quando completariam três anos de sua chegada a Jerusalém. Ou seja, no mesmo ano 384 d.C. A viagem de regresso que Egéria faz não é direta, uma vez que ela aproveita a oportunidade para visitar lugares que teriam ficado pendentes durante a viagem de ida.

Ela partiu de Jerusalém rumo a Antioquia e passou por Hierápolis, cidade grega da qual hoje se conservam ruínas bastante significativas de seu esplendor. E, a partir dali, a quinze milhas de distância, segundo seu relato, ela chegou ao rio Eufrates, na parte turca. Depois de atravessar o rio, ela entrou no que era a Mesopotâmia (a região entre os rios Eufrates e Tigre, que atualmente pertence à Turquia, Síria e parte do Iraque). Lá, visitou Edessa, atual Urfa (Turquia).

Nessa cidade estava o túmulo do apóstolo Santo Tomás, que foi visitado pela viajante. Ela

aproveitou também o fato de estar na cidade para visitar o palácio do rei Abgar, que reinou no século I a.C. e que, segundo a história do cristianismo, conheceu Jesus, embora não haja registro de tal fato. O cristianismo conserva uma carta escrita do rei Abgar a Jesus e outra escrita por Jesus a Abgar, mas não se sabe ao certo se foram escritas por eles mesmos ou se foram escritas posteriormente. Segundo a viajante, foi nessa correspondência que Jesus prometeu que os inimigos não conseguiriam aproximar-se da cidade, e foi tal a fortuna que a protegeu das invasões dos persas.

Em seguida, ela seguiu seu caminho em direção a Harã (*Carra*), a cidade onde viveu Abraão, cuja vida é narrada no livro do “Gênesis”, do capítulo 11 ao 25. Lá, visitou seu túmulo e, nas redondezas, os túmulos de Naor (irmão de Abraão) e de seu filho Betuel (“Gênesis”, capítulo 22). Também nos arredores de Harã, ela visitou o local do poço do qual Jacó supostamente removeu algumas pedras para que o gado de Raquel pudesse beber (“Gênesis”, capítulo 29).

De Harã, ela regressou à Antioquia. Lá, fez durante uma semana uma série de preparativos para a sua viagem e partiu para Tarso, onde afirma já ter estado em sua viagem de ida. Nas redondezas de Tarso, ela visitou o túmulo de Santa Tecla, uma das primeiras mártires do cristianismo. Segundo o texto *Atos de Paulo e Tecla*, Santa Tecla foi punida por ser seguidora de Paulo na fé cristã e foi condenada à fogueira. Ela foi salva porque quando iam queimá-la aconteceu um terremoto e uma forte chuva apagou o fogo. Assim, pôde fugir com Paulo para Antioquia.

De lá ela seguiu para Córico e depois para Seleuceia, onde encontrou sua amiga Martana,



**Pela vossa parte, minhas senhoras, luz da minha vida, dignai-vos tão somente lembrar-vos de mim, quer eu esteja neste corpo, quer já fora do corpo” (Egéria, *Viaje de Egeria*. Edição de Carlos Pascual).**

que havia conhecido em Jerusalém e que dirigia mosteiros de ascetas que se aposentaram para levar uma vida espiritual. Egéria pôde visitar estes mosteiros com Martana.

Em seguida, retornou a Tarso, de onde partiu para Constantinopla (atual Istambul). No caminho, ela conta que passou por três províncias onde já tinha estado: Capadócia, Galácia e Bitínia. Estas regiões estão indicadas na primeira parte do mapa interativo. Egéria não relata nada sobre elas, e não faz menção até chegar a Calcedônia, perto de Constantinopla, onde parou para visitar o túmulo de Santa Eufêmia. Esta Santa foi uma cristã que viveu escondida no século III d.C. e que, ao se recusar a cumprir as ordens do governador da Calcedônia de fazer sacrifícios para Ares, uma divindade pagã, foi torturada e acusada de professar a fé cristã.

De Calcedônia ela finalmente chegou a Constantinopla. Lá, termina sua história, escrevendo que pretendia visitar Éfeso, uma cidade grega cujas ruínas completas estão atualmente conservadas. Em Éfeso, ela pretendia visitar o túmulo do apóstolo São João. A rota desta viagem está descrita no mapa interativo em vermelho.

O que aconteceu depois com Egéria? Nada se sabe. Não existem mais dados sobre o seu possível regresso à Hispânia ou de sua morte pelo caminho.

O que é certo, contudo, é que ela termina sua narrativa de uma forma algo misteriosa, o que tem levado alguns intérpretes a pensar que ela

estava doente: “Pela vossa parte, minhas senhoras, luz da minha vida, dignai-vos tão somente lembrar-vos de mim, quer eu esteja neste corpo, quer já fora do corpo” (Egéria, *Viaje de Egeria*. Edição de Carlos Pascual).

## 4.2. O que foi assumido de acordo com as fontes de pesquisa

Uma das grandes questões é como Egéria chegou a Jerusalém. Sabe-se com certeza que fez algumas viagens de barco, pois uma vez ela citou a grandiosidade do rio Eufrates e comparou-o com o rio Ródano, que fica na França. Isto nos leva a supor que ela passou por ali e pôde observá-lo.

Sabemos também que chegou por via terrestre à região da atual Turquia porque, na viagem de regresso, como mencionamos anteriormente, ela cita Tarso como uma cidade pela qual já tinha passado na ida, bem como as regiões da Capadócia, Galácia e Bitínia.

O que está claro é que, quando ela viajava por terra, o pressuposto mais aceito é que seguia as estradas romanas que estavam preparadas para poder viajar por todo o Império Romano sem qualquer problema.

Existem autores, como Carlos Pascual<sup>2</sup> que afirmam que ela partiu da Galácia seguindo a Via Domícia.

<sup>2</sup> Pascual, Carlos (2005). “Egeria, la Dama Peregrina”. *Arbor*, vol. CLXXX, núm. 711-712, pp. 451-464.

Seguiu para a Via Aquitana, cruzando o rio Ródano e chegando por mar a Constantinopla. De lá foi para Jerusalém por uma rota militar que passava pelas províncias de Bitínia, Galácia e Capadócia até chegar a Antioquia e, de lá, para Jerusalém.

Já outros autores, como Eduardo Otero<sup>3</sup> acreditam que ela fez todo o trajeto por terra, percorrendo a Via Domícia e, posteriormente, a Via Aquitana. Ela atravessaria os Alpes, continuaria até Turim e chegaria a Aquileia via Milão, Verona e Pádua.

De lá, ela seguiria rumo a Sirmião através das duas Panônias, passando por Naísso (atual Nis, na Sérvia) e por Sérdica (atual Sofia) até chegar a Constantinopla (atual Istambul). A partir daí, ela iria para Nicomédia e depois para Anatólia em direção a Ancira (atual Ancara) e Tarso. Posteriormente, ela iria para a Síria e chegaria a Antioquia.

Imaginemos o trajeto. Para tal, vamos visualizar o mapa das principais rotas terrestres proporcionadas pelo website: <http://orbis.stanford.edu/> (Imagem 3).



Imagem 3. Mapa das principais rotas terrestres na época do Império Romano.

Fonte: <http://orbis.stanford.edu/>

Se procurarmos o itinerário como se fosse o Google Maps a partir de Flaviium Brigantium (um lugar no extremo oeste da atual Galácia) até Jerusalém e clicarmos apenas na opção “Road”, poderemos visualizar a rota que Egéria poderia

ter feito se tivesse realizado a viagem exclusivamente por terra. A hipótese de Eduardo Otero é baseada na proposta deste itinerário. Pode ser observada outra captura de tela dele (Imagem 4).

<sup>3</sup> Otero Pereira, Eduardo (2018). *Mujeres viajeras de la Antigüedad. Los relatos de Egeria y otras peregrinas en Tierra Santa*.



Imagem 4. Possível rota terrestre seguida por Egéria.

Fonte: <http://orbis.stanford.edu/>

A proposta de Carlos Pascual baseia-se na captura de tela da Imagem 5. Até chegar a Arelate (atual Arles), atravessando o rio Ródano, Egéria teria ido por terra da mesma forma que na Imagem 4, mas de lá ela poderia ter ido de barco até Constantinopla seguindo a rota sugerida por

<http://orbis.stanford.edu/>. Isso implicaria navegar na costa do Mediterrâneo italiano, da Grécia e da Turquia até chegar a Constantinopla, de onde ela teria seguido a mesma rota terrestre para Jerusalém proposta na Imagem 4.



Imagem 5. Possível rota marítima seguida por Egéria a partir o rio Ródano até Constantinopla.

Fonte: <http://orbis.stanford.edu/>

Sabe-se também pela narrativa de viagem que foi conservada até hoje em dia que, antes da excursão ao Monte Sinai (onde a narrativa tem início), Egéria havia feito uma visita ao Egito pelo menos às cidades de Alexandria, Tebaida e Gessem. Isto é conhecido porque, num de-

terminado momento da viagem de regresso do Monte Sinai, ela passa por estas cidades e indica que já as tinha visitado anteriormente. Não se sabe quando ou em que ordem. O que se pode presumir é que ela foi até lá para visitar os monges anacoretas do deserto.

## 5. BIBLIOGRAFIA

Arce, Agustín (1980). *Itinerario de la Virgen Egeria (381-384)*. Madri, Espanha: Biblioteca de Autores Cristianos.

Castillo, Carmen (Ed.) (2016). *El itinerario de Egeria. Los lugares Santos vistos y comentados por una dama cristiana del siglo IV*. Madri, Espanha: Ediciones Rialp.

Castro Hernández, Pablo (2016). "La peregrinación de Egeria. Una aproximación a la geografía sagrada y los sucesos milagrosos en Tierra Santa (s. IV d. C.)". *Revista Historias del Orbis Terrarum*. Santiago, Chile: Anejo de Estudios Clásicos, Medievales y Renacentistas. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://historiasdelorbisterrarum.files.wordpress.com/2016/03/02-pablo-castro-h-la-peregrinacion3b3n-de-egeria2.pdf>

Cid López, Rosa María (2010). "Egeria, peregrina y aventurera. Relato de un viaje a Tierra Santa en el siglo IV". *Arenal. Revista de historia de las mujeres*. Granada, Espanha: Editora Universidad de Granada.

González Marrero, José Antonio e Real Torres, Elvira Carolina (2013). "Imagen y poder femenino en el *Itinerario* de Egeria". *Género y conocimiento en un mundo global*. San Cristóbal de La Laguna, España: Instituto Universitario de Estudios de las Mujeres (IUEM) da Universidade de La Laguna.

Martín-Lunas, Teodoro H. (1994). *Peregrinación de Egeria: Itinerarios y guías primitivas a Tierra Santa*. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme.

Muncharaz, Ana (2018). *El viaje de Egeria. La peregrina hispana del siglo IV*. Madri, Espanha: Editora Palabra.

Otero Pereira, Eduardo (2018). *Mujeres viajeras de la Antigüedad. Los relatos de Egeria y otras peregrinas en Tierra Santa*. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme.

Pascual, Carlos (Ed.) (2018). *Viaje de Egeria. El primer relato de una viajera hispana*. Madri, Espanha: La Línea del Horizonte Ediciones.

Pascual, Carlos (2005). "Egeria, la Dama Peregrina". *Arbor*, vol. CLXXX, núm. 711-712. Recuperado de: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/452>

Real Torres, Elvira Carolina (2018). "El *Itinerarium* de Egeria. Crónica de una peregrinación a Tierra Santa". *Actas del XXVII Congreso Internacional Diálogo Fe-Cultura. ¿Qué aporta la religión?* San Cristóbal de La Laguna. Espanha: Universidade de la Laguna.

Thompson, James C. (s. f.). "Women in Ancient World. The status, role and daily life of women in the ancient civilizations of Egypt, Rome, Athens, Israel and Babylonia" [Blog]. Recuperado em 8 de dezembro de 2020: <http://www.womenintheancientworld.com/index.htm>

## 6 . GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

É possível utilizar este guia de leitura e atividades para realizar um trabalho aplicando a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) ou simplesmente usar o questionário geral sobre a biografia lida, que aparece nesta seção como um guia tradicional de leitura ou de comentários.

A proposta completa desta atividade será um trabalho por projetos, que pode ser aplicado dentro de uma disciplina, mas que tem uma maior aplicabilidade de forma interdisciplinar.

O título do projeto a ser realizado é: **Seguindo os passos de Egéria..**

Neste projeto, pretende-se que os(as) alunos(as) possam criar uma oferta turística de excursões aos lugares visitados pela viajante, fazendo uma comparação com a situação atual desses lugares. Os(As) alunos(as), por sua vez, devem desempenhar a função de guias turísticos e pequenos trabalhadores autônomos que oferecem um orçamento.

### Os objetivos didáticos fundamentais do projeto são:

Conhecer geograficamente a região visitada por Egéria, tanto em sua época quanto no presente.

1. Conhecer culturalmente a época de Egéria.
2. Ser capaz de pesquisar sobre as tarefas de forma independente.
3. Sintetizar uma proposta global para aplicar tais objetivos.
4. Desenvolver a criatividade para tornar um produto atrativo.
5. Desenvolver habilidades tanto de redação escrita quanto de apresentação oral
6. Desenvolver a capacidade de avaliar o custo de um serviço com base em uma comparação com a economia geral.

### As fases de desenvolvimento do projeto são:

#### Fase 1

Em primeiro lugar, os(as) alunos(as) devem sentir-se atraídos pelo assunto. Nesta perspectiva, seria interessante introduzir o tema mediante alguma projeção de um vídeo disponível na internet ou, melhor ainda, produzir um vídeo com qualquer uma das ferramentas disponíveis na internet onde sejam levantadas questões tais como: Você já pensou alguma vez em viajar e viver disso? Você gostaria de se tornar um dos melhores conhecedores da cultura romana? Gostaria de saber como contar a história do Oriente Médio?, entre outras.

#### Fase 2

A fase seguinte envolve a seleção das equipes de quatro a cinco membros com diferentes níveis de conhecimento e habilidades. As equipes serão escolhidas pelo professor ou professora de acordo com tais requisitos. Dentro de cada equipe, várias funções serão escolhidas entre os(as) alunos(as): porta-voz, especialista em informática, pesquisadores...

#### Fase 3

Chega a fase de definição clara do produto final. Nesta parte, a proposta é que a equipe em questão funcione como uma pequena agência de viagens especializada na região do Oriente Médio que oferece viagens curtas (de um, dois ou três dias) aos viajantes que estão na região, com o esplendor das excursões baseadas na narrativa da primeira viajante da qual se conhecem relatos da civilização romana: Egéria. Para realizar a atividade, é necessário dar um nome à agência de viagens. Entre as excursões que a agência deve oferecer está a que lhe seja designada, conforme as propostas mais abaixo. O produto final deve incluir o seguinte conteúdo:

- Um folheto informativo sobre a excursão, com o respectivo orçamento geral para o viajante.
- Um folheto detalhado da excursão, com um orçamento elaborado em função dos custos reais dos meios a utilizar: custo do guia, de transporte e outros.
- Um vídeo publicitário da excursão onde é explicado ao futuro cliente do que ela é composta.

➤ Uma apresentação detalhada, utilizando qualquer uma das ferramentas disponíveis na internet, da excursão que foi designada à equipe e que deve ser oferecida a uma agência de viagens de maior dimensão para a qual pretendem vender tais excursões a futuros clientes.

➤ Uma apresentação oral da excursão, na qual os membros das equipes atuarão como se fossem um guia no dia da explicação aos viajantes. Esta parte do produto final deve conter:

- Vida e viagem de Egéria para a Terra Santa.
  - Contexto histórico-cultural (do mundo romano na época de Egéria quando viajou e do mundo atual na região).
  - Contexto geográfico (onde e como era a região nos tempos de Egéria e como se encontra atualmente).
  - Contexto da vida da mulher no mundo romano e atualmente na região.
  - Explicação do que Egéria narrou sobre o lugar na época, fazendo referência às passagens dos textos sagrados.
  - Explicação do uso atual do lugar, como ele mudou, se deu alguma reviravolta em relação à época de Egéria.
  - Conclusão.
- As excursões a serem distribuídas entre as equipes (uma para cada equipe) são:

1. Egéria no Monte Sinai.
2. Egéria no Monte Nebo.
3. Egéria no túmulo de Jó.
4. Egéria em Hierápolis.

5. Egéria em Edessa.
6. Egéria em Harão.
7. Egéria em Tarso.
8. Egéria na Calcedônia.

#### Fase 4

É necessário fazer um planejamento nesta fase, que deve incluir a data de apresentação final do produto e as datas das etapas intermediárias a serem realizadas.

#### Fase 5

Para realizar o processo de pesquisa, em primeiro lugar, propõe-se utilizar preferencialmente a edição de Carlos Pascual sobre a *Viagem de Egéria (Viaje de Egeria)*. A partir desta edição, cada equipe deverá ler o que a viajante dizia sobre o lugar da excursão a ser abordada. Em segundo lugar, os(as) alunos(as) devem seguir o guia de leitura proposto aqui, que implica a leitura deste livro e um processo de aprofundamento dos seus conhecimentos sobre o conteúdo que leram. As questões contidas neste guia de leitura poderiam ser resolvidas pelos(as) alunos(as), em equipes, e entregues ao professor ou professora para avaliação com o peso percentual que cada um considerar adequado. Só então os dados deverão ser utilizados para o seu produto final.

### Guia de leitura

#### Perguntas comuns para todas as equipes

- O que é a Terra Santa?
- Qual é a diferença entre o período da Re-

pública e o período do Império na civilização romana?

- Pesquise qual foi a extensão da civilização grega e compare-a com a civilização romana.
- Em que ano surgiu o cristianismo? Qual foi a sua situação inicial? Como foi a sua expansão?
- Que partes da Bíblia também faziam parte dos textos sagrados do judaísmo?
- Qual é considerado o primeiro livro de viagens da literatura ocidental? É real ou fictício?
- Analise a *Tabula Peutingeriana* (disponível em: <https://youtu.be/1Vq7cevZass>) e identifique quais eram os confins do mundo para os habitantes do Império Romano na época. Onde começava e onde terminava?
- Pesquise quais eram as regiões da Hispânia na época de Egéria. Quantas são? Onde elas estão localizadas?
- O que são os *ludi* romanos? Quantos eram? Como é que as pessoas participavam e quais eram as regras?
- O que era uma concubina? Era comum tê-la? Você pode falar sobre alguma concubina romana que era conhecida?
- Pesquise sobre a vida da imperatriz Helena.
- Pesquise sobre a vida de Melânia, a Velha.
- Pesquise sobre a vida de Paula de Roma.
- Pesquise sobre a vida de Pomênia.
- Pesquise sobre a vida de Melânia, a Jovem.

#### Perguntas para a equipe 1:

##### Excursão “Egéria no Monte Sinai”

- O que a Bíblia narra sobre o êxodo dos judeus do Egito até a Terra Prometida?
- Pesquise sobre as cenas bíblicas que acontecem no Monte Sinai, tanto as narradas por Egéria quanto as não narradas por ela.

#### Perguntas para a equipe 2:

##### Excursão “Egéria no Monte Nebo”

- O que a Bíblia narra sobre a chegada dos judeus a Jerusalém?
- Pesquise sobre as cenas bíblicas que ocorrem no Monte Nebo e nos arredores, tanto as narradas por Egéria quanto as não narradas por ela.

#### Perguntas para a equipe 3:

##### Excursão “Egéria no túmulo de Jó”

- Pesquise quem foi São João, a sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise quem foi o profeta Elias, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise quem foi Jefté, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise quem foi Jó, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.

#### Perguntas para a equipe 4:

##### Excursão “Egéria em Hierápolis”

- Pesquise sobre a cidade grega de Hierápolis: Por que era conhecida, os ilustres cidadãos que aí nasceram e/ou viveram...
- Pesquise sobre os rios Tigre e Eufrates.

#### Perguntas para a equipe 5:

##### Excursão “Egéria em Edessa”

- Pesquise sobre a cidade de Edessa (atualmente Urfa). Como era antes e como está agora (tanto geográfica como culturalmente)?
- Pesquise quem foi o apóstolo São Tomé, a sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.

---

**Perguntas para a equipe 6:**  
Excursão “Egéria em Harão”

- Pesquise quem foi Abraão, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise quem foi Naor, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise quem foi Betuel, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.

---

**Perguntas para a equipe 7:**  
Excursão “Egéria em Tarso”

- Pesquise quem foi São Paulo, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise quem foi Santa Tecla, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.
- Pesquise sobre a relação entre São Paulo e Santa Tecla.

---

**Perguntas para a equipe 8:**  
Excursão “Egéria na Calcedônia”

- Pesquise quem foi Santa Eufêmia, sua vida e os acontecimentos narrados na Bíblia.

---

**Fase 6**

Após a conclusão e apresentação de todos os projetos, os(as) alunos(as) devem ser avaliados. Para tal, é muito importante que tenha sido realizada previamente uma rubrica de avaliação, na qual os itens que os(as) professores(as) considerem adequados sejam avaliados para que eles possam orientar corretamente seu trabalho. Esta rubrica pode ser elaborada com o uso das ferramentas para este fim que se encontram na internet.

---

**Fase 7**

Além disso, a *posteriori*, os(as) alunos(as) devem fazer uma autoavaliação, na qual, por meio da rubrica inicial, colocam-se a si mesmos a nota que considerem adequada e expliquem quais foram seus pontos fortes e fracos.

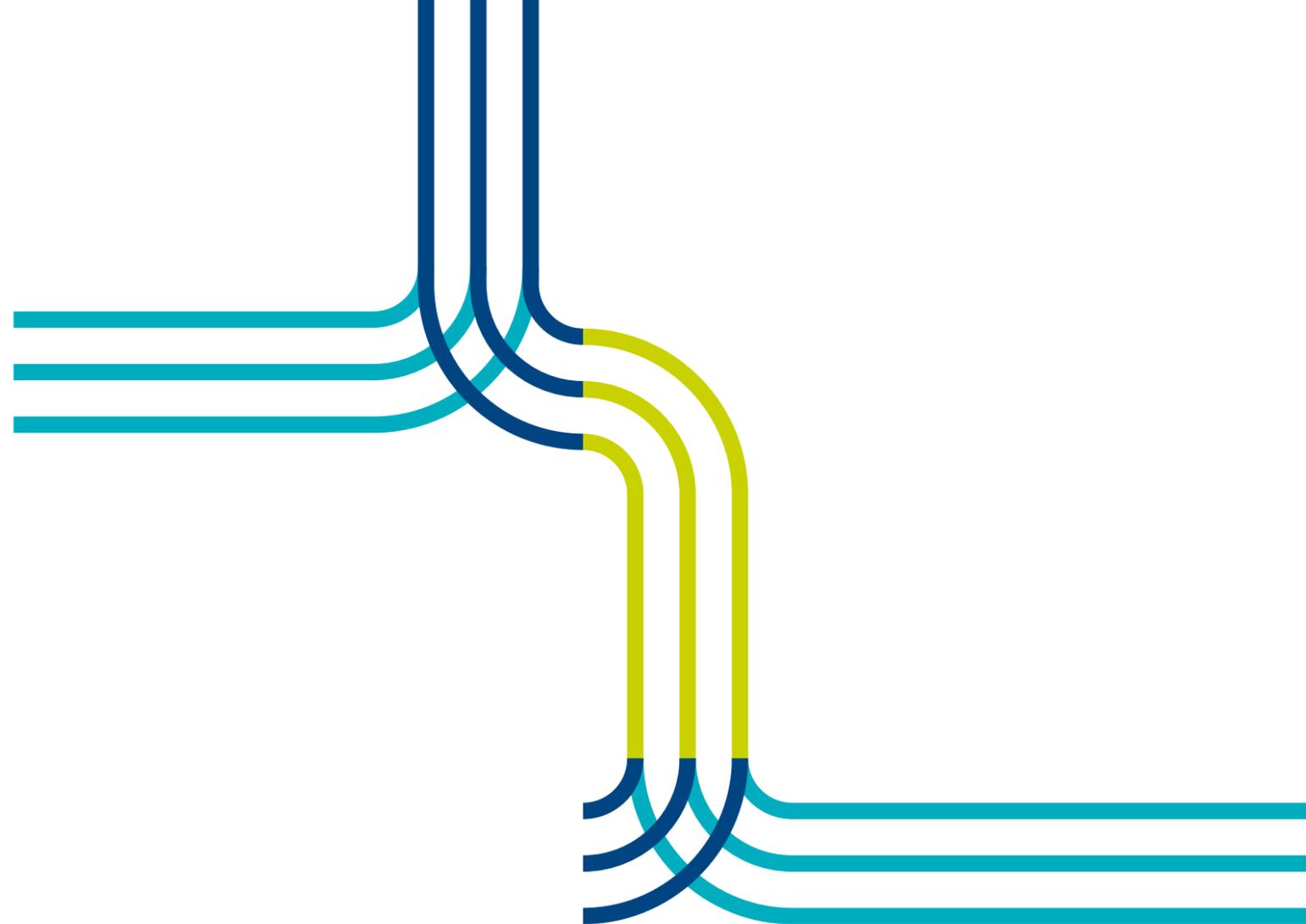
---

**Fase 8**

Finalmente, os(as) alunos(as) devem fazer uma avaliação do projeto: em que medida alcançaram os objetivos, a metodologia utilizada, a aquisição de conteúdos. Para tal, é necessário que os(as) professores(as) elaborem um formulário de avaliação com base nos itens que considerem adequados, para o qual poderão utilizar qualquer uma das ferramentas disponíveis na internet.

**Neste projeto, seis competências-chave seriam desenvolvidas:**

1. Competência em comunicação linguística..
2. Competência matemática.
3. Competência digital.
4. Aprender a aprender.
5. Competências sociais e cívicas.
6. Iniciativa e espírito empreendedor.





# Beatriz Galindo

Uma mulher do  
Renascimento

*Rosa Jiménez Asensio*

## ÍNDICE

Introdução

Cronologia

### 1. A época. O Renascimento, uma transição entre duas idades

1.1. Caracterização do Renascimento

1.2. O Humanismo Renascentista

1.3. A propagação do Humanismo na Espanha

### 2. Beatriz Galindo, “la Latina”. Uma vida para as letras e os negócios

2.1. Suas origens e formação humanista

2.2. Educadora e conselheira na corte. Seu casamento e a sua descendência

2.3. Fundadora de mosteiros e administradora de bens

2.4. O que Beatriz Galindo nos diz hoje em dia

### 3. As mulheres renascentistas do Humanismo

3.1. *As Puellae doctae*

3.2. *A querela das mulheres*

### 4. Bibliografia

### 5. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

“Acatando que os bens que possuo foram obtidos de favores e doações de Vossas Altezas para minha indústria, serviços e obras”

No centro de Madri existe um bairro — e uma estação de metrô — conhecido como La Latina. Normalmente nos movemos pelas cidades, por suas ruas e seus bairros sem prestar muita atenção a seus nomes. Por isso, a maioria das pessoas não sabe a que se refere esta “La Latina” nesta zona antiga da capital espanhola. Bem, pois essa Latina está no título deste livro, Beatriz Galindo. Mas porque é que ela tem um bairro e uma estação de metrô? Ela era tão importante? O que fez para que os madrilenos se lembrassem dela para a posteridade?

Este texto que temos em mãos nos dará uma resposta a essas perguntas. Por enquanto, antecipamos apenas que Beatriz Galindo viveu neste distrito durante o tempo em que residiu em Madri. Nele, ela construiu dois conventos e um hospital que funcionou até o início do século XX, quando foi demolido para ampliar outras ruas. Nossa protagonista teve uma grande influência na configuração do bairro e de outros bairros da cidade devido à quantidade de imóveis que possuía.

Seu marido e ela tornaram-se os maiores proprietários de terras em Madri e também obtiveram grandes propriedades em Málaga e Granada. O que é significativo é que esta fortuna procedia ou de doação dos Reis Católicos, dos quais eram servos leais, ou de sua própria aquisição. Tal fato define Beatriz Galindo e seu marido como expoentes de um novo tempo, a Idade Moderna, e da nova forma de acumular riquezas, que já não é da nobre linhagem, como na Idade Média, mas, como ela mesma diz em testamento: “Acatando que os bens que possuo foram obtidos de favores e doações de Vossas Altezas para a minha indústria, serviços e obras”<sup>1</sup>.

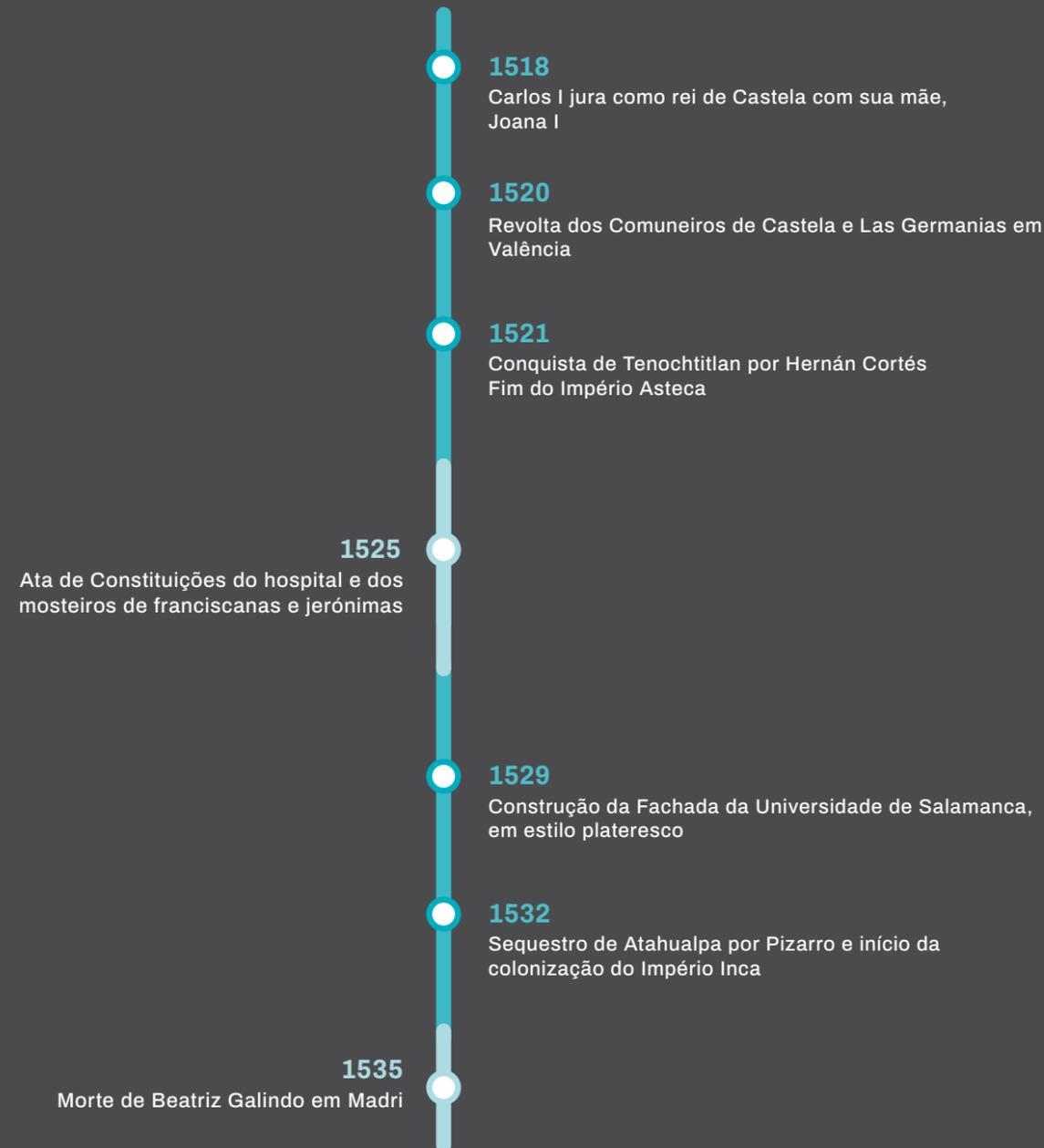
O interesse na melhoria cultural e na administração dos bens adquiridos com trabalho e esforço são os eixos em torno dos quais gira a vida desta mulher, que inaugura tempos em que, em alguns aspectos, ainda nos encontramos.

<sup>1</sup> O testamento de Beatriz Galindo pode ser consultado em: [http://www.memoriadeMadri.es/download.php?nombre=avm\\_19-26-4.pdf&id=doc\\_anexos/Workflow/4/215732/avm\\_19-26-4.pdf](http://www.memoriadeMadri.es/download.php?nombre=avm_19-26-4.pdf&id=doc_anexos/Workflow/4/215732/avm_19-26-4.pdf)

# CRONOLOGIA

## SÉCULOS XV-VVI RENASCIMENTO





Fonte: Elaboração própria.

## 1 . A É P O C A

### O RENASCIMENTO, UMA TRANSIÇÃO ENTRE DUAS IDADES

**P**ara conhecer nossa personagem, precisamos saber quando ela viveu, o que acontecia naqueles momentos e o lugar que ela, como mulher, ocupou. Portanto, começemos pelo momento em que ela viveu: o Renascimento, entre os séculos XV e XVI, uma época de mudança entre duas etapas: a Idade Média e a Idade Moderna.

#### 1.1 Caracterização do Renascimento

O Renascimento é o resultado de uma série de inovações sociais, econômicas, políticas e ideológicas que tinham lançado suas bases nos séculos anteriores, mas que agora assumem um significado completamente novo. Complexidade, continuidade e ruptura são os conceitos que caracterizam uma era de crise e esplendor em todos os aspectos da vida.

O Renascimento representa um tempo de crise porque traz à tona, de forma clara, a tensão do tempo histórico do passado e um futuro que sempre se manifesta incerto. É verdade que

muitas coisas mudam, mas muitas das anteriores mencionadas permanecem as mesmas.

Naquela época, surgia uma nova ordem socioeconômica baseada nos novos hábitos de trabalho e formas de produção da classe social emergente, a burguesia. Assim começaram os primeiros passos do capitalismo que exigiria, cada vez mais, autonomia em relação aos obstáculos da estrutura feudal.

Deste modo, emerge também uma sociedade de classes que se justifica a si mesma perante a sociedade comunitária da Idade Média, cujas hierarquias e privilégios eram sustentados por uma cultura teológica.

Por sua vez, o Estado nacional é criado; as monarquias autoritárias serão a expressão de uma organização autônoma da vida política, que gradualmente vai abrindo caminho sobre as antigas instituições medievais. O novo Estado surge como o garante das relações econômicas e da paz social.

Este novo modelo de Estado, do qual o reinado dos Reis Católicos é um exemplo paradigmático, consolida-se ao confrontar, por um lado, a nobreza feudal que continua exigir a sua quota de poder (razão pela qual os Reis Católicos apoiaram e promoveram a ascensão social da baixa nobreza que lhes era fiel) e, por outro lado, os reinos vizinhos para fechar e reforçar as fronteiras do próprio Estado sobre o qual exercem sua soberania. Isto foi feito por meio da violência e da guerra, por isso a nova arte militar adquiriu tanta importância.

Imagem 1  
Pradilla e Ortiz, Francisco.  
A rendição de Granada. 1882.  
Óleo sobre tela. 330 x 550 cm.



Recuperada de Senado de España "<https://www.senado.es/>

## 1.2 O Humanismo Renascentista

Foi assinalado que uma das características do Renascimento é o Humanismo. Porém, este termo não foi criado até o século XIX. Nos séculos XIV e XV, falava-se dos *studia humanitatis* (a educação humanista) e dos homens que nela se formavam (os humanistas). Os *studia humanitatis* compreendiam cinco disciplinas (gramática, retórica, poética, história e filosofia moral) e baseavam-se nos textos dos clássicos redescobertos. A aspiração dos professores de Humanidades era a de formar as pessoas de acordo com o ideal clássico expresso nestes ensinamentos.

O movimento humanista inspira-se na literatura clássica (Homero, Virgílio, Tácito, Cícero ou Ovídio), mas vai além das interpretações medievais cristãs. Juntamente com os textos clássicos, ele tenta também recuperar o cristianismo primitivo. Existe um desejo de renovar as estruturas e os costumes eclesiásticos a fim de resgatar o espírito do primeiro cristianismo que se combina com o da Antiguidade clássica, para a configuração de um novo homem, herdeiro de ambas as tradições.

O Humanismo está também ligado à participação na vida pública. Os humanistas buscam formar os novos governantes, que devem saber como comportar-se em ambientes palacianos e diplomáticos e devem dominar a persuasão retórica. Por este motivo, o domínio da língua latina era essencial para todo governante ou membro da elite política, uma vez que seu desconhecimento implicava a exclusão dos locais onde as decisões eram tomadas. O latim era a língua com que os membros das diferentes cortes europeias se comunicavam, num momento de uma intensa atividade diplomática para a configuração do mapa dos Estados nacionais.

A base de todos estes novos fenômenos encontra-se em uma nova visão do ser humano que é agora considerado como possuidor da capacidade de intervir na ordem terrestre a partir de uma vida que já não é pura contemplação (ao contrário do que acontecia na Idade Média). Isso não significa uma rejeição da religiosidade; de fato, na Espanha, a vida religiosa ainda está muito presente entre os humanistas, e este movimento se entrelaça com movimentos reformistas de dentro da Igreja, como o realizado pelo cardeal Cisneros, que coincide, em parte, com a vida de Beatriz Galindo.

## 1.3 A propagação do Humanismo na Espanha

O movimento de recuperação do espírito clássico difundiu-se pela Península Ibérica de formas muito diferentes e em épocas diferentes. Foi recebido pela primeira vez nos territórios da Coroa de Aragão devido à sua proximidade com as terras italianas, o berço do Humanismo. Desde o século XIII, a monarquia aragonesa já tinha iniciado a sua política de expansão imperial pelo Mediterrâneo; no século XV, durante o reinado de Afonso V, o seu poder estendia-se à Sicília, Sardenha e ao reino de Nápoles. Este rei, que transferiu a corte para Nápoles, foi um dos primeiros príncipes renascentistas defensores da cultura clássica e mecenas de muitos humanistas.

À Coroa de Castela, chegou um pouco mais tarde, embora haja antecedentes na literatura do século XIV e um Pré-Renascimento na primeira metade do século XV. Nesta época, ganham força os novos ares e as novas sensibilidades vindas da Itália, criando uma geração de juristas, políticos, historiadores que questionavam os princípios em que assentavam as instituições tradicionais. Alfonso de Cartagena, Alonso de Palencia ou Juan de Mena pertencem a esta afiliação; todos eles têm em comum sua origem de famílias de judeus convertidos que faziam parte da incipiente burguesia urbana e a influência que esta exerceu na corte e nas esferas eclesiásticas, ocupando nelas altas posições.

Os Reis Católicos apoiaram-se muito nestas novas correntes de pensamento porque encontraram nelas o terreno ideológico de que necessitavam para seus planos políticos e a nova visão social e cultural que desejavam difundir.

O patrocínio da rainha Isabel e o apoio do cardeal Cisneros foram elementos essenciais para a difusão do Humanismo e de seu selo característico: um humanismo cristão.

A ascendência da Igreja na sociedade impediu o progresso de uma cultura secular que gerou muitos frutos nas províncias italianas, mas algumas mudanças puderam ocorrer na arcaica estrutura eclesiástica espanhola: reforma das ordens conventuais para torná-las mais ascéticas, fundação de colégios universitários e expansão das universidades para converter o domínio das letras em um sinal de distinção social.

A fundação da Universidade de Alcalá de Henares pelo cardeal Cisneros (1499) é uma prova do desejo de reforma eclesiástica que inspira este humanismo cristão. Esta universidade tinha uma finalidade puramente teológica, embora não negligenciasse a formação em gramática e artes liberais. Uma de suas maiores conquistas durante este período foi a elaboração da magna Bíblia Poliglota Complutense, produzida por uma grande equipe de especialistas em línguas antigas recrutados por Cisneros e que resultou na primeira Bíblia em latim, grego, aramaico e hebraico, seguindo extensas referências antigas e estudos filológicos.



Imagem 2  
Antonio de Nebrija lecionando. 1486 aprox.  
Miniatura de página inteira no início do manuscrito.  
*Introductiones latinae*.

Domínio público. Recuperada de: <https://commons.wikimedia.org/>

Outro expoente básico do humanismo hispânico é Elio Antonio de Nebrija (1444-1522). Ele estudou em Bolonha e de lá trouxe um forte espírito crítico com a Escolástica e as tradições eclesiásticas, além de um grande interesse por filologia, artes e ciências. Foi um divulgador dos estudos latinos, para o qual publicou *Introductiones latinae*, a fim de aprendê-lo e recuperar um latim culto que se tinha perdido devido ao mau uso que clérigos e leigos fizeram dele nos séculos anteriores. Uma de suas reedições foi patrocinada pela rainha Isabel para que as freiras estudassem latim com uma tradução para o castelhano, sem a ajuda de seus companheiros do sexo masculino. Porém, sua obra mais famosa é a primeira descrição sistemática da estrutura e do funcionamento de uma língua comum: a *Gramática da Língua Castelhana* (1492).

As mulheres também participaram do humanismo espanhol, graças, entre outras coisas, ao patrocínio da rainha Isabel. No entanto, trataremos desse tema mais adiante. Vamos agora ver como Beatriz Galindo se desdobra neste mundo.



**A ascendência da Igreja na sociedade impediu o progresso de uma cultura secular que gerou muitos frutos nas províncias italianas, mas algumas mudanças puderam ocorrer na arcaica estrutura eclesiástica espanhola: reforma das ordens conventuais para torná-las mais ascéticas, fundação de colégios universitários e expansão das universidades para converter o domínio das letras em um sinal de distinção social**

## 2. BEATRIZ GALINDO

“LA LATINA”.  
UMA VIDA PARA  
AS LETRAS E OS  
NEGÓCIOS

### 2.1. Suas origens e formação humanista

**H**á muitas incertezas sobre a vida de Beatriz Galindo, especialmente porque, como ela não é uma personagem régia, não é muito mencionada nas crônicas. Se adicionarmos a isto sua condição feminina, a invisibilidade aumenta.

Para começar, não sabemos se ela nasceu em Salamanca ou em Écija, embora a primeira pareça mais fiável. Tampouco temos certeza de quando ela nasceu, uma vez que sua certidão de nascimento não foi encontrada; para alguns historiadores foi em 1465, enquanto outros o situam em 1475. Pelos acontecimentos que sabemos de sua vida, é muito mais provável que tenha sido em 1465. As origens de sua família tampouco são claras, embora pareça que ela era filha de um cavaleiro, oriundo de Zamora, que ficou viúvo quando era jovem. Ele tinha um irmão, Gaspar de Grizio, que se tornou secretário



Imagem 3  
Casa de Salamanca onde Beatriz Galindo supostamente teria morado.

Fotografias da autora.

da rainha Isabel, a Católica. Não é de estranhar que Beatriz Galindo e seu irmão tivessem sobrenomes diferentes sendo filhos dos mesmos pais, pois, até o Concílio de Trento (1545-1563), os sobrenomes eram livremente escolhidos pelos pais e não tinham que corresponder aos deles.

Sua infância tem lugar em Salamanca. Naquela época, a cidade prosperava sob o manto da vida universitária. A Universidade de Salamanca é uma das mais antigas da Espanha; sua origem está, como muitas outras universidades, nas escolas da catedral fundadas pela Igreja já no século XII. O rei Afonso X de Castela foi quem lhe concedeu o título de Universidade em meados do século XIII.

Grande parte da vida de Salamanca girava em torno da Universidade, uma vez que os estudantes (todos homens) precisavam de várias profissões para atender às suas necessidades. Isto favorecia o comércio e a atividade econômica. A tradição dos trotes — quase tão cruéis quanto os atuais — já punia os recém-chegados que ingressavam nas escolas secundárias para aprender latim primeiro e, assim, poder passar para o ensino médio.

Salamanca faz parte do reino de Castela e Leão, e neste momento ocorriam graves conflitos de sucessão na casa de Trastámara entre o rei de Castela Enrique IV e sua meia-irmã Isabel. Quando Isabel ascende ao trono de Castela, após a morte do seu irmão, Beatriz Galindo tem nove anos. O conflito de sucessão continuou entre os partidários de Joana, filha de Enrique IV (chamada “a Beltraneja” por seus detratores, que acreditavam que ela era a filha biológica de Beltrán de la Cueva e não do rei) e os defensores dos direitos de sucessão de Isabel. A guerra terminou com a assinatura do Tratado de Alcáçovas (1479), que reconheciam os direitos de Isabel e Fernando como reis de Castela.

Por pertencer a uma casa que se interessava pelas letras e artes, Beatriz recebeu a mesma educação que os homens e pôde ter acesso aos livros que estavam disponíveis na biblioteca de sua casa; eram livros essencialmente religiosos, mas não exclusivamente.

Acredita-se que ela tenha seguido os ensinamentos de professores de latim que lhe permitiram dominar esta língua. Aprender latim foi fundamental em sua formação e ela estava consciente da importância que isso tinha no

acesso ao conhecimento. Saber latim permitiu que ela pudesse ler alguns autores clássicos, especialmente Aristóteles, mas também Plínio, Sêneca, Plutarco, Virgílio, Tito Lívio ou Cícero. Parece que leu também Enrique de Villena, o Marquês de Santillana, Juan de Mena ou Jorge Manrique, todos eles representantes das artes humanistas de sua época. Isto nos permite afirmar que Beatriz Galindo se formou na cultura humanista que tinha permeado alguns setores da nobreza castelhana e aragonesa.

Quando tinha catorze anos (1479), seu pai ficou viúvo e ela foi enviada para o convento. Durante este período, segundo Almudena de Arteaga relata em uma das poucas biografias que existem sobre Beatriz<sup>2</sup>, ela dedicou-se ao estudo e aproveitou a sua condição de noviça para ter acesso, não apenas às bibliotecas dos conventos, mas também à da Universidade, onde frequentemente ia, chamando a atenção dos professores, uma vez que não era habitual encontrar uma mulher jovem entre os estudantes, e muito menos que mostrasse tanto entusiasmo pelo conhecimento..

A biblioteca da Universidade naquela época não era muito extensa, já que os textos eram manuscritos. Contudo, a difusão da recente invenção da imprensa (por volta de 1453) permitiu aumentar tanto o número quanto a diversidade dos volumes. Logo, Beatriz provou ser muito talentosa em latim e foi inclusive admirada por seus professores, que, em certa ocasião, foi chamada para substituí-los na sala de aula, apesar da estranheza que uma mulher como professora na sala de aula causava.

<sup>2</sup> De Arteaga, Almudena (2007). *Beatriz Galindo, la Latina. Maestra de reinas.*

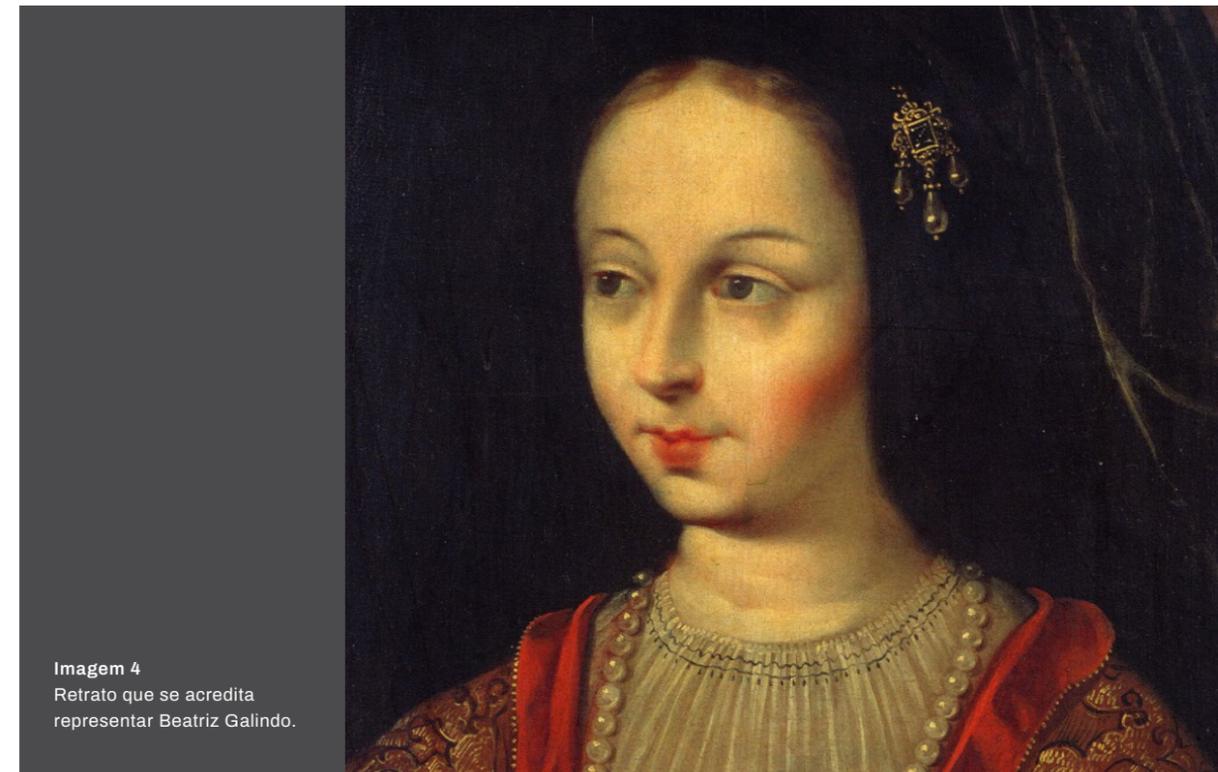


Imagem 4  
Retrato que se acredita  
representar Beatriz Galindo.

Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

## 2.2. Educadora e conselheira na corte. O seu casamento e a sua descendência

Desde então, ela passou a ser conhecida como “la Latina”, embora este apelido fosse usado para todas as mulheres que falavam latim. Seu caso é quase único entre as mulheres cultas de sua época, uma vez que tradicionalmente se refugiavam nos mosteiros, onde podiam desenvolver seus projetos intelectuais protegidas das críticas do mundo exterior. No entanto, Beatriz Galindo não parecia ter muito interesse na vida monástica, seguindo o modelo da mulher culta leiga marcado pelas novas correntes humanistas, sem que isso prejudicasse seus compromissos religiosos, que foram muitos ao longo de sua vida.

Sua fama de erudita e professora havia chegado até corte, que naquela época estava em Madri, e a rainha Isabel I a convidou para ser sua professora de latim. Não tendo sido educada para ser uma rainha (o herdeiro ao trono era seu irmão Enrique IV, como já vimos), Isabel não sabia latim, tão necessário para as tarefas políticas; da mesma forma, suas preocupações intelectuais e artísticas levaram-na ao desejo de conhecer esta língua.

Aparentemente, foi muito eficaz como professora real, o que é atestado pelos cronistas da época, que elogiaram o domínio do latim destas

duas senhoras. Galindo foi não apenas a professora de latim da rainha, mas também sua conselheira e confidente durante dezenove anos, ocupando um lugar de destaque em seu círculo privado, mesmo que ela só tivesse o status de criada da rainha. Da mesma forma, a rainha quis que ela continuasse instruindo suas filhas Isabel, Joana, Maria e Catarina, a quem também ensinou a cultura dos antigos sábios. La Latina compartilhou a educação das infantas com outros preceptores nomeados pelos reis.

Durante estes anos, parece que ela escreveu alguns livros em latim, embora nenhum tenha sido conservado. A ela é atribuída a escrita de *Comentários sobre Aristóteles*, *Poesias latinas* e *Notas sábias sobre os antigos*, o que nos mostra as linhas de interesse desta autora.

Nos anos seguintes, Beatriz Galindo seguiu os reis em sua corte itinerante, ensinando as infantas e aconselhando a rainha. No meio da campanha de Granada, a rainha decidiu recompensar os serviços de La Latina e, como era costume naquela época, arranhou um bom casamento para ela. O escolhido foi um fidalgo, filho do Corregedor de Madri e de família de ascendência cantábrica, famoso por suas façanhas na guerra, viúvo com filhos a cargo e que tinha o dobro da idade de Beatriz: Francisco Ramírez de Oreña (1445-1501), conhecido como “el Artillero”, Francisco Ramírez de Madri ou Francisco de Madri.

“El Artillero” forjou sua fama nas Guerras de Sucessão por seu domínio nas novas estratégias de guerra e ocupou um lugar cada vez mais relevante na corte, aumentando sua riqueza e posições. A ascensão social de “el Artillero” deveu-se à importância que a revolução militar adquiriu naquela época, fundamental para a

configuração dos Estados modernos, dos quais o dos Reis Católicos foi um dos primeiros. Esta revolução remete a uma série de transformações em diversos setores: no armamento, com o uso da pólvora que permitia a fabricação de artilharia pesada mais eficaz; na organização, com a generalização do exército de mercenários controlados mais ou menos pelos poderes políticos; e nas táticas e estratégias de guerra, onde prevaleceram os cercos que prolongavam as campanhas e exigiam grandes gastos econômicos.

Ao longo de vinte e sete anos de serviço aos Reis Católicos, Francisco Ramírez acumulou um grande número de cargos administrativos. A concentração de poderes nas mãos dos Reis para construir um Estado moderno unificado, e a extensão de suas atribuições a todos os territórios da Coroa perante o poder da nobreza exigia uma poderosa rede de administradores que fossem fiéis. Neste sentido, Francisco demonstrou seu valor e experiência.

Da mesma forma, ele aumentou e consolidou propriedades rústicas e urbanas, especialmente como resultado das campanhas de conquista em Málaga e Granada. Estas últimas foram um empreendimento decisivo para os Reis Católicos, pois culminaram o processo de unificação territorial da Coroa cristã, e também para “el Artillero”, uma vez que sua atuação foi fundamental para a vitória. Desta forma, ele foi tomando cada vez mais destaque na corte que, naquele momento, circulava entre Sevilha e Córdoba, que já tinham sido conquistadas.

Sua intervenção foi fundamental para a tomada de Ronda, Cambil, Alhabar e sobretudo na difícil e sangrenta conquista de Málaga (1487), o que lhe valeu o título de cavaleiro pelo rei Fernando,

além de muitos outros bens. O cerco de Málaga foi um dos mais longos e terríveis desta guerra e as condições de rendição foram especialmente dolorosas para os habitantes que ainda viviam.

Os Reis Católicos recompensaram sua participação com grandes propriedades nestas áreas. “El Artillero” aumentou estas posses ao comprar propriedades de muçulmanos e judeus nos anos imediatamente posteriores à conquista, aproveitando a urgência deles em partir para a África. Entre as propriedades adquiridas, herdadas ou doadas, o capital de Francisco de Madri era um dos mais vultosos dos membros da corte, o qual ele administrou e aumentou com grande eficácia. No final de seus dias, era o maior dono de propriedades urbanas e rústicas em Madri e possuía grandes posses na Andaluzia.

Durante as campanhas de Málaga e Granada, Beatriz Galindo acompanhou a rainha e a corte em seus deslocamentos, perto das frentes de batalha. Isabel acreditava que sua presença assegurava a lealdade e o esforço dos nobres e das tropas na conquista, por isso lhes encorajava. Alguns historiadores consideraram estas aparições como elementos básicos na guerra psicológica. Ela também garantia a ordem nas estradas e nas cidades ao impor uma mão firme da justiça contra furtos e excessos nos lugares por onde passava, bem como se responsabilizava de arrecadar receitas para a causa da conquista, tanto dos nobres quanto dos impostos sobre os súditos, e com os empréstimos que contraía dos judeus.

Uma vez iniciada a expedição para a conquista de Granada, o último enclave do reino Nasrida, os reis acamparam na planície de Granada e, pouco depois, instalaram o acampamento na cidade de Santa Fé e transferiram a corte para lá

para mostrar que não partiriam até à conquista da cidade. Um dos arquitetos desta construção foi Francisco Ramírez, que preparou o ataque com o rei.

Após um longo cerco à cidade de Alhambra, cujos habitantes temiam acabar como os de Málaga, e após as lutas internas que tinham enfraquecido a monarquia Nasrida, o rei Boabdil iniciou uma negociação para se render aos reis cristãos. Assim, em novembro de 1491, ele concordou com algumas capitulações que eram na realidade muito vantajosas para os reis e súditos de Granada: suas propriedades, a prática de sua religião e sua língua foram respeitadas; eles foram autorizados a ter negócios e a serem julgados pela justiça Nasrida. As capitulações foram assinadas em Santa Fé em 2 de janeiro de 1492 e os Reis Católicos entraram em Granada em 6 de janeiro.

Durante o período do início das negociações até à assinatura das capitulações, várias celebrações foram realizadas no acampamento de Santa Fé, incluindo, segundo alguns relatos, o casamento de Francisco Ramírez e Beatriz Galindo em 20 de dezembro. Como muitas outras ações da Coroa, esse casamento obedeceu à política promovida pelos reis de consolidar uma nova nobreza média, fiel e próxima à sua concepção moderna de Estado centralizado. A rainha deu a Beatriz um dote financeiro significativo e manteve o casal na corte. Além disso, no acordo pré-nupcial que fez “el Artillero” assinar, Isabel obrigou-o a melhorar sua herança para os filhos que tivesse com Beatriz, para além dos direitos que os cinco filhos de sua primeira esposa tinham.

Beatriz passou os primeiros meses do casamento na corte; ela só foi a Madri para dar à

luz o seu filho primogênito em 24 de agosto de 1492, quando os navios de Cristóvão Colombo marchavam em busca de um caminho para as Índias através do Ocidente. O menino chamou-se Fernando porque foi apadrinhado pelo rei, e seu pai criou para ele um legado muito valioso com bens em Madri, Jaén e Granada. Quatro meses após o parto, Beatriz partiu para Barcelona com a rainha, deixando o filho aos cuidados dos criados da casa. “El Artillero”, que se encontrava em terras andaluzas, também foi para lá para comprar mais propriedades, e pode ser que juntos tenham assistido à recepção que os Reis Católicos deram a Colombo, recém-chegado de sua viagem e conheceram em primeira mão seus relatos.

Nesta viagem, Beatriz engravidou de seu segundo e último filho, Nuflo Ramírez Galindo, e a rainha pagou as despesas de seu deslocamento para Madri para dar à luz. Ela ficou alguns anos nesta cidade cuidando de seus filhos e de seus bens, e continuou recebendo o salário da rainha, apesar de não ter trabalhado como professora das infantas. Este fato mostra a proximidade que manteve com a soberana. Isso é corroborado pelo fato de ela ter nomeado seu filho Fernando, ainda muito jovem, chanceler da Ordem de Alcântara, uma das quatro ordens militares e religiosas da época.

A influência do casal sobre os reis também se tornou evidente quando o irmão de Beatriz, Gaspar de Grizio, foi nomeado membro da casa de João, o primogênito dos reis e seu sucessor. A partir de sua posição privilegiada, ela conseguiu que seu sobrinho Fernando Ramírez Galindo se juntasse à comitiva do príncipe. Desta forma, a posição da família Ramírez é reforçada na corte, e Beatriz pode estar com seu filho, que a partir desse momento seguirá a comitiva

dos Reis Católicos ao lado de sua mãe; além de aumentar sua fortuna, uma vez que o desempenho da função de pajem do príncipe também foi pago. Anos mais tarde, tio e sobrinho acompanhariam o príncipe para receber sua futura esposa, Margarida de Áustria, e para o noivado em 3 de abril de 1497, embora o casamento não durasse muito, já que seis meses depois o herdeiro da Coroa faleceu. A filha dele, a título póstumo, tampouco sobreviveu ao parto. Com eles, a dinastia de Trastâmara em Castela terminou e deu lugar à dinastia dos Habsburgos da Áustria, mas isso estava ainda a alguns anos de distância.

A melhora da situação financeira do casal levou-o a fundar um segundo legado para o seu filho mais novo, Nuflo, e para isso obtiveram a licença dos Reis Católicos em 1499. Para tal, Francisco de Madri faz um testamento nesse ano num documento que esclarece muito bem como eram os direitos e obrigações para com os filhos, a esposa ou os criados, a posição e poder da Igreja ou da Coroa, a forma de transmissão dos bens, a força das crenças e a forma de garantir a salvação com missas e instituições de caridade *post mortem*. No testamento, ele deixa uma grande parte de sua fortuna para os dois filhos de Beatriz Galindo em detrimento dos que teve com sua primeira esposa. Ele concedeu a Fernando a maioria das propriedades em Madri e Granada e criou-lhe o legado de Bornos, e à Nuflo deixou os bens e propriedades que possuíam em Málaga e Sevilha. Além disso, pediu aos Reis que, após sua morte, os cargos que lhes tinham sido atribuídos e as posições que ocupava nas ordens militares fossem transmitidos aos filhos. Esta posição expõe claramente a vontade de “el Artillero” de que seus bens, seu nome e linhagem estejam ligados aos filhos de Beatriz ou, no caso dele, aos filhos de sua pri-

meira esposa, exceto o mais velho. De fato, ele obrigava todos os seus descendentes a portar Ramírez como primeiro sobrenome, o que não era comum na época. Outra informação relevante neste documento é a ordem de libertação imediata, ou após alguns anos, dos escravos que a casa tinha ao seu serviço, o que comprova também a existência da escravatura como prática corrente na Espanha no final do século XV.

As circunstâncias fizeram que este testamento não levasse muito tempo para entrar em vigor. Francisco Ramírez de Madri “el Artillero” morreu dois anos após o texto ter sido escrito. Antes disso, os cônjuges receberam a notícia de que o Papa lhes havia concedido uma dispensa para fundarem o hospital para pobres Concepción de Nuestra Señora.

Um ano antes de sua morte, o governo das terras conquistadas de Granada havia passado para as mãos do cardeal Cisneros, o qual pretendia converter à força os muçulmanos recalcitrantes e impor os costumes e a cultura Nasridas com o apoio da Inquisição, que agia diariamente. Este comportamento levou a uma rebelião entre os muçulmanos. O rei Fernando dirigiu-se para lá com os exércitos de vários nobres e, mais uma vez, Francisco de Madri, que já tinha sessenta anos. Eles conseguiram reprimir a revolta e reconquistaram vários lugares, porém, no caminho de volta, um novo surto rebelde eclodiu na Serranía de Ronda e aqui, na Serra Bermeja, “el Artillero” morreu em 17 de março de 1501.

Sua morte foi conhecida por Beatriz em Sevilha, onde estava com a rainha e a corte, e exaltada um século mais tarde com alguns versos de Lope de Vega em *Jerusalém con-*

*quistada*. Existem várias referências de como foi o sepultamento de Francisco Ramírez, mas a verdade é que, após vários deslocamentos, não se sabe onde estão enterrados atualmente seus restos mortais.



Doña Isabel Galindo (la latina) dando lección a Isabel la Católica.

**Imagem 5**  
Urrabieta, Vicente. *Doña Isabel [debería decir Beatriz] Galindo (la latina) dando lección a Isabel la Católica*. 1851.  
Grabado publicado en *Semanario Pintoresco Español*.

Vicente Urrabieta, Public domain, via Wikimedia Commons

Embora o mais comum tivesse sido que Beatriz tivesse ido para um convento ou voltado a casar, ela decidiu continuar ao lado da rainha nos momentos difíceis que a Coroa atravessava. Com efeito, após a morte dos filhos mais velhos e de seus descendentes, a herdeira era Joana, casada com Filipe de Habsburgo, o Belo, que já era mãe de dois filhos, mas não gozava da confiança de seus pais como herdeira ao manifestar mais interesse em sua relação matrimonial do que no governo.

A partir desse momento, Beatriz dividiu seu tempo entre a corte e a administração dos negócios da família, bem como no litígio por discordar sobre alguns aspectos do testamento de seu marido. Tampouco o filho mais velho de Francisco Ramírez estava de acordo, mas por razões completamente diferentes, é claro. Isto o levou a confrontos intensos com Beatriz, que buscou a proteção real para se defender. O próprio rei Fernando assinou uma ordem que proibia o enteado de entrar sem permissão na casa da família.

Enquanto isso, na corte, Beatriz serviu a rainha em seus últimos anos de vida. Ela viu a chegada de Joana e Filipe para jurar como herdeiros da Coroa de Castela e Aragão, e o nascimento do terceiro filho do casal (os dois anteriores, Leonor e Carlos, futuro Carlos I, tinham permanecido na Flandres, e a rainha não os conheceu). Ela acompanhou a rainha em sua viagem de Segóvia a Medina del Campo para tentar convencer Joana a não partir à Flandres em busca de seu marido e a assumir a responsabilidade por suas obrigações como futura governante, e testemunhou o fracasso deste empreendimento. A saúde da rainha enfraquecia cada vez mais, e em outubro de 1504 ela decidiu fazer um testamento. Não está documentado, mas é possível que Beatriz tenha assistido àquele ato, uma vez que escreveu seu próprio testamento seguindo o modelo do testamento da rainha. Neste testamento, declara a filha Joana I de Castela como herdeira universal e afirma que, se Joana estiver ausente ou incapaz de exercer o reinado, seu pai, o rei Fernando, governará até que o neto Carlos possa fazê-lo.

Com a morte de Isabel I de Castela, em 26 de novembro de 1504, as mulheres que a acompanharam em seus últimos anos seguiram o cortejo fúnebre até Granada, onde ela tinha desejado

ser sepultada: no convento de San Francisco de la Alhambra. Anos mais tarde, seus restos mortais foram transferidos para a Capela Real de Granada, onde seu marido, Fernando de Aragão, e a filha Joana e o marido Filipe, o Belo, também estão enterrados.

### 2.3. Fundadora de mosteiros e administradora de bens

Após o enterro da rainha, Beatriz regressa a Madri e instala-se onde o que é agora o Palácio de Viana. Nesta cidade viverá até a sua morte dedicada à fundação de conventos, hospitais e ao governo de seus negócios, atividades que os homens sempre desempenharam. Ela não pensava que estava fazendo qualquer revolução nos costumes ao desempenhar estas tarefas, pretendia apenas continuar o trabalho que tinha começado com o marido e que, na ausência dele, considerava que era capaz de o continuar sozinha, seguindo o exemplo da rainha Isabel, com quem aprendeu a atuar nos negócios públicos.

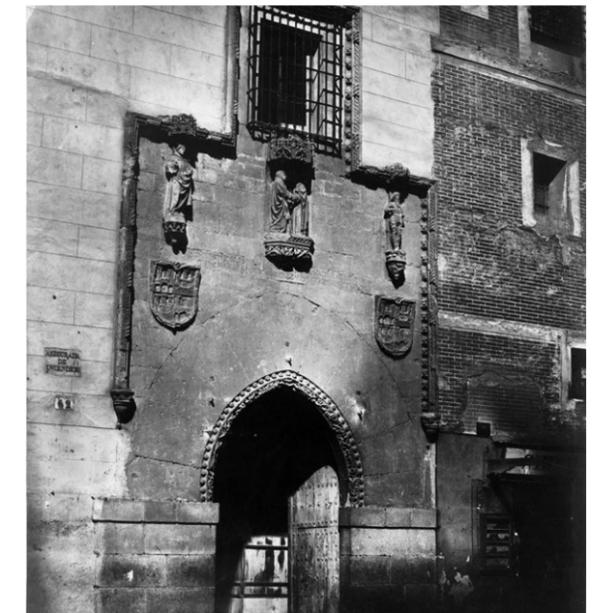
A primeira tarefa que realizou foi a construção do Hospital de la Concepción de Nuestra Señora, cujos procedimentos já tinham sido iniciados durante a vida de Francisco de Madri. Esta tarefa causou-lhe muitos conflitos nos quais teve de pôr à prova tanto sua capacidade de negociação quanto as influências que exercia sobre o rei Fernando. O hospital tinha sido confiado por “el Artillero” à Ordem Franciscana para administrar a capela, e o convento anexo ao hospital seria para as Clarissas Franciscanas. La Latina, porém, tinha outros planos e queria que o convento fosse para a Ordem de São Jerônimo, que tinha sido promovida durante a vida da rainha católica. Os franciscanos processaram Beatriz

perante o Vaticano alegando seus direitos, mas ela, em vez de se intimidar com a intervenção do Vaticano, pediu ao rei Fernando que intercedesse por ela diante do pontificado. Então o rei enviou várias cartas ao pontificado para que entrassem em contato com as altas dignidades da Ordem de São Francisco e apoiassem os desejos de la Latina.

No final, a sentença foi favorável para a poderosa Ordem dos Franciscanos e Beatriz foi obrigada a construir o convento ao lado do hospital regido por esta ordem. Mas, ao mesmo tempo, e para cumprir sua vontade, ela construiu outro convento, administrado pela Ordem da Conceição Jerónima. Para evitar conflitos entre ambas, Beatriz deixou estipulado na escritura de fundação as condições dos dois mosteiros (o franciscano e o hieronimita) e o seu direito como fundadora de intervir no que considerasse oportuno nos dois conventos.

Em todos estes conflitos, Beatriz demonstrou grande força de caráter, capacidade de decisão e nunca desistiu de alcançar seus objetivos, independentemente do que fosse. Do mesmo modo, evidencia-se a enorme influência que ela tinha na vida política de Madri, embora já estivesse afastada da corte, pois conseguiu que a Câmara Municipal de Madri mudasse um matadouro de lugar que havia perto do hospital para que os maus cheiros não incomodassem os doentes; da mesma forma, ela obteve permissão para que as freiras construíssem um esgoto como sistema de drenagem para o convento e ajudou a delinear a política da vida religiosa da cidade, que seguiu os mandatos da reforma que a rainha Isabel desejava e foi continuada na regência de Cisneros. De alguma forma, ela colaborou na reorganização urbana de uma zona de Madri que hoje leva seu nome: o bairro de La Latina.

Do Hospital de la Concepción, mais tarde denominado La Latina, atualmente restam apenas a porta de estilo mudéjar e a escada de estilo gótico. O pequeno hospital — que recebia apenas doze pacientes por vez — foi amplamente financiado por Beatriz, que organizou meticulosamente sua estrutura e funcionamento, e era voltado para os pobres. Além de ser um centro de saúde, também realizava tarefas assistenciais, cuidando de outras pessoas necessitadas. Funcionou até meados do século XVIII e foi demolido, juntamente com os conventos anexos, no início do século XX para ampliar a rua Toledo.



**Imagem 6**  
Fachada principal do Hospital de la Latina de finais do século XIX, demolido em 1904. A sua fachada está conservada na Escola de Arquitetura de Madri.

*Charles Clifford, CC0, via Wikimedia Commons*

Estas construções deixaram a família Ramírez quase sem propriedades em Madri, o que ocasionou a rejeição de seu filho mais velho, que viu sua herança substancialmente reduzida e alegou que sua mãe possuía, para seus fins,

bens que não eram dela. Entretanto, la Latina sempre argumentou que ao ter obtido a sua fortuna por meio de doações dos Reis Católicos ou por meio de seus negócios, e não a tinha herdado de seus antepassados, não era obrigada a transmiti-la integralmente aos descendentes, como era costume nas linhagens nobres medievais.

Após a inauguração do hospital e dos conventos, Beatriz dedicou-se a supervisionar sua administração, tendo aí residido alguns períodos. Ela não teve qualquer atividade pública oficial, e não se sabe que tenha voltado às preocupações intelectuais de sua juventude, pois, como já dissemos, não ficou nenhum texto escrito sobre ela. Existem, no entanto, provas de que preservou e ampliou sua biblioteca, pois ela a menciona em seu testamento. Parece que durante estes anos se reconciliou com o filho Fernando; comprou-lhe uma casa em Campo del Rey e nomeou-o patrono do hospital com direito a sepultamento na capela. Ela casou seus dois filhos com famílias de linhagem antiga e várias de suas netas entraram na Ordem da Conceição Jerónima, mosteiro onde viveu seus últimos anos. Ela teve de sofrer a morte de seus dois filhos, Fernando e Nuño, e a do filho mais velho deste último, Francisco, que precedeu a de seu pai.

Embora estivesse reclusa entre sua casa e seus conventos, parece que o rei Fernando lhe pediu conselhos em várias ocasiões durante a regência. Está documentado também que ela foi visitada pelo Imperador Carlos V em 1524 em El Pardo, onde Beatriz tinha uma casa grande. Supõe-se que estes monarcas consultaram Beatriz sobre a localização de documentos da época em que ela fazia parte da Casa da rainha Isabel, o que pode induzir a pensar na proximidade que houve entre ambas.

Em 1534, aos sessenta e nove anos, idade bastante avançada para a época, Beatriz Galindo decidiu fazer um testamento. Este documento é o único que realmente sabemos que foi escrito por ela, além das cartas e documentos legais. Nele, seguindo o modelo da rainha Isabel, ela detalha meticulosamente todas as suas decisões para evitar reclamações posteriores e para tornar claras as razões e os fundamentos legais de seus últimos desejos. Ele mostra também o estilo característico dos escritos cultos da época, prova de sua formação humanista.

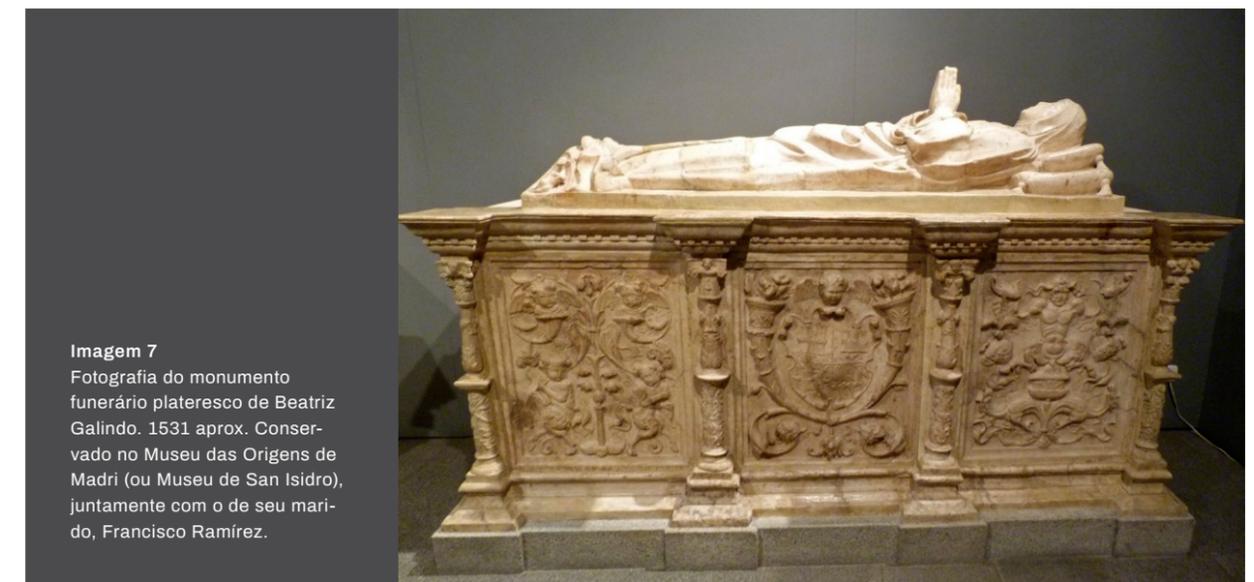
Quanto aos bens, ele especifica aqueles que estão ligados ao legado de seu filho primogênito, que, após sua morte, passaram para o neto Diego Ramírez de Haro. Ela fez o mesmo com as propriedades e os ganhos dos herdeiros do filho mais novo, também falecido. Ela perdeu todas as dívidas que seus filhos ou noras tinham contraído com ela em momentos de necessidade econômica de suas famílias. Além disso, ela insistia que tudo o que tinha gasto em sua vida tinha sido para os mosteiros e o hospital, e que tinha vivido de uma forma muito sóbria e austera em benefício destas obras. Da mesma forma, ela deixou um dote generoso para a neta mais velha, favorita e freira nas jerónimas, e fez algumas doações aos outros netos.

No testamento, ela também se lembrou de todos os seus criados, especialmente daqueles que estiveram mais próximos em seus últimos anos, e fez doações mais ou menos consideráveis para eles. Ela estabelece o destino de alguns quadros e objetos que lhe tinham sido doados pelos Reis Católicos. Da mesma forma, indica que seus livros em latim fossem guardados no convento das jerónimas, além de uma parte dos escritos em língua românica (castelhana), que seriam distribuídos com o conven-

to das franciscanas. Este documento também deveria ser guardado nas jerónimas, e nele ela decidiu ser sepultada sob o coro, como qualquer outra freira, rejeitando os dois mausoléus que tinha mandado esculpir para ela e seu marido.

Um ano após o protocolo dos últimos testamentos ter sido escrito, em 23 de novembro de 1535, Beatriz Galindo faleceu no hospital onde já residia há algum tempo. Depois que o testamento fosse lido algumas horas após sua morte, Beatriz foi enterrada de acordo com seu testamento no convento das jerónimas. Com o tempo, todos acreditavam que seu corpo estava sepultado no sarcófago esculpido em mármore e alabastro, companheiro do túmulo de “el Artillero”; e, desta forma, as freiras cuidaram e veneraram os dois túmulos durante séculos.

No final do século XIX, a fim de alargar as ruas, a prefeitura de Madri decidiu desapropriar e demolir o complexo hospitalar e os dois conventos. Assim o fizeram e, quando desocuparam os edifícios, as freiras descobriram que os túmulos estavam vazios. Não foi surpresa que o corpo de Francisco Ramírez não estivesse lá, pois não era muito claro que ele tivesse deixado a Andaluzia após sua morte, mas o túmulo vazio de Beatriz foi uma surpresa. Após muitas buscas, entre as quais história e lenda se misturam, o caixão de Beatriz Galindo foi encontrado debaixo do altar do coro alto, o cadáver foi exumado e mudado para outro caixão. Após as autorizações pertinentes, foi transferido para o novo convento das jerónimas, no bairro madrileño de Salamanca.



**Imagem 7**  
Fotografia do monumento funerário plateresco de Beatriz Galindo. 1531 aprox. Conservado no Museu das Origens de Madri (ou Museu de San Isidro), juntamente com o de seu marido, Francisco Ramírez.

Solbaken, CC BY-SA 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons

No entanto, este convento não foi o destino final do cadáver. Durante a Guerra Civil (1936-1939), o mosteiro foi utilizado como quartel pelas tropas republicanas e, quando a guerra terminou, serviu de residência para um esquadrão italiano que tinha colaborado com os rebeldes que venceram a guerra. Embora o prédio estivesse obviamente danificado, o túmulo da fundadora não tinha sido tocado. Alguns anos mais tarde, as jerónimas, que já eram conhecidas na cidade como “las latinas”, decidiram vender o terreno do convento e construir outro nos arredores de Madrid, num local denominado El Goloso. Uma vez concluídas as obras e assentadas as freiras, em 1967, o corpo de Beatriz Galindo foi transferido para este convento, onde ainda permanece.

#### 2.4. O que Beatriz Galindo nos diz hoje em dia

Galindo foi uma mulher de seu tempo, mas ela soube aproveitar o que o momento lhe oferecia de modernidade, inovação e melhora na vida das mulheres. É verdade que ela foi uma pessoa privilegiada porque cresceu em uma família rica, com preocupações intelectuais e uma biblioteca ao seu alcance; entretanto, o normal era que as mulheres não tivessem acesso a esse mundo, nem fossem educadas para ele. O importante é que ela assumiu suas preocupações (o que hoje chamaríamos de “o seu sonho”) como pessoa e lutou por elas; não se deixou levar por sua “zona de conforto” e arriscou seu status para abrir espaços que lhe permitissem crescer pessoalmente. Essa atitude continua a ser um modelo e um guia hoje em dia tanto para homens quanto para mulheres.

O que Beatriz Galindo nos traz hoje, como

expoente do Humanismo, é a importância da educação e da formação para o progresso das pessoas e das sociedades. Já vimos que o seu saber foi o que a levou à corte, a ser reconhecida por ela própria e, com tempo e esforço, poder realizar os seus projetos de fundar um hospital e conventos. A sua educação permitiu-lhe também saber como administrar os bens e propriedades e organizá-los de acordo com os seus critérios. A educação será sempre a abertura de possibilidades, que amplia o espaço em que nos movemos, o físico e o mental. Ela nos liberta de uma das maiores escravidões: a ignorância, que nos cega para o mundo e nos acorrenta aos ditames dos outros. É por isso que ela deve ser protegida e valorizada.



*A educação será sempre a abertura de possibilidades, que amplia o espaço em que nos movemos, o físico e o mental. Ela nos liberta de uma das maiores escravidões: a ignorância, que nos cega para o mundo e nos acorrenta aos ditames dos outros. É por isso que deve ser protegida e valorizada*

## 3. AS MULHERES

### RENASCENTISTAS DO HUMANISMO

A atitude de vida e as atividades que Beatriz Galindo realizou ao longo de sua vida não são uma coincidência, mas estão inseridas nos acontecimentos e no ambiente cultural e social da época em que viveu, dos quais já demos conta nas seções anteriores. De todos os eventos que influenciaram a vida das mulheres cortesãs no Renascimento, pelo menos na esfera cultural, apenas destacaremos dois: por um lado, a visibilidade das mulheres cultas, as *Puellae doctae*, e, por outro, o surgimento de um debate sobre as virtudes e qualidades, bem como os defeitos e os vícios das mulheres e o papel que elas deveriam ter na sociedade, a chamada *Querela das mulheres*. Vamos examiná-las brevemente.

#### 3.1. As *Puellae doctae*

Uma das consequências da difusão das ideias humanistas na Península Ibérica foi uma certa participação das mulheres na vida cultural e política. Evidentemente, esta situação não atingiu todos os grupos sociais, mas apenas as classes altas e, dentro delas, aquelas que assumiram os novos ares do Humanismo. A maioria destas mulheres pertencia a famílias que lhes proporcionaram formação com os melhores intelectuais da época e podiam ter acesso à cultura por meio das bibliotecas particulares de suas residências.

O Humanismo, ao privilegiar a educação, permitiu que também se introduzisse a educação das mulheres, e assim uma série de mulheres começou a aparecer no espaço público que foram conhecidas entre seus contemporâneos como as *Puellae doctae*. Elas demonstravam, como seus companheiros do sexo masculino, preocupação com o estudo dos clássicos; elas foram grandes estudiosas que trouxeram dinamismo e novidades aos novos espaços culturais. Sem negligenciar os tradicionais, uma vez que muitas delas ingressaram nos conventos, de onde podiam fazer o seu trabalho longe de olhares reprovadores.

Sua ascensão social foi também motivada pelo impulso e patrocínio que lhes foi dado por al-

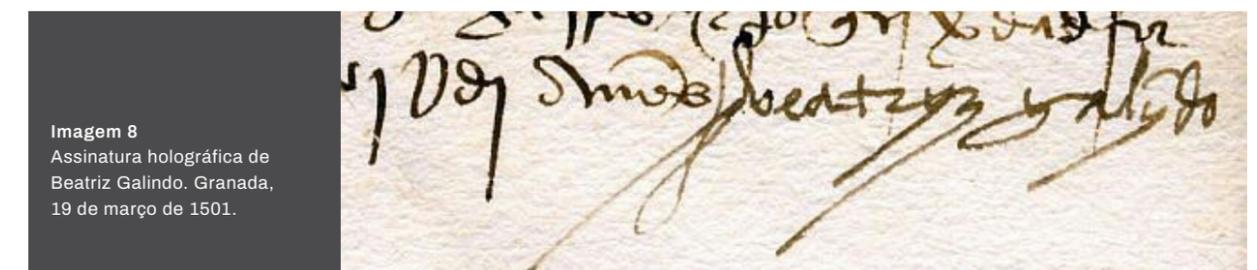


Imagem 8  
Assinatura holográfica de Beatriz Galindo. Granada, 19 de março de 1501.

Philippos, CC BY-SA 3.0 <<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons

gumas rainhas ou nobres. A corte dos Reis Católicos foi uma das mais ativas graças ao interesse da rainha Isabel na divulgação da cultura clássica. Para isso, ela solicitou o apoio de proeminentes humanistas espanhóis e italianos, colocou sob sua proteção as universidades de Salamanca e Valladolid e alguns Estudos Gerais e se preocupou que os profissionais de saúde e justiça estivessem bem preparados.

O estudo dos clássicos estava vinculado ao conhecimento da língua latina, devido à sua importância na vida política, como já vimos, e porque o seu uso era um sinal de distinção social. Na corte, a rainha também se rodeou de um grande grupo de mulheres preocupadas com as letras e a cultura clássica que puderam cultivar graças à grande Biblioteca Real, que possuía cerca de quatrocentos volumes tanto à mão quanto de molde (impressos), uma cifra muito alta para a época.

Entre as *Puella doctae*, algumas estiveram na corte de Isabel, mas outras se desenvolveram em outros lugares. Mencionaremos apenas algumas.

### **Francisca de Nebrija (séculos XV-XVI)**

Filha do gramático Antonio de Nebrija, de quem recebeu sua formação e com quem colaborou, em algumas ocasiões, no ensino e na escrita de algumas de suas obras. Quando o seu pai morreu (1522), ela ocupou a cátedra de Retórica da Universidade de Alcalá, recentemente fundada por Cisneros. Seu trabalho não foi conservado.

### **Luisa de Medrano Bravo de Lagunas (séculos XV-XVI)**

Filha de nobres que serviram aos Reis Católicos; ela cresceu sob a proteção da rainha Isabel

e foi a primeira mulher a dar uma aula de Línguas Clássicas na Universidade de Salamanca em 1508. Sabe-se, por referências contemporâneas, que ela escreveu poesia e textos filosóficos, mas nenhum deles está preservado.

### **Luisa Sigea (século XVI)**

Uma das escritoras mais famosas de seu tempo, fez parte do grupo de humanistas da corte da infanta Maria de Portugal, e foi elogiada tanto por seus contemporâneos quanto pelas gerações posteriores por seu profundo conhecimento dos autores clássicos e domínio de sete línguas. Temos alguns vestígios de suas obras (nem todas), entre as quais se destacam as coleções de poesia e duas grandes obras em latim, em verso e em prosa.

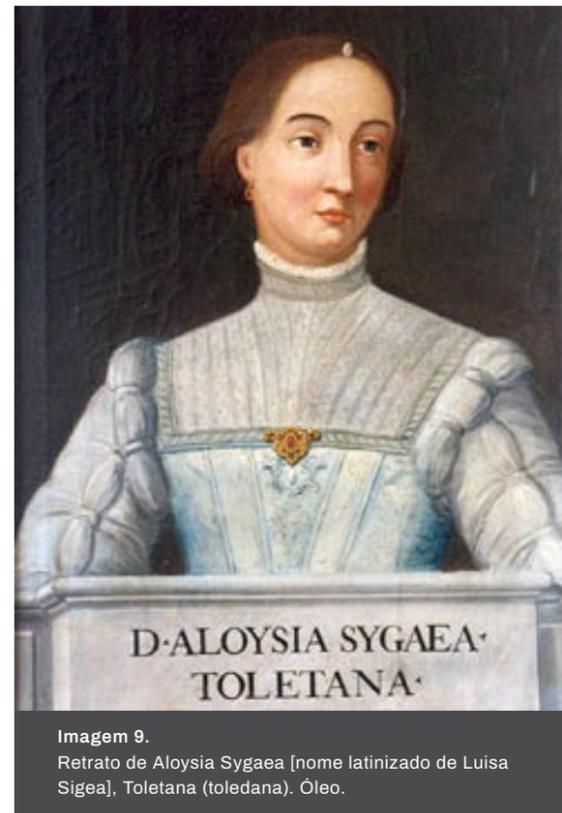


Imagem 9.  
Retrato de Aloysia Sygaea [nome latinizado de Luisa Sigea], Toletana (toledana). Óleo.

See page for author, Public domain, via Wikimedia Commons

### **Isabel Villena (s.XV)**

Finalmente, cabe mencionar a Irmã Isabel de Villena (século XV), a primeira escritora de língua valenciana e autora de *Vita Christi*, livro em que se afirma que as mulheres não têm uma natureza puramente pecaminosa, como era a consideração habitual na misoginia da época. Neste livro, ela narra a vida de Cristo por meio das mulheres que conviveram com ele, enfatizando o papel importante que elas desempenharam e sua influência nos acontecimentos da vida de Cristo. O papel ativo de Maria na redenção é postulado no livro e não como uma mera transmissora dos desejos divinos. Alguns autores consideram esta obra como sendo uma reescrita do Novo Testamento, razão pela qual foi muito discutida entre os sábios da época. O texto foi impresso por ordem da rainha Isabel, que o tinha em alta estima, alguns anos antes de sua morte.

Estas são apenas algumas das mulheres que se destacaram na época por sua dedicação às letras, rompendo assim com os padrões estabelecidos. Elas são exceções, é verdade, mas não são as únicas. Nos estudos realizados sobre o Humanismo Renascentista espanhol, existe uma relação de pelo menos uma centena de mulheres que tiveram algum papel neste movimento de uma forma ou de outra, tanto nos conventos quanto no mundo universitário e cortesão, e que foram situando-se no espaço público que lhes era proibido até então. Isso dá uma ideia de que a História nem sempre conta todas as histórias.

Em qualquer caso, esta renovação da vida cultural renascentista, e em particular das mulheres cultas, mudou muito nos anos seguintes à morte da rainha Isabel. Aos poucos, a posição

que as confinava de volta à esfera doméstica e instituiu a autoridade do *pater familias* ganhou peso. Este foi um dos resultados da *querela das mulheres*.

### **3.2. A querela das mulheres**

Este é o nome dado a uma série de debates ocorridos na Europa entre os séculos XV e XVI-II, que versaram sobre a condição das mulheres, de sua inferioridade ou igualdade em relação aos homens e das qualidades que as mulheres deveriam ter. Estas disputas eram de natureza puramente cultural e multidisciplinar (Filosofia, Teologia, Medicina, Política ou Literatura), embora não deixassem de ter um impacto na atividade das mulheres nas camadas superiores da sociedade e mais especificamente no mundo cortesão, que é o campo em que decorreu. Caracterizavam-se por serem debates entre homens que discutiam sobre as mulheres sem que elas pudessem intervir. De qualquer forma, o patrocínio ou mecenato de rainhas e nobres na divulgação de obras que defendiam a condição feminina as torna coparticipantes ou inclusive, por vezes, permite-nos falar de coautoria.

“ Estas são apenas algumas das mulheres que se destacaram na época por sua dedicação às letras, rompendo assim com os padrões estabelecidos ”.

Foi um movimento generalizado na Europa, mas aqui vamos nos ater a suas representações na Espanha, portanto, não podemos deixar de citar suas origens no texto de Cristina de Pizanno (Veneza, 1364 - França, 1430) *A Cidade de Senhoras*, considerada por muitos como a primeira narrativa escrita reivindicativa das virtudes femininas. De Pizanno foi também uma pioneira como mulher que ganhou a vida e sustentou a sua família (depois de ficar viúva) como escritora, abrindo assim uma lacuna na consideração das mulheres na arte como autoras, e não apenas como musa. Autora de cerca de trinta textos de diferentes tipos, foi muito bem-sucedida em seu tempo e *A Cidade de Senhoras* tornou-se a defesa mais aguda das qualidades femininas contra a misoginia prevalecente.

Na Espanha, a querela começou na época de João II, pai de Isabel, a Católica, e de sua primeira esposa, Maria de Aragão. Esta rainha tinha criado um círculo intelectual na corte de Castela em que a querela se desenvolveu entre os partidários da condição inferior da mulher que alegavam sua natureza viciosa e defeituosa, por um lado, e por outro, aqueles que defendiam que as mulheres podiam superar seus defeitos naturais e alcançar grandes virtudes. Como se pode ver, não se trata de um debate pela igualdade — o que seria impensável naquela época —, mas indica uma certa mudança na percepção das relações entre os sexos e a mesma condição feminina na sociedade.

Nesta discussão, os detratores das mulheres foram posicionados de um lado, como o Arcipreste de Talavera, autor de *O Corbacho*, que satiriza sobre os defeitos da mulher exagerando as suas más qualidades naturais: a avareza, a ganância, a vaidade, a inconstância e outras. Pere Torroella também tem a mesma opinião,

cujo trabalho *Maldezir de Mugerres* era um compêndio da misoginia característica da época.

Na Corte dos Reis Católicos, alguns franciscanos destacaram-se por estas posições, tais como: o frei Iñigo de Mendoza, que centrou sua obra *Coplas de Vita Christi* em estabelecer um modelo de comportamento ideal para as mulheres baseado no pudor, na obediência e na castidade, o frei Ambrosio de Montesino em cuja *Doctrina y reprehensión de algunas mujeres* denuncia aquelas que não cumprem as obrigações morais de sua condição e o frei Antonio de Medina, com *Coplas contra los vicios y deshonestidades de las mujeres*.

Contra este grupo e em resposta às diatribes sustentadas nos textos anteriores, existem aqueles que defenderam as mulheres com base no que elas tinham feito ao longo da história para justificar o que podiam fazer, mas sempre a partir da perspectiva masculina, é claro. Aqui destacamos durante o reinado de João II a obra de Juan Rodríguez del Padrón, *Triunfo de las donas*, dedicado a seu mecenas, a rainha consorte de Castela, Maria de Aragão. Nesta obra, ele proclama a superioridade das mulheres sobre os homens por suas qualidades “naturais” como a temperança, a piedade ou o amor, que ele considera melhores que as dos homens. Da mesma forma, Diego de Valera, no *Tratado en defensa de virtuosas mujeres*, da mesma época do anterior, pesquisa a literatura moral com fins didáticos sobre as qualidades de algumas mulheres do passado que se destacaram por serem castas, leais e honestas, as principais virtudes que devem adornar as mulheres e que, com isso, podem servir de exemplo e educação para as nobres cortesãs a quem se dirige. Nessa época, publica-se também o *Libro de virtuosas e claras mujeres*, de Álvaro de Luna, que



**"A rainha Isabel patrocinou a obra *El jardín de las nobles doncellas*, de Martín de Córdoba, onde se argumenta mais a favor dos direitos sucessórios de Isabel e de sua capacidade para reinar do que em defesa das mulheres, pois mantém os pressupostos patriarcais vigentes."**

difere dos anteriores por atribuir as qualidades ou defeitos das mulheres à educação e não à natureza.

A rainha Isabel patrocinou a obra *El jardín de las nobles doncellas*, de Martín de Córdoba, onde se argumenta mais a favor dos direitos sucessórios de Isabel e de sua capacidade para reinar do que em defesa das mulheres, pois mantém os pressupostos patriarcais vigentes. O poeta, músico e escritor de teatro Juan del Encina defendeu as qualidades femininas na maioria de suas obras e Diego de San Pedro em sua *Cárcel del amor* faz uma proclamação ardente em favor do amor terreno com base nas qualidades físicas e morais das senhoras a quem é dirigido.

Teresa de Cartagena é uma das poucas mulheres que participam da querela, embora esta não fosse sua intenção. Filha de uma família de judeus convertidos, parece que ela estudou na Universidade de Salamanca, embora haja poucos dados sobre a sua vida. Ela escreveu *Admiración operum Dey* para se defender das acusações de autoria de um tratado sobre reflexão

religiosa escrito anteriormente por ela, para o qual questionavam se tinha sido escrito por uma mulher. Em *Admiración* reivindicava a capacidade das mulheres para o conhecimento e a atividade intelectual e encorajava outras mulheres a escrever. De qualquer modo, os argumentos que ela usa para defender este direito são fundamentalmente religiosos, tais como a onipotência divina, que é aquela que deu aos seres humanos suas qualidades. Talvez não pudesse ter sido de outra forma, de acordo com o tempo e as circunstâncias da autora.

## 4 . BIBLIOGRAFÍA

Arroyal, Pedro; Cruces, Esther; Martín, María Teresa (2006). "Beatriz Galindo fortuna y poder de una humanista en la Corte de los Reyes Católicos" en *Baética. Estudios de arte, geografía e historia*, núm. 28. Málaga, Espanha: Universidade de Málaga. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://riuma.uma.es/xmlui/handle/10630/6692>

Baranda, Nieves (2004). "Mujeres y cultura letrada en la época de Isabel la Católica" en *Ínsula: Revista de Letras y Ciencias Humanas*, núm. 691-692. Barcelona, Espanha: Espasa.

Borreguero Beltrán, Cristina (2011). "Puellae doctae en las cortes peninsulares" en *Dossiers Feministes*, núm. 15. Castellón de la Plana, España: Instituto Universitario de Estudios y de Género de la Universitat Jaume I. recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://www.raco.cat/index.php/DossiersFeministes/article/view/257303>

De Arteaga, Almudena (2007). *Beatriz Galindo, la Latina. Maestra de reinas*. Madri, Espanha: Algaba Ediciones.

De Llanos y Torriglia, Félix (1920). "Una Consejera de Estado D.<sup>a</sup> Beatriz Galindo "La Latina". Madri, Espanha: Editora Reus. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://biblioteca-digital.jcyl.es/es/consulta/registro.cmd?id=725>

Del Val Valdivieso, María Isabel (2011). "La educación en la Corte de la Reina Católica". *Miscelánea Comillas*, vol. 69 (núm. 134). Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://revistas.comillas.edu/index.php/miscelaneacomillas/article/view/789/662>

Porras Arboledas, Pedro (1996). *Francisco Ramírez de Madri. Primer madrileño al servicio de los Reyes Católicos (144?-1501)*. Madri, Espanha: Servicio de Publicaciones de la Comunidad de Madri.

Rivera, M<sup>a</sup> Milagros, (1997). "Las prosistas del Humanismo y del Renacimiento (1400-1550)". Zavala, I. M. (Ed.). *Breve historia feminista de la literatura española (en lengua castellana) (IV): La literatura escrita por mujer (de la Edad Media al s. XVIII)*. Barcelona, Espanha: Anthropos.

Segura Graiño, Cristina. *Beatriz Galindo*. Diccionario Biográfico de la Real Academia de la Historia [Página web]. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://dbe.rah.es/biografias/10051/beatriz-galindo>

Segura Graiño, Cristina (2013). *La querrela de las mujeres XII. Las mujeres sabias se querellan*. Madri, Espanha: Asociación Cultural Almudayna.

Serrano y Sanz, Manuel (1975). *Apuntes para una biblioteca de escritoras españolas desde el año 1401 al 1833*. Madri, Espanha: Atlas.

## 5 . GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

Vejamos agora o que podemos fazer com o que aprendemos com a leitura do livro sobre Beatriz Galindo. É possível utilizar este guia de leitura e atividades para realizar um trabalho aplicando a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) ou usar o questionário geral sobre a biografia lida como um guia de leitura ou de comentários. Este questionário enfatiza os pontos onde é necessário que o(a) aluno(a) coloque mais atenção.

O seguinte questionário é proposto como um **guia de leitura** para focar a pesquisa, que os(as) alunos(as) devem entregar individualmente ao professor ou à professora para avaliação:

- ▶ Aponte as principais transformações ocorridas no Renascimento e explique as áreas que ele afeta.
- ▶ Encontre informações sobre a transição do feudalismo para o capitalismo como sistemas econômicos e veja como isso afeta a forma da propriedade privada. A pesquisa também pode ser feita utilizando-se um mapa conceitual para expor e explicar como os Ramírez Galindo construíram sua fortuna, bem como o uso que fizeram dela.
- ▶ Como é fortalecida a monarquia dos Reis Católicos e em quais grupos sociais eles se

apoiam? Explique-o. Alguns capítulos da série *Isabel*, estão disponíveis no website da RTVE para você assistir.

- ▶ O Humanismo é um movimento intelectual, filosófico, pedagógico e sociopolítico. Pesquise suas origens na Itália e resuma as principais contribuições e os representantes italianos. Quais eram seus valores e princípios?
- ▶ Colete informações sobre os primeiros humanistas hispânicos Alfonso de Cartagena, Alonso de Palencia ou Juan de Mena e as atividades que desenvolveram.
- ▶ Entre no site da Universidade de Alcalá de Henares, conheça sua história e a da *Biblia Poliglota*. Qual foi o objetivo desta obra? Quem participou das traduções? Por que o cardeal Cisneros fundou a Universidade? Qual é sua relação com o Humanismo? Isso pode ser utilizado para explicar a educação formal no Renascimento e compará-la com a forma como é feita hoje.
- ▶ Pesquise sobre Antonio de Nebrija. Será uma coincidência que sua família seja de judeus convertidos para que fosse um intelectual tão renovador? Por que os convertidos têm tanta influência no movimento humanista? Analise também a vida de outro humanista espanhol, Luís Vives, e procure semelhanças com a de Nebrija. Será que tem alguma coisa a ver com o fato deles virem de famílias distantes de propriedades feudais para que se juntem aos movimentos mais inovadores? Utilize a informação que encontrar para justificar a necessidade da educação como forma de renovar as sociedades.

- Por que o latim era tão importante no Renascimento? Ele pode ser comparado com a situação de algum idioma hoje em dia? Tem alguma coisa a ver com o imperialismo? Argumente.
- Por que poderia ter existido as *Puellae doctae*? Elas eram mulheres privilegiadas, mas saíram da norma, porquê? Com quem elas podem ser comparadas hoje em dia?
- Quais foram os obstáculos que Beatriz Galindo teve de superar para alcançar os seus objetivos? Enfatize a mentalidade da época, o destino atribuído às mulheres, a consideração sobre as suas qualidades naturais, etc.
- Escreva sobre a importância que a quere-la das mulheres merece e, principalmente, sobre o fato de os homens terem intervindo. Isso poderia ser qualificado como machista ou será esse termo anacrônico? Esses argumentos poderiam ser utilizados hoje em dia? Por quê?

Para trabalhar com uma metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos, propomos um projeto denominado **Educar para a solidariedade e a igualdade**, cujo produto final seria a criação de uma **Organização Não Governamental (ONG)** que se dedicaria à educação e assistência a pessoas desfavorecidas, seguindo a orientação do que Beatriz Galindo fez em seu hospital e conventos. A ONG atuaria em áreas desfavorecidas e com pessoas sem acesso à educação ou serviços básicos e teria Galindo como inspiração para a sua fundação.

### Os objetivos a serem alcançados com este projeto seriam

Compreender e assumir a importância da edu-

cação como forma de desenvolvimento pessoal, de melhoria das sociedades e da igualdade entre homens e mulheres.

1. Reconhecer a importância das ONGs hoje em dia na cooperação para o desenvolvimento das sociedades ou dos setores menos favorecidos.
2. Compreender o sentido do Humanismo como movimento educativo e o papel que as mulheres como Beatriz Galindo nele exercem.
3. Desenvolver a capacidade de pesquisa autônoma.
4. Incentivar a criatividade na organização e no trabalho cooperativo.

### Vejamos as fases deste projeto abaixo

#### Fase 1. Ponto de partida

Reflexão sobre a importância da educação e as dificuldades de acesso a ela em certos locais. Os trechos do filme *Camino a la Escuela*, de Pascal Plisson (2015) poderão ser exibidos durante a aula para abertura de um debate.

#### Fase 2. Formação de equipes de trabalho

A ideia é que cada equipe colabore na construção e criação desta ONG que será nomeada em conjunto, levando em consideração o espírito fundador de Beatriz Galindo e o Humanismo. As equipes serão compostas de quatro a cinco pessoas escolhidas pelos(as) alunos(as) e pelo professor ou professora em conjunto. Seus membros terão diferentes níveis de com-

petência e diversas habilidades para se complementarem. Eles tratarão dos aspectos que compõem uma ONG e que costumam aparecer em seus websites: *Quem somos*, *O que fazemos*, *Como trabalhamos*, *Como você pode colaborar*. Em cada uma delas deve constar também o fundamento que têm no Humanismo de Beatriz Galindo, pois um dos objetivos da ONG será apresentar esta personagem e o valor da educação para essa época. Os(As) alunos(as) podem inspirar-se em algumas das ONGs existentes para aprenderem como elas funcionam.

**Equipe 1. Quem somos.** Princípios e valores que inspiram a ONG. A orientação aqui será nos valores e princípios do Humanismo Renascentista, e também na necessidade de igualdade na educação após a incorporação da mulher no Humanismo.

**Equipe 2. O que fazemos.** A educação requer edifícios, materiais, pessoal. Propor o que a ONG precisaria para realizar as suas atividades. Isso pode ser comparado com o que havia no Renascimento: mosteiros, universidades, bibliotecas, tutores pessoais, livros manuscritos ou impressos.

**Equipe 3. Como trabalhamos.** Uma ONG tem receitas e despesas. Será necessário averiguar onde eles conseguiram o dinheiro para a educação no Renascimento e onde uma ONG pode obtê-lo atualmente. Também analisar que tipo de pessoa coopera com uma ONG (classe social, estudos, interesses, motivações, etc.). Comparar as informações coletadas com a forma como pessoas como Beatriz Galindo e seu marido tiveram acesso à riqueza e onde a investiram, analisando suas motivações. Da mesma forma, será necessário definir como administrar as ONGs seguindo os passos dados por Beatriz

Galindo nas Atas de Constituição do hospital. Um organograma da ONG deve ser elaborado.

**Equipe 4. Como você pode colaborar.** Apresentar as formas atuais de colaboração com uma ONG. Um deles é o chamado “testamento solidário”, o de Beatriz Galindo pode ser apontado como um modelo para justificar esta forma de cooperação.

#### Fase 3. A Definição do produto final

será a apresentação da ONG por meio de um website, um blog ou outro produto digital que os(as) alunos(as) terão de elaborar. Como produto final, as equipes farão uma apresentação oral, utilizando algumas das ferramentas de apresentação da internet, de cada um dos aspectos trabalhados, tentando convencer os potenciais colaboradores financeiros dos benefícios da ONG e do benefício para todos em ajudar na educação daqueles que não tem acesso a ela. Cada equipe aproveitará sua intervenção para explicar aspectos do Humanismo e de Beatriz Galindo que tenham a ver com seu tema e sirvam para conhecer aquela época.

Poderá ser gravado um vídeo de um debate entre dois grupos que reproduzam os argumentos da querela das mulheres, por um lado, e, por outro, expor quais seriam os argumentos de hoje em dia. Ao final, uma equipe de monitoramento avaliará as intervenções para estabelecer os pontos fortes e fracos dos argumentos, declarando alguns vencedores no debate. O vídeo serviria também para persuadir os colaboradores financeiros.

Também poderia ser criado um website, um blog ou algo similar para apresentar a ONG

na internet, bem como o trabalho realizado por cada equipe.

---

#### Fase 4. Planejamento do trabalho

As equipes devem indicar a organização interna, a divisão do trabalho, as pessoas responsáveis e os porta-vozes, além do calendário de atividades.

---

#### Fase 5. Pesquisa

Como o projeto implica um trabalho cooperativo, todos os(as) alunos(as) envolvidos terão conhecimento do projeto na sua totalidade, embora cada um tenha mais influência sobre o que compete à sua equipe. Portanto, como quem inspira a ONG é a personagem de Beatriz Galindo e o movimento humanista, é conveniente que todos conheçam os dois e, para isso, é fundamental fazer a leitura do livro. Como orientação, sugere-se ter em mente que cada equipe está interessada em questões específicas do guia de leitura. Os(As) alunos(as), com o auxílio do professor ou da professora, poderão fazer a sua seleção.

---

#### Fase 6. Avaliação do trabalho

individual e de equipes. O corpo docente estabelecerá uma rubrica sobre o que será avaliado para as equipes e para cada integrante. A nota será ponderada a critério do corpo docente.

---

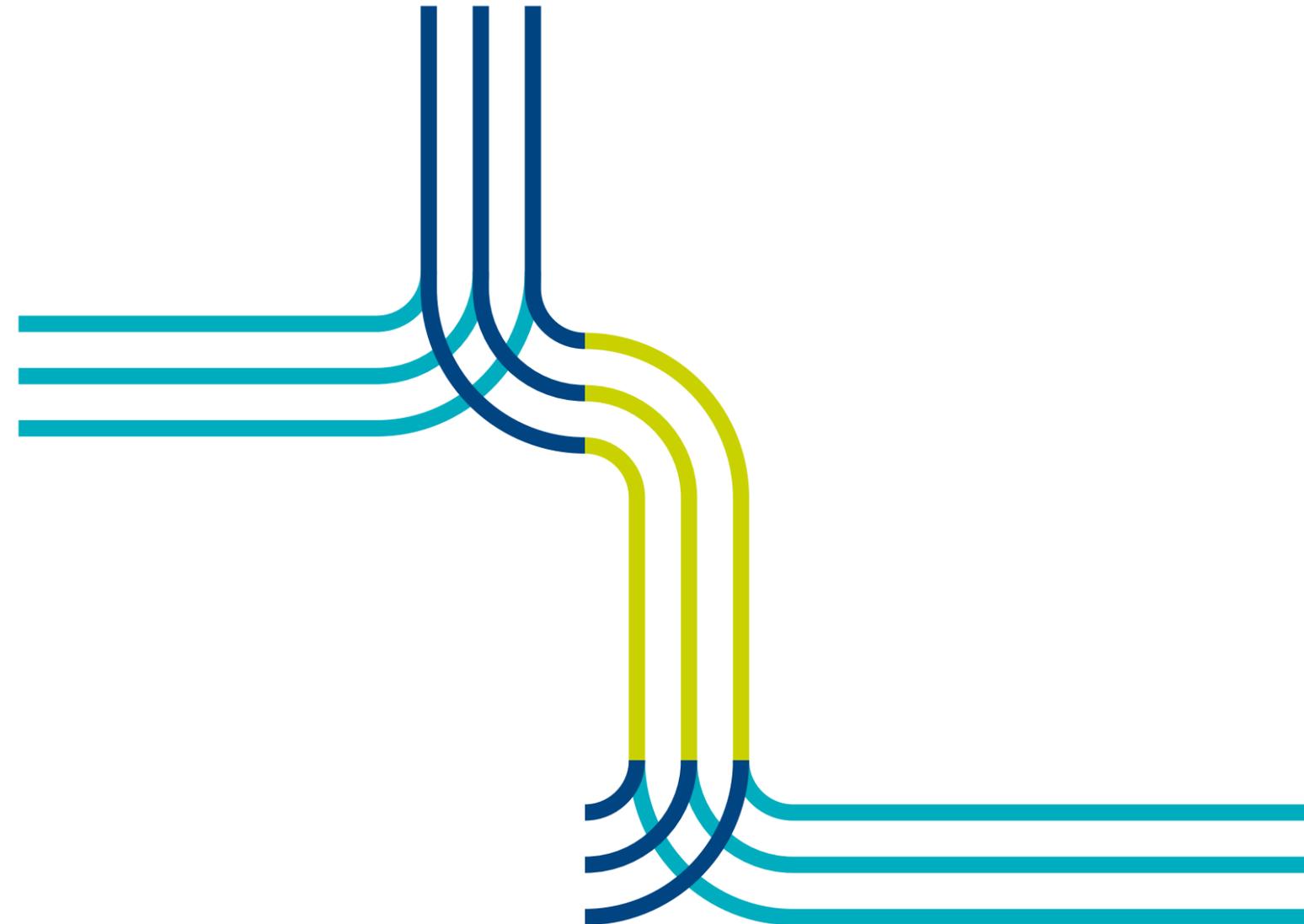
#### Fase 7. Autoavaliação

dos(as) alunos(as) do projeto tendo em conta: os objetivos alcançados, a metodologia utilizada, a participação das equipes, o funcionamento

da cooperação. Para isso, o corpo docente proporrá uma rubrica sobre o assunto.

### As competências que serão trabalhadas no projeto são

1. Competência em comunicação linguística.
2. Aprender a aprender.
3. Competência social e cívica.
4. Competência digital.
5. Capacidade empreendedora.
6. Consciência cultural e artística.





# María de Molina

Três vezes rainha  
(1264-1321).  
A história  
também pertence  
às mulheres

*María Teresa González Alarcón*

## ÍNDICE

Introducción

Cronología

### 1. A Época. História medieval da Espanha

- 1.1. Os reinos hispânicos na Idade Média
- 1.2. A guerra era uma realidade quotidiana
- 1.3. Os ideais políticos da Idade Média
- 1.4. A vida material na Idade Média.

Uma época cheia de contrastes e dificuldades

### 2. Biografia de Maria de Molina

- 2.1. Maria Afonso de Meneses
  - 2.1.1. A controvérsia de um casamento
- 2.2. Maria, rainha de Castela
  - 2.2.1. Maria, senhora de Molina
  - 2.2.2. Morte de Sancho IV, o Bravo
- 2.3. Maria: rainha, mãe, tutora. Sozinha num mundo de homens
  - 2.3.1. Legitimidade do casamento
  - 2.3.2. Maioridade de Fernando IV
- 2.4. Rainha novamente. Tutora do rei Afonso XI em sua infância (1312-1321)
- 2.5. Mosteiro de Santa María de las Huelgas Reales de Valladolid

### 3. As mulheres na sociedade medieval

### 4. Bibliografia

### 5. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

A história tem esquecido grandes mulheres com um senso de política e de Estado. Seu escasso aparecimento nas crônicas e na literatura da época contribuiu para a ignorância do protagonismo feminino. No entanto, atualmente os estudos de mulheres da realeza são um tema interessante e atual. Maria de Molina entrou para a história como uma das grandes rainhas espanholas por sua prudência, inteligência, capacidade de trabalho, tenacidade e habilidade, fazendo prevalecer a concórdia em vez do confronto nas negociações. Ela reinou em Castela — não sem dificuldades — em três ocasiões: a primeira, juntamente com o seu marido Sancho IV, o **Bravo** (filho de **Afonso X**) como rainha consorte; a segunda, como regente de seu filho primogênito Fernando IV, e a última, como tutora de seu neto, o futuro Afonso XI. Uma mulher que participou em três diferentes reinados ao longo de sua vida e cuja ação política foi decisiva para a continuação da Coroa castelhana.

A **crônica de Jofré de Loaysa (1248-1305)** narra os primeiros dias de Maria de Molina como regente: mostra-a como **“muito prudente e sábia” e “firme”**. Segundo o historiador do século XVIII Enrique Flórez, Maria de Molina agiu sempre em defesa do “patrimônio da Coroa” e do “bem comum”.del “bien común”.



Imagem 1. María de Molina.

Domínio público. Recuperado de: <https://commons.wikimedia.org/>

No século XX, a historiadora **Mercedes Gaibrois** intitulou seu discurso de entrada na Academia Real de História “Um episódio da vida de Maria de Molina”. Em 1936, ela publicou *Vidas memorables. Vidas memorables. María de Molina e, em 1967, María de Molina. Tres veces reina.*

Como personagem literária, Maria de Molina foi desde muito cedo uma fonte de inspiração para dramas históricos e romances históricos. O autor barroco Tirso de Molina centrou uma de suas obras-primas nela: *La prudencia en la mujer*. No século XIX, o poeta romântico Mariano Roca de Togores, Marquês de Molins, compôs uma peça de teatro sobre ela, *Doña María de Molina*. Por sua vez, Almudena de Arteaga escreveu *María de Molina. Tres coronas medievales*, obra com a qual ganhou o prêmio de romance histórico Alfonso X el Sabio em 2004.

No início de 1861, o Governo espanhol encomendou ao pintor Antonio Gisbert *María de Molina presenta a su hijo Fernando IV en las Cortes de Valladolid de 1295* para decorar a cabeceira do Salão de Sessões do Congresso dos Deputados.

# CRONOLOGIA

## DADOS BIOGRÁFICOS

## HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1250-1260

1252

Afonso X sucede ao seu pai Fernando III, o Santo, no trono de Castela e Leão

Afonso X dirige um plano cultural ambicioso que cobre muitos campos:

1252

O Fuero Real de Castela (atribuída)

1253

Lapidario (atribuída)

1256-1263

Código de las siete partidas

1257-1283

As Cantigas (atribuída)

### 1261-1270

1264?

Nasce Maria Afonso de Meneses, futura Maria de Molina

1270

Setenario (atribuído)

1272

Livro de Astronomia (atribuído)

1272

Revolta dos conselhos e da alta nobreza castelhana contra Afonso X

### 1271-1280

1275

Morre Fernando de la Cerda, Sancho autoproclama-se herdeiro e, como regente do reino na ausência de seu pai, parte para Córdoba para defender com sucesso a fronteira

1273

O Honrável Conselho da Mesta é instituído

1276

*Primera Crónica General* da Espanha (atribuída)

1280

*Grande e General Estoria* (atribuída)

### 1281-1290

1282

Maria casa-se com Sancho, segundo filho de Afonso X

1283

Nasce em Toro Isabel, a primeira filha de Maria e Sancho

1283

O Papa Martinho IV escreve uma carta a Sancho exortando-o a separar-se de Maria  
1284 Morre Afonso X

1284-1295

**Rainha consorte de Castela**

1282

Expansão aragonesa no Mediterrâneo: Pedro I conquista a Sicília

1283

Livro de Xadrez, dados e tabuleiros (atribuída)

## DADOS BIOGRÁFICOS

## HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1281-1290

1285

Nasce em Sevilha o infante Fernando

1286

Nasce em Valladolid o infante Afonso. Ele morre aos cinco anos de idade

1288

Nasce em Vitoria, o infante Henrique. Ele morre aos onze anos de idade

1290

Nasce em Valladolid o infante Pedro, tutor de seu sobrinho, Afonso XI durante a sua infância

1289

Na Corte de Sancho IV é terminada a redação da *Primera Crónica General* da Espanha

### 1291-1300

1291

Sancho sela uma aliança com o rei de Portugal: o futuro Fernando IV é desposado com a infanta Constança

1292

Nasce em Sevilha o infante Felipe, tutor de seu sobrinho Afonso XI

1293

Nasce em Toro Beatriz, a última filha de Maria

1293

Maria recebe o senhorio de Molina

1292

Tarifa cai nas mãos de Sancho

1292

Punições e documentos do rei D. Sancho (coleção de frases e histórias para a educação do príncipe herdeiro)

1293

Pedro IV funda os Estudos Gerais de Alcalá de Henares

1293

aprox.

*La Gran Conquista de Ultramar* e o *Lucidario*, um texto ordenado pelo rei Sancho para combater as ameaças heréticas que o seu reino enfrenta

1295

Morre Sancho IV

1295-1301

**Infância de Fernando IV. Maria reina como regente**

1295

Cortes de Valladolid

1297

Tratado de Alcanizes

### 1301-1310

1301

Bula do Papa Bonifácio VIII que considera válido o casamento de Sancho IV e Maria de Molina e, assim, Fernando IV torna-se o rei legítimo

1301-1312

Reinado de Fernando IV

1301

As Cortes de Leão e Castela são unificadas

1302

Cortes de Burgos

1303

Entrevistas de Ariza e morte do infante Henrique de Castela, o Senador

O *Libro del caballero Zifar*. Considerado como o primeiro romance de cavalaria da nossa literatura, parece muito provável que tenha sido escrito antes de 1300 com reelaborações posteriores ao longo do século XIV. Nele encontram-se vestígios de lendas e histórias de culturas anteriores, especialmente orientais.

## DADOS BIOGRÁFICOS

## HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1301-1310

- 1309 Conquista de Gibraltar pelas tropas de Fernando IV, o Emprazado
- 1309 Cerco de Algeciras
- 1310 Intervenções na política castelhano-leonesa

### 1311-1320

- 1311 Nasce em Salamanca Afonso XI
- 1311 Fundação dos Ducados de Atenas e Neopatria
- 1312 Cortes de Valladolid, as últimas do reinado de Fernando IV de Castela
- 1312 Invenção da rosa dos ventos com 32 divisões
- 1312 Morre Fernando IV em campanha contra os mouros
- 1312 Invenção do fole hidráulico
- 1312-1321 **Maria, tutora do rei Afonso XI durante a sua infância**
- 1312 O papa Clemente V proclama como heresia a crença no direito à usura (de cobrar juros sobre um empréstimo)
- 1313 Morre a rainha Constança
- 1313 O papa Clemente V ordena a "supressão" da Ordem dos Cavaleiros Templários por meio da bula *Vox in excelso*
- 1313 Cortes de Palencia
- 1314-1315 Concordia de Palazuelos e Cortes de Burgos
- 1317 Cortes de Carrión e incursão em Vega de Granada pelo infante Pedro
- 1318-1319 Cortes de Medina del Campo e conquista de Tíscar
- 1319 Jaime II de Aragão declara a união indissolúvel entre os reinos de Aragão, Valência, o condado de Barcelona e o resto dos condados catalães
- 1319 Desastre da Vega de Granada
- 1319 Estágio final da vida da rainha

### 1321-1330

- 1321 Testamento e morte de Maria de Molina
- 1325 Afonso XI atinge a maioridade aos 14 anos de idade
- 1326 Os judeus do reino Nasrid são obrigados a usar um distintivo para se distinguirem dos cristãos

### 1331-1340

- 1340 Afonso XI de Castela derrota os Benimerinos na Batalha do Salado

Fonte: Elaboração própria.

## 1 . A É P O C A

### HISTÓRIA MEDIEVAL DA ESPANHA

A Idade Média na Espanha abrangeu um período de mais de mil anos, entre os séculos V e XV. Durante estes séculos, os reinos cristãos alternaram pactos, alianças, guerras de fronteira, relações familiares, tentativas de unificação e desunificação. Para conhecer Maria de Molina, é preciso saber como viviam as pessoas na Península Ibérica naquela época.

#### 1.1. Os reinos hispânicos na Idade Média

Desde o século VIII até o final do século XV, a Península Ibérica passou por um processo de ocupação militar e repovoamento, conhecido como **Reconquista**. A península tinha duas estruturas socioeconômicas diferentes: a islâmica e a cristã.

Do século VIII ao século X, os núcleos de resistência cristã desenvolveram-se no norte: na cordilheira cantábrica surgiria o reino asturiano-leonês,

e nos Pireneus, o reino de Navarra e alguns condados, um dos quais, Aragão, também se tornará um reino. Para conter o avanço dos muçulmanos, o Império Carolíngio tinha criado a Marca Hispânica no nordeste da Península no século IX. Vilfredo, o Cabeludo, torna-se independente dos francos e cria a linhagem dos condes independentes de Barcelona. Durante os séculos XI-XIII, os reinos expandem gradualmente os seus territórios às custas daqueles ocupados pelos muçulmanos. O núcleo asturiano se tornaria o reino de Leão e, no século XI Castela e no século XII Portugal se separarão dele. A divisão entre o reino cristão e o reino muçulmano tomava forma definitivamente ao longo do último quartel do século XIII e no século XIV por meio de incursões contínuas. Este é o período em que Maria de Molina viveu. No início do século XIII, a situação dos reinos cristãos na Península Ibérica era a seguinte: o norte, até à linha do Tejo, estava dividido em quatro reinos cristãos (Leão, Castela, Navarra e Aragão-Catalunha). O sul e o leste faziam parte do extenso Império Almóada, que incluía não apenas Al-Andaluz, mas também Marrocos, Mauritânia, Tunísia e Argel. A atual Castela-Mancha era uma extensa fronteira, praticamente despovoada e delimitada por uma série de castelos defensivos, então nas mãos dos muçulmanos. À medida que novos territórios eram conquistados, os reinos hispânicos foram se organizando. Os reis aumentavam suas posses por meio de guerras que travaram com o apoio da nobreza. As áreas conquistadas foram repovoadas com camponeses livres, aos quais foi concedida a propriedade das terras durante os séculos IX e X. Posteriormente, em troca de sua participação em campanhas militares, os reis concederam aos nobres as terras conquistadas, que passaram a ser sua propriedade. Os nobres exerciam nos territórios as tarefas de governo delegadas pelo rei.



Imagem 2  
Reinos do Antigo  
Regime

Corona de Castilla 1400 es.svg: TykReinos Antigo Régimen.jpg: Ángel Luis Alfaro derivative work by Milenioscuro, CC BY-SA 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons

## 1.2. A guerra era uma realidade cotidiana

A Península Ibérica era um território em permanente conflito. A guerra era uma realidade cotidiana que afetava, de uma forma ou de outra, toda a sociedade. Os confrontos entre cristãos e muçulmanos foram um fenômeno constante durante séculos, e a guerra determinou as características específicas das sociedades hispânicas cristãs. Em muitas das cidades conquistadas, como Toledo, Sevilha ou Córdoba, os muçulmanos continuaram a viver sob o domínio cristão. Ao mesmo tempo em que este contato pacífico surgia, ocorriam violentos confrontos bélicos e, assim, os homens deixaram-se arrastar para extremos: por vezes de tolerância por vezes de extermínio.

Houve também guerras entre os vários estados cristãos, conflitos armados entre reis e seus vassalos e guerras entre nobres. Nas pinturas das igrejas e nas miniaturas dos livros da época,

aparecem constantemente motivos bélicos: batalhas entre infantaria e cavaleiros, ataques marítimos, assaltos a cidades ou castelos...

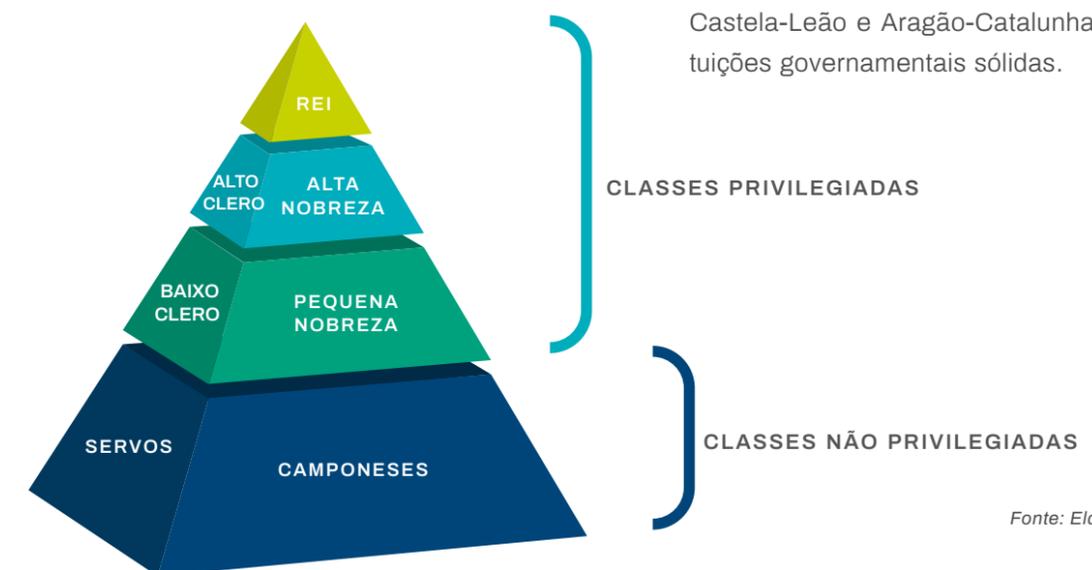


Imagem 3  
Recriação de uma batalha da época

<https://search.creativecommons.org/photos/0dc379ad-31ec-44ab-9621-221102a497f5>

A guerra era a razão de ser da nobreza e o nobre impunha seu sentido de vida guerreiro e baseava o poder em sua capacidade militar. Sua importância social derivava de uma concepção de sociedade dividida de acordo com as suas funções em três grupos: os que lutavam (*bellatores*) para defender os outros dois grupos; os que rezavam (*oratores*), ou seja, o clero; e os que trabalhavam (*laboratores*). Assim, formou-se uma sociedade cuja base era composta de camponeses, ocupados no trabalho da terra, que foram sendo gradualmente submetidos à nobreza. No topo da organização estava o rei, a personificação do reino. Na vida real, a sociedade medieval era muito mais complexa e acabou por ser dividida em dois grandes grupos: os **privilegiados** ou nobres e os **não-privilegiados**. As pessoas nasciam num determinado grupo e era praticamente impossível para elas mudarem. As relações entre a minoria privilegiada e a maioria não-privilegiada foram difíceis.

A Espanha dos séculos XII-XV manteve a estrutura de uma sociedade estratificada.



Fonte: Elaboração própria.

A nobreza e o clero continuaram a formar a classe privilegiada, porém, nas cidades surge uma nova classe social, a burguesia, que desde o primeiro momento fica integrada entre os não-privilegiados. Contudo, o burguês considerava-se um homem livre, não vinculado a nenhum senhor; a riqueza era a sua única distinção. Dois grupos logo se distinguiram: a alta burguesia, composta por ricos comerciantes e banqueiros, que logo imitaram a vida dos nobres, e a pequena burguesia, composta principalmente por artesãos.

## 1.3. Os ideais políticos da Idade Média

Os ideais políticos da Idade Média foram influenciados por uma concepção religiosa do mundo. Para a sociedade medieval, todo o poder vinha de Deus e o rei era o intermediário, sendo indispensável e intocável. A ideia de nação era desconhecida na Idade Média. Nessa época falava-se da cristandade: todos os países cristãos obedeciam ao papa e pertenciam a uma cultura que tinha uma concepção política comum para todos. No século XIII, quando a Reconquista reduziu ao mínimo a dominação muçulmana, Castela-Leão e Aragão-Catalunha tinham instituições governamentais sólidas.

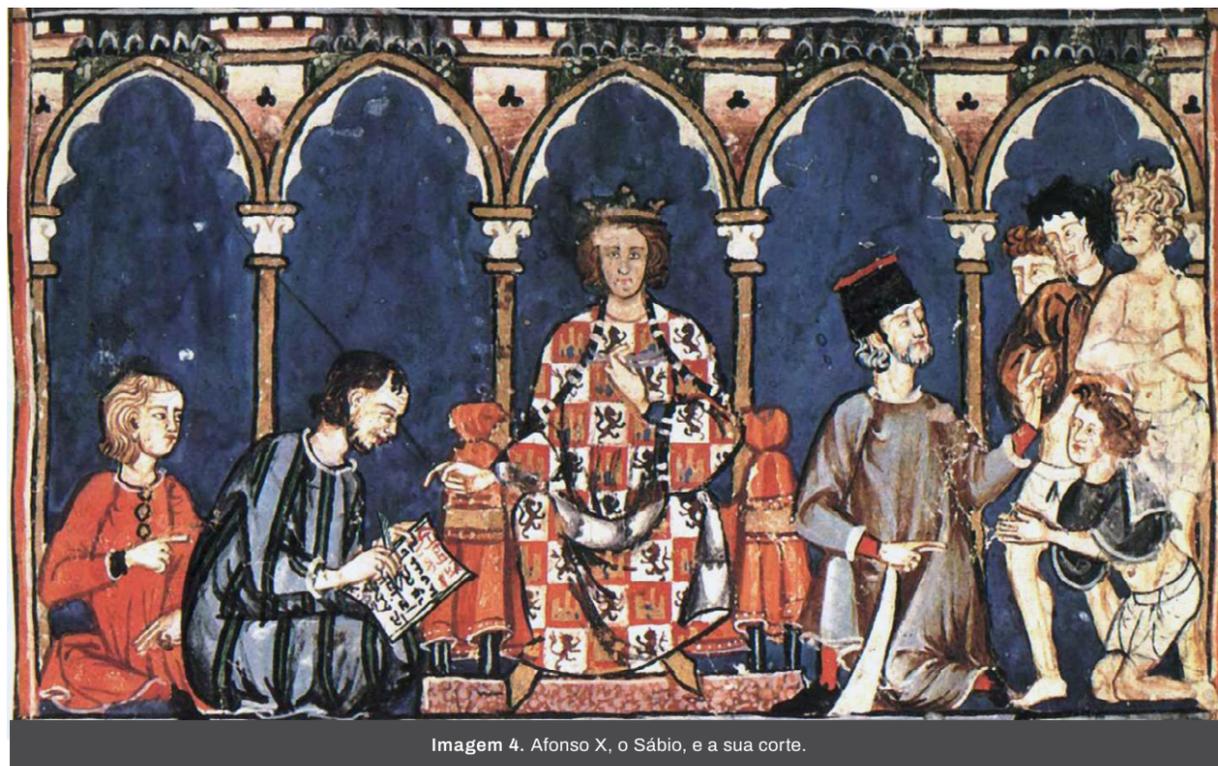


Imagem 4. Afonso X, o Sábio, e a sua corte.

Miniatura del Libro de Ajedrez, dados y tablas séc. XIII. Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. Dominio público. Tomada de: <https://commons.wikimedia.org/>

No final do século XIII, o poder era distribuído entre os conselhos urbanos, os grandes senhorios nobres e o senhorio do rei. Em 1280, a ideia de um reino estava plenamente consolidada. Para afirmar o seu poder, a monarquia limitou os privilégios da aristocracia e reforçou o elemento cívico. A partir do final do século XIII, durante o reinado de Maria de Molina, ocorreram confrontos entre a realeza e a nobreza, e ao contar com as tropas das irmandades de cidades castelhanas, a monarquia acabou por prevalecer.

Os antigos conselhos ou assembleias que na Alta Idade Média tinham sido necessários para ajudar o rei no governo derivaram nas Cortes da Baixa Idade Média. As Cortes surgem em Castela no século XII. Estas assembleias polí-

ticas contavam com a presença da nobreza, do clero e de representantes da burguesia urbana. As Cortes limitaram o poder dos reis, que, ao serem investidos, prometiam cumprir as leis e costumes do país e tinham de fazer o juramento de respeitar os privilégios das classes nelas representadas. O rei convocava as Cortes e determinava quando, onde e que assuntos deveriam ser discutidos, dirigia suas sessões e procedia ao encerramento. As rainhas provavelmente assistiram às cerimónias de abertura e encerramento, mas há poucas evidências de sua participação nelas. Na Coroa castelhana da Baixa Idade Média, os regentes estavam encarregados de convocar as Cortes caso o rei estivesse fora do reino ou em minorias de idade reais, como foi o caso de Maria de Molina.

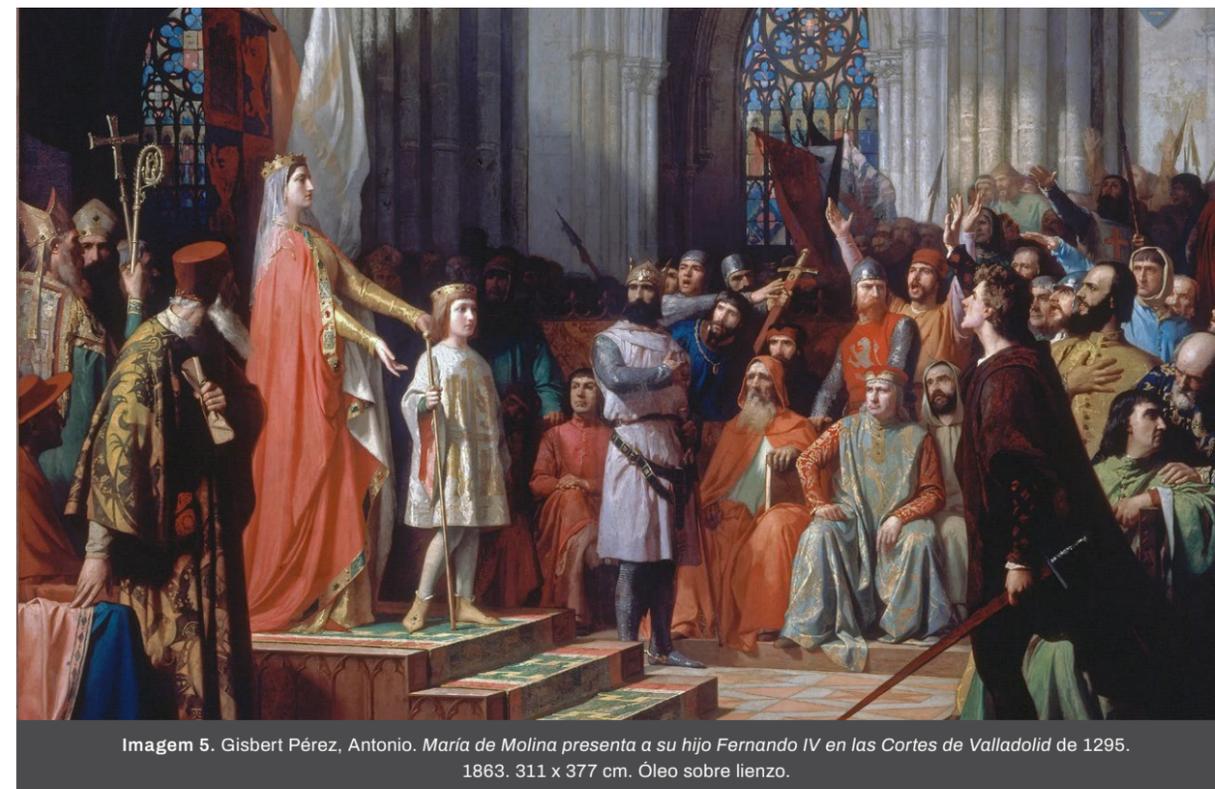


Imagem 5. Gisbert Pérez, Antonio. *María de Molina presenta a su hijo Fernando IV en las Cortes de Valladolid de 1295*. 1863. 311 x 377 cm. Óleo sobre lienzo.

Arquivo do Congresso dos Deputados da Espanha Dominio público. Recuperado de: <https://commons.wikimedia.org/wiki/>

#### 1.4. A vida material na Idade Média. Uma época cheia de contrastes e dificuldades

A guerra explica muitos aspectos da sociedade medieval, mas para além da guerra, houve uma coexistência de culturas que marcou significativamente a história da Península. Em certos momentos, a coexistência deu origem a conflitos sociais.

Na Península Ibérica existiam várias religiões e culturas: muçulmanos, judeus e cristãos. Nas terras de Castela, a convivência entre judeus e cristãos foi relativamente estável durante os séculos XII e XIII. Os fracassos políticos de Afonso X contrastaram com o esplendor cultural que Castela experimentou durante o seu reinado.

Poetas, juristas, trovadores, historiadores e homens sábios, tanto cristãos quanto judeus e muçulmanos, com o apoio do rei, contribuíram para a criação de uma cultura de síntese ligada à corte. Por exemplo, *Las Cantigas de Santa María* foram escritas pelo monarca em galego seguindo uma estrofe tipicamente árabe. A atitude de Afonso X em relação aos judeus e muçulmanos foi ambivalente. Se, por um lado, em *Las Siete Partidas*, ele estabeleceu que os judeus deveriam usar uma insígnia que lhes permitisse serem reconhecidos, por outro lado, protegeu os judeus da Corte: médicos, poetas, astrónomos e outros. A Castela de Afonso X tornou-se o intermediário cultural entre o Ocidente e o Oriente.



Imagem 6. A imagem no início do Códice rico de El Escorial mostra o rei no ambiente que lhe era mais querido: a coleção, estudo e transmissão da cultura. Um verdadeiro símbolo.

Afonso X, o Sábio. Public domain, via Wikimedia Commons

Os judeus habitavam a península desde a época romana. Eles viviam em comunidade (aljama) nos seus próprios bairros (bairros judeus), com ruas irregulares e estreitas com pequenas casas que serviam tanto de oficina e loja quanto de residência. Os bairros judeus estavam separados por muralhas do resto da cidade e regulamentados pelos seus próprios decretos. Os judeus espanhóis eram chamados de sefarditas, já que Sefarad era o nome pelo qual designavam a Espanha.

O feriado religioso judaico ou dia de descanso semanal era o *sabbat*, que decorre de sexta-feira à tarde ao sábado à tarde. A vida religiosa da comunidade estava centrada em torno da sinagoga, o edifício mais importante do bairro judeu. A família era chefiada pelo homem mais velho. Os casamentos só podiam ser celebrados entre judeus.

Os judeus eram pessoas altamente qualificadas que ocuparam cargos importantes nas Cortes reais (tesoureiros, diplomatas, médicos...) e trabalharam em ofícios relacionados com o comércio, o artesanato, as profissões intelectuais e a usura (empréstimo de dinheiro a juros). Ao longo do século XIV, o antissemitismo cresceu de forma constante. Primeiro, surgiram regras que exigiam que os judeus vivessem em bairros específicos

dentro das cidades ou que se vestissem de uma certa maneira. Finalmente, tudo isto levou aos terríveis pogroms (perseguição e massacre dos judeus) de 1391.

A vida na Espanha muçulmana girava em torno de cidades grandes e populosas. Nelas, o ambiente de rua era agitado, especialmente em volta dos socos e mesquitas. Em geral, havia respeito pelas normas islâmicas. O dia mais importante era a sexta-feira, quando a oração comum ao meio-dia na mesquita principal era obrigatória. As mulheres assistiam a este evento, uma vez que no resto da semana se dedicavam exclusivamente ao trabalho doméstico. As mulheres ocupavam uma posição secundária e estavam sujeitas à autoridade dos homens, embora em al-Andaluz gozassem de maior independência, principalmente, entre as classes abastadas.

O mundo cristão dos primeiros séculos medievais era essencialmente rural. Os cristãos do norte viviam em cidades ou aldeias espalhadas por todo o território. As casas eram pequenas e as pessoas e os animais viviam juntos em quartos separados. Os habitantes das zonas fronteiriças viviam em condições de vida precárias e inseguras, pois eram sujeitos a saques constantes e perdiam as suas colheitas e outros bens quando não as suas vidas<sup>1</sup>. À medida que a vida urbana se tornava mais complexa, as cidades cresciam e eram cercadas por muralhas. Dentro deste recinto, as casas se amontoavam em ruas estreitas e sinuosas, muitas vezes sujas e difíceis de circular; especialmente à noite. A vida nas cidades oferecia poucos confortos. As cidades careciam dos serviços mais básicos: as ruas tornavam-se lodaçais intransitáveis quando chovia e trilhas empoeiradas em épo-

<sup>1</sup> Diaz Rubiano, Manuel e outros. *Ciencias Sociales. Historia*. Editora Oxford Educación. pp. 94-95.

cas de seca; não havia água corrente nem esgoto; tampouco havia iluminação pública. A sujeira facilitou a propagação de epidemias. Os edifícios mais importantes, a prefeitura e a catedral, estavam localizados na praça principal.

Os burgueses ricos ou os nobres que vieram morar nas cidades possuíam casas senhoriais com grandes pátios. As cidades atraíram a população rural porque concentravam riqueza e poder. A explosão demográfica dos séculos XII e XIII, o crescimento da produção agrícola e o aumento do comércio favoreceram sua expansão, crescendo para além de suas muralhas. A maioria da população urbana era composta por artesãos e pequenos comerciantes. As atividades mais importantes — têxteis, de alimentação, ourivesaria, carpintaria e manipulação do ferro, entre outras — foram subdivididas em vários ofícios especializados em diferentes guildas com regulamentos muito detalhados que definiam a qualidade dos produtos, os salários... Cada guilda era dirigida por alguns artesãos ricos, abaixo deles havia muitos artesãos independentes que viviam das encomendas feitas pelas oficinas. A última etapa era constituída pela massa de contratados à comissão, com salários que mal lhes permitiam viver.

A vida quotidiana era caracterizada por contrastes. Assim, a alta nobreza, o alto clero e a burguesia mantinham um padrão de vida dominado pelo luxo. Por outro lado, a maioria da população tinha grandes problemas porque a escassez de alimentos era frequente, mesmo quando não estavam em um dos terríveis períodos de fome. O pão branco era servido à mesa dos senhores e a carne, especialmente de caça, era abundante.

A vida do jovem nobre girava em torno da atividade militar. Seu pai iniciava-o na equitação, na caça e no manuseio de armas até os dez ou doze

anos de idade. Sua formação continuava depois no castelo do rei ou de um nobre. Juntamente com outros jovens nobres, eles acompanhavam o seu mestre em torneios e atividades de caça de grande porte ou de falcão. As ocupações dos nobres, quando não lutavam, eram os torneios e a caça, o que lhes permitia manterem-se preparados para futuras cavalgadas guerreiras. Por volta dos vinte anos, tornava-se cavaleiro e ingressava à ordem dos cavaleiros, composta de várias categorias e títulos: rei, duques, marqueses, condes, barões e cavaleiros. Todos eles eram fiéis aos mesmos ideais: lealdade, bravura, honra...

Os camponeses representavam entre 80 e 90 por cento da população dos reinos ibéricos. No início eles se diferenciavam em pequenos proprietários livres, colonos e servos. Os colonos acabaram por ser o grupo mais numeroso. O ritmo de vida dos camponeses era muito simples, eles tinham pouco dinheiro e as suas exigências eram limitadas. O nível de bem-estar é geralmente medido pelo número de utensílios de cozinha que possuíam e pelas roupas de linho e cânhamo que as mulheres mantinham nos baús. As roupas eram fiadas, tecidas, cortadas e costuradas em casa. Os homens vestiam camisas de lã grossa, calças de tecido apertadas às pernas por meio de faixas ou calças curtas de couro, calças de tecido ou de lã, casacos de comprimento até os joelhos e, quando fazia frio, uma capa.

As mulheres também se vestiam de forma simples. Sobre suas camisas, elas usavam uma saia até aos pés e um corpete justo, e cobriam os cabelos com capuzes. No que se refere à alimentação, cada família contava com os recursos da propriedade rural, da horta e da criação de alguns animais domésticos: ovos, leite e seus derivados, legumes, toucinho, pão e, sobretudo, papas de cereal eram os alimentos mais comuns.

## 2. BIOGRAFIA

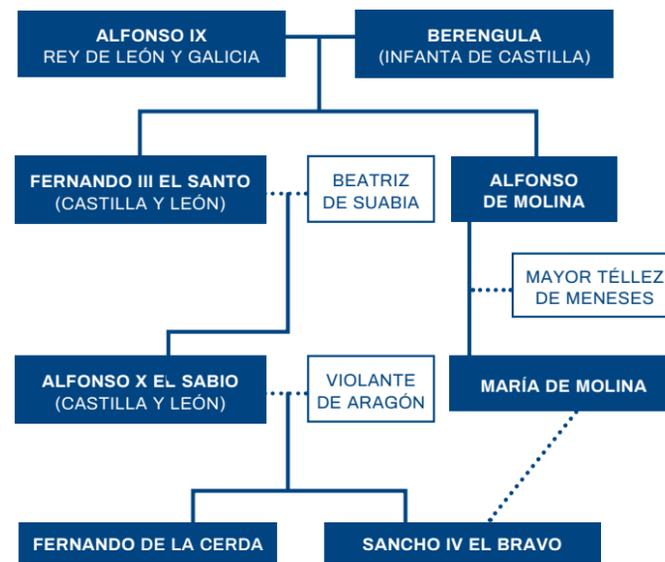
### DE MARIA DE MOLINA

#### 2.1. Maria Afonso de Meneses

Tanto na Idade Média quanto em outras épocas, a condição de rainha era a maior honra que se podia alcançar na escala social, mas a importância e relevância histórica que lhes é atribuída não está relacionada com os vestígios na documentação e geralmente não é fácil reconstruir seu perfil. Sobre Maria, Jofré de Loaysa e Fernán Sánchez de Valladolid, que escreveram as crônicas dos reis de Castela, são coletados alguns dados.

Não se sabe quando e onde exatamente Maria Afonso de Meneses nasceu, embora a historiografia indique que tenha sido por volta de 1260. Era filha do infante Afonso de Molina, irmão do rei Fernando III, o Santo, e de sua terceira esposa, Dona Maior Afonso de Meneses. Era neta do rei Afonso IX de Leão e da rainha Berengária, a Grande, prima do rei Afonso X e tia de segundo grau de Sancho IV, com quem se casou.

Sabemos pouco da infância de Maria, ela deve ter transcorrido tranquilamente em Tierra de Campos, perto da Abadia de Palazuelos, onde a sua mãe e outros parentes do ramo de Meneses estão enterrados. Pouco se sabe sobre a meninez de Maria; embora saibamos o nome de sua ama de leite, Maria Domínguez, e de sua ama, Maria Fernández Coronel, uma companheira sempre fiel.



Fonte: Elaboração própria.

Segundo as crônicas da época, Sancho, o quarto dos dez filhos nascidos no casamento entre o rei Afonso X, o Sábio, e Dona Violante, filha do rei Jaime I de Aragão, o segundo dos filhos homens depois do infante Dom Fernando, apaixonou-se perdidamente por Maria e quis casar-se com ela sem esperar pela dispensa pontifícia, uma condição indispensável por ser sobrinho de sua noiva. A decisão do infante é amplamente discutida. Para além da relação familiar, existiam outras circunstâncias especiais: Dona Maria tinha sido madrinha de uma menina, filha de Sancho e de sua amante, Dona Maria de Uceró,

parente de Maria. Isto sugere que esta relação era mais próxima do que uma simples formalidade familiar. Todos aprovam a escolha de Sancho. Dona Maria tem bondade, beleza, inteligência... “Dom Sancho tem 23 anos; ele viveu feliz, despreocupado e está em um momento de triunfo. Sente-se lisonjeado pelo apoio crescente dos reinos, tem tido sucesso no amor, os magnatas bajulam-no, interessa-se pela ciência, os poetas são seus amigos, provou sua coragem na guerra e definiu sua personalidade forte e impulsiva”<sup>2</sup>.

Em 1275 ocorreu um acontecimento decisivo na vida de Sancho: a morte inesperada de seu irmão, o infante Fernando de la Cerda, em Cidade Real, quando estava a caminho da fronteira sul para conter uma invasão dos Merínidas do Marrocos. Imediatamente, Sancho autoproclamou-se herdeiro e, como regente do reino na ausência de seu pai, partiu para Córdoba para defender com sucesso a fronteira. A morte do primogênito dificultou a sucessão ao trono. O direito consuetudinário castelhano estabelecia que, em caso de morte do primogênito na sucessão à Coroa, os direitos caberiam ao segundo filho Sancho; no entanto, o direito privado romano introduzido pelo próprio Afonso X no código de *Las Siete Partidas* estabelecia que a sucessão deveria corresponder aos filhos do primogênito, Dom Fernando de la Cerda. As intrigas acumularam-se em torno da sucessão complicada. O rei Afonso quis inicialmente satisfazer as aspirações de Dom Sancho, que se tinha destacado na guerra contra os invasores islâmicos, substituindo seu falecido irmão. Posteriormente, cedendo à pressão de sua esposa Violante de Aragão e de São Luís, rei da França e avô materno dos chamados “infantes de la

<sup>2</sup> Gaibrois, Mercedes (2010). *María de Molina*. Pamplona, Espanha: Ugoiti Editores, p. 25.

Cerda” (filhos de Dom Fernando), queria compensá-los e formar para Afonso de la Cerda, o mais velho dos filhos do antigo herdeiro, um reino em Jaén. Sancho opôs-se a este desmembramento do reino e confrontou seu pai.

A morte do filho mais velho de Afonso X causou uma guerra civil entre Dom Afonso e seu segundo filho Sancho. As Cortes de Valladolid em 1282 destronaram Afonso X. Os nobres dividiram o apoio entre ambos os pretendentes. Maria entrou na vida de Castela em tempos de agitação e discórdia, quando amigos e inimigos do rei Afonso X disputam sua autoridade real. Toda a vida do reino gira em torno da contenda entre pai e filho.

Nove meses após o casamento, Dom Sancho foi nomeado rei por aqueles que estavam descontentes com o governo de Dom Afonso, seu pai. Em honra do príncipe, devemos notar que enquanto o pai estava vivo, o filho não quis ser chamado de rei. Sabendo que somos da grande prudência e sentido político de Dona Maria, não podemos deixar de nos perguntar se esta atitude de obediência filial não foi aconselhada por sua esposa (que, por outro lado, era prima de primeiro grau do sábio rei). Temos um testemunho da atitude respeitosa de Dom Sancho. Num privilégio concedido à Igreja de Astorga em Valladolid, em 13 de maio de 1282, ele autodenominou-se o filho mais velho e herdeiro do rei Afonso. Os primeiros passos políticos realizados por Maria de Molina foram a busca de entendimento entre Sancho e Afonso. Ao se referir a eles, Mercedes Gaibrois diz: “A esposa de Sancho, o Bravo, iniciou sua atividade política como pacificadora, e esta seria sempre sua missão. Maria Afonso de Meneses possuía o dom da concórdia”.

### 2.1.1. A controvérsia de um casamento

No verão de 1281, é celebrado o casamento de Maria Afonso de Meneses e o infante Dom Sancho. Eles enfrentavam a nulidade devido à consanguinidade em terceiro grau. Além disso, houve um noivado anterior do então infante Sancho, embora nunca consumado, com uma rica herdeira catalã chamada Guillerma de Moncada, filha de Gastón de Bearne, uma candidata que Afonso X tinha preparado para ele e que era tão famosa por ser rica como por ser feia e valente. “O confronto de Sancho com o seu pai e a reação furiosa de Gastón de Bearne, decidido a vingar-se da afronta de Sancho, juntamente com a impugnação do casamento expressa pelo papa, deixaram bem claras as grandes dificuldades que teriam de ser superadas, e sempre a longo prazo, para conseguir a legalização deste casamento, que foi rapidamente seguido por aquela que viria a ser a guerra civil que, já em 1284, levaria Sancho ao trono, após a morte de seu pai Afonso X”<sup>3</sup>. O Papa Martinho IV, ao tomar conhecimento do casamento, escreveu uma dura carta a Sancho datada de 13 de janeiro de 1283 em Orvieto: ele descreveu o noivado como “núpcias incestuosas, grande desvio e infâmia pública”, ordenando-lhe que se separasse imediatamente sob pena de excomunhão.

## 2.2. Maria, rainha de Castela

Em 4 de abril de 1284, Afonso X morreu em Sevilha e em seu testamento deserdou o filho Sancho. Os filhos de Fernando de la Cerda, seu falecido irmão, iriam assumir o poder, apesar de

não serem maiores de idade. Sancho não cumpriu estas disposições e após o funeral em memória de Afonso X, apenas 20 dias mais tarde, em 26 de abril, o casal decide viajar de Ávila para Toledo para aí realizar a coroação. No dia marcado, na catedral ricamente decorada, Sancho e Maria foram ungidos monarcas dos reinos de Castela, Leão, Toledo, Galícia, Sevilha, Córdoba, Múrcia, Jaén e Algarve, e tiveram a filha, a infanta Isabel de Castela, reconhecida como herdeira do trono.

Maria de Molina viveu numa época de profunda mudança na vida castelhana. A partir do momento do casamento, Maria foi incluída no grupo dos conselheiros íntimos do infante e mais tarde do rei D. Sancho IV, e é associada por seu marido com a responsabilidade do governo. Embora ocasionalmente ela tivesse de superar algumas relutâncias e invejas de outros conselheiros, Maria desempenhou um papel decisivo em alguns momentos deste reinado.

Diversas cerimônias ocorreram em decorrência da ascensão de Sancho IV ao trono, nas quais ele pareceu estar particularmente interessado em mostrar o papel que Maria deveria desempenhar a seu lado como rainha eficaz. Toda esta legitimação cerimonial estava longe de satisfazer plenamente as preocupações dos monarcas sobre a legitimidade de seu casamento. De fato, não deixava de representar um lado fraco para a pacificação de um reino em que, apesar da vitória de Sancho, eram muitos os adeptos e aliados estrangeiros dos infantes de la Cerda, que continuaram durante muito tempo a reclamar seus direitos ao trono, sem deixar de mencionar, entre outras razões, a falta de legitimidade jurídica e canônica do casamento.

Em 6 de dezembro de 1285, o primeiro filho do sexo masculino, o futuro Fernando IV, nasceu

em Sevilha. No momento do nascimento, o rei, que se encontrava em Badajoz, ordenou que se realizassem “grandes alegrias”. Dada a instabilidade política, os procedimentos para reconhecer os direitos de Fernando ao trono foram acelerados, e no mês seguinte, em Zamora, foi empossado como herdeiro.

Entretanto, Maria acompanhava Sancho nas longas viagens que se seguiram. No ano seguinte, 1286, a rainha deu à luz outro menino, a alegria foi grande porque a herança do reino foi estabelecida, mas o infante morreu aos cinco anos de idade.

Em 1286, intensificaram-se as negociações com a França, cuja aliança parecia necessária para Castela a fim de assegurar a sua pacificação com o partido dos infantes de la Cerda, mas, sobretudo, para aproximar as posições do pontificado e poder obter a tão desejada bula de legitimação matrimonial. No entanto, os resultados destas negociações sobre este ponto foram negativos. O abade de Valladolid, Gómez García de Toledo, era na época o principal secretário privado do rei e o seu principal agente nas negociações com a França. O rei francês Felipe IV queria que o casamento com Maria fosse anulado para que Sancho se casasse com uma princesa francesa, que serviria de garantia da nova aliança franco-castelhana. O abade de Valladolid sabia da oposição radical de Sancho a qualquer acordo que exigisse a anulação de seu casamento, mas aceitou tal condição e agiu secretamente, sem revelar os detalhes a Sancho. Quando Sancho soube da condição de casamento acordada, recusou-se a realizar a entrevista. Esta questão, somada à conclusão de que Gómez García de Toledo tinha tirado uma quantia significativa de dinheiro do rei sob o pretexto de usá-lo no Pontifício Tribunal para obter a dispensa do casamento, acelerou a queda política deste secretário privado real.

O privilégio do senhor de Biscaia Lope Díaz de Haro substituiu o do abade de Valladolid. Lope Díaz de Haro, casado com Joana, uma irmã da rainha Maria, foi ganhando influência sobre o monarca. Para Maria, o privilégio do senhor de Biscaia Lope Díaz de Haro representou um dos momentos mais delicados do reinado de Sancho IV. A inimizade que a rainha Maria mantinha com Lope é mais do que justificada porque ele fez tudo o que estava a seu alcance para fomentar o afastamento entre o rei e a rainha, uma vez que sempre tinha sido a favor da ruptura do casamento, a fim de favorecer o cumprimento do noivado do rei com Guillerma de Moncada. Para enfraquecer a moral da rainha e de mantê-la sob seu controle, ele afastou de seu círculo as pessoas que lhe eram leais. Ele esperava que a rainha reclamasse do senhor de Biscaia ao seu marido e que, censurando uma pessoa em quem o rei tinha tanta confiança, este último ficasse indignado. Para não desagradar o rei, Dona Maria não protestou, e foi o rei de Portugal quem fez Dom Sancho tomar conhecimento das manipulações do senhor de Biscaia.

O rei decidiu recuperar os territórios que o senhor de Biscaia tinha usurpado, mas este se recusou a devolvê-los e a guerra teve que ser declarada contra ele. Os desentendimentos com Sancho IV levaram ao incidente de Alfaro em 1288: a intervenção pessoal da rainha salvou a vida do infante João, irmão do rei, quando este estava prestes a matá-lo. Desde que Nicolau IV chegou ao papado em 1288, abriram-se novas expectativas no caminho da legitimação do casamento. Pouco antes da morte de Nicolau IV, Sancho e Maria puderam garantir a legitimidade de seu casamento graças à bula da dispensa de casamento *Proposita nobis*, de 25 de março de 1292. Cinco anos mais tarde, durante o papado de Bonifácio VIII, soube-se que se tratava

<sup>3</sup> Nieto Soria, José Manuel. *María de Molina*. Academia Real de Historia [Página web]. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/11484/maria-de-molina>

de uma falsificação, mas isso permitiu conter a agitação política que o casamento ilegítimo tinha gerado.

Em 1288, a rainha deu à luz em Vitória outro infante, Henrique, que morreu aos onze anos de idade. Dois anos mais tarde, em 1290, Pedro nasceu em Valladolid, que viria a ser o mordomo de seu irmão Fernando IV. Ele foi sempre um fiel colaborador de seu irmão e tornou-se o tutor de um filho de Fernando, quando este último morreu deixando Afonso XI como menor de idade. Em 1291, ao assinar o Tratado de Monteaugudo, Jaime II de Aragão comprometeu-se a casar com a infanta Isabel, filha da rainha, quando ela tivesse a idade suficiente para tal (a noiva tinha então oito anos de idade). Esta união foi apenas civil, pois o papa frustrou-a por causa da consanguinidade dos noivos. E a infanta regressou a Castela. Mais tarde, Isabel contraiu matrimônio com João III da Bretanha, duque da Bretanha e bisneto de Henrique III da Inglaterra.

A partir de 1291, a participação direta da rainha nos assuntos políticos da Corte tornou-se mais intensa. Especialmente importante foi a intervenção pessoal da rainha na preparação da campanha para a conquista de Tarifa em 1292. No final de maio deste ano, a rainha, novamente grávida, mudou-se para Sevilha, onde nasceu o infante Felipe. Sevilha tornou-se a base de abastecimento do exército durante todo o verão. Maria envolveu-se plenamente em todas as atividades relacionadas com a organização e administração da campanha contra os merínicas.



Imagem 7.  
Estátua de Sancho IV às portas do castelo de Tarifa, Espanha

“Sancho IV el Bravo” by minipunk is licensed with CC BY-NC 2.0.  
To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/2.0/>

“Dona Maria era uma rainha errante que acompanhou o rei aonde quer que ele fosse, como podemos constatar apenas vendo em quantos lugares diferentes os infantes nasceram. Julgaríamos que ela agia bem, porque os reis, naqueles tempos, consideravam-se justificados em tomar uma mulher na mais pequena oportunidade. Além disso, ela sabia que o marido tinha tido alguns filhos com outras mulheres antes de estar com ela, então não desejava dar nenhuma oportunidade a estas outras rivais em potencial. Embora ela só tenha reinado com o marido por onze anos, e na maioria das vezes grávida, percorreu todas as terras do reino, o que lhe permitiu conhecer pessoalmente os homens e os povos, algo que lhe foi de grande ajuda e utilidade quando teve de reinar em nome de seu filho e de seu neto”<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Márquez de la Plata, Vicenta (2018). *Mujeres con poder en la Historia de España*. Ediciones Nowtilus, p. 176..

### 2.2.1. Maria, senhora de Molina

Desde 1293, o ano em que sua última filha, Beatriz, nasceu em Toro, podemos referir-nos devidamente a Maria de Molina, uma vez que foi nessa altura que ela recebeu o referido senhorio.

Do casamento do infante Dom Afonso com a sua primeira esposa, Dona Mafalda Manrique de Lara, a rainha Maria tinha uma meia-irmã, Dona Branca, senhora de Molina e de Mesa. Após a morte de Isabel, filha de Branca, o rei Sancho solicitou à meia-irmã da rainha Maria que lhe nomeasse herdeiro do senhorio de Molina. Dona Branca concordou e, em 10 de maio de 1293, concedeu um testamento a favor do monarca. Com a morte de Branca, nesse mesmo mês de maio, o rei transferiu esse senhorio a Maria, que imediatamente tomou posse dele, que incluía a cidade e fortaleza de Molina, nos confins da fronteira entre Castela e o reino de Aragão. Maria tornou-se, para Castela e para a história, Maria de Molina.

### 2.2.2 Morte de Sancho IV, o Bravo

Em 1294, a saúde do rei estava deteriorando-se consideravelmente. Durante os últimos meses do reinado, o protagonismo da rainha na Corte tornou-se cada vez mais intenso. No início de 1295, a Corte encontrava-se em Alcalá de Henares. Perante o agravamento significativo de seu estado, o rei ditou seu testamento na presença de toda a Corte, com o arcebispo de Toledo à frente. Nele foi incumbida a Maria a tutela do futuro rei, que mal tinha nove anos de idade, o que a colocava na vanguarda da cena política, uma posição que, com breves intervalos, ela deveria de manter até o fim de sua vida. Em 25 de abril de 1295, vítima de tuberculose, Sancho IV morreu em Toledo, com menos de 37 anos de idade. Após a morte prematura de seu marido, a figura política de Maria de Molina cresceu gradualmente, tornando-se uma figura chave da política castelhana durante as tensas infâncias de Fernando IV e Afonso XI.



Imagem 8. Castelo de Molina

“Castillo de Molina de Aragón - Guadalajara” by Antonio Marín Segovia is licensed with CC BY-NC-ND 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/>

## 2.3. Maria: rainha, mãe, tutora. Sozinha num mundo de homens

Após a morte de Sancho IV, a situação que Maria teve de enfrentar não poderia ter sido mais delicada. Ela estava sozinha e estava encarregada de governar um reino em nome de uma criança, cujos direitos eram questionados e medidos por uma guerra civil.

A rainha regente logo assumiu suas novas funções e iniciava a difícil tarefa de obter apoio suficiente para a causa de seu filho num contexto favorável para que os partidários dos infantes de la Cerda, com o apoio de um grande grupo da nobreza castelhana, reclamassem seus direitos ao trono. Além disso, a falta de legalização do vínculo matrimonial com Sancho continuou a ser utilizada para minar a legitimidade de Fernando para se tornar o sucessor do pai no trono castelhano. A crônica de Jofré de Loaysa narra em pormenor os primeiros dias de Maria de Molina como regente, revelando-se uma mulher “muito prudente e sábia” e “firme”. Ela trabalhou exaustivamente desde manhã cedo até às três horas manhã, sem descansar, demonstrando sua capacidade de trabalho e a sua habilidade política.

Desde o início de seu reinado, Maria comprometeu-se firmemente a ganhar o apoio dos conselhos: ela implementou medidas como a confirmação dos foros e privilégios dos conselhos e a abolição da sisa, ao mesmo tempo que tomava a iniciativa de convocar as Cortes, que tiveram lugar no mesmo ano de 1295 em Valladolid. Mas o apoio das cidades não era suficiente, e ela também teve de negociar com alguns dos membros mais influentes da nobreza. Até 1301, ano em que Fernando IV atingiu a maioridade, Maria teve de enfrentar uma situação de

confronto bélico quase contínuo com todos os partidários de impedir a adesão de seu filho ao trono: em 1296, a invasão de Castela pelas tropas aragonesas; a entrada de Dinis de Portugal nas proximidades de Valladolid; a ofensiva castelhana no outono de 1296, e as campanhas de Jaime II de Aragão em Múrcia (todas desfavoráveis para Castela). Em 5 de setembro de 1297, um importante acordo foi assinado em Alcanizes pelo qual Fernando IV e Constança de Portugal deveriam unir-se, bem como sua irmã Beatriz com o príncipe herdeiro de Portugal, Afonso.

### 2.3.1. Legitimidade do casamento

Em 6 de setembro de 1301, seis anos após ter ficado viúva, ela alcançou seu outro objetivo: a bula do papa Bonifácio VIII que legitimou o seu casamento com Sancho IV e, conseqüentemente, Fernando IV tornou-se um rei legítimo. Ao mesmo tempo que em outra bula, dada dez dias depois, o papa quis intervir na reconciliação entre Fernando e Afonso de la Cerda, nomeando o bispo de Sigüenza e o arcebispo de Toledo como mediadores.

### 2.3.2. Maioridade de Fernando IV

Em 6 de dezembro de 1301, tendo atingido a idade de dezesseis anos, Fernando IV foi proclamado maior de idade. Entretanto, os nobres mais proeminentes prepararam-se para assumir cargos na Corte, influenciando o novo rei a promover a remoção de sua mãe. Um dos momentos mais difíceis para a rainha foi a conspiração dos dois secretários de seu filho, Dom Juan e Dom Juan Núñez, que lhe exigiram assumir a responsabilidade em seu período como tutora e a obrigaram a entregar as joias recebidas do falecido Sancho. Ao aceder a estas exigências dos nobres, Fernando mostrou fraqueza de caráter e foi muito ingrato para com a mãe, que

tinha feito um grande esforço para preservar o trono para ele.

Quando a rainha-mãe presenciou o casamento entre seu filho Fernando e Constança de Portugal, em janeiro de 1302 em Valladolid, e o subsequente nascimento de um herdeiro, retirou-se discretamente do poder, embora devesse continuar a mediar as negociações entre Castela, Aragão e Portugal e os interesses dos principais grupos de nobres das irmandades do concelho. A sentença arbitral de Torrellas (8 de agosto de 1304) serviu para pôr fim à guerra civil e ao conflito com Aragão, que foi motivado principalmente pelo apoio de Jaime II às aspirações de Afonso de la Cerda ao trono castelhano. A partir de 1305, o ambiente político castelhano foi mais calmo, talvez porque a nobreza conseguiu ver satisfeitas algumas de suas reivindicações.

No início de 1308, Maria esteve entre a vida e a morte durante vários dias. Pensando que ia morrer, ela fez um testamento, no qual fez várias disposições de ordem espiritual e material. No entanto, ela superou a doença.

## 2.4. Rainha novamente. Tutora do rei Afonso XI em sua infância (1312-1321)

Em 7 de setembro de 1312, durante uma campanha contra os mouros, Fernando IV morreu com apenas 27 anos de idade. Mais uma vez, Castela encontrava-se com um jovem rei, Afonso XI, com pouco mais de um ano de idade. Um novo ciclo de conflitos civis começou. Cabia às Cortes resolver, seguindo os critérios das *Siete partidas*, a luta pela tutela, procurando uma fórmula que permitisse resolver a situação com um, três ou cinco tutores. Para este fim, as Cor-

tes reuniram-se em Palencia em abril de 1313. No entanto, o resultado foi a divisão. A morte repentina da rainha Constança, em 18 de novembro de 1313, complicou ainda mais a situação. O objetivo de Maria era tentar agir como pacificadora em mais um dos muitos momentos de anarquia e de conspiração da nobreza que ela teve de enfrentar durante sua vida. O resultado destas negociações foi o acordo de Palazuelos, em agosto de 1314: Maria de Molina assumiu a regência de seu neto Afonso XI, uma responsabilidade que partilhou com os infantes Pedro e João. Maria e o neto Afonso XI estabeleceram-se em Toro.

No verão de 1319 os infantes Pedro e João morrem numa campanha contra os mouros de Granada. Mais uma vez, a sombra ameaçadora da anarquia é lançada sobre o reino castelhano-leones. As mediações de Maria com uns e outros fracassaram. Nesse contexto caótico, apenas ela foi reconhecida por todos como uma tutora legítima. Como a situação se tornava incontrolável, recorreu à mediação do papa, ao mesmo tempo em que convocou as Cortes. Nessa altura, sua saúde estava muito deteriorada e, nos meses seguintes, piorou. Ela fez um testamento em 29 de junho de 1321, reiterando muitas das ordens piedosas estabelecidas no seu testamento de 1308. Morreu em 1º de julho. Nessa época, o seu neto, o futuro Afonso XI, tinha dez anos de idade. Ela foi enterrada, de acordo com sua vontade, em Santa María la Real, também conhecida como Huelgas Reales de Valladolid, um mosteiro cisterciense por ela fundado.



**Imagem 9**  
O túmulo de Maria de Molina no Mosteiro de Las Huelgas em Valladolid.

«Monasterio de las Huelgas reales - Sepulcro de María de Molina 2» by albTotxo is licensed with CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/>

## 2.5. Mosteiro de Santa María de las Huelgas Reales de Valladolid

A ligação entre Maria de Molina e o mosteiro é explicada da seguinte forma pela Associação Cultural de Valladolid Domus Pucelae:

O mosteiro de Las Huelgas Reales de Valladolid está ligado à figura de Maria de Molina, três vezes rainha de Castela, visto que o complexo do convento cisterciense se ergue no terreno do que foi outrora o palácio de recreio que no século XIII uma ilustre dama compartilhava com seu marido Sancho IV, o Bravo, perto do chamado Prado de la Magdalena. A origem do mosteiro feminino encontra-se numa fundação primitiva de Dona Sancha, irmã de Afonso VII, que após obter em 1282 a aprovação do bispo de Palencia, diocese a que pertencia Valladolid, erigiu um primeiro mosteiro nos arredores de San Juan (atual rua de Santa Lucía), cuja igreja sucumbiu a um incêndio trinta e oito anos mais tarde. Foi então que Maria de Molina decidiu renovar a licença para construir um novo complexo cisterciense, entregando em 1320 parte das instalações de seu próprio palácio a Maria Fernández de Valverde, que então ocupava o cargo de abadessa. Desta forma, Maria de Molina tornou-se mecenas e fundadora da nova instituição, que renovou as suas instalações sob o patrocínio real em troca de orações pelos membros da família real.

Nesse momento, um templo e vários anexos foram construídos em estilo gótico, preservando a muralha de tijolos e as torres de guarda do primitivo palácio, obra realizada por construtores mudéjares, da qual se conserva, como uma testemunha silenciosa da época, a que fora outrora a porta principal, hoje descontextualizada no pátio da escola de Santa María la Real de las Huelgas.

O mosteiro foi vítima dos ataques virulentos de Afonso XI, o Justiciero, neto da fundadora, que em 1328 destruiu grande parte do palácio e do convento apenas sete anos após a morte de sua avó real, dando ordens expressas para respeitar apenas o lugar de sepultamento, aquele que a rainha tinha ordenado em seu testamento, escrito em 1321, depois de ter favorecido permanentemente a comunidade. O marido, Dom Sancho, e dois infantes também seriam enterrados naquela igreja. No transepto, em frente ao retábulo principal, foi conservado o sepulcro de Maria de Molina, uma obra gótica feita numa oficina de Toledo por volta de 1420 que apresenta em alabastro a imagem jacente da rainha e nos lados da cama os relevos do Calvário, São João Baptista, São Cristóvão e a Virgem com o Menino, com motivos heráldicos da família real e um curioso relevo testemunhal no pé que representa Maria de Molina entregando às freiras o ato de fundação<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Recuperado de: <http://domuspucelae.blogspot.com/2013/01/un-museo-diferente-monasterio-de-las.html>



**Imagem 10**  
Mosteiro de Las Huelgas Reales, Valladolid

“File:01 Valladolid arco mudéjar Huelgas Reales lou.jpg” by Lourdes Cardenal is licensed with CC BY-SA 4.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>

Porta de fortificação em estilo mudéjar construída em tijolo, com arco em ferradura pontiagudo, que, por sua tipologia, teria pertencido ao primitivo palácio de Maria de Molina. Presume-se também que foi usado como portão da muralha de Valladolid no século XIV.

### 3 . A S M U L H E R E S

## NA SOCIEDADE MEDIEVAL

**A**chei curiosa a referência que Cristina Gómez Ventayol publicou na revista *Detección y Monedas* falando de Jacoba Félicié, uma médica do século XIV. “No nascimento da historiografia moderna, muitos dos pensadores que fizeram parte dela esqueceram-se de incluir todas aquelas mulheres que durante a Idade Média e a Idade Moderna exerceram profissões, geralmente atribuídas aos homens, ou que usaram práticas de poder semelhantes às deles. Assim, filósofas, médicas, pintoras, nobres que exerciam o mecenato artístico, colecionadoras, entre tantas outras, ficaram relegados à história e as suas ações foram atribuídas, na maioria dos casos, a seus pais, maridos ou irmãos”<sup>6</sup>.

Para estudar a vida das mulheres medievais, as fontes são de diferentes tipos, mas o escasso relato nas crônicas da época contribuiu para a ignorância do protagonismo feminino. Elas viveram numa época com um sistema social muito rígido, marcado pelo nascimento, que estabelecia a classe social a que se pertencia.

<sup>6</sup> Gómez Ventayol, Cristina (5 de março de 2019). “Jacoba Félicié, una médico del siglo XIV” en *D y M Magazine España*. Disponible en: <https://www.revista-dm.com/website/jacoba-felicie-una-medico-del-siglo-xiv/>

De fato, a classe social de um indivíduo determinava até o tipo de vida religiosa a que ele tinha acesso. Os primeiros mosteiros criados para mulheres foram fundados em sua maioria por reis ou nobres para mulheres da própria família ou posição. As ideias sobre as **mulheres na Idade Média** foram promovidas por clérigos e por grupos economicamente poderosos que viam as mulheres como objetos de decoro, “estando subordinadas ao interesse da terra”<sup>7</sup>. Do púlpito, pregava-se que **“a mulher era a porta do inferno e Maria a porta do céu”**<sup>8</sup>. A Igreja considerava a mulher como um mal para o homem, com base na passagem da Bíblia em que Adão e Eva foram expulsos do paraíso. Estas concepções da mulher passam a fazer parte da mentalidade quotidiana da época. A mulher como um demônio, algo inferior e perverso. Numa sociedade temente a Deus, **a Igreja** desempenhou um papel importante na pregação destas ideias, porém os aristocratas e os leigos também adquiriram esta visão das mulheres. Assim, a ideia de **inferioridade feminina** é consolidada. Apesar desta visão, nem a **Igreja** nem a **aristocracia** conseguiram **silenciar todas as mulheres**. Algumas delas, pertencentes às classes médias urbanas, fizeram sentir sua presença a partir do **século XII**, quando o comércio e as cidades começam a desenvolver-se.

No que diz respeito à **educação feminina**, devemos considerar, por um lado, as mulheres da aristocracia; por outro lado, as mulheres dedicadas à vida religiosa e, finalmente, as mulheres pertencentes ao povo comum. Cada grupo recebia um tipo de educação diferente.

<sup>7</sup> Power, Eileen (1975). *Medieval Women (Women in History)*.

<sup>8</sup> *Ibid.*

A principal função da mulher nobre era gerar filhos, seu casamento obedecia a questões políticas para selar pactos entre famílias poderosas, algo que por vezes poderia beneficiar socialmente esta mulher, já que podia adquirir mais poder (posses) e melhorar a posição social. Entre suas tarefas estava a organização e o controle das pessoas que trabalhavam a seu serviço, o cuidado e a educação dos filhos, cuidando da economia da família na ausência do marido, que geralmente estava na guerra. Além disso, a mulher nobre aprendia a fiar, a ter boas maneiras e a administrar uma casa. Também era educada em outros aspectos: aprendia a ler, escrever, gramática, as Sagradas Escrituras, a tocar diversos instrumentos musicais tais como o saltério, a cantar e a falar outros idiomas.



Imagen 11  
Cantiga CLX do Códice de las *Cantigas de Santa María*, por Afonso X, o Sábio. Biblioteca do Mosteiro de El Escorial.

G.Rosa, CC BY-SA 3.0 <<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commonst.

A mulher religiosa não apenas entrava num mosteiro para se dedicar inteiramente a Deus, mas também movida por outros objetivos: ter mais liberdade, escapar de um casamento arranjado, encontrar abrigo e comida, obter o perdão dos pecados ou por ser viúva (este caso era muito frequente entre nobres e rainhas). Estamos diante de um grupo de mulheres altamente valorizadas, diversificadas e cultas. Elas sabiam ler, escrever e falar vários idiomas (latim, grego e outros).

As mulheres urbanas eram as esposas, filhas e viúvas dos trabalhadores urbanos, comerciantes e artesãos. Algumas costumavam trabalhar ao lado de seus pais e maridos como artesãs qualificadas e, após a morte, herdavam os negócios de seu marido. Muitas mulheres, após o casamento, continuavam no mesmo ofício que tinham como solteiras (diferente do ofício do marido em alguns casos). **“Quase não encontramos trabalhos em que não houvesse presença feminina”**<sup>9</sup>. No Registro de Alcabalas (imposto) da Coroa de Castela, a contribuição e o ofício que algumas mulheres desempenhavam estão documentados (artesãs, seleiras, sapateiras, costureiras, tosquiadoras...). Há indícios de que em Córdoba as mulheres podiam aprender um ofício artesanal, de que em Sevilha havia teares geridos por mulheres ou que em cidades como Cuenca ou Palencia as mulheres não estavam proibidas de praticar qualquer ofício. Além de contribuírem para a economia familiar, elas tinham de organizar a casa: cozinhar, limpar...e cuidar dos filhos.

No mundo camponês, não é estranho encontrar mulheres que possuíam terras, não apenas quando ficavam viúvas, mas também porque

<sup>9</sup> Labarge, Margaret Wade (2003). *La mujer en la Edad Media*.

eram suas proprietárias antes do casamento. As mulheres eram diaristas, colhedoras, ordenhadoras, plantadoras e realizavam outros ofícios no mundo camponês. Em quase todos os senhorios podemos encontrar mulheres trabalhando: eram elas as encarregadas dos trabalhos domésticos, do cuidado da casa e da educação dos filhos, da elaboração dos têxteis e do vestuário para a família. Nas residências dos senhores podiam-se encontrar criadas dedicadas ao serviço do senhor.

## 4 . BIBLIOGRAFÍA

Caso, Ángeles (2008). *Las olvidadas. Una historia de mujeres creadoras*. Barcelona, Espanha: Editora Planeta.

Ferrer Valero, Sandra (2019). *Mujeres silenciadas en la Edad Media*. Punto de Vista Editores.

Gaibrois, Mercedes (2010). *María de Molina*. Pamplona, Espanha: Urgoiti Editores.

González Mínguez, César (2012). "El perfil político de la reina María de Molina" en *Espacio, Tiempo y Forma*, serie III, H.<sup>a</sup> Medieval, tomo 25, págs. 239-254. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/viewFile/1685/1565>

Labarge, Margaret Wade (2003). *La mujer en la Edad Media*. San Sebastián, San Sebastián, Espanha: Editora Nerea.

Márquez de la Plata, Vicenta (2018). *Mujeres con poder en la Historia de España*. Ediciones Nowtilus.

Márquez de la Plata, Vicenta e Valero de Bernabé, Luis (2000). *Reinas medievales españolas*. Alderabán Ediciones.

Pérez, Adolfo Luis (12 de abril de 2017). "La mujer: su concepción y educación en la Edad Media" em *Diario 16*. Disponível em <https://diario16.com/la-mujer-concepcion-educacion-la-edad-media/>

Reglá, Juan (Dir.) (1969). *Historia de España ilustrada*. Tomo 1. Barcelona, Espanha: Editora Sopena.

Segura Grañó, Cristina (1998). *Diccionario de mujeres en la historia*. Madrid, Espanha: Espasa.

Tavera, Susana; Pastor, Reyna; De la Pascua, M.<sup>a</sup> José, e Martínez, Cándida (2000). *Mujeres en la historia. Enciclopedia biográfica*. Barcelona, Espanha: Editora Planeta.

VV. AA. (1998). *Historia de la humanidad. La época del feudalismo*. Barcelona, Espanha: Editora Larousse.

### Os sites de especial interesse são:

Dicionário da Real Academia de la Historia:

<http://dbe.rah.es/>

Biblioteca Digital da Real Academia de la Historia:

<https://bibliotecadigital.rah.es/>

<https://www.mujeresenlahistoria.com/>

## 5 . GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

A **história serve para estudar** o passado, a fim de explicar o presente. Mediante o estudo da história, pode-se chegar a compreender como as sociedades vieram a ser o que são hoje, as tradições, cultura, política, economia, tecnologia... mas, além disso, o estudo da história promove o pensamento crítico e a obtenção de conclusões objetivas. Com o que aprendemos com a leitura do livro de Maria de Molina, propomos que os(as) estudantes se tornem pesquisadores de história medieval por meio de um trabalho por projetos. O projeto poderia ser uma exposição intitulada: **A história também pertence às mulheres. Maria de Molina, três vezes rainha (1264-1321)**. Ele pode ser realizado em uma disciplina (História, Literatura...) ou melhor, trabalhando-o de uma forma transversal e conjunta com o ponto de vista de diferentes disciplinas. Como produto final, deverá ser preparada, juntamente com outros(as) estudantes, uma exposição cultural.

### Os objetivos a serem alcançados são:

- Compreender e assumir a importância da história para melhorar as sociedades e para alcançar a igualdade entre homens e mulheres.
- Conhecer histórica e culturalmente a época de Maria de Molina.

- Compreender o papel de mulheres como Maria de Molina nos acontecimentos históricos.
- Compreender e apreciar as diferentes obras artísticas relacionadas com Maria de Molina e sua época e incentivar os(as) alunos(as) e o bairro a fazer o mesmo.
- Desenvolver a capacidade de pesquisa.
- Fomentar a criatividade na organização e no trabalho cooperativo.
- Desenvolver habilidades de apresentação oral e escrita.

### Fases do projeto

#### Fase 1. Ponto de partida. Reflexão sobre como

A história proporciona e reforça a identidade dos povos; por esta razão, as nações modernas promovem o estudo de sua própria história. Deste ponto de vista, como introdução e motivação para os(as) alunos(as), um vídeo sobre Maria de Molina pode ser utilizado para aprender mais sobre a personagem e sua história. Alguns exemplos são:

- *MdNBio-María de Molina: la reina sabia* (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tzuRLCB2W5c>)
- *María de Molina, reinda de Castilla y León* (Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HWbj5N\\_sN2o](https://www.youtube.com/watch?v=HWbj5N_sN2o))
- *María de Molina (Valladolid)* (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4aodj-2GTxOc>)

Podemos abrir um debate em classe sobre a coragem e diligência que Maria de Molina de-

monstrou numa sociedade patriarcal e especialmente complexa para defender os direitos de sua linhagem. O tema central pode ser: Maria de Molina e os problemas que encontrou por ser mulher. Os problemas teriam sido os mesmos se Maria de Molina tivesse sido um homem e não uma mulher? As mulheres e os homens tiveram oportunidades iguais ao longo dos tempos para realizar seus sonhos? Os homens e as mulheres têm os mesmos direitos e as mesmas obrigações no mundo atual? Que diferenças podem ser observadas entre a sociedade em que Maria de Molina viveu e a sociedade atual? Podem ser encontrados traços comuns?

## Fase 2. Planejamento do trabalho

Escolha do local onde será realizada a exposição. Sugerimos que a exposição aconteça no centro escolar, mas também pode ser aberta ao bairro ou à região. Características dos espaços escolhidos, orçamento para painéis e murais, possibilidade de trabalhar com meios audiovisuais, computadores, telas, televisores etc. Apresentação de um folheto ou cartaz explicativo e publicitário da exposição: título do tema da exposição, data, local e duração.

## Fase 3. Seleção de equipes

De entre cinco e seis membros, com diferentes níveis de conhecimento. Os grupos serão escolhidos pelo corpo docente de acordo com estas necessidades. Como o objetivo é criar um produto final conjunto, a seleção dos grupos deve ser definida por suas competências, onde cada grupo se torna uma comissão de especialistas em informática, em meios audiovisuais, em artes plásticas e desenho, pesquisadores,

porta-vozes etc. Dentro de cada equipe, deverá ser escolhido quem será o porta-voz. Os porta-vozes das diferentes equipes deverão se reunir para coordenar as funções do que seria o produto final.

## Fase 4. Definição do produto final

A proposta é que cada grupo, com uma competência atribuída, desenvolva uma parte da exposição. As pesquisas a serem distribuídas pelas equipes são:

- ▶ **Contexto histórico, econômico, político, social e cultural da época da rainha Maria de Molina.**
- ▶ **As guerras na Península Ibérica durante o reinado de Maria de Molina entre muçulmanos, portugueses, aragoneses e castelhanos.**
- ▶ **Elaboração de um mapa da Espanha para localizar as cidades por onde Maria de Molina viajou, onde seus filhos nasceram e onde as Cortes foram celebradas.** Colocar os símbolos apropriados e explicar as razões da inexistência de uma cidade como local fixo para o estabelecimento da Corte.
- ▶ **Obras de arte relacionadas com Maria de Molina:** pinturas, esculturas, sarcófagos, monumentos, moedas... (pesquisa de imagens na internet. Exemplo: o quadro *María de Molina presenta a su hijo Fernando IV en las Cortes de Valladolid de 1295*, de Antonio Gisbert Pérez [1863]). Procure informações sobre o autor, o período e as características da obra.
- ▶ **Vestidos e tecidos da época de Maria de Molina.** O Museu de Tecidos Medievais do mosteiro de Las Huelgas Reales em Bur-

gos é o mais importante do mundo. (Pesquisa de imagens relacionadas com a época de Maria de Molina na internet. Podem ser apresentadas imagens de miniaturas e livros da época ou desenhos de roupas e tipos de vestidos usados pelas pessoas comuns. Os(As) alunos(as) poderiam desenhar trajes da época e até mesmo vestir-se com eles no dia da abertura da exposição).

- ▶ **A situação da vida da mulher na época e comparação com os dias de hoje.**

**Guia de leitura.** Como o Projeto implica um trabalho cooperativo, a fim de realizar o processo de pesquisa sobre **A história também pertence às mulheres. Maria de Molina, três vezes rainha (1264-1321)**, todo o corpo discente envolvido deverá ter conhecimento do projeto como um todo e dar mais ênfase aos aspectos que afetam diretamente a pesquisa em particular. Como auxílio, podem ser utilizados o seguinte guia de leitura, um resumo e breve explicação do livro lido, bem como uma descrição dos personagens que aparecem na história.

- ▶ Desenhe uma pirâmide e coloque sobre ela, de cima para baixo, os grupos sociais de acordo com seu poder político e situação sociojurídica. Quem forma a base? Quem ocuparia o topo da pirâmide? Como estava dividida a sociedade? Explique o que significa sociedade estratificada e quais são suas características. Que diferenças podem ser observadas entre esta sociedade e a atual? Pode ser encontrado algum traço comum?
- ▶ A Monarquia na Baixa Idade Média: características. Por que se diz que os ideais políticos da Idade Média clássica foram influenciados por uma concepção religiosa do

mundo? Que poderes tinha a monarquia na Idade Média?

- ▶ Indique os problemas mais importantes da Península durante o reinado de Maria de Molina. Qual foi o papel das Cortes em Castela?
- ▶ Elabore um eixo cronológico com os monarcas reinantes na Península relacionados com Maria de Molina.
- ▶ As diferentes posições dos personagens históricos que aparecem na história, por que são geradas? Podem tratar-se de um conflito de interesses? Justifique as respostas.
- ▶ Procure informações e compare as regras que se aplicam às mulheres na Idade Média e nos dias de hoje. Como elas podem ser descritas? No primeiro texto há situações que afetam mais as rainhas do que as outras mulheres. Selecione as que afetem Maria de Molina e explique-as.

Viver como uma rainha, algo desejado por muitas mulheres ao longo do tempo e, no entanto, uma tarefa extremamente difícil para a maioria das que a desempenharam.

Casamentos de meninas, solidão em países desconhecidos; gravidezes constantes em corpos pueris; consanguinidade que prejudicava a saúde dos filhos; angústia pela ausência de herdeiros homens; regências sem a necessária formação política; protocolo presente mesmo em atos tão íntimos como a consumação do casamento; estas e outras têm sido as constantes, durante séculos, na vida destas mulheres que, paradoxalmente, apesar de estarem no topo da pirâmide social de sua época, tiveram uma esperança de vida mais curta do que o resto de suas contemporâneas. Nenhuma outra mulher no reino foi tão rigidamente obrigada a trazer filhos ao mundo.

*Exposición Reinas de España. (Pág. 4). Casa de vacas. Março-abril de 1999*

No segundo texto é exposto um fragmento relacionado com o papel da mulher e da família. Avalie a importância dos textos para a obtenção de informação histórica.

---

La A história das mulheres é uma história recente. Tradicionalmente, as mulheres têm sido ignoradas como sujeitos históricos. [...] devemos assumir uma evidência muito clara: a invisibilidade histórica das mulheres em todas as histórias da humanidade que foram feitas, sempre pelos homens e de uma perspectiva masculina que exclui as mulheres por princípio ou por inércia. Esta negligência da metade da humanidade exigiu um recurso imediato: a reivindicação da

presença histórica das mulheres em todas as áreas de expressão histórica. [...]

Se admitirmos que as mulheres usaram categorias de valor diferentes das dos homens, devemos repensar os valores históricos utilizados até à data. As mulheres viveram a história ao lado dos homens, mas não da mesma forma, nem com a mesma linguagem e formas de expressão, os problemas gerados pelo desafio desta outra história são múltiplos. Não é fácil. Para além dos problemas teórico-conceituais, há os colocados pela natureza das fontes ou os metodológicos. A literatura tem sido utilizada de forma muito literal, confundindo o que é informação objetiva e opinião parcial dos autores sobre as mulheres.

Hoje em dia, há muito apelo à documentação notarial — certidões de casamento, testamentos —, eclesiástica — reconstrução de famílias, informação conventual —, inquisitorial e outras fontes. Porém, em todas elas a mulher aparece sempre como um objeto de referência e não como um sujeito. Faltam memórias pessoais, faltam fontes diretas, em suma. Ainda há muito o que fazer.

*García Cárcel, Ricardo (1988). "Invisibilidad histórica. La mujer en España" em Historia 16, núm. 145.*

---

### Fase 5. Avaliação

Após a conclusão e apresentação de todos os projetos, os(as) alunos(as) devem ser avaliados. Para tal, é muito importante que tenha sido realizada previamente uma rubrica de avaliação, na qual os itens que os professores ou professoras

considerem adequados sejam avaliados para que eles possam orientar corretamente o seu trabalho. Esta rubrica pode ser elaborada com o uso de ferramentas para este fim que se encontram na internet.

---

### Fase 6. Autoavaliação

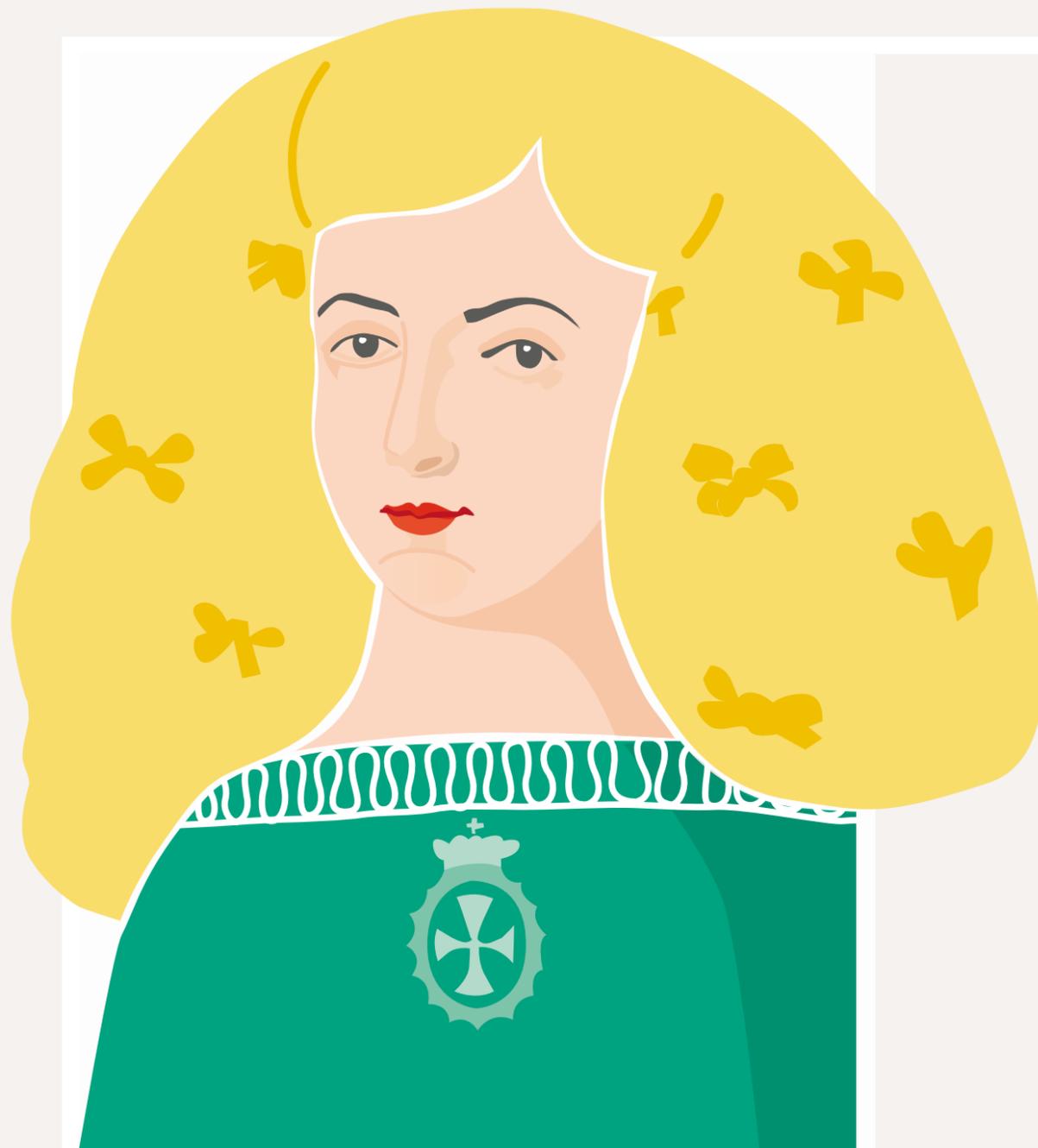
Os(as) alunos(as) devem fazer uma autoavaliação, na qual, por meio da rubrica inicial, colocam-se a si mesmos a nota que considerem adequada e expliquem quais foram seus pontos fortes e fracos.

### Avaliação do projeto

Finalmente, o corpo discente deve fazer uma avaliação do projeto: objetivos alcançados, metodologia utilizada, aquisição de conteúdos, a participação dos(as) alunos(as) e o funcionamento da cooperação. Para tal, é necessário que os professores e professoras elaborem um formulário de avaliação com base nos itens que considerem adequados, para o qual podem utilizar qualquer uma das ferramentas propostas na internet.

### As competências-chave que seriam desenvolvidas neste projeto são:

1. Competência em comunicação linguística.
2. Competência matemática.
3. Competência digital.
4. Aprender a aprender.
5. Competências sociais e cívicas.
6. Iniciativa e espírito empreendedor.
7. Consciência e expressões culturais.



# Inés de Castro

“Rainha depois  
de morta”

*Ana María Cepeda Gómez*

## ÍNDICE

Introdução

Cronologia

1. Contexto histórico: Portugal na crise do século XIV
2. Biografia. Um caso de amor no século XIV: Inês de Castro, Pedro de Portugal e Constança Manuel
  - 2.1. Os Castros, uma família poderosa
  - 2.2. Nascimento de Inês. Seus primeiros anos
  - 2.3. Constança Manuel
  - 2.4. A paixão
  - 2.5. O assassinato
  - 2.6. Pedro I de Portugal
  - 2.7. Reinar depois de morrer
3. As mulheres no século de Inês de Castro e Constança Manuel
  - 3.1. As fontes literárias para a história das mulheres
  - 3.2. A querela das mulheres
  - 3.3. Outras mulheres próximas de Inês
4. Inês de Castro e a posteridade. A arte e a literatura como legado de uma história de amor
  - 4.1. Lenda da cultura ou tradição popular?
  - 4.2. A lenda começa com ele. Inês torna-se uma personagem
  - 4.3. A lenda ibérica se espalha para outros lugares. Inês na música e na pintura
  - 4.4. A lenda inesiana no mundo de hoje. Cinema e televisão
5. Bibliografia
6. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

### A HISTÓRIA DE INÊS DE CASTRO, QUE FOI “RAINHA DEPOIS DE MORTA”

“ *Aprofundar um pouco mais a sua vida e sua memória, aproximar a história e a lenda do trágico caso amor de Pedro e Inês do público jovem atual é um verdadeiro privilégio* ”

Quando começamos a pensar no projeto de algumas vidas fascinantes de mulheres, muitos nomes, é claro, vieram-nos à mente. No entanto, um desses nomes atraiu-me desde o primeiro momento, o de Inês de Castro, a bela e infeliz dama galega cantada pelos poetas.

Por quê? Por um lado, a beleza e o sentido trágico de sua história, assassinada aos 30 anos de idade diante de seus filhos; por outro — e não menos importante —, o traço apaixonado que sua vida, o caso amoroso com o infante D. Pedro de Portugal e sua morte deixaram na história da arte e da literatura.

Esta atração tampouco foi estranha à impressão que sentia cada vez que me aproximava de Coimbra, nas margens do rio Mondego, e evocava sua figura na Quinta das Lágrimas. E ain-

da mais, comoveu-me ver o austero Mosteiro de Alcobaça, onde os túmulos de Inês e de Pedro repousam frente a frente à espera da ressurreição para se reencontrar. Sua pessoa e a personagem sempre me emocionaram.

Aprofundar um pouco mais sua vida e memória, aproximar a história e a lenda do trágico caso amor de Pedro e Inês do público jovem atual é um verdadeiro privilégio. Seja qual for a verdade histórica, ainda hoje rodeada de enigmas e perguntas, ficamos sempre com a lenda da senhora galega que no século XIV foi apaixonar-se e morrer no reino de Portugal.

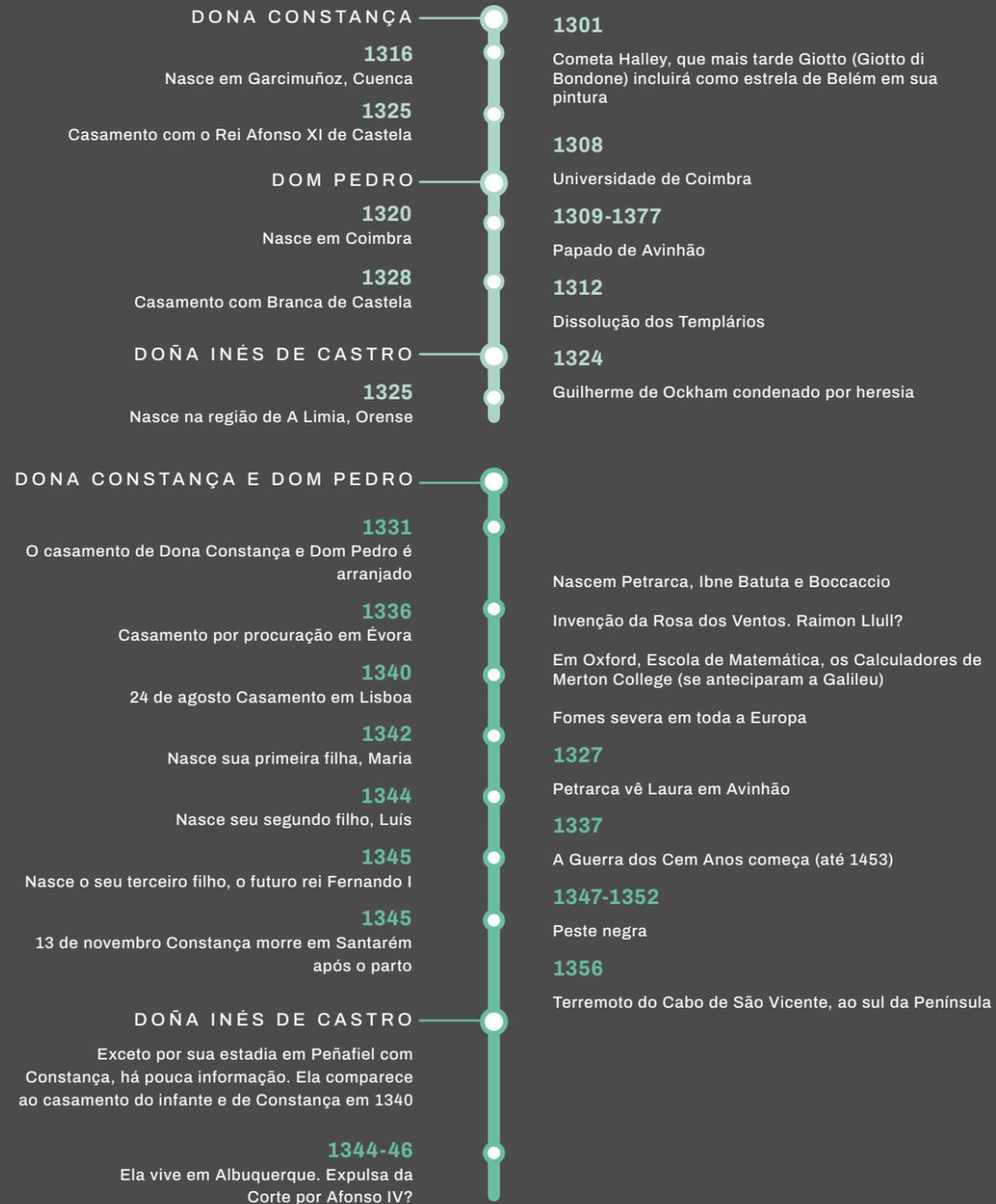
E as lendas perduram e unem os povos, Portugal e Espanha neste caso; embora as pessoas e os reis desapareçam, ficamos com a beleza e o sentimento do que eles significaram.

# CRONOLOGIA

## DADOS BIOGRÁFICOS

## HISTÓRICOS E CULTURAIS

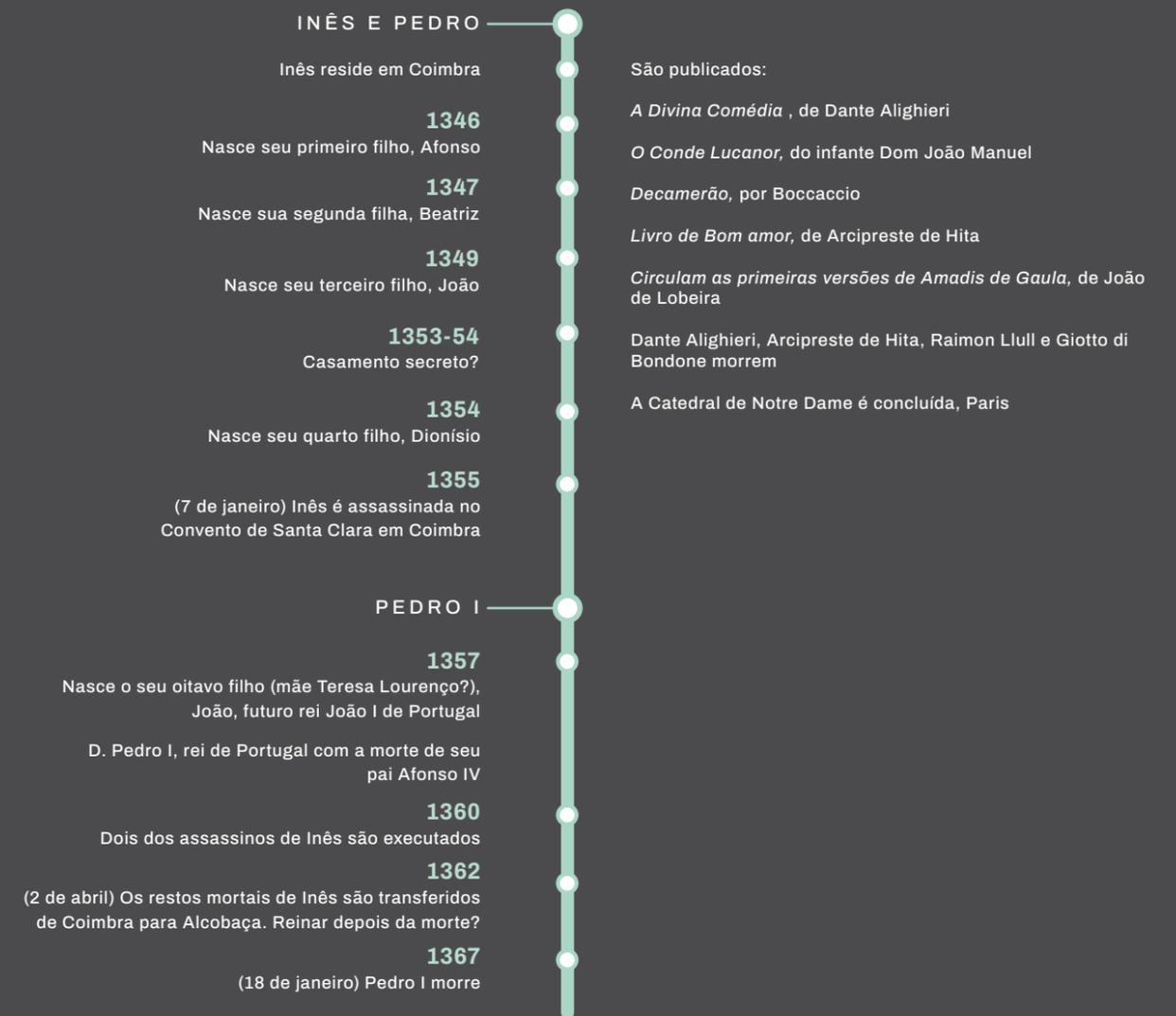
1300-1367



## DADOS BIOGRÁFICOS

## HISTÓRICOS E CULTURAIS

1300-1367



A guerra entre Portugal e Castela termina em 1385, com a derrota dos castelhanos na Batalha de Aljubarrota

João I, da dinastia Avis, filho de D. Pedro I, Rei de Portugal

Começam as obras do mosteiro de Santa Maria da Vitória, Batalha

Fonte: Elaboração própria.

# 1. CONTEXTO HISTÓRICO

## PORTUGAL NA CRISE DO SÉCULO XIV

O caso de amor de **Dona Inês de Castro** (1325-1355) e do **infante D. Pedro de Portugal** a verdade histórica ou a lenda, o quanto de uma história de amor e de intrigas palacianas que existiram nesta paixão devem ser inseridos no conflituoso período histórico que os protagonistas viveram. Uma época turbulenta para terras e lugares que, aliás, estavam precisamente “a ser formados”: a Península Ibérica na Idade Média, a Reconquista de Norte a Sul e a disputa por territórios que estavam sendo conquistados dos muçulmanos.

“Os cem anos que vão desde Afonso III (1248) até a Peste de 1348 são decisivos para a história portuguesa, para a sua constituição como Estado”<sup>1</sup>.

E devem ser evidentemente incluídos num contexto mais amplo, o do século XIV, caracterizado por toda a Europa pela fome, pelo início da Guerra dos Cem Anos (1337-1453), pela disso-

<sup>1</sup> De Oliveira Marques, António Henrique Rodrigo (1980). *História de Portugal*, cap. I (“A formação de Portugal”). Salvo indicação em contrário, as traduções dos textos em português são de autoria da autora.

lução dos Templários (1312) e, sobretudo, pela epidemia da Peste Negra, que de 1347 a 1352 semeou o continente com horror, morte e miséria. Estima-se que a população europeia poderia ter sido reduzida em quase pela metade.

O que hoje conhecemos como Portugal foi, como dizíamos, “formando-se”, separando-se dos reinos de Leão e Castela, com os quais manteria relações mutáveis e muitas vezes conflituosas durante esses séculos. Portugal, Castela e Leão, aliados cristãos por vezes contra um inimigo muçulmano comum, mas muitas vezes em desacordo por questões dinásticas, feudais e territoriais.

Portugal, não esqueçamos<sup>2</sup>, foi a primeira nação europeia — e este termo “nação” deve ser entendido com o sentido genérico e geográfico de país, não em seu sentido político estrito — a constituir-se como um reino, com fronteiras que permaneceram praticamente inalteradas desde então, desde a conquista definitiva do Algarve. Vejamos, então, brevemente como e quando este reino nasceu no extremo sudoeste da Europa.

Portugal, um país muito pequeno para o século XX, mas bastante razoável em extensão para a Europa do século XIV”<sup>3</sup>.

Antes do movimento geral europeu das Cruzadas para o Oriente, houve a chegada de cavaleiros franceses para combater os infiéis na Pe-

<sup>2</sup> Birmingham, David (1995). *História de Portugal*.

<sup>3</sup> De Oliveira Marques, A. H. R. (1980). Ob. cit. “Portugal, um país muito pequeno para o nosso século XX, mas bastante razoável em extensão para a Europa do século XIV”.

nínsula Ibérica: eram os segundos no comando de famílias nobres que, desta forma, também procuravam fortuna em outras terras. E dois destes cavaleiros franceses, os Borgonha, estão na origem do nascimento de Portugal.

No final do século XI, por volta de 1095, o rei Afonso VI de Leão<sup>4</sup> concedeu a um de seus genros, Raimundo de Borgonha, casado com sua filha Urraca, o governo ou a “posse” da Galícia; e ao outro genro e primo do anterior, Henrique de Borgonha, casado com sua filha Teresa, o chamado *Condado Portucalense*, as terras compreendidas entre a foz do Minho e o Douro.

É-lhe concedido na qualidade do que hoje chamaríamos de “governador”, sem que seus filhos tivessem de herdar este governo. Mas Henrique de Borgonha soube gerir-se habilmente como um servidor leal de seu sogro, ao mesmo tempo que consolidava seu território.

O conde e, mais tarde, o filho Afonso Henriques continuam avançando para o sul; fundam cidades como Guimarães (perto de Braga e não muito longe do Porto) e aí estabelecem sua residência. Daí o emblema que está pendurado em suas muralhas: *Aqui nasceu Portugal*. Ao longo do século XII, o avanço de reconquista continua e cidades emblemáticas da nossa história foram recuperadas, como Coimbra, regada pelo Mondego, onde Inês irá finalmente viver e morrer.

Em 1147, o exército português chega a Lisboa. Afonso Henriques já tinha se proclamado rei em 1139 e a *Bula Manifestis Probatum* de 1179 confirma a independência do reino de Portugal de Leão. Recordemos, aliás, que o termo “reinar” tinha um significado diferente do atual: o novo rei Afonso Henriques reinava enquanto afirmava ser um vassalo fiel de seu primo castelhano, Afonso VII, intitulado “imperador”.

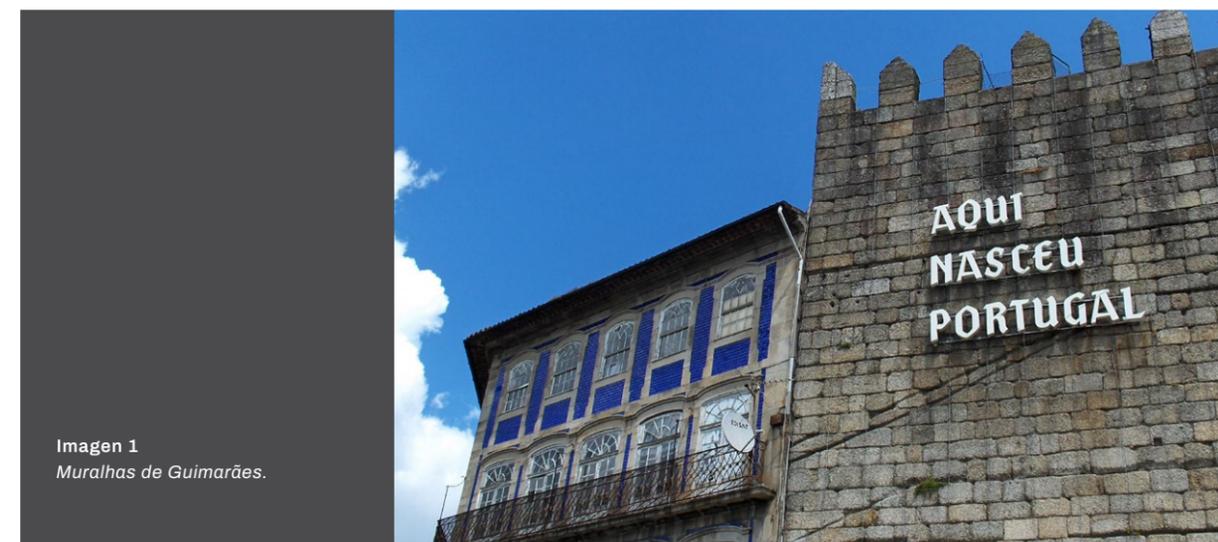


Imagem 1  
Muralhas de Guimarães.

Joaomartinho63, CC BY-SA 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons

<sup>4</sup> Uma vez que existem vários reis portugueses e castelhanos com o mesmo nome, procurei manter os onomásticos portugueses, Afonso, Henrique etc., ao contrário dos onomásticos leoneses e castelhanos de Afonso e Enrique.

No século XIII, ocorreu o fim da Reconquista portuguesa no Algarve (1249), e o Tratado de Alcanizes de 1297 implicou, pelo menos em teoria, a consolidação das fronteiras entre os reinos de Castela e Portugal.

Portugal já era nessa altura um país homogêneo e uniforme em língua, clima e população, com cerca de 400.000 habitantes, com alguns centros urbanos significativos: Braga, Coimbra, Guimarães, Lisboa...

<b>1095</b>	Condado Portucalense Alfonso VI de León oferece-o para o genro Henrique de Borgonha, casado com sua filha Teresa de Leão Guimarães, capital
<b>1139</b>	Afonso Henriques, filho de Henrique e Teresa, autoproclama-se rei
<b>1147</b>	Conquista de Lisboa
<b>1179</b>	Bula <i>Manifestis Probatum</i> confirma a independência de Portugal de Leão
<b>1249</b>	Fim da Reconquista Portuguesa. Algarve
<b>1297</b>	Tratado de Alcanizes, consolidação das fronteiras de Castela-Portugal

E dizemos isso em teoria porque ao longo do século XIV, o século de Pedro, Inês e Constança Manuel, a ingerência dos castelhano-leoneses e portugueses nos negócios vizinhos foi constante. Qual foi a razão desta guerra contínua de Portugal e Castela que, no final, levou à tragédia de Dona Inês de Castro e do infante D. Pedro?

O século XIV é, como afirmamos no início desta epígrafe, uma época turbulenta, um século de crise em toda a Europa, e o nascente Estado português não foi uma exceção: há grandes movimentos migratórios do campo para as cidades e, em parte como resultado disso, a fome é acentuada devido à falta de mão-de-obra no campo e à escassez de cereais. A nobreza não conseguiu habituar-se aos novos tempos e à lenta ascensão de comerciantes, artesãos e uma burguesia incipiente.

E esta crise, que tinha se alastrado ao longo dos primeiros anos do século, foi acelerada e agravada com a terrível Peste Negra de 1348: não existem dados concretos sobre o que significava em Portugal, mas existem provas de que as cidades — Lisboa, Bragança, Coimbra — eram os principais centros de propagação e contágio. Há uma data simbólica para a ocorrência do surto, que é o início oficial da peste, 29 de setembro de 1348, a festa de São Miguel. A angústia da morte, a sensação de medo e a fragilidade da existência manifestam-se nos inúmeros legados que reis, nobres e indivíduos deixam às instituições religiosas em busca do favor divino e da intercessão divina, uma vez que os bens terrestres eram de pouca utilidade.

Nesse sentido, devemos mencionar um lugar importante para a nossa protagonista Inês, o local de seu assassinato: o Convento de Santa Clara -a-Velha, o convento das Clarissas fundado por uma senhora de Coimbra em 1286 e que a rainha Isabel de Portugal, Santa Isabel de Portugal, mãe de Afonso IV e, portanto, avó do infante D. Pedro, refundou e promoveu até a sua morte. Mais uma dessas doações e legados.

Do ponto de vista cultural, a crise é também evidente, como demonstram as sucessivas mudan-

ças da universidade (de Lisboa a Coimbra em 1308, de Coimbra a Lisboa, de Lisboa a Coimbra de novo...) ou o declínio da rica poesia lírica desenvolvida nos séculos XII e XIII. Não há grandes criações artísticas deste tipo no século XIV.

Enquanto a Reconquista dure, a tensão com Castela será constante: ambos os reinos avançam para sul e disputam o domínio das terras reconquistadas. E Castela, não nos esqueçamos, precisava e procurava uma saída para o mar. As lutas e guerras civis entre portugueses e castelhanos já haviam ocorrido no reinado de D. Dinis, avô de D. Pedro, mas ganharam uma especial importância com Afonso IV, pai de D. Pedro e sogro de Dona Inês, durante seu reinado de 1325 a 1357: Afonso IV iniciou seu reinado especificamente no ano do nascimento de Inês, 1325.

O rei português Afonso IV casa sua filha Maria com o rei castelhano Alfonso XI, num casamento infeliz desde o primeiro momento. A filha queixa-se amargamente ao pai, que, talvez para expressar sua raiva para com o genro, promete em casamento — e casa, mais tarde — seu filho e herdeiro Pedro com Constança Manuel, filha de um dos nobres que mais e melhor tinham enfrentado o rei castelhano, o poderoso Dom João Manuel, mais tarde, o infante Dom João Manuel, o autor de *O Conde Lucanor*.

A tragédia estava anunciada porque na comitiva da castelhana Dona Constança — cuja história não menos trágica delinearemos em seções posteriores — estava uma nobre galega, Inês, filha e irmã de uma das famílias mais poderosas da época, os Castros. E a lenda, talvez a história, conta-nos que o infante se apaixonou pela mulher galega antes de pôr os olhos em sua noiva Constança.

No reinado de Afonso IV não houve momento de paz com os vizinhos castelhanos, exceto na Batalha do Salado, em 1340, quando ambos os lados se uniram para lutar contra o inimigo infiel comum (uma batalha em que o pai de Inês participou).

Por isso, não é de estranhar que D. Afonso, ciente do caso de amor de Inês e de Pedro, veja seu poder ameaçado: o legítimo filho herdeiro de Pedro e Constança, o futuro Fernando I, pode ser destituído do trono pelos quatro filhos ilegítimos que seu filho teve com a dama galega.

Naquela época, provavelmente, a trágica morte de Inês foi decidida, embora hoje em dia os historiadores não concordem sobre a participação direta ou não do monarca. Se ele não foi o executor, pelo menos soube como fazer vista grossa.

REI	REINADO
Dom Dinis, o Lavrador	1279-1325
Afonso IV, o Bravo	1325-1357
Pedro I, o Justiceiro ou o Cruel	1357-1367
Fernando I, o Formoso	1367-1383
Último da Casa de Borgonha, filho legítimo de D. Pedro I e Constança Manuel	
João I	1385-1433
Primeiro da Casa de Avis	
Filho ilegítimo de Pedro I e Teresa Lourenço	

## 2 . B I O G R A F I A

### UM CASO DE AMOR NO SÉCULO XIV: INÊS DE CASTRO, PEDRO DE PORTUGAL E CONSTANÇA MANUEL

A história de **Inês de Castro** que chegou a Portugal como dama de Dona Constança Manuel — e de seu caso de amor com o infante D. Pedro de Portugal, com quem se casou Constança, de seu **trágico assassinato** e de seu **“reinado após a morte”** viajou por sete séculos praticamente inalterado e perdurou no sentimento popular do povo português. Talvez as duas personagens mais importantes da mitologia popular lusitana sejam, justamente, a nossa heroína, Inês, e outra mulher, a freira Mariana Alcoforado do século XVII e suas supostas cartas de amor. É verdade que Inês tem uma dimensão mais universal e transcendendo as fronteiras.

Do português, do espanhol e, de um modo geral, de todo o mundo, como o evidenciam as múltiplas versões desta paixão que nos chegaram sob a forma de pinturas, poemas, tragédias, óperas, séries de televisão e filmes nos nossos dias etc.

E aí reside uma das principais dificuldades em abordar com rigor sua figura e biografia. Quanta verdade há no que aconteceu à bela e infeliz dama galega e quanto é lendário?

Porque existem duas versões radicalmente opostas sobre a personagem de Inês de Castro e de seu papel nas intrigas cortesãs da monarquia portuguesa do século XIV.

A primeira e mais difundida, a que nos atrai e comove imediatamente é a dos **artistas**: romancistas, poetas, músicos, pintores e dramaturgos transmitiram-nos uma bela história de amor — nisso reside sempre o encanto das lendas —, um caso de amor que transcende a vida mortal. Alguns fatos, sua **coroação como rainha de Portugal sete anos após sua morte**, são difíceis de refutar com dados históricos. Sobre tudo, se entre estes criadores encontramos figuras da altura de **Camões** que, como veremos mais tarde, nos deixaram em seu Canto III de *Os Lusíadas* uma das versões mais poéticas desta história: Luís Vaz de Camões (1524-1580), o grande autor das letras portuguesas, deu o suporte definitivo à lenda de Inês.

E, juntamente com esta bela e sentimental versão dos acontecimentos, a opinião dos historiadores portugueses e espanhóis em uníssono: Inês de Castro foi uma bela mulher que aproveitou sua beleza e influência sobre o infante para interferir nos assuntos de Estado, pressionada por sua poderosa família e em particular por seus dois irmãos, Álvaro e Fernando, então presentes na Corte portuguesa:

“**Inês de Castro, que pertencia a uma poderosa família de latifundiários de Castela... Ao que parece, D. Pedro tornou-se um brinquedo em suas mãos e, segundo a versão oficial da história, também nas de seus parentes castelhanos**”<sup>5</sup>

Duas hipóteses polêmicas, a de uma bela e inocente Inês segundo os artistas, e outra, mais “histórica”, a de uma mulher manipuladora e ambiciosa. Devemos mover-nos entre esses extremos ao longo destas páginas.

A esta dualidade devemos acrescentar mais um ingrediente se quisermos aproximar-nos da mulher que foi Inês de Castro, sua relação com Constança Manuel, da qual Inês foi uma dama e amiga e até, talvez, uma prima ou parente. Muitas vezes coloca-se a questão, ao ler algumas das versões literárias sobre esta tragédia, de como era a relação entre estas duas mulheres, o que Constança poderia ter sentido em seu segundo fracasso conjugal, traída por seu marido e afastada de sua amiga. Por isso, também iremos delinear algumas características de sua biografia.

### 2.1. Os Castros, uma família poderosa

A família de Inês de Castro, conta-nos a história, era poderosa e influente, de origem castelhana, embora estabelecida na Galícia e posteriormente em Portugal.

Seu pai, Pedro Fernández de Castro, era neto de reis e ocupou cargos importantes na corte

<sup>5</sup> De Oliveira Marques, A.H. R. (1980). Ob. cit.

portuguesa. Embora tenha se casado duas vezes, nunca se casou com a mãe de Inês, Aldonça Lourenço de Valadares, filha de um nobre português que fora seu tutor.

Ele não teve filhos do primeiro casamento, mas teve filhos do segundo, os dois meios-irmãos de Inês, Fernán Ruiz de Castro, Fernando, que desempenhou um papel importante na guerra de Trastâmara. E Juana de Castro, que se tornou rainha por meio de seu casamento com Pedro I de Castela, Pedro, o Cruel.

Com a mãe de Inês, Aldonça ou Aldonza, ele teve outro filho, Álvaro Pérez de Castro, que se tornou condestável de Portugal. Os dois irmãos, Fernando e Álvaro, são os indicados pela história portuguesa como indutores da ambição política de Inês.

Dom Pedro Fernández de Castro, o pai de Inês, foi um personagem notável que tinha participado na importante Batalha do Salado (1340), na qual portugueses e castelhanos tinham se unido contra os muçulmanos. Ele também morreu em batalha, em Algeciras, em 1343 e a lenda diz também que seu túmulo se encontra provavelmente na Catedral de Santiago de Compostela, enterrado com as esporas douradas que tinha ganhado nessa batalha contra o Sultão de Marrocos.

Sabemos também que sua mãe, Aldonça, vinha de uma linhagem importante. Algumas biografias dizem que ela morreu cinco anos após a morte de sua filha, em 1360. Outras versões indicam, ao contrário, que ela morreu cedo, quando Inês ainda era muito jovem. Assim, Inês foi enviada para a casa de parentes poderosos. Um fato importante da oposição entre verdade histórica e lenda artística é que muitos dos romances ou versões teatrais insistem que Aldonça se casou tardiamente com Pedro Fernández

de Castro. No entanto, não há qualquer registro desse casamento, como acontecerá mais tarde com o de sua filha e do infante.

## 2.2. Nascimento de Inês. Seus primeiros anos

Embora mais uma vez haja pouca informação concreta, Inês deve ter nascido por volta de 1325, na região de La Limia (A Limia), em Orense, no seio de uma família importante: não se deve esquecer de que ela era bisneta, do lado de seu pai, de D. Sancho IV de Castela e que ela era parente distante de seu futuro amante, o infante D. Pedro (neto, no caso dele por parte de mãe, do mesmo Sancho IV de Castela). Recentemente, sugeriu-se também que ele poderia ter nascido em Albuquerque (Badajoz) porque viveu ali várias vezes com sua tia, Teresa Martins.

Pouco sabemos sobre sua infância e educação, exceto — justamente devido à morte prematura de sua mãe e ao fato de os seus pais não serem casados — sua estadia em Peñafiel (Valladolid), onde recebida na corte de uma das figuras mais importantes da época, o infante Dom João Manuel. Conta a lenda que Constança Manuel, a filha do infante, e nossa Inês foram ali educadas como parentes e amigas. Até 1340, quando acompanhou Dona Constança como uma “dama parente” em sua viagem para se casar com o infante português em Lisboa. Embora tenhamos de supor a partir destes dados que Inês recebeu uma educação mais elevada do que outras damas contemporâneas, tanto na corte de D. João Manuel quanto em suas estadias em Alburquerque, juntamente com sua tia, a Condessa Teresa Martins, viúva de um filho ilegítimo de D. Dinis, avô do infante Pedro. A inter-relação de Portugal e Castela era evidente e complexa.

## 2.3. Constança Manuel

É aqui que temos de incluir, ainda que brevemente, os dados de sua amiga e rival, Constança Manuel, e da tragédia de que ambas foram protagonistas, embora a visão romântica dos artistas apenas tenha nos transmitido uma parte, e, além disso, enviesada.

Constança era filha do poderoso Dom João Manuel de Castela e de sua esposa Dona Constança de Aragão. O infante Dom João Manuel, príncipe de Villena, senhor de Peñafiel e muitos outros títulos (1282-1348), descendente de reis (neto de Fernando III, o Santo) foi, para além de um poderoso nobre e guerreiro, um dos escritores mais importantes da literatura espanhola medieval, combinando as ações bélicas com as ações literárias. Sua prosa significou a consolidação da língua castelhana com títulos importantes como o *Livro da caça*, o *Livro dos Estados* e, sobretudo, o *Livro do Conde Lucanor*, em 1335.

Neta de reis, Constança nasceu em 1316, no Castelo de Garcimuñoz (Cuenca); seu pai prometeu-a ao rei de Castela, Alfonso XI, quando ela era apenas uma menina de 9 anos de idade. As tensões entre seu pai e o marido — o casamento nunca foi consumado — levaram-na a ser detida por este último em Toro (Zamora) até que uma nova aliança entre Dom João Manuel e o rei castelhano permitiu a Constança partir para Portugal como noiva do infante português.

Seu primeiro casamento tinha sido desastroso, um simples peão na política paterna, mas o segundo com D. Pedro de Portugal, em 24 de agosto de 1340, mais uma vez um juguete das intrigas políticas, não ia ser muito mais feliz. Ela teve três filhos em 1342, 1344 e 1345, embora

um deles morresse prematuramente; e o nascimento do terceiro, o futuro rei de Portugal, legítimo herdeiro da coroa, custou-lhe a vida aos 29 anos de idade.

Constança sabia do caso de amor de seu marido com Inês de Castro? Teve alguma coisa a ver com isso, participou de alguma forma no afastamento de Inês de Castro da Corte portuguesa até 1345, quando ela vivia em Albuquerque (Badajoz)? A lenda, mas não a história, conta-nos novamente sua renúncia e seu silêncio, embora os rumores circulassem por toda a Corte.

## 2.4. A paixão

O que é evidente é que assim que Constança morreu, Inês regressou a Portugal, de onde tinha estado afastada durante alguns anos. Exilada por D. Afonso IV para a manter afastada de seu filho e de sua nora? A relação amorosa com o viúvo D. Pedro foi consolidada, como evidenciado pelo nascimento de seu primeiro filho em comum, Afonso, em 1346, que morreu prematuramente. Em 1347 nasceu a segunda, Beatriz; em 1349, João e em 1354 o último, Dionísio ou Dinis.

A literatura coloca sempre o amor entre Pedro e Inês em Coimbra, no mosteiro de Santa Clara, ao lado da Quinta das Lágrimas, um belo nome para uma paixão tão triste como esta. Mas a verdade é que Inês de Castro deve ter residido antes, pelo menos durante algum tempo, em vários lugares do reino português, tais como Moledo, o Palácio da Serra d'El Rei perto de Óbidos, Santo André de Canidelo (neste local a Igreja de Santo André foi colocada sob seu mecenato), perto de Vila Nova de Gaia, até se estabelecer finalmente no Paço da Rainha, Palácio da Rainha, junto ao mosteiro de Santa Clara, em Coimbra.

A cidade de Coimbra tinha sido reconquistada no século XII, e desenvolveu-se como um importante centro populacional: a cidade velha situada numa colina, a cidade baixa regada pelo Mondego, berço desde 1308 de uma das mais antigas universidades da Europa, disputou a capital portuguesa com o Porto nos primeiros tempos do nascente reino lusitano. Ali instalou-se Afonso Henriques, o primeiro rei português, que ali nasceu, tal como o infante D. Pedro.

Um de seus monumentos mais importantes é, precisamente, o mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Nas margens do Mondego, uma importante dama conimbricense, Dona Mor Dias, tinha fundado ali um convento de Clarissas. Mas a refundação do convento começou a partir do impulso e das doações da rainha portuguesa Isabel de Portugal<sup>6</sup>, a avó do infante D. Pedro, que ali se retirou quando ficou viúva (1325, outra data simbólica, a do nascimento de Inês) e que pediu para ser ali sepultada: esta rainha, que foi proclamada santa no século XVII, era muito conhecida não apenas por sua dedicação aos pobres e aos doentes, mas também por sua mediação nas disputas entre o seu marido D. Dinis e seu filho Afonso IV: parece que em alguma ocasião ela veio a colocar-se entre eles no campo de batalha, como nos diz uma biografia romanceada recente.

Pedro e Inês, ou pelo menos ela, devem ter vivido no Paço (Palácio) de Santa Clara. Perto dali encontra-se a Quinta das Lágrimas, o lugar histórico-lendário mais importante de Portugal, ligado a dois acontecimentos da mesma relevância, a trágica morte de Inês de Castro e a reconstrução que Camões faz dela.

<sup>6</sup> Queralt del Hierro, María Pilar (2009). *Memórias da Rainha Santa*.

## 2.5. O assassinato

*As filhas do Mondego, a morte escura,  
Longo tempo chorando memoraram,  
E por memória eterna em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram:  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água, e o nome Amores!*

CAMÕES: Os Lusíadas, Canto III.

Las hijas del Mondego una muerte oscura  
Llorando sin cesar te recordaron,  
Y, para eterna memoria, en fuente pura  
Las lágrimas lloradas transformaron:  
El nombre le pusieron, que aún le dura,  
De los amores de Inés que allí pasaron;  
Ved qué fresca fuente riega hoy las flores,  
Son lágrimas el agua, el nombre Amores.

A que hoje se conhece por Quinta das Lágrimas (conhecida durante séculos como Quinta do Pombal) era uma reserva de caça da monarquia portuguesa, um lugar muito comum, portanto, para o infante D. Pedro, que gostava muito de caçar. Parece que a rainha Santa Isabel de Portugal tinha ordenado a construção de canos que transportavam água destas nascentes para o mosteiro das Clarissas onde ela vivia.

Mais uma vez a lenda embeleza esses lugares, quando nos fala dos encontros secretos de Inês e Pedro nestes lugares frondosos; ou, ainda mais poeticamente, que o infante enviava suas cartas de amor a Inês, que morava no palácio, por meio de alguns barcos que cruzavam a distância entre ambos os lugares. E mesmo certas manchas de ferrugem nas pedras não são outra coisa, dizem eles, do que os restos do sangue inocente de Inês, cruelmente derramado.

Existe, sim, um arco do século XIV, mas a maioria das histórias sobre as lágrimas e fontes do local provêm basicamente do século XVI e, sobretudo, do século XIX, dos versos de Camões e de outras obras de ficção posteriores<sup>7</sup>.

Seja qual for a verdade sobre estes lugares — hoje convertidos em hotéis de luxo e jardins especialmente cuidados —, eles estão para sempre ligados ao assassinato de Inês de Castro.

O Rei Afonso IV, que nessa data tinha sua corte em Montemor-o-Velho, a apenas 40 quilômetros de Coimbra, sentiu um receio crescente da relação de seu filho com a fidalga galega e, de forma especial, aumenta a sua apreensão de que esta relação — da qual já existiam três filhos, netos seus, não nos esqueçamos — pudesse ameaçar a sucessão do filho legítimo de Pedro e Constança, seu neto Fernando.

<sup>7</sup> De Vasconcelos, A. (1928). *Inês de Castro. Estudo para uma serie de lições no curso de história de Portugal*.

Alguns nobres também lhe contaram que estavam incomodados com a alegada interferência dos irmãos de Inês nos assuntos portugueses. E o rei permite que três cavaleiros, Alonso Gonçalves, Pedro Coelho e Diego López Pacheco, o acompanhem numa visita a Santa Clara para se encontrarem com Inês, aproveitando o fato de seu filho D. Pedro ter ido caçar.

O Rei Afonso esteve presente no assassinato? As versões literárias são opostas, mas o que fica claro é que ele sabia o que ia acontecer. Em 7 de janeiro de 1355, os três “cavaleiros” assassinaram Inês de Castro, cortando-lhe a garganta. Homicídio, sempre segundo a lenda, na frente de seus filhos.

A dor e a fúria do infante ao saber do assassinato comoveram todo o reino e levaram a um confronto com seu pai numa nova guerra civil que dividiu os portugueses — como disse Oliveira, na obra acima referida: —: *“Meio louco e depravado em moral [...] em íntimo contato com o povo, que o adorava apesar de seus atos de crueldade e loucura”*..

## 2.6. Pedro I de Portugal

O infante D. Pedro de Portugal, futuro D. Pedro I, é também um personagem atraente e apaixonante. Nasceu em Coimbra em 1326, onde mais tarde viveria seu amor com Inês, tendo também, como era costume da época, um primeiro casamento arranjado (e não consumado por incapacidade física e mental da noiva), em 1328, com Branca de Castela.

Ele tinha se casado (primeiro por procuração, em Évora, em 1336) com Constança Manuel em Lisboa, em 1340. Em Lisboa, já capital do reino, ele deve ter conhecido e se apaixonado pela dama loira de sua mulher. A literatura fala-nos de uma paixão imediata por parte de ambos.

A relação adúltera logo circulou pela Corte e Dom Pedro teve de suportar que Inês fosse “exilada” de Portugal. Mas assim que ficou viúvo, Inês e Pedro se reuniram e um ano após a morte de Constança, nasceu seu primeiro filho. Durante 10 anos, de 1345 a 1355, data do assassinato de Inês, eles viveram seu amor por trás da ira do rei e, segundo alguns, com a aprovação do povo, que sempre se pôs ao lado do filho nas disputas entre o pai e o filho. E declarou publicamente que Inês era sua esposa porque tinha se casado secretamente com ela.

Contudo, a história real continua a ser um mistério e está cheia de incógnitas. A esta altura do século XXI não há um único testemunho, uma prova fiável do famoso casamento secreto de Inês e Pedro, que o legitimaria a coroar Inês como rainha de Portugal e a fazer com que todos os nobres prestassem homenagem e beijassem a mão mumificada de sua amada esposa (?) em Alcobaça.

Porém, vamos desacelerar um pouco. Após dois anos de lutas com o seu pai, que morreu em 1357, Pedro é coroado rei como Pedro I. Este é também um ano particularmente importante porque nasce outro filho ilegítimo, João, que é uma prova de seu temperamento desenfreado e que o seu pesar por Inês, que tinha falecido um ano e meio antes, não tinha durado muito tempo. Pouco se sabe sobre a mãe deste filho, João, nem sequer o nome (Teresa Gille?, Teresa Lourenço?), mas sabe-se que este filho do já rei Pedro I também será coroado João I de Avis com a morte de seu meio-irmão Fernando I.

Em 1360, um tratado de extradição foi celebrado entre a Coroa portuguesa e a Coroa castelhana para trocar diferentes pessoas que tinham fugido de ambos os territórios. Pedro I aproveitará a oportunidade para reclamar os assassinos de Inês e consegue que lhe sejam entregues dois deles, Alonso Gonçalves e Pedro Coelho, que foram executados imediatamente por um procedimento brutal: arrancaram-lhes os corações, um pela frente e outro pelas costas.

O terceiro dos assassinos teve mais sorte; Diego López Pacheco tinha conseguido fugir para Avinhão (França) em 1357 e foi perdoado pelo rei em 1367, seus bens foram-lhe restituídos e mais tarde alcançou cargos importantes em Portugal. Sempre que leio essa história, pergunto-me por que razão o perdão foi concedido a López Pacheco e, sobretudo, se ele teria, ao longo de sua longa vida — morreu aos 89 anos de idade! — alguma lembrança para Inês, assassinada aos 30 anos de idade: teria algumas, principalmente se pensarmos que muitos anos mais tarde ele se aliou aos infantes de Castro, os filhos de Inês, contra o meio-irmão, Fernando I.

## 2.7. Reinar depois de morrer

Nenhum título refletiu melhor a trágica história inesiana do que aquele criado pelo dramaturgo espanhol do século XVII, Luis Vélez de Guevara, *Reinar depois de morrer*, de 1635. A Companhia Nacional de Teatro Clássico da Espanha e a Companhia de Teatro de Almada de Portugal encenaram novamente esta peça, estreando a versão em Portugal e Espanha em janeiro de 2020.

Em 1362, D. Pedro I, com base nesse casamento secreto do qual não temos registro, ordenou que os restos mortais de Inês de Castro, que estava morta há sete anos, fossem exumados e transferidos para o mosteiro cisterciense de Alcobaça para aí serem enterrados.



Imagem 2  
Comte, Pierre-Charles. A coroação de Inês de Castro em 1361. ca. 1849. Óleo sobre tela. 128 x 95 cm.

Pierre Charles Comte, CC BY-SA 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>, via Wikimedia Commons

E, num último gesto romântico, ele obriga os nobres da corte portuguesa a beijar-lhe a mão. A lenda começou porque não existe o menor registro documental e histórico deste ritual macabro que, no entanto, elevou esta tragédia amorosa às alturas e emocionou tanto jovens quanto idosos durante sete séculos.

Alcobaça, Santa Maria de Alcobaça, o belo mosteiro cisterciense fundado em meados do século XII e reconstruído no século XIII, com sua austera nave central, o claustro do Silêncio e suas capelas, alberga os túmulos reais de D. Pedro I de Portugal e Inês de Castro, com

alguns túmulos góticos de construção delicada que sobreviveram à destruição que as tropas napoleónicas causaram no século XIX e que se tornaram um local de peregrinação para muitos casais portugueses.

Pedro I morreu em Estremoz em 1367 e foi enterrado ao lado de Inês, com uma particularidade que nos fala novamente desse caso de amor: o rei tinha ordenado que os túmulos não fossem contíguos, mas de frente um para o outro, para que, quando acordasse no dia do Juízo Final, sua primeira visão fosse a de Inês.



Imagem 3  
Tumba de Inês de Castro no Mosteiro de Alcobaça.

royckmeyer, CC BY-SA 2.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/>>, via Wikimedia Commons

### 3 . AS MULHERES NO SÉCULO

#### NO SÉCULO DE INÊS DE CASTRO E CONSTANÇA MANUEL

As mulheres têm sido as grandes protagonistas da literatura e, no entanto [...] Não sabemos nada detalhada nem completamente verdadeiro e substancial sobre elas. A História mal as menciona [...] A Corte Feudal, os Métodos de Agricultura Comunal, os Cistercienses, as Cruzadas [...] Às vezes, ouvimos falar de uma mulher individual, de uma rainha ou de uma grande dama...

**P**ara estudar a vida das mulheres medievais, nada melhor do que tornar nossas as palavras anteriores de Virginia Woolf<sup>8</sup>, embora a escritora inglesa se referisse a outro período histórico dois séculos mais tarde (a segunda metade do século XVI). A mulher foi a grande esquecida ou escondida na história até o século XX.

As mulheres do século XIV têm de ser estudadas num contexto mais amplo das mulheres

<sup>8</sup> Virginia Woolf, uma das mais famosas escritoras britânicas (1882-1941) do século XX, em *Um teto todo seu*, 1929. Este livro apresenta algumas das considerações mais importantes sobre a escuridão em que os historiadores mantiveram as mulheres.

medievais em geral e na chamada Baixa Idade Média em particular, com a crise que o século XIV trouxe. Lembre-se de que é costume dividir o longo período medieval em duas partes, a Alta Idade Média, do século V ao XI, e a Baixa Idade Média, do século XII ao XV. É verdade que ao longo dos séculos que constituem esse longo período medieval, a vida feminina não mudou substancialmente; além disso, essas mulheres peninsulares (dos diferentes reinos) não viviam em condições muito diferentes das demais congêneres europeias: “As diferenças que afetam as mulheres decorrem de seu local de residência, do país ou da cidade; do estado civil, solteiras, casadas, viúvas ou freiras; da classe social a que pertencem e da religião que professam”<sup>9</sup>.

A maioria da população medieval de ambos os sexos era uma população camponesa e apenas uma minoria, cerca de 20%, justamente ao longo deste período tardo-medieval, gradualmente se tornou urbana e deu lugar a lentas mudanças sociais e econômicas em seu modo de vida. As fontes para estudar a vida dessas mulheres são de diversos tipos: fontes históricas ou crônicas, fontes normativas (jurídicas e religiosas) e, sobretudo, as mais abundantes, fontes artísticas (iconográficas e literárias). Mas todas elas, como um todo, dão-nos informação parcial — quando não tendenciosa — porque são feitas por homens e por sua visão patriarcal do universo feminino, até os estudos dos séculos XX e XXI que atendem a algumas fontes diretas, aquelas que as próprias mulheres nos deixaram (cartas especialmente). Já mencionamos em seções anteriores que a visão que temos de Inês de Castro é basicamente artística e, sobretudo, literária.

<sup>9</sup> Segura, Cristina (1997). “Las mujeres en la España medieval”, in Garrido, Eñisa (editora); Folguera, Pilar; Ortega, Margarita e Segura, Cristina. *Historia de las mujeres en España*.

Nas últimas décadas surgiu uma polêmica interessante nos estudos de história das mulheres sobre os avanços que estes séculos tardio-medievais significaram para elas, sobretudo em relação ao retrocesso e à perda desses progressos mínimos ao entrar na Idade Moderna: controvérsia aberta e amarga, porque boa parte dessa bibliografia considera que nenhuma mudança significativa ocorre na história das mulheres até que no final do século XVIII comece a autêntica reivindicação dos direitos das mulheres. Mary Wollstonecraft, escritora e pensadora (1759-1797), em sua famosa *Uma vindicação dos direitos da mulher*, 1792 (que, lembre-se, morreu ao dar à luz a segunda filha, a famosa Mary Shelley, autora de *Frankenstein ou o Prometeu moderno*, uma das primeiras obras de ficção científica e terror da literatura).

Outros estudos, ao contrário, afirmam que as mulheres medievais atingiram um protagonismo e até uma independência que mais tarde perderiam na Idade Moderna: “Os séculos XIV e XV representam uma idade média durante a qual há uma mudança de mentalidade referida principalmente à situação das mulheres”<sup>10</sup>. Sem ir ao cerne da questão porque não temos elementos suficientes para nos pronunciarmos nem é este o lugar, tanto na Idade Média quanto na Idade Antiga e na Moderna, o conceito predominante é o de uma forte misoginia inerente à sociedade patriarcal, presente nos textos legais e morais, para além do que a tradição popular nos transmitiu.

Estes textos legais e os abundantes escritos moralizantes remetem-nos a uma mulher que dependia inteiramente dos homens da família (pai, marido, irmãos e filhos), e que poderia casar-se a partir dos 12 anos de idade (o homem,

<sup>10</sup> Pernoud, Régine (1982). *La femme au temps des cathédrales*.

aos 14). Os casamentos de mulheres camponesas parecem ter sido estabelecidos de forma mais espontânea entre vizinhos e até meados do século XIII não exigiam uma instituição civil ou religiosa para certifi-cá-lo. Os das damas, nobres e rainhas tinham um elemento diferente: não eram, com algumas notáveis exceções, casamentos baseados no amor ou na afinidade das partes contratantes, mas sim as mulheres eram uma moeda de troca para os interesses políticos, econômicos ou sociais de sua família. Os pais firmavam o acordo ou arranjo matrimonial num “noivado” quando os futuros cônjuges ainda eram muito jovens e não tinham nem maturidade nem a condição de aceitar ou compreender o significado deste acordo. Também por essa razão, como vimos nas seções anteriores, nos casos do infante D. Pedro e Dona Constança Manuel, muitas vezes essa promessa ou acordo não era cumprido por motivos muito diversos.

As mulheres medievais tinham apenas dois caminhos: o de ser esposa fiel e mãe prolífica sob a proteção de seus pais primeiro e do marido depois, ou o de consagrar-se à vida religiosa nos numerosos conventos, mosteiros e abadias. Porém, apesar do que podemos imaginar hoje, o conceito de mulher “amparada” e mesmo o mais rude de “concubina” não tinham as conotações negativas que poderia supor, e boa prova disso são os inúmeros casos de filhos ilegítimos que ocupam cargos importantes e inclusive herdaram o trono: os filhos de Pedro e Inês de Castro, conhecidos como os infantes Castro, participaram ativamente da política portuguesa e declararam-se mesmo aspirantes à sucessão do meio-irmão Fernando I no trono português. Sucessão que não foi possível porque outro meio-irmão de Fernando e deles próprios, também filho ilegítimo de D. Pedro I, o mestre de Avis, João, foi aquele que alcançou a coroa como João I.

### 3.1. As fontes literárias para a história das mulheres

A arte, em geral, e a literatura de uma forma muito especial tornam-se — como mencionamos acima — a principal e inestimável fonte para conhecer alguns aspectos da vida feminina no século XIV. Vejamos brevemente algumas dessas fontes. Diante dos numerosos exemplos da literatura satírica sobre a mulher (lembre-se sobretudo de algumas histórias do *Decamerão* de Boccaccio ou do *Livro de Bom Amor* de Arcipreste de Hita), que assimilam o legado de Juvenal e Ovídio e que se manifestam em coplas e *dezires*, um poderoso movimento social e cultural difunde-se da França por toda a Europa, o amor cortês. Leia, por exemplo, o “*Elogio da mulher jovem*” no referido livro de Juan Ruiz, Arcipreste de Hita.

O amor “cortês” é assim chamado porque se origina nas “cortes” dos nobres e dos reis, na esfera da sociedade feudal: o amor e o respeito pela dama nada mais são do que uma representação da vassalagem e do feudalismo. Aquela mulher a quem o trovador canta é um ser idealizado, uma transcrição da tradição religiosa mariana<sup>11</sup>, a quem o cavaleiro se dirige com os nomes de “meu dono” ou “meu senhor”, em forma masculina, proclamando-se a si mesmo seu “servo” absoluto. Em outras palavras, os conceitos feudais passam para a poesia. A dama é, não nos esqueçamos, uma mulher casada, por isso falamos de amores impossíveis e não correspondidos de algumas mulheres que — como já assinalávamos — não tinham se casado por amor. Portanto, os poetas tiveram de

<sup>11</sup> A poesia mariana é poesia dedicada à Virgem Maria. De Riquer, M. e Valverde, J. M. (1968). *Historia de la literatura universal*, vol. 1 (“De la Antigüedad al renacimiento”).

ter cuidado e esconder o nome de suas amadas queridas com termos poéticos e simbólicos. Mas como tantos poemas poderiam falar de um amor proibido numa sociedade com princípios religiosos tão rígidos? Por nunca refletir adultério, a poesia trovadoresca cantava um amor platônico que enobrecia os sentimentos do cavaleiro apaixonado e da dama a quem ele se dirigia.

Numa linha muito semelhante, pelo menos em algumas de suas manifestações, existe uma poesia mais próxima do mundo e da linguagem de Dona Inês de Castro e do infante D. Pedro, a poesia lírica galego-portuguesa dos séculos XIII e XIV, da qual se preservou uma produção abundante (mais de 2.000 composições). As chamadas “cantigas de amor” ou poesia cortês, na linha das líricas dos trovadores e do amor cortês (um dos autores mais conhecidos foi precisamente o rei D. Dinis de Portugal, avô de Pedro); as “sacras” ou religiosas (outro rei, neste caso castelhano, foi o autor mais importante, Alfonso X, o Sabio); as satíricas (de “escárnio e maldição”) e, principalmente, as tradicionais e autóctones, as conhecidas como “cantigas de amigo”, que nos dão uma visão única e diferente da produção lírica europeia: alguns poemas colocados na boca de mulheres que falam com suas mães, irmãs e amigas, sobre as suas preocupações e os seus casos amorosos. Uma poesia, portanto, muito mais na esfera do familiar e do recatado, embora infelizmente nenhum nome de autora tenha chegado até nós.

### 3.2. A querela das mulheres

Outra fonte literária é a “querela das mulheres” (tradução do nome francês com que era conhe-

cida, a *querelle des femmes*) que já ocorria na Europa no século XIV e até boa parte do século XVIII: chama-se assim à polêmica e aos debates amargos e apaixonados<sup>12</sup> que tratavam da capacidade das mulheres e de seus direitos. No século XIV, talvez tenha nascido uma das primeiras mulheres intelectuais a lutar pelos direitos da mulher, Cristina de Pizanno, filósofa e poeta, ou Christine de Pizan (1364-1430) porque, embora sua vida e obra transcorreram na França, nasceu na Itália. Foi um exemplo de mulher avançada, capaz de escrever em francês, italiano e latim, viúva aos 25 anos de idade, criou seus três filhos. Em sua obra *A cidade das mulheres*, de 1405, enumera os nomes de mulheres famosas da antiguidade para refutar os ataques furiosos (os de Jean de Meung, por exemplo, que transformou um delicado poema de amor, o *Roman de la Rose*, numa diatribe misógina) contra a capacidade intelectual das mulheres com argumentos que nos parecem tão atuais e que foram escritos há seis séculos:

“A excelência ou inferioridade dos seres não reside em seus corpos segundo o sexo, mas sim na perfeição de suas condutas e virtudes.”

“Se o costume fosse enviar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências como um método, como se faz com os meninos, elas aprenderiam e entenderiam as dificuldades e sutilezas de todas as artes e ciências tão bem quanto eles.”

<sup>12</sup> Ver: Ferrer Valero, Sandra (2019). *Mujeres silenciadas en la Edad Media*.

### 3.3. Outras mulheres próximas de Inês

Além destas fontes literárias, nas crônicas encontramos também, naturalmente, os nomes de **infantas e rainhas**, a maioria delas intimamente ou distintamente relacionadas com a figura de Inês de Castro. Se formos àquelas que detalham o que aconteceu no século **XIV em Portugal**, poderíamos citar algumas antecessoras e sucessoras daquela que foi “rainha depois de morta”, a infeliz Inês.

Mas como exemplo das diferentes personalidades que podem ser deduzidas de acontecimentos tão distantes, basta mencionar dois nomes e suas diferentes biografias, ambas próximas de Inês: por um lado, Isabel de Aragão, rainha de Portugal pelo casamento com D. Dinis, canonizada no século XVII como Santa Isabel de Portugal (1271-1336): avó de D. Pedro I, de quem já falamos.

E diante dela, Leonor Teles (1350-1406), Leonor Téllez de Meneses, outra mulher poderosa: nascida em Trás-os-Montes e falecida em Valladolid, conseguiu conquistar o amor de D. Fernando I — filho mais velho de D. Pedro I e Constança Manuel —, e que Fernando apagasse e anulasse o seu primeiro casamento com um nobre português. Os infantes de Castro, os filhos ilegítimos de Inês e meios-irmãos de Fernando, opuseram-se veementemente a este casamento e à suas implicações na corte portuguesa, os quais foram afastados da Corte por Fernando, acusados de tentar envenená-lo com a ajuda de ninguém menos que Diego López Pacheco, o único dos assassinos de Inês de Castro que conseguiu fugir da ira de D. Pedro I e foi mais tarde perdoado. A vida de Leonor é digna de um romance: a nunca bem esclarecida morte de seu marido Fernando, sua participação na guerra que acontece após a morte do marido, seu exílio para Tordesilhas...

## 4. INÊS DE CASTRO E A POSTERIDADE

### A ARTE E A LITERATURA COMO LEGADO DE UMA HISTÓRIA DE AMOR

Já nos referimos diversas vezes neste trabalho ao fato de haver poucos dados históricos sobre o que realmente aconteceu na tragédia da Quinta das Lágrimas, além das menções expressas nas crônicas medievais<sup>13</sup>; já que a maior parte da informação que temos nos foi transmitida por meio da literatura e da arte.

Dois aspectos comuns em qualquer abordagem da figura de Inês de Castro são usar a expressão “a que reinou depois de morrer”, em alusão ao feliz título da obra de Vélez de Guevara, e também assinalar que a lenda começa a crescer quando Camões nos conta sua história no célebre *Canto III* de *Os Lusíadas* que mencionamos anteriormente. E sim, não há dúvida de que Camões e Vélez de Guevara contribuíram

<sup>13</sup> E alguns dados que apareceram mais tarde, como os oferecidos pelo *Chronicon Conimbrigense*: “Era m.ccc nonagesima tertia vii. dies Ianuarii decolata fuit Dona Enes per mandatum domini Regis Alfonsi iiii”.

para o mito. Mas também é verdade que eles não foram os primeiros e que os componentes da lenda são muito variados.

Deixando de lado a menção histórica inicial na *Crónica de Afonso IV* e o testemunho irrefutável do túmulo de Inês ao lado de Pedro em Alcobaça, já no século XIV, a tradição literária diz-nos que se tratava de um mito da cultura, uma criação da poesia cortês do século XVI, com autores portugueses como Garcia de Resende, Camões ou Ferreira. E que esta tradição cultural tinha sido logo enriquecida pelos autores espanhóis do Século de Ouro: Lope de Vega, Francisco Manuel de Mello, Mejía de la Cerda, Vélez de Guevara...

Posteriormente, o Romantismo do século XIX teria acabado de aperfeiçoar e arrematar as características de uma inocente Inês, vítima da razão do Estado. E também parecia claro que teriam sido os românticos que acrescentariam o componente mórbido e macabro do beijo de mão à “rainha” que morrera sete anos antes, uma vez que não havia dados históricos ou mesmo artísticos sobre esta cerimônia fantasmagórica de um cadáver ao qual se presta homenagem. Ou seja, a lenda de Inês era de origem superior e nobre porque — embora hoje tenha passado para a sabedoria popular — na Idade Média e no Renascimento o povo português via Inês apenas como a amante não portuguesa que disputava o trono com a rainha legítima. Além disso, a história de Inês havia se popularizado somente com a evocação romântica.

### 4.1. Lenda da cultura ou tradição popular?

No entanto, como em tantos outros aspectos desta história, a formação e criação da lenda não são tão inequívocas e evidentes, e estudos recentes mostram isso ao apresentar também elementos populares — romances, especialmente — que poderiam ter ajudado na elaboração da história: os romances “da aparecida, da amada morta, da esposa falecida, romance da palmeira”<sup>14</sup>, romance que chega até a versão do século XX de Alfonso XII e que tem dado múltiplas versões populares. Não há dúvida que estes e outros elementos poderiam ter servido para criar e dotar a história de amor de Inês e Pedro de novos personagens e que podemos afirmar que é provável que haja também um componente popular transmitido oralmente, com maridos que, a caminho de volta a casa, tomam conhecimento da morte trágica de sua amada, romances que na Espanha e em Portugal falam da mulher assassinada pelo sogro, na presença dos filhos, do fantasma de uma mulher assassinada que aparece para seu marido desolado: “Para onde vais escudeiro,/triste, cuidaste de ti?/Morta é a tua amada,/morta é que eu a vi...”. Por vezes podem aparecer com personagens de nomes diferentes (*Romances de Isabel de Liar*), mas com uma história em que a mulher morta é a amante do rei português: “Já sai dona Isabel/já sai de confessar,/os seus três filhos pela mão,/não deixando de chorar [...] que apesar de serem de uma mãe de classe baixa/eles procedem de sangue real...”.

<sup>14</sup> Botta, P. (1995). *El romance del palmero e Inés de Castro*; e Botta, P. (1996). *El fantasma de Inés de Castro entre leyenda y literatura*.

### 4.2. A lenda começa com ele. Inês torna-se uma personagem.

Voltando à origem e aos dados admitidos por unanimidade, em 1516 foi publicado o *Cancioneiro Geral*, uma antologia de poesia cortês compilada por Garcia de Resende (Évora, 1470-1536), um músico e poeta renascentista português que reuniu cerca de mil poemas (em sua maioria de escritores portugueses, mas com dez por cento também de poemas em castelhano). O próprio Resende inclui algumas de suas próprias composições, as *Trovas a Inês de Castro*, a primeira vez que Inês de Castro aparece com seu nome na literatura e se torna uma “personagem”. Nesta composição lírica já existe uma característica que se repetirá mais tarde, que é a da própria Inês recontando sua morte, rodeada pelos filhos e a implorar clemência a D. Afonso:

FALA D. INÊS:	HABLA D. INÊS:
<i>Eu era moça, menina, Per nome Dona Inês De Castro, e [...] Lembre-vos o grand' amor Que me vosso filho tem, E que sentirá gran dor [...]</i>	<i>Yo era niña, joven, De nombre Doña Inés De Castro, y [...] Recuerde vos el gran amor Que vuestro hijo me tiene Y que sentirá gran dolor [...]</i>
<b>FIM</b> <i>Dous cavaleiros irosos, que tais palavras lh'ouviram, mui crus e nam piadosos, perversos, desamorosos [...]</i>	<b>FIN</b> <i>Dos caballeros furiosos Que tales palabras escucharon, Muy crueles y no piadosos Perversos, sin amor [...]</i>

Nesse *Cancioneiro Geral* havia outro poeta, Anrique da Mota, de que foi encontrada outra composição de 1528, Visão de Inês de Castro, no século XX: sob a forma de carta dirigida ao rei D. João III, imagina um último encontro do infante com a moribunda Inês, cheio de drama e tensão. De fato, estes poetas cultos dos séculos XVI e XVII apresentam a tragédia inesiana como uma ilustração dos conceitos elaborados por Petrarca: o triunfo do amor sobre a morte.

Em Portugal, outro nome indispensável na criação do mito é, naturalmente, António Ferreira (1528-1569), o poeta e dramaturgo humanista. A sua obra mais famosa é a *Tragédia de Inês de Castro* (ou simplesmente, *A Castro*), de 1587. Ou o poema de 1606 de João Soares de Alarcão, *A Iffanta Coronada*. Dois séculos mais tarde, no final do século XVIII, no seio do movimento conhecido como *Arcadismo Português* (período literário entre o Barroco e o Romantismo), um de seus nomes mais importantes, Manuel Maria Barbosa de Bocage, também dedicou uma *Cantata à morte de Inês de Castro*.

Mas é a partir da obra de Ferreira, *A Castro*, com seus cinco atos em verso e a bela criação do coro de donzelas, de quem beberá a maioria dos autores posteriores, especialmente os espanhóis. Por exemplo, Jerónimo Bermúdez (*Nise Laureada, Nise Lastimosa*). Os trágicos amores da dama galega eram bem conhecidos no Século de Ouro espanhol, e muitos autores elaboraram sua visão dos acontecimentos em forma de poemas ou dramas, entre os quais Lope de Vega, embora sua obra não tenha sido preservada (*Siempre ayuda la verdad*). Como é óbvio que não podemos deter-nos em todas elas, lembremo-nos das muitas vezes mencionadas, o famoso *Reinar depois de morrer*, do romancista e dramaturgo Luis Vélez de Gueva-

ra, em 1635, com uma personagem principal, Inês, que se destaca em toda a sua humanidade e lirismo:

---

Que finalmente não tenho remédio?

Bem, Rei Afonso, escutai:

Eu apelo aqui ao supremo

E tribunal divino,

Aonde da tua injustiça

A causa há de se julgar...

---

### 4.3. A lenda ibérica se espalha para outros lugares. Inês na música e na pintura

Da Península Ibérica, a lenda espalhou-se por outros países europeus, especialmente França e Itália: obras de escritores franceses como Antoine Houdar de la Motte ou Madame de Genlis no século XVIII, o próprio Victor Hugo (*Inez de Castro, mélodrame*) em 1822, até a famosíssima *La Reine morte de 1942*, de Henry de Montherlant, com produções que se seguiram com grande sucesso até 1970 e com adaptações televisivas tanto na França quanto na Espanha. Na Itália, a partir do século XVIII, o tema teve muito sucesso em diversos poemas e, especialmente, na música; tal como representou o compositor Giuseppe Persiani em sua ópera de 1835, *Inês de Castro, tragédia lírica*.

Seria difícil citar num trabalho como este a variedade de autores e títulos que tomaram a história de amor de Inês como o motivo central de suas composições, em verso e prosa, na música e no teatro. Em Portugal, no século XIX, um famoso músico nacionalista que tinha proposto o “reaportuguesamento” da música lusitana, es-

creveu uma *Abertura Inês de Castro*, em 1886, no marco do terceiro centenário da morte de Camões e com base em seu célebre *Canto III*. Parece que Verdi tinha entre seus propósitos compor uma obra sobre Inês. E não há muitos anos, no Festival de Edimburgo em 1996, foi estreada uma ópera do compositor escocês James MacMillan, *Inês de Castro*. Ou em Baltimore, outra obra musical de mesmo nome de Thomas Pasatieri no final do século XX... De 1835 até nossos dias, mais de trinta óperas foram dedicadas a Inês de Castro.

Sem deixar de mencionar a pintura, como o célebre quadro de 1887 do pintor valenciano Salvador Martínez Cubells, especializado em temas históricos e tradicionais. A imagem representa o Rei D. Pedro sentado no trono, a sua direita, o cadáver de Inês para o beijo de mão sombrio de toda a sua corte. Ao longo dos séculos XIX e XX, vários pintores tradicionais e historicistas tiveram como centro de suas atenções a tragédia de Inês, seu assassinato e a coroação sombria e fantasmagórica, tanto portugueses quanto europeus: *A Súplica de Inês de Castro* de Vieira Portuense em 1802. *O Assassinato de Inês de Castro* pelo russo Karl Briullov em 1834. Os franceses são Pierre Charles Comte, que pintou *A Coroação de Inês de Castro* em 1849, e Eugénie Servières, com a sua *Inês de Castro*, de 1822, em que Inês é vista com os filhos pedindo clemência a D. Afonso. *O Drama de Inês de Castro* por Columbano Bordalo Pinheiro, de 1901, para mencionar algumas obras relevantes.

### 4.4. A lenda inesiana no mundo de hoje. Cinema e televisão

A televisão e o cinema não podiam ficar alheios ao fenômeno. Em 1944 surgiu o filme *Inês de*

*Castro*, coproduzido por Espanha e Portugal, dirigido por José Leitão de Barros e Manuel Augusto García Viñolas, com exteriores rodados em Portugal e com o apoio de ambos os governos. A BBC estreou uma peça de teatro em 1989 do dramaturgo britânico John Clifford. E, em 1997, outra coprodução, desta vez galego-lusitana, trouxe para o cinema uma nova *Inês de Portugal*, dirigida por José Carlos de Oliveira.

Na televisão espanhola, a RTVE, em 1977, no programa “Mujeres insólitas”, uma série dirigida pelo dramaturgo José López Rubio, trouxe Inês à telenovela. A atriz principal, ao iniciar o programa, nos dizia: “As histórias de amor que acabam bem não costumam ficar para a história”. A RTP, Rádio e Televisão de Portugal, transmitiu a série *Pedro e Inês* em 2005. E, em 2018, o filme mais visto em Portugal foi *Pedro e Inês*, dirigido por António Ferreira, numa adaptação do romance da atriz e escritora portuguesa Rosa Lobato de Faria (1932-2010), *A trança de Inês*, uma história distópica.

Escritores portugueses e espanhóis dos séculos XX e XXI continuaram a abordar as figuras de Inês e Pedro, por vezes, recriando os elementos românticos de sua tragédia amorosa: Alejandro Casona e sua *Corona de amor y muerte*; Nuno Júdice e seu poema *Pedro, lembrando Inês*; María Pilar Queralt de Hierro, Inés de Castro, de 2003; Luis Benjamín Garrido Torresano, *Inés, tan lejana siempre*, em 2017; Ms. Torquato Liesel, *Dom Pedro e Inês de Castro: o justiceiro e a rainha morta, uma história de amor além mares*; ou uma das escritoras mais populares entre o público português, Margarida Rebelo Pinto e seu sucesso de 2011, *Minha querida Inês*.

Além disso, em outras ocasiões, invertendo o mito ou, pelo menos, com um olhar diferen-

te para os fatos conhecidos. Assim, Agustina Bessa-Luis (1922-2019), uma das vozes mais importantes da narrativa portuguesa contemporânea, com suas *Adivinhas de Pedro e Inês* de 1983, questiona estes dados repetidos: *Possivelmente ela (Inês) nunca amou Dom Pedro...* Ou a experimental e recente *A Boba, um monólogo em três insônias e um despertador*, uma peça de Estela Guedes, estreada em 2008.

Poderíamos continuar a recordar e a evocar nomes e títulos que apenas confirmariam a sobrevivência do mito. Porém, uma última citação será suficiente para confirmar a paixão que o público de todos os tempos e lugares teve por Dona Inês de Castro. A citação veio de minhas próprias memórias, uma música que tinha ouvido de minha mãe quando eu era criança, um pasodoble chamado *Inês de Castro*, cantado por duas intérpretes da copla espanhola dos anos 50, Carmen Morell e Lolita Sevilla. Um pasodoble para cantar a história de Inês e Constança, ambas protagonistas!

Pasodoble que qualquer um de vocês pode ouvir no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=DR2Zwx4Uzgl>):



**Seria difícil citar num trabalho como este a variedade de autores e títulos que tomaram a história de amor de Inês como o motivo central de suas composições, em verso e prosa, na música e no teatro.**

---

Dona Constança saiu  
Da Espanha para Coimbra.  
Dona Inês a acompanhava  
A sua melhor dama e amiga.

Dom Pedro saiu ao encontro  
Com a sua corte para recebê-las  
E por Inês ficou apaixonado [...]

Dona Constança morreu  
E Portugal que sabia  
O luto que a matou  
A morte de Inês de Castro  
A cidade inteira pediu...

---

Os mitos — como dizíamos no início deste trabalho — são eternos e capazes de serem reconvertidos. Uma copla folclórica espanhola juntamente com uma obra distópica portuguesa (hoje tão popular), o filme de 2018 baseado no romance de Rosa Lobato (*A trança de Inês*): a história de Pedro e Inês evocada em três momentos, o século XIV, os dias de hoje e o século XXII

## 5. BIBLIOGRAFIA

---

Birmingham, David (1995). *Historia de Portugal*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.

Botta, Patrizia (1995). "El romance del Palmero e Inés de Castro" em *Medioevo y Literatura*. Atas do "V Congreso de la AHLM", pp. 379-399. Granada, Espanha: Universidade de Granada. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-romance-del-palmero-e-ins-de-castro-0/>

Botta, Patrizia (1996). "El fantasma de Inés de Castro entre leyenda y literatura" em *Studia aurea*. Atas do III Congreso Internacional de la Asociación Internacional Siglo de Oro, pp. 87-96. Pamplona, Espanha: Universidade de Navarra. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: [https://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/03/aiso\\_3\\_2\\_011.pdf](https://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/03/aiso_3_2_011.pdf)

De Oliveira Marques, António Henrique Rodrigo (1980).: *História de Portugal*, cap. I ("A formação de Portugal"). Lisboa, Portugal: Palas Editores.

De Riquer, Martín y Valverde, José María (1968). *Historia de la literatura universal*, tomo 1 ("De la Antigüedad al renacimiento"). Barcelona, Espanha: Planeta.

De Vasconcelos, Antonio (1928). *Inês de Castro*. Estudo para uma série de lições no curso de história de Portugal. Porto, Portugal: Editora Marques Abreu.

Ferrer Valero, Sandra (2019). *Mujeres silenciadas en la Edad Media*. Madri, Espanha: Punto de Vista Editores.

González Porto-Bompiani (1968). *Diccionario literario de obras y personajes de todos los tiempos y de todos los países*. Barcelona, Espanha: Montaner y Simón.

Morant, Isabel (Dir.); Querol, María Ángeles; Martínez, Cándida; Pastor, Reyna, y Lavrin, Asunción (2005). *Historia de las mujeres en España y América Latina*, tomo 1 ("De la Prehistoria a la Edad media"). Madri, Espanha: Cátedra.

Pernoud, Regine (1982). *La femme au temps des cathédrales*. Barcelona, Espanha: Edições Juan Granica.

Queralt del Hierro, María Pilar (2002). *Inês de Castro. La leyenda de la mujer que reinó después de muerta*. Edições Martínez Roca.

Reglá Campistol, Juan (1967). *Historia de la Edad Media*. Barcelona, Espanha: Montaner y Simón.

Segura, Cristina (1997). "Las mujeres en la España medieval", em Garrido, Elisa (editora); Folguera, Pilar; Ortega, Margarita, y Segura, Cristina. *Historia de las mujeres en España*. Madri, Espanha: Editora Síntesis.

### Os websites de interesse especial são:

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes:  
[www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)

Academia Real de História

- Dicionário biográfico espanhol:  
[www.dbe.rah.es](http://www.dbe.rah.es)
- Biblioteca digital  
[www.bibliotecadigital.rah.es](http://www.bibliotecadigital.rah.es)

## 6 . G U I A D E L E I T U R A E A T I V I D A D E S

Nas páginas anteriores é possível ler a história de uma mulher conhecidíssima por sua lenda: dramaturgos e poetas, músicos, pintores e artistas em geral nos deixaram sua visão de Inês de Castro, que “foi rainha depois de morta”.

Porém, desta leitura surgem também várias questões e enigmas que representam um desafio a ser interpretado: a verdade histórica e a lenda de uma mulher chamada Inês de Castro. Será um trabalho que pode ser realizado em uma disciplina (Literatura, História...) ou melhor, trabalhando o referido projeto de uma forma transversal e conjunta sob o ponto de vista de diferentes disciplinas. O título deste projeto poderia ser **A tragédia amorosa de Inês de Castro, história e lenda no século XIV**.

Como produto final, é necessário preparar, com os(as) colegas de trabalho e de classe, uma mostra cultural sobre amores trágicos, partindo da história de Inês de Castro e do complicado amor pelo infante de Portugal. Sugerimos que a exposição seja realizada na própria escola, mas também pode ser aberta ao bairro ou à região de residência.

### Os seus objetivos são:

- ▶ Compreender as diferentes formas da relação amorosa em diferentes períodos históricos e como elas tiveram impacto nos homens e nas mulheres, prestando especial atenção a estas mulheres, como Inês ou Constança.
- ▶ Entender e apreciar as diferentes obras artísticas que ao longo dos séculos têm abordado o tema da relação amorosa e incentivar outros(as) alunos(as) da escola — ou os vizinhos do bairro ou da região — a fazer o mesmo.
- ▶ Estudar o papel da mulher na história dos povos e nações com base em “personagens” como Inês de Castro, distinguindo entre pessoas e personagens.

Para trabalhar nesta exposição, seria conveniente organizá-la em **equipes**, embora também possa ser feita de forma **individual**. Cada equipe, ou cada aluno(a), a pedido do professor ou professora, deve atender a alguns dos aspectos sugeridos a seguir, embora o resultado final exija um comprometimento de todos os participantes no projeto.

- ▶ O século XIV. As guerras na Península Ibérica entre muçulmanos, portugueses e castelhanos. A Peste Negra. Mortalidade e fome em toda a Europa. Sua relação com a obra de Giovanni Boccaccio, o *Decamerão*.
- ▶ A geografia dos lugares onde a história se desenrolou: Galícia, Portugal e Castela e as cidades mais importantes (Coimbra, Lisboa...).

As línguas peninsulares e as línguas da Europa.

- ▶ Os amores famosos da Idade Média: A figura de Beatriz Portinari, cantada e idealizada por Dante Alighieri. E a de Francesco Petrarca e de sua amada Laura. O amor platônico. A literatura portuguesa desde suas origens até o Renascimento: a lírica de canções de amor e cantigas de amigos. A figura de Luis Vaz de Camões e *Os Lusíadas*.
- ▶ Inês de Castro na história da arte europeia e universal: pintura, teatro, óperas, filmes e séries televisivas. Os monumentos artísticos onde os eventos ocorreram. A cidade de Coimbra, o mosteiro de Santa Clara e a Quinta das Lágrimas. O mosteiro de Alcobaça e o túmulo de Inês de Castro.

As diferentes equipes e/ou alunos(as) deverão investigar uma série de aspectos que podem servir de ajuda no momento da montagem da exposição:

- ▶ Onde será realizada a exposição: para saber se os espaços escolhidos, além de painéis e murais, têm a possibilidade de trabalhar com meios audiovisuais, computadores, telões, televisores etc.
- ▶ A pesquisa e a elaboração de mapas da Península Ibérica para localizar os diferentes lugares de Orense e La Limia, onde Inês nasceu. Ou o castelo de Garcimuñoz, em Cuenca, local de nascimento de Constança Manuel. E o significado de cidades como Guimarães e Lisboa para a formação do Reino de Portugal.

▶ Ao longo dos séculos, tanto na realidade quanto na ficção, há muitas outras histórias trágicas, de amores impossíveis. Você poderá estudá-las (Romeu e Julieta, Pablo e Virgínia, os Amantes de Teruel, Paolo e Francesca...) e refletir sobre suas diferenças e semelhanças com a história de Pedro de Portugal e Inês de Castro.

▶ A história de Constança Manuel é, certamente, menos conhecida, mas igualmente triste. Você já pensou na relação que unia as duas mulheres desde que eram crianças e como o amor pelo mesmo homem e sua diferente posição as afetariam?

▶ Os casos de amor de Pedro e Inês — e especialmente o lendário episódio dos nobres portugueses beijando a mão esquelética da “rainha morta” — deram origem a muitas obras de arte: primeiro a poesia, depois o teatro e o romance, as óperas e balés para se tornarem também tema de séries de televisão e filmes. Você pode pesquisar na internet algumas destas obras recentes (do século XX ou XXI) e levantar dúvidas quanto ao permanente interesse numa obra tão antiga. Recordamos um fato que já havíamos mencionado: a recente estreia em Portugal e Espanha da obra de Vélez de Guevara, sobre a qual a imprensa destaca o sucesso de bilheteria em ambos os países.

▶ Em relação ao ponto anterior, é também interessante imaginar como seria — por meio dos quadros e também das descrições poéticas — Inês de Castro fisicamente, que tipo de beleza Inês tinha para que todos a elogiassem. O padrão estético das mulheres e dos homens tem mudado continuamente ao

longo da história, mas existem aspectos que permanecem. Quais e por quê?

- A amada do famoso escritor Francesco Petrarca, Laura, a quem dedicou belos sonetos em vida e após a sua morte, é também uma mulher do século XIV. Você sabe quantas vezes Laura e Petrarca se viram? Todos nós já ouvimos falar muitas vezes de “amor platônico”, mas alguém sabe quando ele nasceu e em que consistia? O “amor cortês” é também um conceito muito difundido na Idade Média e seria interessante fazer uma breve análise sobre ele.
- As vidas de Laura e Inês de Castro, duas mulheres do século XIV, são muito diferentes e oferecem uma amostra das distintas considerações sociais que as mulheres tiveram (e têm, é necessário pensar nisso) historicamente segundo o seu estado civil e a dependência dos homens.
- Outra mulher medieval importante é Beatriz, cantada e idealizada por Dante, a quem ele dedica sua *Divina Comédia* universal. A relação do poeta italiano com ela, as vezes em que se encontraram, também pode ser um motivo de reflexão.
- Ao longo dos séculos XII, XIII e XIV, os poetas da chamada poesia lírica galego-portuguesa abordaram o tema da relação amorosa. A partir da análise das canções de amor e das cantigas de amigos, você poderia imaginar em que língua ou línguas se entenderiam o infante Dom Pedro, sua esposa castelhana Constança e sua amante galega Inês.
- Já citamos anteriormente a relação direta da Peste Negra — que semeou horror e morte

em quase toda a Europa — com uma obra universal da literatura italiana, o *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio. Os cem contos que o compõem são muito variados, mas o amor é uma das constantes do livro. Um amor platônico, um amor humano, um amor trágico? Alguns destes contos podem ser analisados para poder compreender as diferentes visões que cabem numa época..

- A meia-irmã de Inês (por parte de pai), Juana de Castro, tornou-se rainha de Castela em 1354, um ano antes de Inês ser assassinada, por seu casamento com outro Pedro I. As diferenças e semelhanças entre as histórias de ambas as irmãs são muito interessantes. Ambos os “Pedros”, o de Portugal e o de Castela, foram reis e ambos receberam também o nome algumas vezes de “o Cruel”, outras de “o Justiceiro”.
- A Fonte da Quinta das Lágrimas e o mosteiro de Santa Clara-a-Velha tornaram-se atualmente uma atração turística para onde vão todos os tipos de pessoas, mas principalmente para casais apaixonados. Atualmente, porém, os edifícios e jardins têm uma função muito diferente.
- E o imponente Mosteiro de Alcobaça, onde repousam os restos mortais de Pedro e Inês, é muito importante não apenas pelo valor artístico (estrutura cisterciense, capelas manuelinas), mas também pelos túmulos góticos e por sua curiosa disposição.
- Para a apresentação da exposição, além das ideias que sugerimos, deverá ser elaborado um roteiro no qual apareçam opiniões fundamentadas sobre alguns aspectos específicos

da história de Inês de Castro:

- Inês de Castro foi vítima de uma conspiração política devido à condição de mulher ilegítima do infante e devido à interferência castelhana em Portugal?
- Constança Manuel, outra mulher infeliz, apesar de sua condição de esposa legítima.
- As figuras do Rei Afonso IV, pai de D. Pedro e possível indutor do assassinato de Inês, bem como a vida deste último: a responsabilidade de cada um na tragédia que desencadearam.
- A condição da mulher medieval: o que mudou e o que resta de sua situação em nossos dias.

## Avaliação

Os professores e professoras das disciplinas envolvidas estabelecerão as rubricas necessárias para a avaliação conjunta do trabalho final, do realizado pelos diferentes grupos e dos individuais de cada aluno(a). Os(As) alunos(as) farão a sua própria autoavaliação enquanto observam os métodos e resultados do trabalho.

## Competências

Neste projeto, serão desenvolvidas as seguintes competências:

1. Comunicação linguística.
2. Competência digital.
3. Consciência e expressões culturais.
4. Competências sociais e cívicas.



Imagem 4  
Fonte dos Amores.  
Quinta das Lágrimas.  
Coimbra

Vitor Oliveira from Torres Vedras, PORTUGAL, CC BY-SA 2.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/>>, via Wikimedia Commons



# Joana I da Espanha

A rainha cativa.  
Ninguém é o  
que parece

*Esmeralda García Sánchez*

## ÍNDICE

### Introdução

### Cronologia

- 1. A época. Origem e configuração de um estado moderno**
  - 1.1. Os Reis Católicos
  - 1.2. A criação de um Estado Moderno. A monarquia autoritária
  - 1.3. Política e religião
- 2. Joana I de Castela. A rainha cativa**
  - 2.1. As suas origens e educação
  - 2.2. Joana, condessa de Flandres, duquesa de Borgonha e arquiduquesa da Áustria
    - 2.2.1. O casamento da infanta
    - 2.2.2. A vida de Joana nos Países Baixos
  - 2.3. Joana, herdeira dos Reis Católicos. O regresso a Espanha
  - 2.4. Joana I, rainha de Castela
  - 2.5. A lenda da loucura. Tordesilhas e a regência de Fernando
    - 2.5.1 A lenda da rainha
    - 2.5.2. De Tórtoles a Tordesilhas. A regência de Fernando
  - 2.6. Joana I, rainha da Espanha. A aparição de Carlos I
    - 2.6.1. Os comuneiros. Ares de liberdade para a rainha?
  - 2.7. Morte da rainha Joana I da Espanha e de seus reinos
- 3. A mulher no renascimento**
- 4. Texto**
- 5. Bibliografia**
- 6. Guia de leitura e atividades**

## INTRODUÇÃO

Joana I, rainha da Espanha, uma rainha que não governou. Uma personagem possivelmente depressiva, vítima de seu ambiente, que produz uma profunda empatia e tristeza.

Em 28 de setembro de 2001, o filme *Juana la loca*, do diretor Vicente Aranda, foi lançado na Espanha. Pilar López de Ayala (neta do escritor López de Ayala) ganhou o prêmio Goya de melhor atuação feminina. Eu recomendo vê-la: 1496. Uma frota espanhola parte de Laredo. Lá se vai a infanta Joana. Ela parte para Bruxelas, onde se casará com Filipe de Habsburgo.

Em 1948 tinha sido lançado outro filme, *Locura de amor*, de Juan de Orduña, estrelado por Aurora Bautista: apresentava Joana loucamente apaixonada pelo seu marido — Filipe de Habsburgo ou Filipe, o Belo — e perturbada com a sua morte.

São dois longa-metragens com abordagens muito diferentes. *Locura de amor* (1948) apegase à lenda de uma rainha entregue ao luto pela perda de seu marido. *Juana la loca* (2001) mostra alguns fatos que, sem deixar de lado um possível desequilíbrio mental, sugerem outras causas que explicam a reclusão da rainha Joana, mantendo-a afastada

do poder que outros exerciam e que só lhe pertencia.

A figura e lenda de Joana de Castela, “Joana, a Louca”, foi popularizada no Romantismo através da literatura e da pintura. Para este movimento a personagem continha fatores muito importantes: amor, paixão, desamor, ciúmes e loucura. Dali surgiu a lenda da loucura de amor de Joana de Castela. Escritores literários como M. Tamayo y Baus, Emilio Serano e Santiago Sevilla, entre outros, contribuíram para isso, incluindo também o próprio Benito Pérez Galdós. O pintor espanhol Francisco Pradilla y Ortiz em 1877 capturou mais uma expressão romântica da nossa personagem. Ele pintou *La reina doña Juana la Loca, recluida en Tordesillas con su hija, la infanta doña Catalina y Doña Juana la Loca ante el sepulcro de su esposo, Felipe “el Hermoso”*.

Apresentamos alguns dados e reflexões sobre o problema de uma biografia onde realidade e ficção se misturam: Joana de Castela, Joana I rainha da Espanha, para alguns autores é Joana, a Louca; para outros, ela poderia ter sido enfeitada; para outros, é Joana, a Desventurada. Estamos perante o enigma de uma rainha. Não pretendemos resolvê-lo, mas procuramos aproximar o leitor da personagem e despertar o seu interesse por ela.

Loucura de amor? Depressão? Encantamento? O cativo realizado pelo seu marido, seu pai e seu filho foi justificado? Conspiração? O enigma de uma rainha. Queríamos falar dela a partir do seu ambiente, não a partir da lenda.

# CRONOLOGIA

## DADOS CRONOLÓGICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS



## DATOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

1500

1517

Morte de Cisneros  
Carlos I chega à Espanha. A rainha Joana, em Tordesilhas

1517

Desastre de Argel  
*Bíblia Polígota Complutense*, Cardeal Cisneros, Universidade Complutense (Alcalá de Henares)  
Capela Real da Catedral de Granada, Tumba dos Reis Católicos, por Domenico Francelli  
*De institutine feminae chirstianas*, de Luís Vives  
*Historia general y natural de las Indias*, de Gonzalo Fernández de Oviedo  
*Elegías, églogas y sonetos*, de Garcilaso de la Vega

1520

1520

Os comuneiros

1521

Derrota dos comuneiros

1522

Juan Sebastián Elcano, primeira circumnavegação da Terra

1540

1541

Catedral de Jaén; Hospital de Tavera em Toledo, por Andrés de Vandelvira

1543

Casamento de Filipe com Manuela de Portugal

1543

*De revolutionibus orbium coelestium*, por Nicolás Copérnico  
*Lazarillo de Tormes*

1545

Concílio de Trento

1554

Visitas de Francisco de Borja à rainha Joana  
Casamento de Filipe com Maria Tudor

1550

1552

*Brevíssima relação da destruição das Índias*, Bartolomé de las Casas

1553

*Crónicas del Perú*

1555

Morre a rainha Joana I da Espanha em Tordesilhas  
Abdicação de Carlos I  
Filipe II, rei

Fonte: Elaboração própria.

## 1. A ÉPOCA

### ORIGEM E CONFIGURAÇÃO DE UM ESTADO MODERNO

A vida de Joana de Castela transcorre numa Espanha que era a maior potência da Europa. Seu poder ia desde o Novo Mundo até a Itália, França, Alemanha e as costas do norte da África, de Orão a Trípoli.

Trata-se do Renascimento, o nome dado no século XIX ao movimento cultural que aconteceu durante os séculos XV e XVI na Europa Ocidental, entre a Idade Média e a Modernidade. É a passagem do teocentrismo ao antropocentrismo, é o momento em que, sem que a ideia de Deus deixe de estar presente, o homem se dá conta de seu papel na história como um ser autônomo. É uma época fascinante para a cultura, a arte e a ciência. É um período que saía das trevas da Idade Média para entrar nas luzes do renascimento da cultura clássica. É o Humanismo.

A vida de Joana de Castela, cativa em Tordesilhas, transcorrerá ao lado das grandes descobertas sobre o Homem, a Terra e o Cosmos. É, ao mesmo tempo, um momento turbulento de profundas mudanças políticas, econômicas e sociais num mundo em crescimento.



Imagem 1

Mestre da Virgem dos Reis Católicos.

*La Virgen de los Reyes Católicos*. 1491-1493.

Técnica mista em painel, 123 x 112 cm

Recuperado de: <https://www.museodelprado.es/>

### 1.1. Os Reis Católicos

Segundo os historiadores — entre eles, Manuel Tuñón de Lara —, com a morte de Henrique IV, rei de Castela, em 1474; sua irmã, Isabel, é proclamada rainha de Castela em Segóvia, com uma velocidade incomum. Até mesmo o marido dela, Fernando, estava em Aragão. Desta maneira terminava o conflito dinástico gerado quando Henrique IV foi forçado a retirar da linha de sucessão a infanta Joana (a quem apelidaram de a Beltraneja), sua filha, devido aos boatos sobre a impotência do monarca e às acusações de infidelidade de sua esposa, Joana, irmã do rei de Portugal, Afonso V, com Beltrán de la Cueva. O rei, perante a violência e as pressões dos nobres, deserdou Joana, embora nunca a tenha declarado filha ilegítima, e nomeou sua irmã Isabel herdeira do trono de Castela, mediante o Tratado dos Touros de Guisando.

Os nobres não contavam com a inteligência, determinação, capacidade de decisão e de governo de Isabel, e que ela nunca partilharia o poder com eles. No dia seguinte à morte de Henrique IV (1474), sem qualquer planejamento e com toda rapidez, Isabel é proclamada rainha de Castela, como já dissemos anteriormente, numa cerimônia íntima, sem os nobres e sem o alto clero. A partir daí, os nobres ficaram surpresos que Isabel era uma soberana que não obedeceria aos interesses feudais. A partir desse momento, alguns nobres seriam-lhe hostis, incluindo também o arcebispo de Toledo, Carrillo.

Em 1469 havia acontecido o casamento entre Isabel, herdeira da Coroa de Castela, e Fernando, herdeiro da Coroa de Aragão. A França e Portugal não viram com bons olhos este casamento, que transformou a Península Ibérica num bloco muito poderoso. Assim, o rei de Portugal, casado com sua sobrinha — Joana, a Beltraneja, filha de Henrique IV — e despojada de seus direitos ao trono, entra em conflito com Castela, procurando defender os direitos sucessórios da esposa. Ao mesmo tempo, nobres hostis e o arcebispo Carrillo se revoltam contra a rainha Isabel. Por outro lado, Luís XI, rei da França, que se recusava a devolver Rossilhão a Aragão e que, no fundo, está também preocupado com este casamento, alia-se a Portugal. Estamos, portanto, perante uma guerra de sucessão com matizes de guerra civil e com ramificações europeias.

Portugal, auxiliado pela França, quase alcança a vitória. Porém, a contraofensiva de Castela e Aragão derrota Portugal na Batalha de Toro em 1476. Além disso, a França abandona a guerra quando Aragão renuncia, momentaneamente, a Rossilhão. Isabel I de Castela é mantida em seu trono. Em 1478 Luís XI da França assina um

acordo com Isabel e Fernando. Em Alcáçovas o tratado com o mesmo nome é assinado em 1479 com Portugal, sendo Isabel reconhecida como rainha de Castela. A guerra de sucessão terminou. João II de Aragão faleceu e Fernando ascende ao trono como Fernando II.

Algum tempo depois, Afonso, filho do príncipe herdeiro de Portugal, casa-se com Isabel, a filha primogênita dos Reis Católicos.

## 1.2. A criação de um Estado Moderno. A monarquia autoritária

As Coroas de Castela e Aragão foram sempre independentes, houve apenas uma “união pessoal” pelo casamento de Isabel e Fernando, com uma certa insatisfação deste último. Fernando somente governou Castela sozinho quando foi nomeado regente de sua filha Joana de Castela, como veremos mais adiante. No entanto, ambos governaram os dois reinos dessa dupla monarquia, que se tornaria o primeiro modelo de um Estado Moderno. Um Estado duplo, é claro. Com Joana I, herdeira das Coroas de Castela e Aragão, ambos os territórios teriam uma única soberana e autoridade, embora ela nunca os tenha governado. Esta tarefa foi assumida por seu filho e herdeiro Carlos I.

A *Historia de España*, de Antonio Ubieto, Juan Reglá, José María Jover e Carlos Seco, nos conta que a política de unidade ibérica dos Reis Católicos se baseava na ideia da Hispânia Romana, mantida na Idade Média. Esta unidade poderia ser alcançada de duas maneiras: adotando a forma castelhano-aragonesa ou a forma castelhano-portuguesa. A balança inclinou-se para a fórmula castelhana-aragonesa, como vimos, sem renunciar à união de Portugal. Os



*A vida de Joana de Castela, cativa em Tordesilhas, transcorrerá ao lado das grandes descobertas sobre o Homem, a Terra e o Cosmos. É, ao mesmo tempo, um momento turbulento de profundas mudanças políticas, econômicas e sociais num mundo em crescimento.*

dois reinos, Castela e Aragão, manterão suas respectivas organizações e a separação total nos assuntos particulares de cada reino.

Nesta “união pessoal” das duas Coroas, Castela tinha uma extensão territorial maior do que Aragão e uma superioridade demográfica e um maior potencial econômico graças à Mesta e ao comércio de lã em Nantes, Rouen, Bruges e Londres. Castela estava em plena atividade, enquanto a Coroa de Aragão, embora aberta ao comércio do Mediterrâneo, ainda estava em colapso pelas crises dos séculos XIV e XV.

Porém, Aragão, devido às circunstâncias, manteve seus privilégios e as liberdades políticas melhor do que Castela, diante da tendência para a centralização e o autoritarismo de Isabel e Fernando. A Coroa de Aragão era constituída pelo reino de Aragão, reino de Valência, principado da Catalunha e pelas Ilhas Baleares, com características, instituições, economia e cultura próprias. Em cada um destes territórios, um vice-rei representava o soberano. Com os Reis Católicos, o Conselho de Aragão era o órgão consultivo que relacionava, por meio dos vice-reis, os diferentes territórios entre si e com o rei. Um

processo que manteve a tradição — digamos — federalista em contraste com Castela.

Em Castela, após a Guerra de Sucessão, foi necessário consolidar e reforçar o poder da monarquia e reestruturar a vida política baseada na tripartição da monarquia, das Cortes (alta nobreza e alto clero) e dos municípios do século XIII. Foi também necessário acabar com as desordens internas e as lutas e intrigas da nobreza para manter seus privilégios feudais.

Os Reis Católicos refrearam o poder da nobreza, das Cortes, da Igreja e dos municípios, tornando-os dependentes do poder dos reis. A ameaça feudal, a nobreza hostil e vândala foi dominada. A **Santa Irmandade** restaurou a ordem pública. Os bens das **ordens militares** foram agregados à Coroa. **Os municípios** eram controlados por meio da figura dos corregedores, delegados do governo. **As Cortes**, que colocaram uma tremenda resistência à Coroa e eram constituídas por procuradores pertencentes à nobreza, tiveram seu poder diminuído em ambos os reinos e, em grande medida, foram substituídas por órgãos consultivos chamados Conselhos, instrumentos essenciais para o go-

verno da Coroa. Quanto à **Igreja**, Os Reis Católicos conseguiram que o Papa Sisto IV lhes permitisse propor altos cargos eclesiásticos, que mais tarde foram nomeados pelo Vaticano. **O clero** foi também modificado com a ajuda do arcebispo Cisneros. Da mesma forma, o **Tesouro** foi reestruturado: era necessário aumentar a receita do Estado, mas conservando os privilégios de certas classes sociais. **As forças militares e a Justiça** foram reorganizadas. **As leis** foram codificadas para facilitar a governança do Estado. Assim nasceu o primeiro Estado Moderno o rei Fernando se tornou protótipo de *O Príncipe* para Maquiavel.

Com esta reorganização, os Reis Católicos criaram um Estado autoritário e governaram sem a participação dos grupos sociais e políticos, não de uma forma tirânica.

### 1.3. Política e religião

Os Reis Católicos forçaram os muçulmanos a se converterem e **expulsaram os judeus**. Além disso, criaram a **Inquisição** para combater as heresias. Passaram de uma atitude de tolerância em relação a outras crenças religiosas a perseguição e expulsão de não-cristãos. Tudo isto fazia parte de uma **política coerente**: estabelecer sua autoridade em todos os setores. Além disso, a coesão social exigia a unidade de fé. **Não havia sentimento de nação** e a unidade em todos os povos da Europa vinha da partilha da mesma fé religiosa. A fé era o que unia cada fiel com os demais a seu redor. Por esta razão, o herege não apenas cometia um pecado contra a fé, mas também perturbava a ordem social. Com a Inquisição, um tribunal que funcionava com e pela autoridade real, os Reis Católicos controlaram a vida e o pensamento de

seus reinos. **É uma das características do Estado Moderno**. A tolerância religiosa que tinha existido na Espanha importava pouco.

Por outro lado, o antissemitismo tinha proliferado entre os católicos, de modo que a Inquisição e a expulsão dos judeus foram medidas complementares muito aplaudidas, embora significassem uma crise econômica devido ao papel que os judeus e os conversos — muitos dos quais também foram perseguidos — desempenhavam na sociedade.

Na Espanha, como na Europa cristã da época, a unidade nacional, que não existia, baseava-se na unidade da fé.

*Os Reis Católicos refrearam o poder da nobreza, das Cortes, da Igreja e dos municípios, tornando-os dependentes do poder dos reis.*

## 2. JOANA I DE CASTELA

### A RAINHA CATIVA



Imagem 2  
Escultura de Joana I de Castela em Tordesillas (Valladolid)

"2112-Joana I de Castela in Tordesillas (Valladolid)" by jl.cernadas is licensed with CC BY 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>

#### 2.1. Suas origens e educação

**S**uas origens e educação ocorreram numa época imersa na guerra e nos negócios da Coroa para melhorar sua posição e controlar a Europa emergente.

Em 6 de novembro de 1479, nascia em Toledo aquela que foi a primeira rainha da Espanha e a mais poderosa de sua época, nascia Joana I de Castela, Leão, Aragão, Navarra, Nápoles, Sicília, das Índias e das ilhas e do continente do Mar do Oceano. Ela era a terceira filha dos Reis Católicos, depois de Isabel (1470-1498) e João (1478-1497), príncipe herdeiro. Joana foi seguida por Maria (1482-1517) e Catarina (1485-1536).

Como suas irmãs e irmão, teve uma educação especial, promovida pela mãe, na cultura clás-

sica, grega e latina, pela mão de Beatriz Galindo, la Latina. Destacou-se no domínio das línguas: primeiro em latim, depois em flamengo e francês. Adorava poesia e composição literária e teve notoriedade na música (tocava cravo). Como uma grande leitora, ela construiu a própria biblioteca com inúmeros livros. Na área religiosa, foi instruída pelo dominicano Andrés de Miranda. Além disso, dizem que ela era uma jovem inteligente e alegre, de grande beleza e elegância. Durante a infância, acompanhou os pais com a Corte itinerante através de seus reinos.

Por meio dos livros de contabilidade do reino sabe-se que em 1496 a rainha Isabel concedeu Casas oficiais ao filho João e à filha Joana. Joana tinha dezesseis anos de idade. Ambas as Casas oficiais eram compostas de um confessor, um sacristão, capelães e um frade esmoleiro. Um órgão administrativo fazia também

parte das Casas, a cargo do mordomo-mor, um secretário e um contador. A governanta mais velha, no caso de Joana, estava encarregada das damas de companhia e de serviço. Estas últimas não eram remuneradas, mas apresentadas com roupas, calçados e joias, além da honra e dignidade que a proximidade e o carinho da infanta significavam. Parece que ela teve algumas escravas em seu séquito, algo muito frequente na época, que mais tarde foram libertadas e permaneceram na Casa da infanta durante muito tempo. Mas, ao contrário de Joana, João assumiu o comando de sua Casa na preparação para ser rei e governar, e ainda lhe concederam a cidade de Oviedo, posses em Astúrias e os rendimentos de seus impostos, bem como a jurisdição civil e penal sobre eles. Também foi nomeado presidente do Conselho para aprender a exercer a justiça. Nada disso foi concedido a Joana, nem sequer a responsabilidade financeira, que dependeria dos rendimentos arrecadados nos territórios de seu marido, embora ela contribuisse com um patrimônio pessoal, uma vez que antes dependia de sua mãe. Enquanto João exercia todo o poder, governando e dirigindo seus servos, o governo da Casa de Joana dependia de seu marido.

Como terceira filha dos Reis Católicos, não era previsível que ela reinasse, como então aconteceu devido à morte prematura de seu irmão João, o herdeiro, e posteriormente à morte de sua irmã Isabel, rainha de Portugal, e de seu filho, Miguel. Então, Joana foi educada para ser esposa e mãe, basicamente. Foi educada para obedecer e não para exercer poder. Não adquiriu a astúcia e as artes para exercer o poder. Desenvolveu habilidades femininas diferentes para tudo o que se referia à vida familiar da época, em que o pai tinha poder absoluto sobre

tudo e todos, incluindo sua esposa. A mulher estava encarregada da economia doméstica, da educação das crianças e da boa harmonia da casa. Quando Joana entrou para a política, não conseguia imitar os modos masculinos de um rei autoritário moderno, *O Príncipe*. Seus recursos foram a lealdade à dinastia, a piedade e seu senso de dignidade e independência. Embora isso fosse valioso, não foi suficiente para ela para governar sua Casa e muito menos na Corte estrangeira.

## 2.2. Joana, condessa de Flandres, duquesa de Borgonha e arquiduquesa da Áustria

Uma vez terminada a Guerra de Sucessão com Joana, a Beltraneja, e resolvido o conflito com o reino Nasrid com a entrada triunfal em Granada, terminando na Espanha o que se chamou de Reconquista, os Reis Católicos direcionam seus interesses para consolidar seu poder no Mediterrâneo e expandir seus reinos por rotas transoceânicas. No Mediterrâneo, mais cedo ou mais tarde, Nápoles seria um problema com a França e a Casa de Valois. Diante desta perspectiva, eles implementam uma política ambiciosa de alianças matrimoniais na Europa, em busca de possíveis ajudas contra a França. Como resultado destas alianças, acontece um duplo casamento de dois irmãos com os Países Baixos: o príncipe herdeiro João com a cultíssima e prudente Margarida da Áustria, e a infanta Joana com Filipe de Áustria (Habsburgo), conde de Flandres e duque de Borgonha, chamado Filipe, o Belo. Estes casamentos de Estado eram também o desejo de Maximiliano I, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, de parar a expansão da França. Porém, em seu reino havia partidários da França, que representaram um verdadeiro pesadelo para a infanta Joana, difi-

cultando sua integração na Corte de Bruxelas.

### 2.2.1. O casamento da infanta

Em 1496, Joana partia do porto de Laredo (não podia atravessar a França, em guerra com a Espanha) rumo a Flandres para se casar com Filipe de Habsburgo, filho de Maximiliano I, imperador da Alemanha, e de Maria de Borgonha, que tinha morrido quando Filipe tinha apenas quatro anos de idade. Apenas sua mãe foi se despedir dela. Deste casamento nasceram quatro filhas e dois filhos: Leonor reinaria na França; Isabel reinaria na Dinamarca; Maria seria rainha da Hungria; Catarina, filha póstuma de Filipe de Habsburgo, reinaria em Portugal; Carlos I seria rei da Espanha e V da Alemanha, sendo Fernando I, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, sucedendo a seu irmão Carlos. (veja [https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Genealogy\\_of\\_Charles\\_V\\_Holy\\_Roman\\_Emperor\\_and\\_I\\_of\\_Spain.png](https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Genealogy_of_Charles_V_Holy_Roman_Emperor_and_I_of_Spain.png)).

Nesse ano, 1496, a infanta Joana deixou para trás sua terra natal, sua família, seus costumes e seu ambiente para se casar e tornar-se dependente de seu marido num país em que ela não conhecia a língua, embora entre a nobreza europeia se falasse latim com costumes mais festivos e descontraídos no entretenimento e na vida privada do que na austera Castela. Pessoas, enfim, muito diferentes das de Castela. Chegou a um país onde a nobreza ainda gozava de todos aqueles privilégios e capacidade de realizar manobras e intrigas de que tinham sido privados em Castela. Após uma perigosa viagem em que Joana perdeu grande parte de sua comitiva, pertences pessoais, enxoval e vestuário dignos de uma filha dos Reis Católicos, os mais poderosos da cristandade, a infanta desembarcou em Middelburgo, na Zelândia (Países

Baixos), onde seu futuro marido não estava lá para recebê-la, possivelmente influenciado por alguns de seus conselheiros que eram mais a favor da aliança com a França do que com a Espanha.

Joana encontrou um país nublado e chuvoso de vegetação exuberante, um reino com um elevado nível de vida tanto para a burguesia emergente quanto para a nobreza devido seu poder industrial e comercial, dada a localização geográfica privilegiada na Europa Central e com acesso ao mar. E o que dizer de seu brilhante mundo das artes e das letras: pintores como Van Eyke, Van der Weyden, Hans Memling ou Brueghel, entre outros; sem esquecer a grande figura do humanista Erasmo de Rotterdam.

Após mais de um mês de viagem pelos Países Baixos, acontece o encontro entre Joana e Filipe. Os dois jovens se apaixonaram, desencadeando uma tremenda euforia de amor e paixão entre eles, o que acelerou a bênção matrimonial em Lier, para que consumassem logo o casamento. Joana apaixonou-se perdidamente por Filipe e descobriu o sexo. O desejo frenético por seu marido chegou a incomodá-lo, que, por outro lado, mantinha relações com outras damas da Corte sem qualquer pudor. A jovem esposa caiu em desgraça e no inferno dos ciúmes.

### 2.2.2. A vida de Joana nos Países Baixos

Na Corte de Bruxelas, Joana e sua comitiva espanhola não foram bem-vindas desde o primeiro momento. No entanto, ela era querida nas cidades e vilas por onde passava.

Assumiu o desejo de seus pais de selar fortes

alianças políticas e comerciais com os Países Baixos. Mas ela estava preparada para isso? A busca por estes apoios desencadeou ocasionalmente indisposições e críticas por parte dos compatriotas de sua comitiva, que acreditavam ver na conduta da infanta uma discriminação contra eles e algumas mudanças que não aprovavam porque Joana estava bem adaptada à moda e aos costumes dessas terras. Joana fez um esforço para defender os interesses de Castela e Aragão. Ela precisava da cumplicidade de seu marido nas mãos dos borgonheses partidários da França. Mas Filipe, para além das precisava constantes infidelidades contra as quais Joana se rebelou, despojou-a em pouco tempo do domínio de sua Casa, controlando seu dinheiro, administrando-o conforme queria, de uma forma mesquinha e avarenta.

De acordo com Bethany Aram, dentro de sua Casa, os nobres atribuídos a Joana e que tinham acesso direto a ela, a pressionavam para satisfazer seus próprios interesses. Eles se ofereciam para criar laços com o povo, mas o que realmente queriam era reorganizar a Casa no estilo da Borgonha, a fim de isolá-la e dominá-la, com a aprovação de Filipe. Tinham começado rejeitando os componentes espanhóis da Casa da infanta para depois deixá-los reduzidos ao mínimo. Os borgonheses expulsaram a maioria dos castelhanos e apropriaram-se da Casa da arquiduquesa. Assim que a rainha Isabel descobriu isso, alertou tanto a filha quanto Maximiliano para remediar a situação. Maximiliano não demonstrou muito interesse e Joana foi vencida pelas circunstâncias e intrigas e foi incapaz de responder. Para alguns, era um sintoma de fraqueza e indolência. A solução era muito difícil, pois havia também outras questões culturais e econômicas.

Para os espanhóis, os borgonheses eram esbanjadores; consideraram a vida na Corte de Bruxelas muito cara e de baixíssima conduta moral, o que foi confirmado pelos embaixadores dos Reis Católicos, Frei Andrés de Miranda, enviado como confessor de Joana, a quem ela considerava mais como um espião e censor de sua nova vida e novos costumes, e Frei Tomás de Matienzo. Os borgonheses criticavam os espanhóis pela mesquinhez em se vestir, comer e beber. Aos poucos foram fazendo com que a Casa e as finanças de Joana dependessem de seu marido e conselheiros. O mais importante foi como o acesso à arquiduquesa ia sendo controlado, o primeiro passo para controlá-la e isolá-la. Naturalmente, Filipe e seus conselheiros escolhiam os empregados e o salário ou recompensa. Joana foi deixada sem autoridade em sua Casa e sem autonomia econômica. Filipe dava para Joana o dinheiro que ele queria e quando queria. Filipe a empobreceu e aumentou o próprio poder às suas custas. Isto foi uma humilhação, pois ela não podia exercer questões próprias de sua categoria e condição, tais como a caridade ou o agradecimento a sua comitiva pela lealdade, o que atentava contra a dignidade da infanta. É bem conhecido que a experiência de Joana na corte em Bruxelas de 1496 a 1503 foi muito mais difícil do que se poderia esperar. Ela estava sozinha, indefesa e rodeada de intrigas.

### 2.3. Joana, herdeira dos Reis Católicos. O regresso a Espanha

Em 1497, seu irmão João, príncipe herdeiro, morre, e o filho dele e de Margarida da Áustria nasce morto. Em 1500, nasce o segundo filho de Joana, Carlos, e morre Miguel, filho da tam-

bém falecida Isabel em 1498, filha mais velha dos Reis Católicos e rainha de Portugal.

A partir desse momento, Joana surge como Princesa de Astúrias e legítima herdeira das duas Coroas. Esta notícia desencadeou as ambições de Filipe, seu marido, porque o título de príncipes de Astúrias cairia sobre os arquiducos.

Os Reis Católicos pedem a Joana e Filipe partirem urgentemente para Castela para serem reconhecidos como príncipes das Astúrias. A viagem atrasou porque foi necessário arrecadar dinheiro para financiá-la e, além disso, Joana teve de esperar pelo nascimento de seu terceiro filho: uma menina a quem deu o nome de Isabel. No outono de 1501, começam os preparativos. Em 26 de janeiro de 1502, Joana e Filipe chegavam a Fuenterrabía com uma comitiva majestosa. No dia 28 de fevereiro entram em Valladolid, em 25 de março em Madri e no dia 30 de abril deveriam encontrar-se com os Reis Católicos em Toledo, mas Filipe adoeceu e o desejado encontro não aconteceu até o dia 7 de maio. Provavelmente, mãe e filha se abraçariam e conversariam sobre muitas memórias e sobre os três príncipes filhos de Joana que tinham permanecido nos Países Baixos. A rainha Isabel falaria com a filha sobre as notícias que tinham chegado de Bruxelas sobre sua vida de casada, seus ciúmes, o comportamento na Corte e a desatenção nos assuntos religiosos.

Nas Cortes de Toledo, em 15 de abril, Joana prestou juramento perante as Cortes de Castela como Princesa de Astúrias. Em 27 de maio foi reconhecida como tal e como herdeira dos reinos da Coroa de Castela pelos procuradores das Cortes, da alta nobreza e do alto clero. E seu marido, como príncipe consorte.

Os novos príncipes deram sinais de bom entendimento e proximidade. Porém, no outono Filipe voltou aos Países Baixos, deixando Joana na Espanha, grávida de novo, razão pela qual não pôde acompanhá-lo. O quarto filho de Joana nasceu em março de 1503 em Alcalá de Henares. Após a quarentena, Joana manifestou aos pais o desejo de voltar para Flandres, ao lado do marido e dos três filhos. Os reis tentaram retê-la, sem seu consentimento, talvez com o desejo de que ela se aproximasse e se identificasse com o que viria a ser seu povo. Por sua vez, Filipe enviou a Joana uma carta na qual pedia que ela voltasse e mencionava o mesmo desejo de seus filhos. Diante da recusa da rainha Isabel em deixá-la partir, ela caiu em desânimo ou, talvez, num estado depressivo agudo. As notícias que os médicos davam sobre ela não lhe favoreciam muito. Em novembro do mesmo ano, ao saber que estava literalmente encerrada no castelo de La Mota, em Valladolid, e que não tinha permissão para sair, Joana rebelou-se, passando a noite toda no pátio da fortaleza sem querer ir para a cama. A rainha viajou de Segóvia para vê-la e falar com ela. Houve uma tremenda discussão e um confronto entre mãe e filha com palavras muito fortes de desprezo e desobediência por parte de Joana para com a rainha. Na primavera, com bom tempo, foi organizada a viagem de Joana aos Países Baixos. A imagem que Joana deu em Castela foi deplorável para ela e muito favorável para seus inimigos no futuro. Pelo desejo de estar com o marido e os filhos, enfrentou seus pais, os Reis Católicos. Comportou-se como mãe e esposa e não como uma futura rainha do Renascimento deveria ter se comportado?

## 2.4. Joana I, rainha de Castela

Em Bruxelas, embora Joana chegasse como princesa de Astúrias e herdeira das duas coroas, a situação na Corte não tinha mudado muito para ela.

A Corte não tinha muita simpatia por ela e Filipe, que tinha mostrado um interesse desmedido em ser Príncipe de Astúrias e no regresso de Joana a Flandres, continuou a ser-lhe infiel. Joana chegou ao ponto de agredir a dama que gozava dos favores de seu marido, o que causou um escândalo na Corte. Filipe confinou a princesa de Astúrias em seus aposentos. Os gritos e a recusa em comer foram sua forma de protestar e de se rebelar. Depois ela caiu de novo em desânimo e tristeza, na depressão mais absoluta.

Os acontecimentos chegaram a Castela. Lá, a rainha Isabel I morreu em novembro de 1504.

Joana tornou-se rainha de Castela e Filipe, seu marido, rei consorte. Joana ficou grávida de novo; neste caso, de Maria. Filipe voltou às suas infidelidades.

Em 1505 Fernando é nomeado regente de Castela, devido à ausência de sua filha Joana; e tinha assinado um acordo de paz com a França e uma aliança matrimonial com a sobrinha do rei francês, Germana de Foix, algo que não agradou nem aos castelhanos nem a Joana.

Em 26 de abril de 1506, Joana e Filipe chegaram à costa da Corunha. Fernando pretendia obter a aquiescência de sua filha, a rainha. Filipe rapidamente ganhou o apoio da alta nobreza, descontente com a monarquia autoritária e desejosa de recuperar seus privilégios. Ambos contavam com o fato de a opinião pública considerar Joana incapaz de governar e, talvez, a rainha Isabel tenha endossado isso em seu

testamento. Porém, a tensão entre Fernando e Filipe augurava uma possível guerra civil. Fernando foi para Aragão com Germana de Foix, consciente de que a filha estaria sempre do lado de seu marido. Em junho de 1506, Filipe e Fernando assinaram um acordo em Villafáfila, e Castela separou-se de Aragão. Os reis Joana e Filipe entraram em Burgos, de onde Filipe planejava governar. No entanto, o reinado de Filipe foi de curta duração: em 25 de setembro de 1506, ele morre em Burgos.

## 2.5. A lenda da loucura. Tordesilhas e a regência de Fernando

Filipe tinha falecido em 25 de setembro de 1506 e Fernando tinha viajado para Nápoles. Joana, a rainha de 26 anos, passou o luto amargo pelo marido sozinha durante quase um ano, até 29 de agosto de 1507. Suas ações e as tomadas de decisões durante esse período marcariam sua vida posterior juntamente com os relatos sobre ela que tinham chegado de Bruxelas.

Voltemos aos fatos. Quando o rei Filipe adoece, Joana, grávida de sua filha Catarina, cuida dele com dedicação e carinho, primeiro lutando por sua vida e depois aceitando a morte. Seu comportamento foi louvável. Mas no período de luto, ela está sozinha. Toma consciência da perda de seu marido e a melancolia e a depressão apoderaram-se dela, encerrando-se num tremendo silêncio de indiferença para com o mundo. De acordo com muitos historiadores, negligencia até mesmo seus deveres de rainha. É verdade que, por outro lado, conhecia muito pouco de seu reino, de seu povo e dos homens qualificados que poderia confiar na tarefa de governar, razão pela qual se recusou a nomear um regente provisório. Entre outros, apresentaram-se seu sogro Maxi-

miliano, que estava a cargo do menino Carlos, e o Arcebispo Cisneros. Assim, ela esperou o regresso de seu pai para que ele, com um maior conhecimento da situação e das circunstâncias, pudesse ajudá-la. Joana estava abatida e triste, mas não indiferente. Estava lúcida, não queria agir sem conhecimento em assuntos do governo do reino. Mesmo assim, realizou coisas de grande significado.

Os problemas, segundo os historiadores, não demoraram a surgir. Os partidários de Filipe quiseram sequestrar o infante Fernando, sem sucesso. Por outro lado, as ambições de alguns membros da alta nobreza foram novamente desatadas. Além disso, as más colheitas devido ao mau tempo trouxeram a fome em Castela. Depois, a peste. Foi o condestável de Castela, o duque de Nájera e o arcebispo Cisneros, que ansiavam pelo governo de Fernando, que assumiram a situação até o seu regresso de Nápoles. Mas Joana não se recusava a governar, só não confiava nas pessoas que tinha ao redor. De fato, para além de reorganizar sua Casa, uma das primeiras decisões que tomou foi retirar por decreto todas as regalias e bens dados por Filipe aos amigos e partidários sem o consentimento dela, a rainha. Isto sugere que estava determinada a governar.

Por outro lado, a rainha, que tinha consentido que o corpo embalsamado de seu marido fosse enterrado na Cartuja de Miraflores, em Burgos, recordou que Filipe queria ser enterrado em Granada. Isto foi declarado em seu testamento, algo a que Fernando se opôs, e foi uma discussão constante entre pai e filha. Os nobres andaluzes apoiaram-na e ela queria fugir dos servos e amigos de Filipe que reivindicavam os privilégios que ela lhes tinha tirado. Joana queria enterrar o rei Filipe ao lado de sua mãe



Imagem 3  
Pradilla y Ortiz,  
Francisco. *Doña Juana la Loca*. 1877.  
Óleo sobre lienzo. 340 x 500 cm.

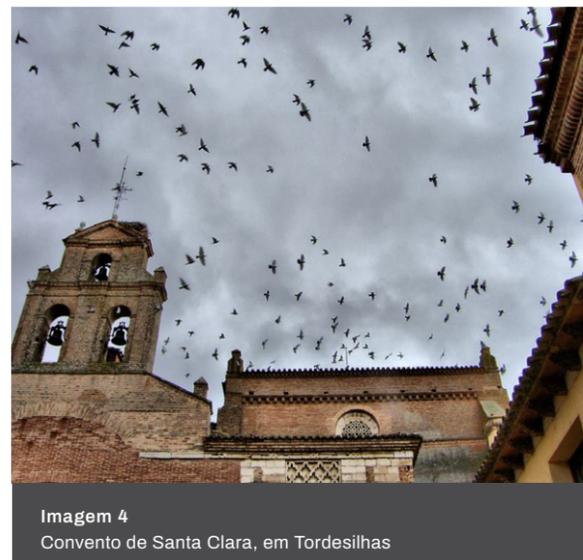
Recuperado de: <https://www.museodelprado.es>

e celebrar o funeral de seu marido para garantir herança e os direitos do filho, Carlos. Joana queria reconhecer Filipe como rei de Castela e Granada e assegurar a sucessão de seu filho. Aí começou a lenda da rainha.

### 2.5.1 A lenda da rainha

Joana ordenou, em pleno inverno, desenterrar seu marido e iniciar uma viagem de Burgos, Castela, para as terras de Granada, de cidade em cidade. Ninguém conseguiu impedi-la. Aqueles que a acompanharam e o cronista Pedro Mártir de Anglería contam a história em detalhes: a exumação do corpo e o reconhecimento pelos embaixadores, o transporte do caixão coberto de seda e ouro numa carruagem puxada por cavalos, escoltado por soldados e por uma multidão de clérigos. Assim, chegam a Torquemada, em Palencia, onde termina o cortejo fúnebre, pois a rainha deu à luz a filha Catarina, filha póstuma de Filipe. Após a quarentena, a viagem continua até Hornillos, Palencia, onde acontece algo que poderia ter acentuado o delírio de Joana, segundo Manuel Fernández Álvarez e Miguel Ángel Zalama, seguindo o cronista Pedro Mártir de Anglería, entre outros. Ao chegar às proximidades de um convento, ordenou que parassem, mas quando percebeu que pertencia a freiras e não a frades, fez a procissão dar a volta. Isto foi interpretado como um ato de ciúmes, os mesmos ciúmes que atormentaram a rainha durante a vida de seu marido. Em seguida, ordenou que o caixão fosse aberto no meio do campo e, uma vez contemplado o cadáver e tendo como testemunhas os nobres que a acompanhavam, voltou a fechar o caixão, que foi transportado para Hornillos sobre seus ombros. A partir desse momento e diante do espetáculo da viagem macabra, as pessoas descreveram-na como louca. Seu comportamento confirmava todas as hipóteses. O que

eles não dizem, de acordo com a historiadora Bethany Aram, é que, ao que parece, as regras dos monges cartuxos que acompanhavam o cortejo fúnebre excluía as mulheres que não eram da realeza. Isto poderia explicar porque eles não entraram no convento de freiras e a rainha ordenou que voltassem para trás. Por outro lado, deve-se lembrar que o famoso cortejo fúnebre poderia ser considerado algo normal na época; a transferência de Isabel, a Católica, para Granada, por exemplo, ocorreu ao longo de dois meses. Além disso, era lógico que a rainha assegurasse que o corpo do marido não tivesse sido roubado, pois o rei Fernando estava muito preocupado com o fato do corpo de Filipe ser enterrado em Granada, no local que lhe correspondia. Tal era sua obsessão que se esforçou para gerar um filho homem com sua segunda esposa Germana de Foix, sem sucesso, para suplantá-la filha Joana e o neto Carlos nos direitos de sucessão de Aragão. Isto é o que Bethany Aram argumenta.



"2643-Convento de Santa Clara en Tordesillas (Valladolid)" by jl. cernadas is licensed with CC BY 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>

Quando Fernando regressa de Nápoles, a rainha escreve ao seu pai e envia membros do Conselho para recebê-lo. O encontro ocorre em Tórtoles, Burgos.

### 2.5.2. De Tórtoles a Tordesilhas. A regência de Fernando

Vamos voltar um pouco atrás. Isabel I, em seu testamento tinha declarado que tanto Joana quanto Filipe deviam obediência ao rei Fernando para o bem deles e de seus reinos. Enquanto Filipe ignorou o mandato da rainha Isabel na primeira oportunidade, Joana mostrou-se sempre uma filha obediente, seguindo a vontade de sua mãe, mas lutando para alcançar sua autoridade real dentro dos limites dessa obediência.

Antes do encontro entre pai e filha, Cisneros entrou em contato com Fernando, implorando-lhe para que ele viesse proteger a filha Joana e seus reinos.

O encontro entre Joana e Fernando em Tórtoles (29 de agosto de 1507) foi cordial e respeitoso, cheio de expressões de afeto e respeito mútuo. A reunião durou duas horas. O rei e seus partidários difundiram a ideia de que um bom governo deveria basear-se na obediência de Joana ao pai e na proteção de Fernando à filha e seus reinos. Joana aceitou isto sem muito entusiasmo, mas os partidários do rei espalharam a notícia da submissão de Joana e da cessão do poder real a Fernando. De acordo com Pedro Mártir, o respeito paterno tinha triunfado. Joana queria que ele a ajudasse a governar, não que a suplantasse.

O rei nomeou novos oficiais, proclamou-se restaurador do bom governo, referiu-se a Joana como "a rainha sereníssima, minha filha" e su-

geriu que a Corte de Joana deveria ser em Burgos. Mas para Joana era uma cidade de tristes lembranças por causa da morte de seu marido. Fernando foi para Burgos e Joana preferiu ficar em Arcos, uma cidade muito próxima de Burgos, onde passou um ano e onde inicialmente o seu pai a visitava frequentemente. Por sua vez, Fernando conseguiu que o Papa libertasse Joana da obrigação de enterrar Filipe em Granada, algo que a rainha nunca renunciou. Fernando pensava em outros lugares mais ao norte. Entretanto, o cadáver insepulto de Filipe agarrou-se a Joana em seu estado de viuvez e foi um pretexto para rejeitar pretendentes como Henrique VII da Inglaterra. Joana não queria casar-se novamente. Queria salvaguardar os direitos de seus filhos. Fernando, porém, ficou satisfeito com esse casamento. Ele o via como bom para si mesmo, para o reino e para a sua filha. Henrique VII morreu em abril de 1509.

Enquanto a rainha permaneceu em Arcos, Fernando partiu para apaziguar os nobres andaluzes, mas certificou-se de que a Casa da rainha estivesse a cargo de criados fiéis e leais. Eles administrariam suas finanças. Joana rebelou-se contra esta decisão paternal, assim como exigiu que seu filho Fernando ficasse com ela, já que seu pai — o rei Fernando — queria levá-lo com ele para a Andaluzia. De forma reivindicativa, Joana recusou-se a comer, a lavar-se, a trocar de roupa e a assistir aos cultos religiosos. Este comportamento desafiador foi novamente interpretado como uma conduta desordenada, tornando-a incapaz de governar seu reino. Fernando foi informado de tudo isso e que, nesta situação, a vida de sua filha poderia estar em perigo. Evidentemente, o rei, que sabia que a morte de Joana o afastaria de seus direitos ao trono de Castela, regressou a Arcos. Lá, pai e filha chegaram a um acordo em 6 de fevereiro

de 1509.

Joana aceitou ir ao convento e ao palácio de Tordesilhas, desde que pudesse levar os restos mortais de seu marido. Tordesilhas é uma cidade próxima de Valladolid: naquela época, sede da Corte de Castela. Lá permaneceu em reclusão durante meio século. Seu pai raramente ia visitá-la. Os restos mortais de Filipe descansaram no convento de Santa Clara, perto do palácio para onde Joana foi transferida na companhia de sua filha Catarina, de dois anos de idade, passando lá o resto de sua vida. Era o ano de 1509. Fernando foi nomeado regente de Castela com a aceitação e consentimento de Joana.

A vida da rainha em Tordesilhas, que era uma reclusão, passou para ela como um “recolhimento”. Foi assim que a rainha, resignada a uma vida de solidão e melancolia, a abordou. Neste “retiro” foi tratada com desprezo e crueldade, até mesmo com violência física, primeiro pelo aragonesês Mosén Ferre depois pelo Marquês de Denia, os quais se comportaram mais como carcereiros do que como criados responsáveis pela Casa da rainha. Ambos submergiram a vida da rainha e de sua filha, a infanta Catarina, num verdadeiro abandono, humilhação e pobreza. Elas mal viram a luz. Tal foi a ânsia de isolar Joana que nem sequer lhe foi permitido sair para um corredor perto de seu aposento sombrio.

## 2.6. Joana I, rainha da Espanha. A aparição de Carlos I

O rei Fernando morreu em Madrigalejo, Cáceres, em 23 de janeiro de 1516. Em seu testamento nomeava a filha Joana como sua herdeira universal. Contudo, devido à incapacidade da rainha de governar, em seu lugar o neto Carlos,

que se tornaria Carlos I, deveria assumir a regência e o governo dos reinos, sendo nomeado governador. Até sua chegada, nomeou o Cardeal Cisneros como regente de Castela e seu filho natural (nascido fora do casamento) “Alonso de Aragão” como regente da Coroa de Aragão. Ele também manifestou o desejo de ser enterrado ao lado de sua primeira esposa, a rainha Isabel I de Castela, em Granada. Curiosamente, enquanto a ordem chegou a Tordesilhas para que a rainha não recebesse informações sobre a morte de seu pai, os residentes de Tordesilhas queriam expulsar o guardião Mosén Ferrer, a quem culpavam fundamentalmente pelo cativeiro e isolamento da rainha de seu povo. Mosén Ferrer foi expulso e houve uma tentativa de libertar Joana, já rainha da Espanha pelo testamento de seu pai.

Joana soube, embora com atraso, da morte de seu pai e da nomeação de Cisneros como regente por meio de seu confessor Juan de Ávila. Cisneros colocou o duque de Estrada a cargo da Casa da rainha. Em seguida, entrou em vigor todo o protocolo que traria Carlos, sua comitiva e seu governo de Flandres.



*O testamento de Fernando reconhecia Joana como a rainha proprietária das duas Coroas e nomeava Carlos como governador dos reinos. Mas Carlos foi mais ambicioso e escreveu uma carta a Cisneros, onde lhe disse que deveria ser proclamado rei, não no lugar de sua mãe, mas juntamente com ela.*

O testamento de Fernando reconhecia Joana como a rainha proprietária das duas Coroas e nomeava Carlos como governador dos reinos. Mas Carlos foi mais ambicioso e escreveu uma carta a Cisneros, onde lhe disse que deveria ser proclamado rei, não no lugar de sua mãe, mas juntamente com ela. Assim, nos documentos, ambos apareceriam como reis. Cisneros aceitou, embora tenha encontrado forte resistência do Conselho Real e da alta nobreza. No entanto, sem consultar as Cortes de Castela, Carlos foi proclamado rei juntamente com a sua mãe, a rainha Joana, que, por desejo de Carlos, apareceria sempre em primeiro lugar em qualquer dos documentos. Carlos planeja sua viagem à Espanha, onde chegou dois anos depois, por temor de que Francisco I, rei da França, causasse problemas nos Países Baixos, como tinha feito na Itália. Uma vez resolvida esta questão por via diplomática, Carlos partiu para a Espanha em 4 de setembro de 1517.

Doze dias mais tarde, chegou à Espanha, na costa asturiana de Tazones. Ele estava acompanhado pela irmã mais velha, Leonor, e ambos foram imediatamente visitar a mãe em Tordesilhas, a qual viam desde muito jovens, quando ela deixou Flandres para se tornar rainha de Castela. O encontro aconteceu em 4 de novembro de 1517. Não é preciso dizer que Carlos, além do desejo lógico de abraçar a sua mãe, queria o consentimento da rainha para sua fórmula de governo. A rainha concordou com prazer, o que foi muito importante para a tranquilidade de Carlos e assim legitimar sua Coroa e governo durante a vida de sua mãe.

Durante a visita, foi revelado o grau de precariedade em que Joana e a filha Catarina, de onze anos de idade, viviam. Carlos, depois de tentar levar sua irmã — sem sucesso, devido à triste-

za que isso poderia causar à rainha — ordenou que fosse concedido à Catarina o devido tratamento, alojamento e vestuário adequado a uma infanta da Espanha.

Consolada com a visita de seus filhos, a rainha mostrou sinais de interesse em ingressar na vida pública. Estes desejos foram interrompidos pelo Marquês de Denia, o novo chefe da Casa da rainha por ordem de Carlos. O argumento era a peste que assolava a população da época. Joana insistiu, queria recuperar sua posição e atividade, razão pela qual precisava ver e ouvir os nobres. O receio era que, apoiando-se neles, ela recuperasse sua liberdade e desafiasse o duplo governo. Mas Denia não estava lá para isso. Carlos, a conselho de Denia, proibiu Joana de deixar o palácio ou de receber visitas dos nobres.

### 2.6.1. Os comuneiros. Ares de liberdade para a rainha?

Já havia algum tempo um profundo mal-estar entre as Comunidades de Castela que culminaria com a eclosão da rebelião dos comuneiros (1520-1522). Os rebeldes tomaram Tordesilhas e entraram em contato com a rainha Joana.

A análise do movimento comuneiro sempre foi muito controversa do ponto de vista historiográfico e este não é o lugar para aprofundar o assunto. Foi uma revolta política contra a interferência flamenga nos assuntos governamentais? Como foi interpretada a ligação com a revolta dos camponeses? A alta nobreza aproveitou a revolta comuneira para recuperar seus privilégios contra o Estado autoritário? Foi um movimento contra os novos tempos ou um presságio dos tempos modernos, da Idade Moderna?

A origem da revolta esteve no mal-estar que se arrastava desde a morte de Isabel, a Católica, criado nas principais cidades castelhanas que controlavam as Cortes de Castela, porque Carlos tinha entregado o poder a ministros flamengos. Este movimento das cidades foi acompanhado pelo campesinato que se rebelou contra seus senhores, os nobres. O problema vinha de antes, uma vez que a chegada de Carlos à Espanha recordava negativamente aos castelhanos a chegada de Filipe de Habsburgo, que também entregou o poder a mãos estrangeiras num momento de crise muito importante no início de “quinhentos”. Além disso, quando Carlos foi eleito imperador em 1519, temiam que adiasse os interesses da Espanha e que os impostos de Castela fossem utilizados para outros interesses. Quando o jovem rei, eleito imperador, convocou as Cortes para cobrar impostos para pagar sua viagem à Alemanha, Castela revoltou-se contra ele e foi criada uma Santa Junta em Ávila para canalizar a revolta.

A figura da rainha adquiria um novo valor. Os comuneiros rebelavam-se contra o mau governo de Carlos e dos flamengos, mas não contra a monarquia. A solução estava em Joana. Em 29 de agosto de 1520, os chefes comuneiros Bravo, Padilla, Maldonado e Francisco Zapata reuniram-se com ela: a Santa Junta enviou-os para libertá-la e permitir que ela governasse o seu reino. Em 20 de setembro, a Santa Junta se muda para Tordesilhas e tenta governar sob a proteção da rainha, que já não estava nas mãos de Denia, seu carcereiro.

A Santa Junta é convocada em 24 de setembro e a rainha comparece. Os membros lhe comunicaram o desejo de que ela assumisse suas funções e disseram que estavam lá para libertá-la e protegê-la. Também lhe pedem para não

abandonar seus súditos. Dona Joana responde com um discurso compreensivo face aos problemas apresentados, acusando seu pai, lamentando a ocultação de sua morte e culpando-se por não ter cumprido seus deveres governamentais. Expressa o medo que sentia de uma possível ameaça contra seus filhos: tanto os que viviam em Flandres quanto os que residiam em Castela. O discurso é de imenso valor sobre a sanidade da rainha, suas dores e preocupações (ver o texto da seção 4 do índice). Da mesma forma, Joana declarou que ninguém deveria tentar jogá-la contra seu filho. A rainha nunca ratificou com sua assinatura qualquer acordo com a Santa Junta e quando era instada a assumir suas funções como rainha, ela respondia que necessitava de tempo e estar recuperada. Não houve tempo. Tordesilhas foi tomada pelas tropas do imperador e a rainha regressou ao cativeiro com o Marquês de Denia, reintegrado no cargo sucedido posteriormente por seu filho. Quanto aos comuneiros, houve um perdão geral em 1522, embora os líderes rebeldes tenham sido decapitados.



**Imagem 5**  
Cunhada em 1528 em comemoração ao juramento de Carlos I (V do Sacro Império) como rei de Aragão.

*Joana I de Aragão e Carlos I de Aragão (I de Castela e V do Sacro Império), Public domain, via Wikimedia Commons*



**A rainha recebeu a extrema-unção, mas não a comunhão, por decisão do dominicano Domingo de Soto. A rainha cativa morreu em 12 de abril de 1555. Carlos I da Espanha e V da Alemanha abdicou a favor de seu filho Filipe II nesse mesmo ano. Em 1556 retirou-se para o mosteiro de Yuste, onde morreu em 1558, aos 58 anos.**

## 2.7. Morte da rainha Joana I da Espanha e de seus reinos

Desde o tempo da revolta comuneira e até 1555, ano de sua morte, as dificuldades, dores e humilhações fizeram parte da vida da rainha Joana I em seu cativeiro em Tordesilhas. Sua solidão era quebrada pelas visitas familiares esporádicas de seus filhos e netos ou por aquelas ocasionadas pelas preocupações com sua indiferença religiosa, para que não estivesse enfeitada ou endemoniada. A monotonia de Tordesilhas era também quebrada pelas queixas da infanta Catarina ao irmão, o imperador, sobre os maus-tratos e acusações de desacato ao rei que tanto ela quanto a sua mãe sofriam do Marquês de Denia, e pelas respostas do monarca. Algo especial foi o casamento da infanta Catarina com o rei de Portugal em 1524. Sem falar no Natal que a rainha passou com a família imperial em 1536. Mas a rainha estava imersa em absoluta solidão e tristeza, desde o casamento de sua filha Catarina. Para o imperador, ela não devia ser ignorada, mas não poderia ser deixada em liberdade após a experiência comuneira. Carlos visitou sua mãe em 1538 e 1542. Em 1553, retornou com urgência para os Países Baixos. Carlos I da Espanha e V da Alemanha não regressou até 1556. A rainha tinha morrido em 1555.

A rainha teve uma vida muito longa para sua época: ela tinha mais de setenta anos de idade. No entanto, deve-se dizer que ela deve ter sofrido muito em sua velhice. Uma doença causada por uma queda provocou a paralisia de seus membros inferiores. Não lhe deram um atendimento adequado, nem nos momentos de dor nas pernas e depois de gangrena, nem quando teve defecava sobre elas.

Francisco de Borja, que não a considerava tão louca, foi visitá-la várias vezes, sendo para ela um consolo espiritual de paz. Conseguiu fazê-la retomar suas práticas religiosas e libertou-a das visões febris pelas quais lhe foi negada a comunhão. Foi mesmo dito que ela estava possuída. Borja afirmava que a rainha não tinha sido devidamente tratada durante suas depressões. A rainha recebeu a extrema-unção, mas não a comunhão, por decisão do dominicano Domingo de Soto. A rainha cativa morreu em 12 de abril de 1555. Carlos I da Espanha e V da Alemanha abdicou a favor de seu filho Filipe II nesse mesmo ano. Em 1556, retirou-se para o mosteiro de Yuste, onde morreu em 1558, aos 58 anos.

### 3 . A M U L H E R

#### NO RENASCIMENTO

Sabe-se que em todas as épocas da história — falamos da Europa Ocidental — o papel das mulheres na sociedade não foi comparável ao dos homens. É evidente que sua presença nos assuntos públicos dependia em grande medida da condição social da família a que pertenciam, assim como de sua educação. Em qualquer caso, era muito difícil destacar-se como figura pública, com as devidas exceções a sua posição ou linhagem. A mulher dedicava-se basicamente ao lar e à complacência do marido, à procriação e ao cuidado dos filhos. Era na esfera privada do lar, onde a mulher exercia sua influência. Os valores da mulher eram a submissão e a obediência. À mercê do homem e uma fervorosa devota da religião.

Sempre me surpreendi com a frase de Erasmo de Rotterdam em *Elogio da loucura* que diz: "...a mulher é sempre mulher, isto é, sempre louca, seja qual for a máscara sob a qual se apresenta". Em mais de uma ocasião, chama as mulheres de loucas nesta obra, embora em outro escrito, *Instrucción del matrimonio cristiano*, exalte o valor da educação e instrução das meninas no estudo e não apenas no bordado e na tecelagem de seda, porque o estudo, além de ser uma arma contra a ociosidade, aproxima-as da virtude, diz ele. No entanto, o humanista ressaltou as imagens de algumas mulheres de

sua época que se destacaram na política e na cultura.

No Renascimento (séculos XV e XVI), época do antropocentrismo em oposição ao teocentrismo medieval, a figura da mulher permaneceu igualmente eclipsada, subordinada ao homem e fiel a ele. Ao mesmo tempo que os estados autoritários da modernidade eram criados, se promovia o sistema patriarcal. Isto resultou na reclusão das mulheres em casa ou no convento, com valiosas e corajosas exceções. Pode parecer que o que significava o desenvolvimento do homem como ser autônomo era entendido por alguns como o desenvolvimento da humanidade e outros, literalmente, como o desenvolvimento e a autonomia do homem. Frei Luis de León (1527-1591) diz em *La perfecta casada* (1585):

"...E além disso, se a mulher casada não trabalha nem se ocupa dos afazeres da casa, com que outros estudos ou negócios tem que se ocupar? (...) Ou seja, a mulher deve estudar, não para incomodar o marido ou colocá-lo em problemas e preocupações, mas para livrá-lo deles e perpetuamente lhe dar alegria e descanso".

O modelo de perfeição a ser seguido era o da Virgem Maria. Além disso, a honra do marido e, até mesmo, do Estado dependia da mulher, que deveria casar-se virgem e observar a mais estrita castidade. Estes eram também seus valores fundamentais na sociedade e na vida pública,

sempre na companhia de seu marido. Estas mulheres — as senhoras ou donas de casa —, embora sujeitas ao pai ou ao marido e, em última instância, ao patriarcado, também contribuíram para o progresso no sentido de uma maior coesão social. Em suas mãos estava o cuidado e a educação dos filhos e filhas que se projetariam nas gerações futuras.

Outro modelo de mulher apareceu também: a cortesã ou hetera na Grécia antiga. Eram mulheres que alguns erroneamente consideravam prostitutas. Faziam parte dos círculos de homens ricos, políticos e aristocratas. Seu modelo era Eva, mais ligado ao sensual do que ao virginal e piedoso. Estas mulheres eram belas, cultas e educadas, tudo o que era altamente valorizado pelo sexo oposto. Eram tratadas quase como se fossem homens, porque estavam envolvidas no mundo intelectual e político da época. Tocavam música, escreviam versos e debatiam sobre literatura ou filosofia, além de conhecerem o aspecto erótico e hedonista. Eram muito estimadas nesses círculos liberais. Porém, eram consideradas pecadoras, em nenhum caso modelos a serem imitados pelas mulheres sensatas, piedosas e decentes da época. De certa forma, elas rebelaram-se contra o ideal feminino da época: como mulheres, podiam estudar e aprender tanto quanto os homens e estar em pé de igualdade em muitas questões relativas ao conhecimento. Demonstraram, à própria maneira, que ambos os sexos as mesmas capacidades intelectuais para a tomada de decisões. Não nos esqueçamos que no Renascimento um dos debates favoritos era sobre a capacidade intelectual e moral das mulheres.

Foram mulheres perseguidas e condenadas pelo Santo Ofício, tais como a veneziana Gaspara Stampa, Tullia D'Aragona ou Verónica

Franco: todas eram poetisas.

A educação mais frequente das mulheres do Renascimento dependia — como já dissemos — da classe familiar a que pertenciam, bem como de sua instrução nas artes, letras e no pensamento ou na música. Na maioria das vezes, sua educação limitava-se a poder ajudar os maridos a administrar seus negócios ou terras. O marido continuava a educação da esposa e as instruções dadas pela família e a leitura e os passatempos dependiam dele. *A Bíblia* era a mais recomendada.

Como sempre, houve exceções: mulheres que se identificavam com os ideais do Renascimento; a maior parte pertencia a famílias cultas e de ambientes refinados, as chamadas *Puella doctae* nas Cortes tanto europeias quanto peninsulares. Houve pais que dotaram suas filhas com o valor inestimável do conhecimento. A maioria delas teve que lutar arduamente para se manterem no caminho de aprendizagem que tinham escolhido. Por vezes, a solidão e o isolamento ou o convento — se não o escárnio — eram o preço que tiveram que pagar. Falamos, entre outras, de Issota Nagarola, Laura Cereta, Lucrezia Cornado Piscopia, Veronica Gambara, Vittoria Colonna ou Olimpia Morata.

Um exemplo destas mulheres é Cristina de Pizano (1364-1430), de uma família culta e educada na corte francesa. Humanista, filósofa e poeta, além de copista, tradutora e leitora incansável. No início, estava inclinada para a poesia, mas não demorou muito para que se dedicasse a outras narrativas de natureza política. Um exemplo é *A cidade das damas* (1405), uma obra ambientada no início do debate literário da época, denominado "a querela das mulheres". Cristina denuncia a ignorância em que os ho-

mens submergem as mulheres e expõe e defende questões de autêntica atualidade no século XXI, tais como a igualdade entre homens e mulheres: discute a inferioridade física da mulher, o patriarcado, os casamentos impostos e pactuados pelas famílias, o domínio dos homens sobre as mulheres em todos os aspectos e circunstâncias, bem como os impedimentos para que as mulheres se dediquem à política.

Na Espanha de Isabel, a Católica, estão Beatriz Galindo (la Latina), Luisa de Medrano, Francisca de Nebrija e Joana Contreras: todas elas deram aulas nas Universidades de Salamanca e de Alcalá de Henares. E Luisa Sigüea de Velasco, poeta. O Humanismo Renascentista tinha chegado também às mulheres espanholas da época. O mecenato de mulheres iniciado por Isabel de Castela foi continuado por Carlos I.

No entanto, o patriarcado renascentista deve ser visto no contexto de sua época. Os preconceitos e a ideologia do momento respondiam a antecedentes ancestrais em que as circunstâncias tinham exigido a atribuição de papéis diferentes a homens e mulheres. Isto não justifica, mas explica a discriminação feminina no Renascimento. Neste caso, ainda há nas sociedades do século XXI alguma reminiscência renascentista do ideal de mulher? Quanto da herança do patriarcado renascentista perdura? Temos algo que resolver a este respeito?



Imagem 6  
Universidade de Alcalá de Henares (Madri).

"File:Universidad de Alcalá de Henares. Fachada.jpg" by José Luis Filpo Cabana is licensed with CC BY 3.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/3.0>

## 4 . T E X T O



“Agora, depois que Deus quis levar para seu lado a rainha Católica, minha senhora, sempre obedeci e honrei o rei, meu senhor, meu pai, por ser meu pai e marido da rainha, minha senhora; já era muito descuidada com ele, pois não havia ninguém que se atrevesse a fazer coisas mal feitas. E quando descobri como Deus queria levá-lo consigo, lamentei muito, e queria não ter sabido, e gostaria que estivesse vivo, e que vivesse onde ele está, porque a sua vida era mais necessária do que a minha. E como deveria saber, gostaria de tê-lo sabido antes, para poder remediar tudo o que fosse possível dentro de mim.

Eu tenho um grande amor por todas as pessoas, e lamento muito qualquer dano ou mal que tenham recebido. E porque sempre tive más companhias e elas disseram-me falsidades e mentiras e trouxeram-me problemas, eu gostaria de estar num lugar onde pudesse compreender as coisas que existiam em mim, mas desde que o rei, meu senhor, me colocou aqui, não sei se por causa daquela que veio no lugar da rainha, minha senhora, ou por causa de outras considerações que V.A. saberia, já não fui capaz de fazer mais nada. E quando ouvi falar dos estrangeiros que entraram e estiveram em Castela, lamentei muito, e pensei que eles vinham se ocupar de algumas coisas feitas por meus filhos, mas não foi assim. E fiquei muito surpreendida com

Extraído de: Fernández Álvarez, Manuel (2010). *Juana la loca. La cautiva de Tordesillas*, Barcelona, Espanha: Austral

muitos de vós por não ter se vingado daqueles que tinham feito o mal, de quem quer que o pudesse ter feito, porque estou satisfeita com tudo o que é bom, e sobrecarregada com tudo o que é mau. Não me empenhei para que nem lá nem aqui eles fizessem mal meus filhos, e embora tenham me dito que eles se foram, não posso acreditar que eles se foram. E vede se há algum deles, embora eu pense que nenhum deles se atravirá a fazer mal, já que sou a segunda ou terceira proprietária ou senhora, e mesmo por esta razão não deveria ter sido tratada assim, uma vez que bastava ser filha de rei e de rainha. E estou muito indignada convosco, para que compreendais como remediar as coisas que correram mal, e se não o fizerdes, que o pese sobre as vossas consciências. É assim que eu vos confio. E no que me diz respeito, vou me ocupar disso, bem como em outros lugares onde for. E se eu não for capaz, será porque tenho que fazer um dia de luto para acalmar meu coração e fazer um esforço pela morte do rei meu senhor; e enquanto eu tiver disposição para isso, vou me responsabilizar. E para que não venham todos aqui juntos, nomeiem entre vós quatro dos mais sábios, para falarem comigo, para se ocuparem do que for oportuno, e eu ouvi-los-ei e falarei com eles, e farei tudo o que estiver ao meu alcance”.



## 5 . BIBLIOGRAFÍA

---

Bethany, Aram (2001). *La reina Juana. Gobierno, piedad y dinastía*. Madri, Espanha: Marcial Pons, Ediciones de Historia.

Caso, Ángeles (2008). *Las olvidadas. Una historia de mujeres creadoras*, Barcelona, Espanha: Planeta.

Duvy, Georges y Perrot, Michelle (2000). *Historia de las Mujeres*. Madri, Espanha: Taurus.

Fernández Álvarez, Manuel (2010). *Juana la loca. La cautiva de Tordesillas*. Barcelona, Espanha: Austral.

Rivera Carretas, María Milagros (2017). *La reina Juana I de España, mal llamada la Loca*. Madri, Espanha: Sabina Editorial.

Segura Graíño, Cristina (1998). *Diccionario de mujeres en la historia*. Madri, Espanha: Espasa.

Tavera, Susana; Pastor, Reyna; De la Pascua, María José, y Martínez, Cándida (2000). *Mujeres en la historia. Enciclopedia biográfica*. Barcelona, Espanha: Editora Planeta.

Tuñón de Lara, Manuel y otros (1984). *Historia de España*. Barcelona, Espanha: Labor.

Zalama, Miguel Ángel (2010). *Juana I. Arte, poder y cultura entorno a la reina que no gobernó*. Madri, Espanha: Centro de Estudios de Europa Hispánica.

Ubieto, Antonio; Reglá, Juan; Jover, José María, e Seco, Carlos (1970). *Introducción a la historia de España*. Barcelona, Espanha: Editora Teide.

## 6 . GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

---

É possível utilizar este guia de leitura e atividades para realizar um trabalho em ABP ou simplesmente usar o questionário geral sobre a biografia lida, que aparece nesta seção como um guia tradicional de leitura ou de comentários.

A proposta completa desta atividade será um trabalho por projetos, que pode ser aplicado dentro de uma disciplina, mas que tem uma maior aplicabilidade de forma interdisciplinar.

O livro e as fontes a que me referi na introdução fornecem alguns dados sobre um problema: Joana de Castela, Joana I rainha da Espanha, estava mentalmente perturbada? Admitimos que era “Joana, a Louca”? Segundo os dados e critérios da pesquisa, o enigma da rainha Joana deve ser resolvido. Será um **trabalho por projetos** que poderá ser realizado de forma disciplinar ou de forma interdisciplinar. O título do projeto é **O Enigma da rainha Joana**. Como **produto final**: criar uma **Oferta de publicação sobre personagens misteriosos, fascinantes e esquecidos da história dos cinco continentes**.

### Os objetivos do projeto são:

1. Conhecer histórica e culturalmente a época de Joana de Castela.

2. Compreender as mudanças que esta época representa em comparação com a Idade Média.
3. Entender a situação das mulheres nesse momento.
4. Promover a pesquisa autônoma juntamente com o trabalho colaborativo e o debate.
5. Desenvolver a criatividade e a imaginação.
6. Desenvolver a capacidade de elaborar um orçamento.
7. Desenvolver habilidades de apresentação oral e escrita.

### As fases do projeto são:

---

#### Fase 1. Como introdução e motivação,

Podem ser baixados da internet fragmentos significativos de filmes sobre a rainha Joana de diferentes épocas e autores para fazer uma análise comparativa das abordagens, da personagem e da sua história. A mesma análise também poderia ser feita revisando, por meio da internet, outras fontes a que me referi na introdução deste livro. É possível ver a diferença na interpretação de alguns fatos e personagens de acordo com o momento histórico e a cultura predominante? Da mesma forma, pode-se perguntar aos estudantes se gostam de pesquisar; se já se imaginaram viajando no tempo; se gostariam de se dedicar à publicação e edição de livros de pesquisa sobre personagens enigmáticas do passado, e se acreditam que já foi dito tudo a respeito deles. E na história, será que mulheres e os homens tiveram oportunidades iguais ao longo dos tempos? E, por fim, pergunte-lhes se esta editora poderia ser sua própria empresa.

## Fase 2. Organização por equipes

De quatro ou cinco pessoas com a ajuda do professor ou professora. É importante escolher um porta-voz, um especialista em computação, meios audiovisuais, artes plásticas, desenho e economia, bem como pesquisadores, entre outras funções.

## Fase 3. A proposta

É que o grupo se torne **uma pequena editora**, que deverá ter um nome, especializada em personagens enigmáticos.

## Fase 4. Primeiro exemplar da editora

O ponto de partida é a pesquisa sobre *O Enigma da rainha Joana*, como primeira cópia de uma coleção. Os temas de pesquisa a serem distribuídos pelos grupos são:

- Contexto histórico, econômico, social e cultural da época: o Estado Moderno.
- Nascimento e educação da infanta.
- Na Corte de Bruxelas. Viagem e estadia nos Países Baixos.
- Regresso a Espanha como Princesa das Astúrias.
- Joana, rainha de Castela.
- Tordesilhas: a lenda da loucura de Joana.
- A rainha Joana de Castela, rainha da Espanha.
- Solidão e morte de Joana, a rainha mais poderosa de seu tempo. Sua herança.

- Situação da vida da mulher na época e comparação com os dias de hoje.

## Fase 5. Conteúdo do produto final, a Oferta de publicação:

- a. **Apresentação de um folheto explicativo** e publicitário da *Oferta de publicação*: nome da editora; número e títulos das obras a serem publicadas; sequência de entregas; oferta de assinatura e *merchandising*.
- b. **Apresentação dos responsáveis** na editora pela coordenação e supervisão dos manuscritos, do desenho da coleção, das capas dos livros, da publicidade (fotos e desenhos), das assinaturas e do *merchandising*, bem como do website da empresa, de seu design e manutenção.
- c. **Apresentação do orçamento** para a edição e publicação da coleção, das instalações, dos recursos humanos e materiais. Tudo isto, levando em conta que poderia ser oferecido a outra editora de maior porte, sem perder de vista a possibilidade de transformar alguns títulos em roteiro de filme, série de televisão ou documentário. E sem se esquecer, também, que poderia ser uma editora “on-line”, sendo assim um atrativo da empresa.
- d. **Apresentação de cada uma das pesquisas** sobre o primeiro exemplar da coleção *O Enigma da rainha Joana*; apresentação do esboço, diagrama ou cronograma do trabalho em geral; apresentação de toda a pesquisa como um documento único, como conclusão final elaborada pelas equipes,

capítulos, ilustrações, bibliografia e fontes utilizadas.

- e. **As apresentações serão feitas** por escrito e oralmente.

## Fase 6. Planejamento e calendário da entrega final do produto.

## Fase 7. Guia de leitura.

Para realizar o processo de pesquisa sobre *O Enigma da rainha Joana*, o seguinte guia geral deve ser usado dando maior ênfase aos aspectos que afetam diretamente a pesquisa individual ou em grupo:

- Leia, resuma e explique brevemente o significado do livro lido. Descreva os personagens.
- Elabore um mapa da Península Ibérica da época e localize Toledo, Valladolid, Salamanca, Burgos, Hornillos, Tórtoles, Tordesilhas, Sevilha e Granada.
- Quem eram os Reis Católicos? Pesquise e discuta a resposta.
- Como e por que a princesa Joana se tornou herdeira do trono da Espanha? Ela foi educada para ser a herdeira? Justifique e forneça informações sobre a resposta.
- Informe-se sobre a política matrimonial dos Reis Católicos. Faça um breve esboço.
- Analise, explique e exponha as relações geradas entre Joana e seu ambiente. Amplie a informação mediante os meios disponíveis:

professores, bibliotecas, internet e recursos audiovisuais.

- Procure informações e compare as regras que regem as mulheres na Idade Média e no Renascimento. Como poderiam ser descritas?
- Uma vez analisada a resposta à questão anterior, descreva e explique se é possível falar de patriarcado nesse contexto. Justifique e discuta sua resposta.
- Todas as sociedades são necessariamente construídas em torno de instituições e de um Estado:
  - a. Certamente o(a) estudante sabe quem é ou já ouviu falar de Maquiavel. Pesquise um pouco mais sobre ele e sua obra *O Príncipe*. Existe alguma reciprocidade na história lida e nos dados investigados? Explique sua relação com o Estado Moderno.
  - b. Que mudanças o Estado Moderno traz em comparação com a Idade Média? Que tipo de sociedade estava a emergindo? Que repercussões isso teria mais tarde? Quem é o herdeiro da rainha Joana?
    - Que fatores influenciam as diferentes posições dos personagens históricos que aparecem na história? Podemos falar de um conflito de interesses? Que rivalidade é gerada? Por quê? Argumente sempre as respostas.
    - Considerando tudo o que foi lido, pesquisado e analisado até agora, explique, segundo seus critérios pessoais, o comportamento da rainha Joana: era uma loucura de amor ou de medo? Ambas

as coisas? A rainha estava tramando alguma coisa? O quê? Por que a rainha Joana nunca governou?

- ▶ Cite algumas situações que justifiquem as respostas.
- ▶ Apele a situações contrárias ou favoráveis à “lenda” da loucura da rainha Joana no livro lido. Descreva e analise fatos e situações com os quais concorda ou discorda. Descreva brevemente e avalie o tratamento do tema pelo Romantismo. Talvez seja necessário pesquisar mais informações bibliográficas.
- ▶ Quem espalhou esta história na época? Quem são os responsáveis? Quem ou para quem e por que é de interesse e/ou benefício para eles?
- ▶ Pesquise dados nos arquivos dos jornais. O caso da rainha Joana poderia ser comparado com algum acontecimento atual? Seria possível apelar aos direitos humanos hoje em dia? Por quê?
- ▶ A publicação de Aram Bethany de 2001, *Gobierno, piedad y dinastía*, também pode ser usada na pesquisa, além de toda a bibliografia disponível.

#### Fase 8. Avaliação

Obviamente que os(as) alunos(as) devem ser avaliados. Para isto, é muito importante que os professores e professoras façam uma rubrica de avaliação com os itens que considerem apropriados para orientar o trabalho dos alunos(as).

#### Fase 9

É aconselhável que os estudantes realizem uma **autoavaliação** por meio da rubrica anterior e que eles próprios se avaliem, considerando seus pontos fortes e fracos.

#### Fase 10

Finalmente, os estudantes devem fazer uma **avaliação do projeto**, em que medida os objetivos foram alcançados, bem como a metodologia utilizada e a aquisição dos conteúdos. Para isso, os professores e professoras realizarão um questionário com os itens que considerem apropriados.

#### As competências-chave desenvolvidas neste projeto são:

1. Competência em comunicação linguística.
2. Competência matemática.
3. Competência digital.
4. Aprender a aprender.
5. Competências sociais e cívicas.
6. Iniciativa e espírito empreendedor.
7. Consciência e expressões culturais.





# Josefa Amar y Borbón

Uma espanhola  
iluminista

*Rosa Jiménez Asensio*

## ÍNDICE

Introdução

Cronologia

### 1. A época. O iluminismo e o despotismo esclarecido

1.1. O Século das Luzes

1.2. O Iluminismo na Espanha e na América Latina

### 2. Uma voz feminina no iluminismo Espanhol

2.1. Os inícios. A erudição em casa

2.2. Sua atividade como mulher iluminista em Saragoça

2.3. Os últimos anos. O afastamento da vida pública

2.4. O que Josefa Amar y Borbón nos traz hoje

### 3. A vida das mulheres no Século das Luzes na Espanha

3.1. Os inícios. A erudição em casa

3.2. Leitoras e escritoras

3.3. O debate sobre as mulheres

### 4. Uma obra dedicada à igualdade e à educação

4.1. Sua intromissão na “República das Letras” espanhola

4.2. Um sentido peculiar da igualdade entre mulheres e homens

4.3. A educação das mulheres para a utilidade da sociedade

### 5. Bibliografia

### 6. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

Uma das melhores escritoras espanholas do século XX, Carmen Martín Gaité, advertiu em um de seus ensaios: “Se queremos saber algo sobre as mulheres e seu significado numa determinada época, são os padrões que essa época lhes propôs e por que razão lhes foi proposto o que precisamos analisar e compreender”<sup>1</sup>. Esta é a ideia que preside este texto: compreender Josefa Amar y Borbón no contexto do Iluminismo espanhol, a fim de entender as possibilidades e oportunidades que teve, bem como as limitações e barreiras que enfrentou ou não. Precisamente porque não podemos interpretar as atividades de nossos antepassados com os níveis de consciência atuais, é muito importante conhecer o mundo em que elas viveram e como lidaram com ele.

Mas quem foi Josefa Amar y Borbón? E, sobretudo, quem sabe de sua existência? É verdade. Quase ninguém a conhece fora dos círculos de estudos especializados sobre a história da educação e da mulher. Algumas instituições, em sua Saragoça natal, levam seu nome, mas pouco mais. No entanto, ela foi muito famosa em sua época, gozava de grande prestígio e reconhecimento e escreveu vários livros muito comentados. E, depois disso, o silêncio.

Aconteceu com Josefa Amar como com muitas outras mulheres na história. Quando elas estavam vivas sabiam como se fazer respeitar; seu valor não era questionado porque o demonstraram com seus atos e suas obras, mas, quando morreram, não tiveram ninguém para proteger seu legado, ninguém para assegurar que sua obra fosse divulgada e conhecida, ou mesmo, algumas delas tiveram sua produção artística ou literária intencionalmente destruída por aqueles que pensavam que tais obras perturbavam o “lugar natural” dos homens e das mulheres na sociedade. Porém, os guardiões dessa história falharam em sua tentativa de esconder completamente o talento e a capacidade destas mulheres. E é isto que nos convoca aqui hoje: (re)conhecer uma mulher escritora.

“**Mas quem foi Josefa Amar y Borbón? E, sobretudo, quem sabe de sua existência? É verdade. Quase ninguém a conhece fora dos círculos de estudos especializados sobre a história da educação e sobre a história da mulher**”

<sup>1</sup> Martín Gaité, Carmen (1972). *Usos amorosos del dieciocho en España*. p. XIV.

# CRONOLOGIA

# SÉCULO XVIII O ILUMINISMO



# 1. A ÉPOCA

## O ILUMINISMO E O DESPOTISMO ESCLARECIDO

### 1.1. O Século das Luzes

Josefa Amar y Borbón viveu durante o século XVIII e parte do século XIX. Foi uma época turbulenta para toda a Europa e também para o continente americano, devido à Revolução Francesa, ao expansionismo napoleônico ou à Guerra da Independência dos Estados Unidos e ao início dos processos de independência da América Latina.

No século XVIII, um movimento de caráter cultural, político, econômico e social que chamamos de Iluminismo espalhou-se por toda a Europa. É o Século das Luzes. Aspirava mudar a consciência dos povos, a renovar costumes e modos de vida por meio da educação dos cidadãos e do estabelecimento de novas estruturas políticas que permitissem a participação de cidadãos formados e educados. Estamos na origem da democracia parlamentar moderna.

O pensamento iluminista, como ponto de partida da modernidade europeia, implica uma con-

fiança absoluta no uso da razão como elemento libertador dos laços, preconceitos e falsidades do passado, bem como um instrumento para a construção de uma nova ordem no conhecimento, e na esfera social, política e moral. Esta nova tarefa da razão requer um conjunto de valores em que se possa confiar: a liberdade, a tolerância ou a igualdade e a confiança absoluta de que o ser humano pode ser aperfeiçoado por meio da educação, apresentando assim um horizonte otimista para a humanidade.

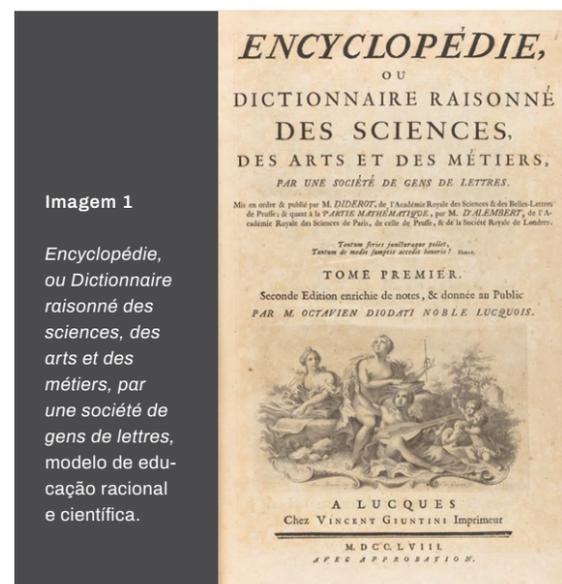


Imagem 1

Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres, modelo de educação racional e científica.

Denis Diderot, CC0, via Wikimedia Commons

Embora estudemos o Iluminismo como um movimento único e uniforme, na realidade as suas manifestações foram muito diversas de acordo com a área geográfica em que se desenvolveu e a tradição dos países.

O Iluminismo foi possível porque muitas coisas estavam em movimento na velha Europa do século XVIII. A base da riqueza continuava a ser o arrendamento da terra, e a agricultura a atividade a que a maioria de seus habitantes

se dedicava. No entanto, o comércio, especialmente o comércio ultramarino (e em particular o comércio de escravos africanos) ao lado da incipiente indústria urbana, estavam gerando uma classe de novos ricos que exigiam uma parte do poder que as estruturas do Antigo Regime lhes tinham negado. Ao mesmo tempo, o empobrecimento de uma parte da nobreza conduzirá a uma deterioração progressiva da imobilidade da sociedade de classe.

A ligação da monarquia com o pensamento iluminista daria origem ao que se tornou conhecido como despotismo esclarecido. Os monarcas iluministas (Frederico II da Prússia, Carlos III da Espanha, Catarina II da Rússia ou Maria Teresa da Áustria) realizaram reformas racionalizadoras na administração pública para fortalecer o Estado e promover o desenvolvimento econômico do país. Apesar dos esforços de modernização feitos pelos monarcas iluministas, o colapso das estruturas do Antigo Regime foi obra sua, mas veio do impulso revolucionário de grandes setores da sociedade civil, liderados pela burguesia, que iria gerar uma onda de transformações em quase toda a Europa e América.

Essa onda revolucionária começa com as guerras de independência das colônias inglesas na América e a formação dos Estados Unidos em 1776. Já sabemos que os territórios norte-americanos foram em grande parte colonizados por membros de grupos religiosos que fugiam da perseguição das religiões oficiais de seus países de origem europeus. Este caráter de exilados religiosos condicionará a origem e o desenvolvimento das colônias. Lá fundaram pequenas comunidades que funcionavam de forma bastante democrática e com uma grande formação religiosa. Quando a metrópole tentou cobrar-lhes certos impostos que não tinham sido

votados por seus parlamentos, o movimento insurgente começou.

O movimento revolucionário no final do século XVIII culminou com a Revolução Francesa. O Iluminismo tem sido tradicionalmente visto como uma espécie de prelúdio à Revolução. Porém, as ligações não são tão claras. Por um lado, os iluministas nunca procuraram uma convulsão social revolucionária, mas sim uma reforma gradual das elites iluministas e fundamentalmente por meio da educação moral dos cidadãos, e por outro lado, a heterogeneidade do movimento iluminista fez com que os revolucionários utilizassem as obras dos filósofos de uma forma interessada.

### 1.2. O Iluminismo na Espanha e na América Latina

Para muitos historiadores, não houve Iluminismo espanhol, embora houvesse iluministas. O movimento na Espanha foi realmente muito minoritário e elitista, de modo que "as Luzes" espanholas tiveram uma característica muito específica. A Espanha do século XVIII era ainda socialmente estratificada, economicamente dependente do setor primário e dominada pela superstição. Xe por um clero maioritariamente analfabeto. Quase não houve uma burguesia modernizadora e nenhum ímpeto de renovação.

Foi esta sociedade que a nova dinastia Bourbon tenta modernizar, que inaugurou o século XVIII seguindo o modelo europeu de despotismo esclarecido (para saber mais informações, ver: <https://www.caracteristicas.co/despotismo-ilustrado/>).

A trajetória de vida de Josefa Amar y Borbón (1749-1833) coincidiu principalmente com os reinados de Carlos III, Carlos IV e Fernando VII. De todos eles, o verdadeiro monarca reformista foi Carlos III, que adotou medidas de liberalização comercial, promoveu a criação de indústrias e novas atividades econômicas por meio das Sociedades Econômicas de Amigos do País (às quais Josefa Amar pertencia), favoreceu a reforma dos planos educacionais das universidades e promoveu as viagens de estudos, bem como as pesquisas experimentais.



Imagem 2  
Goya y Lucientes, Francisco de. *Carlos III, caçador*. 1786 aprox. Óleo sobre tela. 207 x 126 cm.

Imagem recuperada de: <https://www.museodelprado.es/>

O interesse dos governantes estava centrado no conhecimento que melhoraria a vida econômica do país. Assim, as novas teorias mercantilistas foram promovidas e foi observada a necessidade de uma economia nacional ágil e produtiva, para a qual o trabalho das classes ociosas foi aconselhado. Por outro lado, os reformadores tiveram de enfrentar os setores sociais mais reacionários, tanto a velha nobreza e o clero quanto a maioria do povo, que foram os grandes esquecidos nas reformas reais.

Como movimento cultural, o Iluminismo desenvolveu-se em grupos aglutinados em torno de reuniões da aristocracia média, profissionais das províncias ou pequenos proprietários de terras que patrocinavam certas liberdades públicas e a modernização do país. Em geral, permaneceram dentro da ortodoxia católica, mas criticaram a intromissão excessiva da Igreja nos assuntos mundanos e foram a favor do regalismo (<http://www.andalan.es/?p=11725>), assim como da libertação das superstições por meio da razão e da ciência. O objetivo comum era introduzir a modernidade num país atrasado, mas o medo da Inquisição, a grande influência da Igreja e o analfabetismo generalizado impediram que o movimento iluminista fosse mais ambicioso e tivesse uma difusão mais ampla.

As ideias iluministas foram difundidas nas Sociedades Econômicas de Amigos do País (<http://www.amigosdelpais.es/quienes-somos-2/>), em algumas universidades, tais como as de Alcalá ou Valência, que aceitaram de bom grado os novos ares de renovação e incorporaram professores leigos em seus claustros. Não podemos esquecer que até então o ensino universitário era um monopólio eclesiástico. Além disso, a imprensa periódica, principalmente em Madri, apontou os males do país e, com grande espírito



Imagem 3  
Bayeu y Subías, Fray Manuel. *Alegoría de las Bellas Artes exaltando a la Real Sociedad Económica Aragonesa de Amigos del País*. 1785 aprox.

Manuel Bayeu, Public domain, via Wikimedia Commons

crítico, difundiu os novos ideais do liberalismo econômico e político. Em qualquer caso, o público que teve acesso a estas publicações foi muito escasso, compondo aproximadamente apenas 1 por cento da população espanhola.

O Iluminismo também chegou à América Latina por meio de escritores espanhóis como Feijoo e obteve características especiais ao adaptar-se à condição colonial destes territórios. Instituições foram criadas em muitos dos departamentos das Índias para difundir ideias iluministas, como as Sociedades Econômicas de Amigos do País, que se espalharam por várias cidades, ou as faculdades de Medicina, os jardins botânicos e os observatórios astronômicos. Do mesmo modo, elas se difundiram entre grupos de intelectuais e membros das classes dirigentes (uma vez que este Iluminismo é também minoritário e elitista) os ideais de progresso que, aplica-

dos à realidade latino-americana, se concluíam, muitas vezes, em proclamações pró-independência. Assim, podemos dizer que existe uma certa continuidade entre o Iluminismo e a independência na América Latina. No entanto, com o tempo, os moldes iluministas se tornaram estreitos para os independentistas que acabaram desenvolvendo sua própria trajetória para além do que foi pregado pelas "Luzes" (<http://www.cecies.org/articulo.asp?id=348>).

Para compreender o fenômeno do Iluminismo na América Latina, é altamente recomendável a leitura do livro *O Século das Luzes* do cubano Alejo Carpentier, que faz um retrato magistral das vicissitudes dos movimentos insurgentes no Caribe no final do século XVIII e início do século XIX, por meio de personagens que encarnam as luzes e sombras do Iluminismo e das revoluções.

## 2 . UMA VOZ FEMININA

### NO ILUMINISMO ESPANHOL

#### 2.1. Os inícios. A erudição em casa

A vida de Josefa Amar, como qualquer outra, é a encarnação de uma experiência da época, para mantê-la e/ou opor-se a ela. Isto é o que aparece na figura de nossa protagonista, que foi reconhecida na sociedade desde muito cedo por ter capacidades que não eram vistas na maioria das mulheres. No entanto, fatores de condicionamento social impediram-na tanto de deixar uma grande obra — o que era intelectualmente capaz de fazer — quanto de ser mais combativa. Isto explicaria, segundo sua biógrafa María Victoria López-Cordón<sup>2</sup>, efemeridade de sua fama e sua escassa transcendência posterior.

Josefa Amar pertence a um ambiente social a meio caminho entre a velha aristocracia de

<sup>2</sup> López-Cordón Cortezo, María Victoria (2005). *Condición femenina y razón ilustrada. Josefa Amar y Borbón*, p. 13. Esta é a única biografia completa existente e é a que utilizamos como livro de referência tanto para os dados quanto para os textos.

“tradição rançosa” e a incipiente burguesia mercantilista. Era composto de membros da pequena nobreza, fidalgos e profissionais que viviam mais de seus lucros nos negócios ou nas profissões liberais do que de suas rendas. Dentro deste grupo, havia aqueles com ideias mais avançadas, iluministas, que mais tarde foram chamados de “afrancesados” e outros que eram mais conservadores. No início do reinado de Carlos III, a situação deste grupo social era bastante favorável; sua afinidade com os projetos reformistas do monarca fez com que ganhassem influência dentro da nova estrutura política proposta pelo projeto real.



Imagem 4  
Josefa Amar  
y Borbón.

Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

Nasceu em Saragoça em 1749<sup>3</sup>, filha do médico José Amar y Arguedas e de Ignacia Borbón y Vallejo, quinta dos doze filhos do casal (dois deles morreram muito jovens). Os dois ramos da família tinham uma longa tradição intelectual ligada à medicina, o que iria influenciar muitos dos ideais higienistas de suas obras.

<sup>3</sup> Segundo o livro de María Victoria López-Cordón (p. 39), os últimos estudos de Manuel López Torrijos determinaram que esta era a data de nascimento mais fiável de Josefa Amar.

Seu pai, além de obter a Cátedra de Anatomia, foi médico da Câmara Real com Fernando VI e Carlos III. Foi também membro da Academia Real Médica Matritense e de outras Sociedades Reais, o que demonstra sua elevada posição social e uma grande inquietação intelectual. Sua mãe, Ignacia Borbón, também veio de uma família ligada à medicina por várias gerações. A medicina era uma profissão em ascensão, à medida que as Faculdades de Medicina e as Academias Reais de Medicina eram altamente valorizadas na estrutura administrativa real e muitas inovações feitas no exterior estavam sendo incorporadas nas práticas hospitalares. Como resultado, muitos destes profissionais fizeram parte das elites iluministas e dos grupos influentes, renovando muitos aspectos da higiene pública e da pesquisa epidémica.

Apesar do sobrenome Bourbon, a família de Josefa não tem nada a ver com a dinastia real do mesmo nome. As origens dos Bourbons aragoneses remontam ao século XVI e parece que provêm de um sobrenome francês, Busiñac, que poderia estar relacionado com alguns artistas de Saragoça do século XVII<sup>4</sup>.

Quando Josefa tinha cinco anos de idade, a família mudou-se para Madri, onde o pai trabalhava como médico régio, e lá passou sua infância e adolescência num ambiente culto, impregnado de ideias iluministas. Os novos métodos pedagógicos chegaram à casa da família Amar y Borbón pelas mãos dos tutores particulares das crianças do sexo masculino. A jovem Josefa também participava nestas aulas; parece que seu pai não via com maus olhos que a filha também recebesse esta educação “masculina”,

<sup>4</sup> Royo García, Juan Ramón (2010). “Los orígenes familiares de Josefa Amar y Borbón”.

principalmente porque, desde muito cedo, Josefa demonstrou sua curiosidade e vontade de aprender.

Ela recebeu uma ampla educação em línguas clássicas e modernas: aprendeu latim, grego, francês, italiano e inglês e estudou os textos dos humanistas do século XVI. O ensino religioso também era importante tal como era entendido pelos iluministas de seu tempo: como uma relação positiva entre Deus e os humanos, ao invés de um catálogo de superstições e ritos sociais. Sua instrução foi muito mais extensa do que era habitual para as mulheres da época, e isto teve consequências para suas decisões adultas e seu modo de vida.

Seu destino, porém, como o de todas as mulheres, era o casamento, e seus pais prepararam-na para isso. A busca de um “bom partido” para a jovem coube ao aragonês Joaquín Fuertes Piquer, um prestigioso advogado e acadêmico, bem relacionado na Corte. O casamento ocorreu em 1772. Josefa tinha 23 anos de idade, enquanto que o advogado tinha 47 e era solteiro. Ele foi também um homem próximo dos círculos iluministas e com ideias avançadas, mas não se sabe muito sobre a relação entre o casal, embora seja evidente que eles tinham preocupações semelhantes e desejos reformistas partilhados.

#### 2.2. Sua atividade como mulher iluminista em Saragoça

Pouco depois de seu casamento, o casal mudou-se para Saragoça, onde Joaquín Fuertes tinha obtido uma vaga na Audiência Real. Aqui o casal teve seu filho Felipe. Nascido em 1775, alcançou uma posição de ouvidor na Audiência de Quito (Equador), com o apoio de seu tio An-

tonio Amar y Borbón, que tinha sido nomeado vice-rei de Nova Granada.

Parece que Josefa não deve ter tido dificuldade em integrar-se nos círculos culturais da cidade, dada sua origem familiar e a posição que o seu marido ocupava. A vida cultural de Saragoça foi bastante animada graças à atividade da Sociedade Econômica de Amigos do País. No início havia poucos membros, mas cresceram gradualmente e tornaram-se um motor de mudança e progresso na cidade. Pessoas ligadas a Josefa Amar pertenciam à Sociedade, tais como o próprio marido, seu professor de grego em Madri e alguns clérigos iluministas com quem compartilhava reuniões.

Motivada, talvez, por estas relações e suas próprias preocupações, começou a traduzir do italiano a polêmica e volumosa obra *Ensayo histórico apologético de la literatura española contra las opiniones preocupadas de algunos escritores modernos* do ex-jesuíta catalão Xavier Lampillas, exilado em Gênova. O primeiro volume — dos seis que a obra teve — foi publicado em Saragoça em 1782, provavelmente com o apoio de seu marido. Naquela época, nenhuma mulher podia realizar qualquer atividade pública se não fosse endossada pelo favor de um homem ou de um círculo masculino. É bastante provável que a erudição de Josefa Amar já fosse conhecida entre estes círculos iluministas, porque ela se atreveu a enviar a referida obra à Sociedade Econômica que foi recebida com tanto interesse que a Junta decidiu nomeá-la sócia de mérito em 1782.

Esta nomeação foi muito popular em Saragoça porque foi a primeira vez que a Sociedade acolheu um membro feminino. É verdade que ela não foi nomeada membro contribuinte e foi

dispensada do pagamento da taxa — não se considerou adequado que uma senhora pagasse —, mas isto não diminuiu a novidade do assunto. Para ela, foi uma oportunidade de entrar no espaço público, e não a perdeu. A partir desse momento, iniciou uma intensa atividade ligada à Sociedade Econômica, cujas finalidades, não nos esqueçamos, eram também práticas e ligadas a diferentes atividades econômicas. Continuou a fazer traduções do livro de Lampillas, e de outro livro do italiano de Grisellini, cujo título — que hoje parece no mínimo curioso —, *Discurso sobre el problema de si corresponde a los párrocos y curas de las aldeas el instruir a los labradores en los buenos elementos de la economía campestre*, dá uma ideia da situação do campo, da agricultura e sua relação com o clero naquele momento.

Na Sociedade também lhe foram confiadas outras atividades mais práticas, tais como a criação e a direção de oficinas que instruíam as moças no manuseamento de novas manufaturas de roupas e adornos femininos, dando-lhes ao mesmo tempo noções de leitura e escrita. Parece que ela também participava na Junta de Caridade, da qual seu marido era membro, cujo objetivo era a educação de meninos e meninas dos bairros mais desfavorecidos de Saragoça.

Além de colaborar com a Sociedade Econômica Aragonesa, Josefa Amar também esteve relacionada com a Junta de Damas da Sociedade Econômica de Madri (la Matritense) (ver: [https://es.wikipedia.org/wiki/Junta\\_de\\_Damas\\_de\\_Honor\\_y\\_M%C3%A9rito](https://es.wikipedia.org/wiki/Junta_de_Damas_de_Honor_y_M%C3%A9rito)) a qual faziam parte, entre outras mulheres nobres, Isidra de Guzmán ou María Josefa Pimentel, Duquesa de Benavente e consorte de Osuna, primeira presidente da Junta. A entrada das mulheres na Sociedade Matritense produziu um amplo

debate no qual participaram Jovellanos e Ignacio de Ayala, que defenderam sua inserção, alegando a igualdade intelectual entre homens e mulheres, e Cabarrús, que se opôs ao ingresso baseado na tradição. A aragonesa também interveio para justificar a participação feminina por meio de um rigoroso *Discurso en defensa del talento de las mujeres y de su aptitud para el gobierno y otros cargos en que se emplean los hombres* (1786). (1786). Este é seu texto mais reivindicativo; nele denuncia que os homens não querem que as mulheres sejam educadas porque têm medo de se deparar com rivais, mas também denuncia a sociedade que as priva deste bem — mesmo reconhecendo que elas têm a capacidade intelectual para tal. Argumenta a favor da igualdade dos sexos usando as razões que o próprio Iluminismo lhe tinha proporcionado: as diferenças entre homens e mulheres não são naturais, mas de educação, e que as condições em que vivem as desestimularam a buscar sua formação e aperfeiçoamento. Este argumento é basicamente utilitarista: a sociedade perde muito se não aproveitar o talento da metade de seus membros. Talvez tenha sido o único tipo de justificativa que as regras de decoro permitiram para uma mulher, mesmo em ambientes iluministas.

A disputa foi resolvida por Carlos III em 1787, criando uma Junta de Damas, como uma seção separada da Sociedade Econômica. María Victoria López-Cordón considera que esta solução não deve ter sido do agrado de Josefa Amar, pois diferenciou as tarefas das mulheres das tarefas dos homens, e às mulheres apenas foram atribuídas tarefas “próprias de seu sexo e condição”. Em qualquer caso, a autora de Saragoça aderiu às atividades da Junta de Damas, fazendo várias viagens a Madri para este fim.



**Imagem 5**  
Goya y Lucientes, Francisco de. *María Josefa de la Soledad Alonso Pimentel, condesa-duquesa de Benavente, duquesa de Osuna*. 1785 aprox. Óleo sobre tela. 112 x 80 cm. Primeira presidente da Junta de Damas de Honra e Mérito da Sociedade Real Econômica Matritense de Amigos do País.

Francisco Goya, Public domain, via Wikimedia Commons

Sua participação foi bastante eficaz em ambas as Sociedades, mas o pensamento dominante ia na direção oposta e aos poucos Josefa deixou de frequentar a Sociedade, embora tenha continuado a escrever. A atmosfera da época, influenciada pelos acontecimentos revolucionários franceses, tornou-se cada vez mais hostil às atividades dos iluministas e a relutância dos editores em publicar qualquer texto “suspeito” aumentou. Apesar disso, sua obra mais ambiciosa data deste período: *Discurso sobre la educación física e moral de las mujeres* (1790).

Durante estes anos, ocorreu um acontecimento traumático na vida de Josefa Amar: seu marido sofre um acidente vascular cerebral (AVC) que o afasta de toda a atividade profissional e pública e o mantém inválido e afastado durante doze anos, até sua morte. Além das consequências em vida familiar, este acontecimento estremeceria totalmente sua vida pública, uma vez que não era bem visto para uma mulher ir a tertúlias ou reuniões quando seu marido estava doente. Quando ficou viúva, em 1798, já não podia continuar com sua atividade intelectual pública.

A viuvez trouxe um dano colateral adicional para a mulher aragonesa: o isolamento. Afastada dos círculos intelectuais da corte que a poderiam ter protegido nessa altura e das relações sociais que o estado de casada lhe permitia, Josefa Amar não encontrou uma forma de continuar com sua atividade de publicação de livros. Não sabemos se isto diminuiu sua curiosidade intelectual; temos apenas a informação de seu silêncio público.

### 2.3. Os últimos anos. O afastamento da vida pública

Após a morte de seu marido, sabemos apenas que ela se dedicou a obras piedosas como irmã mais velha da Venerável Congregação das Servas Seculares das pobres doentes do Hospital de Nuestra Señora de Gracia (vulgarmente conhecidas como Hermanas de la Sopa). Durante a invasão francesa, viveu o cerco de Saragoça em 1808 e parece que colaborou no atendimento aos doentes do hospital. Há também outras referências que a colocam em tertúlias e reuniões sociais, algumas delas políticas e clandestinas. Antes do segundo cerco à cidade, foi a Navarra com alguns parentes e lá recebeu a notícia da morte de seu único filho,

Felipe Fuertes Amar, em 1810 durante a rebelião equatoriana.



Imagem 6  
Goya y Lucientes, Francisco de. *Qué valor!* 1810-1814. Gravação em papel. 15,8 x 20,9 cm..

Imagem recuperada de: <https://www.museodelprado.es/>.  
Sobre la resistencia ante la invasión francesa.

Os primórdios desta revolta remontam a 10 de agosto de 1809, dia em que um grupo de crioulos, intelectuais e aristocratas de Quito, seguindo os passos das Juntas Nacionais formadas na Espanha, devido à invasão napoleônica, criou uma Junta de governo a fim de assumir o governo enquanto a metrópole estivesse em mãos francesas. Isso foi realmente a forma de iniciar um processo de independência colonial que, embora tenha falhado e tenha sido fortemente reprimido, ficou posteriormente conhecido como o Primeiro Grito da Independência Americana, e em 10 de agosto é celebrado o Dia Nacional do Equador (<https://ww2.elmercurio.com.ec/2018/08/10/10-de-agosto-de-1809-primer-grito-de-independencia/>). O filho de Josefa Amar, no início, parece que foi favorável a ela, mas vendo a viragem pró-independência que foi adotada, tornou-se um de seus repressores e isto custou-lhe a vida (para mais informações sobre a sua biografia, ver: (<http://dbe.rah.es/biografias/53504/felipe-fuertes-y-amar>).

Josefa Amar só regressou a Saragoça em 1816 e é provável, segundo seu biógrafo López-Cordón, que sua situação econômica se tenha deteriorado consideravelmente e que tenha vivido sob os cuidados de seus irmãos. Tal fato obrigou-a a ocupar um lugar mais discreto, de acordo com os costumes sociais para seu sexo. Da mesma forma, os acontecimentos históricos ocorridos na Espanha — a invasão napoleônica, a Guerra da Independência e a restauração do absolutismo por Fernando VII — tinham também produzido mudanças radicais numa sociedade que já não era mais a mesma que tinha acolhido suas obras. É possível que ela percebera que seu tempo tinha passado e que as ilusões iluministas tinham sido deixadas para trás pelo impulso da história.

Não existe informação verdadeira sobre os últimos anos de vida de nossa autora. Parece que ela morreu em 1833, aos 84 anos de idade, e foi enterrada no cemitério do hospital ao qual esteve ligada durante tantos anos. López-Cordón resume muito bem seu itinerário “Longa vida e glória efêmera constituem as duas realidades de uma trajetória tão árdua como específica de uma mulher”<sup>5</sup>.

### 2.4. O que Josefa Amar y Borbón nos traz hoje

Tanto a vida quanto a obra de Josefa Amar y Borbón nos dão hoje motivos para pensar numa questão fundamental para as mulheres, mas também para todos os seres humanos: a fragilidade e o caráter fugaz dos direitos conquistados e das liberdades obtidas.

Tendemos a acreditar que a luta pelos direitos e liberdades sempre foi um caminho progressivo e que as vitórias alcançadas não poderiam

<sup>5</sup> López-Cordón Cortezo, M. V. (2005). Ob. cit., p. 56.

ser invertidas. Nada poderia estar mais longe da realidade. E a trajetória de nossa autora nos mostra isto claramente. Ela, com sua curiosidade, seu esforço e gosto pelas tarefas intelectuais, soube conquistar um lugar no espaço público; porém, suas circunstâncias pessoais e fatores de condicionamento social contribuíram para que perdesse esse lugar e o silêncio foi-lhe imposto. Sua voz pública e a capacidade de influência social e política desapareceram. E assim permaneceram praticamente até o final do século XX, quando o seu legado começou a ser reconhecido pelas estudiosas.

O mesmo aconteceu com as contribuições das mulheres iluministas para o movimento de libertação das mulheres. O Iluminismo foi o primeiro momento em que mulheres ocidentais tomaram consciência de sua condição desigual numa sociedade patriarcal, porque o Iluminismo marcou o momento em que as normas e convenções sociais do Antigo Regime começaram a ser questionadas, e a idoneidade ou legitimidade dos costumes começou a ser discutida. No entanto, a deriva que o século XIX conduziu não foi no sentido de uma maior liberdade e visibilidade para as mulheres — seguindo o despertar das reivindicações do Iluminismo —, mas sim no sentido de uma reclusão na esfera doméstica e da atribuição rigorosa de tarefas. A nova organização econômica capitalista e a ordem burguesa exigiam uma divisão rigorosa das funções sociais para que o Novo Regime funcionasse como uma máquina. E, segundo esta mentalidade, o espaço em que as mulheres deveriam ser mais úteis à sociedade era o lar. Os ventos da história podem derrubar as convicções e os direitos que acreditamos estarem mais profundamente enraizados. É necessário estar consciente disso para não deixar de estar alerta.

## 3. A VIDA DAS MULHERES

### O SÉCULO DAS LUZES NA ESPANHA



Imagem 7  
Lemonnier, Anicet Charles Gabriel. Lectura de la tragedia "El huérfano de la China" de Voltaire en el salón de madame Geoffrin. 1812. Óleo sobre tela. 129,5 x 196 cm.

Anicet Charles Gabriel Lemonnier, Public domain, via Wikimedia Commons

Não vamos insistir mais no caráter complexo, ambíguo e muitas vezes contraditório do Iluminismo em geral e na Espanha em particular. O que tentaremos abordar brevemente são as mudanças ocorridas ao longo do século na vida quotidiana das mulheres e sua consideração social, e as "outras" mulheres que também estiveram presentes na vida pública como Josefa Amar, bem como o debate que se desenvolveu sobre o papel das mulheres na sociedade.

#### 3.1. Século das Mulheres

O século XVIII tem sido descrito de muitas maneiras: o Século das Luzes, o Século dos Filósofos ou o Século das Mulheres. Este último significado deve-se ao protagonismo que algumas mulheres adquirem nos salões, reuniões e sociedades, no espaço público que se formava nessa época, um expoente de uma nova sociedade: a burguesia.

Contudo, estas ainda eram as práticas das classes ricas; entretanto, a vida da maioria das mulheres das classes trabalhadoras não tinha mudado muito: ainda estavam submetidas à condição de sustento do lar com casamentos arranjados — geralmente muito desiguais em idade — e a trabalhos duros e muito mal remunerados, tanto no mundo rural quanto no pré-industrial urbano. Nisso elas não diferiram de seus homólogos masculinos, mas sofreram a dupla dominação, fora e dentro da família. O trabalho realizado pelas mulheres das Sociedades de Amigos do País visou a formação de outras mulheres nos ofícios têxteis considerados mais adequados ao decoro e às obrigações familiares que deviam ter. Desta forma, foram preparadas para o papel que as mulheres deviam desempenhar na família, que não divergia muito do papel tradicional, ou era ainda mais restritivo, uma vez que a família era agora a célula básica da nova sociedade produtivista.

O novo século iluminista trouxe também mudanças nos estilos de vida em que as mulheres adquiriram uma maior proeminência social que, em muitos casos, foi uma forma de mostrar sua posição social e estatuto familiar. As mulheres que abriam os seus salões, participavam em tertúlias ou passeavam por lugares de convívio social rodeadas de amigos e admiradores exibiam a distinção da família que representavam. Entre estes novos hábitos, os salões e tertúlias dirigidas por damas que reuniam pessoas de letras, artes, ciências ou política ocupavam um lugar de destaque, onde se formavam alianças e discutiam as novidades em todas as disciplinas, na tentativa de encontrar apoio para as carreiras profissionais ou artísticas de muitos.



Imagem 8  
Paret y Alcázar, Luis. El Jardín Botánico desde el Paseo del Prado. 1790 aprox. Óleo sobre tabla. 58 x 88 cm.

Imagen tomada de: <https://www.museodelprado.es/>

Aproveitando esta nova posição, muitas mulheres puderam usar seus próprios truques para fazer valer alguns direitos e liberdades que eram impensáveis noutro momento. Alguns visitantes estrangeiros se surpreenderam ao constatar a intensa vida social destas mulheres que se

desenvolveu num ambiente sem preconceitos e hedonista onde surgia um novo costume — parece que importado da França e da Itália —: o do "cortejo", esplendidamente estudado por Carmen Martín Gaité em seu livro pioneiro *Usos amorosos del dieciocho en España*. O "cortejo" consistia, nas palavras da autora:

"...as senhoras casadas, que até o final do século anterior tinham aceitado ou fingido aceitar com quase nenhum indício de rebeldia o código de honra matrimonial que orgulhava o país, podiam agora ter um amigo cuja função era frequentar o seu boudoir, dar-lhes conselhos de beleza, acompanhá-las ao teatro e à igreja, levar-lhes presentes e conversar com elas, ou seja, prestar-lhes atenção"<sup>6</sup>.

O aspecto revelador desta citação encontra-se na expressão "prestar-lhes atenção", porque aí reside a importância desta prática aparentemente sem importância. Nela, fica explícito o desconforto que os casamentos de conveniência significavam para muitas mulheres, e como a consciência desta situação levou às primeiras reivindicações de autonomia e pequenas aberturas para obter espaços de liberdade e visibilidade pública. O costume acabou por se deteriorar devido à regressão ideológica e de costumes ocorrida no início do século XIX, que redirecionou as relações entre homens e mulheres por caminhos mais convencionais e mandou as mulheres de volta para casa.

<sup>6</sup> Martín Gaité, C. (1972). Ob. cit., p. XIV.

### 3.2. Leitoras e escritoras

As mulheres desempenharam um papel importante na transformação do mundo cultural provocada pelo Iluminismo no século XVIII. Em primeiro lugar, como leitoras. O público leitor feminino era cada vez mais numeroso, o que aumentou a procura por escritores e editores de literatura, jornais ou ensaios. A leitura tornou-se um espaço de liberdade dentro da família e de projeção social por meio da troca de opiniões nas tertúlias e fóruns onde as mulheres podiam demonstrar seus conhecimentos e sensibilidades.

Estudos recentes revelaram também um grande número de mulheres autoras, incluindo Josefa Amar e Borbón, que tinham passado despercebidas até agora. Entre elas, estão as dramaturgas, poetas, ensaístas ou pedagogas. No entanto, todas tiveram de fazer um balanço entre o que pensavam e o que podiam dizer publicamente, porque, embora suas contribuições fossem celebradas, também era esperado que elas fossem humildes, pouco ambiciosas e que escrevessem com um zelo moral ou de serviço, e não por interesse intelectual. Apesar do ambiente hostil, encontramos um grande grupo de mulheres escritoras. Vamos citar apenas algumas delas.

Começaremos pelas mulheres literárias. Uma das mais famosas de seu século foi **Margarita Hickey** (Barcelona, 1753-1793), poeta de temas amorosos, renovadora dos clichês líricos sobre o assunto. Parece que sua coleção de poemas é autobiográfica e fruto de um amor não correspondido. Em seus poemas, o homem aparece como o ser fraco e inconstante, dissimulado e mentiroso no amor, e faz uma crítica muito incisiva à desigualdade das regras que a sociedade impõe a ambos os sexos nas relações amorosas.

Muito conhecida e mais polêmica que Hickey foi **María Rosa de Gálvez** (Málaga, 1768- Madri, 1806). Era a filha adotiva (acredita-se que era a filha natural extraconjugal) de Antonio Gálvez, ligado a uma família de grande influência na Corte. Devido ao seu casamento, viveu em Madri em meio a círculos iluministas, e com uma vida muito mais livre e conflituosa do que os bons costumes permitiam. Apesar da brevidade de sua vida, escreveu poesia e muitas peças de teatro que foram apresentadas nos teatros de Madri e lhe trouxeram muita fama. Nestas peças ela costumava ser muito contundente com os costumes conjugais, sendo comum a reivindicação das liberdades femininas, a crítica ao sentimentalismo pueril e a reflexão sobre a condição feminina num mundo dominado pelos homens. Para muitos, é a autora mais “feminista” do Iluminismo, tanto pelo conteúdo de sua obra quanto pelo modo de vida.

Neste mesmo universo literário, destacam-se personalidades muito diferentes, como a poeta gaditana **Gertrudis Hore** (1742-1801), uma mulher de grande talento, graça e sagacidade, que ingressou no convento de Santa María quando ainda era casada e, segundo a lenda, como resultado da decepção por amores infelizes. A adesão ao hábito nem sempre foi fruto de uma vocação religiosa, mas uma forma de escapar de casamentos indesejados sem perder o prestígio social. É conhecida por cerca de cinquenta poemas de alta qualidade literária onde exalta o gozo do amor, critica o “tálamo odioso” do casamento e a inconstância dos homens, colocando-se fora dos cânones convencionais da poesia de amor.

Ao contrário desta autora, encontramos **Inés Joyes y Blake** (Madri, 1731 aprox.-Vélez-Málaga, 1808). Levou uma vida tão discreta que pouco sabemos sobre ela, embora possamos

assumir que foi um membro ativo da burguesia iluminista que animava a vida das províncias. Tal como a própria Josefa Amar, entrou no mundo das letras com uma tradução, em seu caso do romance de Samuel Johnson, *A História de Rasselas, Príncipe da Abissínia* em que inseriu um prólogo intitulado “Apologia da mulher”, onde expõe suas ideias sobre a feminilidade e as restrições sociais que impedem seu desenvolvimento com uma veemência e radicalidade que vai além da moderação da mulher aragonesa. Assim, podemos constatar neste fragmento do início do texto: “Não posso sofrer com paciência o papel ridículo que nós mulheres geralmente desempenhamos no mundo, algumas vezes idolatradas como divindades, e outras desprezadas até por homens que têm a reputação de serem sábios”<sup>7</sup>. A crítica ao mundo das aparências ocupa uma grande parte do texto, bem como o ataque à dupla moral que valoriza o mesmo comportamento de uma forma muito diferente conforme o sexo.

Também merece destaque **Isidra de Guzmán** (1767-1803) que recebeu o título de Doutora em Letras pela Universidade de Alcalá aos 16 anos de idade e pertenceu à Real Academia de Letras e à Real Academia de História como membro honorário por ordem de Carlos III.



*As mulheres desempenharam um papel importante na transformação do mundo cultural provocada pelo Iluminismo no século XVIII. Em primeiro lugar, como leitoras.*

<sup>7</sup> Joyes y Blake, I. (1798).



Imagem 9  
Inza, Joaquín. Retrato de María Isidra de Guzmán y de la Cerda. 1785. Óleo sobre tela.

Joaquín Inza y Ainsa, Public domain, via Wikimedia Commons

### 3.3. O debate sobre as mulheres

O debate social sobre o papel da mulher e o seu valor intelectual tem sido uma constante desde o Renascimento, ou mesmo antes. Neste século, reproduz-se novamente a famosa “Querela das Mulheres” renascentista e discute-se mais uma vez a natureza da mulher, suas qualidades e defeitos, e o papel que ela deveria desempenhar na sociedade. Em geral, as posições iluministas tendem a afirmar a feminilidade seu valor moral e sua utilidade social.

Na primeira metade do século XVIII, o beneditino Benito Feijoo, um pioneiro do Iluminismo ([https://es.wikipedia.org/wiki/Benito\\_Jer%C3%B3nimo\\_Feijoo](https://es.wikipedia.org/wiki/Benito_Jer%C3%B3nimo_Feijoo)) escreveu “Defesa das mulheres”,

um de seus Discursos do Volume I do *Teatro Crítico Universal*, no qual analisa a razão pela qual as mulheres gozam de tão baixa consideração. Para ele, a culpa é dos homens que não sabem enxergá-las e valorizá-las e até se vingam desta maneira dos desprezos que possam ter sofrido por elas. Ele tenta dismantlar todos os clichês da misoginia habitual e culpa a educação por quaisquer falhas que as mulheres possam apresentar. Do seu ponto de vista iluminista, Feijoo tentou banir os preconceitos, superstições e ignorâncias que impediam o progresso do país também neste sentido, e por esta razão defendeu a igualdade de ambos os sexos. Não lhe faltaram detratores nas décadas seguintes, mas também defensores; parece até que teve o apoio do Rei Fernando VI..

Algumas décadas mais tarde, durante o reinado de Carlos III, o debate mais longo e acirrado — durou dez anos — aconteceu quando foi discutida a entrada das mulheres na Sociedade Econômica de Amigos do País de Madri. Pedro Rodríguez Campomanes e Gaspar Melchor de Jovellanos participaram da discussão a favor, e Cabarrús contra; Josefa Amar y Borbón interveio com seu *Discurso en defensa del talento de las mujeres*, como já vimos. Com a polêmica, estava em jogo não apenas a entrada das mulheres na sociedade, mas também os modelos sociais de masculinidade e feminilidade.

Vejamos os argumentos dados pelos homens; os da autora aragonesa serão desenvolvidos na próxima seção. Campomanes defendeu a admissão de mulheres como sócias, com os mesmos direitos e deveres que os homens, argumentando que a sociedade precisa da participação feminina em todos as áreas, pois isso faria progredir a atividade produtiva do país; além

disso, as mulheres que se imbuíam das ideias iluministas poderiam transmiti-las aos seus filhos e filhas e assim difundi-las pela sociedade. Para tal, era necessária uma educação feminina adequada. Como podemos perceber, o debate sobre o papel social da mulher esteve sempre vinculado ao de sua educação.

Alguns anos após a intervenção de Campomanes, o debate foi reaberto com a participação de Francisco Cabarrús, que não aceitava a entrada de mulheres porque nunca tinham sido admitidas em nenhuma instituição pública de deliberação, já que elas não sabiam discutir assuntos sérios e tinham uma personalidade inconstante e superficial. Além disso, sua incorporação levaria ao caos a Sociedade devido às dificuldades das mulheres em se submeterem às regras.

As memórias escritas por Gaspar Melchor de Jovellanos apelaram à igualdade intelectual de homens e mulheres para apoiar a entrada delas na Sociedade Econômica e sua participação ativa; embora com uma atitude que hoje possa parecer paternalista, justifica que uma grande seleção deve ser feita de acordo com o mérito e a preparação das futuras sócias, uma vez que nem toda mulher está preparada para este trabalho, o que impede a entrada dessas mulheres frívolas das quais Cabarrús falou. Tudo isso em prol da modernização e da prosperidade da Sociedade. Puro utilitarismo iluminista.

Como já vimos, a polêmica foi resolvida por Carlos III ao criar a Junta de Damas; o que pode ser considerado um avanço na visibilidade pública das mulheres, mas, na realidade, seu elitismo e exiguidade (havia apenas quinze mulheres da alta sociedade) diminuíram seu alcance e sua influência.

## 4 . U M A O B R A D E D I C A D A

### À IGUALDADE E À E D U C A Ç Ã O

#### 4.1. Sua intromissão na “República das Letras” espanhola

**V**amos entrar agora no pensamento e na obra de nossa protagonista, bem como no lugar que ela ocupa no mundo intelectual de sua época.

Josefa Amar não era uma pensadora radical, uma ferrenha defensora da igualdade entre homens e mulheres ou entre grupos sociais. Ela assumiu certos princípios iluministas e seu papel ativo como mulher na Sociedade Econômica atesta sua convicção na posição que as mulheres deveriam ter na comunidade. Acreditava que sua condição feminina não a isentava de suas responsabilidades como cidadã. Mas também é verdade que suas obras estão cheias de apelos à prudência, à moderação, ao não rompimento total das regras, e muitas vezes apoia suas teorias na autoridade de outros autores para evitar a relutância que um pensamento próprio (da mulher) pode despertar numa sociedade que ainda não está preparada para isso.

Típica representante do ambíguo Iluminismo espanhol, é uma firme defensora do sistema social do Antigo Regime, que considerava equilibrado e estruturante da sociedade. Suas críticas são dirigidas às classes ociosas por não serem funcionais para a comunidade, e defende a ascensão social por mérito pessoal. Para ela, se as relações entre membros de uma mesma classe devem ser igualitárias, aquelas com subordinados devem manter um equilíbrio entre cordialidade e distância, já que as diferenças entre superiores e inferiores são necessárias para o funcionamento da sociedade. Pura contradição iluminista.

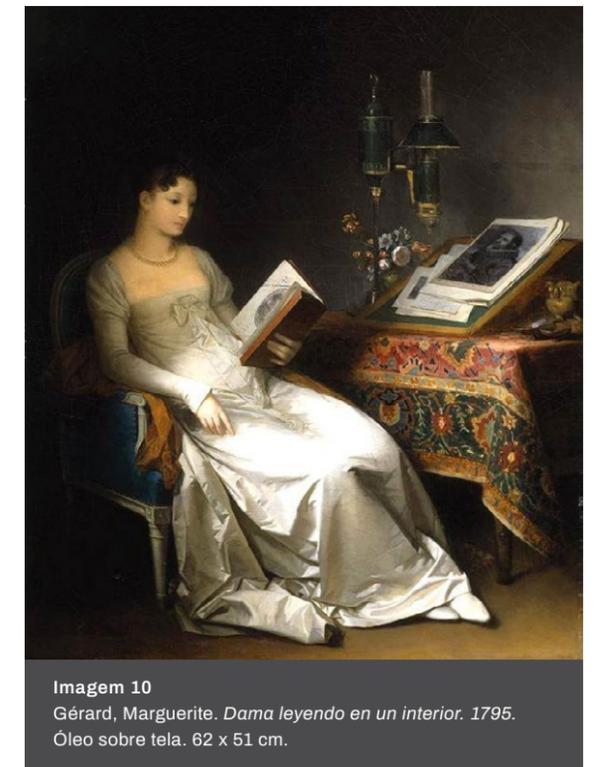


Imagem 10  
Gérard, Marguerite. *Dama leyendo en un interior*. 1795.  
Óleo sobre tela. 62 x 51 cm.

Marguerite Gérard, Public domain, via Wikimedia Commons

Já vimos na biografia que sua incorporação à “República das Letras” (este foi o nome dado ao mundo cultural no século) se deu a partir das traduções. Esta era uma prática comum entre as mulheres alfabetizadas da época; primeiro,

porque, devido a sua educação, elas falavam várias línguas e podiam ler obras de autores estrangeiros, que eram comuns nos meios iluministas. E, em segundo lugar, porque, desta forma, podiam introduzir suas ideias, nos prólogos ou nas notas, que teriam sido difíceis de defender se tivessem publicado seus próprios livros, dada a desconfiança que havia em relação a livros escritos por mulheres que não fossem de ficção.

Por esta razão, sua primeira conquista na esfera das letras foi com a tradução do referido *Ensayo histórico apologético* de Xavier Lampillas (1782), uma obra que cobriu a literatura hispânica desde a Antiguidade até o Século de Ouro e na qual a excelência da produção literária espanhola foi justificada diante dos ataques que foram feitos do exterior à cultura espanhola como inexistente, e ao país como atrasado, submetido à Inquisição, preguiçoso e ignorante. Esta reabilitação da cultura patriótica foi uma constante entre os iluministas espanhóis, e Josefa, conhecedora como era das culturas europeias, também aderiu a ela. Por outro lado, aproveitou a dedicatória da obra à princesa María Luisa de Parma, esposa do homem que viria a ser Carlos IV alguns anos mais tarde, para se justificar como escritora e reivindicar o direito das mulheres a receberem uma educação, como fizeram outras mulheres tradutoras do Iluminismo espanhol.

#### 4.2. Um sentido peculiar da igualdade entre mulheres e homens

Como já afirmamos, a aragonesa não é uma feminista no sentido em que hoje a podemos compreender, porque esta consciência não existia no século XVIII, nem estava em sintonia com as propostas mais inovadoras que estavam

a ser desenvolvidas na Europa. Mas ela tem sido considerada por algumas vozes como uma autêntica predecessora do feminismo e uma expoente-chave na Espanha do que tem sido chamado de “feminismo iluminista”. O alcance de suas ideias, entretanto, é limitado porque as mulheres a quem se dirige são as da classe rica, que eram as que podiam conhecer os princípios do Iluminismo.

Nossa autora é mais reformista do que revolucionária, por exigência social ou por convicção. Isso não está muito claro em sua obra. Seus textos não pretendem alterar os papéis atribuídos às mulheres ou a sua rebelião, mas sim envolvê-las em sua educação, que é, portanto, um meio para conseguir a satisfação pessoal e um espaço no âmbito público de reconhecimento. É por isso que diz no *Discurso sobre la Educación Física e Moral de las Mujeres*:

“...há certas tarefas que correspondem peculiarmente às mulheres, tais como costurar, fiar etc., e que os homens não poderiam fazer sem negligenciar suas respectivas obrigações. Elas também têm que conhecer o controle e a gestão doméstica, pois passam mais horas em casa e podem conhecer melhor os criados e conduzi-los. Se se quisesse inverter esta ordem para que as mulheres estudassem durante todo o dia, seria necessário que os homens tomassem conta da casa, e se também se invertesse o costume de obter estes empregos, eles seriam inúteis para ambos os fins. Não formemos, portanto, um plano fantástico: tentemos apenas retificar, tanto quanto possível, aquilo que já está estabelecido. Para isso, é necessário que as mulheres desenvolvam sua compreensão sem prejuízo de suas obrigações”<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Amar y Borbón, J. (1790).

O que é necessário, então, é que as mulheres aprendam a valorizar suas capacidades e que desejem a educação como algo tão necessário como a sua aparência pessoal:

“Não contentes com ter reservado para si próprios os empregos, as honras, as utilidades, enfim, tudo o que possa animar a sua aplicação e dedicação, os homens privaram as mulheres até da complacência que resulta de terem uma compreensão iluminista. Elas nascem e são criadas na ignorância absoluta. Aqueles as desprezam por esta razão, elas se convencem de que não são capazes de mais nada, e como se tivessem o talento em suas mãos, não cultivam outras habilidades além daquelas que podem desempenhar com eles”<sup>9</sup>.

Como vemos, para ela, os diferentes papéis que homens e mulheres ocupam na sociedade não são o produto da natureza ou da ordem divina, mas da educação e do lugar em que a sociedade tem colocado as mulheres em detrimento de seu desenvolvimento.

Do ponto de vista dos princípios iluministas, nossa autora defende que a natureza humana é a mesma tanto para o homem quanto para a mulher em termos de compreensão e mesmo em termos de conformação física. As diferenças provêm da prática que delas é feita. Se as mulheres fossem educadas no exercício físico, alcançariam a mesma força que os homens, mas os homens as formam para enfraquecê-las, incutir-lhes medo e debilitar sua condição. É por isso que a educação é tão essencial. É verdade que nem todos os iluminis-

<sup>9</sup> Amar y Borbón, J. en López- Córdón, M. V. (2005). p. 268. A grafia do século XVIII é mantida.

tas defendem essas ideias, muito menos os espanhóis, mas estão presentes nos debates sobre as mulheres no final do século XVIII. É assim que nossa autora as defende:

“Nesse caso, se os homens aprofundam sua capacidade pelas obras que fazem e pelo raciocínio que formam, enquanto houver mulheres que façam o mesmo, não será temeridade igualá-los, deduzindo que os mesmos efeitos supõem causas aceitáveis. Se os exemplos não são tão numerosos nas mulheres como nos homens, é evidente que há menos mulheres que estudam e menos ocasiões em que os homens lhes permitem provar seus talentos”<sup>10</sup>.

Ela insiste na importância do desenvolvimento da compreensão nas mulheres, com argumentos que hoje em dia podem parecer bizarros, mas que, naquela época, são realmente novos. Assim, ela suplica às companheiras, por exemplo, a não confiarem apenas em sua beleza para atingir seus objetivos, uma vez que esta é efêmera, e a se cultivarem intelectualmente para enfrentar o tempo e seus estragos no físico. Dedicar-se ao estudo pode ser satisfatório por si só, independentemente dos homens, e pode também proporcionar um reconhecimento social além da “compostura exterior”. É também verdade que isto será possível quando a sociedade mudar sua percepção dos valores femininos e começar a considerar as mulheres como seres pensantes. Não se trata tanto de idealizar as mulheres, mas de realçar suas possibilidades escondidas sob o peso dos costumes.

<sup>10</sup> Ibid., p. 274.

### 4.3. A educação das mulheres para a utilidade da sociedade

Como se pode compreender do exposto anteriormente, a educação é um lugar comum na literatura iluminista espanhola. A prova disso são as obras do Padre Benito Feijoo, como já mencionamos, e também as de Campomanes (<http://dbe.rah.es/biografias/4699/pedro-rodriguez-campomanes-y-perez-de-sorriba>), embora poucas fossem dedicadas à educação das mulheres. Em meados do século XVIII, o manual de referência sobre o assunto era o texto do humanista espanhol do século XVI Luís Vives *Instrucción de la mujer cristiana*. Este vazou é o que nossa autora tenta preencher em sua obra *Discurso sobre la educación física y moral de las mujeres* (1790).

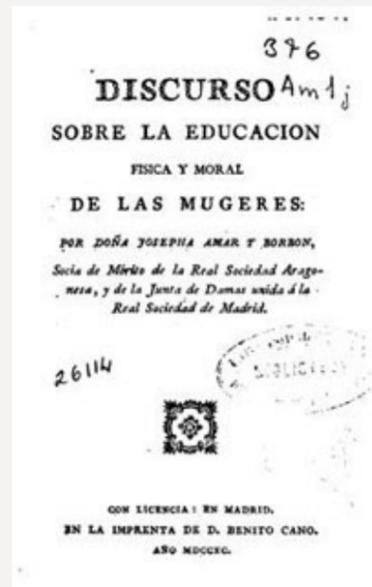


Imagem 11  
Capa do *Discurso sobre la educación física y moral de las mugeres*.

«Sobre la educación física y moral de las mujeres / Josefa Amar y Borbón» by Fondo Antigo de la Biblioteca de Humanidades, Uni is marked under CC PDM 1.0. To view the terms, visit <https://creativecommons.org/publicdomain/mark/1.0/>

Se a educação tinha se tornado um tema de debate público e uma questão política era porque todas as esperanças de progresso e bem-estar para o país foram depositadas nela. Os pensadores e pensadoras do Iluminismo espanhol desempenharam um papel importante nesta tarefa. De fato, os iluministas, influentes no reino, viram a necessidade de reformar os métodos e procedimentos de ensino. Por isso, apelaram à implementação de medidas concretas e projetos experimentais para ampliar os conhecimentos teóricos e práticos dos cidadãos, embora não fossem favoráveis a uma educação pública generalizada por parte do Estado. No entanto, durante o reinado de Carlos III, foi criada uma extensa rede de escolas municipais para crianças destinadas ao aprendizado de ofícios. A instrução das meninas pobres foi dedicada à oração e a algumas tarefas que lhes permitissem cooperar na economia de suas famílias. Por sua vez, as classes ricas educavam os filhos em casa com instrutores e professores que os capacitavam para atuar nos ambientes profissionais da época, ao mesmo tempo em que os informavam dos novos conhecimentos científicos, técnicos e culturais em geral.

Pelo que se viu, a educação das mulheres na época deixava muito a desejar, e mesmo aquelas mulheres que mostravam interesse intelectual eram ridicularizadas como “bachilleras” (raparigas de liceu) como um insulto. Tendo em conta este ambiente hostil, é muito mais valiosa a ação de pequenos grupos de mulheres, pertencentes a setores da nobreza e da burguesia iluminista, que lutaram para dignificar a imagem das mulheres e torná-las socialmente valiosas. Seu trabalho foi realizado por meio de instituições ligadas principalmente às Sociedades Econômicas de Amigos do País, como a que foi realizada por Josefa Amar.

A autora de Saragoça, contudo, não se limitou a realizar atividades práticas, mas contribuiu com uma reflexão teórica sobre a educação feminina em sua obra mais ambiciosa: o *Discurso sobre la educación física y moral de las mujeres* (1790). Este livro é um exemplo claro dos pressupostos do Iluminismo espanhol: uma mistura de progressismo e conservadorismo que por vezes incorre em grandes contradições. Ao mesmo tempo, torna visível o papel de liderança que as mulheres começam a desempenhar na reforma da sociedade, tanto por meio de seu papel na esfera doméstica — uma vez que são elas as que irão educar seus filhos nos novos valores e práticas sociais — quanto mediante a sua inclusão na “República das Letras”.

A primeira parte do livro, dedicada à “educação física”, é um conjunto de normas higienistas, muito alinhadas com as novas perspectivas médicas, nas quais incluem conselhos sobre cuidados corporais e higiene em casa e com a família. Josefa Amar tinha experimentado em sua própria casa a importância destes cuidados para prevenir doenças, epidemias e promover a saúde em consonância com os novos estilos de vida preconizados pela burguesia em ascensão.

A segunda parte — muito mais extensa — é dedicada à educação moral, a qual aborda uma grande variedade de assuntos que vão desde as “tarefas femininas” ao estudo das letras, dos vícios e paixões das mulheres aos preceitos matrimoniais, naquela mistura entre modernidade e conservadorismo que já comentamos.

Assim, postulou uma educação para as mulheres — da classe educada e dos setores burgueses, claro — que, embora estivesse orientada para as tornar boas mães e esposas, queria também desenvolver as capacidades intelectuais a fim de

aumentar seu próprio valor e autorreconhecimento. A educação das mulheres deveria torná-las úteis para a sociedade, mas também felizes. No entanto, segundo Amar, a felicidade e a realização pessoal das mulheres não poderiam ocorrer apenas por serem boas mães e esposas, mas, acima de tudo, por serem capazes de cultivar a compreensão e desfrutar do conhecimento. Cuidar da compreensão ajudará as mulheres a superar as decepções da vida, a entender melhor a expiração dos bens naturais e a obter uma forma de sabedoria que tornará sua vida como mulher mais suportável e, portanto, alcançar sua felicidade. É assim que nossa autora entende a felicidade feminina em seu *Discurso*:

“A educação tem sido sempre considerada, com razão, como a questão mais grave e mais importante. A felicidade pública e privada depende disso: porque se for possível ordenar os indivíduos de tal forma que todos sejam prudentes, educados, sábios e moderados; se cada família for organizada, unida e econômica, isso resultaria necessariamente no bem geral do Estado; o que consiste na congregação mais ou menos numerosa de indivíduos e famílias. Assim, quanto melhor for a educação, maior será o número de pessoas felizes e maiores serão as vantagens dessa república”<sup>11</sup>.

A educação moral das mulheres implicava saber comportar-se na sociedade, gerir os assuntos da casa com inteligência e prudência, man-

<sup>11</sup> Amar y Borbón, J. (1790). Ob. cit., p. 3.



ter as relações familiares num equilíbrio entre o respeito e a amizade, ser, enfim, boas profissionais em casa; e fugir de qualquer tipo de sentimentalismo. Nossa “iluminista” não gostava muito da literatura “feminina”, onde as emoções e o sentimentalismo eram exaltados. Para ela, o sentimento é importante porque mostra a intimidade do sujeito humano, mas deve ser controlado pelo intelecto, pois, se não for, pode dominar-nos e conduzir-nos a situações extremamente estereis, tanto na esfera social quanto na esfera privada. Não está muito claro em seu discurso se ela acredita que existem paixões naturalmente femininas, que são as que devem ser dominadas com maior determinação, ou se estas paixões prejudiciais são aprendidas na educação.

Este tipo de formação, entretanto, não é incompatível com a formação intelectual, com conhe-

cimentos elementares de literacia, gramática, aritmética, história, geografia e ciências básicas, bem como de línguas modernas e latim. Proclama também que qualquer menina que demonstre interesse e capacidade para os estudos não deve ter seu desejo de saber restringido por causa de seu sexo. Obviamente, este não era o objetivo fundamental da educação feminina, pois neste sentido, o Iluminismo espanhol em geral e Josefa Amar em particular apresentam um forte conservadorismo.

Não sabemos se este tradicionalismo se deve à convicção ou às exigências do momento, como já dissemos em outras ocasiões. No entanto, é também necessário salientar o esforço destas mulheres iluministas para conquistar gradualmente áreas do espaço público que até então lhes tinham sido proibidas, com exceção de algumas mulheres notórias e únicas.

## 5 . BIBLIOGRAFIA

Amar y Borbón, Josefa (1790). *Discurso sobre la educación física y moral de las mugeres*. Madri, Espanha: Imprenta de D. Benito Cano. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 em: <https://archive.org/details/discursosobrelae00amaruoft/mode/2up>

Amar y Borbón, Josefa. *Discurso en defensa del talento de las mugeres, y de su aptitud para el gobierno, y otros cargos en que se emplean los hombres* em López-Cordón Cortezo, M. V. (2005). *Condición femenina y razón ilustrada: Josefa Amar y Borbón*. Saragoça, Espanha: Prensas Universitarias de Zaragoza.

Bolufer Peruga, Mónica (2008). “Mujeres e Ilustración: una perspectiva europea” em *Cuadernos de Historia Moderna. Anejos* 2007, VI, 181-201. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/article/view/CHMO0707220181A>

Bolufer Peruga, Mónica (1998). *Mujeres e Ilustración: la construcción de la feminidad en la Ilustración española*. Valência, Espanha: Institució Alfons el Magnànim-Centre Valencià d'Estudis i d'Investigació.

Capel Martínez, Rosa María (2007). “Mujer y educación en el Antiguo Régimen” em *Historia de la Educación*. Salamanca, Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://revistas.usal.es/index.php/0212-0267/article/view/741>

Huguet Santos, Monserrat (1989). “La mujer española del siglo XVIII en la obra de Josefa Amar” em BILE (Boletín de la Institución Libre de Enseñanza), núm. 7, pp. 43-57. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 em: <https://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/12958>

Joyes y Blake, Inés (1798). “Apología da mulher”. Prólogo de *Rasselas, Príncipe de Abisinia* [Tradução do inglês] Madri: Imprenta de Sancha. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000111577>

López-Cordón Cortezo, María Victoria (2005). *Condición femenina y razón ilustrada. Josefa Amar y Borbón*. Saragoça, Espanha: Prensas Universitarias de Zaragoza.

Martín Gaité, Carmen (1972). *Usos amorosos del dieciocho en España*. Barcelona, Espanha: Lumen.

Royo García, Juan Ramón (2010). “Los orígenes familiares de Josefa Amar y Borbón”, em Egido, A. y Laplana, J. *La luz de la razón. Literatura y Cultura del siglo XVIII*. Saragoça, Espanha: Instituto Fernando El Católico. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 em: <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/30/24/16royo.pdf>

Viñao, Antonio (2003). “La educación en la obra de Josefa Amar y Borbón” em *Sarmiento Anuario galego de historia da educación*, núm. 7, pp. 35-60. A Corunha, Espanha: Universidade da Coruña. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 em: <http://hdl.handle.net/2183/7770>

## 6 . G U I A D E L E I T U R A E A T I V I D A D E S

Podemos utilizar estas atividades e o Guia de Leitura para realizar um trabalho aplicando a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que pode ser feito em uma única disciplina ou de uma forma interdisciplinar. O questionário geral sobre a biografia lida que aparece nesta seção poderia também ser utilizado como um guia de leitura ou de comentários. Este questionário destaca os pontos sobre os quais os estudantes devem prestar mais atenção e desenvolver sua capacidade de pesquisa.

Como complemento a este texto, seria aconselhável ler e comentar o referido livro de Alejo Carpentier, *O Século das Luzes*, principalmente para entender também o papel das mulheres nesta época, pois uma das protagonistas é a jovem Sofia.

O seguinte questionário é proposto como um **guia de leitura**, que pode ser entregue individualmente ao professor ou professora para a sua avaliação:

1. Obtenha informações sobre o significado da entrada dos Bourbons na Espanha no século XVIII no âmbito político, econômico e social.

2. Como foi o despotismo esclarecido de Carlos III e qual foi o papel dos grupos sociais intermediários, tais como os do entorno de Josefa Amar?
3. Pesquise sobre o Iluminismo na França e na Inglaterra, analise suas diferenças e semelhanças e a influência de seus pensadores sobre a Revolução Francesa. Compare-o com o Iluminismo na Espanha.
4. Entre no website da Sociedade Econômica de Amigos do País e escreva um relatório sobre suas origens, a difusão na Espanha e na América Latina e suas principais atividades. Isso pode ser feito como um relatório de atividades.
5. A Duquesa de Osuna e a Duquesa de Alba foram muito influentes em Madri do século XVIII; estude o papel que elas desempenharam na época. Visite de forma on-line os palácios de El Capricho e de Liria para explicar suas características.
6. Que impacto teve a invasão napoleônica nos grupos progressistas e iluministas espanhóis? Enfatize o ambiente de Josefa Amar.
7. Pesquise sobre o desenvolvimento do Iluminismo na América Latina e observe o papel que desempenhou no processo de descolonização. A atividade pode ser concentrada no país dos(as) alunos(as).
8. No período da Revolução Francesa, surgiram as primeiras feministas. Analise o papel das mulheres nela, especialmente o de Olympe de Gouges.
9. Explique as teorias feministas da inglesa Mary Wollstonecraft comparando-as com as de Josefa Amar. Leve em consideração o contexto histórico e a origem social de ambas.

10. Como foram os primeiros movimentos feministas do final do século XIX e início do século XX?

Para trabalhar com uma metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), propomos um projeto intitulado **O que significa ser mulher? A ideia de feminilidade na história atual** cujo produto final será a realização de um **Documentário sobre a história do feminismo desde o Iluminismo até os dias de hoje**. Pode ser um projeto interdisciplinar ou para uma única disciplina e utilizado para a comemoração do dia 8 de março no centro educacional.

Caso não se disponham dos recursos informáticos necessários, o projeto poderá ser realizado manualmente, por escrito e sob a forma de uma exposição.

### Os objetivos a serem alcançados com o projeto são os seguintes:

1. Compreender o significado que os movimentos culturais como o Iluminismo têm para a mudança e a melhoria das sociedades.
2. Refletir sobre os limites impostos pelos fatores de condicionamento social para o desenvolvimento dos direitos e liberdades e como lidar com eles de uma forma realista.
3. Analisar o papel das mulheres iluministas e de Josefa Amar na conscientização sobre o lugar subalterno que as mulheres ocupavam na sociedade para iniciar sua liberação.
4. Desenvolver a capacidade de pesquisa autônoma, de reflexão crítica e de utilização

das ferramentas informáticas para a elaboração de materiais.

5. Promover a criatividade na organização e no trabalho cooperativo.

### As fases da realização do projeto são as seguintes:

#### Fase 1. Ponto de partida

Para motivar os(as) alunos(as) sobre o assunto, poderia ser feito um debate sobre a visão que se tem tido na história dos últimos séculos sobre as mulheres. Algumas das perguntas podem ser: Você acredita que a vida de sua mãe e suas parentes mudou em comparação com o que era vivido no século XVIII? Você sabe alguma coisa sobre como a igualdade das mulheres foi construída? Você acredita que não é mais necessário continuar a defender a igualdade porque as mulheres já alcançaram todos os direitos? Por que existe o dia 8 de março, o que aconteceu nesse dia?

#### Fase 2. Formação de equipes de trabalho

Serão constituídas equipes de quatro ou cinco pessoas, escolhidas pelos(as) alunos(as) e pelo professor ou professora, com diferentes níveis de competência e de habilidade para abordarem as diferentes tarefas inerentes à elaboração de um documentário. Poderão ser consultados os tutoriais na internet para ver como fazer um documentário. E, acima de tudo, os professores e professoras de tecnologias de informação devem ser consultados para a realização do documentário. As equipes assumirão as seguintes tarefas:

**Equipe 1.** As origens da consciência de ser mulher. O Iluminismo. Pesquisa e produção de material audiovisual. Para esta seção, as perguntas de 1 a 4 do Guia de Leitura são interessantes, e o estudo deste livro, especialmente as seções 2, 3 e 4.

**Equipe 2.** As pioneiras europeias do feminismo do século XVIII: Olympe de Guoges e Mary Wollstonecraft. Pesquisa e produção de material audiovisual. As perguntas 3, 5, 7 e 8 do Guia de Leitura são interessantes para esta seção.

**Equipe 3.** A igualdade entre homens e mulheres de acordo com Josefa Amar. Pesquisa e produção de material audiovisual. Para esta seção, são interessantes as perguntas 5, 6 e 8 do Guia de Leitura e o estudo deste livro, com ênfase nos pontos 5 e 6.

**Equipe 4.** Os movimentos feministas nos séculos XIX e XX. Pesquisa e produção de material audiovisual. Para esta seção, centre-se mais na pergunta 9 e na análise deste livro, especialmente nos pontos 5 e 6 e na busca de informação on-line.

**Equipe 5.** Montagem e forma final da peça audiovisual. Você deverá conhecer bem todo o texto deste livro para fazer um trabalho coerente e claro.

Uma vez formados os grupos, cada um indicará um porta-voz para as reuniões e coordenação com os demais grupos.

---

### Fase 3. Definição do produto final

O produto final será o Documentário sobre *O que significa ser mulher? A ideia de feminilida-*

*de na história atual*, no qual serão vistos os trabalhos elaborados por cada uma das equipes devidamente estruturados a fim de produzir um resultado coerente e adequado de dificuldade ao grau de conhecimento tecnológico dos(as) alunos(as). A perfeição tecnológica não é necessária, mas sim a criatividade e o esforço para gerar um produto conjunto. Este documentário poderia ser carregado no website da escola, nas salas de aula virtuais das disciplinas que participaram, ou ainda ser projetado em algum espaço do centro educacional durante as celebrações do dia 8 de março, ou sempre que for considerado oportuno. O trabalho poderia até mesmo ser aprimorado de maneira progressiva com as contribuições de alunos(as) de anos sucessivos.

---

### Fase 4. Planejamento do trabalho

As equipes devem definir a organização interna, a divisão do trabalho, as pessoas responsáveis, os porta-vozes e o cronograma de atividades.

A atividade deve ser iniciada com um primeiro momento de preparação do material de cada grupo no qual será feita a pesquisa sobre o que será trabalhado. A Equipe 5 de Montagem utilizará este tempo para estudar a produção audiovisual do produto e o conhecimento da autora e de seu contexto.

Posteriormente, haverá um acordo entre todos os grupos para elaborar o roteiro do **documentário** e as diferentes formas de apresentação dos trabalhos em que todas as ferramentas tecnológicas disponíveis na internet podem ser utilizadas e que os(as) alunos(as) saibam utilizar.

Finalmente, o material audiovisual será elaborado pelos grupos. Aqui é muito importante que eles tenham clareza sobre as ideias que querem desenvolver para que o documentário seja articulado, com informações organizadas e compreensíveis.

---

### Fase 5. Pesquisa

Esta atividade está implícita na fase anterior, mas aqui enfatizamos que por se tratar de um trabalho em grupo para um produto final único, todos o corpo discente deve conhecer os temas abordados neste livro e a evolução dos movimentos em prol da libertação das mulheres nos séculos posteriores. Para tal, todos devem ler o livro e orientar-se com as perguntas que aparecem no Guia de Leitura. Isso também implica a busca de informações na internet sobre tópicos que não aparecem explicitamente no livro.

---

### Fase 6. Avaliação do trabalho

De equipes e individual. Após a produção final do documentário, o professor ou professora avaliará o trabalho individual e em grupo para o qual elaborará uma rubrica. Este documento será apresentado aos(as) alunos(as) no início para que eles saibam o que será levado em consideração na avaliação.

---

### Fase 7. Autoavaliação

Pelos(as) alunos(as) do projeto tendo em conta: os objetivos alcançados, a metodologia uti-

lizada, a participação dos grupos, o funcionamento da cooperação. Para tal, o professor ou professora proporá uma rubrica sobre ela.

### As competências a serem trabalhadas no projeto são:

1. Competência em comunicação linguística.
2. Competência digital.
3. Aprender a aprender.
4. Capacidade empreendedora.
5. Conscientização cultural e artística.
6. Competência social e cívica.



# Gabriela Mistral

do Vale de  
Coquimbo à  
primeira mulher  
ibero-americana  
Prêmio Nobel de  
Literatura

*Ana María Cepeda Gómez*

## ÍNDICE

Introdução

Cronologia

### 1. Contexto histórico. Da Independência à consolidação da República

- 1.1. Chile, uma geografia excêntrica e uma história coesa
- 1.2. A Independência do Chile
- 1.3. Fases da Independência
- 1.4. A importância da educação na Nova República
- 1.5. Prosperidade e Guerra do Pacífico

### 2. De Lucila Godoy a Gabriela Mistral, uma vida fecunda sem descanso

- 2.1. Chile. Formação e primeiras obras (1889-1922): Da Ternura de sua infância no Vale de Elqui aos Sonetos da morte
- 2.2. Do México à Europa, passando pelos Estados Unidos (1922-1938). *O Lagar de uma vida pública plena e fecunda*
- 2.3. Seus últimos anos (1938-1957) *Dos triunfos do Prêmio Nobel à Desolação de Yín*

### 3. As contemporâneas de Mistral. Um mundo em estado de mudança

### 4. Verso e prosa da primeira mulher ibero-americana Prêmio Nobel de Literatura

### 5. Bibliografia

### 6. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

A figura da chilena Lucila Godoy, mais conhecida pelo pseudônimo de Gabriela Mistral, sempre foi uma referência tanto por sua obra literária quanto por sua personalidade e vida. Professora e pedagoga, poeta eminente, jornalista, viajante incansável na luta pela defesa das crianças e dos mais fracos, venerada pelos americanos em geral e pelos chilenos em particular, conhecida e respeitada em todo o mundo intelectual. Nos anos 60 do século passado, após sua morte em 1957, sua obra poética e seu trabalho incansável em toda a América e Europa em favor dos direitos humanos e da educação tinham alcançado uma fama não muito frequente e pouco comum para um poeta.

Nesses quarenta anos finais do século XX, a abundância bibliográfica sobre sua produção foi enorme. Seu Prêmio Nobel de 1952, o primeiro concedido a uma escritora ibero-americana, foi entendido como um reconhecimento a toda a literatura do continente e como uma prova da importante literatura escrita por mulheres. Homenagens de todos os tipos também se seguiram: museus, seu nome a uma colina em Monte Grande, no Chile, astrônomos que nomearam uma estrela de “Gabriela Mistral”, cédulas chilenas com sua efígie. Posteriormente, poetas como seu conterrâneo Neruda ganharam maior destaque, ressaltando que a lírica mistraliana era excessivamente tradicional em sua forma e

conteúdo, esquecendo que Neruda foi um aluno de Gabriela, no verdadeiro sentido da palavra. Talvez as correntes literárias estivessem se movendo em outra direção. Porém, em 2007 o arquivo documental muito importante do *Legado Atkinson* veio à tona, uma enorme produção em verso e prosa, e mais uma vez os estudos e análises se multiplicaram. Agora, contudo, estavam focados não apenas em sua obra, mas também em sua vida e personalidade: aspectos biográficos, relações intelectuais com figuras importantes do século XX, seu papel na reforma educacional do México, seu americanismo e indigenismo e sua relação com os movimentos feministas da época.

Gabriela Mistral foi, acima de tudo, uma grande escritora, em verso e prosa, e uma notável pedagoga. Mas, ao lado disso, está o ícone cultural no qual se tornou e com o qual podemos aprender muitas coisas hoje: um ser humano capaz de desenvolver um trabalho notável e incansável em prol dos direitos humanos e uma esplêndida obra literária. Esta nota biográfica que agora é esboçada tem esta pretensão: que os jovens conheçam essa obra e esse trabalho, que não seja, como muitas vezes foi mencionado, apenas um nome a ser repetido sem a leitura de seu conteúdo. Se estas páginas levarem as novas gerações a ler *Desolação* ou *Tala*, o esforço terá valido a pena. E ainda mais, se compreenderem o esforço de uma pessoa que soube erguer-se da humilde e difícil infância de Lucila Godoy para se tornar Gabriela Mistral, uma figura que discursava para o mundo na sede das Nações Unidas, em circunstâncias e numa época nem sempre fácil, mas que ela soube superar.

# CRONOLOGIA

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1889-1899

1889

(7 de abril) Nascimento em Vicuña

1891

Seu pai abandona a família

A sua irmã Emelina, professora, sustenta a família em vários lugares: Monte Grande, Vicuña, La Serena, El Molle, Coquimbo...

A torre Eiffel é inaugurada  
Jogos Olímpicos da Era Moderna  
República do Brasil  
Guerra Civil Chilena de 1891  
Independência de Cuba, Porto Rico e das Filipinas "Tratado de Limites" entre Argentina e Chile  
Caso Dreyfus  
O voto das mulheres é concedido na Austrália  
Telegrafia sem fios  
 Raios X  
Os Curies: rádio e polônio  
Max Planck: Física quântica  
Freud: *A interpretação dos sonhos*

### 1900-1910

Trabalha como auxiliar de professora

Primeiras publicações em *La voz de Elqui* e *El Coquimbo*

Relação epistolar com Alfredo Videla

Relação com Romelio Ureta e seu suicídio (1909)

Exames livres na Escola Normal de Santiago: diploma de professora

1908

Primeiro poema assinado como Gabriela Mistral

Primeira entrega do Prêmio Nobel em 1901  
O voto das mulheres é concedido na Noruega  
Cuba torna-se independente dos Estados Unidos.  
República de Portugal  
Revolução Russa  
Tratado de Paz e Amizade entre o Chile e a Bolívia  
Ferrovia Transandina Los Andes-Mendoza  
Fundação da União Pan-Americana (futura OEA)  
Marconi: Primeira transmissão entre Cornualha e Terra Nova  
Prêmios Nobel a Marie e Pierre Curie e a Marconi  
Teoria da relatividade especial de Einstein  
*Canções de vida e esperança* por Rubén Darío  
Primeira gravação em um fonógrafo  
Prêmio Nobel de Literatura: Frédéric Mistral (1904)

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1911-1922

Seu pai morre

Professora em Barrancas, Traiguén, Antofagasta e Los Andes (aqui ela conhece Laura Rodig)

1913

Rubén Darío publica um poema seu em Paris

1914

Primeiro prêmio, Jogos Florais de Santiago para *Sonetos da morte*

1920

Professora em Punta Arenas e Temuco: lá, em 1920, conhece Pablo Neruda

1921

Primeira diretora do Liceu nº 6 em Santiago

1922

Publicação de *Desolação*

Primeira Guerra Mundial (1914-1918)  
Revolução Mexicana  
Revolução Russa de 1917  
Chegada ao poder de Mussolini  
Independência da Irlanda e Finlândia  
República Popular da China  
Abertura do Canal do Panamá para o tráfego  
Pandemia: gripe del 18  
Fundação da Liga das Nações e da Organização Internacional do Trabalho  
Voto feminino em Luxemburgo, Suécia e Holanda  
Gandhi, desobediência civil  
S. Pankhurst e E. Davidson, movimento sufragista  
Amundsen: Pólo Sul  
Rutherford e Niels Bohr: átomo  
Prêmios Nobel de Física: Max Planck e Einstein  
Descoberta da insulina

### 1922-1938

1922-24  
As viagens começam: México, EUA, Itália, Suíça, França e Espanha

1924

*Ternura*  
Viagem pela América do Sul  
Paris: Sociedade das Nações, Instituto Internacional de Cooperação Intelectual

1928

Adoção de Yin Yin  
Mais viagens pela Europa e América

1929

Morte de sua mãe

1932

Primeiro doutorado *honoris causa* na Guatemala e início do trabalho como cônsul: Madri, Porto, Lisboa e Nice

1937-1938

Viagens pela América  
Conferência em Montevideu das "Três Musas da América"  
Publicação de *Tala*

União Soviética  
República da Turquia  
Imperialismo japonês  
Ditaduras europeias (Salazar, Primo de Rivera, Mussolini)  
Ascensão de Hitler ao poder  
Guerra Civil Espanhola  
*Quinta-feira negra*, Crash de 1929 e Grande Depressão  
Os Loucos Anos 20 na arte  
Nascimento da televisão  
Ch. Lindbergh: primeiro voo sem escalas sobre o Atlântico  
Descoberta da penicilina  
Primeiro filme sonoro: *O cantor de jazz*

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1939-1957

<p>Viagens (Peru, Cuba)</p> <p><b>1941</b> Cônsul em Petrópolis (Brasil)</p> <p><b>1943</b> (14 de agosto) Morte de Yin Yin</p> <p><b>1945</b> (15 de novembro) Recebe o telegrama do Nobel e no dia 18 embarca para Estocolmo</p> <p><b>1945</b> (10 de dezembro) Prêmio Nobel de Literatura Estadia na Europa (Suécia, Roma, Paris e Londres)</p> <p>Cônsul na Califórnia e no México. Vários doutorados <i>honoris causa</i>, Legião de Honra, Prêmio Nacional de Literatura do Chile</p> <p><b>1947</b> Morte de sua irmã Emelina</p> <p><b>1954</b> (9 de setembro) Terceira e última viagem ao Chile (anteriores: 1925 e 1938) Nova Iorque, última missão consular</p> <p><b>1955</b> Nas Nações Unidas, participa da Comissão sobre a Situação Jurídica e Social da Mulher e do aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos</p> <p><b>1957</b> (5 de janeiro) Internada no Hospital Hempstead de Long Island</p> <p>(16 de janeiro) Morre (câncer de pâncreas)</p> <p>(19 de janeiro) Os seus restos mortais chegam ao Chile</p> <p>(22 de janeiro) Exéquias, funerais de Estado e sepultura em Santiago</p> <p><b>1960</b> (23 de março) Os seus restos mortais são transferidos de Santiago para a sua cidade de Monte Grande</p>	<p>Começa a Segunda Guerra Mundial (1939)</p> <p>Fim da Guerra Civil Espanhola (começa a ditadura de Franco)</p> <p>Assassinato de Trotsky</p> <p>Bombardeio de Pearl Harbor: EUA entram na guerra</p> <p>Morte de Roosevelt, substituído por Truman</p> <p>Execução de Mussolini</p> <p>Suicídio de Hitler</p> <p>Bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki</p> <p>Alemanha e Japão se rendem (1945)</p> <p>Conferência de Potsdam</p> <p>Julgamentos de Nuremberg</p> <p>Plano Marshall para a Europa</p> <p>Carta da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas</p> <p>Tratado do Atlântico Norte</p> <p>Tribunal Europeu dos Direitos Humanos</p> <p>Início da Guerra Fria (URSS-EUA)</p> <p>Independência e partição da Índia/Paquistão</p> <p>Divisão da Coreia</p> <p>Divisão da Alemanha</p> <p>Guerra da Coreia</p> <p>Criação do Estado de Israel</p> <p>Bloqueio de Berlim</p> <p>Assassinato de Gandhi</p> <p>Revolução Húngara</p> <p>Crise de Suez</p> <p>Isabel II rainha da Inglaterra</p> <p>Morte de Albert Einstein</p> <p>Descoberta do plutônio</p> <p>Invenção do transistor, do micro-ondas e do radar</p>
---	---

Fonte: Elaboração própria.

## 1. CONTEXTO HISTÓRICO

### DA INDEPENDÊNCIA À CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA

#### 1.1. Chile, uma geografia excêntrica e uma história coesa

Gabriela Mistral veio ao mundo em 1889, num país jovem, uma vez que apenas 71 anos tinham passado desde a independência da nação em 1818<sup>1</sup>. Uma geografia que se estende por 4.200 quilômetros — com não mais do que 500 quilômetros de largura — desde o Atacama até a Patagônia. Esse nascimento como país independente também ocorre num pequeno espaço onde justamente nasceu Gabriela, entre Coquimbo e Concepción, com seu núcleo em Santiago. Três séculos tinham passado desde aquele 1º de novembro de 1520, quando Magalhães

chegou ao que conhecemos hoje como o Chile (a descoberta do atual Estreito de Magalhães, a comunicação entre o Pacífico e o Atlântico) até o início do processo de emancipação. Além disso, embora muito brevemente, podemos abordar a origem e o significado último dessa etimologia, o **Chile**, com as diferentes e concorrentes, por belas teorias sobre sua origem; seja um termo Mapuche, Aymara ou Quechua, “chili” ou “chiri”, ou vindo de algum nome de um rio da região, estamos perante um termo indígena, como já apontado por Inca Garcilaso<sup>2</sup> no século XVI: “avisamos que, longe de nossa terra, entre o sul e o oeste, existe um grande reino chamado Chili [...] com o qual não temos qualquer comércio devido a uma grande cordilheira de montanhas nevadas que existe entre eles e nós”. Na época colonial era conhecido como o “Reino do Chile” e logo este termo adquiriu estatuto oficial na Nova República, pois em 3 de junho de 1818, O’Higgins publicou um decreto no qual estendeu o nome de “chilenos” a todos os nascidos no país, e não apenas aos crioulos brancos, como tinha acontecido nos tempos de dominação espanhola: “Depois da gloriosa proclamação de nossa independência [...] Partindo do princípio de que já não dependemos da Espanha, não devemos nos chamar espanhóis, mas sim chilenos [...] entendendo que em relação aos índios não se deve fazer qualquer diferença, mas sim chamar-nos chilenos”. Além disso, outro decreto de 1824 afirma que o nome da República deve ser Chile e não “Pátria”, como a nova nação tinha sido referida até então.

<sup>1</sup> Morales Padrón, Francisco (1986). *América Hispana. Las nuevas naciones*; Vicens Vives, Jaime (1969). *Historia General Moderna. Del Renacimiento a la crisis del siglo XX*, e Bethell, Leslie (1991). *Historia de América Latina. 5. La independencia*.

<sup>2</sup> Gómez Suárez de Figueroa (1539-1616), historiador peruano que posteriormente se estabeleceu na Espanha conhecido como o Inca Garcilaso de la Vega, em seus “Comentarios reales de los Incas” (1609).

## 1.2. Fases da Independência

A Independência tem lugar num amplo contexto, o período das revoluções, que começa na América do Norte (1776, Revolução das Treze Colônias ou a Independência dos Estados Unidos), continua na França (1789, Revolução Francesa) e acaba por moldar a independência da maioria das nações da América Central e do Sul entre 1808-1824. Mas, ao contrário do que aconteceu no Norte, nesta região a geografia e o clima, o perfil urbano dos crioulos e o individualismo, bem como as tentativas de integração dos povos indígenas tornaram impossível a ampla união nacional dos Estados Unidos; o antigo território colonial se fragmenta enormemente, destruindo assim o sonho de Bolívar e de sua Confederação Sul-Americana.

Desde que o Haiti se separou de sua metrópole, a França, em **1804**, as colônias — salvo raras exceções como Cuba e Porto Rico — alcançaram sua autonomia num período não muito longo: de 1810 a 1825. O Reino de Portugal e o Brasil, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a França logo reconhecerão as novas nações americanas e, em 1836, as cortes espanholas renunciarão a suas possessões americanas (com exceção de Cuba e Porto Rico). A difusão de ideias enciclopédicas e o exemplo do que aconteceu nas colônias norte-americanas foram o terreno fértil para outras áreas da América, uma vez que as minorias crioulas foram adquirindo gradualmente uma consciência revolucionária à medida que se sentiam longe do poder. Os acontecimentos de maio de 1808 na metrópole, a abdicação em Baiona dos reis espanhóis perante Napoleão e a nomeação de seu irmão José Bonaparte como Rei da Espanha e das Índias deram origem ao “Movimento Juntista”: começaram a se estabelecer as Juntas de Go-

verno na Espanha e na América que, pelo menos inicialmente, proclamaram-se defensores da ordem estabelecida e do governo em nome de Fernando VII. A primeira Junta Americana foi constituída na Prefeitura do México em 1808, e apenas dois anos mais tarde, em 18 de setembro de 1810, foi constituída a primeira Junta Nacional do Governo do Chile.

## 1.3. Fases da Independência

Os crioulos chilenos que foram os protagonistas desses primeiros esforços de independência eram uma minoria branca, descendente dos conquistadores dos séculos XVI e XVII e dos comerciantes bascos que chegaram no século XVIII (como veremos adiante, a própria escritora gabava-se de sua dupla origem: indígena do lado de seu pai e de ascendência basca do lado de sua mãe). Uma sociedade agrária conservadora, de latifundiários e aristocratas que, ao contrário do que aconteceu noutras partes da América, não contaram com os indígenas no processo de independência: “Eles fizeram a revolução e decidiram o destino do país [...] A Colônia foi prolongada na República. As mesmas mãos continuaram a operar a mesma máquina, mas melhorada”. “Os índios não participaram do movimento de independência, cujo significado mal compreendiam, exceto de uma forma muito relativa”, contam Morales Padrón e Vicens Vives. É verdade que durante a independência chilena, com exceção da figura de Bernardo O’Higgins, não houve o caudilhismo que outros países vizinhos sofreram frequentemente. Em muitos outros aspectos, claro, o processo de libertação tinha algumas características em comum com essas nações irmãs: crises de autoridade, guerras civis entre “realistas” (defensores da legalidade espanhola) e “patriotas” (partidários da independência), várias

constituições etc. Como em muitos outros lugares — México, Caracas, Quito e Buenos Aires —, o processo revolucionário é um fenômeno das grandes cidades, e o Chile não foi exceção, uma vez que a independência se articula em torno de Santiago. As tensões territoriais deram origem ao longo do século XIX a múltiplos confrontos e guerras. Há três fases principais que são indicadas na historiografia chilena para este período. A primeira, conhecida como a **Pátria Velha** (1810-1814), na qual nasceram as Juntas e foram propostas reformas, mas se respeitou a soberania espanhola. A da **Reconquista Espanhola** (1814-1817), com as guerras entre monarquistas e patriotas, que terminou com a batalha de Chacabuco em 1817, na qual os primeiros foram derrotados. E o período conhecido como a **Pátria Nova** (1817-1823), no qual Bernardo O’Higgins foi nomeado diretor supremo: em **12 de fevereiro de 1818**, na cidade de Talca, proclama a independência. A vitória definitiva acontecerá perto de Santiago, na batalha de Maipú, que foi novamente liderada por San Martín e O’Higgins.

## 1.4. A importância da educação na Nova República

Desde 1823, com a renúncia de O’Higgins, ocorre um período difícil de anarquia que dará lugar a uma fase de consolidação da **República** a partir de 1831 com a Constituição de 1833 e uma série de presidentes expressivos numa época de desenvolvimento econômico que tem sua correspondência no chamado “movimento intelectual de 1842”. Nele paramos — ainda que brevemente — para falar de um aspecto importante quando lidamos com uma personalidade como Gabriela Mistral: referimo-nos ao processo de educação e, especialmente, do ensino primário ou fundamental, que foi não somente a

primeira profissão de nossa Gabriela, mas uma das preocupações básicas ao longo de sua vida. Desde o início, os processos de independência estavam ligados à necessidade de promover a educação pública como forma de integrar e unir todos os habitantes da nova nação, bem como uma crescente secularização da educação: “A escola, com seu projeto social e moral universal, ocupava uma posição eminentemente simbólica: dedicou-se a desempenhar o papel de fator de unificação moral e de centro de irradiação da consciência nacional”<sup>3</sup>. Na nova nação chilena, quando a Lei da Instrução Primária de 1813 foi decretada, havia apenas um milhão de habitantes, com um percentual muito elevado de analfabetismo (estimado em cerca de 90%). Mas a lei já dizia que cada município com mais de 50 habitantes deveria ter uma escola de primeiras letras custeada pelo município. As escolas mistas eram proibidas, mas também devia haver “instalações escolares” para as meninas aprenderem a ler, a escrever e os “costumes e exercícios análogos ao seu sexo”. Na mesma data, 1813, foi também criado um Instituto Nacional de Educação<sup>4</sup>. Os esforços da Nova República não cessaram neste campo educacional, como ficou demonstrado nos anos sucessivos com a criação da Universidade do Chile em 1842 ou a participação nesse processo reformador e pedagógico de figuras como Andrés Bello e Domingo Faustino Sarmiento e a criação da primeira Escola Normal (uma escola em que se realizavam os estudos e as práticas para obter o título de professor do ensino primário) em toda a

<sup>3</sup> Ossenbach Sauter, Gabriela (1993). “Estado y Educación en América latina a partir de su independencia” na *Revista Iberoamericana de Educación*, núm. 1, janeiro-abril 1993. OEI.

<sup>4</sup> Ver: <https://www.senado.cl/la-educacion-en-el-siglo-xix-a-traves-de-las-leyes-emblematicas/senado/2014-12-02/162845.html> (consultado em dezembro de 2020).

Imagem 1  
Casa-escola de Monte Grande onde Lucila Godoy (Gabriela Mistral) viveu quando criança, com a sua mãe e irmã.



"Gabriela Mistral HOUSE" by Envidiables is licensed with CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/>

região. Em 1860, a nova Lei da Instrução Pública instituiu o ensino primário gratuito, mas permitiu a criação de escolas privadas sustentadas por fundações filantrópicas.

Esta lei de 1860 mencionava expressamente, pela primeira vez, o "direito à educação de homens e mulheres" e estabelecia que deveria haver uma escola para meninos e outra para meninas para cada dois mil habitantes. Enquanto no cadastro de 1853 havia apenas 280 escolas estaduais (de um total de 571), até 1860 foram criadas mais 491 e, entre 1860 e 1879, outras 273. Na década de 1870, começou o debate sobre a necessidade de as mulheres serem plenamente inseridas no sistema educacional, o que foi possível pela Lei Geral do Ensino Secundário e Superior em 1879, que permitiu o acesso das mulheres ao ensino superior. O ensino secundário para meninas adquiriu o estatuto de Estado em 1891. Em 1894, o Liceu de Meninas de Santiago começou a formar jovens que se preparavam para ingressar na universidade. Foram estabelecidos todos os tipos de escolas secundárias, conservatórios de música, escolas de artes e ofícios etc. Os esforços educacionais

chilenos durante o século XIX foram contínuos a partir do impulso inicial do próprio Bernardo O'Higgins. Ele tentou inclusive adotar e adaptar sistemas educacionais como o lancasteriano ou o concêntrico, que procuravam evitar o ensino mecanizado e que, além disso, devido à falta de professores, insistiam na aprendizagem circular entre os próprios alunos. Isso é visível nas taxas de alfabetização<sup>5</sup> ao longo da vida de Gabriela: na década de seu nascimento ainda havia 69% de analfabetismo; em 1900 era de 56%, e quando a professora chilena do Vale de Elqui morreu, tinha caído para 21%. De fato, o Chile é atualmente um dos países da região com as maiores taxas de alfabetização, conforme mostram relatórios de várias organizações<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Ponce de León, Macarena e outros: "¿Demanda social por educación? Estadística, sociedad y alfabetización a partir del Censo de la República de 1854" em *Pensamiento Educativo. Revista de Investigación Educativa Latinoamericana*, 47(2), pp. 303-316. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://pensamientoeducativo.uc.cl/index.php/pel/article/view/472>.

<sup>6</sup> Ver os dados do Instituto de Estatística da Unesco (<http://uis.unesco.org/>) o del Banco Mundial (<https://datos.bancomundial.org/indicador/SE.ADT.LITR.ZS>), por exemplo.

## 1.5. Prosperidade e Guerra do Pacífico

De 1861 até o final do século, a República do Chile (com suas diferentes nuances: liberal, parlamentar, presidencialista), ao lado de outras nações como o México e a Argentina, entrará num período de estabilidade, de importantes reformas constitucionais e de desenvolvimento econômico. Apesar da **Guerra do Pacífico** contra o Peru e a Bolívia (1879-1884) ou também em parte como resultado dela, o Chile vive um período de bonança econômica. A paz assinada em Valparaíso deixou a Bolívia sem saída para o mar, mas transformou o Chile numa potência marítima, aumentou seu território em um terço e tornou-se o maior exportador mundial de salitre. Os grandes recursos do país (cobre, prata, enxofre, guano, bórax...) favoreceram que durante a presidência de José Manuel Balmaceda (1886-1891), quando Gabriela nasceu, a água potável foi levada a muitas cidades e as linhas telegráficas, as escolas, as ferrovias e os portos foram ampliados. Contudo, a menina Gabriela tinha apenas dois anos de idade quando a Guerra Civil ou a **Revolução de 1891** eclodiu, resultado das tensões entre os partidários de Balmaceda e os defensores do Congresso Nacional, que saíram vitoriosos; Balmaceda renunciou (e cometeu suicídio pouco tempo depois). A guerra que surgiu do confronto entre os poderes Legislativo e Executivo resultou numa mudança substancial na história do Chile, dando lugar a um verdadeiro regime parlamentar que duraria até 1925, com a nova Constituição. De 1925 a 1973 (derrubada de Salvador Allende em 11 de setembro, início da ditadura), a república seguiu um curso presidencial.

Na década de 1920, Lucila Godoy já não era apenas uma professora chilena, mas a universal Gabriela Mistral: em 1922 começará sua jornada por terras americanas, primeiro pelo México e Estados Unidos e depois pela Europa, para continuar durante toda a sua vida. Ela só retornará a sua terra natal em raras e breves ocasiões. Os acontecimentos históricos que ela viverá são os do mundo ocidental da primeira metade do século XX, a difícil reconstrução da paz após a Primeira Grande Guerra, o nascimento de regimes totalitários e a Segunda Guerra Mundial. Receberá o Nobel em 1945, apenas alguns meses após o fim da guerra. Durante os poucos anos de vida que lhe restam desde então, continuará trabalhando e promovendo as novas instituições das Nações Unidas, os direitos das mulheres, a proteção das crianças e os direitos humanos.



*Na década de 1920, Lucila Godoy já não era apenas uma professora chilena, mas a universal Gabriela Mistral.*

## 2. DE LUCILA GODOY A GABRIELA MISTRAL

### UMA VIDA FECUNDA SEM DESCANSO

#### 2.1. Chile. Formação e primeiras obras (1889-1922): Da Ternura de sua infância no Vale de Elqui aos Sonetos da morte

Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, Lucila Godoy, que é seu verdadeiro nome, nasceu no município de Vicuña, a principal cidade do Vale de Elqui, na região de Coquimbo, em 7 de abril de 1889. O Vale de Elqui ou O Vale de Coquimbo foi uma das primeiras regiões colonizadas pelos espanhóis e Vicuña tinha sido fundada assim que começou a independência, em 1821, por ordem do próprio O'Higgins. O nascimento de Lucila teve lugar na casa dos avós maternos porque seus pais, Juan Jerónimo Godoy Villanueva, um professor de 29 anos, e Petronila Alcayaga Rojas, uma costureira de 42 anos, tinham se mudado para que o parto pudesse acontecer na cidade, saindo da aldeia pequena em que moravam, La Unión. Uma origem de que a escritora sempre falava,

que se referia com orgulho aos antepassados "índios", como ela se reconhecia a si própria (seu pai era descendente de diaguítas, nome que agrupa vários povos indígenas da Argentina e do Chile) e de bascos (a família materna). Talvez nessas origens fosse necessário procurar a relação com a terra que nossa protagonista sempre manteve até se tornar quase também uma "Pachamama", uma deusa protetora das crianças e dos oprimidos, especialmente dos camponeses. O culto da Pachamama, literalmente a deusa da mãe terra, protetora da fertilidade, foi fortemente mantido em muitas áreas indígenas do Equador, da Bolívia, do Peru, do norte da Argentina e do norte do Chile, por vezes misturado com o da Virgem Maria dos colonizadores, num belo e curioso sincretismo espiritual.



Imagem 2  
Gabriela Mistral quando era criança com a sua avó paterna, Isabel Villanueva. Museo de la Educación Gabriela Mistral de Santiago

Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

No entanto, a menina Lucila — e, sobretudo, a mulher Gabriela — nunca se sentiu realmente vicuñense, pois considerava que ter nascido ali foi pura coincidência. Para ela, a memória nostálgica permanente era a de Monte Grande, outra cidade menor no mesmo Vale de Elqui, onde viveu des-

de criança com a mãe e sua irmã, até os 11 anos, e à qual voltou 30 anos mais tarde, em 1938: "Eu nasci na cidade, mas cresci no campo. A aldeia de toda a minha infância chama-se Monte Grande [...] Cheguei lá quando tinha três anos e parti quando tinha onze". Sua mãe ficou viúva de seu primeiro marido, Rosendo Molina, com quem tinha tido uma filha, a meia-irmã de Lucila, Emelina Molina Alcayaga, 15 anos mais velha do que ela e que desempenha um papel decisivo em sua vida e estudos, já que o casamento de seus pais durou pouco. Jerónimo Godoy, natural de Atacama, tinha começado os estudos no seminário, sabia francês, compunha versos e trabalhava como professor, mas logo abandonou a recém-formada família em 1891, quando sua filha mal tinha completado três anos de idade. E foi sua mãe e, sobretudo, a irmã Emelina que apoiaram a futura vencedora do Prêmio Nobel estrutura e financeiramente. Embora seja verdade que não ocorriam atitudes de reprovação nem de espanto em relação a um comportamento masculino considerado bastante normal na época.

Em Monte Grande viveu com elas até 1900 aquela infância idílica de que sempre se lembrou, na casa-escola, já que a irmã Emelina, também professora rural, foi lá nomeada diretora. A partir desta data, e durante os 57 anos restantes de sua vida, a peregrinação de Gabriela começará por todos os caminhos: primeiro no Chile, depois no continente americano e, posteriormente, no velho continente europeu. É uma das características de sua biografia que sempre nos admiramos e nos maravilhamos, seu incessante trabalho andarilho que, no entanto, não diminuiu sua enorme tarefa como poeta, pedagoga, pensadora e jornalista. Em 1900, Lucila entrou na Escola de Meninas de Vicuña, a cerca de seis quilômetros de distância, para viver

um episódio triste e sombrio<sup>7</sup> de que se lembrou durante toda a sua vida porque foi expulsa da escola. Como resultado, nunca pôde frequentar a escola regularmente e teve de trabalhar como assistente de professora em vários povoados da região "como filha de gente pobre e pai ausente, [dou aulas] para crianças de cinco a dez anos de idade e para meninos mais velhos do que eu". Mas este é também o momento em que começa a apaixonar-se pelos livros graças à biblioteca de um fazendeiro da região: ela devora Montaigne e o poeta Mistral, cujo sobrenome mais tarde se tornaria seu, e escreve artigos para jornais locais que a impedem de entrar em outra escola, desta vez na Escola Normal de La Serena (devido às suas opiniões "naturalistas, relatos pagãos e indignos de uma mulher"). Isso ocasionou uma dor e um trauma que arrastaria pelo resto de sua vida, não podendo assim ter obtido um diploma oficial e sendo reprovada por alguns.

Durante estes anos, começou também a escrever para vários jornais da região, em verso e em prosa, quase sempre sob diferentes pseudônimos (Soledad, Alma, Alguém). Seu nome e três composições de prosa poética apareceram em uma antologia de poetas de Coquimbo em 1908. Além disso, em **23 de julho de 1908**, no jornal El Coquimbo, apareceu uma de suas poesias, "Del pasado", já assinada sob o pseudônimo que se tornaria sua marca registrada: **Gabriela Mistral**. O pseudônimo aludia a dois de seus poetas preferidos: o italiano **Gabriele D'Annunzio** (1863-1938), poeta, romancista, militar e político, representante do movimento decadentista; e o francês **Frédéric Mistral** (1830-1914), escritor em provençal, Prêmio Nobel de Literatura em 1904 (juntamente com o espanhol José de Echegaray) e

<sup>7</sup> Acusada de no devolver el dinero de unos cuadernos. Un dolor sordo que nunca olvidó.

promotor do renascimento das línguas vernáculas europeias, tais como o provençal ou o catalão na segunda metade do século XIX. Durante essa década (1900-1910), do ponto de vista pessoal, houve alguns aspectos que continuam a oscilar da verdade histórica para a lenda: por um lado, seu amor platônico e sua correspondência durante mais de um ano com um proprietário de terras, Alfredo Videla Pineda, vinte anos mais velho que aquela Lucila de apenas 15 anos de idade. E pouco tempo depois, um dos episódios míticos e sempre discutidos, sua relação em 1906 com um trabalhador ferroviário, Romelio Ureta. Ureta suicidou-se em 25 de novembro de 1909, quando não conseguiu devolver um dinheiro que tinha roubado da ferrovia, e parece que levava um cartão de Lucila no bolso. Quando, alguns anos mais tarde, os *Sonetos da morte* lançaram Gabriela Mistral à fama, era inevitável associar seus versos à morte de Romelio. O mito do destino trágico tinha nascido na vida de Gabriela Mistral.

Mas não vamos antecipar os acontecimentos porque ainda estamos em alguns anos importantes: em 1910 foi a Santiago do Chile para fazer alguns exames gratuitos na Escola Normal para que seu trabalho anterior pudesse ser convalidado com o título de professora primária. Em 1911, seu pai morreu em Copiapó, aos 52 anos de idade. Ela continuou seu trabalho como professora com o título já oficial em diferentes partes do Chile: Barrancas, Traiguén, Antofagasta, Los Andes.... É precisamente em Los Andes que devemos parar um pouco, pois a escritora permaneceu no bairro de Coquimbito desta cidade de 1912 a 1918, onde deve ter escrito seus famosos *Sonetos da morte* e uma grande parte do que mais tarde se tornou seu primeiro livro, *Desolação*. Além disso, como se isso não bastasse, em Los Andes, no liceu onde foi diretora, Lucila-Gabriela conheceu uma das

pessoas mais importantes de sua vida, a professora de desenho Laura Rodig, uma escultora e pintora, que a acompanharia em sua importante viagem ao México e que nos deixou algumas imagens de sua amiga. Gabriela Mistral começa a definir um nome poético que transcende os vales e os picos chilenos porque, em 1913, ninguém menos que seu adorado e sempre admirado Rubén Darío, em Paris, na revista *Elegancias* que dirige, publicou o primeiro poema de Gabriela no estrangeiro, *O anjo da guarda*: “É verdade, não é um conto; / há um Anjo da Guarda / que te apanha e te leva como o vento / e com as crianças vai por donde elas vão...”. Se em 1913 era Rubén quem publicava seus versos, em 1914, o nome de Gabriela Mistral já se tornaria uma referência literária importante, quando seus *Sonetos da morte* mencionados acima ganham o primeiro prêmio e Flor Natural dos Jogos Florais de Santiago do Chile (curiosamente, Gabriela não comparece para receber o prêmio, mas sim observa a cerimônia escondida entre o público). A partir deste momento, **o nome de Lucila Godoy desapareceu**.

De Los Andes vai para o liceu em Punta Arenas e depois, em 1920, para o liceu em Temuco, em Araucanía. Outro momento que vale a pena lembrar: a diretora do liceu feminino tem 31 anos de idade e entre os alunos da escola masculina estava um jovem de 16 anos chamado Ricardo Eliecer Neftalí Reyes Basoalto, que morava ali com o pai, Gabriela o incentiva a ler os grandes escritores e lhe dá livros de Tchekhov e Tolstoi. É curioso que os dois futuros ganhadores do Prêmio Nobel da literatura chilena, Lucila Godoy e Neftalí Reyes, ou seja, **Gabriela Mistral y Pablo Neruda**, encontravam-se pela primeira vez como professora e aluno. Nenhum deles poderia ter imaginado um melhor professor ou discípulo. Dentro de alguns anos, o

primeiro livro dela, *Desolação*, será publicado em 1922, e o primeiro livro dele, *Crepusculário*, em 1923. Mais tarde, seus destinos coincidirão novamente em suas carreiras consulares na Espanha, em Madri e Barcelona. É verdade que nas memórias íntimas da escritora (ver bibliografia) compiladas por J. Quezada, a tensão com Neruda foi constante ao longo de suas vidas: “Nosso melhor novo poeta escreve futurismos que não são vendidos nem lidos”; e mais tarde, após sua estadia na Espanha: “Nem Pablo nem a sua esposa gostavam de mim [...] Minha saída como cônsul em Madri, foi obra conjunta de García Lorca e Neruda”.

Esse primeiro livro, *Desolação*, será dedicado a outra pessoa importante na vida da escritora, Pedro Aguirre Cerda, Ministro da Instrução Pública naqueles anos, com quem manteve uma amizade interessante e fecunda baseada em seu interesse comum pela educação. Aguirre, que se tornou presidente do Chile em 1938, tinha como lema “Governar é educar”, e desempenhou um papel importante na promoção da candidatura de nossa escritora ao Prêmio Nobel, embora não chegasse a viver o momento. Num trabalho como o que temos em mãos, não podemos parar, mas a vida de Lucila Godoy daria para fazer uma passagem pelos nomes mais importantes de escritores, artistas e políticos da primeira metade do século XX: Alfonso Reyes, Victoria Ocampo, Pearl Buck, Thomas Mann, Giovanni Papini, Ezra Pound, Eleanor Roosevelt, David Rockefeller, María Zambrano... É nesta época que acontece seu romance epistolar com o escritor chileno Manuel Magallanes Moure: suas cartas vieram à luz em 1978 (foi sua filha quem as encontrou). Os anos de trabalho docente em todos os cantos do Chile estavam chegando ao fim, mas sua fama como pedagoga estava começando a transcender as

fronteiras chilenas. Gabriela solicitou a direção do recém-criado Liceu nº 6 em Santiago, e embora tenha conseguido — graças em parte à ajuda do referido Pedro Aguirre Cerda — a futura ganhadora do Prêmio Nobel nunca se esqueceu das dificuldades e dos impedimentos a que foi submetida: “Eu vi uma trama clara por trás. Acredito que existiu e que foi Amanda [Labarca] Callé, mas vi claramente que minha situação era frágil [...] Passei por todos os níveis do magistério”<sup>8</sup>. A instituição se chama agora Liceu nº 7 *Teresa Prats de Sarratea* (nome proposto por Mistral em homenagem a uma jornalista e pedagoga neta de Andrés Bello). Durante um ano, de maio de 1921 a julho de 1922, implementa suas ideias reformistas sobre o ensino no bairro de Huemul, onde vive, e consegue atrair personalidades importantes para o liceu, como José Vasconcelos, o ministro da Educação mexicano. Gabriela Mistral iniciava sua carreira pública no continente, levando a sua preocupação com a educação primária obrigatória para outras nações. Para concluir o tema sobre a generosa atividade de professora rural, recordemos alguns versos chamados *A oração da mestra*, de 1919: “Senhor! Tu que ensinaste, / perdoa que eu ensine; / que leve o nome de mestra, / que Tu levaste pela Terra [...] / Faz-me forte, / ainda em meu desvalimento de mulher, / e de mulher pobre...”.

<sup>8</sup> “Gabriela Mistral fundou o Liceu nº 6 para Meninas”, crônica de Virginia Vidal. Recuperada em 8 de dezembro de 2020 em: [http://virginia-vidal.com/publicados/cronicas/article\\_614.shtml](http://virginia-vidal.com/publicados/cronicas/article_614.shtml). Horan, Elizabeth (1995). Gabriela Mistral: an artist and her people. OEA. Amanda Labarca foi uma intelectual e feminista chilena, de quem falaremos mais tarde.

## 2.2. Do México à Europa, passando pelos Estados Unidos (1922-1938). O Lugar de uma vida pública plena e fecunda

O ano de 1922 é decisivo na vida de Gabriela. Depois das tensões vividas na capital devido às desconfianças causadas pela falta de um diploma universitário entre muitos de seus colegas no mundo educacional (a autora até insinuou presenças maçônicas), decide publicar. O diretor do Instituto de Las Españas em Nova Iorque, Federico de Onís, edita nesta cidade o primeiro livro importante dela, *Desolação*, que foi dedicado ao amigo Pedro Aguirre Cerda, anteriormente mencionado. Por outro lado, começa a primeira de suas viagens ao redor do mundo; neste caso, ao México: em companhia de sua amiga e secretária Laura Rodig, no dia 13 de junho viajou ao México, onde tinha sido convidada pelo ministro da Educação, José Vasconcelos. A professora chilena vai participar e colaborar na grande reforma educacional que está sendo realizada no México sob a presidência de Álvaro Obregón. É recebida com todo o tipo de honras e trabalha ativamente nas missões de construção de escolas e bibliotecas em toda a zona rural do país e nas campanhas de alfabetização. “É assim que, ao mesmo tempo, Gabriela Mistral se consagra como Professora da América, quando o seu nobre trabalho em prol da educação do continente é reconhecido e se torna a nova voz poética da região com *Desolação*”, conta-nos Claudia Reyes. Além disso, no México — onde foi contratada por seis meses e permaneceu por dois anos — ela conheceu outra mulher importante em sua vida: a também professora e reformadora Palma Guillén. Sua vasta atividade pedagógica será combinada com a literária (publica sua *Leitura para mulheres*), quando se dá a consciência definitiva de seu próprio indigenis-

mo. A menina Lucila do Vale de Elqui se torna uma Gabriela universal, a quem são concedidas honras e reconhecimentos: o título de professora de espanhol em Santiago do Chile, uma escola com o seu nome no México, a filha preferida de Vicuña, cinco mil crianças que dançam para ela em Chapultepec...

As viagens acontecem ao longo de 1924: conferência na Universidade de Columbia em Nova Iorque e estadias na Europa (Itália, Suíça, Espanha, França...). Na Espanha, seu segundo livro de poesia, *Ternura*, foi publicado em 1924 pela editora Saturnino Calleja. Após uma dessas viagens exaustivas que acompanhariam a sua vida a partir de agora, regressa à América em 1925 para continuar a receber homenagens na Argentina, Brasil e Uruguai, até voltar por alguns meses à terra chilena para cuidar de sua mãe. Em 1926, volta para a Europa para ocupar cargos importantes no Congresso de Proteção da Infância, na Sociedade das Nações etc., continuando sua relação com o mundo intelectual europeu da época: Miguel de Unamuno, Henri Bergson, Marie Curie, Georges Bernanos, Paul Valéry e outros. Decide estabelecer-se na França, em Fontainebleau, com sua secretária e amiga mexicana Palma Guillén, enquanto trabalha como delegada do Chile no Instituto de Cooperação Intelectual, onde funda a coleção de *Clássicos Hispânicos*. Na França, ocorre outro momento significativo e marcante para a escritora, que durante muitos anos deu origem a confusão e lenda, a chegada em sua vida de **Yin Yin**, seu sobrinho. Rumores diziam que Yin Yin era na realidade o filho de Gabriela: ninguém menos que sua última secretária e testamenteira, Doris Dana, disse em 1999 que Gabriela tinha lhe revelado pouco antes de sua morte; outras vezes, dizia que era filho da irmã Emelina. A realidade parece mais simples: um meio-irmão pa-

terno de Gabriela, Carlos Miguel Godoy Vallejo, pede a ela para cuidar de seu filho de três anos, Juan Miguel Pablo Godoy Mendoza, ao ter ficado órfão de mãe. Gabriela assume o filho, a quem ela chama de Yin Yin (que significa fiel, em hindu; ele a chamava de “Buda”), mas não sem antes acordar com o irmão para nunca mais perguntar por ele. Pesquisas recentes mostram que Yin Yin era filho de seu irmão e da espanhola Marta Mendoza, que nasceu em Barcelona em 1º de abril de 1925 e que sua mãe havia morrido de tuberculose. A partir desse momento, Gabriela cria e ama essa criança como uma mãe — com a ajuda de Palma Guillén — e viaja com ele por toda parte como sua família.



Imagem 3 Yin Yin.

«File:Gabriela Mistral - Yin Yin.jpg» by Biblioteca Nacional de Chile is marked under CC0 1.0. To view the terms, visit <http://creativecommons.org/publicdomain/zero/1.0/deed.en>

Esses anos foram de trabalho intenso e de estadias alternadas em Paris, Roma, Madri e Genebra, e de momentos difíceis, tais como a morte de sua mãe em 1929 ou o fato de o governo chileno tê-la deixado temporariamente sem salário e ter que recorrer a realizar colaborações em jornais e aos amigos. Também viajou em 1930 e 1931 para os Estados Unidos, Cuba e Porto Rico, ministrando cursos e conferências e recebendo seu primeiro doutorado *honoris causa* pela Universidade de San Carlos na Guatemala em 1931. Em 1932, embarcou em uma nova faceta trabalhista ao entrar na carreira diplomática como **cônsul**: o primeiro destino foi Génova, embora o governo Mussolini lhe negasse a autorização para exercer a função devido a sua posição antifascista. Gabriela tornou-se a primeira mulher a ocupar um posto consular na história do Chile; uma lei do Congresso em seu país deu caráter vitalício sua nomeação como **cônsul** de livre escolha. Tentativas de promover sua candidatura ao Prêmio Nobel começam em vários países. Cônsul em Madri, Lisboa, Porto e Nice. O consulado de Madri não foi isento de controvérsia: ela não se sentia confortável e queixava-se do frio e da humidade; sua vida social não era muito ativa em comparação com a de Neruda, amigo de Lorca, Alberti, Aleixandre ou Miguel Hernández. A indiscrição é tornada pública e é transferida para o Porto. A posição antifascista de Mistral sempre foi inequívoca, mas também o seu ressentimento para com a República Espanhola que a tinha “expulsado”. Em 1937 e 1938, viaja novamente pela Ibero-América, onde consolida sua amizade com a argentina Victoria Ocampo; *Tala* é publicada em Buenos Aires, sua terceira obra, cujo retorno financeiro é enviado por ela às instituições catalãs que acolhiam órfãos da Guerra Civil Espanhola. Em 21 de janeiro de 1938, realiza-se um encontro histórico da

poesia da região: o Ministério da Instrução Pública do Uruguai conseguiu que as chamadas “três musas da América” realizassem a abertura da conferência dos cursos de verão na Universidade de Montevideu: a uruguaia Juana de Ibarbourou, “Juana de América”; a argentina Alfonsina Storni e a chilena Gabriela Mistral, escritoras no auge de suas carreiras com 45, 46 e 49 anos, respectivamente. Seus problemas de saúde também começam a aparecer.

### 2.3. Seus últimos anos (1938-1957). Dos triunfos do Prêmio Nobel à Desolação de Yin Yin

As viagens e o trabalho consular continuaram em 1941. Para fugir da guerra na Europa, vai para o Brasil, para o consulado de Niterói. Estabelece-se em Petrópolis em 1941 e inicia uma amizade com o escritor judeu-austriaco Stefan Zweig e sua esposa. Zweig tinha deixado a Áustria diante do crescente avanço nazista e temeroso diante da possibilidade de que esse avanço fosse irreprimível no mundo, suicidou-se com sua esposa em 22 de fevereiro de 1942, um acontecimento que marcou dolorosamente a chilena: “Quando falávamos da guerra, eu via em seu rosto seu coração em carne viva e ia medindo o que podia dizer, o que não me aconteceu com nenhum homem de letras”, escreve Gabriela ao escritor argentino Eduardo Mallea.

Mas este não é o único nem o menor dos desgostos que a escritora tem nesses anos e nessas lindas terras brasileiras. O sobrinho-filho **Yin Yin**, que tinha vivido na Europa com ela e com Palma Guillén até esse momento, é um adolescente de 18 anos que parece não conseguir encontrar seu lugar no Brasil e comete suicídio com arsênico em **14 de agosto de 1943**. É claro que nunca vai ser possível sa-

ber as razões para uma tragédia como esta: falou-se do assédio que ele dizia sentir como branco, de que não se adaptava à vida americana após os anos europeus. Isolina Barraza<sup>9</sup>, uma farmacêutica amiga de Gabriela e de sua família, também salientou numa entrevista em 1989 que o menino tinha se apaixonado por uma alemã e que a mãe se opunha; outros diziam que tinha entrado num círculo estranho; Gabriela insinuou nos primeiros momentos de dor que ele não tinha tirado a sua própria vida, mas que tinha sido assassinado...A verdade é que muitos dos que a conheceram bem apontam que ela nunca se recuperou totalmente da morte de seu sobrinho-filho. Os restos mortais de Yin Yin, enterrados no cemitério de Petrópolis, foram transferidos para Monte Grande para descansar definitivamente ao lado de sua mãe em 2005.

Há uma série de orações e versos comoventes de Gabriela no primeiro estágio de sua dor, e depois se recusa a falar sobre ele, fechando firmemente seus sentimentos: “Meu pensamento vai buscar-te, meu garotinho [...] Meu espírito deseja ficar contigo enquanto o meu corpo dorme, te abraçar, te acariciar, te sentir...”. Ou a carta-oração imaginária que escreve à outra mãe, a biológica: “Mãe de Juan Miguel, uma mãe que por vontade de seu Criador ele já não tinha quando soube entender e falar, uma mãe que o deixou antes de lhe cantar suas canções de ninar [...] perdoa-me se eu não o fiz feliz; perdoa-me se por minha causa ele partiu violando a lei de Moisés...”<sup>10</sup>. Em relação a estas últimas palavras, vale a pena recordar a profunda religiosidade de Gabriela, os seus “Motivos”

<sup>9</sup> Isolina Barraza de Estay (1903-2008) tem várias obras dedicadas à sua amiga, incluindo *Gabriela Mistral y su sobrino* (Vicuña, 1978).

<sup>10</sup> Vargas Saavedra, Luis (1985). *El otro suicida de Gabriela Mistral*. Ediciones Universidad Católica de Chile.

para com São Francisco quando esteve em Assis ou o encontro imaginário com Santa Teresa quando vivia na Espanha, embora nunca tenha sido vinculada a uma religião específica: cristã, porém desconfiada do catolicismo oficial. Algumas vezes, demonstrou interesse pelo budismo e por algumas escolas teosóficas, mas morreu abraçando o seu crucifixo (“O fascínio de Jesus Cristo nunca deixou de atuar sobre mim, e ambos, o cristianismo e o budismo, foram acomodados na minha alma e na vida”) e pediu para ser enterrada com o hábito e o cinto franciscano.

**A aventura do Nobel.** Desde 1939, tinha se iniciado o que a chilena ironicamente chamava de “a aventura do Nobel”, ao princípio por amigos e instituições (Universidade do Chile) aos quais se juntaram diferentes Academias da América e da Espanha. Essas aspirações tornam-se realidade quando, em **15 de novembro de 1945**, ela recebe um telegrama da Suécia e no dia 18 embarca do Rio de Janeiro com destino a Estocolmo. Gabriela Mistral foi a primeira mulher ibero-americana a ganhar o prêmio (desde esse ano apenas outra mulher ibero-americana o ganhou: Rigoberta Menchú, Prêmio Nobel da Paz em 1992) e a quinta autora a receber o prêmio de Literatura (a sueca Selma Lagerlöf, a italiana Grazia Deledda, a norueguesa Sigrid Undset e a norte-americana Pearl S. Buck): “O novo mundo foi homenageado em minha pessoa. Portanto, minha vitória não é minha, mas sim da América”, disse numa entrevista a caminho de Gotemburgo. Em **10 de dezembro de 1945**, apenas três meses depois do fim da Segunda Guerra Mundial, as cerimônias em que o rei sueco Gustavo V atribui as medalhas foram retomadas no Palácio Real de Estocolmo. Gabriela comparece acompanhada de seu bom amigo, o escritor argentino Manuel Mujica

Láinez. Sua estadia na Suécia durou algumas semanas, durante as quais teve tempo de visitar o túmulo da primeira mulher a receber o Prêmio Nobel de Literatura, Selma Lagerlöf — que, como Gabriela, também tinha sido primeiro uma professora rural — e de se perguntar com humor “se o sol nunca nasce em Estocolmo”. Depois continua a viajar pela Europa antes de regressar aos Estados Unidos como cônsul na Califórnia. Os anos seguintes ao Prêmio Nobel continuam a ser muito ocupados: ela continua sua peregrinação consular e as condecorações e reconhecimentos (doutorados *honoris causa*, Legião de Honra na França). Nesse meio tempo, conhece a nova-iorquina Doris Dana, 37 anos mais jovem, que se torna desde então — como antes foram Laura Rodig, Isolina Barraza ou Palma Guillén — secretária, confidente, cuidadora e amiga, e a quem nomeia como executora testamentária.

Em 9 de setembro de 1954, volta para o Chile pela última vez: desde que foi para o México em 1922, só tinha viajado para sua terra natal em três ocasiões: 1925, 1938 e nesse momento. É evidente que a relação de Lucila-Gabriela com o Chile e com certas figuras da intelectualidade chilena não era muito amistosa e que ela sempre guardou rancor do descrédito que sofreu em sua juventude; em *Cadernos de Vida*, publicados após sua morte, não podia ser mais explícita: “Contei-lhes minhas razões, muitas delas, para minha distância do Chile [...] Se até me atribuíram aquele lesbianismo tolo e que me magoa de uma forma que eu não sei como dizer. Já viram tal falsidade?, eu disse-lhes [...] Fofocas! Tudo isso é tão amargo, mas também venenoso”. Da varanda da Casa de la Moneda, faz um discurso de forte conteúdo social ao chegar a Santiago. É evidente também que sua saúde está deteriorando-se e o ícone

cultural pan-americano de sua imponente figura começa a ruir (quase 1,80 m de altura, traços indígenas, roupa quase franciscana, ausência de maquiagem e joias). Sua última missão consular foi em Nova Iorque: estabelece-se com Dana em Roslyn Harbor e ainda consegue comparecer como delegada do Chile à Comissão sobre a Situação Jurídica e Social da Mulher das Nações Unidas e até mesmo, em 8 de dezembro de 1955, muito magra e frágil, ao Oitavo Aniversário da Declaração dos Direitos Humanos.

Em 5 de janeiro de 1957, é internada no Hospital Hempstead em Long Island por um diagnóstico tardio de um câncer de pâncreas e morre em 16 de janeiro. O governo chileno decreta três dias de luto e seus restos mortais, que chegam no dia 19, são velados no Salão de Honra da Universidade por 400 meninas do Liceu nº 6, do qual foi a primeira diretora. O funeral de Estado ocorre no dia 22. Três anos mais tarde, em 23 de março

de 1960, seus restos mortais são transferidos do cemitério de Santiago para seu povoado, Monte Grande, em frente ao morro com seu nome, como ela desejava.

E uma última confusão das tantas que sempre rodearam sua pessoa: o epitáfio escrito em seu túmulo de Monte Grande - "O que a alma faz pelo seu corpo é o que o artista faz pelo seu povo. Gabriela Mistral" - são versos que poderiam ser de Lucila-Gabriela, mas não estão em nenhuma parte de sua obra e são fruto de um erro, pois na realidade pertencem ao telegrama que Laura Rodig escreveu a Gabriela quando recebeu o Prêmio Nobel.



Imagem 4 Túmulo da escritora em Monte Grande.

«Tumba de Gabriela Mistral» by Pablo Flores - Video & Music is licensed with CC BY-NC-SA 2.0.  
To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/>.

### 3 . AS CONTEMPORÂNEAS DE MISTRAL

#### UM MUNDO EM ESTADO DE MUDANÇA

Lucila Godoy vem ao mundo numa terra, o Vale de Elqui, imersa em formas tradicionais, mas não há dúvida de que sua vida decorreu em anos muito importantes de mudança e de transformação para as mulheres, e que protagonizou alguns desses marcos históricos. Não apenas em relação a aspectos mais pessoais e conhecidos, mas também ao mundo ao seu redor no qual participou ativamente e que estava mudando, muito lentamente, mas estava. O acesso das mulheres à educação, o sufrágio feminino, a alfabetização das meninas ou a inserção no mundo do trabalho nas profissões até então consideradas como masculinas são mudanças que ocorreram timidamente no último terço do século XIX para atingir seu auge na primeira metade do século XX. Mencionamos que seu **Prêmio Nobel** de 1945 é o primeiro atribuído a uma mulher ibero-americana em Literatura, mas talvez devêssemos nos estender um pouco mais na quantidade de mulheres que também ganharam nos diferentes campos ao longo desses quarenta e cinco anos porque, além das quatro escritoras mencionadas, outras

cinco mulheres foram reconhecidas com o prêmio. Além disso, se observarmos quantas escritoras ganharam o prêmio de literatura depois de Mistral até hoje, podemos ver que não são muitas: dez até 2018.

Por outro lado, um aspecto mais amplo é que nestes últimos anos do século XIX são produzidas as raízes do **feminismo ibero-americano**, especialmente no Cone Sul: Chile, Argentina e Uruguai. As condições de vida das mulheres começam a mudar porque as circunstâncias sociais e de trabalho estão mudando: as mulheres já não trabalham mais apenas no campo, mas estão ingressando na indústria, principalmente nos grandes centros urbanos; o desenvolvimento industrial necessita desta mão-de-obra barata e, ao mesmo tempo, os salários das mulheres são necessários para o sustento da família. É claro que a mudança não ocorre igualmente em todos os países, nem em todas as classes sociais ou em todos os grupos étnicos, porém essas mulheres que são obrigadas a trabalhar em dobro (em casa e na fábrica) talvez tenham sofrido uma transformação maior do que a protagonizada pelos homens.

O **movimento sufragista** e as ideias sobre a igualdade das mulheres foram ganhando terreno ao longo do século XIX (com algumas notáveis exceções, como Mary Wollstonecraft, com sua *Vindicação dos Direitos da Mulher*, de 1792)

e de maneira especial na América anglo-saxônica. As condições socioculturais fizeram com que estas ideias encontrassem terreno fértil nos Estados Unidos: na *Declaração de Seneca Falls* “de 1848” pela primeira vez, vemos por escrito uma filosofia totalmente feminista. É verdade que, após a Guerra Civil Americana, as mulheres viram com desapontamento que a emenda XIV da Constituição concedia o voto à população afrodescendente, mas não às mulheres. Por isso, surgem também os primeiros grupos e vozes radicais que terão sua máxima expressão no sufrágio da Grã-Bretanha. Na Ibero-América, o movimento feminista começa a manifestar-se em meados do século XIX e não é muito diferente em sua etiologia daquele produzido nos países anglo-saxões. O movimento é liderado principalmente por mulheres da classe média alta, que durante muito tempo não contaram com a participação de operárias e trabalhadoras não qualificadas porque tinham outros interesses e prioridades de natureza laboral. Em 1910, acontece o Primeiro Congresso Feminista Internacional em Buenos Aires, no qual muitas das diferentes correntes estavam presentes: feminismo liberal, socialista, livre-pensador...

Embora em cada país a direção seja diferente, de uma forma genérica podemos dizer que no Chile, Argentina e Uruguai, as lideranças insistiram muito no reforço da educação das mulheres, mas lembrando a importância de seu papel biológico. O Chile, em particular, apresentou nestes anos uma atitude bastante equilibrada, com mudanças lentas, mas sem atitudes excessivamente regressivas. Como nos demais países do Cone Sul, enfatizava-se a necessidade de contar com mulheres moderadamente iluminadas para que, por um lado, fossem boas educadoras em seu papel de mães e, por outro, em momentos de dificuldade — pai ou marido fale-

cidos — a mulher recebesse um salário mínimo para combater a pobreza. Não se deve esquecer que esse foi justamente o ponto de partida da educação da menina Lucila: diante do abandono de seu pai, sua mãe costureira e sua irmã professora levam a família adiante. Como um fato interessante desse trabalho feminino, nos primeiros censos chilenos do século XX podemos constatar, por exemplo, que em 1907, dos 3.156 professores, as mulheres já eram maioria, 1.821; ou que em 1913, 22% do trabalho era realizado por mulheres (e 8% por crianças!) e em 1917, já representavam 27% da força de trabalho.

Neste sentido, devemos referir-nos à atitude de Gabriela Mistral em relação a esse feminismo nascente. Se, por um lado, seu trabalho em prol da educação de crianças e mulheres foi sempre destacado, não é menos verdade que nos últimos anos muitas vezes ressaltaram que sua posição estava muito distante dos movimentos feministas importantes da época. Mistral defendeu em verso e prosa, em suas intervenções perante organismos internacionais e em sua correspondência, a injustiça da sociedade para com as mulheres humildes que suportavam um trabalho difícil para levar adiante suas famílias, mas não é menos verdade que denunciava que o pior desse trabalho feminino era que as impedia de cuidar de seus filhos. Podemos incluir Mistral no que tem sido chamado de feminismo “compensatório”, que tenta conciliar o direito à igualdade de homens e mulheres perante a lei com uma proteção especial para as funções da maternidade: com pensamentos às vezes opostos, sim, mas típicos de uma cultura que sempre havia reverenciado a mãe e, em última análise, o fruto de uma época e de umas circunstâncias vitais: “nem tudo tem de ser comentários caseiros e canções de ninar” (*Leituras para mulhe-*

*res*); “para procurar teus grandes modelos não olharás para as mulheres loucas do século” (*À mulher mexicana*); “...a criança não deve ser tirada de sua mãe pela fábrica ou pela prostituição por causa da miséria” (Primeira Convenção Internacional de Professores de Buenos Aires). Daí também sua inimizade com os movimentos feministas chilenos de seu tempo, principalmente com uma das figuras pioneiras, Amanda Labarca. **Labarca** (1887-1975) foi uma importante escritora e feminista chilena, criadora do Círculo Feminino de Estudos em 1919, cofundadora do Comitê Nacional dos Direitos da Mulher em 1933, embaixadora de seu país nas Nações Unidas em 1946 e autora de importantes obras em defesa da mulher e do direito à educação. Por outro lado, era uma amiga íntima de **Elena Caffarena** (1903-2003), uma das primeiras advogadas chilenas, nome que também foi importante no feminismo de seu país quando fundou o Movimento Pró-Emancipação das Mulheres Chilenas (MEMCH) em 1935, que defendia a igualdade jurídica e o direito de voto. Na mesma linha<sup>11</sup> vale a pena recordar sua amizade ao longo dos anos com outra mulher importante no feminismo: a argentina **Victoria Ocampo** ((1890-1979), fundadora da União Argentina de Mulheres em 1934, a qual tinha conhecido graças ao interesse da espanhola María de Maeztu; e com outra espanhola, **Victoria Kent** (1891-1987), a primeira mulher a ser advogada, deputada e diretora-geral, que, em seu exílio mexicano, conheceu Gabriela.

Nestas primeiras décadas do século XXI, com uma nova perspectiva e à luz da abundante obra íntima que o *Legado Atkinson* representou, está ocorrendo uma ressignificação, uma relei-

<sup>11</sup>A correspondência entre as três, Gabriela e as duas Vítórias, foi publicada recentemente: *Preciadas cartas* (1932-1979), editada por Elizabeth Horan (Renacimiento, 2019).

tura não apenas de sua obra literária, mas de um modo especial de sua vida, de seu eu mais íntimo e biográfico. Da exaltação de sua figura como aquela “santa Gabriela da América” que foi por vezes proposta e da professora abnegada que se dedicava às crianças, nos últimos anos, passou-se ao outro extremo, a tentar trazer à luz tudo o que Lucila Godoy não queria que em vida fosse conhecido. Assim, em janeiro de 2020 e no âmbito do festival anual de artes cênicas “Santiago a Mil”, foi apresentada a peça do dramaturgo chileno Andrés Kalawski, *Mistral, Gabriela* (1945): imagine que uma feminista atual sequestrou Gabriela e insiste que esta confesse essas verdades vitais ocultas e as torne públicas quando receber o Prêmio Nobel. A atriz que dá vida a Mistral na peça define o que pensa de sua personagem: uma mulher “polêmica e complexa, vanguardista e conservadora”. E tem toda a razão: para além das manchetes que procuram o escândalo, não se pode compreender, muito menos julgar, uma mulher que veio ao mundo há 130 anos em condições e circunstâncias difíceis e que soube passar de uma educação informal para ser ouvida pelos intelectuais e políticos da época (lembre-se, por exemplo, de seu trabalho de alfabetização no México durante dois anos).

Trabalhos recentes (Diamela Eltit, Elisa G. Cuevas Landero, Raquel Olea, Pedro Pablo Zegers e muitos outros) mostram que Gabriela Mistral nunca se definiu como feminista e que manteve um evidente distanciamento dos grupos militantes de sua época, mas isso não significa que sua atitude não tenha sido menos transgressora: por isso, foi destacada tanto pelos movimentos mais conservadores quanto pelos mais liberais.



“Nós, mulheres, formamos um hemisfério humano. Cada lei, cada movimento de liberdade ou cultura, deixou-nos nas sombras por muito tempo.”

Sua relação com essas outras contemporâneas leva-nos a mencionar também a escultora chilena **Laura Rodig** (1901-1972), que a acompanhou ao México e em sua primeira viagem à Europa, uma mulher empenhada em divulgar suas raízes indígenas e comprometida com as ideologias da época (direito de voto, membro do Partido Comunista). A necessidade de uma síntese deste trabalho significa que temos que deixar para trás tantos outros nomes significativos que apoiaram ou se relacionaram com Gabriela, seja Isolina Barraza, Palma Guillén ou a própria irmã Emelina. Ou mulheres tão importantes quanto a uruguaia **Paulina Luisi** (1875-1950), a primeira médica de seu país e importante ativista, e a equatoriana **Matilde Hidalgo** (1889-1974), também médica, a primeira mulher que conseguiu votar na Ibero-América em 1924. Essas vidas merecem, sem dúvida, biografias mais detalhadas.

O **sufrágio feminino** se espalha pelo mundo durante a vida de Gabriela, desde que o primeiro país, a Nova Zelândia, o concretizou em 1893 (se deixarmos de lado o que aconteceu num dos lugares menos povoados do mundo, as Ilhas Pitcairn, na Polinésia, que o aprovou em 1838). Ao longo do século XX, várias nações (Finlândia em 1906, Inglaterra e Irlanda em 1918, Bélgica e Países Baixos em 1919, Estados Unidos em 1920, Espanha em 1931, França em 1944, Suíça em 1971 — algumas datas são significati-

vas.... —) estabelecem essa universalidade do voto sem diferença entre os sexos (até 2015, pelo menos no papel, o sufrágio universal não foi alcançado em todas as nações do planeta). As primeiras mulheres que tiveram acesso ao voto foram as do **Uruguai**, mas nas eleições locais (em eleições gerais teriam de esperar até 1938) e, a título de curiosidade, a primeira mulher a exercer esse voto não foi uma uruguaia, mas sim uma imigrante brasileira, na cidade de Cerro Chato em **3 de julho de 1927**. O sufrágio universal ocorreu realmente pela primeira vez em 1929 no Equador, graças à insistência jurídica de Matilde Hidalgo. Mais tarde chegaria aos outros países da região<sup>12</sup>. A discussão pública sobre o sufrágio tem sido propagada no **Chile** desde 1917, quando o Partido Conservador pede o voto para as mulheres e o Partido Radical, o divórcio. Embora nenhuma das reformas tenha prosperado, ambas significaram um primeiro passo: em **1934**, o voto feminino é aprovado para as eleições municipais e, em dezembro de 1948, o Congresso aprova a Lei do Sufrágio Universal: as mulheres chilenas exerceram esse direito pela primeira vez nas eleições gerais de **4 de setembro de 1952**.

<sup>12</sup> Ver o Quadro 1.1. *A contribuição das mulheres para a igualdade na América Latina e no Caribe*, publicado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) das Nações Unidas em 2007 em <https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/16635-contribuicao-mulheres-igualdade-america-latina-caribe>.

## 4 . V E R S O E P R O S A

### DA PRIMEIRA MULHER IBERO-AMERICANA PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

**A** obra poética de Gabriela Mistral não é muito extensa, apenas cinco coleções de poemas que cabem num único volume, comparada com a enorme produção em prosa (nada menos que cerca de trinta volumes desde a abertura do Legado de Atkinson)<sup>13</sup>. A fim de abordar o significado de sua lírica, devemos primeiro enquadrá-la dentro das coordenadas literárias de uma época riquíssima, de contínua transformação e mudança, em todo o campo da literatura em língua espanhola em geral e da poesia chilena em particular. A crise ideológica (Schopenhauer, Nietzsche, Kierkegaard...) e artística (Parnasianismo, Simbolismo, Decadentismo, Pré-Rafaelismo...)

<sup>13</sup> A secretária, amiga e executora testamentária de Gabriela Mistral, Doris Dana, foi a destinatária testamentária de sua obra, que permaneceu na *Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos* até sua morte em 2006. Dana nunca quis que esses documentos retornassem ao Chile em sua vida, além de causar certas polêmicas biográficas (numa entrevista afirmou que Gabriela tinha lhe contado que Yin Yin era seu filho). Porém, quando ela faleceu, o legado passou para sua sobrinha Doris Atkinson: que se encarregou de levar todo o material para o Chile em 2007.

do final do século XIX tem uma expressão na América espanhola que conhecemos como Modernismo: uma corrente literária que significa também a independência cultural destas novas nações da metrópole, a Espanha. Primeiro individualmente, depois com a consciência de grupo, o Modernismo representa o impulso diferencial do americano perante o espanhol. Primeiro foi uma ruptura com a Espanha, mas depois é esta que recebe a poderosa seiva americana. Juntamente com seu “pai e mestre mágico” Rubén Darío, os poetas americanos (Gutiérrez Nájera, José Asunción Silva, Julián del Casal, José Martí, Leopoldo Lugones, Amado Nervo...) e espanhóis (Rueda, Reina, Villaespesa, J. R. Jiménez, los Machado...) renovaram a métrica e o vocabulário com novos ritmos e abundância de neologismos e promoveram um culto esteticista à beleza e ao simbolismo. A lírica escrita em espanhol bebeu dessas origens durante todo o século XX. O movimento ocorre entre 1880 e os últimos anos da Primeira Guerra Mundial (a morte de Darío, em 1916, é seu encerramento simbólico). Abre-se então um período vagamente conhecido pelos escritores como Pós-modernismo e que engloba tendências muito diversas: por vezes é uma reação em busca de uma lírica mais simples e profunda, outras vezes, é uma abordagem para uma linguagem mais coloquial e mais próxima; outras, inclina-se para o experimental...



*Embaixador Don Enrique Gajardo Villarroel  
com Gabriela Mistral em Fortín Las Flores (México) 1949)*

**Imagem 5**  
Gabriela Mistral com o Embaixador Enrique Gajardo e Doris Dana numa viagem a Fortín Flores no México (1949).

Ministerio de Relaciones Exteriores de Chile., CC BY 2.0 CL  
<<https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/cl/deed.en>>  
via Wikimedia Commons

Mas a realidade é sempre mais complexa e o importante é que este período pós-moderno acolherá em primeiro lugar um importante grupo de **escritoras**: Delmira Agustini (Uruguai, 1886-1914), a quem nossa Mistral tanto admirava; Juana de Ibarbourou, “Juana de América” (Uruguai, 1892-1979) e Alfonsina Storni (Argentina, 1892-1938). Como vimos, Gabriela reuniu-se com duas delas, Juana e Alfonsina, em Montevideu em janeiro de 1938, já que Delmira Agustini morrerá tragicamente e prematuramente aos 28 anos de idade. Além disso, juntamente com as poetisas, outro interessante movimento **experimental** deu origem à vanguarda e que

se expressou em nomes de peso como o peruano César Vallejo (1892-1938) e da grande tríade chilena: Vicente Huidobro (1893-1948), Pablo de Rokha (1894-1968) e Pablo Neruda (1904-1973). A experimentação e a vanguarda vieram de Paris e Madri, mais especificamente por Vallejo, Huidobro e Neruda. Lucila Godoy não poderia ter nascido para a literatura em melhor companhia, embora, apesar de conhecer e se relacionar com seus três compatriotas, nunca participou em seus empreendimentos literários de vanguarda nem em suas ferozes polêmicas: *Desolação*, o primeiro livro de Gabriela, de 1922, não tem nada a ver com o *Crepusculário* do jovem Neruda, de 1923. As preocupações poéticas e humanas se aproximaram com a preocupação pela Guerra Civil Espanhola, evidenciada por *Espanha, afasta de mim este cálice* de Vallejo, *Espanha no coração* de Neruda e *Tala*, cujo rendimento obtido Mistral dedicou às crianças órfãs desse conflito.

A obra poética de Mistral baseia-se no admirado Rubén Darío e no modernismo, mas sem estridência excessiva e de uma forma muito pessoal: um panteísmo de origem cristã que canta às mães, às crianças, à terra e à natureza, sempre inspirado por uma paisagem e por um povo próprio, o do seu Vale de Elqui, com uma linguagem única, baseada na oralidade e nas expressões vernáculas. As influências mais notórias em suas letras são as confessadas por ela própria, José Martí e Rubén Darío, bem como a Bíblia: leituras bíblicas de sua infância com a avó paterna, que a escritora retomou em sua juventude, para nunca mais abandoná-las. Mas seus interesses literários eram diversos: iam desde Santa Teresa (em *Castilla* recria uma viagem imaginária com a santa de Ávila através das terras castelhanas) até Gracián — uma recomendação de José Martí —, passando por

Unamuno ou Montaigne. Do cubano Martí vem a expressão “nossa América”, que ela tanto utilizou. Uma poesia mística e panteísta, em profunda união com a terra e a natureza, uma terra que é sempre a de seu vale natal e de seu povo: “Continuo falando o meu espanhol com o cantar do Vale de Elqui”.

Um aspecto significativo, sempre recorrente e polêmico, é o de relacionar sua obra poética com a sua biografia. Então — em vida — e agora, com um impulso redobrado de estudos e análises da obra de Mistral, repetidamente se incide na dor de sua infância, na amargura do suicídio de Romelio Ureta ou no abandono que a autora<sup>14</sup> pensava sentir de sua terra. Sem mencionar a sua vida íntima e as relações pessoais. Não sabemos realmente qual foi sua verdadeira relação com Ureta, mas qualquer estudioso de sua obra concorda que seu suicídio os *Sonetos da morte* que a lançaram à fama estão intimamente ligados. A poeta Dulce María Loynaz (cubana, 1902-1997, Prêmio Cervantes 1992), num prólogo a uma antologia da poeta chilena, afirmou categoricamente que sem esse suicídio, *Desolação* jamais teria sido escrita! A vida de Lucila-Gabriela, seus amores, suas angústias, suas amizades e constantes divagações continuam hoje em dia a ser muito interessantes<sup>15</sup>, em detrimento de seu valor como poeta.

<sup>14</sup> Embora Mistral tenha ganhado o importante prêmio de 1914 que a lançou para a fama, ela foi diretora de vários liceus antes de partir para o México. Um Ato Especial do Congresso concedeu-lhe a aposentadoria com uma pensão aos 36 anos de idade, ela foi a primeira mulher cônsul de seu país, o qual também representou na Liga das Nações, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura...

<sup>15</sup> Neste sentido, veja algumas criações literárias recentes, tais como as da chilena Carla Guelfenbein, que em *La estación de las mujeres* inclui Doris Dana como personagem. Ou a espanhola Luna Miguel, que em *El coloquio de las perras* se dirige a Gabriela (e a outras escritoras) vindicando o seu modo de vida alternativo. Ambos os livros, de 2019.

*Do nicho gelado em que  
os homens te puseram,*

*Te levarei à terra humilde  
e ensolarada.*

*Nela hei de adormecer os  
homens não souberam,  
E havemos de dormir so-  
bre a mesma almofada.*

*Te deitarei na terra enso-  
larada com uma  
doçura de mãe para seu  
filho adormecido,*

*E a terra há de fazer-se  
suave como um berço  
ao receber teu corpo de  
criança em sofrimento  
[...]*

*Partirei cantando  
minhas belas vingan-  
ças,*

*porque a este fundo  
recesso a mão de ne-  
nhuma mulher  
descerá a disputar-me  
teu punhado de ossos!  
[...]*

**Sonetos da morte**

Não há dúvida de que estes *Sonetos da morte* estão ligados a um momento doloroso (“Se eu clamei para morrer a quem a vida tinha arrancado de mim, para infamá-lo nos braços de uma mulher má!”, diz ela numa carta), embora também estes versos tenham sido capazes de transcender o lado íntimo e pessoal para alcançar uma qualidade artística universal e eterna: claro que são um motivo biográfico, mas o seu alto valor artístico é esquecido. *Desolação*, publicado em Nova Iorque em **1922**, é, sim, um livro doloroso, uma obra que tenta purificar e aliviar as angústias da vida; o resultado de um processo criativo que vai de 1904 até essa data, em que a autora descreve as paisagens desoladas de sua infância e as não menos desoladas paisagens do sul do Chile. É por isso que não é um livro unitário, mas formado por diversos materiais nas sete seções que o compõem: a voz da mulher estéril, a filha que chora pela mãe morta, a amante do suicida.... Formalmente, ainda tem muito do modernismo (dos alexandrinistas, por exemplo), mas já avança para a va-

riedade rítmica e um aspecto significativo é o tom de oração que muitas das composições já possuem (em verso e prosa, que este primeiro livro tem um pouco de tudo). Mistral está consciente de que deve levantar-se e sair deste doloroso ensimesmamento, como é provado por suas palavras em *Voto* em prosa com que fecha o livro (“Deus me perdoe este livro amargo”). Dois anos mais tarde, e em Madri, em **1924**, foi publicada sua segunda coletânea de poemas, ***Ternura***, talvez a menos apreciada hoje em dia por seu “sentimentalismo”; uma curiosa paradoxo se considerarmos que um dos valores que sempre foi exaltado na professora chilena é, precisamente, esse fervor e amor pelas crianças e por suas necessidades. Dedicado a sua mãe e à irmã Emelina, pretende ser uma leitura alternativa e diferente da que foi então imposta nas escolas. Talvez este título completo, *Ternura: canções infantis*, seja a origem do fato de versos tão conhecidos e belos como Pezinhos terem sido desvalorizados e não apreciados:

<i>Pezinhos de criança, azulados de frio, Como os veem e não os cobrem, Meu Deus! Pezinhos feridos pelas pedras todas, ultrajados de neves e lodos! O homem cego ignora que por onde passais, uma flor de luz viva deixais;</i>	<i>Que ali, onde colocais a plantinha sangrante, o nardo nasce mais perfumado. Sede, posto que marchais pelos caminhos retos, heroicos como sois perfeitos. Pezinhos de criança, duas joinhas sofridas, como passam sem vos ver as pessoas!</i>
---	---

Em *Ternura*, o bem e a vida prevalecem sobre a dor e a morte da desolação anterior, tendo como

centro os dois grandes temas de Mistral: a maternidade e o filho. Há uma maior pureza expressiva e outra das descobertas líricas de toda a sua produção é também acentuada, a oralidade que tenta refletir a linguagem infantil ou a língua indígena, como em *Canção quíchua* (na qual consegue reproduzir uma canção de ninar popular de uma mulher quíchua). Há muito amor pelas crianças e muita nostalgia da infância em seu povoado, e também uma reflexão existencial — se quiser, um existencialismo antecipado — porque estes são os anos após a Primeira Guerra Mundial e existe uma consciência do que foi vivido.

<i>Onde estava Tihuantisuyo, nasciam os índios. Chegávamos à puna com danças, com hinos. Assobiavam quenas, Queimavam dois mil fogos vivos. Cantavam Coyas de ouro E os benditos Amautas. Desceste cego de sóis, a voar adormecido, para encontrar viúvos os ares de chama e de índio.</i>	<i>E onde estavam campos de milho ver crescer o trigo e em vez de vicunhas encontrar os novinhos. Volte para a tua Pachacámac, em vão vir, índio louco, índio que nasce, pássaro perdido. <b>Canção quíchua</b></i>
--	---

Chegamos assim ao que é considerada sua obra madura, ***Tala***, publicada em Buenos Aires em **1938**. O livro mostra a maturidade da mulher e da escritora inclusive no título com múltiplos significados (tala como um corte, como uma planície, como um jogo de crianças ou como uma árvore). É também um livro que já é totalmente americanista: sua mãe morreu em 1929 e baseia-se nessa ausência e na de sua terra chilena

para cantar de forma memorável não somente para a América, mas também para toda a Terra. Em *Tala* acentua-se o tom moral e religioso que sempre serviu de pano de fundo intencional. A forma continua a ser tradicional, embora tenha alcançado um tom mais feroz após uma grande crise espiritual, uma “virada da alma” que a aproximou de uma religiosidade sincrética e, ao mesmo tempo, também para se rebelar contra a submissão feminina ou para cantar o mal-estar dos exilados de uma terra: poemas de uma força expressiva como *El maíz, País de ausencia, América, Historias de loca, Recado de nacimiento para Chile ou Ausencia*, incluindo o famosíssimo *Todas íamos ser rainhas*, cheio de humor, lirismo, folclore, magia e vindicação dos sonhos de algumas meninas e de sua triste realidade nos magníficos eneassílabos rubenianos.

<i>O Anahuac é ampliado por milhares que crescem. A terra, por divina, parece ser levada pelo vento. Na luz só existem eternidades verdes, remada de esplendores que descem e que sobem.</i>	<i>As Serras Madre passam sua paixão veemente. O índio que os atravessa “como que não parece”. Milharal para onde o último embranquece, e o México termina onde o milho morre.</i>
<b>De “O milho”</b>	

<i>Todas íamos ser rainhas de quatro reinos sobe o mar: Rosália com Efigênia e Lucila com Soledade.</i>	<i>Soledade criou sete irmãos e seu sangue deixou em seu pão. E seus olhos ficaram negros de nunca terem visto o mar.</i>
<i>No vale de Elqui, rodeado de cem montanhas, tal vez mais, que como oferendas ou tributos ardem em ver- melho ou açafraão.</i>	<i>Lucila, que falava ao rio, às montanhas e aos canaviais, nas luas da loucura recebeu um reino de verdade. [...]</i>
<i>O dizíamos embriagadas, e o tivemos por verdade, que seríamos todas rainhas e chegaríamos ao mar.</i>	<i>Porém no vale de Elqui, onde há cem montanhas ou mais, cantam as outras que já vieram, como as que vem cantarão:</i>
<i>Com as tranças dos sete anos e batias claras de percal, perseguido pássaros foragidos na sombra do figueiral [...]</i>	<i>“Na terra seremos rainhas e de verídico reinar, e sendo grandes os nossos reinos, chegaremos todas ao mar.”</i>
<i>Todas íamos ser rainhas e de verídico reinar; porém nenhuma foi rainha nem em Arauco nem em Copán. [...]</i>	<b>De “Todas íamos ser rainhas”</b>

***Lagar*** é o único dos livros publicados em vida de Gabriela que foi editado no Chile em **1954** (uma segunda edição foi publicada postumamente, *Lagar II*, em 1991). Desde *Tala*, tanta coisa aconteceu na vida itinerante da chilena que é impossível não notar a mudança: recebeu um Prêmio Nobel, sim, e todos os tipos de prêmios e homenagens ao redor do mundo. Mas seus males físicos e sua fragilidade também se acentuaram: é evidente que nunca conseguiu se recuperar da morte de Yin Yin em 1943. Os poemas desta última obra — com um título também significativo de um novo renascimento, o vinho que provém da uva pisada — acentuam seu sentido religioso e moral, com umas formas

tradicionais e até arcaicas, de modo a distanciar-se dos vanguardismos e do sentido urbano que predominam na poesia chilena da época. Gabriela evoca a natureza impressionante de sua terra, os rios e as montanhas, os mitos, as plantas e as tradições num desejo eterno do vale Elqui. Os 77 poemas que compõem o **Poema de Chile** e que foram publicados postumamente, em **1967**; coletados por Doris Dana são uma compilação de mais de vinte anos de memória e evocação do Chile por meio da criança e da mãe.

Onde eu estive nada doía:  
estações, sol nem luas,  
não picavam nem mesmo  
o sangue  
nem o verdete do Tempo;  
nem os silos altos subiam  
nem a fome pairava nos silos.  
E eu dizia como embriagada:  
Minha Pátria, Pátria, a Pátria!  
[...]

Pude não voltar e voltei.  
Novamente, há um muro atrás  
de mim,

e hei de ouvir e responder  
e, clamando anúncios,  
ser outra vez itinerante.  
[...]

Mas eu irei embora qual-  
quer dia  
sem choro e sem abraços,  
barco que parte à noite  
sem ser seguido pelos  
outros,  
é olhado pelos faróis ver-  
melhos  
nem ouvido pelas suas  
costas...

De "La desasida".

"Não sou uma artista, o que sou é uma mulher em que existe, vivo, o anseio de fundir a minha raça, como a religiosidade com uma ânsia lace-rante de justiça social se fundiu dentro de mim." (Discurso na União Pan-Americana, Washing-ton, 1924)".

(Discurso na União Pan-Americana, Washington, 1924).

Diante de uma produção lírica — dissemos no início desta seção — pouco abundante, chama a atenção o enorme volume **em prosa**, que co-

meçou a ganhar relevância nos últimos anos; mais uma vez, temos de aludir à revolução mo-dernista que tornou moda os poemas em prosa e a chamada prosa poética. A partir de 1904 a escritora colabora na imprensa local de Co-quimbo, na imprensa nacional e na internacio-nal; sua primeira prosa conhecida é de 30 de agosto de 1904 (em *El Coquimbo*) e chama-se *La muerte del poeta*: "Mas um belo dia ele [o ofício] saltou de dentro de mim, porque comecei a escrever uma prosa ruim e até mesmo ter-rível, saltando quase imediatamente dela para a poesia. Na descoberta do segundo ofício, a festa de minha vida tinha começado". O jor-nalismo foi, em algumas ocasiões, uma ajuda financeira importante, e sua correspondência epistolar é muito extensa, também com tons diferentes, quer fosse seca e concisa — aque-la que trocou com Labarca, por exemplo — ou apaixonada e emocionada quando escreveu a Manuel Magallanes Moure ou a Doris Dana. A prosa que podemos chamar de poética ou cria-tiva está estendida por toda a sua obra, ressal-tando a que está incluída em *Desolação* como de especial interesse e, sobretudo, a que forma as *Leituras para mulheres*, de 1923. É evidente que compilou os textos com um critério moral e social, procurando incluir também amenidade para que pudessem chegar a muitos, por isso combinou seus próprios textos com outros de José Martí, Amado Nervo, R. Darío, L. Lugones, bem como Eugenio D'Ors, Gabriel Miró, Azorín ou Joan Maragall. Há muitos que elogiaram — por exemplo, Alfonso Reyes — a prosa de Mis-tral por sua simplicidade coloquial que nos faz pensar em Santa Teresa, quem sem dúvida ela leu e conheceu bem. Mesmo algumas vozes — como a de Guillermo de Torre — salientaram que o valor de sua prosa não é inferior ao de seu verso.

Embora não possamos nos alongar sobre essa prosa como ela merece, devemos pelo menos apontar as três etapas principais em que é nor-malmente classificada. Um primeiro período, **até 1922**, constituído por contos e poemas em pro-sa. Uma segunda etapa, **até 1934**, na qual pre-domina o trabalho jornalístico e ensaístico com muitos comentários de livros e alguns preciosos *Motivos de São Francisco* (uma espécie de pa-rábolas evangélicas) ou os retratos de escrito-res que admira (Delmira Agustini, Tomás Moro, Sor Juana Inés de la Cruz ou Giovanni Papini, entre outros). Além disso, em seu terceiro está-gio de maturidade profissional, de **1934 a 1957**, é elaborada a maioria dos **Recados**, uma va-riante textual ou de gênero. Os "recados" são uma mistura inteligente e variada de elementos que vão desde a reflexão pessoal e íntima até os breves ensaios. "Deixo-os — diz a autora em 1938 — nos subúrbios do livro, *fuera dei muri*, como convém a sua classe, algo plebeia ou de terceira categoria [...] Afinal, estes recados têm um tom que é mais meu, o mais frequente, mi-nha despedida do campo em que vivi e no qual vou morrer". É claro que eles não são tanto de "terceira categoria" quanto qualquer outra parte de sua obra, os recados abrangem, nos diver-sos significados do termo, suas ordens, men-sagens ou lembranças afetuosas de sua vida, sempre com aquela oralidade prodigiosa que caracterizou toda a sua obra.

E um exemplo disso, dos vários temas que preocupavam Mistral, é esta **seleção**:

"Saudemos o alvorecer deste século XX, que chega à humanidade repleto de aspirações e esperanças, lembrando que em nossa época não há lugar para qualquer outro culto que não seja o dos heróis da Ciência [...] No cora-

ção da Humanidade, os grandes algozes es-tão prestes a ser suplantados pelos grandes mestres. A escola é chamada para substituir o acampamento. Os únicos combates civilizados serão os do livro e da inteligência. [...] O sol-dado constituiu a força e a superioridade dos povos na barbárie; o professor constituirá sua força e superioridade na civilização. Professo-res: cabe a vocês ser o posto avançado neste generoso advento da futura civilização; vocês, professores, farão com que ela seja de paz, de amor e de solidariedade".

(México, 1934)

"Nosso planeta ganhou em muitos aspectos, em ciência e até mesmo em riqueza, porém, uma antiga ferida ainda persiste [...] Entre os defeitos do planeta pode ser considerada como a mais grave, como uma doença rápida e tenaz. [...] E esta ferida feia persiste em pá-trias antiquíssimas ou jovens. Trata-se da xenofobia, do desprezo pelos negros que vivem em uma área de população puramente branca, e trata-se também do ódio emboscado que os negros têm pelos brancos [...] Um ódio hipó-crita ou descarado pelo estrangeiro ou pelo estranho ainda está presente em algumas pá-trias instruídas [...] Eu falo por muitos que não podem falar, e falo porque é necessário que nestas regiões do mundo o crime, ao mesmo tempo desconhecido e frequente, de xenofobia seja incluído nos Códigos".

(Universidade de Columbia, 1954).

"Nós, mulheres, formamos um hemisfério hu-mano. Cada lei, cada movimento de liberdade ou cultura, deixou-nos nas sombras por muito tempo. Sempre chegamos à festa do progres-so, não como o convidado relutante que de-mora a chegar, mas como o camarada enver-

gonhado que é tardiamente convidado. Mais sábia na sua inconsciência [sic], a natureza brilha sua luz em ambos os lados do planeta. E toda a lei que visa transformar os povos e que não leva em conta as mulheres é uma lei infértil. Não pensem que estou fazendo uma profissão de fé feminista. Penso que a mulher aprende para ser mais mulher [...] A única coisa [tratava-se de um projeto de lei para dar acesso às mulheres a certos empregos] que deveria ser solicitada é que quando estas funções forem desempenhadas por mulheres, os empregadores paguem os mesmos salários de quando eram realizados pelos homens. Porque acontece uma coisa curiosa a este respeito, que constitui, basicamente, uma injustiça e uma iniquidade: quando uma mulher ocupa um cargo que antes era ocupado por um homem, seu salário é imediatamente reduzido”.

(Punta Arenas, Chile, 1919).

“Debates como este (abordam o trabalho feminino) servem para demarcar campos, delinear ideologias vagas e traçar claramente a dupla teoria das virgens loucas e das virgens prudentes destas assembleias espantosas. Há muitas ultra-amazonas que ousadamente exigem [...] o serviço militar obrigatório, a supressão do vestuário feminino e até a supressão do gênero na linguagem. E há algumas direitas femininas que continuam a acreditar que a nova legislação deve ser regida pelo imperativo dado pela fisiologia [...] as mulheres serão iguais aos homens quando não tiverem peito para amamentar [...] ou seja, um dia, em outro planeta...”

(Chile, 1927).

“A questão do cinema educativo, tal como a televisão recém-nascida, vai e vem em ensaios e em críticas laudatórias ou depreciativas e até

mesmo iradas. Eu deixei de ensinar há muitos anos, mas como a profissão docente é uma vocação vertical, nunca parei de procurar nas vitrines das livrarias os livros novos e inovadores de minha antiga profissão. Creio que o cinema é o acontecimento de maior peso que veio a bater nas portas das escolas, faculdades e universidades, mas também sei que a preocupação da profissão docente não para de crescer [...] O material disponível para o ensino visual cresce muito lentamente, além de ser caro e escasso. Porém, cada invenção nasce assim, tal como nós nascemos, minúsculos, ineptos e desajeitados. Não devemos desanimar [...] O que o ensino visual já está proporcionando é admirável para os adultos e um banquete para as crianças em idade escolar”

(Nova Iorque, 1954).



Imagem 6  
Na cerimônia do Prêmio Nobel de 1945,  
com Anders Österling.

Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

## 5. BIBLIOGRAFIA

Barraza de Estay, Isolina (1978). Gabriela Mistral y su sobrino. Vicunha. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-propertyvalue-140719.html>

Bethell, Leslie (1991). *Historia de América Latina. 5. La independencia*. Barcelona, Espanha: Editora Crítica.

Caballé, Ana (1993). “Gabriela Mistral en Madrid” en *Revista UCM, Anales de Literatura Hispanoamericana*, núm. 22. Madrid, Espanha: Editora Complutense. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/article/view/ALHI9393110231A>

Cabello, Claudia (2015). “La letra y el cuerpo. La imagen visual de G. Mistral, 1905-1922” em *Revista Iberoamericana*, vol. LXXXI, janeiro-março. Pittsburgh, EUA: Universidade de Pittsburgh. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/7245/7373>

Concha, Jaime (2015). *Gabriela Mistral*. Santiago, Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado.

Cuneo, Ana María (1998). *Para leer a Gabriela Mistral*. Santiago, Chile: Ediciones Universidad Nacional Andrés Bello.

Del Pozo, Diego (2015). *Por la Humanidad Futura, antología política de Gabriela Mistral*. La Pollera Ediciones.

Lavrin, Asunción (1995). *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*. Santiago, Chile: Centro de Investi-

gaciones Diego Barros de Arana. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-87378.html>

Meruane, Lina (2019). *Gabriela Mistral. Las renegadas. Antología*. Editora Lumen.

Mistral, Gabriela (2019). *Gabriela Mistral en verso y en prosa. Antología*. [Edição digital]. Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española, Penguin Random House. Mistral, Gabriela, De Ibarbourou, Juana y Storni, Alfonsina (2017). *La misteriosa maternidad del verso*, 3 conferencias. Introducción de Lorena Garrido y posfacio de Jorge Arbeleche. Santiago, Chile: La Vorágine.

Morales Padrón, Francisco (1986). *América Hispana. Las nuevas naciones*. Serie Historia de España, tomo 15. Madrid, Espanha: Editora Gredos.

Morant, Isabel (Dir.), Gómez-Ferrer, Guadalupe; Cano, Gabriela; Barrancos, Dora, y Lavrin, Asunción (Coord.) (2006). *Historia de las mujeres en España y América Latina*, tomo 3 (“Del siglo XIX a los umbrales del XX”) e tomo 4 (“Del siglo XX a los umbrales del XXI”). Madrid, Espanha: Ediciones Cátedra.

Quezada, Jaime (Comp.) (2015). *Gabriela Mistral. Páginas (pérdidas) de la vida mía*. Santiago, Chile: Mago Editores.

Quezada, Jaime (Comp.) (2015). *Gabriela Mistral. Pensando a Chile. Una visión esencial sobre nuestra identidad*. Santiago, Chile: Catalonia.

Reyes García, Claudia (2017). *Gabriela Mistral. La Serena*, Chile: Editorial Universidad de La Serena, Chile.

Vicens Vives, Jaime (1969). *Historia General Moderna. Del Renacimiento a la crisis del siglo XX*. Barcelona, Espanha: Montaner y Simón.

### Os websites de especial interesse são:

Biblioteca Nacional do Chile:

[www.memoriachilena.gob.cl](http://www.memoriachilena.gob.cl)

Serviço Nacional do Patrimônio Cultural do Ministério das Culturas, das Artes e do Patrimônio:

[www.patrimoniocultural.gob.cl](http://www.patrimoniocultural.gob.cl)

## 6 . G U I A D E L E I T U R A E A T I V I D A D E S

Vimos a vida de uma mulher importante na primeira metade do século XX, uma pessoa que soube partir de uma situação familiar humilde e difícil para se tornar uma grande intelectual, poetisa, pedagoga, defensora das crianças e dos humildes, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1945.

Desta leitura emergem diversos temas de interesse para serem trabalhados individualmente ou para desenvolver um projeto com outros colegas, utilizando a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP).

Sugere-se a realização de **um projeto** sobre **a lenta, porém incessante, incorporação das mulheres à vida profissional e à igualdade de direitos ao longo da vida itinerante de Gabriela**.

O **produto final** deste projeto deve ser a elaboração de uma proposta para uma **viagem cultural pelos diferentes países por onde Gabriela Mistral viajou**. Um produto semelhante ao que uma **agência de viagens** pode oferecer, feito de forma tradicional (diagramas, fichas, mapas, desenhos, fotografias) ou aproveitando as novas tecnologias, por meio de curtas-metragens, gravações de áudio, montagens audiovisuais etc. Um produto que poderia ser lançado na escola, ou em alguma instituição comunitária, em alguma data especial, como o Dia do Livro ou da Mulher.

### Os objetivos deste projeto são:

- ▶ Compreender a diversidade humana e cultural de uma época não muito distante da nossa: paisagens, crenças, modos de vida.
- ▶ Entender e valorizar essa diversidade e incentivar as pessoas a conhecer a riqueza e a pluralidade do mundo em que vivemos.
- ▶ Estudar qual o papel que mulheres como Gabriela Mistral e tantas outras desempenharam para que hoje sejamos de uma determinada maneira.

Para desenvolver um projeto com estas características, é conveniente organizá-lo por equipes e cada uma destas equipes deverá aprofundar-se num tema:

**Equipe 1:** Geografia americana com ênfase para o Chile, México, Brasil e os Estados Unidos.

**Equipe 2:** Geografia europeia, especialmente França, Itália, Espanha e Suécia.

**Equipe 3:** Mulheres importantes destes países.

**Equipe 4:** Intelectuais que eram amigos da escritora.

Em seguida, será necessário realizar uma configuração conjunta de todas as equipes.

Seja um projeto em grupo ou individual, o seguinte **questionário de propostas** pode ajudar a desenvolver o **produto final, o guia de viagem**:

- Elaboração de um mapa do Chile mostrando os lugares associados com a escritora.
- Esboço de mapas da América e da Europa com os lugares associados a Gabriela.
- Aspectos de valor paisagístico, cultural e artístico de cada um destes lugares.
- A variedade étnica de povos e culturas, principalmente do Chile e do México.
- Indigenismo na arte contemporânea.
- Análise dos transportes e das comunicações durante sua vida e hoje: por exemplo, a distância e viagem de La Serena a Temuco ou a travessia de barco do Brasil à Suécia.
- A riqueza arqueológica mexicana e a importante revolução artística do século XX: Rivera, Siqueiros, Tamayo e Orozco e Kahlo.
- Uma breve abordagem às mulheres do mundo artístico e intelectual relacionadas com Mistral: Delmira Agustini, Victoria Ocampo, Laura Rodig, Juana de Ibarbourou, Victoria Kent, Alfonsina Storni, Selma Lagerlöf etc.
- Mulheres ganhadoras do Prêmio Nobel, tanto em Literatura quanto em outras disciplinas, antes e depois de Gabriela Mistral. Quem foi Marie Curie?
- Breve análise das figuras ibero-americanas: Bernardo O'Higgins, José de San Martín, An-

drés Bello e Domingo Faustino Sarmiento. Seu papel na história chilena.

- Os movimentos a favor do direito ao voto nas diferentes nações ibero-americanas.
- Gabriela Mistral e sua relação com Rubén Darío.
- Madri e Paris na era do vanguardismo. Os "felizes ou loucos" anos 20 na arte.
- Pablo Neruda, Pablo de Rokha e Vicente Huidobro, poetas chilenos. Sua relação com Gabriela.
- César Vallejo, poeta peruano, sua relação com a escritora durante a Guerra Civil Espanhola.
- Vanguarda brasileira: Tarsila do Amaral, Vinícius de Moraes ou Mário de Andrade. O que significa "antropofagia" no Brasil?
- O escritor austríaco Stefan Zweig e sua amizade com Gabriela.
- A importância de Nova Iorque na vida de Gabriela Mistral.
- Quais organizações internacionais têm sede em Nova Iorque e que papel desempenham para o desenvolvimento do mundo contemporâneo?
- Organizações internacionais com as quais Gabriela Mistral colaborou.

Neste guia de viagem é importante indicar em cada lugar quais mulheres importantes do momento — escritoras, pintoras ou escultoras — estão relacionadas com essa localidade. O guia pode ser ilustrado com textos e criações artísticas de muitas delas.

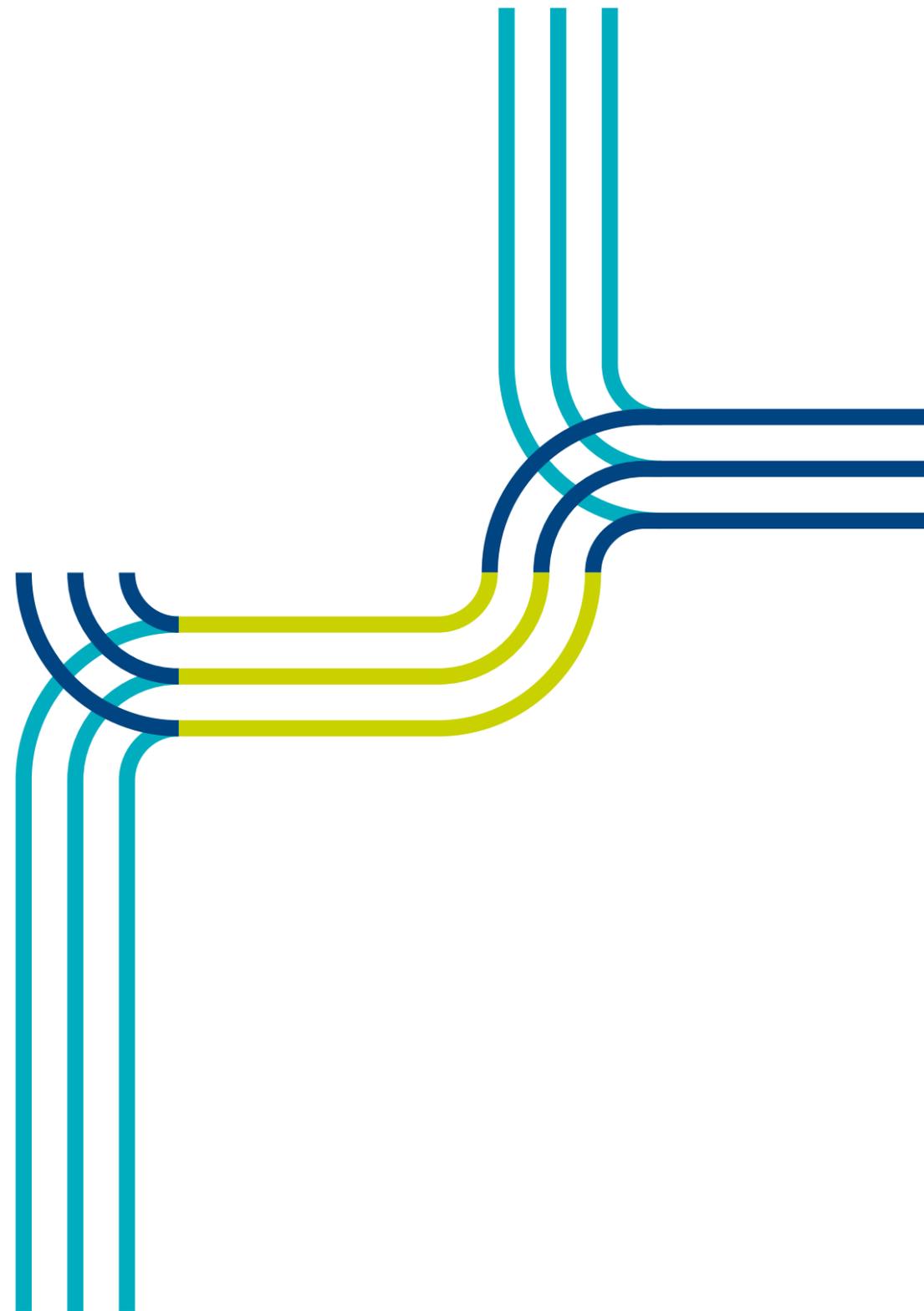
Existe um abundante material (fotografias, vídeos e gravações sonoras) sobre a vida de Gabriela Mistral, das mulheres mencionadas ao longo do texto e de muitos outros nomes de homens e mulheres que podem ser encontrados na internet para ilustrar o trabalho.

## Avaliação

O corpo docente das disciplinas envolvidas (História, Geografia, Literatura, Tecnologia e Informática) estabelecerá as rubricas necessárias para a avaliação conjunta do trabalho final: tanto o realizado pelas diferentes equipes quanto os individuais de cada aluno(a). Os(As) alunos(as) farão sua autoavaliação enquanto observam os métodos e resultados de seu trabalho.

## Competências

1. Comunicação linguística.
2. Competências cívicas e sociais.
3. Consciência e expressões culturais.
4. Competência digital.





# Carmen de Burgos

Colombine:  
À Frente de  
seu tempo

*Anunciación Barriuso Ovejero*

## ÍNDICE

Introdução

Cronología

### 1. A época. As grandes mudanças na Espanha moderna

1.1. Momento histórico. Instabilidade política

1.2. Proclamação da Segunda República

1.3. Carmen de Burgos, a vigência de sua vida nos dias de hoje e mensagem

### 2. Carmen de Burgos, Colombine: à frente de seu tempo. Biografia. Vida e obra

2.1. Origens

2.2. Vida profissional e notoriedade

2.3. Ativismo político

### 3. As mulheres de sua época

3.1. A importância das mulheres

3.2. Mulheres importantes

### 4. Textos

### 5. Bibliografia

### 6. Guia de leitura e atividades

## INTRODUÇÃO

Nossa personagem é uma mulher versátil, escritora, jornalista, correspondente de guerra, tradutora, professora e ativista pelos direitos das mulheres do início do século XX.

Pertence à Idade de Prata da literatura espanhola.

Colombine, seu pseudônimo, será “A voz dos sem voz”, como definido por alguns de seus biógrafos, sendo recorrente em dois temas fundamentais: os problemas da infância e a situação das mulheres.

Em 1924, escreveu em um artigo: “O que tem sido mais importante até agora no que é pomposamente chamado de progresso do feminismo na Espanha é discutir se deve-se dizer vereador ou vereadora...”. Há quase um século, nossa autora questionava a linguagem inclusiva.

Devido a suas ideias reformistas sobre o divórcio, o sufrágio universal, a defesa dos direitos das mulheres e a importância da educação e da higiene na infância, é considerada uma mulher à frente de seu tempo e sua atitude foi vital, atemporal e exemplar.



Imagem 1  
Fotografia de Carmen de Burgos.

Not stated. Unknown author, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>>, via Wikimedia Commons



**Colombine, seu pseudônimo, será “A voz dos sem voz”, como definido por alguns de seus biógrafos”.**

# CRONOLOGIA

## DADOS CRONOLÓGICOS



## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS



Fonte: Elaboração própria.

# 1. A ÉPOCA

## AS GRANDES MUDANÇAS NA ESPANHA MODERNA

### 1.1. Momento histórico. Instabilidade política

**C**armen de Burgos Seguí nasceu nos últimos momentos do reinado de Isabel II e sua vida terminou nos primeiros anos da Segunda República que, em termos gerais, podemos relatar da seguinte forma.

Após a morte de Fernando VII, em 29 de setembro de 1833, sua esposa Maria Cristina de Bourbon-Duas Sicílias assumiu a regência com o apoio dos Liberais, em nome de sua filha e futura rainha Isabel II. O conflito com o cunhado, Carlos Maria Isidro de Bourbon, que aspirava ao trono em virtude de uma suposta validade da Lei Sálica — já revogada por Carlos IV e pelo próprio Fernando VII — levou o país à Primeira Guerra Carlista.

Após a breve regência do General Espartero, que sucedeu a de Maria Cristina de Bourbon-Duas Sicílias, Isabel II foi proclamada maior de idade com apenas treze anos por resolução das Cortes Gerais em 1843. Assim, começou o reinado efetivo de Isabel II, que costuma ser

dividido em quatro períodos: a Década Moderada (1844-1854), o Biênio Progressista (1854-1856), a etapa dos Governos da União Liberal (1856-1863) e a Crise final (1863-1868).



Imagem 2. Isabel II.

Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

É uma época de mudanças, pois no ano seguinte a seu nascimento a Revolução de 1868 ocorreu na Espanha, a chamada "La Gloriosa", "Revolução de Setembro" ou "La Septembrina". Esta significou a queda e o exílio da rainha Isabel II e o início do período conhecido como o Sexênio Democrático. A partir deste momento, tem lugar a considerada primeira tentativa de instauração de um regime político democrático no país: primeiro, sob a forma de monarquia parlamentar, durante o reinado de Amadeu I de Saboia (1871-1873); posteriormente, sob a forma de república, a Primeira República (1873-1874). Entretanto, ambas as fórmulas falharam.

Neste período acontece o que conhecemos como a Restauração Bourbon. Afonso XII estava exilado na Grã-Bretanha após o fracasso da Primeira República quando Cánovas del Castillo, do Partido Liberal-Conservador, contactou-o para restaurar a ordem monárquica na Espanha.



Imagem 3. Afonso XII.

Alfonso XII.jpg: Gaius iulius caesarderivative work: Nessa, Public domain, via Wikimedia Commons

Cánovas faz promessas à classe política de que será uma questão de superação da República, mas também das formas e dos meios do reinado de Isabel II, com a última das Guerras Carlistas inacabada. O futuro rei ficou convencido e proclamou o *Manifesto de Sandhurst* em 1 de dezembro de 1874, no qual comunicou que muitos o contactaram para estabelecer uma monarquia constitucional, bem como classificou a nação como órfã e considerou-se o legítimo herdeiro do trono devido à abdicção de sua mãe, Isabel II, colocando-se à disposição dos espanhóis.

O sistema político que foi estabelecido era bipartidário, entre o Partido Liberal-Conservador liderado por Antonio Cánovas del Castillo e o Partido Liberal-Fusionista liderado por Práxedes Mateo Sagasta. Isto permitiu superar o sistema de partido único que havia levado a uma falta de legitimidade democrática de Isabel II e sua subsequente queda. O novo panorama permitia uma maior estabilidade, mas o descumprimento das promessas de mudança e uma alternância política fictícia causaram graves problemas que levaram à corrupção política, criando seu próprio modelo: o “caciquismo”.

Afonso XII foi sucedido por seu filho, Afonso XIII de Bourbon, que foi proclamado rei desde o momento de seu nascimento em maio de 1886, uma vez que seu pai havia falecido cinco meses antes. Enquanto Afonso XIII ainda não era maior de idade, a chefia do Estado foi mantida por sua mãe Maria Cristina de Habsburgo-Lorena como regente até maio de 1902, quando Afonso XIII completou dezesseis anos de idade e jurou a Constituição de 1876, iniciando um reinado que durou até 14 de abril de 1931, data em que teve que se exilar quando a Segunda República foi proclamada. Este reinado costuma ser dividido em várias fases:

- A Regência de Maria Cristina de Habsburgo (1885-1902) foi um período especialmente decisivo na história da Espanha, pois naqueles anos de final de século, o sistema conheceu sua estabilização, o desenvolvimento de políticas liberais, mas também o surgimento de grandes fissuras no campo internacional, que se refletiram primeiro na Guerra Colonial com os Estados Unidos e, mais tarde, na derrota militar e diplomática que levou à perda das colônias após o Tratado de Paris em 1898. A sociedade es-

panhola passou por uma mudança decisiva para o futuro do país, com a emergência de realidades políticas tão significativas, tais como os regionalismos e os nacionalismos periféricos, o desenvolvimento de um movimento operário com uma dupla filiação (socialista e anarquista), a sustentável persistência — embora decrescente — da oposição carlista e o auge do republicanismo.



Imagem 4. Álvarez Catalá, Luis. Afonso XIII y Doña María Cristina Reina Regente. 1898. Óleo sobre tela. 230 x 142 cm.

Recuperado de: <https://www.senado.es/>  
Luis Álvarez Catalá, Public domain, via Wikimedia Commons

- O Período Constitucional (1902-1923) é a época em que o Rei Afonso XIII cumpriu o papel que lhe foi conferido pela Constituição de 1876, quando governou durante a Restauração Bourbon na Espanha, embora não se limitasse a exercer um papel simbólico,

mas interveio ativamente na vida política, especialmente em questões militares.



Imagem 5. Afonso XIII.

Kaulak, Public domain, via Wikimedia Commons

- A Ditadura de Primo de Rivera (1923-1930) foi o segundo período do reinado de Afonso XIII. O rei não se opôs ao golpe de Estado de Primo de Rivera, que pôs fim ao regime liberal. Assim, Afonso XIII uniu seu destino ao da ditadura, de modo que quando Primo de Rivera fracassou em sua tentativa de instaurar um regime autoritário e renunciou ao poder em janeiro de 1930, a própria monarquia foi muito questionada.
- A “Dictablanda” do General Berenguer (1930-1931) não pôde impedir o crescimento da opção republicana, o que levou à proclamação da Segunda República Espanhola em 14 de abril de 1931 e, desde então, Afonso XIII foi forçado a exilar-se.

## 1.2. Proclamação da Segunda República

A República não surgiu como resultado de uma conspiração de elites políticas apoiadas por um pronunciamento militar, seguido de uma revolta popular (como na revolução de 1868 chamada “La Gloriosa”), nem como consequência de um vácuo de poder causado pela abdicação do rei (como em fevereiro de 1873, quando a Primeira República foi proclamada). Em abril de 1931 o rei tinha partido, pressionado “por uma festa popular revolucionária, que começou em Eibar nas primeiras horas da madrugada de 14 de abril de 1931 e que foi perceptível em Madri — como em tantas outras cidades — quando o trabalhador da periferia, o artesão, o operário dos bairros mais pobres, as trabalhadoras têxteis ou das novas indústrias químicas, o estudante, o profissional e o intelectual das extensões se reuniram no início da tarde na Puerta del Sol em Madri para comemorar o resultado das eleições municipais do dia 12 e para proclamar festivamente a República. Foi, enfim, essa mobilização que deu a primeira forma ao republicanismo, um sentimento sem raízes profundas na sociedade, tão amplo quanto difuso, comovente, desestruturado, sem partidos, quase sem filiados; um republicanismo que tinha avançado ininterruptamente nos cafés, nas salas de conferências, nas ruas, nas consciências e nos corações, sem que ao mesmo tempo tivesse progredido em organização e em definição programática”<sup>1</sup>.



Imagem 6  
Capa do jornal *El Pueblo Gallego* de 15 de abril de 1931.

Lameiro, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>>, via Wikimedia Commons

## 1.3. Carmen de Burgos, a vigência de sua vida nos dias de hoje e mensagem

A trajetória pessoal, social, cultural e docente de nossa personagem é absolutamente válida em nosso século: a luta pelos direitos e a igualdade das mulheres, a proteção e defesa das crianças, o acesso a cargos mais altos normalmente reservados aos homens...foram o motor vital de Carmen, que empunhou ao longo de sua existência, sendo sua vida e obra o melhor legado que nos deixou.

Republicana desde a juventude, percebeu que as mudanças nestas áreas poderiam levar à transformação política, social e cultural de que a Espanha precisava, ideia que a faz exclamar: “Acredito que o futuro nos pertence”<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Presmanes García, Rosa E. (2012). *La masonería femenina en España. Dos siglos de historia por la igualdad*.

<sup>1</sup> Juliá, Santos (1999). *Un siglo de España. Política y sociedad*.

## 2. CARMEN DE BURGOS, COLOMBINE

### À FRENTE DE SEU TEMPO. BIOGRAFIA. VIDA E OBRA

#### 2.1. Origens

A história familiar paterna de Carmen de Burgos corresponde à da pequena burguesia do século XIX, cuja economia e posição eram sustentadas pelas atividades de mineração e de comércio exterior de natrão, chumbo branco, esparto e uvas, e — porque não dizê-lo — pelo contrabando com Gibraltar, algo comum nos afazeres das famílias refinadas de Almeria da época.

Seu avô, José Burgos Coronel, morreu em consequência de um atentado sofrido nas proximidades da seo (catedral) na primavera de 1850. A partir desta data, parece que a fortuna da família começa a diminuir, embora não aconteça o mesmo com a consideração social, pois tanto seu pai, José de Burgos Cañizares, quanto seu irmão Francisco ocuparam o cargo de vice-cônsul de Portugal. Sua mãe, Nicasia Seguí Nieto, de uma origem social inferior, recebe aos 13 anos uma grande herança de um proprietário de terras em Níjar: algumas casas rústicas (entre

elas, a quinta de la Unión, que estará muito presente em suas obras) e diversas propriedades no distrito de Rodalquilar. Portanto, vemos que é um casamento típico das classes abastadas da época, em que a posição social e a segurança econômica se conjugam. O casamento é celebrado em 1866 ou 1867 em Almeria. As idades dos noivos são marcantes: Nicasia não tinha 15 anos e José tinha 26 anos. Uma grande diferença, que na época era bastante comum.

Definir a data de nascimento de Carmen não tem sido uma tarefa fácil, pois seja por vaidade feminina ou por outros motivos, ela nunca deixou muito claro. Graças ao árduo trabalho de Florentino Castañeda<sup>3</sup>, que conseguiu obter sua certidão de batismo, pode-se afirmar com toda a certeza que nasceu em 10 de dezembro de 1867. Os documentos oficiais que o comprovam não existem, uma vez que o arquivo da igreja de San Pedro de onde o documento foi obtido, foi destruído em 1936. Além disso, não temos a certidão de nascimento porque o registro civil de Almeria começou a funcionar em 1872.

Situando resumidamente a época de seu nascimento, ocorre durante o reinado de Isabel II, que no ano seguinte é derrubada pelo triunfo da Revolução Progressista, mais conhecida como “La Gloriosa”. A título de curiosidade, cabe saber que seu futuro sogro, Mariano Álvarez Ro-

<sup>3</sup> Recuperado de Sevillano Miralles, Antonio y Segura Fernández, Anyes (2009). *Carmen de Burgos “Colombine” (Almería, 1867-Madri, 1932)*.

bles, fazia parte do consistório constituído em Almeria em 1869.

Não existe documentação de que tenha frequentado a escola pública ou qualquer outra escola feminina, o que era comum na alta burguesia da época, de modo que é concebível que tenha sido educada no seio da família.

Rodalquilar foi sua constante referência infantil, seu paraíso, o lugar de retiro nos momentos difíceis de sua agitada existência. Para muitos estudiosos, “Rodalquilar é a pátria que formou seu caráter reivindicativo e lutador”. Este lugar está no coração do Parque Natural Cabo de Gata, uma paisagem agreste e montanhosa, testemunhou as primeiras experiências de uma menina que se sentia livre e que defendeu essa liberdade até a sua morte. Este sonho paradisíaco acabou e Carmen teve que voltar a Almeria onde as classes sociais eram muito diferentes e onde “a ordem e os bons costumes” se impunham com dois grandes argumentos: a razão da força e a Igreja. Neste momento de sua vida, começa a confrontar-se com estes dois mundos dentro de si: um, cheio de convenções, restrito e imerso numa falsa moralidade; outro, selvagem, duro, mas que exala liberdade por todos os seus poros.

Aos 16 anos casou-se, segundo o costume da época, com uma relativa oposição dos pais de ambas as partes: José de Burgos, que já era um empresário de mineração fracassado, e Mariano Álvarez, um tipógrafo que a longo prazo representou um papel decisivo na vida de Carmen de Burgos. O noivo de Carmen, Arturo Álvarez Bustos, catorze anos mais velho que ela, um poeta menor e jornalista por herança de seu pai, revelou-se como um verdadeiro libertino, que prestava mais atenção à vida noturna do que aos versos e tipos de caixas que seu pai

manuseava. Quanto à data exata e aos documentos do casamento, como tudo referente a nossa personagem, não são facilmente acessíveis. Acredita-se que tenha ocorrido por volta de 1889, mas seja pelo costume que os eclesiásticos tinham de não ir ao cartório após a celebração do casamento religioso ou porque a documentação relativa a Carmen de Burgos foi retirada pela autoridade governamental durante o regime de Franco, não foi possível encontrá-la, apesar do esforço de diferentes pesquisadores. O casamento foi um fracasso desde o início; apesar disso, tiveram quatro filhos entre 1890 e 1895, dos quais apenas María de los Dolores sobreviveu.

## 2.2. Vida profissional e notoriedade

Nesta época, Carmen colabora na elaboração de alguns jornais menores, como *Almería Cómica*, *Almería Bufa* ou *Almería Alegre*, que não eram realmente notáveis.

Parece que ela precisava romper com a vida que levava e com o futuro que a aguardava: passa por dificuldades financeiras e tem filhos, por isso vê a faculdade e os estudos como uma forma “digna” de se livrar de tudo isso.

Em 1895 obteve o Certificado de Professora em Granada, passando a lecionar na escola Santa Teresa para meninas pobres, onde permaneceu até 30 de maio de 1901, um fato que conhecemos por meio de uma renúncia que ela faz de um subsídio para a escola Santa Teresa ao comunicar sua nomeação como professora permanente na Escola Normal de Professoras de Guadalajara. Com isso, consegue o distanciamento definitivo de seu casamento nefasto; além disso, já tinha publicado

sua primeira obra *Ensayos literarios* em 1900, razão pela qual começava a ser conhecida nos círculos literários de Almeria.

Carmen só regressou a Almeria em 1904, enviada pelo Diário Universal madrilenho para cobrir a primeira visita do rei Afonso XIII à cidade.

Em Madri, viveu na casa de seu tio Agustín de Burgos Cañizares, que tinha sido nomeado senador em 1899. Pouco depois de sua chegada, publicou *Notas del Alma*, uma pequena coleção de poemas. Contudo, sua atividade literária começou realmente com a colaboração no jornal *La Correspondencia de España*, onde passou a publicar artigos sobre a discriminação sofrida pelas mulheres no direito penal, como já mencionamos, um dos temas transversais de toda a sua obra.

Em 1902, começa a colaborar em *El Globo*, onde assinou inúmeros artigos nos quais misturava questões de moda com outras de grande profundidade política e cunho feminista. No dia 8 de dezembro desse ano, lançou a sua coluna “Notas Femininas”. Nela, partindo da situação dolorosa que as mulheres espanholas vivem em relação à lei, conclui que a educação é o único veículo para conseguir uma equiparação mais ou menos formal com os homens.

Em 1903 tornou-se a primeira mulher “editora” de um jornal, no *El Diario Universal*, onde escrevia uma coluna diária intitulada “Leituras para a mulher”; foi aqui que começou a usar o pseudônimo Colombine para assinar suas narrativas. Alguns meses mais tarde, começou a trabalhar simultaneamente no jornal ABC. Esta é uma época de ambiguidades porque, por um lado, ela sustenta que a mulher independente é a meta a ser alcançada e, por outro, que o femi-

nismo é um caminho incorreto para alcançá-la...

Carmen de Burgos junta-se, ao lado de Emilia Pardo Bazán, à Liga Internacional de Mulheres Ibéricas e Ibero-americanas para tratar do desenvolvimento intelectual das mulheres. A partir dessa plataforma, promoveu a ideia da fundação de escolas rurais para ajudá-las a sair do atraso social em que se encontravam.

Embora menos conhecida, é importante destacar sua incansável luta contra a pena de morte, uma atividade que teve início, pelo menos publicamente, neste ano. Ela escreveu um forte apelo intercedendo pela condenada Cecilia Aznar com estas palavras:

Porque a pena de morte, que está desaparecendo do Código da maioria das nações civilizadas, deve ser derrotada pelo progresso, e seu uso fará com que as futuras gerações olhem para nós com o mesmo horror com que contemplamos os algozes de eras passadas e os asseclas do Santo Ofício...<sup>44</sup>.

Mais foi em 1904 quando Colombine realiza uma de suas grandes oras que lançou as bases do movimento feminista na Espanha.

A partir da coluna “Leituras para a mulher” promoveu uma enquete sobre a necessidade de uma Lei de Divórcio na Espanha. Os setores progressistas vinham reivindicando essa lei, mas ela não passava de uma ideia que os con-

<sup>44</sup> Presmanes García, R. E. (2012). Ob. cit.

servadores e a Igreja Católica rapidamente neutralizavam, indicando que era um ataque frontal à família.

Carmen abre o debate de uma forma diferente; a partir de um pouco de informação, transforma sua coluna na porta-voz de uma pesquisa na qual os leitores veem refletidas suas opiniões, algumas a favor e outras contra. As conclusões são publicadas nesse mesmo ano num livro intitulado *El Divorcio en España*.

Existe outra questão fundamental que atrair sua atenção ao longo de sua vida: a condição higiênico-sanitária das crianças e os aspectos pedagógicos que, segundo ela, tinham que ser mudados para melhorar a sociedade. Como resultado desta preocupação, nasce sua obra *La protección e higiene de los niños*. Realmente, o que Carmen de Burgos conta não é novidade, já que em 1879 Manuel Tolosa publicou *El niño*, que estabeleceu os três pilares protetores da infância: “Educação física, formação moral e formação sentimental”. Posteriormente, ela retoma estas ideias, acrescentando que a falta de conhecimentos sobre higiene comprometia a saúde da criança. Colombine — não devemos esquecer — sofreu esta tragédia na própria carne com a morte seus três primeiros filhos.

Este ano é fundamental como “abertura de perspectivas literárias” para Carmen de Burgos, uma vez que ela começa a fazer traduções. A primeira obra que traduz consiste num requisito para obter a licença necessária para a extensão dos estudos que vinha desfrutando no Colégio Nacional de Surdos-Mudos e Cegos de Espanha. Traduz para o espanhol a obra de Hellen Keller, *A história da minha vida*, que conta os esforços da professora Ann Sullivan para se comunicar com sua aluna, a autora do livro. Este caso,

uma demonstração de tenacidade e conhecimento pedagógico, marcou o futuro de nossa escritora, pois além de realizar a tradução, relatou o assunto em *El Universal*, entendendo que o método de Sullivan também era aplicável na Espanha e que podia ser a mudança radical e necessária no ensino de surdos, mudos e cegos.

Foi neste período que iniciou uma amizade — não sem admiração — com Vicente Blasco Ibáñez<sup>5</sup>, que marca tanto sua vida como sua própria obra. Carmen recebe do autor valenciano uma grande dose de radicalismo político e anticlericalismo. Esta amizade também lhe dá a possibilidade de publicar na editora Sempere de Valência, bem como de colaborar no jornal *El Pueblo* dessa cidade.

Durante esta fase, a atividade de Colombine foi frenética. Publica *Alucinación*, uma seleção de oito contos para a coleção da Biblioteca Mignon. Nestes contos, nota-se mais uma vez uma evolução sobre o tema das mulheres, sem renunciar seus princípios igualitários. Ela evita confrontos diretos com os homens, constatando que a unidade no uso da razão é a única forma de superar esta afronta.

Este é o ano de sua saída definitiva para a atividade pública, tornando-se membro da Sociedade de Autores Espanhóis, da Sociedade de Escritores e Artistas, da Associação da Imprensa. Também é admitida em um órgão que tinha sido proibido às mulheres até esse ano, o Ateneu Científico, Literário e Artístico de Madri.

Da mesma forma, em 9 de janeiro, Emilia Pardo Bazán foi proclamada sócia. Vale destacar a

<sup>5</sup> *Ibid.* A primeira resenha que Carmen fez do autor é uma anotação sobre a sua obra “El Intruso” em *El Diario Universal*.

palestra que proferiu no auditório da Universidade Central de Madri (atual Universidade Complutense de Madri), numa conferência convocada pela Liga Internacional de Mulheres Ibéricas e Ibero-americanas para comemorar o tricentenário da publicação de *Dom Quixote*.

É neste momento que Carmen “descobre” a Europa, como consequência de seu pedido de alargar os estudos profissionais no estrangeiro; visita a Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suíça, França e Itália. Esta viagem permite-lhe conhecer instituições como o Liceu Clube de Paris e escritores como Max Nordau — que para Colombine é o criador do protótipo de uma mulher moderna e iluminada —, Alfred Naquet — autor da Lei de Divórcio na França — ou Jean Jaurès — socialista e diretor do jornal *L’Humanité*—, entre outros.

O resultado desta viagem é sua obra *Por Europa*, um livro composto de 55 cartas dirigidas a José Ferrándiz, pessoa por quem tinha uma admiração especial. As cartas, transformadas em capítulos narrados na primeira pessoa, revelam os momentos mais destacados da viagem. Para Concepción Núñez, um caminho viagem feito em várias dimensões. A viagem trouxe outra consequência: Colombine abandona seu trabalho no *El Diario Universal*, no qual escrevia “Leituras para a mulher”, e vai para o *El Heraldo de Madrid*, onde publica uma nova coluna intitulada “Féminas”.

Em 1906, volta a lecionar e inicia a tertúlia que se tornou um polo de atração cultural em Madri: “Los miércoles con Colombine”, na qual participaram tanto personagens consagrados quanto jovens que se iniciaram nos círculos literários. Esta dualidade, já mencionada em ocasiões anteriores, é agora mais evidente. Enquanto em

Madri, em sua coluna no *El Heraldo*, utiliza um tom conciliatório e elegante, em suas colaborações (menores) em *El Pueblo* de Blasco Ibáñez dá rédea solta a suas preocupações, abordando temas polêmicos, tais como a criação de escolas laicas ou a formação de uma nova classe política para modernizar as instituições, que considera ultrapassadas.



Imagem 7  
Carmen de Burgos (nº 49) com outros 70 colaboradores do *El Heraldo*, entre eles, Emilia Pardo Bazán, Blasco Ibáñez e Jacinto Benavente.

*El Heraldo de Madri*, Public domain, via Wikimedia Commons

Em 9 de outubro de 1906, publica uma coluna intitulada “O voto das Mulheres”, na qual pedia a diferentes pessoas e aos leitores que contribuíssem com a opinião, com o objetivo de ter uma ideia clara do assunto em questão. O resultado foi óbvio, com uma participação de 4.962 votos:

922 votaram a favor e 3.640 contra. Por esta razão, nossa autora declara: “O Sufrágio Feminino é moralmente derrotado”<sup>6</sup>.

O ano de 1907 foi especialmente difícil para Carmen de Burgos. Nos anos anteriores, sua amizade com Segismundo Moret, ministro e presidente do Partido Liberal, mantém-na a salvo dos ataques dos setores mais reacionários, mas a chegada ao poder de Maura e, sobretudo, do ultraconservador ministro da Instrução Pública, Rodríguez Sampedro, faz com que ela seja transferida para Toledo em junho deste ano, afastando-a de sua atividade em Madri. Em Toledo, se encontra com Dolores Cebrián, uma ex-colega, e Julián Besteiro, que era professor catedrático do ensino secundário. A influência do casal é notada em certos aspectos ideológicos que fizeram com que Colombine decida aderir ao Partido Socialista Operário Espanhol em 1910.

Do ponto de vista de sua atividade literária, esta foi considerada uma etapa muito produtiva. Publicou um grande número de romances em diversas coleções, tais como o dirigido por Eduardo Zamacois, *El Cuento Semanal*, ou *La Novela Corta*, por Eduardo Urquía, no qual publicou 26 contos.

Com o exílio, “Los miércoles con Colombine” passaram a ser celebrados aos domingos. Este é o momento em que os escritores Benito Pérez Galdós, Rubén Darío, Cansinos Assens e outros apareceram. É também o momento da grande paixão amorosa com Ramón Gómez de la Serna...

Se tivéssemos que definir esta etapa da vida de Carmen de Burgos, poderíamos dizer que tenta

<sup>6</sup> *El Heraldo de Madri* de 25 de noviembre de 1906.

substituir o “casticismo pelo cosmopolitismo”. Mas é também um período em que os ataques contra ela e sua obra se intensificam; assim, o jornal carlista *El Progreso* criticou-a por ter explicado em suas aulas que a origem da língua não era divina, mas sim o fruto da evolução humana, ou a interpeleção do bispo de Jaca ao ministro Rodríguez Sampedro por permitir a presença de professores que divulgavam ideias contrárias à fé.

Estas campanhas não foram gratuitas, respondiam à campanha empreendida por Carmen de Burgos contra o saque do patrimônio artístico espanhol, divulgando que o Conde de Guenduláin tinha vendido dois Grecos a um comprador estrangeiro desconhecido. Os setores reacionários vinham repetindo ataques contra ela em decorrência da questão do plebiscito do divórcio. A tudo isso, Carmen responde com sua melhor arma, a publicação de um de seus livros de referência, *Cuentos de Colombine*.

Também utiliza seus comentários no *El Heraldo de Madri* de sua coluna “Féminas”, que ferve novamente com a ativação do debate sobre o sufrágio feminino em março de 1908. O deputado Pi y Arsuaga, com o apoio de Canalejas, apresentou uma emenda, o chamado “voto administrativo”, para aquelas mulheres não sujeitas ao poder que fossem chefes de família, proposta que — como era de se esperar — foi rejeitada, mas que mais uma vez voltou a agitar as águas do sufrágio feminino. Neste ano, funda a Alianza Hispano Israelita, cujo órgão de divulgação foi a *Revista Crítica*.

Em 1909, a relação com Gómez de la Serna foi tornada pública; mais uma vez, Colombine rompe com todas as convenções em consequência da relação de uma mulher madura com um homem muito mais jovem do que ela...

É um momento decisivo em sua vida e obra por um motivo muito diferente: a guerra no Marrocos, os acontecimentos do desastre de Barranco del Lobo e os protestos antiguerra em Barcelona. Estes acontecimentos fazem com que o *El Heraldo* a envie primeiro em Málaga e depois para Melilla, onde se torna a primeira mulher correspondente de guerra. O *El Heraldo de Madrid* publica uma coluna com o título “Colombine en Melilla”, com uma grande audiência, já que Carmen usa seu espaço para dar notícias dos batalhões, dos feridos...sem entrar em conflito com as autoridades militares. Além disso, coloca por vezes as famílias em contato com os soldados. O resultado do desempenho desta atividade é a publicação de *En la Guerra (Episodios de Melilla)*, cuja história tem um elevado conteúdo antibelicista. Este ano, o governo de Maura cai, o que marca o fim de seu exílio e ela é então transferida como professora assistente da seção de literatura da *Escuela Normal de Maestras de Madrid*, e publica o romance *Los Inadaptados*, uma obra em que regressa a sua Arcádia dourada de Rodalquilar.



Imagem 8 Colombine em Melilla cercada por oficiais e soldados de artilharia.

Francisco Goñi, Public domain, via Wikimedia Commons

Durante este período, Colombine avança para

um ativismo mais direto, como evidenciado pelas palavras pronunciadas na conferência dada na sociedade *El Sitio* em Bilbao, na qual propõe um novo modelo de mulher, mais inclusivo, estabelecendo as deficiências e diferenças educacionais como o núcleo central de todos os problemas feministas. Também propõe uma reforma educacional que inclua a coeducação de ambos os sexos e que acabe com o papel secundário imposto às mulheres. Acredita que, para conseguir tudo isso, o modelo de família vigente deve ser mudado; portanto, defende o casamento civil, o divórcio, o amor livre e uma nova definição de casamento, onde o marido se torna um parceiro. Tanto as influências krausistas quanto as regeneracionistas são claras ao longo deste discurso.

O ano de 1911 foi muito próspero para nossa autora, onde seu trabalho como tradutora se centra nas obras de Emilio Salgari, tais como *A conquista de um império*, *Os mistérios da selva negra* e *Os últimos flibusteiros*. Quanto à obra pessoal, na coleção *El Cuento Semanal* publica *El honor de la familia*, de marcante caráter anticlerical, e uma de suas principais obras: *La voz de los Muertos*, onde defende uma nova concepção do mundo em que a razão é o eixo do pensamento e do esforço humano.

Neste ano, Ramón Gómez de la Serna regressa de uma viagem que se tornou eterna para Carmen e nesse verão Carmen inicia outra grande viagem pela Europa. Suas crônicas são enviadas tanto para o *El Heraldo de Madri* quanto para a revista *Mundo Nuevo*, onde publica uma nova coluna intitulada “Mundo Feminino”. Todas estas crônicas são incluídas em um segundo livro de viagens: *Cartas sin destinatario*. Neste momento, surge *Siempre en Tierra*, uma clara homenagem a Paris, na qual ela contrasta o eu-

ropeísmo da cidade francesa com o casticismo ancorado na tradição, o que para nossa autora é uma característica fundamental da sociedade espanhola da época.

Publica *La Indecisa*, que — como o próprio título indica — narra de maneira fictícia todas as dicotomias que a autora teve que superar, incluindo a escolha entre o amor ou a continuação de sua carreira literária. A partir deste momento, usa sua coluna no *El Heraldo de Madrid* para apresentar ao público uma infinidade de mulheres europeias que ocupavam cargos importantes em seus diferentes países.

No ano seguinte é convidada a participar no X Congresso Internacional das Mulheres pelo Conselho Nacional das Mulheres Francesas, e em sua exposição aborda as escassas raízes do feminismo na Espanha. Também viaja para a Argentina, em decorrência da bolsa que lhe foi concedida pela Junta para a Ampliação de Estudos. Esta viagem será importante para outra seção a que dedicamos este trabalho. Em Buenos Aires, ministra dez conferências, e escreve outros dois romances: *Malos amores y Sorpresas*.

Em 1914, inicia mais uma de suas viagens pela Europa, que em princípio tinha planejado ir da Suíça à Rússia, mas a eclosão da guerra mundial fez com que seus planos mudassem e, por suas crônicas, sabemos que esteve em Hamburgo, Copenhague, Suécia e Noruega. Para evitar o perigo dos submarinos, decide voltar com sua filha à Espanha de trem, o que foi uma grande aventura. O resultado desta odisseia foi sua seguinte obra, *Peregrinaciones*, além das crônicas do *El Heraldo*, onde decide desfilas as grandes mulheres da arte e da literatura de nosso país, como já tinha feito anteriormente com uma cole-

ção de ilustres mulheres europeias.

A experiência bélica que viveu traz de volta aquele lado mais humano que contrasta com as ideias destrutivas que as guerras acarretam. O apoio ao lado anglófilo e a profunda germanofobia também são notados em suas narrativas. A Grande Guerra fez com que Carmen de Burgos mudasse sua perspectiva e em vez de olhar para o Leste, olhasse em direção ao Oeste e redescobre Portugal. Mudou-se para lá com Gómez de la Serna e sua filha, onde selou sua amizade para a vida toda com Ana de Castro Osório, então dirigente da Cruzada das Mulheres Portuguesas, cujo objetivo era servir a República e defender os direitos da mulher. Esta foi a origem da Cruzada das Mulheres Espanholas, que Carmen de Burgos mais tarde funda na Espanha. Em Portugal, Colombine se atreve a abordar assuntos con-



Imagen 8. Ana de Castro Osório

siderados tabus pela sociedade lusitana.

*Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons*

Por exemplo, em seu curto romance *Las Tricainas*, aborda o tema de um grupo de mulheres de baixa renda, obrigadas a conviver com estudantes da classe abastada da cidade.

Escreve *Flor de playa e Don Manolito*, e não abandona a controvérsia; assim, em *Ellas y Ellos o Ellos y Ellas*, defende o amor livre e até mesmo se aventura a tocar na questão da homossexualidade — não devemos esquecer que estamos em 1916 —.

Porém, Carmen e Ramón, embora fixem residência em Portugal, não interrompem as viagens pela Europa, especialmente a Paris, onde a autora reforça — ainda mais — sua relação com a União das Mulheres da França, com as quais compartilha o horror da situação dos feridos nos hospitais devido à guerra. Como fruto da miséria gerada pela tragédia da guerra surge *El Permisario*, onde evidencia a degradação humana em razão de sobreviver, bem como o desastre social que uma guerra acarreta.

Em 1917, ocorreu também um acontecimento familiar que marcou a vida da autora, que foi o casamento de sua filha com Guillermo Mancha, um jovem ligado ao mundo emergente do cinema. Isto significa uma mudança na vida de Carmen, como disse repetidamente: “Eu nasci com minha filha”, aludindo à terrível partida de Almeria, sua terra natal, e à chegada a Madri.

Em 1919, publica uma das suas obras mais consagradas, *Fígaro*. A obra incluiu a documentação inédita fornecida pela família do escritor. Aqui aparece um Larra diferente e quase desconhecido até então. Com isso, completa-se uma homenagem que começou com a chegada

de Carmen a Madri e a visita ao túmulo do escritor. Para ela, Larra era seu mestre, um estilo a imitar. Apesar do sucesso alcançado com esta obra, Colombine não abandona os temas centrais de seu trabalho anterior, pois teme que o fim da guerra mundial nos faça esquecer as conquistas — embora tímidas — das reivindicações feministas.

A partir de sua coluna no *El Heraldo*, sobre a criação de novos grupos de mulheres que surgiram à luz da guerra, tais como a Associação Nacional de Viúvas de Guerra ou as reuniões realizadas por sufragistas femininas a fim de que as suas reivindicações fossem atendidas no âmbito da Conferência de Paz. Sua vida política desenvolve-se de forma frenética, à frente da Agrupação Feminina Socialista de Madri, que mais tarde abandona devido a suas divergências com o partido no que se refere ao voto feminino.

Em 1919, ela regressa a Portugal na companhia de Ramón, encontrando no jornal *O Mundo* uma plataforma perfeita para expressar as suas opiniões, onde cria a coluna “Coisas de Espanha”. Na sua residência no Estoril, “El Ventanal”, ela começou a compreender a necessidade de uma base política para poder apresentar os seus objetivos. Em 1920, com a inestimável ajuda de sua grande amiga Ana de Castro Osório, ela cria a Cruzada das Mulheres Espanholas à semelhança de sua homônima portuguesa. As petições apoiadas por esta organização se resumem na instauração do divórcio, na investigação da paternidade, na igualdade de direitos entre filhos legítimos e ilegítimos e na reforma completa de todos os artigos do Código Civil que discriminavam as mulheres.

Carmen, desencantada com o Partido Socialista, interessa-se pelo o partido União Republicana, que dá espaço ao Manifesto da Cruzada das Mulheres Espanholas. As campanhas pelo sufrágio feminino e a favor de uma Lei do Divórcio foram a plataforma de saída que culminou em sua obra *El Artículo 438*, publicada em 1921. Este artigo isentava o homem da condenação por matar sua esposa apanhada em flagrante adultério. Teve grande aceitação popular e fez com que o tema fosse levado ao Congresso dos Deputados.

Em 1923, Carmen de Burgos aprofunda sua relação com a América Latina. Elena Arizmendi oferece-lhe a presidência da Liga Internacional de Mulheres Ibéricas e Ibero-americanas, da qual foi Secretária-Geral. Carmen viajou ao México em outubro para presidir o Congresso Internacional da Liga de Mulheres, ocasião em que aproveitou para visitar a filha María, com quem tinha laços muito profundos. É um ano em que Colombine começa a dar os primeiros sinais de seu problema cardíaco, o que a obriga a fazer algumas pausas.

Começa a preparar sua grande obra sobre o tema dos direitos das mulheres: *La mujer moderna y sus derechos*. O livro está estruturado em catorze capítulos, nos quais diversas questões são tratadas de forma rigorosa e documentada, como as origens e tendências do feminismo moderno, a natureza não científica das teorias biológicas que tentam demonstrar a inferioridade da mulher, a situação da mulher no Código Civil, a possibilidade de investigar a paternidade, a situação laboral da mulher, o casamento, a mulher e o cristianismo, os direitos políticos da mulher ou o sufrágio universal.

Esta etapa foi abreviada por dois acontecimen-

tos que encheram de amargura a vida de Colombine. Por um lado, o regresso da filha María devido ao duplo fracasso, conjugal e profissional. Por outro a relação amorosa entre sua filha e Ramón, surgida durante estreia da peça de Ramón Gómez de la Serna, *Los Medios Seres*, na qual María tinha um papel a pedido de sua mãe. Isto provoca o fim da relação mantida por mais de vinte anos entre Carmen e Ramón. Ela ampara a filha e Ramón muda-se para Paris; mais tarde, ele se casa com Luisa Sofovich na Argentina.

### 2.3. Ativismo político

Em 1929, reforça seu compromisso republicano e socialista ao entrar para o Partido Republicano Radical Socialista (PRRS), cujo líder era Marcelino Domingo. Clara Campoamor foi também membro deste partido, que defendia um socialismo sem dogmas e garante das liberdades, e endossava as reivindicações que as duas mulheres queriam para a sociedade espanhola.

Em 1931, foi proclamada a Segunda República Espanhola e, apesar de sua doença, ela se mantinha muito ativa, participando em muitos comícios e conferências em Madri. Uma das últimas campanhas em que participou foi pela abolição da pena de morte e para prestar homenagem aos militares liberais fuzilados por terem se rebelado contra a ditadura de Primo de Rivera. A mãe de Fermín Galán, um dos soldados fuzilados pelo levante de Jaca, também participou do ato.

Esta euforia republicana fez Carmen exclamar: "Acredito que o futuro nos pertence"<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Presmanes García, R. E. (2012). Ob. cit.

Em novembro deste ano, publica *Puñal de Claveles*, uma obra que para alguns estudiosos é o encerramento do ciclo de Rodalquilar.

Carmen viu um de seus sonhos tornar-se realidade: ver a Lei do Divórcio aprovada; e como não podia ser de outra forma, lutou até o último momento em defesa de seus ideais. A lei foi aprovada em 1932.

Seu estado cardíaco piorou, o que a fez diminuir um pouco sua vida pública. Foi durante uma cerimônia realizada no dia 8 de outubro, numa mesa-redonda sobre educação sexual organizada pelo Círculo Radical Socialista, que sofreu uma crise e teve de ser transferida para sua casa e, a seu pedido, foi atendida por seu amigo o doutor Gregorio Marañón. Morreu nessa madrugada, sendo enterrada no Cemitério Civil de Madri.



*Carmen viu um de seus sonhos tornar-se realidade: ver a Lei do Divórcio aprovada; e como não podia ser de outra forma, lutou até o último momento em defesa de seus ideais. A lei foi aprovada em 1932.*

## 3. AS MULHERES DE SUA ÉPOCA

### 3.1. A importância das mulheres

As primeiras décadas do século XX foram muito importantes para as mulheres na cultura espanhola, apesar do fato de muitas delas terem sido silenciadas ou associadas a nomes masculinos, maridos, companheiros, pais e instituições.

Porém, como lutadoras infatigáveis diante de tantas dificuldades, algumas conseguiram destacar-se por si próprias e ser relevantes em diversos campos. Além de seu valor pessoal, deve-se destacar o objetivo comum que levou a todas a se tornarem incansáveis lutadoras pelos direitos das mulheres.

### 3.2. Mulheres importantes

Selecionamos quatro mulheres que dedicaram suas vidas para alcançar a igualdade de direitos e uma sociedade mais justa. Concepción Arenal é a precursora, enquanto Rosario Acuña, Emilia Pardo Bazán e Clara Campoamor continuaram seu caminho empreendido em diferentes aspectos culturais, políticos e vitais.

## Rosario de Acuña (Madri, 1850-Gijón, 1923)



Imagem 10. Rosario de Acuña

Não aparece em nenhuma fonte.  
(Unknow), Public domain, via Wikimedia Commons

Nascida em 1850 em Madri, no seio de uma família aristocrática, Rosario de Acuña iniciou sua atividade literária em 1874 ao publicar seu primeiro artigo na *La Ilustración Española y Americana* e, em 1876, estreou *Rienzi el tribuno*, um claro argumento contra a tirania, com grande sucesso de crítica e público. Em 1880, estreia no Teatro Espanhol *Tribunales de Venganza*, sendo a segunda mulher a ver as obras apresentadas neste teatro. Sua trajetória de vida foi marcada pela conquista de ideais como a defesa dos direitos das mulheres, a separação entre a Igreja e o Estado e o republicanismo. Sem dúvida, foi uma mulher polêmica na época em que viveu, considerada livre-pensadora, dramaturga, poeta e maçom.

Desde 1909, morou em Gijón, de onde escreveu artigos inflamados em defesa das classes menos favorecidas e a favor da igualdade. Por causa de um destes artigos, em que criticava duramente alguns estudantes que tinham atacado algumas universitárias com palavras e atos às portas da universidade de Madri, foi forçada a exilar-se em Portugal. Morreu em Gijón em 1923.

## Emilia Pardo Bazán (A Coruña, 1851-Madri, 1921)



Imagem 10. Rosario de Acuña

Emilia Pardo Bazán, Public domain, via Wikimedia Commons

Nasceu em A Coruña em 1851. Quando o pai foi nomeado como deputado no Parlamento espanhol, toda a família se mudou para Madri. Na capital, tiveram contato com a vida cultural da cidade. Pouco tempo depois, se mudaram para a França. Viajaram pela Europa, onde Emilia aprendeu inglês e alemão e descobriu a literatura francesa, o que lhe deixaria um grande impacto.

Escreveu seu primeiro romance, *Pascual López*, em 1880. No jornal madrilenho *La Época* publicou "Un viaje de novios", um relato ficcional autobiográfico.

Os artigos publicados anteriormente foram compilados no livro *La cuestión palpitante*. Em 1886, conheceu Zola e, nessa viagem à França, descobriu o romance russo moderno. Devido a esta influência, apresentou um trabalho sobre *La revolución y la novela en Rusia*, em 1887, no Ateneo de Madri.

Continuou a escrever e a revitalizar a vida cultural do país de forma obstinada e incansável, apesar das dificuldades. Em 1890, seu pai morreu e ela aproveitou a herança recebida para criar uma revista escrita por ela própria, *El Nuevo Teatro Crítico*. Participou no Congresso Pedagógico, onde denunciou a desigualdade educacional entre homens e mulheres. Ela propôs a escritora Concepción Arenal à Real Academia Espanhola, mas foi rejeitada. A academia não aceitou Gertrudis Gómez Avellaneda nem ela, embora Pardo Bazán seja atualmente considerada como o maior expoente do realismo ao lado de Clarín e Galdós. Com este último, a escritora manteve uma relação conhecida.

Em 1906, tornou-se a primeira mulher a presidir a seção de literatura do Ateneo de Madri e a primeira a ocupar uma cátedra de literatura na Universidade Central de Madri (atual Universidade Complutense de Madri), embora apenas um estudante tenha assistido às aulas. Quando morreu, em 12 de maio de 1921, tinha obtido o título de professora catedrática de Literaturas Neolatinas.

Emilia Pardo Bazán, além de uma grande escritora, foi uma intelectual e uma lutadora incansável não apenas pelo acesso das mulheres à cultura, mas também pelo reconhecimento social. Agia com a enorme força pessoal que possuía, lutando incessantemente e de frente, sem vitimização, com o orgulho de quem simplesmente reivindica o que é seu por direito. Por todas estas razões,

tornou-se a primeira jornalista espanhola, atividade que realizou ininterruptamente de 1876 até sua morte e que resultou na obra fundamental, *La cuestión palpitante*, e no que é provavelmente o livro mais importante e menos conhecido do feminismo espanhol: *La mujer española y otros escritos*.

## Concepción Arenal (Ferrol, 1820-Vigo, 1893)



Imagem 12. Concepción Arenal.

Unknown author, Public domain, via Wikimedia Commons

Nasceu em Ferrol (A Coruña) em 31 de janeiro de 1820, mas quando era muito jovem, sua família se mudou para Armaño, uma pequena aldeia do Vale de Liébana (Cantábria), onde permaneceram até 1835, quando outra transferência os levou para Madri. Em 1840, regressou a Armaño e no ano seguinte para Madri. Durante os anos acadêmicos de 1842–1843, 1843–1844 e 1844–1845, Concepción Arenal assistiu a algumas aulas de Direito na universidade vestida de homem. Nos anos seguintes, escreveu algumas compo-

sições poéticas, três peças — *Un poeta, La medalla de oro y Dolor y misterio* -, uma zarzuela - *Los hijos de Pelayo* - e *Fábulas en verso* (1851). Em 1860, publicou *La beneficencia, la filantropía y la caridad*.

Sua próxima obra, *El visitador del pobre* (1863), nasce da constatação da falta de preparação que as mulheres tinham na hora de ajudar os pobres e os doentes. Sua preocupação com a situação em que se encontravam os presos foi motivada pelo fato de, por iniciativa da própria Isabel II, o ministro do Interior, Florentino Rodríguez Vaamonde, tê-la nomeado em 1864 como assistente social de presídios femininos. Após a revolução de 1868, o governo provisório presidido por Serrano nomeou-a inspetora das Casas de Correção de Mulheres, cargo que ocupou até 1873.

Em 1870, funda *La Voz de la Caridad*, um jornal que durante os catorze anos de existência foi uma plataforma para denunciar os abusos e as imoralidades presentes tanto nos hospícios quanto nas prisões da época, um trabalho de caridade que continuou a colaborar na instituição recém-criada da Cruz Vermelha. Em 1869, a duquesa de Medinaceli tinha fundado o ramo feminino da Cruz Vermelha e Concepción Arenal envolveu-se na organização e trabalho. Durante a Terceira Guerra Carlista, dirigiu pessoalmente o Hospital de Sangre de Miranda de Ebro, onde os soldados de ambos os lados foram tratados. Esta experiência levou à publicação de seus *Cuadros de guerra* em 1880. A partir dos anos oitenta, destaca-se seu lado feminista; alguns exemplos são suas obras *La mujer en su casa* (1881), *Estado actual de la mujer en España* (1884) ou *La educación de la mujer* (1892). Em 1890, Emilia Pardo Bazán defendeu sua proposta para ocupar a vaga existente

na Real Academia, que foi rejeitada. Em 1891, escreveu o *Manual del visitador del preso*. Em seus últimos anos, colaborou em muitos jornais da época, como o *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, *La España Moderna*, *La Nueva Ciencia Jurídica*, etc. Faleceu em 1893. Existem dois aspectos que não devem ser ignorados em seu trabalho como diretora-geral das Prisões: **eliminou as correntes** a que os presos estavam sujeitos e estabeleceu que as prisões eram **locais de reabilitação**, de modo que as sentenças pudessem ser redimidas.

### Clara Campoamor (Madri, 1888 – Lausanne, Suíça, 1972)



Imagem 13. Clara Campoamor.

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Clara-campoamor-photo.jpg>

Nasceu em Madri em 12 de fevereiro de 1888. De origem modesta, logo teve que contribuir para a economia familiar. Aos dez anos de idade, após a morte de seu pai, teve que abandonar a escola e foi trabalhar. Costureira, balconista ou telefonista são alguns dos trabalhos que realizou.

Em 1909, conseguiu um cargo de assistente de telégrafo no Ministério do Interior. Foi designa-

da para Zaragoza por alguns meses e depois para San Sebastián por quatro anos. Em 1914, regressou a Madri, após ter obtido um cargo público no Ministério da Educação Pública como professora de taquigrafia e datilografia. Nos anos seguintes, tornou-se secretária do diretor do jornal *La Tribuna*. Graças a esta posição, Campoamor passou a interessar-se pela política. Após estas experiências, iniciou o ensino secundário em 1920 e depois se matriculou na Universidade Complutense de Madri para estudar Direito. Formou-se em 1924. Em 1925, inscreveu-se no *Ilustre Colegio de Abogados de Madri*.

Republicana convicta, a advogada pertencia à Agrupación Liberal Socialista, embora a tenha saído quando não conseguiu que se dissociasse da ditadura de Primo de Rivera.

Em 1931, após a proclamação da Segunda República em 14 de abril, Campoamor foi eleita deputada por Madri pelo partido Radical. Durante este período, fez parte do conselho que elaborou a Constituição da nova república.

Clara Campoamor trabalhou para garantir que não houvesse discriminação entre os sexos, para a igualdade entre os filhos dentro ou fora do casamento e para a aprovação da Lei do Divórcio. No entanto, a maioria de seus esforços se concentrou em conseguir que as mulheres votassem. Até 1931, o sufrágio na Espanha era baseado no recenseamento (limitado às pessoas de um recenseamento restrito). Ela queria torná-lo universal, com a intenção de que as mulheres pudessem votar. Muitos dos que se opunham ao estabelecimento do sufrágio universal argumentaram que as mulheres ainda não estavam preparadas para votar, mesmo que merecessem esse direito. Disseram que as mulheres eram fortemente influenciadas pela

Igreja e que votariam nos partidos de direita.

Em 1º de outubro de 1931, após um debate entre Clara Campoamor e a deputada socialista Victoria Kent — contrária à concessão desse direito às mulheres na época — foi aprovado o Artigo 36 da Constituição, que incluía o sufrágio feminino, com 161 votos a favor e 121 contra.

Nas eleições de 1933, as mulheres espanholas puderam exercer o direito de voto pela primeira vez. Nestas eleições, Clara Campoamor não pôde renovar seu mandato. No ano seguinte, deixou o partido Radical e quis entrar na Esquerda Republicana, mas não foi admitida. Depois disso, em 1935, publicou *El voto femenino y yo: Mi pecado mortal*.

A igualdade entre homens e mulheres alcançada na Segunda República não durou muito tempo. Em julho de 1936, a Guerra Civil eclodiu e os direitos dos cidadãos, especialmente os das mulheres, foram afetados.

No final da Guerra Civil, Clara Campoamor exilou-se na França, onde publicou *La revolución española vista por una republicana*, um livro em que relatou suas experiências e criticava algumas ações dos republicanos. Tentou retornar à Espanha no final da década de 1940, mas, por pertencer à Maçonaria, este retorno significou longos anos de prisão. Após viver uma década em Buenos Aires e trabalhar como tradutora e escritora de biografias, em 1955 mudou-se para a Suíça. Morou em Lausanne, onde exerceu a advocacia até sua morte em 1972.

## 4 . T E X T O S

Carmen de Burgos foi uma mulher muito prolífica. Seu trabalho docente, jornalístico e político teve uma grande influência em sua época e suas ideias continuam sendo válidas até hoje.

De “El campeón del Magisterio”, a sua obra *La protección e higiene de los niños* (Valência, 1904), extraímos o seguinte texto:



“A criança, ao sair da escola, parece-me como um passarinho emancipado da prisão, que abre suas asas ao sol e respira a atmosfera do campo em flor, mas as infelizes crianças espanholas quando saem das escolas não o fazem para gozar desta alegria de vida, mas sim para cair da gaiola na lama da rua. Não há jardins ou academias para elas. Um total de 10.000 crianças menores de 6 anos de idade morrem anualmente na Espanha. Tirar estas crianças das ruas de Madri e levá-las ao campo ou para a orla marítima, onde respirem ar puro oxigenado e se banhem nos raios de sol e ondas de luz, com alimentação saudável, com exemplos de moralidade, como o belo espetáculo da Natureza que desperta o amor pelo belo e pelo humano, não é realizar uma das obras mais necessárias e meritórias?

Aqui o Estado se preocupa pouco com isso. A iniciativa privada não quebra o frio da indiferença e da rotina. Dom Vicente Ballester de San Pantaleón fundou uma obra dirigida a este fim com bons resultados, mas as pessoas que poderiam ajudá-lo, não lhe dão o apoio desejável para que crianças madrilenas possam encontrar, nas belas praias de Cabañal em Valência, a saúde que a cidade divina do Turia lhes proporciona de seu seio de flores”.



“De fato, as mulheres podem ser impedidas de votar, mas não podem ser impedidas de pensar [...]. As mulheres são consideradas capazes de moldar o caráter de seus filhos e de educar gerações inteiras porque, geralmente, as que se encarregam da primeira infância; e privamo-las de seu direito primordial de inculcar uma consciência cívica”.

“A mulher não pode continuar sendo uma massa inerte ao lado da atividade social masculina, mas que aspira a compartilhar obrigações com o homem, bem como direitos; em suma, ela quer tornar-se uma criatura consciente e digna, chamada a colaborar e a preparar um futuro feliz”.

Em seu livro *La mujer moderna y sus derechos* (Editora Sempere, Valência, 1927), ela exprime claramente as suas ideias sobre a situação das mulheres e as conquistas que elas deveriam alcançar.

<http://fundacioncarmendeburgos.com/wp-content/uploads/2021/01/Mujer-Moderna-y-sus-Derechos-La.pdf>

Durante sua visita à Itália, esta aparente contradição reaparece na autora. Denuncia a situação das mulheres na Espanha na sede da Associação Italiana de Imprensa, enquanto é recebida em audiência pelo Papa Pio X (sendo uma anticlerical declarada) ou com Margarita de Saboya (sendo uma republicana militante).

Da entrevista com o Papa, podemos destacar as seguintes palavras, extraídas de sua obra *Por Europa. Impresiones de viaje por Francia e Italia* (Editora Maucci, Barcelona, 1906):

Pensei que talvez alguns recussem sua parte nesta bênção, mas não há razão para isso. Não devemos ser intransigentes”



“O Papa perguntou-me qual era meu país e minha profissão.

— Jornalista espanhola — eu respondi.

— O que você escreve? — Ele perguntou curiosamente.

A mentira repele-me mesmo dentro daqueles muros pouco acostumados com a verdade a ressoar em seu recinto.

— Em *El Heraldo de Madri* e em toda a imprensa liberal da Espanha.

Sua Santidade parecia olhar para mim com a mesma pena que eu tinha sentido minutos antes. Certamente somos dois espíritos que nunca se entenderiam.

— Minha bênção esteja contigo, com toda a tua família e com teus amigos queridos, — disse ele, afastando-se.

Oh! Esta última parte traz a bênção do Papa aos espanhóis mais avançados. Entre os amigos que amo, ficam abençoados, além de muitos colegas de *El Heraldo*, Domingo Blanco, García Aguado, o padre Ferrándiz, Baldomero Argente e Blasco Ibáñez.

## 5 . BIBLIOGRAFIA

Alba, Yolanda (2014). *Masonas. Historia de la masonería femenina*. Córdoba, Espanha: Editora Almuzara.

Arenal, Concepción (1974). *La emancipación de la mujer en España*. Gijón, Espanha: Editora Júcar.

Bracho, Raúl (Ed.) (2015). *Carmen de Burgos. La Mujer Fría*.

Castillo Martín, Marcia (2003). *Carmen de Burgos. Madri, España: Ediciones del Orto*.

De Burgos, Carmen (1904). *Por Europa. Impresiones de viaje por Francia e Italia*. Barcelona, Espanha: Editora Maucci.

De Burgos, Carmen (várias datas). *Diario Universal*.

De Burgos, Carmen (1918). *Los Inadaptados*. Valência, Espanha: Editora Sempere. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.cervantesvirtual.com/download/los-inadaptados-novela--0/>

De Burgos, Carmen (1919). *Fíguro*. Madri, Espanha: Editora Alrededor del Mundo. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/figuro--revelaciones-ella-descubierta-epistolario-inedito/>

De Burgos, Carmen (1927). *La mujer moderna y sus derechos*. Madri, Espanha: Reeditado por Ediciones Huso (2018).

De Burgos, Carmen (1931). *Gloriosa vida y desdichada muerte de don Rafael del Riego: (un crimen de los Borbones)*. Reeditado pela Editorial Renacimiento (2013).

Fernández Riera, Macrino (2009). *Rosario acuña y Villanueva: una heterodoxa en la España del Concordato*. Zahorí Ediciones. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.cervantesvirtual.com/download/rosario-de-acuña-y-villanueva-una-heterodoxa-en-la-españa-del-concordato-776410/>

Juliá, Santos (1999). *Un siglo de España. Política y sociedad*. Madri, Espanha: Marcial Pons.

Mejías, Carmen (2011). "Carmen de Burgos: La voz de los sin voz". Conferência proferida na Universidad de Mayores-Experiencia Recíproca.

Núñez Rey, Concepción (2005). *Carmen de Burgos. Colombine, en la Edad de Plata de la literatura española*. Sevilha, Espanha: Fundação José Manuel Lara.

Ortiz Albear, Natividad (2005). *Las mujeres en la masonería*. Málaga, Espanha: Universidade de Málaga.

Presmanes García, Rosa E. (2012). *La masonería femenina en España. Dos siglos de historia por la igualdad*. Madri, Espanha: Editora Los Libros de La Catarata.

RTVE (4 de mayo de 2003). "Carmen de Burgos 'Colombine'". Serie *Mujeres en la Historia*. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://www.rtve.es/alacarta/videos/mujeres-en-la-historia/mujeres-historia-carmen-burgos-colombine/841220/>

Sevillano Miralles, Antonio y Segura Fernández, Anyes (2009). *Carmen de Burgos "Colombine"*. (Almería, 1867-Madri, 1932). Almería, Espanha: Instituto de estudios almerienses. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: [http://www.dipalme.org/Servicios/Anexos/anexosiea.nsf/VAnexos/IEA-CBC/\\$File/CbColombine.pdf](http://www.dipalme.org/Servicios/Anexos/anexosiea.nsf/VAnexos/IEA-CBC/$File/CbColombine.pdf)

Utrera, Federico (1998). *Memorias de Colombine, la primera periodista*. Editora HMR.

## 6 . GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

É possível utilizar este guia de leitura e atividades para realizar um trabalho aplicando a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) ou simplesmente usar o questionário geral sobre a biografia lida, que aparece nesta seção, como um guia tradicional de leitura ou de comentários.

A proposta completa desta atividade será um trabalho por projetos, que pode ser aplicado dentro de uma disciplina, mas que tem uma maior aplicabilidade de forma interdisciplinar.

Leia em voz alta o seguinte texto, que nos apresentará os objetivos, conteúdos e atividades a serem realizados:

"Cresci num belo vale andaluz, oculto no último sopé da cordilheira de Serra Nevada, junto

ao mar, ao largo da costa africana. Nessa terra moura, em minha inesquecível Rodalquilar, o meu espírito formou-se livremente e meu corpo desenvolveu-se. Ninguém me falou de Deus ou de leis; e eu fiz minhas próprias leis e segui sem Deus. Ali senti a adoração ao panteísmo, a rude ânsia de afetos nobres, a repugnância à mentira e às convenções. Passei à adolescência como filha da Natureza, sonhando com um livro na mão à beira-mar ou cruzando a galope as montanhas..."<sup>8</sup>.

Complete a leitura deste texto com a leitura de sua biografia.

O título do projeto a ser realizado será *Carmen de Burgos, uma mulher à frente de seu tempo*.

O **produto final** será a **criação de um jornal** para a escola, que consistirá em um volume monográfico sobre Carmen de Burgos, com diferentes seções que cobrirão os aspectos vitais da personagem, sua época e seu atual grau de notoriedade. O jornal será apresentado em papel e em formato digital.

### Objetivos

- Avaliar a importância da leitura e da escrita como fontes de cultura e de desenvolvimento pessoal.
- Reconhecer o papel das mulheres ao longo da história e suas dificuldades em serem valorizadas em pé de igualdade com os homens.

<sup>8</sup> De Burgos, C. (1913). Al balcón. Valência, Espanha: Editora Sempere. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/al-balcon/dcc74c46-2dc6-11e2-b417-000475f5bda5.pdf>

- Analisar os diferentes jornais de seu país e internacionais, e saber como localizar as suas diferentes seções.
- Incentivar o trabalho cooperativo e multidisciplinar, formando diferentes grupos para a troca de opiniões, materiais e criatividade.
- Apresentar o trabalho final, em papel e em formato digital, com diagramação e ilustrações.
- Expor e divulgar o jornal entre os colegas da escola.
- Criar um blog para receber e incluir sugestões e contribuições

## Fases do projeto

### Fase 1. Conhecimento da personagem por meio da leitura de sua biografia

Assista aos programas da TVE *Carmen de Burgos "Colombine"* e *Las sin sombrero* disponíveis na internet.

### Fase 2. Formação de diferentes equipes

Atribuindo a cada uma a elaboração de uma seção previamente acordada por todos. Propõem-se as seguintes seções: internacional, nacional, educação, sociedade, cultura e encontros sociais. Em cada seção, deverão ser coletadas as informações referentes a Carmen de Burgos, incorporando em cada uma delas diferentes textos da escritora. Pesquise na internet e em livros.

### Fase 3. Proposta de trabalho

Criação de um jornal.

### Fase 4. Primeiro exemplar com o título: "Carmen de Burgos"

Pesquisa sobre os diferentes aspectos de sua vida.

### Fase 5. Contenido del producto final

- Apresentação do cabeçalho do jornal e do número de exemplares da tiragem.
- Apresentação pública do diretor ou diretora e das pessoas responsáveis pelas seções.
- Apresentação do orçamento financeiro para a elaboração do projeto e da sua viabilidade.
- Realização de um ato público de apresentação do jornal.

### Fase 6. Planejamento e calendário

#### Guia de leitura

Para pesquisar e aprofundar conhecimentos sobre Carmen de Burgos, utilizaremos toda a documentação proposta. É importante conhecer a história da Espanha no final do século XIX e no primeiro terço do século XX.

- Gestão de diferentes jornais e divisão de seus conteúdos.

- Consultas na internet sobre a vida e obra de Carmen de Burgos e a localização de sua época, lugares geográficos, costumes e, principalmente, sobre o papel das mulheres. Realização e apresentação de diferentes Power Points.

- Considerando que estamos em 1906, pesquise sobre a situação das mulheres no país de residência dos(as) alunos(as) naquela época, compare-a com a situação atual e identifique as principais conquistas e aquelas que ainda estão por realizar. Redações e trabalhos individuais.

- Dramatizações por equipes sobre o papel das mulheres na sociedade daquela época e na atual. Representações teatrais, cuidando do cenário e dos figurinos, a fim de refletir a evolução dos tempos.

- Exposições orais nas quais são reunidas a história das mulheres do país em todas as épocas relevantes em qualquer campo e nas quais estas alcançaram grande visibilidade e notoriedade.

- Carmen de Burgos cria um encontro literário denominado "Los miércoles con Colombine". Entenda o que é uma **tertúlia literária** e pesquise aquelas que são conhecidas em seu país, os personagens que as formaram e nelas participaram. Será que você se atreveria a criar uma delas com seus (suas) colegas de turma?

- Ramón Gómez de la Serna foi um parceiro sentimental de nossa autora. Encontre informações sobre o conceito de uma **greguería**. Tente compor algumas delas para incorporá-las no jornal. Ilustre com desenhos.

- Faça murais sobre os atuais conflitos bélicos, explicando de que maneira o mundo é informado sobre eles e o importante e arriscado papel dos correspondentes. Pesquise sobre

a presença de mulheres como correspondentes de guerra no mundo.

- Documente e explique quando o voto das mulheres foi aprovado em seu país..

## Avaliação

Logicamente, os(as) alunos(as) devem ser avaliados. Portanto, é muito importante que os professores e professoras façam uma rúbrica de avaliação com os itens que considerem apropriados para orientar o trabalho destes(as) alunos(as).

Por outro lado, é conveniente que o próprio corpo discente faça uma autoavaliação por meio da rúbrica anterior e se avaliem a si próprios, tendo em conta os seus pontos fortes e fracos.

Por último, os estudantes realizarão uma **avaliação** do projeto para verificar em que medida os objetivos foram alcançados, bem como a metodologia e a aquisição de conteúdos. Para este fim, o corpo docente fará um questionário com os itens que considerar apropriados.

Por último, os estudantes realizarão uma avaliação do projeto para verificar em que medida os objetivos foram alcançados, bem como a metodologia e a aquisição de conteúdos. Para este fim, o corpo docente fará um questionário com os itens que considerar apropriados.

### As competências que serão trabalhadas no projeto são:

1. Competência em comunicação linguística.
2. Competência digital.
3. Aprender a aprender.
4. Competência social e cívica.
5. Iniciativa e empreendedorismo.



# Frida Kahlo

Entre a  
resistência  
e a revolução

*Nieves Soriano Nieto*

## ÍNDICE

Introdução

Cronologia

### 1. A época

1.1. A Revolução Mexicana

1.2. O surrealismo

### 2. A vida de Frida: entre a resistência e a revolução

2.1. O que Frida Kahlo nos diz hoje em dia

### 3. Frida Kahlo e a pintura

3.1. Frida Kahlo e o México

3.2. Frida Kahlo e a expressão de dor

3.3. A identidade

### 4. As mulheres de sua época

### 5. Bibliografia

### 6. Guia de leitura e atividades

### 7. Fichas técnicas das obras

## INTRODUÇÃO

Quando analisamos Frida Kahlo temos que ter uma certa cautela porque, apesar de ter sido uma das mulheres mais reconhecidas na história da arte contemporânea, existe muita bibliografia que tentou fazer dela um mito. Assim, a maioria das publicações tem procurado construir repetidamente uma imagem de Frida com base em sua biografia, sua história de doença, sua experiência de dor, sua relação tempestuosa com Diego Rivera<sup>1</sup> e com os incontáveis amantes que teve ao longo de sua vida. No entanto, há poucos relatos que se concentrem na figura de Frida Kahlo como pintora e em sua contribuição para a história da arte.

É verdade que Frida, na maioria das vezes, buscou inspiração para a pintura em sua própria biografia e experiências. Porém, isto não diminui o valor de sua pintura, tampouco sua biografia ofusca suas criações.

O que tentamos fazer aqui, portanto, é procurar um equilíbrio entre a vida da pintora e a sua pintura. É necessário olhar para Frida Kahlo não

<sup>1</sup> Diego Rivera (1886-1957) foi um pintor muralista mexicano de reconhecido prestígio internacional. Nos Estados Unidos, foi contratado para pintar murais famosos como o da Bolsa de Valores de São Francisco, o da Escola de Belas Artes da Califórnia ou o do Instituto de Arte de São Francisco. No contexto deste livro, é conhecido por ter sido o marido de Frida Kahlo.

apenas como um ser sensível, mas também como um ser pensante e criativo. Desta forma, tentamos concentrar-nos em temas em que a pintora era especialmente inovadora ou em que adquiriu um discurso próprio.

Onde esta questão é mais apreciada é na interpretação pictórica que ela faz da relação da mulher com seu corpo por meio da dor.

Também é possível apreciar um discurso próprio na relação que sua vida e obra têm com a Revolução Mexicana (1910-1917).

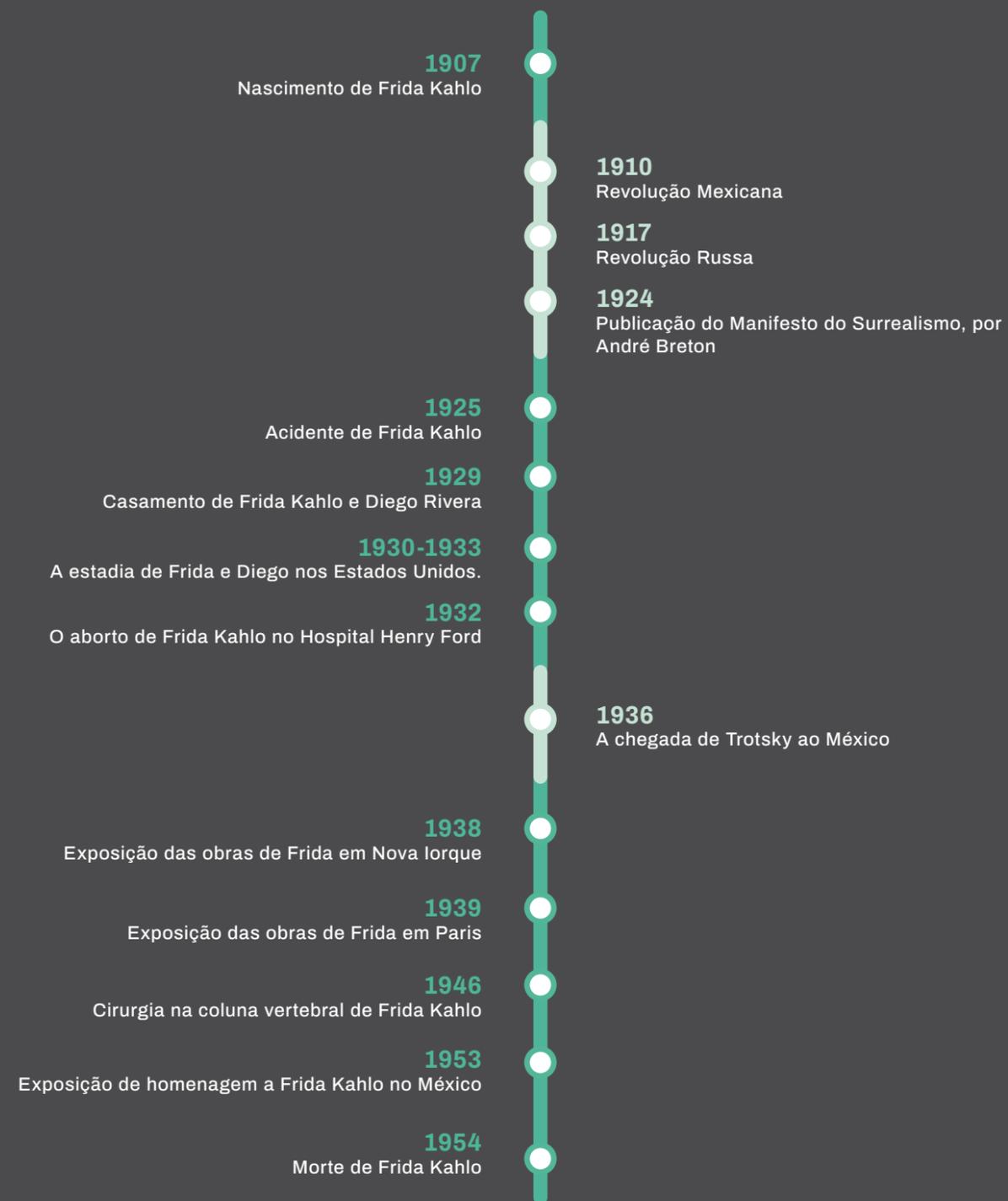
Por último, analisamos como seu trabalho pictórico gerou uma identidade fronteiriça ou dissolvida que a coloca no limite entre fazer parte de um todo e ser um indivíduo com múltiplas faces.

Teria sido interessante dedicar um texto à pintura de uma forma mais extensa e profunda, pois em tais aspectos é possível ir mais além e, ao mesmo tempo, incluir outros temas como a história de sua identidade múltipla mediante seus autorretratos.

Esta é mais uma pequena contribuição para a interpretação filosófica e artística de uma das figuras mais relevantes do século XX.

## CRONOLOGIA

## SOBRE FRIDA KAHLO



Fonte: Elaboração própria.

## 1. A ÉPOCA

### 1.1. A Revolução Mexicana

**F**rida Kahlo nasceu em 1907 e morreu em 1954. Na verdade, embora 1907 fosse o ano real de seu nascimento, sempre dizia que era 1910. Por quê? Por fazê-lo coincidir com o início da Revolução Mexicana, uma vez que se sentia muito identificada com tal acontecimento histórico. Portanto, começaremos a falar sobre ele.

Antes da Revolução Mexicana, o país era governado por Porfirio Díaz, um ditador que estava no poder desde 1876. O exercício do governo do ditador oprimiu gradualmente as classes sociais mais baixas. Por um lado, os povos indígenas foram deixados sem terra. Isto aconteceu porque, depois de o México ter deixado de ser uma colônia espanhola, as terras foram divididas, tornando-se propriedade privada de cada família. Neste contexto, os povos indígenas, cujo uso da propriedade era coletivo e não privado, foram desalojados da propriedade das terras, permanecendo como trabalhadores.

Por outro lado, o México foi se industrializando gradualmente, o que também levou ao surgimento da classe trabalhadora e sua subsequente exploração pelo sistema capitalista original.

Porfirio Díaz estava envelhecendo e sua reeleição nas eleições de junho de 1910 estava sendo questionada. Contra isso, surgiu um movimento antirreelecionista, liderado por Francisco Madero, que teve o apoio da classe trabalhadora e que deu origem ao Partido Nacional Antirreelecionista, com o qual se candidataram a tais eleições. Porfirio Díaz ganhou e Madero foi preso em San Luis Potosí. Em outubro de 1910, conseguiu escapar e, junto com outros, traçou o *Plano de San Luis*, que declarava nulas as eleições e que reconhecia Madero como o líder da revolução.

Em 20 de novembro de 1910, deu-se o início da Revolução Mexicana com treze rebeliões em todo o país. Aos poucos, os rebeldes foram avançando até tomarem cidades importantes como Ciudad Juárez. Finalmente, o presidente Porfirio Díaz renunciou ao governo em maio de 1911. Em outubro daquele ano, realizaram-se as eleições presidenciais, vencidas por Francisco Madero. Seu governo interino estava dividido e apresentava problemas entre os revolucionários, sendo a figura de Emiliano Zapata uma das importantes vozes da dissidência e líder do Exército de Libertação do Sul. De 1911 a 1913, Madero governou com uma sucessão de incidentes dentro do país. Entre outros acontecimentos, Zapata proclamou o Plano Ayala, no qual acusou Madero de ter imposto seu governo sem levar em consideração as vozes do Sul, o que comparava a uma ditadura. Pascual Orozco, Bernardo Reyes e Félix Díaz também fizeram rebeliões em várias partes do país, mas sem grande sucesso.

O que foi importante e crítico para o governo de Madero foram os acontecimentos da chamada “Dezena Trágica”, ocorridos de 9 a 19 de fevereiro de 1913. Durante esses dias, os partidários de Bernardo Reyes e Félix Díaz se rebelaram e, liderados por Victoriano Huerta, conseguiram prender e mais tarde assassinar Francisco Madero.

A ascensão de Victoriano Huerta ao poder levou à anulação da democracia e das liberdades, com o consequente estabelecimento de um regime ditatorial.

Imediatamente, surgiu de novo um movimento revolucionário que deu origem à chamada “Revolução Constitucionalista”, liderada no norte do país por Jesús Carranza. No início de 1914, os revolucionários já tinham dominado praticamente toda a parte norte do país e foram avançando em direção à capital. Em julho de 1914, Victoriano Huerta fugiu e apresentou sua renúncia, triunfando o governo constitucionalista que teve Carranza como presidente até 1920. Carranza conseguiu que a Constituição de 1917 fosse redigida, que é a que está em vigor no México até hoje.

Porém, nem tudo terminara aí, porque os revolucionários liderados por Villa e por Zapata continuaram a resistência revolucionária. A resistência de Villa foi memorável porque em 1916 suas tropas invadiram Columbus, um povoado no Novo México, para reivindicar o México. O exército dos Estados Unidos enviou milhares de soldados para capturar Villa, sem sucesso.

Finalmente, Zapata e Villa foram executados: o primeiro em 1919 nas mãos do governo Carranza, e o segundo em 1923. Na década de 1920, algumas conquistas come-

çaram a se materializar depois de tantas batalhas: o poder da Igreja Católica foi reduzido e as reformas agrárias e trabalhistas foram iniciadas. Quando Álvaro Obregón foi eleito em 1920, nomeou José Vasconcelos como secretário da Educação, que tentou fomentar um espírito nacional na educação mexicana. As escolas rurais também foram ampliadas.

Este espírito nacional teve uma grande influência sobre Frida Kahlo, como mencionado anteriormente, não apenas por ter decidido mudar seu ano de nascimento para coincidir com a Revolução Mexicana, mas também por ter vivido sua infância no contexto da construção da denominada “mexicanidade”.

## 1.2. O surrealismo

O surrealismo, como movimento de vanguarda, influenciou Frida Kahlo de maneira especial, não por ter se inspirado neste movimento para desenvolver seu trabalho, mas porque foi escolhida por André Breton como a representante do surrealismo no México. De fato, em vários momentos de sua vida, Frida Kahlo rejeitou a ideia de ser considerada surrealista. Porém, é necessário tratar de surrealismo no que tange à pintora, já que André Breton foi um dos difusores da pintura de Frida Kahlo, principalmente na Europa.

André Breton foi o fundador do surrealismo quando, em 1924, escreveu o primeiro manifesto desse movimento artístico. Sua base era a de ir além do realismo, deixando-se levar pelo automatismo da mente, das emoções e dos sonhos. Em suma, baseando-se na teoria da existência do inconsciente na mente, como a parte que abriga a verdade do que somos, era uma

questão de deixar esse inconsciente sair por meio da arte.

O próprio André Breton define-o desta forma: “Puro automatismo psíquico por meio do qual se tenta expressar verbalmente, por escrito ou de qualquer outra forma, o funcionamento real do pensamento. É um princípio pensamento, sem a intervenção reguladora da razão, alheio a qualquer preocupação estética ou moral”.

A base do surrealismo são as teorias de Sigmund Freud sobre a manifestação do inconsciente através dos sonhos em *A interpretação dos sonhos*. Para o psiquiatra, aquela seção da mente humana que faz parte de nossos impulsos (id/inconsciente) e que não liberamos em estado de consciência devido à existência da censura consciente, emerge e brota para fora por meio dos sonhos, que são a base das construções do desejo.

A expressão artística mediante o “automatismo psíquico” implica um elevado nível de conexão com a parte inconsciente do ser humano, já que, ao expressar automaticamente, sem pensar, o que sentimos, faz com que baixemos os níveis de repressão ao desejo estabelecidos pelo superego.

Em 1930, André Breton, juntamente com Paul Éluard, escreveu o segundo manifesto do surrealismo, onde adotou um tom político. O surrealismo, como movimento artístico de vanguarda, declarou-se unido ao movimento político da Revolução Russa. Neste sentido, tornou-se uma ideologia revolucionária que abraçou em seu seio artistas progressistas.

Os principais representantes do surrealismo na pintura foram Salvador Dalí, Joan Miró, Max Ernst e René Magritte.

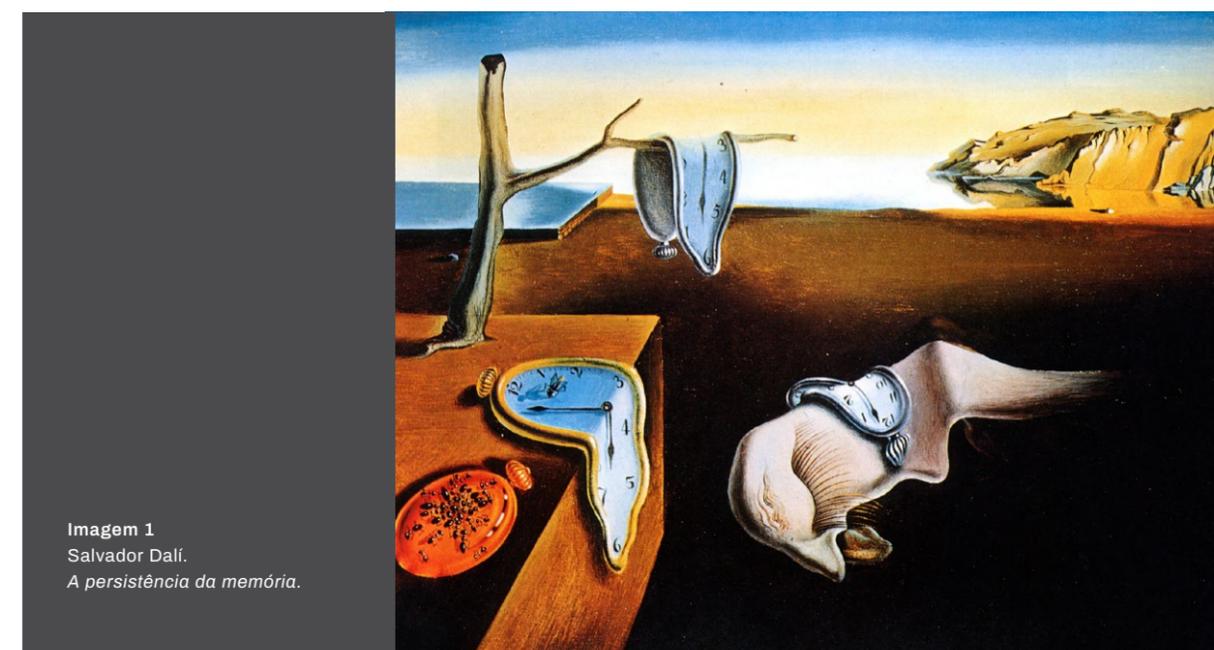


Imagem 1  
Salvador Dalí.  
*A persistência da memória.*

by mundosproprios is licensed with CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/>

## 2. A VIDA DE FRIDA

### ENTRE A RESISTÊNCIA E A REVOLUÇÃO

A vida de Frida Kahlo foi breve, mas intensa, e foi marcada por acontecimentos um pouco extremos que condicionaram seu modo de vida, assim como sua obra pictórica. A intenção neste guia não é interpretar a obra de Frida exclusivamente com base nos acontecimentos de sua vida, mas também na forma como ela expressou ideias por meio de seu trabalho.

Conforme mencionado anteriormente, Frida Kahlo nasceu em julho de 1907, mas decidiu alterar a sua data de nascimento para coincidir com o ano de início da Revolução Mexicana (1910).

Era filha de Guillermo Kahlo, um fotógrafo alemão de sucesso no México. Guillermo (Wilhelm) era filho de judeus húngaros ricos que emigraram para a Alemanha no final do século XIX. Era um jovem promissor cuja vida foi estremecida quando, no meio dos estudos universitários, uma queda lhe provocou lesões cerebrais que o deixaram com ataques epiléticos constantes. Seu pai decidiu pagar-lhe uma viagem para o México para que ele fosse ganhar a vida, e assim nunca mais voltou para a Alemanha. No México, casou-se com Matilde Calderón, uma

mulher devota e dedicada a sua casa. Estabeleceram-se em Coyoacán, onde construíram a “Casa Azul”, em 1904.

Da infância de Frida, vale ressaltar que aos seis anos adoeceu com poliomielite, uma doença que teve como consequência que a sua perna direita ficasse mais atrofiada do que a esquerda. Isto marcou em grande parte sua vida e o processo de sua morte, como veremos mais adiante.

Em 1922, Frida ingressou na Escola Nacional Preparatória, que era uma instituição de ensino de ponta na época. Ela teve sorte, porque fazia pouco tempo que se admitiam mulheres nesta instituição. Foi aí que começou sua vanguarda cultural, digamos assim. Costumava sair com colegas de turma que organizavam grupos literários e também pertencia a um grupo chamado de “Los Cachuchas”. Este grupo discutia ideias socialistas e abraçava as ideias revolucionárias. Além disso, um de seus membros era Alejandro, que foi namorado de Frida durante alguns anos.

Em 1925, ocorreu o fato que mais marcou a vida de Frida Kahlo. Alejandro e Frida estavam viajando num ônibus com destino a Coyoacán quando este bateu em um bonde. Frida Kahlo teve o azar de que uma das barras de apoio do ônibus se soltou e atravessou o seu abdômen. Embora não tenha morrido, teve a coluna vertebral partida em três pontos na parte inferior das costas, sua pélvis quebrada em três pedaços, e a clavícula e duas costelas fraturadas.

Passou um mês no hospital e vários meses de repouso em casa. Isso fez com que perdesse parte de seus estudos, de seus colegas de trabalho e o amor de Alejandro.

Nesta altura, Frida começou a pintar como uma forma de luta pela sobrevivência ou de expressão do que tinha dentro dela.

Depois de se recuperar de sua convalescença, passou a frequentar reuniões artísticas e boêmias na casa da fotógrafa Tina Modotti, onde provavelmente conheceu Diego Rivera. Após algum tempo de namoro, finalmente se casaram em 1929. Frida foi a terceira esposa de Diego Rivera. O casamento com ele foi especialmente complexo por duas razões: primeiro, Frida não pôde ter nenhum filho. Em segundo lugar, Diego Rivera era constante e abertamente infiel. Ambas as particularidades marcaram a relação que tiveram ao longo de suas vidas e provocaram a mudança de um casamento convencional para acabar sendo um casamento que compartilhava uma simbiose vital, mas não de casal nem sexual.

No início do casamento, Frida Kahlo desempenhou o papel de esposa do conhecido pintor, acompanhando-o às reuniões e cuidando para que ele se sentisse bem.

Entre as funções do casamento convencional, estava a descendência. Assim, Frida Kahlo engravidou pela primeira vez e, pelo que se sabe, em 1930; sofreu o primeiro aborto de uma série que marcaria a vida da pintora no plano do sofrimento físico.

No final de 1930, Frida e Diego viajaram para os Estados Unidos para se estabelecerem em São Francisco, porque ele tinha sido contratado para pintar murais no Clube da Bolsa de Valores de São Francisco e na Escola de Belas Artes da Califórnia.



Imagem 5 Hospital Henry Ford

“Image 3” by libbyrosaf is licensed with CC BY 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>.

A pintora não levou a vida americana particularmente bem, porque não simpatizava com o caráter dos que chamava de “gringos”.

Em 1932, mudaram-se para Detroit para pintar um mural sobre a grande saga da máquina e do aço. Quando chegaram lá em abril, Frida estava grávida de novo, com aproximadamente um mês de gravidez. Entretanto, perdeu o filho em julho. Esse aborto marcou-a de maneira especial, porque foi bastante sangrento e ela passou treze dias internada no Hospital Henry Ford com muita dor e, a partir daí, sua produção artística deu um grande giro, passando a produzir grandes obras-primas com um estilo próprio muito marcante, que começou com o quadro *Hospital Henry Ford* (1932) (Imagem 2). Para piorar a situação, alguns meses mais tarde, recebeu a notícia de que sua mãe estava doente de câncer e foi ao México para despedir-se dela. Depois que a sua mãe faleceu, Frida voltou para Detroit.

Frida e Diego deixaram Detroit em 1933, após a inauguração do mural, para se estabelecerem em Nova Iorque, onde Diego Rivera tinha um trabalho encomendado por Rockefeller para seu edifício. Foi aí que Diego teve delicados problemas, porque estava entre as críticas dos comunistas por ter-se “vendido” aos capitalistas e a rejeição de Rockefeller ao mural por apresentar nele o rosto de Lenin. Na verdade, Rockefeller pediu-lhe que apagasse aquele rosto e, diante da recusa de Diego Rivera, pagou o trabalho, ordenou que não trabalhasse mais e destruiu o mural.

Depois desse acontecimento e devido ao desejo de Frida Kahlo de deixar os Estados Unidos, retornaram ao México no final de 1933.

Construíram sua nova casa, que consistia em duas casas separadas unidas por uma passarela. A casa de Diego era rosa e a de Frida, azul. Isso lhes permitia ter uma certa independência um do outro, permanecendo ao mesmo tempo unidos.

Porém, nesse mesmo ano e pouco depois de seu retorno, Frida viveu outra das circunstâncias que marcaram sua vida de maneira especial: a aventura que Diego Rivera teve com Cristina, a irmã (de Frida Kahlo) com a qual ela se dava melhor.

Então, decidiu separar-se e mudar-se para um pequeno apartamento no centro da Cidade do México.



Imagem 3  
Umas facadinhas de nada..

“Umas facadinhas de nada. Frida Kahlo” by candymar is licensed with CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/>

Esta situação levou-a iniciar outra etapa criativa marcada pela obra *Umas facadinhas de nada* (1935) (Imagem 3). Porém, o que mais lhe valeu foi a força para começar a ser ela mesma. Em

1935, pegou um voo para Nova Iorque para fazer uma viagem com Anita Brenner e Mary Schapiro.

Ao regressar, decidiu reconciliar-se com Diego, sob certas condições. A partir desse momento, Frida Kahlo começou também a ter amantes, tanto homens quanto mulheres. O problema era que ela tinha que se esconder, porque Diego ficava com ciúmes. Um de seus amantes mais relevantes foi o escultor Isamu Noguchi.

Em 1936, Frida e Diego receberam a visita de Leon e Natalia Trotsky, que, fugindo dos agentes de Stalin que queriam matá-lo, refugiaram-se no México. Instalaram-se na Casa Azul de Coyoacán, onde moraram durante dois anos. Trotsky e Frida tornaram-se amantes durante algum tempo.

Mas o importante na construção de uma personalidade própria por Frida Kahlo não foi o fato de se abrir para ter amantes, mas que passou a valorizar sua pintura e a tornar-se, aos poucos, uma pintora com nome próprio, sem ser a esposa de Diego Rivera.

Em 1938, participou numa exposição coletiva organizada pela Galeria de Arte da Universidade da Cidade do México. Como resultado dessa exposição, Julien Levy, proprietário de uma galeria em Manhattan, tomou conhecimento de Frida e de sua obra e a descreveu como “brilhante”. Assim, surgiu a exposição individual que ele organizou para Frida Kahlo em Nova Iorque. André Breton, enviado ao México pelo Ministério das Relações Exteriores da França para ministrar conferências nesse mesmo ano, reparou também na obra da pintora. O objetivo pessoal da viagem de Breton era descobrir o México, que para ele era um país surrealista por excelência, especialmente devido à forma que faziam arte religiosa e decorativa. Naquela época, conheceu Diego e Frida e, ape-

sar de Frida não ter se conectado com ele porque lhe parecia um homem arrogante, se interessou por ela, tanto que lhe ofereceu fazer uma exposição em Paris depois da de Nova Iorque e, também, escreveu um texto para o folheto da exposição de Nova Iorque.

Assim, no final de 1938, Frida partiu para Nova Iorque para a exposição organizada por Julien Levy.

Em Nova Iorque, Frida conheceu Nickolas Murray, um fotógrafo de sucesso no país, que se tornou um de seus amantes mais importantes. Na realidade, manteve uma relação com ele até 1940, quando o fotógrafo disse à Frida que deveriam terminar o relacionamento porque ele iria se casar.

Após a estadia em Nova Iorque, no início de 1939 a pintora viajou a Paris para a exposição que André Breton lhe tinha prometido. Ficou na casa da família Breton, onde se sentiu particularmente desconfortável. Além disso, adoeceu com colite e decidiu mudar-se para a casa da artista norte-americana Mary Reynolds, que morava com o colega artista Marcel Duchamp. Sua situação estabilizou e, durante a temporada que passou em Paris, apesar de criticar os personagens da cultura parisiense por serem arrogantes, conseguiu relacionar-se com o poeta francês Paul Éluard, com o artista alemão nacionalizado francês Max Ernst e com a estilista de alta-costura Elsa Schiaparelli. Esta última tomou como modelo os vestidos de tehuana (trajes originários do estado mexicano de Oaxaca) usados por Frida Kahlo para fazer um desenho chamado “Madame Rivera”.

Finalmente, a exposição de Paris tornou-se uma exposição coletiva onde, ao lado do trabalho de Frida, foram exibidas esculturas pré-colombia-

nas e fotografias de Manuel Álvarez Bravo. Frida regressou para Nova Iorque em março desse mesmo ano.

Enquanto isso, Rivera rompeu sua relação com Trotsky, que se mudou para outra casa em Coyoacán.

Em 1940, com o surrealismo como corrente artística em voga, foi inaugurada a Exposição Surrealista Internacional na Galeria de Arte Mexicana de Inés Amor, na Cidade do México, da qual Frida participou. A exposição foi organizada por André Breton, pelo poeta e pintor César Moro, pelo pintor e teórico austríaco Wolfgang Paalen e pela poeta e pintora francesa Alice Rahon. Frida incluiu dois quadros de grande tamanho: *As duas Fridas* (1939) (Imagem 4) e *A mesa ferida* (1940), embora sua obra considerada mais surrealista tenha sido *O que a água me deu* (1938) (Imagem 5), bem como o diário que ela escreveu desde 1944 até sua morte.



Imagem 4 *As duas Fridas*.

"Frida Kahlo" by ohsarahrose is licensed with CC BY-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/>.



Imagem 5 *O que a água me deu*.

"painting by Frida Kahlo" by heyou is licensed with CC BY-NC-ND 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/>

Foi também em 1940, coincidindo com o fim da relação com Nickolas Muray, quando Diego e Frida decidiram divorciar-se, e ela mudou-se para a Casa Azul. Entretanto, eles não deixaram de se ver nem de se relacionar. Frida cuidava de alguns assuntos de negócios de Diego. Estes acontecimentos, como todos aqueles que foram um marco na vida da pintora, levaram-na a produzir o que se tornaria uma das obras mais famosas da pintora, *As duas Fridas*, a qual discutiremos mais adiante, e a dar início a um período de grande produção de autorretratos. Durante este período, ela sustentou-se com a venda de suas obras.

Em agosto do mesmo ano, Trotsky foi assassinado por Ramón Mercader, que era conhecido de Frida Kahlo. No início, a família Rivera foi suspeita de ser a autora da conspiração, embora tenha sido finalmente descartada.

Frida adoeceu novamente com problemas nas costas e viajou para São Francisco em setembro de 1940 para ser tratada no Hospital Saint Luke's, onde recuperou sua saúde. Depois disso, Diego e Frida reconciliaram-se e no final de 1940 se casaram pela segunda vez.

A partir desses anos, sua carreira decolou notavelmente e ela recebia cada vez mais encomendas de mecenas, entre os quais José Domingo Lavín, que lhe encomendou o que se tornaria um

de seus quadros mais marcantes: *Moisés* (1945), baseado no livro de Freud, *Moisés e a religião monoteísta*.

Em 1946, Frida Kahlo voltou a adoecer com problemas nas costas e foi para Nova Iorque para se submeter a uma cirurgia na qual quatro vértebras foram soldadas com um pedaço de osso de sua pélvis e uma haste de metal. Recuperou-se bem e logo voltou a trabalhar mas antes teve que usar por oito meses um espartilho de aço. Nesta época, Frida começou a tomar morfina para as dores, o que em grande parte condicionaria sua vida cotidiana.

Foi quando pintou um de seus quadros mais chocantes: *O cervo ferido* (1946) (Imagem 6). A

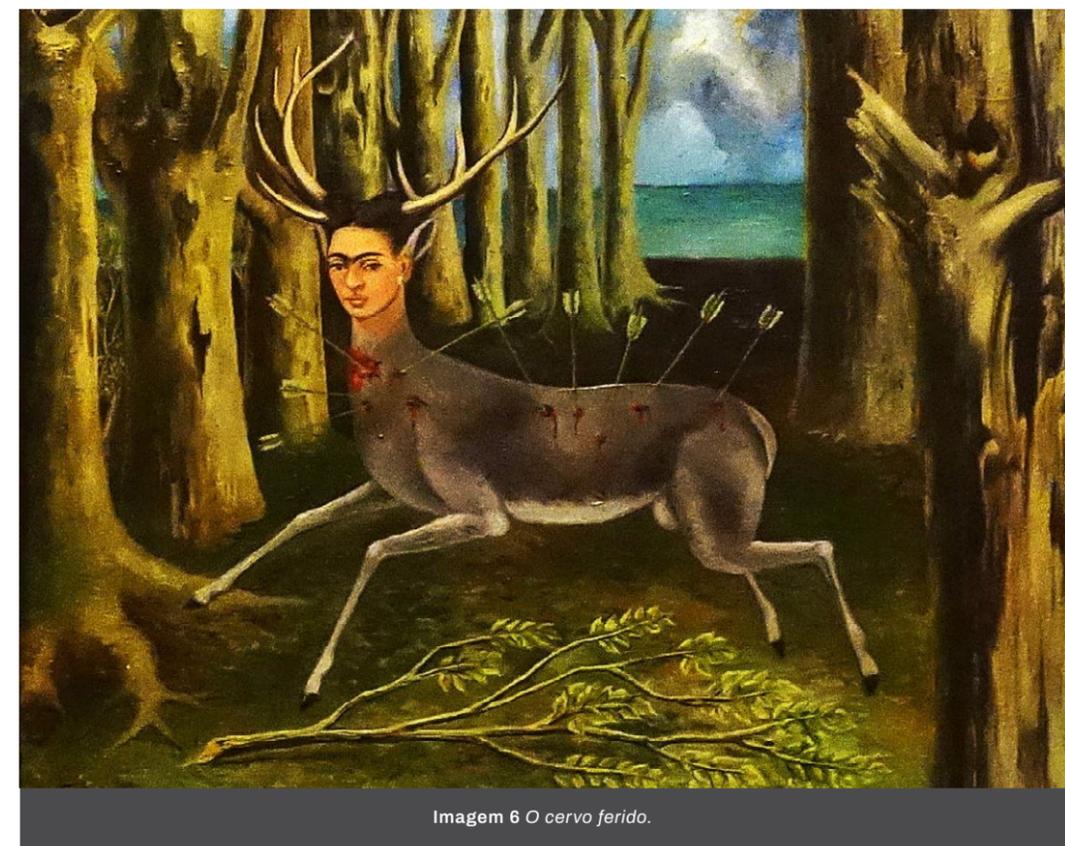


Imagem 6 *O cervo ferido*.

"Frida Kahlo – O cervo ferido - The Little Deer - 1946 - Louisiana Museum of Modern Art" by Cederskjold - The Dane is licensed under CC BY-SA 2.0

partir desse momento, a saúde de Frida Kahlo piorou. Em 1950, no Hospital Inglês tiveram que operar a perna que começava a apresentar gangrena. Passou um ano no hospital e, ao sair, quando tinha forças, reunia-se em saraus com os amigos Bernice Kolko, Dolores del Río, María Asúnsulo...

Contudo, sua saúde piorou ainda mais. Por volta de 1953, já estava de cama, rodeada por um círculo de mulheres que se tornaram amigas muito próximas nessa época, incluindo a atriz María Félix ou a espiã cubana Teresa Proenza.

Também tinha uma companhia importante, Judith Ferreto, que era sua enfermeira.

Vendo a situação de saúde em que Frida Kahlo se encontrava, a fotógrafa Lola Álvarez Bravo decidiu organizar uma exposição de seus quadros na Galeria de Arte Contemporânea, em 1953, que fosse uma retrospectiva como homenagem enquanto estivesse viva e não após sua morte. Ela foi a esta exposição numa cama e foi um dos momentos mais marcantes para ela nos últimos anos.

No final de 1953, como a gangrena permanecia, tiveram amputar sua perna na altura do joelho. Este acontecimento foi muito difícil para a pintora que não se recuperou emocionalmente. Existem ainda imagens sobre isso em algumas páginas de seu diário.

Em julho de 1954, afetada por uma pneumonia, e contra as recomendações médicas, decidiu sair às ruas para participar de uma manifestação comunista, para protestar contra a imposição de um regime reacionário pela CIA. Como resultado de sua saída para as ruas, a pneumonia agravou-se e ela morreu em 13 de julho de 1954.

## 2.1. O que Frida Kahlo nos diz hoje em dia

A figura de Frida Kahlo pode ser abordada em suas diferentes facetas. No aspecto político-social, foi uma lutadora a favor das ideias inovadoras. Isto requer, como vimos, um duplo esforço. Por um lado, caminhar contra as ideias conservadoras e, por outro lado, caminhar contra as ideias conservadoras como mulher.

Ao mesmo tempo, como mulher e artista, foi uma mulher avançada para o México, porque sua casa se tornou um dos centros nevrálgicos de encontro de artistas e criadores mexicanos. Estas reuniões permitiam que eles continuassem a se inspirar e a estabelecer relações. Isto foi obviamente algo muito pouco comum no México no início do século XX, e ainda menos para uma mulher.

Se acrescentarmos tais características à biografia de Frida, podemos dizer que sua vida foi marcada pela luta contra a doença e a dor ou pela luta para se desenvolver como pessoa e artista em convivência com a doença e a dor, concluindo que a atitude da pintora se baseia, realmente, na luta.

No aspecto artístico, o que Frida Kahlo pode nos ensinar é que a pintura deve refletir a luta, a dor ou qualquer motivo da maneira mais clara possível, mesmo que a realidade refletida seja nua e crua. Ela, por exemplo, tornou-se a primeira mulher da história a refletir a experiência do aborto em seu quadro *Hospital Henry Ford* (Imagem 2). Além disso, não trabalha de uma forma velada ou idealizada, mas refletindo a crua realidade tal como é ou tal como a viveu, sem esconder a dor, o sangue ou o sofrimento físico.

Foi também muito clara ao expressar a experiência da dor por um desamor, como em *Umas facadinhas de nada* (Imagem 3), vivenciando-a como aquelas facadas que ela expressa tal como são.

Também não teve muita dificuldade em expressar abertamente a dor de sua doença ou a dificuldade de gerir a experiência da existência baseada na doença por meio da pintura, como em *A coluna quebrada* (1944) (Imagem 7).

A pintura, que durante longos séculos teve véus de idealização e evitou temas tabu, tornou-se menos idealizada e com menos tabus com o surgimento das vanguardas. Muitas delas que perderam seu caráter figurativo ou desenvolveram temas oníricos, têm uma relação de desconexão com os acontecimentos da realidade. A proximidade da pintura de Frida com a pintura figurativa e, de certa forma, representativa da realidade, embora suavizada por meio daquilo a que André Breton chamou de surrealismo presente na pintura, nos faz confrontar diretamente com os problemas que tenta narrar, de tal forma que chegam até nós com a profundidade da dor que ela viveu ou tentou narrar. Talvez com isso possamos aprender que, por mais dura que seja, a verdade é mais desejável do que o engano, porque nos torna livres para decidir e humanos para observar.

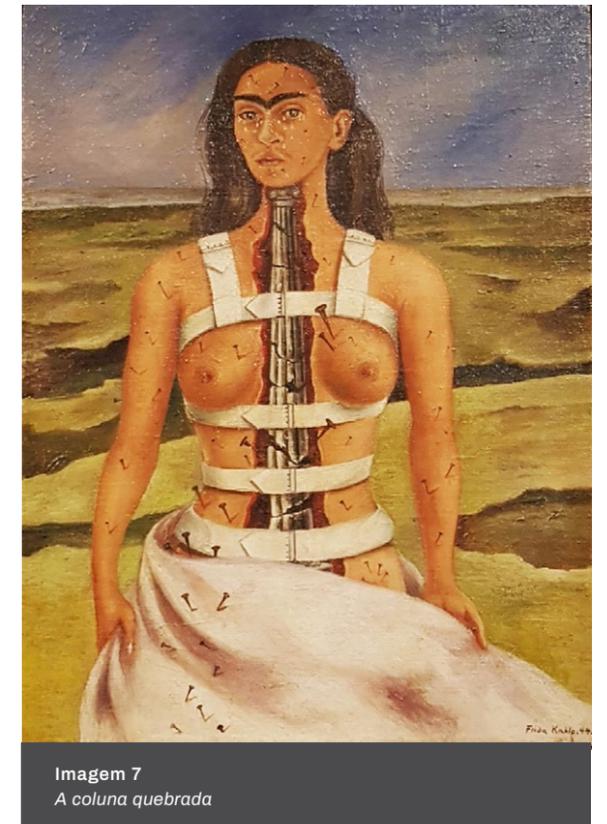


Imagem 7  
A coluna quebrada

"File:Mostra di Frida Kahlo al Mudec di Milano 3 maggio 2018 (21).jpg" by Ambra75 is licensed with CC BY-SA 4.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>



**A pintura, que durante longos séculos teve véus de idealização e evitou temas tabu, tornou-se menos idealizada e com menos tabus com o surgimento das vanguardas. Muitas delas que perderam seu caráter figurativo ou desenvolveram temas oníricos, têm uma relação de desconexão com os acontecimentos da realidade.**

## 3. FRIDA KAHLO

### E A PINTURA

Como salienta Patricia Mayayo (*Frida Kahlo. Contra el mito*), a abordagem de Frida Kahlo tem sido feita ao longo da história recente com base em contar sua vida, como *voyeurs*, sem considerar sua contribuição fundamental para a história da pintura.

Se comprarmos um livro sobre a pintora em qualquer livraria, será muito provavelmente uma biografia que nos conte sua história de amor conturbada com Diego Rivera ou a história das operações e acidentes, que a confrontaram com a dor. Nessas publicações, as pinturas da pintora são apresentadas em segundo plano como meros exemplos das narrativas sobre sua vida.

É verdade que a obra de Frida Kahlo é inseparável de sua biografia, até certo ponto, porque a pintura nela contida nasceu como resultado do acidente e porque muitas de suas criações mais brilhantes surgiram de períodos complexos de sua existência. No entanto, além de estar ligada à biografia, sua obra suscita também uma série de temas tratados de uma forma particular, tanto no pictórico quanto no discursivo. Trataremos aqui sobre estes temas.

### 3.1. Frida Kahlo e o México

Como já foi dito, o vínculo da pintora com o seu país é fundamental. Portanto, o discurso nacional acompanha uma grande parte de sua obra. A propósito, existe um quadro de Frida de seu primeiro período como pintora que representa *Pancho Villa e Adelita* (1927) (Imagem 8), no qual Adelita é retratada com o rosto de Frida Kahlo.

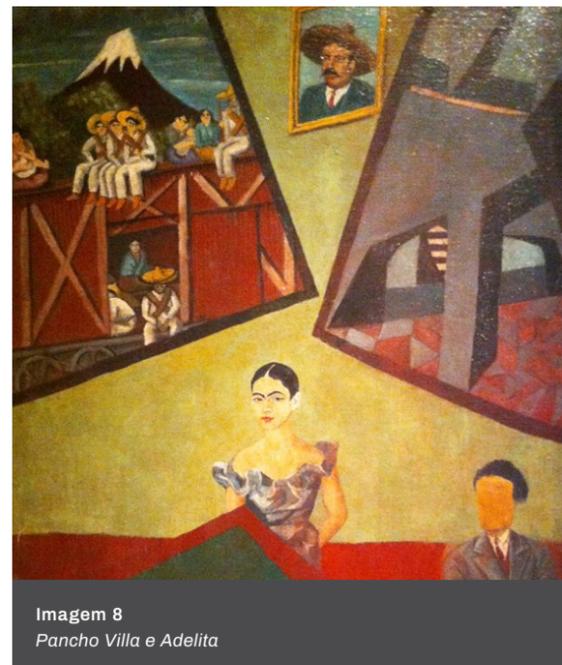


Imagem 8  
*Pancho Villa e Adelita*

"Frida Kahlo Exhibition in Merida" by Rich\_Lem is licensed with CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/>.

No entanto, a ligação da pintora com o México não está apenas relacionada com o México da revolução, mas também com as raízes pré-colombianas. Na verdade, tanto ela quanto Diego tinham uma coleção notável de arte pré-colombiana.

Isso significa que as raízes indígenas foram muito importantes para Frida. Houve um momento de sua vida em que ela decidiu que o traje que

usaria seria o típico de tehuana usado pelas mulheres da etnia zapoteca em Oaxaca. Frida Kahlo escolheu o traje desta etnia não pela beleza, mas principalmente porque as mulheres zapotecas, em sua estrutura de organização social, gozavam de uma autonomia financeira e de uma importância que não havia em outros grupos étnicos. Eram mulheres com uma atividade econômica complementar à dos homens e as transmissoras da cultura.

Frida Kahlo, uma conhecedora dos diferentes estilos de vanguarda que tinha surgido na Europa, declarou-se como admiradora do estilo primitivo de Paul Gauguin ou de Henri Rousseau. De Paul Gauguin, utiliza diferentes motivos para pintar os quadros relacionados com as raízes pré-colombianas do México. Com os motivos de Henri Rousseau, como veremos, elabora alguns dos seus autorretratos.

Um quadro de Frida Kahlo muito representativo de sua ligação com o México é *Minha ama e eu* (1937) (Imagem 9), onde ela bebe daquela cultura pré-colombiana.

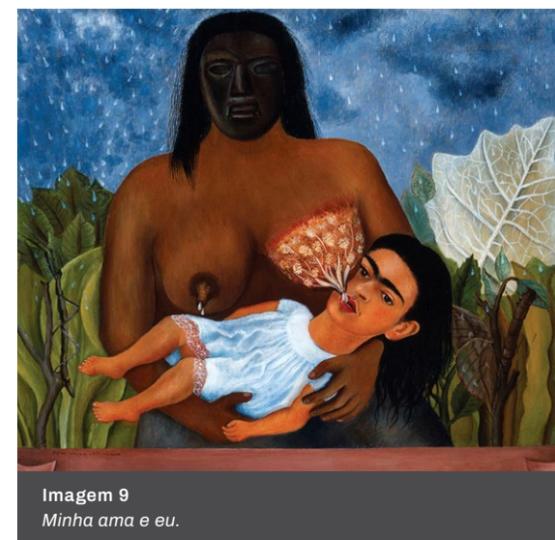


Imagem 9  
*Minha ama e eu.*

"Image 5" by libbyrosos is licensed with CC BY 2.0 To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>

A identificação com a cultura mexicana tornou-se mais forte ao longo de sua estadia nos Estados Unidos, quando Diego Rivera pintava os vários murais que lhe foram encomendados. Ela contrasta absoluta e radicalmente a cultura dos Estados Unidos com a mexicana. A primeira é um símbolo da modernidade mais selvagem e a segunda, da tradição ancestral.

De fato, no quadro *Autorretrato na fronteira entre o México e os Estados Unidos* (1932) (Imagem 10), podem ser observados os elementos opostos. A natureza, a arte e a arquitetura pré-colombianas e os cultos à morte pertencem ao México, enquanto aos Estados Unidos pertence apenas a industrialização, como se não tivessem tradições ou história antes da Revolução Industrial.

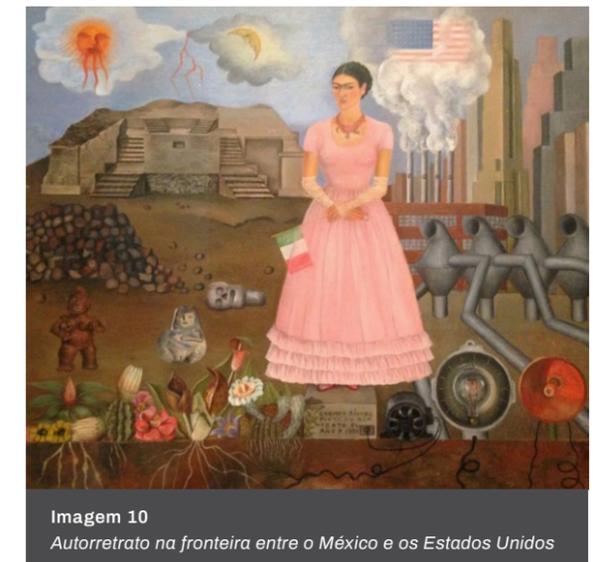


Imagem 10  
*Autorretrato na fronteira entre o México e os Estados Unidos*

*Autorretrato en la frontera de México y Estados Unidos. 1932. Frida Kahlo* by candymar is licensed with "CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>

Contudo, a identidade de Frida Kahlo é dupla, tanto indígena quanto mestiça, porque suas próprias raízes são alemãs e porque sempre viveu em contato com um ambiente bastante internacional. No quadro *As duas Fridas* (Imagem 4), por exemplo, pode ser observada esta questão. A Frida da direita usa um traje tradicional mexicano, enquanto a Frida da esquerda usa um vestido que Patricia Mayayo descreveu em seu livro como colonial, ou seja, pertencente à época em que os espanhóis se estabeleceram no México. Além disso, as duas estão ligadas pela circulação, pelo sangue, ou seja, pelas raízes.

### 3.2. Frida Kahlo e a expressão de dor

Frida Kahlo foi uma das mulheres que rompeu o tabu de expressão da dor da forma mais crua possível. De certo modo, sua reivindicação girava em torno do fato de não ser necessário esconder sua expressão interior, idealizada ou suavizada pelos véus da ignorância. Conforme David Lomas salienta em seu artigo “Body Languages: Kahlo and Medical Imaginery”, no que diz respeito ao aborto, Frida Kahlo abriu ao mundo a vivência de uma experiência que tem percorrido de maneira muito frequente a história das mulheres, mas que na maioria dos casos tem sido escondida e sempre silenciada; um assunto sobre o qual as mulheres não estão autorizadas a falar em público. Tem sido uma questão na qual não se deu voz à experiência da dor pela perda de um filho em processo que já habitava o corpo de uma mulher, porque acima disso havia a necessidade de ocultar a considerada “incapacidade” da mulher para ter um filho. A verdade é que, na cultura patriarcal tradicional, as mulheres foram feitas para ter filhos. A primeira e mais significativa expressão de sua clara expressão de dor é, portanto, o

quadro *Hospital Henry Ford* (Imagem 2), que trata, como vimos anteriormente, do aborto de Frida Kahlo nos Estados Unidos. Este quadro se tornará posteriormente uma referência quando feministas como Judy Chicago ou Miriam Schapiro tentarem estabelecer os “cânones” feministas para uma arte feminista.

Outro quadro que reflete claramente a expressão da dor associada às mulheres é o *Meu nascimento* (1932) (Imagem 11). Neste quadro, como Patricia Mayayo narra em seu livro, rejeita o parto como uma forma “feliz” e indolor de trazer uma nova vida, envolvendo a mulher em trabalho de parto com sangue e cobrindo-a com um lençol, como se ela estivesse de alguma forma morta ou como se trazer um filho ao mundo em certa medida significasse abandonar a si própria como mulher, como identidade e como pessoa. O quadro representa uma reflexão feminista sobre o parto e a maternidade, embora de uma forma dura e rude.



Imagem 11  
Meu nascimento.

“Frida Kahlo - My Birth” by Zeal Harris is licensed with CC BY-ND 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nd/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>

Outro tema com o qual Frida Kahlo quebra o tabu de expressão da dor é com o desamor. Em *Umás facadinhas de nada* (Imagem 3), a pintora expressa em facadas o que sentia quando o seu marido a traía. Quebra novamente o tabu porque não se permite idealizar esta dor com poesia, mas apresenta antes a realidade crua do sentimento. Além disso, se permite, como mulher, expressar a dor que seu amado lhe causa, extrapolando o discurso educativo do patriarcado segundo o qual as mulheres devem suportar o comportamento dos homens, mesmo que eles as prejudiquem moralmente. Mais uma vez, ela quebra o silêncio.

Por último, também foi clara e revolucionária ao expressar seu sofrimento com a experiência da doença, que a acompanhou ao longo de toda a sua vida, mas que se torna mais intensa na fase final. Quadros como *A coluna quebrada* (Imagem 7), *Sem esperança* (1945) (Imagem 12), *Árvore da esperança* (1946) (Imagem 13) e *O cervo ferido* (Imagem 6) expressam a dor da doença de uma forma estrondosa. A dor que, às vezes, sente como uma ferida por flechas, tal como no caso de *O cervo ferido*, outras vezes, como se fosse uma ruptura dos alicerces da arquitetura do corpo, tal como em *A coluna quebrada* ou em *Árvore da esperança* e, outras ainda, como um suspiro que leva à morte, tal como em *Sem esperança*.

O tabu da doença e da morte é também quebrado por Frida Kahlo quando se permite falar de si mesma de maneira pictórica, como doente e compadecida, rompendo assim a condenação ao silêncio de sua doença. Atualmente, não é que tenhamos avançado muito nesse sentido, mas que a questão do tabu da doença e da

morte foi aprofundada ainda mais, já que vivemos em sociedades que idealizam a juventude e relegam a velhice à falta de aceitação e à invisibilidade.



Imagem 12  
Sem esperança.

“Frida Kahlo (12)” by lacriseduquartdevie is licensed by CC BY 2.0. To view a copy of this license visit <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>

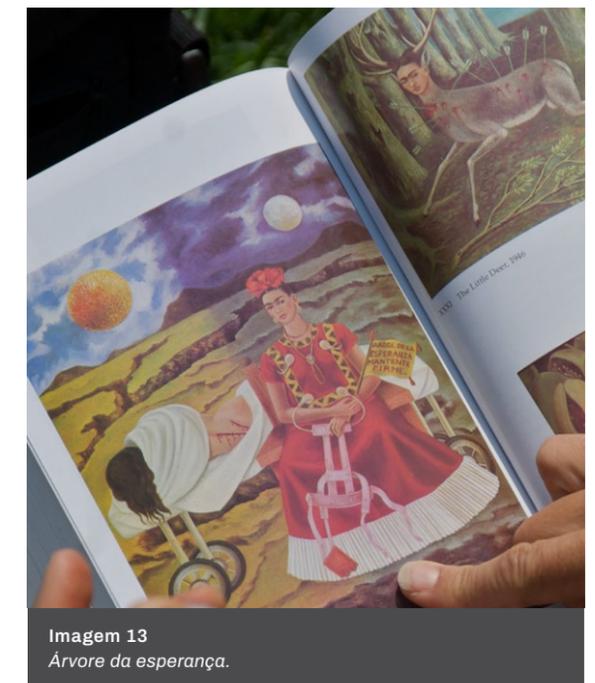


Imagem 13  
Árvore da esperança.

“Frida Kahlo” by Steve Rhodes is licensed by CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>

### 3.3. A identidade

A questão da identidade é muito importante em Frida Kahlo. Ela foi construindo uma identidade pública na qual existiam algumas nuances essenciais que já foram mencionadas. Seu traje de tehuana a fez parecer uma mulher mexicana enraizada na história primitiva.

Contudo, no aspecto experiencial ou interno, a identidade da pintora é uma identidade de fronteira ou múltipla. Isto significa que se identifica com diversos sentimentos ou modos de ver a vida — mesmo contraditórios — e que abraça a totalidade máxima da realidade da forma mais abrangente possível. Mas há um denominador comum em sua identidade: superar as circunstâncias da vida com uma força incomum.

Sua identidade é algo essencial vida e em sua obra, pois na maioria dos quadros que pintava, se apresentava como uma das personagens ou era a personagem principal.

Existem inúmeros autorretratos que a representam em diferentes posições, abraçando diferentes sentimentos. Para esta análise seria necessário um estudo mais aprofundado, porém, o que basicamente nos aproxima da questão da identidade dissolvida, líquida ou de fronteira da pintora é seu *Diário*. Foi escrito nos últimos dez anos de sua vida, anos de amadurecimento e de uma experiência profundamente enraizada na condição humana, na dor, na doença e na morte.

Nas páginas 40 e 41 do *Diário*<sup>2</sup> observa-se um desenho que inclui um autorretrato da pintora com partes de seu corpo caídas, removidas e

substituídas por outras artificiais. A imagem acompanha a frase “eu sou a desintegração”. Esta frase define claramente como Frida Kahlo se sentia em relação à identidade. A perda de partes saudáveis de seu corpo fazia com que ela se identificasse com uma pessoa que estivesse dissolvida.

O auge de sua identidade dissolvida no corpo pode ser encontrado em dois motivos que aparecem em seu *diário* e que têm relação com a fase final de sua vida, na qual parte de sua perna direita é amputada. Isto também a deixa emocionalmente traumatizada porque, como Hayden Herrera relata em sua biografia, significa a perda de parte de seu ser. No final, este debate entre o que eu sou e quando sou uma identidade fronteira representa uma grande crise. Na página 134 de seu *Diário* (Imagem 14) começa a especular sobre a amputação, bem como nas páginas 139 e 141 (Imagem 15).

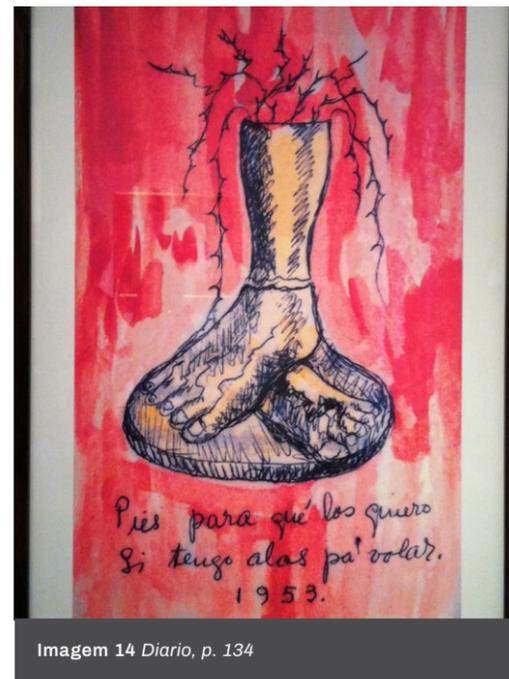


Imagem 14 *Diário*, p. 134

“Frida Kahlo” by Biatrix is licensed by CC BY-NC-SA 2.0. . To view a copy of this license visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>



Imagem 15 *Diário*, pp. 140 e 141

“2015-03-06 Museo Frida Kahlo” by liaamancio is licensed by CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/?ref=ccsearch&atype=rich>

No entanto, considerava que estamos todos unidos ou, em outras palavras, que pertencemos à mesma coisa. Nas páginas 87-91 de seu *Diário* diz: “Ninguém é mais do que uma função ou parte de uma performance total. A vida passa e abre caminhos, que não são percorridos em vão. Porém, ninguém pode parar “livremente” para brincar no caminho, porque atrasa ou atrapalha a viagem nuclear e global. Daí o descontentamento, daí o desespero e a tristeza. Todos nós gostaríamos de ser a soma e não um dos elementos numéricos. As mudanças e a luta nos deixam atônitos, aterrorizados pelo fato de serem constantes e reais, buscamos a calma e a “paz” porque assim antecipamos a morte que morremos a cada segundo. Os contrários se unem e não descobrimos nada de novo nem arritmico. Voamos para buscar refúgio na irracionalidade, no mágico, no anormal, por medo da extraordinária beleza do certo, do material e dialético, do saudável e do forte — gostamos de estar doentes porque assim ficamos protegidos. Alguém — algo — sempre nos protege da verdade. Nossa própria ignorância e nosso medo. Medo de tudo, medo de saber que não somos nada além de vetores construção e destruição, para estar vivos, e sentir a angústia de esperar o minuto seguinte e participar da complexa corren-

te (de obrigações) sem saber que nos dirigimos a nós mesmos, através de milhões de seres-pedras, de seres-aves, de seres-astros, de seres-micróbios, de seres-fontes em direção de nós mesmos — variedades do um, incapacidade de escapar ao dois, ao três, ao etc. para sempre — para regressar ao um”.

É como se fôssemos arrancados de um todo, como se quiséssemos viver como seres diferentes, como se quiséssemos pertencer a um eu, dissolvido, ferido, feliz, para voltar sempre ao todo, a um só.

Para Frida Kahlo, um dos pontos de ancoragem de uma raiz identitária era pertencer à luta revolucionária, mais especificamente ao Partido Comunista. Como dissemos anteriormente, foi a revolução que marcou o início e o fim de sua vida. Assim, diz nas páginas 104 e 105 de seu *Diário*: “Agora em 1953. Após 22 cirurgias sinto-me melhor e poderei ocasionalmente ajudar meu Partido Comunista. Já que não sou uma operária, e sim uma artesã — E aliada incondicional do movimento revolucionário comunista. Pela primeira vez na vida, minha pintura se propõe a auxiliar a linha traçada pelo partido”.

<sup>2</sup> Pode ser consultado em: <http://ilovefridakahlo.blogspot.com/2012/10/el-diario-de-frida-kahlo-2.html>

## 4 . AS MULHERES DE SUA ÉPOCA

---

**A**s mulheres no tempo de Frida Kahlo, como na maioria dos outros tempos, estavam sob os auspícios do patriarcado. Isto significa que a maioria das mulheres se dedicava às tarefas domésticas e de cuidados que eram tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino.

No entanto, nas condições a que o mundo contemporâneo se estava abrindo, e sobretudo como resultado da Revolução Mexicana, começaram a surgir algumas mulheres que se dedicaram a algo diferente do que estava estabelecido.

Por exemplo, destacaram-se algumas jornalistas, tais como Juana Belén Gutiérrez de Mendoza, responsável pelo jornal *Vésper*, ou Emilia Enríquez de Rivera (Obdulía), que apresentou as suas ideias sobre a revolução na revista *Hogar*. Houve também mulheres que abraçaram a luta armada, tais como “La China”, Juana Gutiérrez de Mendoza ou Petra Herrera, uma aliada de Pancho Villa.

Naquela época, no início do século as mulheres estavam conseguindo grandes avanços na arena política. Nos Estados Unidos, a luta pelo voto feminino foi finalmente alcançada em 1920. Em-

bora no México não tenha acontecido até 1955, um ano após a morte de Frida Kahlo, vale a pena considerar a data dos Estados Unidos porque o México sempre esteve muito ligado ao país devido às miscigenações culturais e porque, no caso da pintora, tanto ela quanto Diego tiveram uma relação muito próxima, principalmente com seus ambientes artísticos e culturais.

Como já vimos, Frida e Diego passaram três anos de sua vida madura em diferentes cidades norte-americanas e, em seu regresso ao México, formaram em suas casas círculos de encontro de artistas, nos quais se discutiam ideias revolucionárias num sentido amplo da palavra. Estes círculos foram frequentados por personagens de vanguarda da arte mexicana e também por outros estrangeiros, alguns dos quais, tendo emigrado para os Estados Unidos, acabam se estabelecendo no México como o país inspirador de sua arte.

Nesses círculos, as mulheres que rodeavam Frida Kahlo não eram as clássicas que assumiam papéis patriarcais, mas sim mulheres que lutavam para sair dos papéis tradicionais. Ser uma mulher não tradicional naquela época revolucionária implicava uma dupla revolução. Por um lado, a própria revolução de ir contra o cânone. Por exemplo, na arte, as diferentes correntes das vanguardas (surrealismo, dadaísmo, expressionismo...) já implicavam um esforço contra o estabelecido. E se, além disso, se tratasse de uma mulher, também significaria o esforço de ter que abrir caminho em círculos que estavam em sua maioria ocupados por homens.

A seguir, vamos fazer um resumo da biografia daquelas mulheres que tiveram uma relação mais ou menos próxima com a pintora no o México, seja em sua amizade com Frida Kahlo, seja nos círculos artísticos que foram apontados.

### Lola Alvarez Bravo

---

Amiga íntima de Frida Kahlo, principalmente durante a adolescência, foi a primeira fotógrafa mexicana. Iniciou-se na fotografia após o casamento com Manuel Álvarez Bravo, que era fotógrafo. Como ele tinha um estúdio, Lola começou a desenvolver seus dons artísticos. Trabalhou para o Departamento de Imprensa e Publicações do Ministério da Educação Pública e para a Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM) até criar seu próprio estúdio. Também trabalhou em várias ocasiões como fotógrafa para o governo ou para políticos. Por exemplo, acompanhou Adolfo López Mateos em 1958 na viagem como candidato a presidente. Finalmente, foi uma fotógrafa renomada, embora tenha tido que se esforçar muito para ocupar um lugar naquele mundo.

### Tina Modotti

---

Fotógrafa italiana residente no México com quem Frida Kahlo manteve um relacionamento, especialmente como resultado de algumas reuniões que a primeira organizava em sua casa com artistas mexicanos. De família humilde, aos 17 anos emigrou para São Francisco, onde passou de modelo para fotógrafos a fotógrafa. Entre 1923 e 1930, morou no México, onde, além de realizar muitas de suas obras mais importantes, tornou-se ativista do Partido Comunista Mexicano. Foi acusada do assassinato de Julio Antonio Mella, um líder estudantil de origem cubana e, por isso, foi expulsa do México em 1930. Negado o seu acesso aos Estados Unidos, acabou na Rússia organizando missões de ajuda a refugiados políticos. Alistou-se inclusive nas Brigadas Internacionais durante a guerra civil espanhola. Finalmente, em 1939, conseguiu regressar ao México com um nome falso, María.

### Anita Brenner

---

Escritora e antropóloga mexicana muito notável com quem Frida Kahlo teve contato ao longo de sua vida. Filha de imigrantes letões no México, estudou antropologia na Universidade de Columbia, sendo seus estudos marcados pela Revolução Mexicana. Deu uma abordagem antropológica à revolução, sempre a partir da ideia de que aconteceu porque os latifundiários exploravam os trabalhadores. Foi condecorada com o colar da Ordem da Águia Asteca pelo governo mexicano por ter realizado a divulgação do México em países de língua inglesa, mas rejeitou a condecoração por ser de origem do governo.

### Dolores del Río

---

Atriz de cinema que frequentava a casa da família Rivera, Dolores foi a primeira atriz latino-americana a ter sucesso em Hollywood. Seu período mais produtivo foi entre 1920 e 1930, chegando a contracenar com Fred Astaire e a ser contratada por Orson Welles em vários filmes. Quando se cansou do sistema americano ao começar a receber papéis coadjuvantes, regressou ao México e teve grande sucesso na chamada Época de Ouro do cinema mexicano.

### Alice Rahon

---

Pintora francesa que se estabeleceu no México, foi considerada uma precursora do expressionismo abstrato. Relacionou-se com Frida Kahlo particularmente em seus anos de maturidade devido à ligação que tinham como pintoras consideradas “surrealistas”. Na realidade, elas se conheceram durante a estadia de Frida em Paris e depois de

ser convidada para ir ao México, viajou para o país onde se estabeleceu com o marido.

## María Asúnsulo

Galerista mexicana muito importante que dedicou grande parte de sua vida à promoção da arte mexicana, tornando-se, também, uma influente-mecenas no país. Sua relação com Frida Kahlo e Diego Rivera remonta à época de amadurecimento de ambos, quando se encontravam nos círculos intelectuais e ela se dedicava a analisar a arte dos dois.

Muitas outras mulheres de todos os tipos de estilos revolucionários passaram pela vida de Frida Kahlo. Aqui gostaríamos de mencionar aquelas que foram mais importantes para ela, não apenas em sua esfera íntima, mas também em sua comunidade.

## 5. BIBLIOGRAFIA

Ankori, Gannit (2002). *Imaging Her Selves: Frida Kahlo's Poetics of Identity and Fragmentation*. Londres, Reino Unido: Greenwood Press.

Armstrong Ramos, Priscila (2011). *El diario íntimo de Frida Kahlo: amor y transgresión*. Tesis de grado. Santiago, Chile: Universidad de Chile. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://repositorio.uchile.cl/handle/2250/108739>

Bartra, Eli (1994). *Mujer, ideología y arte: ideología y política en Frida Kahlo y Diego Rivera*. Barcelona, Espanha: Icaria Editorial.

Di Tullio, Anabella L. (2009). "Frida... (¿) es Frida(?) Un recorrido por los procesos de construcción del sujeto a través de *El Diario de Frida Kahlo*". Martí, J. y Aixelá, Y. (Coords.). *El cuerpo: objeto y sujeto de las ciencias humanas y sociales*. Barcelona, Espanha: CSIC.

Herrera, Hayden (2019). *Frida. Una biografía de Frida Kahlo*. Barcelona, Espanha: Taurus Ediciones.

Lowe, Sarah M. (Ed.) (2001). *El Diario de Frida Kahlo. Un íntimo autorretrato*. Madri, Espanha: La Vaca Independiente.

Mayayo, Patricia (2008). *Frida Kahlo. Contra el mito*. Madri, Espanha: Ediciones Cátedra.

Moruno Martínez, Ángela (2017). *El dolor en la pintura de Frida Kahlo. Interpretaciones desde su Diario*. Tese de Mestrado. UOC. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <http://openaccess.uoc.edu/webapps/o2/bitstream/10609/66885/6/angmormarTFM0717memoria.pdf>

Tibol, Raquel (2002). *Frida Kahlo. Una vida abierta*. Cidade do México, México: UAM.

## 6. GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

A proposta de atividade aqui delineada oferece duas possibilidades. Por um lado, a metodologia de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que pode ser implementada no âmbito de uma disciplina específica ou de uma forma interdisciplinar. Para a sua realização, todas as fases aqui enunciadas teriam de ser seguidas. Por outro lado, a atividade poderia ser conduzida seguindo uma forma de ensino mais tradicional, para a qual só é necessário seguir as diretrizes do que nesta seção se denomina "Guia de Leitura".

O título do projeto é **(Re) Vivendo Frida Kahlo**. O objetivo é que os(as) alunos(as) criem uma exposição de arte para ser exibida na escola. O próprio corpo discente será, por um lado, o criador de arte e, por outro, seu intérprete.

### Os objetivos do projeto são:

1. Conhecer a obra de Frida Kahlo.
2. Ser capaz de situá-la num contexto histórico-cultural.
3. Pesquisar sobre a obra de forma autônoma, extrapolando os conhecimentos para outras obras de arte sobre temas semelhantes.
4. Desenvolver a criatividade para poder contribuir com uma interpretação pessoal dos temas do trabalho de Frida Kahlo.

5. Ser capaz de conhecer como funciona uma exposição temporária de arte.
6. Desenvolver a implementação de uma exposição temporária de arte.

### As fases do projeto são:

#### Fase 1

Em primeiro lugar, os(as) alunos(as) devem sentir-se atraídos pelo assunto. Nesta perspectiva, seria interessante introduzir o tema mediante alguma projeção de um vídeo disponível na internet ou, melhor ainda, produzir um vídeo com qualquer uma das ferramentas disponíveis na internet onde sejam levantadas questões tais como: Você já pensou alguma vez em criar arte? Gostaria de se tornar um dos melhores conhecedores da obra de Frida Kahlo? Gostaria de saber como Frida Kahlo mudou a história da arte como mulher?, entre outras.

#### Fase 2

A fase seguinte envolve a seleção das equipes de cinco a seis membros com diferentes níveis de conhecimento e habilidades. As equipes serão escolhidas pelo professor ou professora de acordo com tais requisitos. Como o objetivo é que todas as equipes juntas criem um produto final conjunto (que é uma exposição de arte), a seleção dos membros de cada equipe deve ser definida por suas competências, onde cada equipe se torna uma comissão de especialistas no assunto. Cinco grupos serão formados. Os(As) alunos(as) que sejam especialistas em informática formarão um grupo, os que tenham habilidades de criatividade artística formarão outro grupo, os que tenham habilidades de criatividade literária formarão mais um grupo,

aqueles que tenham talento para a pesquisa formarão outro grupo e os com boa redação formarão o último grupo. Dentro de cada equipe, os(as) alunos(as) devem escolher o papel de porta-voz. Os porta-vozes dos diferentes grupos deverão se reunir em algum momento durante uma sessão, a fim de coordenar o que seria o produto final.

### Fase 3

Chega a fase de definição clara do produto final. Neste momento, a proposta é que cada equipe, dependendo de suas habilidades, desenvolva uma parte da exposição, que será enviada a uma “sala” da mesma exposição. As salas, de acordo com as equipes designadas, serão as seguintes:

**Equipe 1.** Sala de exposição das obras mais significativas de Frida Kahlo de acordo com os temas de sua arte tratados neste texto (1. Identidade nacional. 2. Expressão da dor. 3. Identidade pessoal). Cada obra deve ser acompanhada de um cartaz explicativo que contenha pelo menos o título, o ano de produção e uma breve descrição. O grupo de redatores será responsável por esta sala.

**Equipe 2.** Sala de exposição de outras pessoas relevantes na história da arte que tenham tratado dos temas que preocupavam Frida Kahlo em sua obra (1. Identidade nacional. 2. Expressão da dor. 3. Identidade pessoal). Neste sentido, a identidade nacional não apenas deve estar relacionada com o México, como também pode ser estendida aos territórios que preocupam as pessoas que tenham criado as obras de arte. O grupo de pesquisadores será responsável por esta sala.

**Equipe 3.** Sala de criatividade artística. Nesta sala, os membros do grupo devem elaborar uma reinterpretação pessoal na linguagem artística.

Em princípio, esta seria uma linguagem pictórica, mas podem ser admitidas outras linguagens, de acordo com os critérios do professor ou da professora. A reinterpretação deve ser baseada nos temas de Frida Kahlo já mencionados (1. Identidade nacional. 2. Expressão da dor. 3. Identidade pessoal). O grupo das pessoas artisticamente criativas será responsável por esta sala.

**Equipe 4.** Sala de criatividade literária. Nesta sala, as pessoas do grupo de criatividade devem elaborar uma reinterpretação pessoal em chave literária (poesia, narrativa) dos temas de Frida Kahlo.

**Equipe 5.** Sala audiovisual. Nesta última sala, os especialistas em informática devem produzir uma ou mais projeções audiovisuais de criação própria, onde narram a obra de Frida Kahlo ou sua biografia.

### Fase 4

É necessário fazer um planejamento nesta fase, que deve incluir a data da apresentação final do produto e as datas das etapas intermediárias a serem realizadas.

### Fase 5

Para realizar o processo de pesquisa, é necessário fazer uma pesquisa na internet dos materiais pictóricos, bem como seguir o guia de leitura proposto, que implica a leitura deste livro e um processo de aprofundamento de conhecimentos sobre o conteúdo lido. As questões contidas neste guia de leitura podem ser resolvidas pelos(as) alunos(as), em equipes, e entregues ao professor ou professora para avaliação, com o peso percentual que se considere adequado.

As informações coletadas durante a aplicação do guia de leitura serão utilizadas posteriormente para a elaboração do produto final.

## Guia de leitura

### Perguntas comuns para todos as equipes

- O que foi a Revolução Mexicana?
- O que foi a Revolução Russa?
- O que foi o comunismo e quem foram os seus principais representantes?
- Pesquisar sobre o comunismo russo: representantes e diferentes teorias.
- O que foram as vanguardas como movimento artístico?
- O que foi o surrealismo como movimento de vanguarda?
- Quem foram os maiores representantes do surrealismo?
- Quais fases da vida de Frida Kahlo você destacaria e por quê?
- Pesquisar sobre o papel das mulheres na Revolução Mexicana.
- Quais obras de Frida Kahlo se destacariam, além das incluídas neste texto, relacionadas com a ligação da pintora com o México?
- Quais obras de Frida Kahlo se destacariam, além das incluídas neste texto, relacionadas com a expressão da dor por parte da pintora?
- Quais obras de Frida Kahlo se destacariam, além das incluídas neste texto, relacionadas com a identidade da pintora? Neste sentido, sugere-se procurar pelo menos cinco autorretratos diferentes e explicar as diversas interpretações da pintora sobre si mediante esses autorretratos.

### Fase 6

Após a conclusão e apresentação de todos os projetos, os(as) alunos(as) devem ser avaliados. Para tal, é muito importante que tenha sido realizada previamente uma rubrica de avaliação, na qual os itens que os professores ou professoras considerem adequados sejam avaliados para que eles possam orientar corretamente o seu trabalho. Esta rubrica pode ser elaborada com o uso das ferramentas para este fim que se encontram na internet.

### Fase 7

Além disso, *a posteriori*, os(as) alunos(as) devem fazer uma autoavaliação, na qual, por meio da rubrica inicial, se deem a nota que considerem adequada e expliquem quais foram seus pontos fortes e fracos.

### Fase 8

Finalmente, os(as) alunos(as) devem fazer uma avaliação do projeto: em que medida alcançaram os objetivos, a metodologia utilizada, a aquisição de conteúdos (conhecimentos). Para tal, é necessário que os professores ou professoras elaborem um formulário de avaliação com base nos itens que considerem adequados, para o qual poderão utilizar qualquer uma das ferramentas disponíveis na internet.

### Neste projeto, seis competências-chave seriam desenvolvidas:

1. Competência em comunicação linguística.
2. Competência digital.
3. Aprender a aprender.
4. Competências sociais e cívicas.
5. Iniciativa e espírito empreendedor.
6. Consciência cultural e expressões culturais.

## 7. FICHAS TÉCNICAS

### DAS OBRAS

#### Imagem 1



<b>Autor</b>	Salvador Dalí
<b>Título</b>	A persistência da memória
<b>Ano</b>	1931
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	24,1 x 33 cm
<b>Localização</b>	Museu de Arte Moderna, Nova Iorque

#### Imagem 2



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Hospital Henry Ford
<b>Ano</b>	1932
<b>Técnica</b>	Óleo sobre metal
<b>Dimensões</b>	30,5 x 38 cm
<b>Localização</b>	Coleção Dolores Olmedo, Cidade do México

#### Imagem 3



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Um facadinhas de nada
<b>Ano</b>	1935
<b>Técnica</b>	Óleo sobre metal
<b>Dimensões</b>	30 x 40 cm
<b>Localização</b>	Coleção Dolores Olmedo, Cidade do México

#### Imagem 4



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	As duas Fridas
<b>Ano</b>	1939
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	173,5 x 173 cm
<b>Localização</b>	Museu de Arte Moderna, Cidade do México

#### Imagem 5



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	O que a água me deu
<b>Ano</b>	1938
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	91 x 70,5 cm
<b>Localização</b>	Coleção Daniel Filipacchi, Paris

#### Imagem 6



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	O cervo ferido
<b>Ano</b>	1946
<b>Técnica</b>	Óleo sobre painel
<b>Dimensões</b>	22,4 x 30 cm
<b>Localização</b>	Coleção privada

#### Imagem 7



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	A coluna quebrada
<b>Ano</b>	1944
<b>Técnica</b>	Óleo sobre painel
<b>Dimensões</b>	43 x 33 cm
<b>Localização</b>	Coleção Dolores Olmedo, Cidade do México

#### Imagem 8



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Pancho Villa e Adelita
<b>Ano</b>	1927
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	65 x 45 cm
<b>Localização</b>	Instituto Tlaxcalteca da Cultura (ITC), Tlaxcala

#### Imagem 9



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Minha ama e eu
<b>Ano</b>	1937
<b>Técnica</b>	Óleo sobre metal
<b>Dimensões</b>	30,5 x 37 cm
<b>Localização</b>	Coleção Dolores Olmedo, Cidade do México

#### Imagem 10



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Autorretrato na fronteira entre o México e os Estados Unidos
<b>Ano</b>	1932
<b>Técnica</b>	Óleo sobre metal
<b>Dimensões</b>	31 x 35 cm
<b>Localização</b>	Coleção María Rodríguez de Rejero, Nova Iorque

#### Imagem 11



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Meu nascimento
<b>Ano</b>	1932
<b>Técnica</b>	Óleo sobre metal
<b>Dimensões</b>	30 x 35 cm
<b>Localização</b>	Coleção privada

#### Imagem 12



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Sem esperança
<b>Ano</b>	1945
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela montado sobre painel
<b>Dimensões</b>	28 x 36 cm
<b>Localização</b>	Coleção Dolores Olmedo, Cidade do México

#### Imagem 13



<b>Autor</b>	Frida Kahlo
<b>Título</b>	Árvore da esperança
<b>Ano</b>	1946
<b>Técnica</b>	Óleo sobre fibra dura
<b>Dimensões</b>	55,9 x 40,6 cm
<b>Localização</b>	Coleção Daniel Filipacchi, Paris



# Tarsila do Amaral

Alma da  
modernidade  
Brasileira

*Esmeralda García Sánchez*

## ÍNDICE

### Introdução

### Cronologia

#### 1. A época. Ruptura e renovação das vanguardas

1.1 Da Independência do Brasil à Grande Depressão de 1929

1.2 O Modernismo brasileiro

1.2.1 A Modernidade ou o “Modernismo” brasileiro

#### 2. Tarsila do Amaral. A pintora da identidade brasileira

2.1 Paris, sempre Paris. Jazz, Josephine Baker e as vanguardas

2.2 Tarsila está impregnada com a paisagem popular brasileira

2.3 O triunfo do amor e da arte. Da poesia popular à Antropofagia

2.3.1 A Antropofagia. *Abaporu*

2.4 A política entra na vida de Tarsila

2.5 A atualidade de Tarsila

#### 3. As mulheres na época das vanguardas artísticas

3.1 Os manifestos vanguardistas e as mulheres artistas

#### 4. A obra de Tarsila do Amaral

4.1 Interesse na linguagem da arte moderna

4.2 Pau-Brasil. A paisagem e as cores brasileiras

4.3 Antropofagia. O genuinamente brasileiro

4.4 O realismo russo

#### 5. Bibliografia

#### 6. Guia de leitura e atividades

#### 7. Fichas técnicas das obras

## INTRODUÇÃO

**É** o momento de se preparar para conhecer a evolução pessoal e artística de uma mulher audaz e com espírito viajante, uma das mulheres mais importantes da pintura da Modernidade brasileira. Pode-se dizer — sem medo de errar — que ela fundou a Modernidade da pintura no Brasil e foi uma das grandes expressões do Modernismo na América Latina.

De uma família de latifundiários brasileiros, conseguiu criar um estilo próprio e inimitável de pintura chamado “Antropofagia” que, inspirando-se nas influências das vanguardas europeias, enfrentava o naturalismo fotográfico. Tratava-se de uma projeção latino-americana das vanguardas europeias. Tinha um componente ousado do cubismo e do surrealismo que encarnava a essência do Brasil. As pinturas de Tarsila capturaram seu amor por seu país, suas peculiaridades e suas origens africanas. Pode-se dizer que é a pintora da identidade brasileira.

Ela dizia que queria ser a pintora de seu país e em 1921 foi para Paris, onde conheceu, como outros pintores pioneiros da América Latina, a abstração, o fauvismo, o expressionismo, o dadaísmo, o surrealismo, o cubismo, o futurismo, o construtivismo: a arte das vanguardas. Tarsila ficou fascinada com as vanguardas que inundavam a cidade luz naquela época e se impregnou delas. Por meio dessas novas perspectivas e sensibilidades, refletiu e compreendeu o “ser

brasileira”, o encanto do afrodescendente, do nativo e, em última instância, do “outro”. Seus quadros de *A negra* ou *Abaporu* são um exemplo disso, para deixar boquiaberto. As influências de Cézanne, pintor considerado pós-impressionista e pai da nova pintura do século XX, da abstração e do neoplasticismo de Mondrian ou do cubismo de Picasso podem ser encontradas em suas obras, das quais teremos a oportunidade de falar ao longo destas páginas.

Estas páginas, enquanto mostram a vida e a pintura singular de Tarsila do Amaral, também aproximam o leitor de outros âmbitos e latitudes da Modernidade, de como este movimento que retoma o antigo e o funde com o presente influenciou a literatura, a música, a arquitetura e o cinema. Charles Chaplin foi o ícone da Modernidade no cinema. Todos os seus filmes são maravilhosos, mas recomendo um em particular que representa magnificamente a Modernidade em sua essência, *Tempos modernos* (1935), por sua memorável crítica social.



Imagem 1. Tarsila do Amaral, Autorretrato I (1924).

© Uso legítimo. Tomada de: <https://www.wikiart.org/>

# CRONOLOGIA

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

### 1950-1970

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

**1886**  
Nasce Tarsila do Amaral em Capivari, Estado de São Paulo, Brasil

**1902**  
Viagem a Barcelona e colégio interno

**1904**  
Casamento com André Teixeira Pinto

**1905**  
Nascimento da sua filha Dulce

**1913**  
Separação do casamento  
Tarsila muda-se para morar em São Paulo

**1916**  
Início dos seus estudos de desenho e pintura

**1920**  
Viagem à Europa com a sua filha Dulce

**1886**  
Proclamação da República no Brasil  
Exposição Universal de Paris: Torre Eiffel

**1891**  
Promulgação da Constituição Brasileira

**1894**  
Telegrafia sem fios

**1895**  
Descoberta dos raios X

**1901**  
Primeira entrega do Prêmio Nobel

**1906**  
Ramón y Cajal recebe o Prêmio Nobel de Medicina

**1907**  
Revolução Mexicana

**1914**  
Primeira Guerra Mundial

**1917**  
Revolução Russa  
Primeira greve geral no Brasil

**1918**  
Fim da Primeira Guerra Mundial

**1921**  
Muda-se para Paris. Estuda na Académie Julien e no estúdio de Émile Renard  
Viagem à Espanha

**1922**  
Regresso ao Brasil (junho)  
Forma o Grupo dos Cinco  
Lidera o movimento modernista com Oswald de Andrade  
Regresso a Paris  
Viagem por Portugal e Espanha com Oswald  
Regresso a Paris. Ela conhece B. Cendrars e A. Gleizes, entre outros vanguardistas

**1923**  
Regresso ao Brasil (dezembro)

**1924**  
Viaja al Carnaval de Río de Janeiro y a Minas Gerais  
Tarsila, la pintora de la Modernidad brasileña

**1926**  
Viagem à Europa  
Regresso ao Brasil  
Casamento com Oswald de Andrade

**1929**  
Dificuldades econômicas devido à Grande Depressão e ao colapso do preço do café.  
Hipoteca sua casa

**1930**  
Separação de Tarsila e Oswald  
Tarsila perde a sua fazenda em Santa Teresa do Alto

**1931**  
Viaja para a União Soviética com o namorado, Osório César

**1932**  
Detenção e prisão de Tarsila

**1922**  
Tarsila entra no Salon Officiel des Artistes Français com *Retrato de Mulher (Passaporte)*  
Semana de Arte Moderna de São Paulo  
Benavente ganha o Prêmio Nobel de Literatura

**1923**  
Pinta *A Negra*, uma das obras mais emblemáticas da artista

**1924**  
Movimento Pau-Brasil  
Revolta Paulista

**1928**  
Movimento Antropofágico: *Abaporu*, outra das obras definidoras de Tarsila, juntamente com Antropofagia

Primeira exposição individual de Tarsila na Galeria Percier em Paris  
Descoberta da penicilina por Alexander Fleming

**1929**  
Primeira exposição individual de Tarsila no Brasil, no Hotel Palace do Rio de Janeiro  
Grande Depressão econômica

**1930**  
Revolução Brasileira e a ditadura de Getúlio Vargas

**1932**  
Guerras paulistas ou Revolução Constitucionalista

**1933**  
Tarsila interessa-se em questões sociais: *Operários e Segunda classe*, duas das telas representativas de influenciadas pelo realismo socialista

**1934**  
Participa no I Salão Paulista de Belas Artes

**1936**  
Golpe de Estado na Espanha e início da Guerra Civil

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

1930

1937

Recupera a sua fazenda em Santa Teresa do Alto  
Viagens frequentes ao Rio de Janeiro

1939

Estabelece-se novamente em São Paulo com o  
seu novo namorado, Luís Martins

1939

Fim da Guerra Civil espanhola. Ditadura de Franco  
até 1978 (III Constituição Espanhola)

Início da Segunda Guerra Mundial

Tarsila em vários salões de arte

1942

Brasil entra na guerra contra a Alemanha

1944

Tarsila participa na Exposição de Arte Moderna  
de Minas Gerais em Belo Horizonte; na exposição  
coletiva na Royal Academy of Arts, de Londres,  
e na Exposição de Pintores Norte-Americanos e  
Brasileiros realizada no Museu Nacional de Belas  
Artes do Rio de Janeiro

1945

Fim da Segunda Guerra Mundial

Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de Literatura

1947

Início da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a  
União Soviética

1950

Fim da ditadura de Getúlio Vargas no Brasil,  
embora os sindicatos e partidos políticos  
continuassem proibidos até 1977-1980

## DADOS BIOGRÁFICOS

## DADOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

1960-1970

1953

Tarsila participa na II Bienal do Museu de Arte  
Moderna de São Paulo

Início da Revolução Cubana

1954

Colabora com o IV Centenário da cidade de São  
Paulo. Procissão

1955

Guerra do Vietnã (vitória do Vietnã do Norte em  
1975)

1956

Juan Ramón Jiménez recebe o Prêmio Nobel de  
Literatura

1959

Fim da Revolução Cubana. Cuba torna-se um  
Estado socialista

Severo Ochoa recebe o Prêmio Nobel de Medicina

1960

Tarsila faz parte da mostra da Contribuição da  
Mulher às Artes Plásticas no País, no Museu de Arte  
Moderna de São Paulo

1962

The Beatles (até 1970)

1963

Uma sala especial é dedicada a Tarsila na Bienal  
de São Paulo

1964

A XXXII Bienal de Veneza exhibe uma sala dedicada  
exclusivamente à obra de Tarsila

1968

Revoltas de Maio na França

Revoltas da Primavera de Praga

1969

Grande retrospectiva dos desenhos de Tarsila no  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em  
São Paulo.

1970

Retrospectiva de Tarsila em Belo Horizonte, Minas  
Gerais

1966

Morre Dulce, filha única de Tarsila

1973

Morre Tarsila do Amaral

# 1. A ÉPOCA

## RUPTURA E RENOVAÇÃO DAS VANGUARDAS

**O** Modernismo ou a Modernidade no Brasil é um movimento cultural que surgiu na década de 1920. Falaremos mais tarde sobre isto com mais calma e detalhes. Porém, para nos colocarmos no contexto de nossa protagonista, antes de entrarmos no tema do que pretendia e do que implicava a Modernidade das vanguardas no Brasil, vamos recuar na história do país antes do nascimento de Tarsila do Amaral (1886), possivelmente o Estado mais poderoso da América Latina em 1914.

### 1.1. Da Independência do Brasil à Grande Depressão de 1929

Em 1807, Napoleão invadiu Portugal e, em 1808 o rei, D. João VI (1776-1826), e sua Corte exilaram-se no Brasil, tornando o Rio de Janeiro a capital do Império Português. Este evento beneficiou o Brasil em geral e a cidade do Rio de Janeiro em particular: estimulou o comércio e a economia, e foram construídos novos edifícios públicos, teatros e bibliotecas. O auge foi tão elevado que muitos cidadãos, artesãos

e artistas europeus se mudaram para o Brasil. Em 1820, o rei regressou a Portugal, deixando o filho Pedro I como regente.

Ao grito do “Ipiranga” o Brasil levantou-se exigindo sua independência. Pedro I proclamou a independência e tornou-se imperador do Brasil em 1822. Portugal reconheceu a independência do Brasil em 1825. Pouco tempo depois, Pedro I decidiu ir para Lisboa para suceder ao pai no trono de Portugal. Pressionado pelo descontentamento e pelas revoltas que motivaram tal decisão, abdicou do trono em favor de seu filho de cinco anos de idade, Pedro II, que reinou aos 14 anos de idade a partir de 1840, após um longo período de instabilidade e rebeliões contínuas em diferentes territórios do Brasil. O monarca restaurou a ordem, favoreceu a expansão econômica, principalmente o cultivo do café da Guiana. Promoveu também o cultivo do cacau e a indústria da borracha. No entanto, o republicanismo começou a emergir em 1870. Talvez a política autoritária do monarca — embora reformista, porque proclamou a secularização do Estado, concedeu o sufrágio universal e aboliu a escravidão em 1888 — e o poder conferido aos militares após a guerra com o Paraguai (1865-1870) levaram o país a uma revolução liderada pelos militares em 1889 e à proclamação da República. Em 1891, foi estabelecida no Brasil uma Constituição que proclamava um Estado laico, federalista e democrático, com o apoio dos militares. Mas, na prática, o poder dependia das oligarquias dominantes dos coronéis. O estado de São Paulo aumentou sua influência política e econômica devido ao cultivo do café, em oposição ao desenvolvimento do Nordeste. Os “paulistas” e as posições obtidas eleitoralmente no governo obtiveram um importante apoio para os produtores de café na crise de superprodução de 1906. Estamos falando do período da “Repú-

blica Velha” em que o poder estava nas mãos das oligarquias rurais, como mencionávamos.

No início do século XX e até à depressão de 1929, o Brasil continuava sendo um país muito próspero. Com a imigração europeia, entre 1870 e 1920, uma burguesia industrial e comercial tinha surgido juntamente com um proletariado e um subproletariado urbano. Ao mesmo tempo, ideias anarquistas e socialistas. Em 1917, ocorreu a primeira greve geral e em 1927, foi fundado o Partido Comunista brasileiro.

Com a depressão de 1929, houve uma queda nas vendas de café e o descontentamento popular levou a uma revolução que terminou com a ditadura Getúlio Vargas em 1930, apoiado pelos militares e contra o candidato dos partidários da oligarquia rural nas eleições. Vargas governou até 1950, realizando uma série de reformas destinadas a fomentar a indústria e modernizar o país. A partir de então, tempos muito diferentes se seguiram na economia e na política brasileira, com ditaduras, golpes militares, censura, inflações e desemprego. Os partidos políticos e os sindicatos foram proibidos até 1970-1980.

### 1.2. O Modernismo brasileiro

A utilização dos termos *modernism* e *modernisme* (em inglês e francês, respectivamente) não se refere ao movimento artístico Modernismo ou Art Nouveau, mas à arte moderna. Eles se referem à vanguarda, à Modernidade. **A noção de vanguardismo é considerada por alguns como uma característica do Modernismo em oposição ao Pós-Modernismo.** Dentro da polissemia do termo *modernisme* ou *modernism*, vejamos algumas fronteiras significativas:

**a. O Modernismo surge na Europa como *Fin***

*de siècle* e *Belle époque*. Este foi o nome dado ao período compreendido entre o final do século XIX (a partir de 1888) e o início do século XX (até 1910-1917), ligado à crise espiritual do final do século e manifestando um profundo desacordo com a civilização burguesa mais tradicional. Foi-lhe dado vários nomes, mas na Bélgica, França e Ibero-América chamava-se Art Nouveau. Historicamente, diz-se que o Modernismo nasceu em 1888 com a publicação de *Azul*, pelo poeta nicaraguense Rubén Darío, devido à repercussão que teve na literatura de língua espanhola com sua profunda renovação da estética literária e da métrica..

**b.** Este movimento nasceu com o objetivo de criar uma arte nova, heterodoxa e inconformista, livre e moderna. Todos os seus autores estavam cheios de uma grande dose de rebeldia, de um desejo disruptivo e renovador de substituir a estética da época, tanto a academicista do historicismo e do ecletismo quanto a rupturista do realismo ou impressionismo, por outra ordem estética inspirada pela natureza e incorporando novidades da Revolução Industrial. O futuro não precisava do passado, tratava-se precisamente de romper com o passado e a partir presente desenhar o futuro, para apostar nele.

O Modernismo, o Art Nouveau, se manifestou na literatura, na pintura, na escultura e na arquitetura (contra a arquitetura do ferro, por exemplo). Mas também nas artes decorativas, nas artes gráficas e em mobiliário ou uso de ferro forjado, passando pela joalheria, pelos acessórios ou pelos objetos de uso cotidiano. O mobiliário urbano tornou-se de grande importância e podemos encontrar magníficos designs moder-

nistas em mictórios, postes de iluminação, estações de metrô ou quiosques. William Morris e John Ruskin foram seus inspiradores, partiram da ideia de socializar e democratizar a arte. Houve opiniões para todos os gostos, e quem identificasse suas formas como um reflexo da degeneração ou desintegração social. Num determinado momento, ser considerado modernista carregava uma carga pejorativa. Foi também o momento em que a voluptuosidade de um setor da burguesia estava no auge.

Atualmente, como não admirar as pinturas de Gustav Klimt *O beijo*, (<https://search.creativecommons.org/photos/ee478b67-d948-41cd-b622-5ecb8c0eef41>) ou *Mulher com uma ardente vela*, de Alfons Mucha, belíssimas obras destes autores, entre outros.

c. **O vanguardismo** ou **as vanguardas** é um conjunto de movimentos artísticos que se desenvolveram nas **primeiras décadas do século XX**, no período entre guerras. O termo significa ir em frente, razão pela qual poderia recordar conotações militares ou ideológicas. É o momento em que se constroem os alicerces dos novos estilos artísticos que caracterizarão a segunda metade do século XX, surgem os “ismos”, movimentos que emergem no início da Primeira Guerra Mundial e declinaram nos anos 1930. Estes movimentos que pretendem romper com a tradição são uma arte transgressora que procura novas formas de expressão artística, que terá também a sua projeção na esfera política, social, econômica e filosófica. A característica fundamental é a liberdade de expressão e a superação dos limites do que é aceito e considerado como a norma. Em ambos os movimentos (no Modernismo e nas vanguardas), o objetivo era a renova-

ção artística e a criação à margem das velhas tendências. Porém, dada a polissemia do termo “modernismo”, é necessário diferenciar entre o Modernismo ou Art Nouveau e a Modernidade das vanguardas às que o termo *modernisme* ou *modernism* se refere.

**Os principais “ismos” europeus** confirmaram a liberdade de expressão de que falávamos, o que nas artes plásticas foi traduzido em liberdade de cor ao compor e desenhar um quadro dos **fauvistas** (1904-1910), tais como Matisse e Dufy, e dos **expressionistas** como Kirchner. A **composição abstrata** encontra-se no **cubismo** (1906), um movimento que dá abertura a todas as vanguardas, em germe e plenamente desenvolvida em Malevich (<https://historia-arte.com/artistas/kazimir-malevich>) ou Mondrian ([https://es.wikipedia.org/wiki/Piet\\_Mondrian](https://es.wikipedia.org/wiki/Piet_Mondrian)), entre outros, que representaram as correntes suprematista e construtivista. O futurismo (1909), com conteúdos relacionados com as cidades, o tempo, a energia, a força e a exaltação da originalidade.

A perspectiva das vanguardas não mostra um mosaico coerente com fronteiras bem definidas, embora analiticamente queiramos classificá-las e defini-las claramente. A fronteira entre **abstração** e **cubismo** se perde em autores como os **Delau-nays**, com as suas séries de prismas e círculos geométricos; assim como as do expressionismo, abstração e **surrealismo** (1924) são desfiguradas em autores como Klee e Miró. O dadaísmo, por sua vez, emergiu no Cabaret Voltaire de Zurique (1916) e caracterizou-se pela oposição às convenções artísticas e literárias dos artistas burgueses, também desafiou o cânone artístico e literário com sua ironia e provocação.

O pós-impressionismo (1890) (<https://mymodernmet.com/es/postimpresionismo/>), o cubis-

mo de Picasso (1906) (<https://historia-arte.com/artistas/pablo-picasso>), o expressionismo (1914) e o surrealismo (1924), juntamente com o realismo socialista (1932) (<https://www.coleccionmuseoruso.es/exposicion/arte-realismo-socialista/>), são os “ismos” que estão presentes na evolução artística de Tarsila do Amaral, como veremos a seguir. Embora sua pintura tenha sido inicialmente influenciada pelo cubismo, mais tarde se entrelaçou com o surrealismo, o pós-impressionismo e o expressionismo e, posteriormente, a influência do realismo socialista foi refletida em suas telas. Veremos isso mais tarde, quando apresentarmos uma amostra da sua obra e trajetória artística.

### 1.2.1 A Modernidade ou o “Modernismo” brasileiro

A Modernidade ou o “Modernismo” foi um movimento cultural que afetou tanto a literatura quanto as artes plásticas. Ele surgiu no período das grandes transformações sofridas pelo país nas primeiras décadas do século XX— que acabamos de ver — e adaptou os estilos e elementos das vanguardas europeias às formas e cores brasileiras. A data de nascimento: o ano de 1922. O lugar: a Semana de Arte Moderna de São Paulo, considerada a primeira manifestação da Modernidade brasileira, transformando São Paulo na capital do “novo”. Porém, em 1911 e nessa mesma cidade, tinham aparecido dois nomes: Oswald de Andrade e Emílio de Menezes, que patrocinaram o surgimento da Modernidade vanguardista no Brasil. Ambos fundaram a revista *O Pirralho*. Andrade foi o primeiro a falar de “futurismo” e da novidade do verso livre em seu regresso de uma viagem à Europa. Por outro lado, Anita Malfatti, a alma da Semana de Arte Moderna de São Paulo, realizou a primeira exposição vanguardista no Brasil em 1917, que

foi muito criticada pelos opositores da Modernidade, tais como o escritor Monteiro Lobato, que não conseguiu digerir bem essa mistura de fauvismo e cubismo. Anita Malfatti, que estava intimamente ligada ao mundo da arte de Nova Iorque, e Lasar Segall também realizaram as primeiras exposições expressionistas em 1913 e 1914.

Da mesma forma, na literatura, as primeiras inovações linguísticas aparecem em autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida. Mário de Andrade critica abertamente a influência francesa na poesia brasileira do parnasianismo, mais interessado na forma, estrutura e beleza do verso do que no conteúdo. “A arte pela arte” era o lema do parnasianismo. No campo da música, vale destacar a figura de Heitor Villa-Lobos, compositor brasileiro “muito presente nos eventos da Semana de Arte Moderna, tradutor de Bach para o tropicalismo na série de nove peças que ele batizou de Bachianas brasileiras” (El País Semanal de 20/04/2018).

O Modernismo brasileiro desenvolveu-se em duas fases: a primeira ocorreu de 1922 a 1930 e a segunda, de 1930 a 1945.

a) **Primeira fase (1922-1930)**. Foi um período de grande expansão cultural e profusão literária. Houve uma ruptura com as estruturas do passado e uma tendência para o moderno e original, mesmo sendo polêmico. Existe uma busca da identidade do Brasil e a origem de um movimento fortemente nacionalista refletido, entre outras questões, na distinção entre as línguas brasileira e portuguesa. O momento político era muito importante, como vimos: ocorreram eleições para

a República, e foram fundados o Partido Comunista do Brasil e o Partido Democrático, ao qual Mário de Andrade estava filiado.

Apareceram dois manifestos. Por um lado, o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924), assinado por Oswald de Andrade, que defendia uma cultura autóctone com sua própria língua brasileira e um nacionalismo de esquerda e de crítica social. Por outro lado, o *Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta* (1929), que defendia um nacionalismo próximo à ideologia da extrema-direita. Participaram Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo.

O movimento *Centro Regionalista do Nordeste* (1925-1930), do Recife, sempre a favor de sua região, tentou entrelaçar o sentimento de unidade do Nordeste do país com os parâmetros da Modernidade. Figuras literárias como José Américo de Almeida, Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto, entre outros, estiveram envolvidos.

O movimento que surgiu em torno da *Revista de Antropofagia* (1928) foi o mais importante. Começou com um manifesto de Oswald de Andrade. Parece ser uma reação ao movimento de extrema-direita Verde-Amarelo e tem a origem num quadro de Tarsila do Amaral, *Abaporu*. Está intimamente relacionado com o movimento Pau-Brasil.

Posteriormente, houve uma ruptura entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade, dando origem a uma nova fase da revista e do movimento



Imagem 2  
Anita Malfatti.  
Retrato do Escritor  
Oswald de Andrade  
(1925)

de Jonas de Carvalho é licenciado pela CC BY-SA 2.0. Para ver uma cópia desta licença, visite [by Jonas de Carvalho is licensed with CC BY-SA 2.0.](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/)

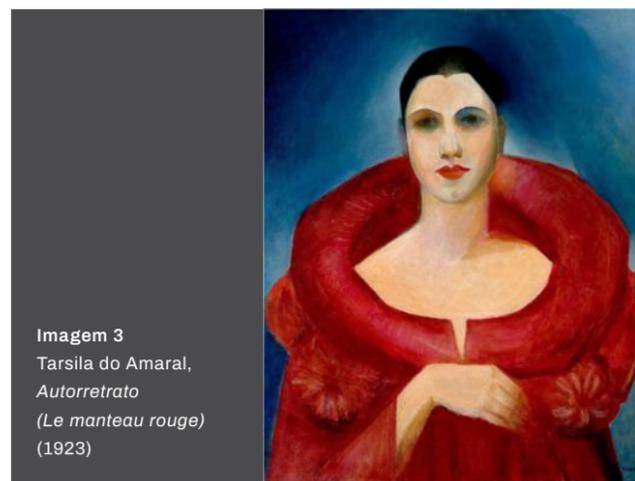


Imagem 3  
Tarsila do Amaral,  
Autorretrato  
(Le manteau rouge)  
(1923)

por ela iniciado, com grande protagonismo de Tarsila do Amaral, a figura mais representativa desta primeira fase.

**b) Segunda fase** (1930-1945). Neste período, surgiram novas preocupações e interesses literários: o ser humano, o espiritual, os valores éticos, as novas formas estéticas, a filosofia, o econômico, o político e o social. Os autores importantes são Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Jorge de Lima, entre outros.

## 2. TARSILA DO AMARAL

### A PINTORA DA IDENTIDADE BRASILEIRA

“Toda arte é uma forma de literatura”, dizia Fernando Pessoa, o grande promotor das vanguardas em Portugal.

A principal artista modernista e uma das principais instigadoras das vanguardas no Brasil, Tarsila do Amaral, nasceu em 1º de setembro de 1886, no estado de São Paulo, em Capivari, no seio de uma família rica e culta. Seu avô era um fazendeiro milionário, dono de empresas e de grandes plantações de café. Ela estudou primeiro no colégio Sion, na cidade de São Paulo, depois ingressou, juntamente com a irmã, no colégio Sagrado Corazón de Barcelona, para onde viajou com os pais em 1902. Conheceu a Barcelona modernista, que a impressionou e motivou ainda mais sua vocação artística; já tinha demonstrado seu interesse em estudar e pintar, encontrando sempre o apoio familiar, o que não era muito frequente na época. Permaneceu em Barcelona durante dois anos e no regresso ao Brasil casou-se com André Teixeira Pinto, primo

de sua mãe, com quem teve a única filha, Dulce. O casal separou-se em 1913 e Tarsila foi morar em São Paulo, onde estudou no estúdio do escultor sueco William Zadig. Mais tarde, estudou desenho e pintura com Pedro Alexandrino e George Elpons. Nesta época se dedicava ao estudo pictórico de animais e naturezas mortas, basicamente, mas também fazia esboços de retratos.

#### 2.1. Paris, sempre Paris. Jazz, Josephine Baker e as vanguardas

Em 1920, atraída pelas novas formas pictóricas, ela viaja à Europa com a filha Dulce, a quem matricula num colégio interno britânico, e instala-se em Paris para conhecê-las em primeira mão. É a Paris da arte abstrata, a Paris das vanguardas artísticas e a Paris do fascínio pelo exotismo oriental e africano, do jazz e de Josephine Baker, um ícone artístico internacional e político. Tudo isso, talvez, deixe uma marca em Tarsila para considerar e refletir mais tarde sobre a incrível e fascinante cultura do Brasil, o seu país, e sobre o seu “ser brasileiro” (ver <https://www.rtve.es/alacarta/videos/luces-en-la-noche/luces-noche-josephine-baker/2739038/>).

Tarsila estuda na Académie Julien, no estúdio de Émile Renard. Em 1921, viaja à Espanha, onde pinta *Camponesa espanhola* e *Rua de Segóvia*.

Em 1922, seu quadro *Retrato de Mulher*, com uma técnica basicamente influenciada pelo cubismo, a leva a entrar no Salon Officiel des Artistes Français, e não em vão que ela dá à obra o nome de *Passaporte*. Pouco tempo depois, no mesmo ano, regressa ao Brasil.

De volta a São Paulo (junho de 1922), fez contato com quatro pessoas com as mesmas afinidades e com as quais manteve uma estreita amizade: Anita Malfatti, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia. Todos eles tinham participado da Semana de Arte Moderna, um evento importante na evolução da arte moderna no Brasil. Tarsila estava à frente do movimento modernista; ela e Oswald logo se apaixonaram e com os outros três amigos formaram o chamado Grupo dos Cinco. Juntos, procuraram novas formas de expressão para um país tão complexo, tão rico em culturas e cores vibrantes. As vanguardas europeias, que tanto se inspiraram nas culturas primitivas e exóticas, deram-lhes as chaves da mudança. A partir daí, a pintura de Tarsila torna-se mais expressiva, com um interesse acentuado na estética da arte moderna. Em setembro ela expõe no Salão de Belas Artes de São Paulo. No final de 1922, volta a Paris, onde se encontra com Oswald de Andrade. Tarsila e Oswald viajam para Portugal e Espanha. No regresso a Paris, eles se encontram com outros artistas brasileiros de vanguarda, tais como Anita Mafalitti, Di Cavalcanti e Paulo Prado. Tarsila trabalha no estúdio de André Lhote e, posteriormente, no de Gleizes e Léger. Conhece estes dois últimos através do poeta surrealista Blaise Cendrars, que é considerado o fundador da poesia moderna (*Páscoa em Nova Iorque*) e que introduz Oswald e Tarsila ao seu círculo de amigos, tais como Fernand Léger, Albert Gleizes, Satie e Brancusi, entre outros. Nesta época, surge sua obra *A Negra* e outros estudos e composições cubistas. **A Negra** será sempre considerada uma obra fundamental do Modernismo brasileiro.

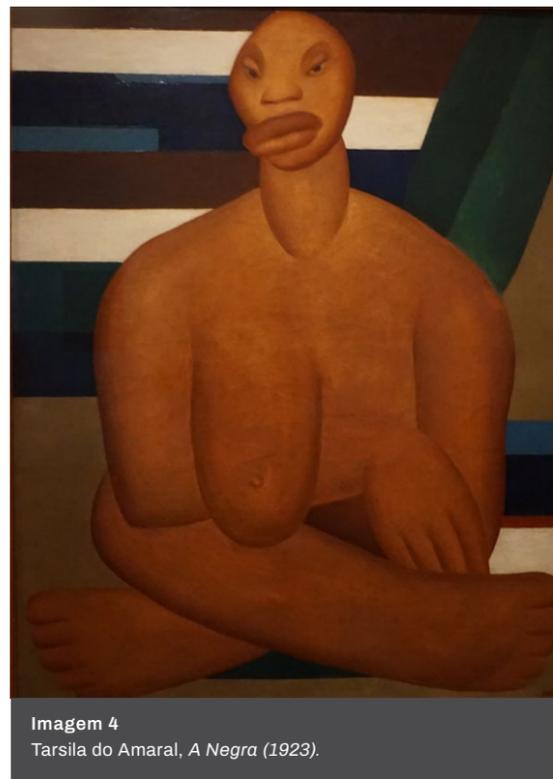


Imagem 4  
Tarsila do Amaral, *A Negra* (1923).

"A Negra, Tarsila do Amaral, The Museum of Modern Art" by Andrew Milligan sumo is licensed with CC BY 2.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>

## 2.2. Tarsila está impregnada com a paisagem popular brasileira

Em **1923**, em dezembro, de volta ao Brasil, Tarsila manifesta seu desejo de ser a pintora do Brasil. Assim, ela se propõe estudar a arte dos *caipiras*, quer conhecer e aprender com esses artistas do campo que estão longe de qualquer tipo de academicismo. Daqueles que em sua infância e juventude lhe disseram que não eram "seletos".

Em fevereiro de **1924**, Cendrars visita o Brasil, São Paulo, a convite dos amigos. Tarsila, Oswald e Cendrars, juntamente com Olívia Guedes Penteadó, uma grande promotora da Modernidade Brasileira, viajam para o Carnaval do

Rio de Janeiro. A partir desse momento, a paisagem do Brasil torna-se a obsessão da artista, que desde o primeiro momento pensou em incorporar estilos modernos às formas e cores indígenas de seu país, devorando as vanguardas parisienses e assimilando-as às cores e formas do Brasil. As fantasias e enfeites do carnaval alimentam seus esboços, que mais tarde se tornam obras como *Carnaval em Madureira*, *Morro da Favela* e *Estrada de Ferro Central do Brasil*. São Paulo ocupará também suas telas: *São Paulo (Gazo)* e *São Paulo*. Porém, a viagem a Minas Gerais durante a Semana Santa marcou e fascinou Tarsila. Ela descobre o exótico de seu país e sente-se profundamente brasileira, refletindo em desenhos e esboços a paisagem mineira, a arquitetura colo-

nia e a escultura do escultor Aleijadinho (1738-1814). Nesta época, sua obra ainda é fortemente influenciada pelo cubismo, em termos de ordenamento espacial e estilização geométrica de figuras humanas, animais e plantas. As cores utilizadas são *caipiras*, ou seja, cores vivas e contornos nítidos, afastando-se assim do gosto considerado "seleto" pela tradição artística do Brasil. Estas obras inspiraram o Manifesto Pau-Brasil, devido ao caráter social e popular. As cores, as formas e a vegetação do Brasil misturavam-se com o cubismo. Este período de sua pintura foi denominado **Pau-Brasil**. Tarsila se torna a pintora da Modernidade Brasileira, do Modernismo Brasileiro e realiza seu sonho de "quero ser a pintora do meu país".



Imagem 5. Tarsila do Amaral, *São Paulo* (1924)

© Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

Em julho, eclode a Revolução Paulista, na qual participa o comandante Isidoro Dias Lopes, que será também o protagonista da Revolução de 1930. Tarsila e Oswald fogem para o Sertão, para uma fazenda da família, e mais tarde vão para Paris, onde Cendrars publica seu livro de poemas, inspirado na viagem ao Brasil *Feuilles de route* (Folhas de Estrada), ilustrado por Tarsila e cuja capa é a figura de *A Negra*.

### 2.3. O triunfo do amor e da arte. Da poesia popular à Antropofagia

Nossa artista, incansável e viajante, logo retorna a seu amado Brasil, em fevereiro de 1925. Inspirada pela poesia popular e pelas pinturas das minas, trabalha febrilmente para preparar uma exposição em Paris. Nessa época, Tarsila e Oswald residiam na casa da família dela, localizada no luxuoso bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo, transformando seus salões num templo da vanguarda brasileira. Pouco tempo depois, o casal regressa à Europa e embarca numa viagem, a que chamam “pré-nupcial”, pelo Mediterrâneo, com escalas no Egito e Jerusalém; eles são acompanhados por uma série de amigos, Dulce, filha de Tarsila, e Nonê, filho de Oswald. Nossa pintora consegue a anulação do primeiro casamento e se casa com Oswald em 30 de outubro de 1926 no Brasil. Mas antes disso — não nos adiantemos — a primeira exposição individual de Tarsila em Paris aconteceu em junho do mesmo ano, na Galeria Percier. Foram exibidas 17 obras de seu período Pau-Brasil de 1924-1925 e sua *A Negra* de 1923. A partir desse momento, os vieses primitivista e nativista destacam-se em seus quadros.

De volta ao Brasil e após o casamento, a vida do casal transcorre entre São Paulo e a fazenda da família de Santa Teresa do Alto.

Tarsila continua trabalhando e em 1927 surgem obras como *Religião brasileira I* e *Manacá*, que evocam seu período da “poesia popular”, a fase Pau-Brasil, devido ao colorido, enquanto as formas monumentais prefiguram com sua sensualidade os traços estéticos da fase antropofágica que terá sua data oficial de nascimento no ano seguinte, 1928.

#### 2.3.1 A Antropofagia. *Abaporu*

Tarsila mergulha nas profundezas do povo brasileiro.

Pode-se dizer que desde o final dos anos 1920 surgiram quadros na produção artística de Tarsila que sugeriam novos vieses estéticos em sua pintura. Estas obras permaneceram como algo curioso e particular no conjunto de suas criações, mas continham elementos que aparecem em seu período de antropofagia, com cores e formas da pintura do período de Pau-Brasil. Referimo-nos a obras tais como: *Calmaria II*, *Cidade (A Rua)* ou *Cartão-postal*.

Mas a data mais importante é o aniversário de Oswald, em janeiro de 1928. Tarsila presenteia o marido com a pintura chamada *Abaporu*, que em tupi-guarani significa “homem que come carne humana”. A partir desta obra, Oswald cria o *Manifesto Antropofágico*, que publica na Revista de Antropofagia, criada para este fim, com seu amigo e escritor Raul Bopp.

 Tarsila presenteia o marido com a pintura chamada *Abaporu*, que em tupi-guarani significa “homem que come carne humana”. A partir desta obra, Oswald cria o *Manifesto Antropofágico*.



Imagem 6  
Tarsila do Amaral, *Abaporu* (1928)

Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

*Abaporu*, uma obra fundamental do movimento e da mudança nas artes plásticas da Modernidade brasileira, e *A Negra*, pintada em 1923, são consideradas como imagens que representam a nova identidade da cultura nacional, como afirma Mário de Andrade. Elas são o modelo de assimilação e projeção da cultura europeia, fundindo-se com cores e temas indígenas. É isto que o *Manifesto Antropofágico* deseja e significa, a antropofagia: devorar os estilos europeus para criar os próprios estilos. Trata-se de criar uma linguagem nova e moderna, que é fruto da combinação da linguagem das vanguardas europeias com temas e figuras locais brasileiras. Como dissemos no início, esta procura por uma expressão estética própria e representativa do Brasil tinha começado mais cedo, na década de 1920, juntamente com “o ecletismo extraordinário e luminoso que pontilhou outras obras pro-

duzidas na Ibero-América durante esses anos e representou a recepção transatlântica do inesperado, brilhante e cheio de presságios” (El País Semanal, 20/4/2018). Mas é a partir de *Abaporu* que Tarsila adquire sua própria identidade. Ela está embriagada pelos sonhos de seu inconsciente, dos feitiços, das superstições e lendas antigas ouvidas na infância e as chamadas “paisagens antropofágicas” de tendência surrealista brotam de seus pincéis: *A Lua*, *O Sapo*, *O Touro*, *O Lago*, *Distância* e *Urutu*. Todas elas são composições de seres e paisagens fantásticas de vegetação exuberante e gigantesca.

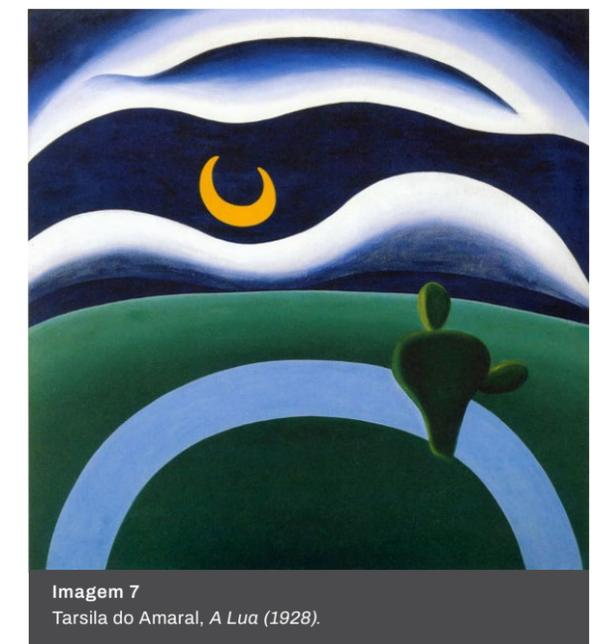


Imagem 7  
Tarsila do Amaral, *A Lua* (1928).

Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

Tarsila exhibe a singularidade de sua obra pela primeira vez no Brasil, no Palace Hotel no Rio de Janeiro, em julho de 1929. A exposição consiste em obras realizadas entre 1923 e 1929: um total de 35 telas e alguns desenhos. Em setembro do mesmo ano, a exposição acontece em São Paulo.

Por volta desta época, chega o desamor. Oswald lhe é infiel, tinha se apaixonado por Patrícia Rehder Galvão, Pagu, uma jovem poeta e jornalista do Partido Comunista, do qual Oswald era membro e do qual Tarsila era simpatizante. Em 1930, Tarsila e Oswald se separaram.

## 2.4. A política entra na vida de Tarsila

Como tínhamos visto, durante a grande depressão de 1929, o preço do café cai drasticamente e Tarsila hipoteca a fazenda da família de Santa Teresa do Alto. Obviamente, as dificuldades econômicas chegaram. Tarsila, graças ao amigo Júlio Prestes, governador do estado de São Paulo, consegue um emprego como curadora da Pinacoteca do Estado. Sua única obra desse período é *Composição*.

Em **1930**, o descontentamento popular levou a uma revolução que culminou na ditadura de Getúlio Vargas em 1930, apoiado pelos militares contra o candidato dos partidários da oligarquia rural nas eleições. Isidoro Dias Lopes foi nomeado comandante da Segunda Região Militar de São Paulo. O estado de São Paulo rebelou-se contra Getúlio Vargas e imediatamente o político Júlio Prestes cai. Tarsila perdeu o emprego.

Em **1931**, com o dinheiro obtido com a venda de alguns quadros do acervo da família, ela viaja para a União Soviética, acompanhada pelo seu novo namorado: o psiquiatra e intelectual de esquerda, simpatizante do Partido Comunista, Osório César. Expõe em Moscou no Museu de Artes Ocidentais, que lhe compra a obra *O Pescador*. O casal viaja então pela Rússia, para Istambul, Belgrado e Berlim. De volta a Paris, participa do Salon des Surindépendants.

De volta ao Brasil, entre os meses de julho e outubro de **1932**, um conflito armado acontece no estado de São Paulo — a Revolução Constitucionalista ou Guerra Paulista — com o objetivo de derrubar Getúlio Vargas. Tarsila foi presa e enviada ao Presídio do Paraíso em decorrência de sua visita à União Soviética e por ser simpatizante e próxima do Partido Comunista. Estas experiências e as vividas na União Soviética, aliadas à influência de seu companheiro, Osório César, motivam uma nova etapa da artista de caráter e questões sociais. Estamos em **1933**. Seu estilo é influenciado de alguma forma pelo realismo socialista. *Operários e Segunda classe* (1933) pertencem a este momento. Em 1934, ela expôs novamente em São Paulo. Mais tarde, recupera sua fazenda em Santa Teresa do Alto. Em 1939, muda-se para São Paulo com o seu novo amor, Luís Martins. Participa em várias exposições.

Na década de 1940, **Tarsila retorna a seu estilo**, embora com algumas diferenças. Alguns exemplos são: *Lenhador em repouso*, *Terra*, *Primavera (Duas figuras)* ou *Praia*.

Nesses mesmos anos, ela participará da Exposição de Arte Moderna de Minas Gerais, um momento muito importante para a vanguarda brasileira. Da mesma forma, expõe na mostra coletiva de artistas brasileiros realizada em Londres. Também continua sua atividade como ilustradora de livros. Em **1954**, colabora no IV Centenário da cidade de São Paulo com uma obra chamada *Procissão*, que representa a exaltação do Santíssimo nesta mesma cidade no século XVIII.

Na década de **1960**, destacamos sua participação nas duas primeiras Bienais de São Paulo e na exposição “Contribuição da mulher às artes

plásticas no país”, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 1964, a XXXII Bienal de Veneza apresenta uma sala somente com suas obras.

Em **1966**, Dulce, sua filha, morre. Aracy Amaral começa a compilar e registrar a obra de Tarsila do Amaral, sendo realizadas exposições retrospectivas no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1969 e 1970, respectivamente.

**Tarsila**, la rainha da Modernidade Brasileira, morre em 17 de janeiro de 1973, tendo pintado mais de 200 telas, uma infinidade de desenhos, gravuras, ilustrações e esculturas. Uma mulher que esteve onde sempre quis estar, foi a grande introdutora de uma linguagem estética e de um estilo próprio no Brasil com sua obra emblemática **Abaporu, origem do Modernismo brasileiro**, contribuindo assim com os elementos que definem a identidade brasileira.

## 2.5. A atualidade de Tarsila

Que a “exótica” Tarsila, assim chamada devido ao colorido de suas obras, aos temas que aborda e aos pares pictóricos que funde, continua sendo uma personagem icônica no Brasil e internacionalmente — dado o papel que ocupou como figura fundadora da Modernidade brasileira — é indiscutível e atemporal.

Além disso, o interesse que Tarsila desperta neste momento reside não apenas em refletir sobre sua criação artística e contribuições para nosso tempo atual do início do século XXI, mas também em aproximar-nos da biografia da artista, a fim de dar visibilidade ao árduo esforço que ela fez para concretizar seu projeto de vida, seus desejos e sonhos. Ela aproveitou a lacuna



Imagem 8  
Tarsila do Amaral,  
*O Pescador* (1925).

© Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

de uma certa abertura que a época e o ambiente cultural das vanguardas europeias do início do século XX lhe proporcionaram, bem como a boa posição econômica e o apoio inestimável da família para alcançar seus objetivos em pé de igualdade com os homens de seu meio profissional e artístico.

Tarsila é, em suma, uma referência do que as mulheres são capazes de fazer por si próprias, apesar do forte condicionamento histórico e social.

Por outro lado, atualmente, a obra pictórica da rainha do Modernismo brasileiro, de uma família

rica que conhecia o trabalho dos escravos na fazenda familiar, leva-nos a leituras interessantes de diferentes pontos de vista sobre problemas sociais e políticos, tais como a exploração no trabalho, o racismo, a desigualdade e a figura da mulher. De fato, em 2019, o Museu de Arte de São Paulo (<https://masp.org.br/>), emoldurou uma das mais extensas exposições realizadas sobre a obra de Tarsila (desde o período de formação até suas últimas obras, com um total de 92 obras) sob o título de "História das mulheres. Histórias feministas".



Imagem 9. Tarsila do Amaral, *A Cuca* (1924).

© Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

### 3. AS MULHERES NA ÉPOCA DAS VANGUARDAS ARTÍSTICAS

“Atualmente, o número de mulheres parlamentares no mundo aumentou, mas ainda vai levar tempo para que a participação das mulheres na política realmente aumente” (*La vanguardia dossier n.º 73, julho-setembro de 2019*).

Certamente, como afirma *La vanguardia dossier*, no início do século XX, a química Marie Curie ganhou duas vezes o Prêmio Nobel: uma vez, juntamente com o marido, Pierre Curie, como “colaboradora” e outra vez, sozinha. No entanto, a única pessoa até hoje a conseguir isso foi discriminada por ser mulher. Ela só recebeu seu primeiro salário depois do Prêmio Nobel. Contudo, no início do século XX, começou um movimento incessante para alcançar a igualdade entre os

sexos, no qual a arte teve um grande destaque.

O papel da mulher na arte da vanguarda é um dos fatores mais significativos deste movimento artístico. Estudos foram realizados sobre este fenômeno a partir do campo dos movimentos feministas, mas também de outros campos com a perspectiva de não minar a figura da mulher na cultura e nas artes, como se fosse algo estranho e diferente do resto dos seres humanos e não um sujeito pensante e criativo. Na vanguarda emergiram as atividades artísticas excepcionais que algumas mulheres tiveram nos diversos “ismos” e nas artes visuais de vanguarda. Isto também favoreceu uma nova releitura da arte de vanguarda.

Embora nem todas as artistas mencionadas abaixo tenham obtido um merecido reconhecimento, todas elas ofereceram magníficas contribuições para a arte da vanguarda e para uma nova concepção e imagem das mulheres, incluindo o modo de vestir-se, e da concepção do mundo. Mas estas conquistas estão, no alvorecer do século XXI, ainda longe de fazer parte da vida quotidiana das mulheres que estão incorporadas ao mercado de trabalho e têm muita dificuldade de conciliar a sua vida familiar e profissional.

#### 3.1 Os manifestos vanguardistas e as mulheres artistas

María Ángeles Pérez Martín, em *Las mujeres artistas en las vanguardias del siglo XX* (ver: <https://losojosdehipatia.com.es/cultura/arte-2/las-mujeres-artistas-en-las-vanguardias-historicas-del-siglo-xx/>) considera, por sua vez, que as mulheres artistas se juntaram aos movimentos de vanguarda da mesma forma que em épo-

cas anteriores: as mais favorecidas foram as de famílias ricas e as de classe média entraram por meio de seus namorados ou maridos. Para algumas delas, sua primeira ligação com a arte foi trabalhar como modelos e depois passaram para outro nível profissional como criadoras artísticas. Nunca foram admitidas nas academias de arte oficiais. Contudo, elas puderam participar em exposições, venderam suas obras e obtiveram reconhecimento por sua criatividade, embora tivessem dificuldades em fazer parte dos livros de arte.

Os manifestos vanguardistas, que romperam com a arte tradicional, favoreceram em certa medida a igualdade. Encontramos exemplos em representantes do futurismo como Benedetta Marinetti (Benedetta Cappa, esposa do poeta que iniciou o futurismo, Filippo Tomasso Marinetti, de ideologia fascista) e do expressionismo alemão Käthe Kollwitz. As vanguardas russas foram as primeiras a incluir as mulheres na arte em condições de igualdade. A participação e as criações de Natalia Goncharova e Olga Rozanova — ambas representantes do futurismo russo — são um exemplo significativo.

O movimento dadaísta acolheu muitas mulheres artistas que também queriam romper com as convenções burguesas e o estatismo da pintura. Muitas destas mulheres participaram no grupo Cabaret Voltaire de Zurique de 1916 do movimento Dada. Destaca-se o nome de Sophie Taeuber-Arp.

No surrealismo destacamos Leonora Carrington, Dorothea Tanning, Frida Kahlo, Meret Oppenheim e Tamara de Lempicka. Digamos que o papel invisível que as mulheres tinham no mundo da arte esbarrou na presença de personalidades excitantes como estas mu-

lheres que contribuíram para definir o mundo sonhado proposto pelas vanguardas.

A National Geographic ([nationalgeographic.es](http://nationalgeographic.es)) em 2018, neste mesmo sentido, fala-nos de uma seleção de seis mulheres artistas, algumas já mencionadas, “que mudaram a arte moderna” e foram mulheres de impacto por sua maestria e inovação artística. Falamos de Sonia Delaunay (orfismo, uma variante colorista do cubismo), Marie Laurencin (cubismo), Aleksandra Ekster (vanguarda radical), Sophie Taeuber-Arp (dadaísmo), Natalia Goncharova (futurismo experimental) e Tarsila do Amaral (mescla do icônico brasileiro com a arte das vanguardas: cubismo, pós-impressionismo, expressionismo, surrealismo e realismo socialista).

A esta lista poderiam ser acrescentadas as surrealistas espanholas Maruja Mallo (1902-1995), considerada como outro membro da geração de 27, dentro da vanguarda interior espanhola (1902-1995) e Remedios Varo (1908-1963), uma das primeiras mulheres, juntamente com Maruja Mallo, que se formaram na Real Academia de Bellas Artes de San Fernando de Madri. Varo pertencia ao grupo surrealista catalão.

Também não podemos ignorar Sarah Affonso (1899-1983), uma artista versátil da vanguarda portuguesa. Ela fez desenhos, pinturas, ilustrações e cerâmicas. Estudou na Escola de Belas Artes de Lisboa e desempenhou um papel decisivo na história da arte em Portugal.

No Brasil, ao lado de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Olívia Guedes Penteadado são dignas de menção.

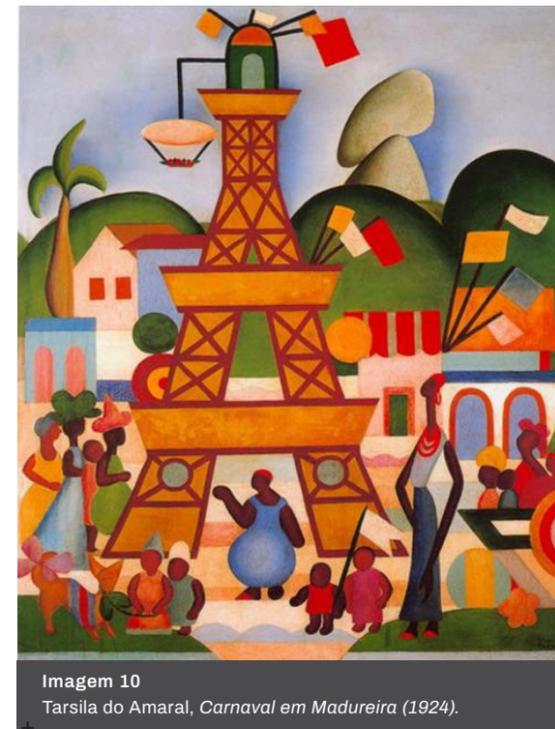


Imagem 10  
Tarsila do Amaral, *Carnaval em Madureira* (1924).

© Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

### Anita Malfatti (1889-1964)

Filha de emigrantes, foi uma pintora e designer que introduziu as vanguardas europeias e americanas no Brasil. Ela pintava sempre com a mão esquerda devido a uma lesão que tinha no braço direito; estudou em Berlim, onde se familiarizou com o expressionismo alemão, e em Nova Iorque, onde entrou em contato com o cubismo. Por sua vez, Olívia Guedes Penteadado (1872-1934), filha do fazendeiro brasileiro Barão de Pirapitingüy, foi uma grande promotora do Modernismo brasileiro, bem como uma ativista da Revolução Constitucionalista brasileira de 1932 e uma jornalista que lutou incansavelmente pelo sufrágio feminino. No Brasil, foi alcançado em 1932.

Além disso, na época de Tarsila, embora não pertencessem ao movimento vanguardista, houve também importantes escritoras no Brasil que se destacaram por se dedicarem a algo

diferente do que era tradicionalmente estabelecido para as mulheres, e por realizarem seus sonhos. Elas são apresentadas a seguir.

### María Firmina dos Reis (1825-1917)

Escritora afro-brasileira do romantismo e abolicionista, foi professora, poeta e romancista. Foi a primeira romancista brasileira que ousou dar visibilidade a suas ideias sobre a escravidão em seu romance *Úrsula*.

### Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)

Com uma enorme produção literária, foi escritora de contos, romancista, dramaturga e jornalista. Ela era uma feminista e abolicionista, defensora do meio ambiente (ambientalista). Pertenceu ao movimento artístico e literário do naturalismo. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi publicado em formato de série no jornal *Tribuna Liberal*.

### Gilka Machado (1893-1980)

Viúva do poeta Rodolfo de Melo Machado, foi uma poeta apegada ao simbolismo, de notável erotismo. *Cristais Partidos* e *A Revelação dos Perfumes* são algumas de suas obras.

### Carolina Maria de Jesus (1914-1977)

Poeta e cronista de origem, em 1960 publicou sua primeira obra, *Quarto de Despejo*, de um importante elenco literário. Seu diário, *Diário de Bitita*, foi publicado postumamente em 1982. Nele, conta sua vida e a de sua mãe. Bitita é o pseudônimo de Carolina Maria de Jesus. Atualmente, estão trabalhando na organização do seu legado literário.

## 4 . A O B R A

### DE TARSILA DO AMARAL

Tarsila foi a autora das melhores produções plásticas do Brasil e da Ibero-América durante dez anos, de 1923 a 1933.

A obra de Tarsila, como é lógico, surge ao longo de sua biografia, ligada à vida e ao seu desenvolvimento artístico. Já vimos algumas criações processadas cronologicamente no tempo ou diacronicamente. Todas elas estavam interligadas com experiências pessoais e familiares, convicções políticas e sociais e, sobretudo, com a ligação da pintora com seu país, procurando captar em suas telas a identidade do Brasil, sua cultura, suas raízes indígenas e africanas. Vamos agora analisar a obra de Tarsila a partir desta perspectiva.

Muitos outros artistas latino-americanos vislumbraram o encanto do exótico de seus diferentes países a partir das vanguardas parisienses e europeias em geral e, assim, descobriram o indígena e também a africanidade de seus ancestrais. Neste sentido, a obra de Tarsila é uma constante reflexão sobre o fato de ser brasileira. Ela foi basicamente influenciada pelo cubismo, pós-impressionismo, expressionismo e surrealismo, sendo uma precursora destes movimentos em seu país. Foi influenciada também pelo

realismo socialista, mas sempre quis aprofundar os aspectos populares e locais do Brasil, a fim de redescobri-los por meio das novas formas e cânones estéticos proporcionados pelos movimentos vanguardistas e capturá-los em seus desenhos, ilustrações e pinturas, que adquiriram fortes características primitivistas e nativistas.

#### 4.1. Interesse na linguagem da arte moderna

Tarsila descobre sua capacidade de expressão artística através do cubismo. Fascinada pelas vanguardas, dá seus primeiros passos artísticos em Paris (1920-1922), com obras de nudismo, paisagens urbanas e autorretratos. Sua produção pictórica melhora gradualmente em qualidade até chegar ao *Retrato de Mulher (Passaporte)*, como já mencionamos.

Mas, curiosamente, é no seu retorno ao Brasil, com a formação do Grupo dos Cinco e da Semana de Arte Moderna, que Tarsila sofre uma importante transformação e uma separação de sua fase anterior. Estimulada pelos amigos, interessa-se pela linguagem da arte moderna. Ela muda sua pincelada, que se torna mais expressiva e decisiva. Sua obra *Árvore* é um exemplo representativo desta fase.

De volta a Paris em 1923, fica deslumbrada com algumas correntes vanguardistas, aventurando-se em ensaios de estilos diferentes. Deste período encontram-se obras como *Figura em azul*, *Caipirinha*, *Natureza-morta com relógios*, algumas composições cubistas e *A Negra*, que já foi apresentada. Este período foi para ela um momento de pesquisa estilística, que iria implementar em outro momento, foi um momento de transição, ao mesmo tempo em que procurava

temas que refletissem a identidade brasileira. Seu quadro *A Cuca* é um exemplo representativo deste período.

#### 4.2. Pau-Brasil. A paisagem e as cores brasileiras

Mais tarde, após a viagem ao Carnaval do Rio (1924), o tema central passa a ser a paisagem brasileira. Ela começou a incorporar estilos modernos às formas indígenas de seu país. Entre as obras representativas desse momento estão: *Carnaval em Madureira* e *São Paulo (Gazo)*, *São Paulo*, onde descreve o avanço tecnológico das cidades.

Após a viagem de Páscoa às cidades de Minas Gerais e à imersão nas tradições daquelas terras, a produção pictórica de Tarsila ficou conhecida como Pau-Brasil. As cores e formas das igrejas e casas distintamente brasileiras são misturadas com o cubismo. Nesta fase, suas pinturas refletem cores chamadas *caipirras*: amarelos vivos, rosas violetas, verdes brilhantes e azuis límpidos. Cores intensas e primárias que resultaram numa pintura luminosa, ingênua e genuína do Brasil. Eram paisagens dos trópicos repletas de sabor intenso e atmosfera rústica, com tonalidades muito diferentes das europeias. Assim, estamos encantados e impressionados com pinturas como: *A Feira I e II*, *Vendedor de frutas*, *Morro da favela* e *Religião Brasileira*, entre outros quadros, que refletem o sentimento brasileiro que nela tinha sido despertado. Estamos perante o “exotismo” de Tarsila, já premonitório em *A Negra*, que aparece em toda a sua intensidade. Esta pintura não teve nada a ver com a ordem estética anterior à Semana de Arte Moderna. Há uma ruptura evidente.



Imagem 11  
Tarsila do Amaral, *Religião Brasileira* (1927).

Uso legítimo. Recuperado de <https://www.wikiart.org/>

Mais tarde, por volta de 1925, em outras obras como *O Pescador*, *O Mamoeiro* ou *Paisagem com Touro*, as memórias da viagem a Minas Gerais e os sonhos são mesclados. Em 1926 e 1927 obras como *Sagrado Coração de Jesus I e Pastoral* continuam a recordar-nos as obras de Pau-Brasil, embora em *Pastoral* haja uma certa influência da arte naïf de Henri Rousseau.

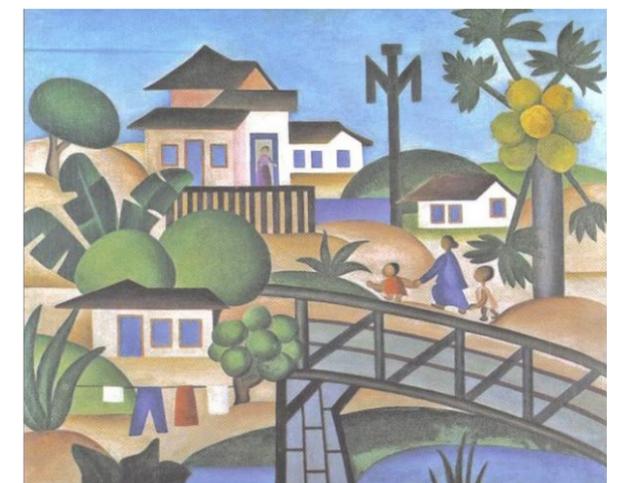


Imagem 12  
Tarsila do Amaral, *O Mamoeiro* (1925).

Uso legítimo. Tomada de: <https://www.wikiart.org/>

### 4.3. Antropofagia. O genuinamente brasileiro

Mesmo com conotações de Pau-Brasil, observamos um novo viés pictórico em Tarsila e como ela adquire uma identidade própria.

Em 1928, a produção artística de Tarsila assumiu outro perfil. *Abaporu*, que já conhecemos, sentada num chão verde, é uma figura com uma cabeça pequena e pés enormes e desproporcionados. Atrai nossa atenção por causa de uma certa monstruosidade, como a própria artista afirma em seu diário. Esta figura desproporcionada teve uma repercussão tremenda. A *Negra* tinha sido um ensaio anterior.

Neste momento, Tarsila está totalmente imersa nas visões do inconsciente, nos sonhos, nas

histórias de feitiços e lendas, recordando-nos o surrealismo. Em 1929, aparecem obras antropofágicas como *Floresta* e *Antropofagia*.

No final da década de 1920, a artista ofereceu-nos novas conotações estilísticas geométricas que evocam o Cézanne **pós-impressionista**: estamos falando de *Calmaria II*, onde a paisagem é compreendida por meio de cones e poliedros refletidos em águas calmas e tranquilas. Em *Cartão Postal*, elementos da fase da antropofagia são misturados com cores e figuras de Pau-Brasil. Em 1930, durante a crise política em São Paulo, surge *Composição*, cuja atmosfera desolada está próxima da **pintura metafísica**.

**Tarsila tinha “devorado” as vanguardas europeias para criar o seu próprio estilo.**

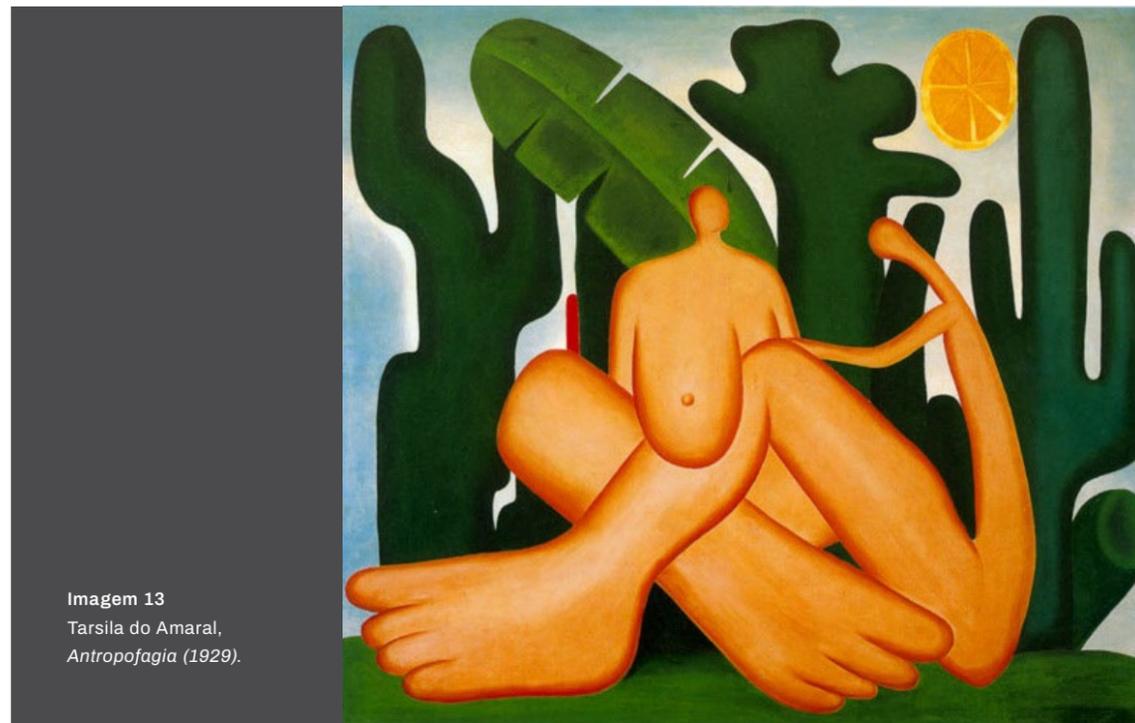


Imagem 13  
Tarsila do Amaral,  
*Antropofagia* (1929).

© Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

### 4.4. O realismo russo

Em 1931, ela viaja para a União Soviética e fica muito positivamente surpreendida.

*“Ela fica surpreendida com a política social do regime comunista: o cuidado com as crianças, o respeito pelos direitos das mulheres, as campanhas para erradicar o analfabetismo e a prostituição. Elogia o sistema de saúde e a qualidade dos teatros e museus. Surpreende-se com o grande esforço coletivo feito pelos trabalhadores para alcançar o sucesso dos projetos governamentais”<sup>1</sup>*

Influenciada pelo realismo socialista, em 1933, produz obras de caráter e temáticas sociais. Seu estilo revela um pouco o realismo soviético. *Operários*, que se tornou uma obra icônica, e *Segunda Classe* pertencem a este período.

Na década de 1940, Tarsila volta a seu estilo, embora com algumas diferenças; são exemplos: *Lenhador em repouso*, *Terra*, *Primavera* (*Duas figuras*) ou *Praia*.

Tarsila mostra-se em sua trajetória artística como uma pintora corajosa e livre em sua versão mais vanguardista: se vê como pintora do seu país e dos sinais de identidade brasileira.



Imagem 13  
Tarsila do Amaral,  
*Segunda Classe*  
(1933)

© Uso legítimo. Recuperado de: <https://www.wikiart.org/>

<sup>1</sup> Fundación Juan March (2009). Tarsila do Amaral. Catálogo da exposição, 6 de fevereiro - 3 de maio..

## 5. BIBLIOGRAFIA

Academia Play (2016). "El siglo XX en 20 movimientos artísticos". Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://academiaplay.es/siglo-xx-2-movimientos-artisticos/>

Barroso, Julia (2002). "La mujer artista en las vanguardias: eslabón del arte moderno" en *Revista Heterogénesis*, núm. 90. Lund, Suecia: Asociación de Arte Mulato Gil. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de: <https://www.re-dalyc.org/pdf/108/10804001.pdf>

De Andrade Arruda, José Jobson (1998). "La historia de la Historia en Brasil" em *Investigaciones históricas: Época moderna y contemporánea*, vol. 18, pp. 347-383. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/20350/Investigaciones-1998-18-Historia-Brasil.pdf?sequence=1>

De Diego, Estrella (27 de abril de 2018). "La mujer que escribió el primer capítulo del arte moderno en Brasil" em *El País*. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de: [https://elpais.com/elpais/2018/04/20/eps/1524215274\\_115782.html](https://elpais.com/elpais/2018/04/20/eps/1524215274_115782.html)

Dos Santos, Theotonio (1995). *Evolução histórica do Brasil: da colônia à crise da Nova República*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.

Fundación Juan March (2009). *Tarsila do Amaral*. Catálogo da exposição, 6 de fevereiro - 3 de maio. Madri, Espanha: Editora de Arte y Ciencia. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://digital.march.es/fedora/objects/cat:169/datastreams/PDF/content>

Imaginario, Andrea (2020). "Movimientos de vanguardia". Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://www.significados.com/movimientos-de-vanguardia/>

Lonely Planet (s. f.). "Historia de Brasil". Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://www.lonelyplanet.es/america-del-sur/brasil/historia>

Pérez Martín, María Ángeles (2014). "Las mujeres artistas en las vanguardias del siglo XX". Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://losojosdehipatia.com.es/cultura/arte-2/las-mujeres-artistas-en-las-vanguardias-historicas-del-siglo-xx/>

Ruiza, Miguel, Fernández, Tomás y Tamaro, Elena (2004). "Biografía de Tarsila do Amaral" em *Biografías y Vidas. La enciclopedia biográfica en línea*. Barcelona, Espanha. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: [https://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/do\\_amaral.htm](https://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/do_amaral.htm)

VV. AA. (2019). *El siglo de las mujeres*, Vanguardia Dossier núm. 73, Barcelona.

Zachos, Elaina (2018). "Seis mujeres que pusieron patas arriba el mundo del arte moderno" em *National Geographic*. Recuperado em 8 de dezembro de 2020 de: <https://www.nationalgeographic.es/historia/2018/04/6-mujeres-artistas-que-pusieron-patas-arriba-el-mundo-del-arte-moderno>

Um website de especial interesse é:  
Museu de Arte Moderna de São Paulo:  
<https://mam.org.br/>

## 6. GUIA DE LEITURA E ATIVIDADES

Este guia de leitura e atividades é aplicável a um trabalho de metodologia de **Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)**, que pode ser realizado em uma disciplina específica ou de uma forma interdisciplinar. Em qualquer caso, todas as etapas propostas abaixo devem ser seguidas. Por outro lado, o texto pode ser trabalhado **de uma forma mais tradicional** de comentário de texto, para o qual **apenas** é necessário **seguir as sugestões** que aparecem na forma de um questionário na seção **Guia de leitura**. Este questionário destaca os pontos sobre os quais os(as) alunos(as) devem prestar mais atenção a fim de **realizarem um trabalho de pesquisa em equipe** no caso de ABP ou **individual** no caso de escolherem um formato tradicional de comentário de texto.

### 6.1 Para trabalhar por Projetos (ABP)

Propomos para o projeto o título "**Antropofagia. O Modernismo brasileiro**". No livro encontramos informações sobre a vida, o ambiente e o contexto histórico e político de Tarsila do Amaral, será ela uma pintora convencional? Por que se tornou a pintora da identidade brasileira? Qual é seu significado? O que e quem influenciou sua carreira artística? O que significaram as vanguardas europeias para o desenvolvimento de sua personalidade e obra? Por

que este movimento da Modernidade brasileira foi chamado de Antropofagia? O que significou para a humanidade o período "entreguerras", o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial? O trabalho seria um projeto interdisciplinar ou para uma única disciplina. Como **produto final**, você deve atender a um pedido das autoridades culturais da cidade ao centro escolar: criar **Audioguias para o Dia Internacional dos Museus**.

Cada professor(a) ou equipe de professores (no caso de um trabalho interdisciplinar) adaptará o tempo necessário para trabalhar neste projeto e em seu produto final, de acordo com sua programação ou programações, tendo em conta as idades e níveis educacionais do corpo discente.

### 6.1.1 Objetivos do projeto

- Saber o que é o Modernismo e o que são as vanguardas artísticas e suas contribuições para a sociedade.
- Conhecer a obra de Tarsila do Amaral, seu contexto e os movimentos artísticos que influenciaram sua obra e o Modernismo brasileiro.
- Desenvolver a criatividade e a imaginação para refletir sobre Tarsila, sua época e diversidade cultural.
- Compreender a mudança que este período representou para a sociedade em geral e para as mulheres artistas em particular, e a situação das mulheres nessa época.
- Promover a pesquisa autônoma, a reflexão crítica, o trabalho colaborativo e o debate sobre a arte, a cultura, a figura da mulher e a diversidade cultural.

- f. Promover o uso da tecnologia da informação e do campo tecnológico na procura de informação, na elaboração de materiais e no desenvolvimento da criatividade, e para aproximar o público da arte e a arte do público.
- g. Desenvolver a capacidade de apresentação oral e escrita.

### 6.1.2 Fases de realização do projeto

#### Fase 1. Ponto de partida.

Para motivar os(as) alunos(as), alguns fragmentos relevantes do filme *Eternamente Pagú* (1988) e da minissérie *Um Só Coração* (2004) podem ser baixados da internet. Organizar um debate sobre o papel da mulher na arte perguntando aos(às) alunos(as) se gostariam de se dedicar a algum tipo de arte. Em que faceta? A consideração das mulheres no mundo artístico mudou hoje em dia? As mulheres e os homens possuem as mesmas facilidades no mundo artístico? Como a arte influencia a sensibilidade das pessoas e a interpretação do mundo? Qual é a função dos museus?

#### Fase 2. Formação de equipes

de quatro ou cinco pessoas, com a ajuda do professor ou professora. O ideal seria formar cinco equipes. Como o **produto final** dos grupos é a criação de um Audioguia turístico, cabe incorporar as imagens ou vídeos dos quadros de que o **Audioguia** trata nos meios apropriados. É importante que cada equipe seja composta de alunos e alunas com competência em meios

audiovisuais e informática, em artes plásticas e desenho, em economia, bem como pesquisadores e roteiristas. Cada equipe precisaria de um porta-voz para coordenar o trabalho realizado por seus colegas de equipe e para compartilhá-lo com as outras equipes, para que o produto final tenha coerência.

É importante que os professores de informática e de meios audiovisuais sejam consultados sobre como fazer um **Audioguia**. Pode ser necessário recorrer a um website que ofereça tutoriais pertinentes sobre o assunto.

#### Fase 3. As tarefas das cinco equipes serão as seguintes:

Analisar duas obras de autores dos estilos artísticos vanguardistas que influenciaram Tarsila do Amaral. Como exemplo, explicar em que consistiu esta influência e em quais obras da autora aparece. Todas as equipes devem lembrar-se da referência, de modo geral, às mudanças que os manifestos vanguardistas trouxeram para as mulheres artistas, com algum exemplo.

**Equipe 1. Tarsila do Amaral e a Modernidade brasileira.** Pesquisa e elaboração do respectivo Audioguia. Considerar o questionário do **Guia de leitura**.

As seguintes equipes trabalharão sobre os movimentos artísticos e autores indicados. De qualquer modo, o respectivo Audioguia será feito sobre o pintor e as duas obras escolhidas. Preferentemente, devem ser considerados no guia de leitura (ver seção f) os pontos número 3, referente ao artista em questão, 5, 7 e 11, basicamente.

**Equipe 2. Cubismo.** Pesquisa sobre o movimento e suas características. Apresentação de duas obras cubistas de **Pablo Picasso**.

**Equipe 3. Pós-impressionismo.** Pesquisa sobre o movimento e suas características. Apresentação de duas obras de **Paul Cézanne**.

**Equipe 4. Surrealismo.** Pesquisa sobre o movimento e suas características. Apresentação de duas obras de **Salvador Dalí**.

**Equipe 5. El realismo socialista.** Pesquisa sobre o movimento e suas características. Apresentação de duas obras de **Boris Ioganson**.

#### Fase 4. Planejamento e cronograma de entrega do produto final

As equipes devem organizar a distribuição do trabalho e os responsáveis. Definir a função e as tarefas do porta-voz, bem como estabelecer um calendário com as fases de elaboração do trabalho e as reuniões comuns, tanto das equipes individuais quanto das equipes entre si: procura de materiais para os temas a serem trabalhados, elaboração de um esquema de trabalho, e de um roteiro comum para a realização do Audioguia. Cada grupo elaborará seu próprio Audioguia. É importante também estabelecer um cronograma para as diferentes fases e entrega do produto final.

É preciso não esquecer que se trata de um projeto de pesquisa colaborativa cujo resultado é um produto final único. Portanto, todos as equipes e seus membros devem estar coordenados. A leitura do conteúdo deste livro por todos e o apoio do guia de leitura são fundamentais para a coordenação eficaz desta pesquisa.

#### Fase 5. Conteúdo do produto final, criação de Audioguias para o Dia Internacional dos Museus.

- Apresentação de um folheto explicativo dos Audioguias com os nomes dos artistas tratados, a ligação entre eles, as correntes que representam e as obras comentadas.
- Apresentação dos membros das equipes, de suas competências e funções, da execução das tarefas, da organização interna e do orçamento previsto, bem como do trabalho dos porta-vozes.
- Apresentação de cada uma das pesquisas realizadas sobre os cinco artistas tratados e suas inter-relações. Apresentação do trabalho como um todo em **um único documento** bem estruturado, como conclusão final elaborada pelas equipes. O esquema de trabalho seguido, o diagrama das pesquisas, as fontes e a bibliografia consultada deverão ser indicados.
- As apresentações serão feitas com apoio audiovisual, por escrito e de forma oral, incluindo as imagens ou vídeos das obras que serão mencionadas nos Audioguias. Estes **Audioguias** e imagens podem ser transformados em um vídeo a ser **utilizado** pedagogicamente **nas salas de aula** e ampliados com as sucessivas experiências de outros(as) colegas.

## Fase 6

Para desenvolver o processo de pesquisa, cada grupo de trabalho deve ajudar-se mutuamente e utilizar o seguinte **questionário ou guia de leitura** em geral, dando mais ênfase aos aspectos que afetam diretamente o trabalho atribuído.

### 6.2 Guía de lectura

Perguntas comuns para concentrar as pesquisas tanto por equipes (no caso da **ABP**) quanto **individuais** (no caso de uma metodologia **tradicional** de comentário de texto):

1. Leia, resuma e explique brevemente o significado do livro lido. Descreva a personagem.
2. Elabore um mapa do Brasil daquela época e localize São Paulo e Rio de Janeiro. Indique e descreva as semelhanças e diferenças entre as diferentes regiões.
3. Situe Tarsila em seu contexto histórico, político, social, econômico e cultural, em nível local e internacional. Analise o que o período histórico entre as duas guerras mundiais, Primeira Guerra Mundial e Segunda Guerra Mundial, significou para a arte e a cultura.
4. Como é que Tarsila realizou seu sonho de ser “a pintora do Brasil”? Este objetivo estava ao alcance de alguma mulher da época?
5. O que é o Modernismo? Onde e quando ele surgiu? Quais são suas características?
6. O que é o movimento artístico vanguardista? Onde e quando surgiu? Que movimentos artísticos convergem nele? Que relação tem com o Modernismo, propriamente dito? Quais foram seus representantes femininos e masculinos mais importantes? O que sig-

nificavam as vanguardas artísticas para as mulheres artistas em comparação com as épocas anteriores? Quais mulheres artistas poderiam se destacar nas vanguardas? Forneça quatro exemplos das correntes artísticas vanguardistas que mais definiram as obras de Tarsila.

7. Procure e pesquise quem foram o nicaraguense Rubén Darío e o chileno Pablo Neruda, situando-os em seus respectivos movimentos artísticos. Argumente e ilustre sua resposta com exemplos de sua obra.
8. Explique o que é o Modernismo brasileiro: suas fases e representantes.
9. Analise, explique e exponha as correntes e artistas vanguardistas que mais influenciaram a pintura de Tarsila do Amaral: cubismo, pós-impressionismo, surrealismo e realismo socialista. Eles foram decisivos? Explique e justifique sua resposta.
10. Explique o que é o movimento artístico chamado Antropofagia e a evolução artística de Tarsila. Por que o realismo socialista influencia Tarsila? Quando?
11. Analise, explique e exponha as fases da pintura de Tarsila: influências, estilos, temas e cores. Onde reside a originalidade de Tarsila do Amaral? Procure e comente brevemente algumas obras de cada uma de suas fases de pintura. Que influências, diferenças e semelhanças são encontradas nelas e entre elas?
12. Exponha a opinião da equipe por escrito sobre: **O que significa ser mulher na história da arte**. O professor ou professora definirá a dimensão da **dissertação**. A dissertação, no caso de trabalho em ABP, será coletiva:

um único documento, incluído no conteúdo do **produto final**.

### 6.3 A avaliação

Obviamente, os(as) alunos(as) devem ser avaliados. Para tal, é muito conveniente que os professores e professoras façam uma rubrica de avaliação com os itens que considerem adequados a fim de, por sua vez, orientar o trabalho de tais alunos(as) com eles. Tudo isto, em função da aquisição das seguintes competências:

1. Competência em comunicação linguística.
2. Aprender a aprender.
3. Competência social e cívica.
4. Competência digital.
5. Capacidade empreendedora.
6. Consciência cultural e artística.

É também importante que os próprios(as) alunos(as) realizem uma autoavaliação por meio da rubrica anterior e que se avaliem, considerando seus pontos fortes e fracos.

Finalmente, os(as) alunos(as) devem realizar uma avaliação do projeto, analisando em que medida os objetivos foram cumpridos, bem como a metodologia e a aquisição dos conteúdos. Para tal, os professores e professoras realizarão um questionário com os itens que considerarem oportunos.

## 7. FICHAS TÉCNICAS

### DAS OBRAS

Imagem 1



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Autorretrato I
<b>Ano</b>	1924
<b>Técnica</b>	Óleo sobre papel-tela
<b>Dimensões</b>	41 x 37 cm
<b>Localização</b>	Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Imagem 2



<b>Autor</b>	Anita Malfatti
<b>Título</b>	Retrato do Escritor de Oswald de Andrade
<b>Ano</b>	1925
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	51 x 44 cm
<b>Localização</b>	

Imagem 3



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Autorretrato (Le manteau rouge)
<b>Ano</b>	1923
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	73 x 60,5 cm
<b>Localização</b>	Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

Imagem 4



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	A Negra
<b>Ano</b>	1923
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	100 x 80 cm
<b>Localização</b>	Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Imagem 5



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	São Paulo
<b>Ano</b>	1924
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	67 x 90 cm
<b>Localização</b>	Pinacoteca do Estado de São Paulo

Imagem 6



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Abaporu
<b>Ano</b>	1928
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	85 x 73 cm
<b>Localização</b>	Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires. Fundação Costantini, Buenos Aires

Imagem 7



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	A Lua
<b>Ano</b>	1928
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	110 x 110 cm
<b>Localização</b>	Coleção privada, São Paulo

Imagem 8



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	O Pescador
<b>Ano</b>	1925
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	66 x 75 cm
<b>Localização</b>	Museu Estatal Hermitage, São Petersburgo

Imagem 9



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	A Cuca
<b>Ano</b>	1924
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela. Moldura original de Pierre Legrain
<b>Dimensões</b>	73 x 100 cm
<b>Localização</b>	Fonds national d'art contemporain (Cnap), Ministère de la culture et de la communication, Puteaux, França. Fnac: 9459. Em depósito no Musée de Grenoble

Imagem 10



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Carnaval em Madureira
<b>Ano</b>	1924
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	76 x 63,5 cm
<b>Localização</b>	Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo

Imagem 11



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Religião Brasileira
<b>Ano</b>	1927
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	63 x 76 cm
<b>Localização</b>	Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Imagem 12



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	O Mamoeiro
<b>Ano</b>	1925
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	65 x 70 cm
<b>Localização</b>	Coleção Mário de Andrade — Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, São Paulo

Imagem 13



<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Antropofagia
<b>Ano</b>	1929
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	126 x 142 cm
<b>Localização</b>	Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo

Imagem 14

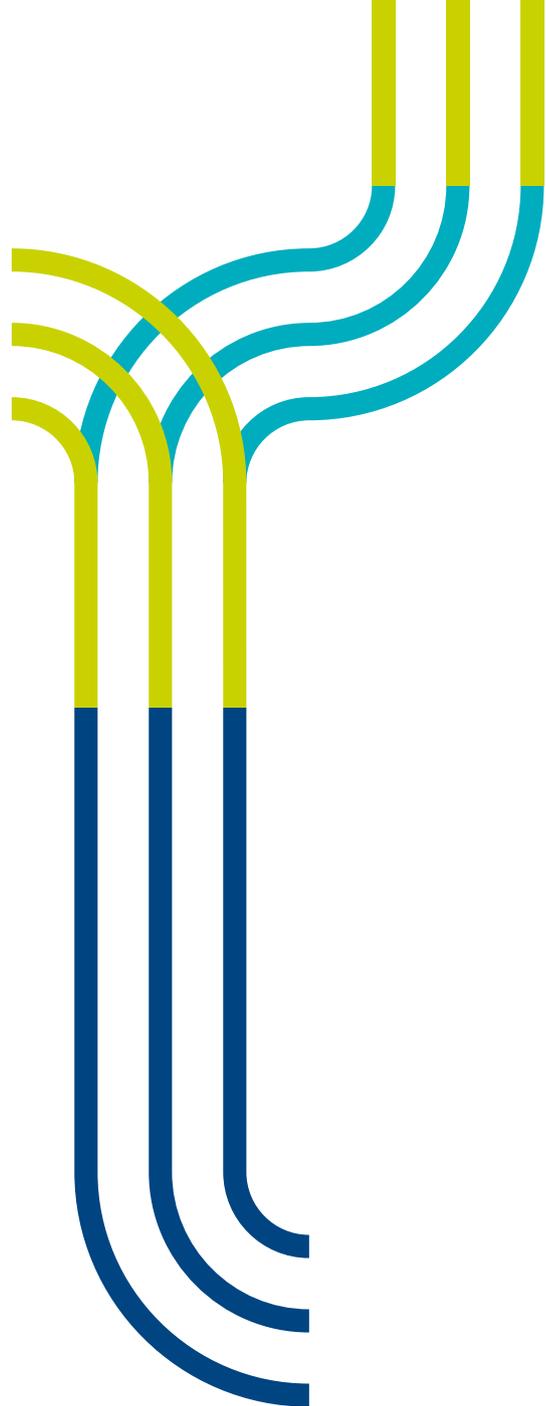


<b>Autor</b>	Tarsila do Amaral
<b>Título</b>	Segunda classe
<b>Ano</b>	1933
<b>Técnica</b>	Óleo sobre tela
<b>Dimensões</b>	110 x 151 cm
<b>Localização</b>	Coleção privada, São Paulo

# OEI

Organización de Estados  
Iberoamericanos

Organização de Estados  
Ibero-americanos



C/ Bravo Murillo 38  
28015 Madri, España  
Tel.: +34 91 594 43 82  
Fax.: +34 91 594 32 86

[www.oei.int](http://www.oei.int)

 Organización de Estados Iberoamericanos

 Paginaoei

 @EspacioOEI

 @Espacio\_OEI

 Organización de Estados Iberoamericanos